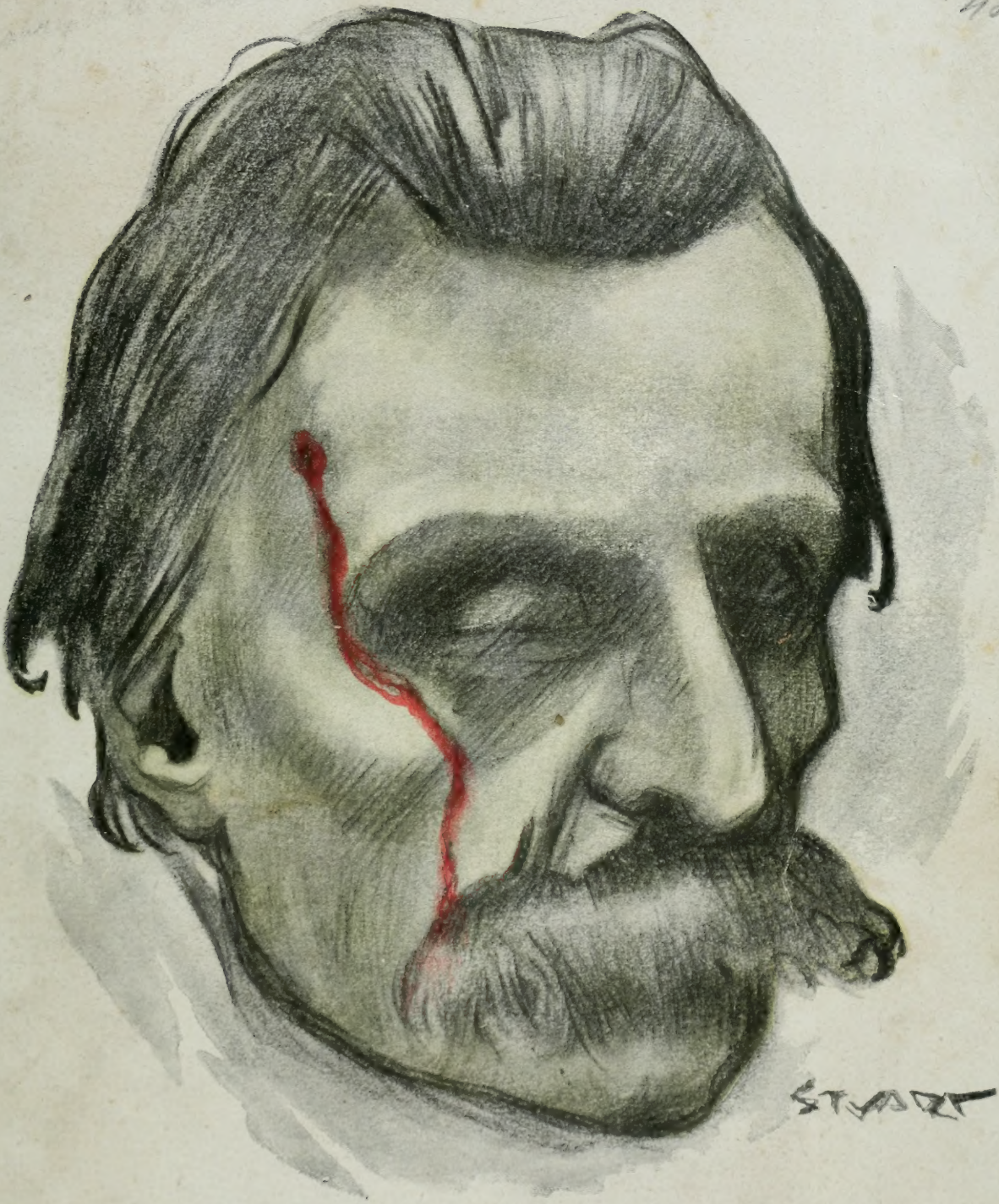
3 1761 07041264 8

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/paixodecamiloa00mart



Rocha Martins

A Paixão de Camilo

(Ana Placido)

Ana Placido, trabalho do ilustre artista Antonio Carneiro, expressamente feito para este l

Tinhas razão Anna Augusta Orey
grande aos teus proprios olhos
por que te insultava e afflictia em
ti, um pouco, da grandeza do
homem, que te levava as seu lado
superioridade e distincção rara!
Não se encontra coração igual
a aquelle, assim como não a gloria
que camisinha espar da do seu
noivo. Camillo Castello
Branco a posteridade irá olhar com
respeito, p.ª a campa da mulher que
te chorastes 9 de Julho

Fac-simile extraido
do Diario Intimo
de Ana Placido

2.º MILHAR

ROCHA MARTINS
DA ACADEMIA DAS SCIANCIAS DE LISBOA

A PAIXÃO DE CAMILO

(ANA PLACIDO)

EDIÇÃO DO AUCTOR
COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS DO «A B C»
65, RUA DO LECRIM, 65
LISBOA

PQ
9261
C3L648

LIBRARY
FEB 7 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

I

AURAS ROMANTICAS

O PORTO DE HA 75 ANOS — POSITIVOS E QUIMERICOS — O «PALHEIRO» — CONFLITOS DE DUAS SOCIEDADES — AS TORTURAS DOS BAILES — OS INTELECTUAIS E SEUS «ANJOS» — UMA VISÃO DE CAMILO CASTELO BRANCO — A FAMILIA PLACIDO — QUEM ERA MANUEL PINHEIRO ALVES — «BRASILEIROS» E POETAS

O Porto, por 1849, vivia grave, pesada e comedidamente do trafego, da lide do negocio golpeada por um gume de sentimentalismo ultra romantico da gente apontada, detraz dos balcões, em desconfianças largas. Os mercantes carregavam dinheiro, os péchosos de idealismo acastelavam suas quimeras.

Abrira-se um abismo de castas; no seu fundo bulcuavam irritadamente despeitos e convulsivos odios.

Estava-se no rescaldo da Maria da Fonte; muitos dos ponderados comerciantes tinham acaudilhado, então, o José Passos em explosões furiosas contra as decimas dos Cabrais, mas agora, apesar do conde de Tomar ter sido realçado ao poder, deixavam aos retoricos o cuidado dos ataques no *Nacional,* no *Periodico,* no *Ecco,* na *Patria,* embrulhados em virulencias e tratejavam dos armazens para a alfandega, reboliçavam na praça até que, ás noites, n'um repouso bem ganho, os pés á vontade nos chinelos, gosavam das destemperadas polemicas sobre o governo de Lisboa. Deliravam conforme as suas simpatias mas acabavam encolhendo os hombros, vinda a reflexão, num desdem pelas *«balas de papel».* Mercê da politica entravam as gasetas em seus recatados lares e com as diatribes do agrado dos pais iam as poesias doloridas que faziam scismar as filhas.

Nesse tempo as mulheres portuenses só assim comunicavam com o ideal e se alguma adiantava mais a curiosidade no mapa das fantasias temerosamente escondia os livros, fontes de seus devaneios, receosa dos berros paternos, das falacias da sua roda burguesa, do descredito. Podiam sonhar em suas alcovas, voejar pelas regiões dos amores celestiaes tocados sempre do fremito de beijos e amortecidos pelo

halito de campas, mas sua viagem de espirito acabava numa derrocada ante a critica severa dos progenitores, calculistas, metodicos, que capitulavam de «trastes» os vates e de «indrominas» as suas composições.

Descreviam-nos como arpoadores de dotes, tipos «sem eira nem beira nem ramo de figueira», mãos a abanar, consumidores de copos de agua e palitos do café Guichard, as guedelhas merovingias onduladas artificialmente pelo De Leopoldo, da rua de Santo Antonio, caurinadores do Augusto de Moraes que lhes fiava paletots, córtes de coletes e casacas de ancas.

Uns valdevinos! Uns bragantes! decidia o Porto do trafico excitado por suas atitudes, seus chapeus altos de abas direitas seus oiharcs fatais, suas capas bandadas de veludo e o polimento das suas botas á Frederica.

Pertenciam a esta pleiade de tresnoitados despresadores do negocio os mais audaciosos rapazes da cidade do Douro; mesmo alguns rebentos da chatina mergulhavam nos bródios dos janotas, dos poetas e folhetinistas frequentadores das platéas onde dominavam por suas prosapias, modos, remoques e renome. Herdeiros de grandes aristocracias emparceiravam em seus ágapes nocturnos, manifestavam-se a seu lado e os burgueses atavam no desacreditado mólho os morgados, os fidalgos, bachareis e adventicios rimadores. Sob as casacas azuis ou verdes garrafa dos esturdios parecia denotar-se um apressado e eterno arfar de corações; debaixo dos peitilhos dos seus detractores dilatavam-se estomagos. Acêrca duns dizia-se que só armazenavam vento; dos outros catalogavam-nos por padrões como ás rezes. Avaliavam-nos pelo peso dos contos de reis como, em arrobas, a carne de mercado.

Os senhores da praça do Porto eram homogeneos em feitios e opiniões: cautelosos, reservados; em politica, cartistas; mas lá bem no amago, gananciosos, amealhadores até de viciados patacos, embora guardassem nos Bancos os gordos e fartos sacos de moedas de oiro.

Quasi todos tinham grangeado suas abastanças no Brazil; voltavam afreimados de importancia e de mais lucros, queriam figurar e muito silabosos, sotaqueando os dizeres, chancelavam seus contractos. Alguns expeliam-se em eloquencias faceis, patuscas, experimentadas nos gremios dos caixeiros do Rio e usavam-nas nas reuniões, á vontade, como nas botas de elastico, pompeando na cidade onde o dinheiro era a unica aferição social.

Misturavam-se-lhes negociantes de educação diversa, mas logo a subordinavam aos dos grossos capitais.

Na Assembleia Portuense ou na Sociedade Filarmonica eles mórdomisavam como na Misericordia e irmandades; trepavam em honrarias, titulavam-se; havia os que abriam salões, á lei da verdadeira nobreza, e convidavam os jornalistas para os bailes, anciosos de serem «botados nas gasetas», enaltecidos diariamente numa fome ugolinica de evidencia e rèclamo percursora da moderna exibição das cronicas mundanas.

O barão de Alpendurada, que pertencera aos batalhões nacionais e babujava a conversação de necedades, apesar de se saber troçado, convocava os da imprensa e aparecia em toda a parte fazendo seus comentarios picarescos.

O Sousa Basto, anos depois, visconde da Trindade, era o festeiro mór, bom pagador de foguetes e bombinhas; o de Massarelos, mais comedido no seu baronato, tambem dava leis na sociedade dos mercantes apesar de ter sido apanhado em dolo ao estado, em contrabando. (*)

Os poetas que escreviam na *Lyra da Mocidade*, um jornalzito acanhado e mal impresso, transbordante de ideal e necropolismo, apareciam nas reuniões com seus ares sonhadores, palidos, olheirentos mais pelas indigestões das ceias do que por seus males de alma e iam fazer-se amar ou desesperar-se ciumentos dos pares permitidos aos seus idolos nas quadrilhas e nas mazurkas. A valsa constituia ainda uma incursão no «reparado», no quasi licencioso.

Dançavam-na os ingleses no seu fechado club da Feitoria onde se ofereciam festas esplendorosas ás quaes se respondia na Assembleia com numerosa assistencia mas sem alegria estonteante. Pelos bailes burgueses reinava o constrangimento, mesmo quando se aglomeravam trezentas pessoas. Na Filarmonica havia uma compostura de boa companhia; mal se falava pelo receio de parecer mal ou fraco entendedor dos trechos musicais. Disputavam a gloria, sob aqueles tectos, a condessa do Casal, D. Luísa, filha do general governador e D. Clementina Ribas; garganteava-se o dueto da *Maria Padilha*, a cavatina da *Macbeth;* soluçavam, aiantes ao som das suspirosas rebecas, as fantasias sobre motivos do *Roberto do Diabo*. Amadores de renome — os bons curiosos — como então se lhes chamava — o Joaquim Mendonça, o Domingos Gonçalves, o Leoni, o Manuel Carqueja, os Freitas, os Costas, pianistas exímios, concorriam para o bom êxito dos trechos da *Luccia*, na scena dos tumulos, tanto do agrado da época, da ária dos *Puritanos*, do *Ernani*, tudo entrechos romanescos em que se palpitava á custa da música, pelos queridos tão mal vistos no mundo comercial.

Algumas damas cantavam e geravam fremitos, arrastavam as almas; era muito falado um terceto em que D. Adelaide de Almeida Mendonça e dois dos en-

(*) Nos últimos dias da semana passada foram apreendidas 10 pipas de vinho do sr. barão de Massarelos, e 20 de outra casa desta cidade, em consequência de denúncia que houve. Este vinho era despachado como geropiga, que paga 100 rs. por pipa, e assim lograva-se o Estado em 15$000 reis, pelo menos, em cada pipa. Dizem-nos que entre as 30 pipas apenas apareceram 2 de geropiga: eram aquelas de que se deviam tirar amostras para a alfandega.

Os negociantes ingleses estavam desesperados contra esta tranquibernia, e queriam mandar uma deputação ao sr. director da alfandega para protestar contra o embarque dêste vinho, mas não foi preciso, porque o sr. director mandou recolher a depósito o vinho apreendido.

Falando sinceramente, não censuramos o proceder dêstes senhores, que quizeram privar a fazenda da imensa diferença que há entre o direito da geropiga e o do vinho; porque vêmos que o sistema que hoje reina é — «quem pilhou, pilhou, quem não pilhou, pilhasse!»

Se esta gente que nos governa não fôra uma súcia de imbecis, o direito de exportação de geropiga devia ser em vez de um tostão, 20$000 reis em pipa, porque tambem assim se evitaria o descrédito dos nossos vinhos na Inglaterra — acreditem, se quizerem, que é à «má aplicação» da geropiga, que se deve a desgraça do comércio de vinhos.

(*Nacional*, 9 outubro de 1848)

tusiastas pelos concertos arrebatavam. Entravam em côros as irmãs Outeiro, D. Izabel de Oliveira, D. Guilhermina Pimentel, a Neto e outras que mais agitavam com suas vozes os corações dos apaixonados. (*)

Tudo isto se fazia quási com severidade. Só eram vivazes as festas dos estrangeiros, as do alemão Moser que tocava violino e fôra o cicerone do principe de Lichonowischy no Porto, as dos britanicos, sobretudo as do barão de Forrester, um opulento proprietario industricso e que dava reuniões onde duzentos cavalheiros se divertiam bebendo do mais precioso vinho de seu trafego inteligente.

As senhoras Cirnes, do Poço das Patas, guardavam a sociedade mais selecta; só fidalgas dançavam sobre as suas pomposas alcatifas: as Rezende, as Varzeas, a a Chardonney, marquesas, condessas e as ricas Warzelleres.

O grupo dos romanticos, dos vates, com suas casacas do Marsóo, saíam dos abadessados e do teatro de S. João para os divertimentos da sociedade. Erravam pensativos e encostavam-se melancolicamente às hombreiras. O folhetinista da moda Evaristo Basto arrastava uma cadeia de elegantes intelectuais: o Lousada, que meditava seus romances, os irmãos Gouveia Osorio, um dos quais seria arcebispo e o outro professor da Escola Medica, Alexandre José da Silva Braga Junior com Marcelino de Matos, futuros grandes advogados, Azevedo Guimarães, Teixeira de Macedo, Marques Rodrigues e Jaime Artur de Oliveira Pimentel, então versejando em más rimas a *Ela* «á mulher anjo», que enchia as imaginações de todos os do grupo como se os andares da cidade fossem sucursaes do paraiso, os pianos que elas tocavam fontes de harmonias divinas e o frufrar dos vestidos, talhados pela Andrillac, pela Widerkur e por mademoiselle Elisa, antiga caixeira da Aline, equivalesse ao rullar de asas seraficas de doce rumor.

As meninas educadas pela Pedestá, do Colegio Francês, algumas, de mais tratos britanicos, no de miss Casey, ao Rosario, viam naqueles rapazes de aspectos tristonhos e de más reputações os proibidos esposos e punham-se a amá-los em segredo preferindo-os aos comanditarios ponderados, ás boas firmas, e ás razões sociaes aconselhadas pelos chefes de familia para prosperidade dos lares.

Nem toda a neve dos sorvetes que se começava a usar, como suprassumo do chiquismo nos bailes, arrefecia os ardores das paixões tocadas de laivos funereos ou de gosos celestiaes: a lousa do cemiterio, que Soares de Passos tornaria indispensavel aos grandes amores ou á felicidade toda eterea do Alem, em que se alimentassem de brisas e violetas os unidos nesses ideaes conjugios.

Foi depois dum destes bailes que Camilo Castelo Branco, pela primeira vez, descreveu em prosa uma figura femenil entrevista de forma tão perturbante que a guardaria no coração.

(*) Além destes muito celebrados havia no Porto mais alguns de valia e notoriedade como eram os apontados pelo proprio Camilo: «o Felix Borges de Medeiros, Joaquim Mendonça, Basilio Alberto, Gonçalves, Mirandas, doutor Domingos Pinto de Faria, Francisco Eduardo, o pequeno Artur Napoleão e seu pai, as sr.as Ribas e Calaínhos. Cita-os como concorrentes ao salão dos Rabaçaes, na «Corja» pag. 118, 2.ª ed.

Chegara de Vila Real onde escapara de ser morto, por sua oposição aos Cabraes, experimentara a pena nas pugnas politicas e, tendo-se instalado no Porto, em finaes de 48, no hotel Francês, na rua da Fabrica, despertara curiosidade por sua figura e dera logo que falar de si pela assidua e variada colaboração no *Nacional*, o orgão ousado onde o egresso Alves Martins, futuro bispo de Vizeu, com um nucleo atrevido, (*) descadeirava os governantes. No rez do chão da hospedaria onde Camilo se acolhera funcionava a gaseta e ele escusava de saír da cama para vêr as provas das suas zarguncha das ou das poesias acerbas, queixosas nas quaes ora amaldiçoava ora santificava as amadas. Dizia-se um reprobo, um precito.

Contaria vinte e quatro anos no março seguinte; era magrissimo, alto, de olhos muito vivos, dentes magnificos sob o bigode negro e farto; do rosto crivado por sinaes fundos da variola, palido, bilioso; fugira-lhe a beleza mas, sob a luz das suas pupilas, espalhava a simpatia, a captação instinctiva, auxiliado por sua voz macia, ora terna ora ironica.

Usava muito compridos os cabelos pretos, a sua mão era pequena, de dedos finos e o pé causava, por sua mingua, o desespero dos outros elegantes. A anemia devorava-o; chupara-lhe as carnes e mais diafano de tez, enfraquecido, envergado de escuro, encoleirado na gravata de tres voltas, aparecia nas salas como uma sombra ungida pela fatalidade tanto em moda nas novelas francesas lidas pelas meninas às escondidas.

Boquejava-se de seu sarcasmo e de sua sentimentalidade. Mal o compreendiam tão depressa transtornado de penas como zombeteiro:

Triste flôr! não fui culpado
Foi teu fado
Vir morrer tão cedo aqui (**)

Chorava assim por um «amor perfeito» e logo se desmanchava ao dirigir-se a certa dona, na mais destemperada troça:

Alta noite acordei e mal desperto
Com o olho inda fechado e outro aberto
Comecei a chorar e fiz tal molho
De pranto que manava dum só olho (***)

Casquinava suas risadas satanicas no *Oh! Dôr!* enchia-se de furias e desvairava na prosa a poucos dias de intervalo:

«*Que me importa a mim o futuro? Cadaver que se move pelo impulso de es-*

(*) Parada Leitão, Damasio, Almeida e Britto, Lobo Gavião, Nogueira Soares, Evaristo Basto.

(**) *O meu amor perfeito*, no *Nacional* de 6 de junho de 1848.

(***) *A minha correspondencia*, no *Nacional* de 18 de dezembro de 1848.

cassa inteligencia, o meu espirito gastei-o, consumi-o no rolar duma paixão e essa mão de ferro que me comprimiu até ás fezes o orgão da vitalidade, crava-me agora os dedos na medula dos ossos.» (*)

Blasfemava; almejava infernos em histerismos que o sacudiam e aos leitores. O seu nervosismo comunicava-se; o seu temperamento impunha-se. Pela originalidade de seus artigos cheios de fogo ou de arsenico, pela fama das perseguições dos caceteiros cabralinos, pelos singulares contrastes de sua fisionomia interessou mal surgiu, admirou os que se lhe achegaram, perturbou corações e, vivendo sempre entre dois ou tres amores, voluvel, irriquieto, inconstante, no seu apurismo de janota, devia tornar-se para os burguezes, o simbolo da fauna ultra romantica que ou endeusava as mulheres ou as descompunha em platonicas maldições nos folhetins das gazetas.

O odio a estes fantasistas refervia nas almas praticas, nas dos velhos pretenciosos e nas dos mancebinhos acanhados.

Uns detestavam-nos por suas noitadas, turbulencias e trajos, outros por suas juventudes queridas das mulheres, os terceiros pelos sucessos amorosos tanto mais retumbantes quanto as suas reputações se laivavam de peores nodas.

Na *Assembleia Portuense,* à Trindade, e que os de 34 tinham fundado em grandes larguesas civilisadoras a darem-se ares de quem vivera na emigração mais em *clubs* que de fomes, existia uma sala reservada a que chamavam o *Palheiro* e na qual, com uma pontualidade de mendigos em portaria monastica, entravam os apreciadores da escandaleira. O nome do aposento, onde as linguas se desembaraçavam com as imaginações, dizia-se provir de seu atapetado de esteira; filiava-se tambem, a origem em se desfibrarem ali as reputações mais solidas em palhas e maravalhas. Camilo decidiria haver engano; segundo ele, a designação nascera do habitual ambiente dos frequentadores desse canto de fama portuense, temido e onde se entrava com receios. Os ricos vendedores de baetão e os «brasileiros» biliosos e sardonicos faziam o côro das risadinhas irritantes e só com cautelas avèntavam suas historias, atribuindo-as sempre ao anonimo: «sim eles tinham ouvido dizer, não o juravam, mas o mal é falar-se!»; conselheiros, empregados do estado, roídos de desesperos e de males secretos, miguelistas aderidos ou aventureiros partidistas forneciam o cibo aos gulosos que, de olhos acêsos e bôcas babadas, escutavam as inzonices daqueles gancheadores de protervias. Contavam-se obrigatoriamente anedotas pifias, lubricas, baixinho e diziam-se versos de rasteiro bocagianismo aplicados ás senhoras e aos homens mal apontava em seus lares a menor suspeição. Por vezes punha-se a correr uma infamia entre gargalhadas sandias, arrotos das comidas picantes e volupias pelintras. Era uma maçonaria apatifada, um Conselho dos Dez onde umas linguas farpadas boatavam ao acaso e um bando se encarregava de propagar a maldade.

Camilo era detestado nessa caverna de gente abonada, nessa séde de maledicencia injectada em palestras brincalhonas e esguichada, depois, a todos os cantos como verdades absolutas.

(*) *O Futuro,* no *Nacional* de 26 de dezembro de 1848,

Os rapazes vingavam-no e aos outros difamados desdenhando do *Palheiro*, troçando seus frequentadores e agentes nas mesas do Guichard seu baluarte, seu reducto onde consumiam espirito e cerveja de garrafa.

Depois dos desesperos ou dos gosos em que as suas almas comungavam, emquanto as requestadas dormiam, eles vagueavam namorando a lua, versejando, devaneando sob as janelas fechadas. Atiravam aos espaços em garganteios as arias que a Clara Belloni de Rezzi cantava no S. João ou as do reportorio da Debadeille — sua rival — conforme acaudatavam uma ou outra. Os esturdiotas, vates, a juventude janota, tendia para a originalidade, um sopro de aladas ilusões enchia as suas cabeças e sendo na vida generosa, sentimental e ousada até a morte lhe sorriria se lhe trouxesse à imaginação o poetico lugubre dos fantasmas deslisando entre jazidas como nos finais de acto das operas comoventes.

Foi turbado por identicos pensamentos que Jorge Artur de Oliveira Pimentel, de boa familia provinciana mas de fracas posses, deliberou morrer.

Era poeta e escrevente de advogado; apaixonara-se por uma das irmãs Outeiros, Sofia, tão celebrada nas reuniões por sua voz, ouvira-a, na noite gelida de janeiro, soltar os seus trinados, numa festa de sua casa, entrevira-lhe o perfil e guardando nos ouvidos aquele cantico e na retina a visão da amada, perdera-se no escuro da ponte pensil, dera-se ares de noctivago impenitente ao falar com os guardas, embuçado no capote que daí a pouco tirava, dobrava e colocava na beira da passagem com a carteira onde se lia o seu nome.

Apertava contra o coração um gorro que a adorada mulher bordara e lhe oferecera e preparara-se para esse salto na treva que levava ao infinito. Ele bem lhe dissera, na *Lyra da Mocidade*, em pessima fórma mas revestindo soberbo anceio:

Uma mulher, um anjo
Gosar não vem da solidão comnosco
Unindo o rosto, peito a peito
Em deleitoso abraço?
De que valem, sem ela, o prado, as flôres
De que valem imperios e riquezas
O mundo de que vale?

E como cousa alguma sem o seu halito de amor valia o mundo ele atirou-se às ondas frias e sumiu-se levando-a no suspiro que as vagas lhe sufocaram ao abraçá-lo.

O cadaver não aparecia e os inimigos dos romanticos espalhavam nos estabelecimentos, e bichanavam raivosos no *Palheiro*, tratar-se dum suicidio fingido. Já se asseverava ter sido visto o lamentado amoroso recostado num carro em Oliveira de Azemeis.

Cinco dias depois, as aguas devolviam o corpo inchado, na babugem do refluxo, atiravam-no contra o paredão da Ribeira a calar com a sua presença sinistra as pala-

vras malevolas dos que sentiam a gente do seu temperamento incapaz da nobreza da morte por amor. Camillo acompanhanhara-o ao cemiterio e ao voltar quasi orava, em sua prosa, ambicioso da paixão das mulheres pelas quais se morria.

«Eu por mim peço a Deus que me não mostre a mulher dos meus sonhos, mas se um dia a vir hei-de dobrar o joelho sobre as urzes desta minha vida de espinhos e exclamar:

«Mulher adoro-te!

«Não sou septico, creio muito em Deus e n'Ela!

«Em mim e nos homens é que não creio nada.» (*)

Confessava-se assim. Embora em sua existencia houvesse o travor dum ardente romance amoroso ele sentia bem não ser aquela Patricia Emilia, que lhe dera uma filha, a mulher capaz de o algemar. Nem ela nem as outras cujas graças cantava em seus versos como um rouxinol na treva aguardando o luar para redobrar seu gorgeio.

Devia ir descendo em seu espirito á banalidade a provinciana, confiada e delirante, que, num arranco, enviara à pequenita nascida de seus amores, à roda dos engeitados de Vila Real saindo desse berço dos desditosos para os embaladores braços duma ama robusta do lugar de Iscariz, nas brenhas transmontanas.

Tratava-se duma sensação já gosada, do final dum capitulo da sua existencia de sonhador do inédito, sendo capaz de tudo, sem mentir, para o gosar e, sem mentir ainda, a tudo pronto para o repelir por inutil depois de devassado.

A mãe da sua filha não falava mais à fantasia do homem que andava querido e admirado, para o qual as mulheres, mesmo as da sociedade superior, tinham olhares de curiosidade. Ainda não era um grande escritor mas a sua espontaneidade, a facil produção de sua pena, as loucuras que se contavam como bem proprias de seu feitio, atraiam e impressionavam.

A anemia que lhe sorvia os globulos rubros, lhe esbatia a amarelidão nas faces dava-lhe o ar triste que bem cabia às imprecações rimadas em seus versos. Poetisava exteriormente tudo em que tocava e como alçado a um mundo ficticio povoado por outros seres, até romantisava o nome da creada, da Gertrudes, à qual de Getruria tratava, já que não lhe era facil envolver em lirismos os rosados bifes de presunto de Lamego e as troixas de recheio ofertadas como tonicos pela serva áquela enfermidade pertinaz, com o dulceroso melão não menos proprio de canticos apesar de seu nome evocador do mel dos versos helenicos.

Cuidava muito do seu trajo, tinha conferencias demoradas com os alfaiates, preferia o negro que lhe realçava a descorada fronte e como só de anhelos de amor vivia não deixava de frequentar todas as festas onde quasi sempre encontrava um espinho de roseira a arranhar-lhe a sentimentalidade.

Escrevia no *Nacional* um folhetim intitulado *Trigonia Romantica*, o *Sceptico*, alcunhado ainda de romance filosofico e no qual misturava visões de necropo-

(*) Nacional, 10 de Janeiro de 1849.

les, «virgem esposa das campas» com agiotas torturadores, antros, e «donzelas suas irmãs no sofrer.»

E' possivel que escrevesse dia a dia, ao sabor das impressões, ao acaso das necessidades do momento como lhe sucedia frequentemente. A desigualdade do «romance filosofico» faz arreigar este pensamento e a descripção duma das figuras letaes, encostada a uma sepultura, e que ele dizia não poder esquecer e já amar, é tão extrânha como a transplantada para uma sala sob uma impressão sentidissima contrastante com as dos seus arroubos fantasiosos das paginas anteriores.

Na segunda semana de fevereiro de 1849 — a 10 — publicara-se o trecho da atrabiliaria novela na qual ninguem reparava por se meter entre fantasmagorias as realidades dum baile.

São tão identicas as suas narrativas desta epoca e as traçadas depois, ao evocar o seu primeiro encontro com a mulher do seu maior amor, que fazem meditar, se na verdade, não teria encontrado então a «dos seus sonhos», a que pedia a Deus não lhe mostrasse:

«Uma vi lá, por exemplo, que suposto joven e bela emquanto não fez mais do que acompanhar machinalmente o parceiro, seguindo o estupido passo da contradança não passou de excitar em mim um sorriso que importava o mesmo que eu dissesse: bem te creou Deus para iludir, mas desde que passando a dançar a polka volteou tres vezes ou quatro aerea como uma sylphide, garbosa como uma andaluza ora requebrando languidamente o pescoço, ora ondulando os vestidos, ora deixando interver o chistoso sapato de setim preto que mais parecia semear flôres e cadenciar harmonias do que descrever meros compassos de musica começou a representar-se-me na vida não já como uma beleza irmã de tantas que ha na terra senão como uma dessas criações angelicas aonde o moral é mais do que o physico, os olhos mais do que os labios, o coração mais do que tudo, uma dessas mulheres de excepção que, semelhante à phenix do deserto todos acreditam que existem mas ainda ninguem disse ter encontrado, um desses seres fantasticos de que todo o homem se captiva aos 20 anos, de que aos 25 duvida e já aos 30 descré.

Eis o que se me figurou a graciosa bailadeira da polka, mulher, anjo ou demonio que tanta poesia tinha nos passos como amargura no peito.»

Deslumbrara-o como um dom do Senhor; garreara-lhe fortemente o coração:

«Se por ahi a virdes dizei-lhe que seja anjo: eu não espero mais vêl-a! A que encontrardes nos bailes, parecida às belezas de Rubens, olhos pretos, cabelos escuros, riso todo inocencia, faces palidas, rôsto oval, colo de jaspe, talhe de haste flexivel que o mais leve sopro derruba e podendo apenas contar de quinze a dezasseis primaveras, não recieis enganar-vos: «é ela».

Acentuou largamente no romance não só esta evocação digna do pintor flamengo das carnações florescentes e exhuberantes, mas o que a rodeava:

«Mal acabou de dançar foi sentar-se e então reparei noutra dama que lhe ficava ao lado e que apezar de muito formosa ainda não me tinha atraido a atenção. Era uma beleza de tipo diverso, rôsto menos oval, figura menos volatil, colo se é

possivel, mais alvo, sorrir ainda mais inocente, loura como uma escosseza das que Walter Scott tomou para heroinas dos seus romances, olhos de azul celeste e para contraste singular com a côr destes e do cabelo uma tão profunda melancolia e uma tão desbotada palidez a espraiar-se lhe por todo o rôsto que me obrigou a perguntar a alguem que a conhecia se aquele era o seu estado ordinario. Feliz dela se o fosse, *respondeu o individuo a quem me dirigi:* aquela menina padece e dizem-me que traz o germen da morte comsigo. Dantes era rosada como uma alemã e hoje é aquilo que ali está. Duvido que possa durar nem seis meses . . . pois asseguro-lhe que é pena! Tem tanta bondade no coração como formosura no rôsto. É uma assucena que vai desfolhar».

. . . . . .

E isto me passava na ideia, quando uma senhora que poderia ter quarenta e cinco anos, grossa e refeita, como é de supôr que fossem os filhos e filhas do imperador Vitelio, veiu cortar o fio das minhas meditações convidando a dama dos cabelos louros a que fosse cantar ao piano. Cantar e morrer, refleti eu! (*)

(*) Isto era publicado em folhetim do *Nacional* de 10 a 15 de fevereiro de 1849. Doze anos mais tarde Camilo evocava scenas identicas datando-as exactamente daquela epoca.

«Giravam as walsas, sentia nas faces o halito das mulheres ofegantes de cansaço, os vestidos em rodopio agitavam o ar tepido, roçavam-me o braço hombros nus, seios alvos, duros como o alabastro e não sei se mais animados pela vida do coração que o marmore das estatuas. Se eram Galatheas não o sabia eu; Pygmaliões no ardor do olhar, pareciam-me todos os que as levavam cingidas no saltar vertiginoso da dança. E elas deixavam-se apertar e enlanguesciam, ageitando as feições a modo que pareciam envergonhadas da lubricidade deles. O espectaculo devia ser deleitoso para todo o homem que estivesse em paz comsigo e com os outros. Para mim era triste. Ali foi que eu conheci o que é doêr a solidão moral.

«Cessaram as danças. Um homem deu-me o braço e disse-me:

«Venha vêr as tres mulheres mais lindas desta terra.

A que primeiro vi mal me recordo. Se a procurar hoje, depois de doze anos, para acordar as remeniscencias de então, não a encontro que morreu.

«Da segunda nunca poderei esquecer os olhos. A luz que eles tinham, como o fogo das vestaes, nunca se apaga: a terra da sepultura abafa o recipiente da alma que chamejava neles, mas a flama vive sempre na memoria do coração que a contemplou um momento. Morreu tambem essa.

«A terceira eras tu

. . . . . .

«Lá vão doze anos.

«Entra comigo, outra vez, nessa sala, em que te deixei a alma, para ma restituires nestes dias de prova.

«Olha: estamos rodeados de cinzas que tiveram um nome. Estas cinzas eram então as duas vencidas rivaes da tua formosura. Chora ao pé desta cruz Colhe esta flôr, que tem raizes no pó do seio de jaspe da que era tua irmã».

Camilo — *Fragmento dum livro* — a pg. 207 da Noticia de sua vida e obras, na 2.ª edição, por Vieira de Castro.

— A assegurar que este fragmento foi escrito em 1861, doze anos depois de ter visto aquela mulher, está em ter sido traçado na cadeia. Logo referindo-se á irmãzita dela morta em 1859, diz: «aquele pequeno anjo, que ha doze anos balbuciava apenas, vimo-lo faz amanhã dois anos, despegar o vôo e esconder-se no seio de Deus»

Mais tarde o escritor, debuxaria traços identicos, de semelhanças aproximadissimas. E fazia-o sempre ao recordar a primeira hora em que vira aquela mulher tão querida com tão apaixonado ardor e tão forte comoção que jamais a olvidaria e entreteceria em volta dela a saudade.

Ou foi nesta ocasião ou noutra, bem sua par, que ele inicialmente se fascinou ao contemplar Ana Augusta Placido, cujo retrato tanto se parece com o da personagem desenhada no folhetim do *Nacional*.

Tinha olhos pretos e cabelos escuros, devia sorrir ingenuamente, apareciam palidas as suas faces brancas, era oval o seu rosto e apesar de forte e solida seria flexivel o seu talhe como era de jaspe seu belo colo.

Apenas se diferençava do retrato tracejado tão entusiasticamente na idade que lhe atribuia. Contava mais de quinze a desasseis primaveras. Não ia alem dos desassete anos (*), porem, aquela creança que perturbava a fina sensibilidade do romantico.

A que amaria entranhadamente, a que não desligaria mais de sua sobressaltada vida parecia-se muito com esta ao cotejarem-nas. Ha paginas em que quasi as irmanou. Voltaria para a visão o seu peito já experimentado nos sobressaltos de amores menos tocados do sabor novelesco da dificuldade, do inacessivel, embora a sua fantasia sempre emprestasse alguma cousa de sublime às amadas. É certo que com a mesma mão inconstante as despojava. Todavia a Ana Augusta que ele entrevira tambem assim num baile, já tinha um destino traçado por um casamento que os seus lhe impunham.

Nalgumas noites dessas festas burguesas onde ela ia, certos intrusos tinham penetrado na reunião e provocado reparos talvez nascidos de ciume. Houvera falatorio; naturalmente no *Palheiro* enredara-se, reclamara-se e logo a direcção, em nota severa, bem anunciada, (**) declarara que: «tendo em consideração algumas observações que lhe fizeram sobre terem concorrido aos ultimos bailes pessoas que a isso não tinham direito e atendendo a que para remediar este abuso do modo mais suave convem fixar por uma vez e tornar publico o verdadeiro sentido que deve dar-se ao art.º 3 dos estatutos», os dirigentes, numa larga dedução despontuada, sem virgulas mas cheia de freima, rodeavam de cautelas a entrada nas salas da Assembléa. Assentavam guardar as jovens dos olhos dos namorados dos que sentiam sobre eles todo o aborrecimento dos pais e dos pretendentes de peso. E elas só se encantavam por seus ares e frases, só as atraía a fama de suas proesas.

Erguiam-se as ponteagudas lanças dum ferreo regulamento como baionetas defensivas das virgens ante a cubiça dos vates deixando-as no contacto dos maledicentes da esteirada sala onde se alojavam os formidaveis inimigos desse singular bando. (***)

(*) Ana Placido em Fevereiro de 1849 contava 17 anos pois só faria 18 a 7 de Setembro.

(**) No *Nacional* de 13 de fevereiro de 1849 ao tempo em que saía o folhetim *O Sceptico*.

(***) Só podiam concorrer socios ou assinantes, seus filhos maiores de 14 anos, desde que não fossem independentes; ninguem entraria sem bilhete de convite fiscalisado e assinado, sendo verificado por uma comissão a qual tambem tinha a seu cargo reconhecer os mascarados nos bailes da quadra carnavalesca.

As familias, que tanto velavam pelos corações de suas filhas, querendo-as bem casadas, podiam contar com o zelo dos mórdomos do gremio e concorreriam sem perigo aos bailes nos quais só encontrariam pessoas de credito assente, gente de situação, homens conhecidos na praça como aquele que se indicava para marido da menina cuja beleza encantara o detestado jornalista.

É certo que ele não poude esconder a impressão recebida na festa onde a creança de desassete anos dominava, sendo mais apetecida ao saberem-na em transes de noivar.

Os Placidos iam mudar-se da Praça Nova para a rua do Almada desde que se falara do casamento daquela linda mocidade de obediencia.

Ana e a irmã encantavam os romanticos que as achavam, como todos os portuenses, as mais formosas meninas frequentadoras da Assembléa, do passeio burguez de S. Lazaro, dos camarotes de S. João, saltitando da lama do burgo para o estribo do carroção ou ajoelhando nas naves. Passavam a escutar os seus pianos, os trechos ingenuos e sentimentais ensinados pela Anta de Araujo, a do colegio da rua de Cedofeita. E se os poetas lhes queriam enternecidamente, os homens do negocio, sem lh'o saberem exprimir, em termos de as enfeitiçar, cubiçavam tambem, Antonia e Ana, gemeas na beleza.

Olhavam o seu predio como uma capela de amor da qual saíriam as divindades e, a caminho da praça, eles não esqueciam seus rostos nem as canções bucolicas entoadas de suas bôcas sobre a rua.

A primeira das irmãs casaria com o filho do celebre *Ferreirinha*, da Regua, Antonio Bernardo Ferreira Junior e que andava a namora-la fazendo trotar na calçada lindas montadas, atrevido por seu dinheiro e sua reputação embora a dar-se vesos de original. Era um janota, escapo, pelo sangue, à chancela romantica. Por esse Douro alem as quintas, os vinhedos, as propriedades, as adegas, os bens da casa paterna arredondavam um excelente condado. Asseverava-se que seus senhores mediam as libras aos alqueires, às razas.

Um decreto de D. João VI, de 1824, dera fóros de fidalgo ao grande viticultor consorte duma senhora rigida de principios, ciosa de sua hierarquia e que se ostensivamente não impedira o casamento do filho com aquela encantadora rapariga, de nome Antonia, como ela, andaria a querela-lo à conta das partilhas, a litigia-lo após a morte do comerciante opulento e cavaleiro nobilitado que pompeara no seu tempo.

Assim como o Farrobo, (*) em grande sumptuosidade de milionario artista, edificara o seu teatrinho nas Larangeiras, onde até a louça que se quebrava era de Sévres, se a rubrica o ordenava, o portuense de fartos teres, num gesto menos dispendioso e mais recatado, reunia os amadores num palco, do seu palacio, onde se representavam peças serias, como o *Luiz XI*, de Casimiro Delavigne, a qual tinha por protogonista o futuro editor José Gomes Monteiro, fazendo o dono da casa o papel de duque de Nemours.

(*) Vêr artigo de Henrique Kendall — *O Tripeiro*, de outubro de 1908.

As recitas continuaram e quando o capitalista fechou os olhos e partiu forçadamente, levado pelos comparsas da derradeira comedia, correu-se o pano na residencia de Vilar.

A união com o filho de tão opulenta familia, em cousa alguma modificara a vida do lar onde ele escolhera noiva.

Antonio José Placido Braga agenciava por seu trafego o sustento e grande decencia dos seus. Usava de manhas de minhoto ambicioso, lidava dia e noite mas sentia à sua volta doze filhos. A esposa, Ana Augusta Vieira, uma forte e esbelta mulher de Ramalde, creara-os com cuidados mas a fatalidade tocara alguns deles da tisica por um fenomeno extranho na ligação de dois sangues fortes, de duas compleições robustas.

Aquele homem vivia numa tarefa sem fim e só aos domingos, depois da sua missa em Santo Ildefonso, socegava até à noite em que acompanhava as raparigas à Assemblea, à Filarmonica ou ao S. João despendendo para seu gaudio as quatro moedas do camarote.

Á volta da Ana, em busca dos seus sorrisos, andavam os rapazes das melhores casas, porém, o pae já dispozera do seu futuro, já a encaminhara para um destinado esposo julgando vêr no seu amparo a felicidade da creatura romantica de cujos anhelos, ancias e arroubos mal suspeitava.

Tinha já bem escondido no seu seio um pezar de afectos porque ela mesma se enganava em seu sentir embora vislumbrasse alguma cousa de fascinador vinda não dessa ternura primeira mas doutra mais intensa que a dominaria.

Ana Placido, antes do baile, onde ficara meditativa, pensava num companheiro de infancia, num rapaz que brincara à sua beira, lhe aparecia nas suas mais recuadas recordações. Iludia-se ainda depois da festa onde fôra, como sempre, admirada e na qual outro a vira num deslumbramento.

Imaginava ser o verdadeiro amôr esse contacto que, nascido com as paixões pelas bonecas, parece capaz de encher a vida e não passa de ephemero enleio, de vão entretecer de ilusões, de enganoso sentimento que um nadinha, quasi sempre, aniquila.

O maior amor é o que brota, como as funebres as algas lutuosas, banhado no pranto das vagas inconstantes; é o que mais lagrimas custa e na tenra edade não se chora por muito amar.

É certo que ha excepções porém nas almas fantasiosas é pouco ter brincado na meninice para se referver em paixão.

Ela, tomada de atracção profunda pela leitura, intimamente uma romantica, era dos espiritos que albergam sentimentalismos, aninham insatisfações, palpitam e anceiam por seus pares para os devaneios duma novela a viver; queria ser a personagem dum romance sobre o qual soluçassem os leitores; escrevia, às escondidas, os seus versos, devorava, ocultamente, as literarias composições obtidas a custo e assim, presa pelas fortes e floridas cadeias dum incessante devaneio, vivia o seu misterioso capitulo de amor dum recorte todo de comoção e de arte.

Naturalmente fluctuava no seu animo a amizade pelo que em creança julgara

adorar; seria capaz de o consolar em suas dôres e imprudentemente lho escrever ou dizer, porem não lhe daria amor desde que seus olhos tinham sido magnetizados pela luz dum extranho fulgor para sempre a lembrar-lhe. Vel-o-ia mesmo de palpebras cerradas. Sem duvida foi neste estado de alma que começou a amar ao sentir a contemplação ardente de Camilo. (*)

A donzela perturbada num instante guardou aquele admirador num permanente pensamento.

O homem, fraco atraía a exuberancia da sua carne decerto pelo espirito que lucilava de seu corpo quasi transparente.

Que lhe valia, porem, pensar? Sabia, como todos os meios portuenses, da decisão tomada pelo pae acerca do seu casamento.

Pedira-a um dos capitalistas de mais nomeada da praça. Manuel Pinheiro Alves pesaria uns cem contos de reis e a sua historia era a de muitos que abalavam para o Brazil aos doze anos para regressarem alem dos quarenta ou cincoenta atochados de dinheiro não tendo do amor outra impressão fóra do arrepio de duas epidermes, ou antes, do contacto animal dos sexos. O motivo da sua existencia concentra-se na matraqueação ousada da chatinagem. Quando estes homens se dedicam a um afecto diferente são ou sublimes ou miseraveis na sua exteriorisação. Aquele adorava a linda menina que o chefe da familia lhe ia entregar conscio de a tornar feliz de lhe dar um rijo amparo nos braços do minhoto arteiro saído da aldeia para a aventura rude.

Tinha quarenta e tres anos e era do logarejo de Souto, visinho de S. Miguel de Seide, um povoado triste, à beira de Famalicão onde se chegava por atalhos e quinteiros, saltando barrocos, à sombra das uveiras; os seus labutavam na chã e ele, depois de talhar a estrada do ganho, comprar a casa de portão na aldeia, acomodara-a, tomara servos e deixando os parentes a lidar partira para o Porto, abrira escritorio de corretagem de barcos, instalara-se num andar espaçoso no 378 da rua do Almada donde espreitava a noiva que ía completar o seu sonho de «brasileiro» opulento.

Puzera-se a auxiliar o futuro sogro e talvez fosse esta ajuda o motivo primaz daquela união. Os conjuges diferiam tanto em edades que não se poderia levar á conta de reciproca simpatia o acto que se ía realisar. O pae pleiteava a favor desse quarentão, (**) de aspecto limpo, de rosto escanhoado, o cabelo grisalho e sedoso

(*) «Acordada aos dezassete anos fixei a aurora do meu caminho com o seio aberto a todos os rigores da vida, a todas as espansões amorosas que se me abriam na imaginação nociva.

«Em uma sala de baile, no meio do explendor de luzes e do aroma rescendente de mil vasos entumecidos de flôres, uns olhos disseram-me ao coração: «vive», um sorriso fez-me estremecer todas as fibras que estavam intactas.

. . . . . .

«Mas esta visão primeira do amanhecer, aquele olhar colhido em seio de virgem jámais poude ser esquecido».

Ana Placido — *Luz Coada por Ferros*, 2.ª ed., pg. 94.

(**) Vêr Doc. A.

dum córte à moda, entrajado em côres proprias da sua edade e que marcava bem as contradanças nas salas, no seu entusiasmo, com alguma cousa de rejuvenescimento no aspecto ao aproximar-se dela cuja edade distava da sua vinte e quatro anos. Ia deitar ao mar mais uma barca, a *California*, e possuiria a mais bela mulher do Porto.

Podiam acusá-lo de traficante que não desviaria os passos do lodo onde medrava o ouro. No *Jornal do Povo* um desfalcado declarara:

«Em beneficio da humanidade e para que mais ninguem seja enganado como eu fui pelo sr. Manuel Pinheiro Alves, como caixa da barca «Norma», *naufragada na barra desta cidade no dia 21 de janeiro do corrente ano quando ia a sair para o Rio de Janeiro, rogo-lhe o favor de publicar no seu acreditado jornal que este senhor como caixa e o sr. João Adrião da Rocha como capitão e dono do dito navio apenas devolveram aos infelizes passageiros metade das suas passagens que tinham pago, quando é constante que tinham seguro o casco, aparelhos, fretes e mantimentos e que neste caso e segundo as leis a tal respeito deveriam ter restituido todo o importe das ditas passsagens ou ao menos dois terços das mesmas.*

«Desta sorte foram os passageiros extorquidos da parte do que tinham pago e que lhes não foi devolvido na conformidade da lei nem da equidade e é assim que se enriquece em pouco tempo e sem o menor risco. — José Bernardo Pereira Cardoso.»

Rico era ele em demasia e tanto que conduzia um pae de cerebro comercial a dar-lhe a filha embora lhe impuzusse o casamento «como um sacrificio.» (*) Possivelmente o bastidor dos negocios puderia explicar esta frase pronunciada, sem duvida, nalgum momento de maior anciedade de vencer relutancias ou de salvar capitaes pelo progenitor da formosa Ana Placido cujo futuro marido andava acoimado de desonesto em seu mister e «de enriquecer em pouco tempo e sem o menor risco.»

O arguto deixara que o acusante partisse para o Brazil e só, então, já destemeroso da replica, se defendera. (**)

Ninguem a podia salvar do consorcio e sentia-se arrastada, vendida, votada à

(*) «Trespassam-te a um homem repulsivo quando mal conheces a magnitude do sacrificio e o valor da mercancia».

«Quando te é dado compreender a melancolica existencia a que te condena a cabeça previdente dum pae cuidadoso em demasia no porvir dos seus filhos, é já tarde...»

(Ana Placido *Luz coada por ferros*, 2.ª edição, pag. 73).

«Vejo-me vestida de branco, envolvida no veu da desposada, a grinalda da larangeira adornando-me a fronte acurvada ao peso destes atavios e estremecendo horrisada como Ifigenia conduzida por seu pae ao sacrificio.

(Idem, Id., Id. pag. 98).

(**) Não fez mais do que declarar defender o seu dinheiro. Os passageiros pagavam com largo dispendio uma estada de dois dias a bordo.

N. do A.

desdita. O futuro marido radiava, aparecia nos bailes, pertinho dela, na gloria de se tornar o seu senhor quando tantos a desejavam.

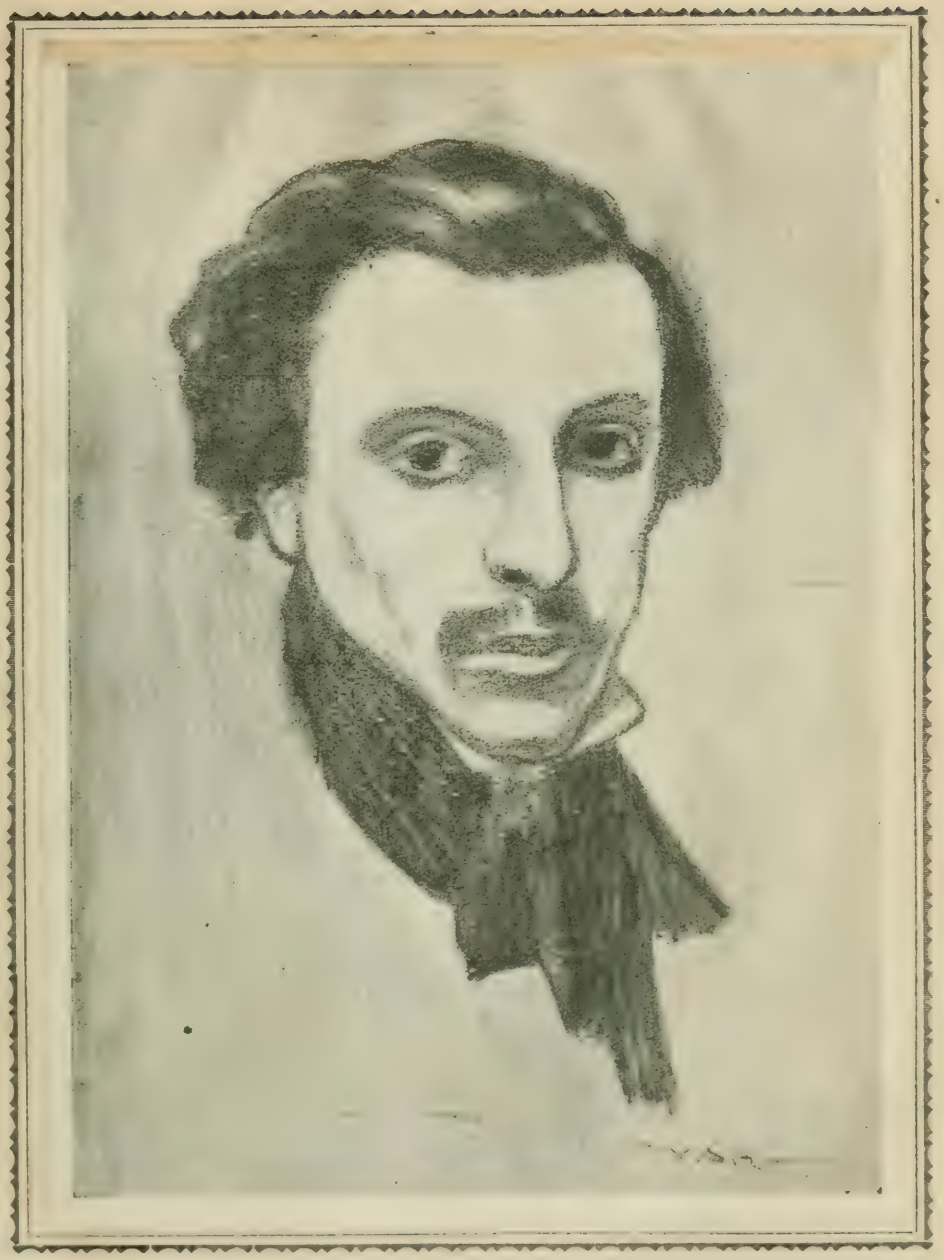
Quem sabe se foi num intervalo de festa que o escritor, ao conhecer-lhe o destino, se poude achegar-se-lhe, dizer-lhe de suas penas, falar-lhe de suas maguas, deixar-lhe entrevêr o seu amor, nascido ao vel-a e agora a desenvolver-se e a declarar-se?.

Devia cair sobre ele a curiosidade, o desejo de se saber dos pensamentos do esturdio, do louco envolvido em tantos conflitos, agitado nas suas polemicas, esqueletico, diabolico e para demais feio com as suas crivadas faces, incarnação dum singular feitio aterrante para as familias como se chapejassem de seu rosto extranho e manassem de sua voz, timbrada de todas as gamas conviacentes, as soberanas excelencias de encantar, tanto mais poderosamente enleantes quanto, de começo, com a sua cara chupada e bexigosa, não atraía. E a prometida do «brazileiro» devia ter medo e desejo de deparar com aqueles olhos ironicos e julgadores que tinham dito aos seus dezassete anos «vive».

O do «olhar caido em seio de virgem» continuava no referver nas lutas, irritava o Porto com suas audacias, sempre numa complicação de tragedias da femea, tomado de frenesi e literatura.

Versejava doloridamente, assanhava arremetidas na prosa e, no fundo, todo ele era uma queixa desesperada, a litania viva do amargo cantico dum boémio, soltando seus lamentos, após as loucuras, sem indicar o rumo dos gemidos.

Aiava e não compreendiam os seus ais; julgavam-no blasphemo, danado, precito, como se apresentava à galeria depois de ter chorado sósinho.



Camilo aos 25 anos

II

PROSA DAS RIMAS

AO DESPERTAR DO ROMANCE — OS BROWNE — CORRESPONDENCIA EM VERSOS TETRICOS — CAMILO E O SUICIDIO — A CRITICA AO PORTO — DESAFIOS E VERGASTADAS — O NOIVADO DE ANA PLACIDO — O DOTE DA MAIS BELA PORTUENSE — UM OUTEIRO EM S. BENTO DA AVÉ MARIA — O DESTINO DA BARCA «LINDA»

ERA tudo tumulto na vida de Camilo; agitava-o um irrequietismo doentio. Tomara a peito a magua daquela criança de cujos labios não ouvira, talvez, palavras de amor, mas dos quais escutara ou adivinhara queixumes:

Tu sofrias, mulher! E eu que era o impio
O sceptico do amor
Fui eu talvez o só que vi descerte
A lagrima da dôr. (*)

Um grande platonismo marcava ainda a sua ansiedade mas as exaltações, o desinteresse, o martirio, a amizade fraternal oferecida em largos desejos de a vêr aceite eram, neste tempo, e sobretudo empregados por ele, aboíses que atraíam os corações. Decerto lêra em seus olhos a confissão do afecto que timidamente lhe dava.

Precisava engrinaldar de poesia as frontes das desejadas e tanto se sugestionava que partia num encantamento para se desenfeitiçar ante outros olhos que não precisavam ser mais lindos mas bastavam volver-se-lhe para logo sacrificar os enaltecidos na vespera, roçantes com as estrelas. Geralmente despenhava do declivoso cêrro do entusiasmo as malqueridas para um vale: o do esquecimento.

(*) Da celebre poesia *Verdades*, publicada em 20 de fevereiro de 1850 no *Nacional* e que se tem afirmado ser a dedicada a Ana Placido no dia seguinte ao baile em que ele a vira. Sómente não houvera baile algum nessa data. Os versos devem antes ser alusivos a algumas palavras anteriormente trocadas entre ambos e não o preito a uma visão primeira.

Quando se prendesse para sempre dar-se-ia o milagre e a mão que o segurasse poderia ser pequenina como a duma criancinha que mostraria a força duma garra de gigante: estrangular-lhe-ia a volubilidade, de seu feitio. E tinha muita razão: às mais banais, mesmo, ele as enroupava de qualidades, tão de seu imaginoso genio, que elas — as pobresitas — não possuiam mais nada ao chegar a derrocada da ilusão. Ás camponezas, amadas nas montanhas, entre pedregulhos da adusta terra trasmontana, enfeitava-as como pastorinhas de lenda, perfis de razes nobres; a mulher com quem casara, a Joaquina Pereira, representara-a como o premio das suas declamações rebeldes, a paga da aventura final das suas garotices em espadeladas e mistificações de lobishomens

Para ele as saias tinham sempre encantos. Despertavam-lhe apetites e como se fôsse um inquiridor sensual de todos os secretos femeninos, parecia procurar inéditismos nas variadas especies de mulheres. Sabia encantá-las porem não as amava, àlem da posse, tempo largo para que se aborrecessem de seus afagos e com uma audacia sabia, por muito repetida, conseguia penetrar nas mais diversas alcovas. (*) Por vezes elas colavam-se ao seu desejo, que julgavam amor e logo sentiam nos desdens, nas ausencias, nas fugas, a sua hora acabada. Algumas deviam perguntar a si proprias porque se tinham deixado enlevar por seus dizeres; recordariam seu rosto varioloso, mas tambem todos os viscos irresistiveis da sua sedução. Desvalorisava-as com a rapidez dum arabe ao desenfeitiçar-se do harem, ao procurar renová-lo constantemente, e a sua teoria assentava numa frase atirada como axioma: «ha uma mulher fatal para cada homem, e um homem fatal para um cento de mulheres». Andava à procura da sua ou julgava, pelo menos, já a ter encontrado, todavia, não repudiava as que se lhe acercavam, tentado, galanteador, ávido da fatalidade para o cento ambicionado.

Carecia de variar; (**) não dava às amadas pela lascivia nem sombras de direitos sobre ele e desaparecia-lhes com uma rapidez de duende sempre que não as via chorar. Então, sensibilisado, fundida a sua ansia de novos prazeres, oferecia-lhes uma comoda e platonica amizade de irmão. A grande força da sua paixão por Ana Placido era àlem da sua esplendida beleza, da sua inteligencia, romantismo e infelicidade, a resistencia, a dificuldade de obter seus beijos.

Conhecia por instincto as fórmas de (***) prender os corações e cheio de talento conseguia-o por varios meios: pela palavra, pelos escritos, pelos enleios, pelas arremetidas, pelo nome mal afamado na bôca dos burguezes e que devia constituir um dos

(*) Dizia ter conhecido vinte e uma variedade de mulheres.

(**) O espirito enojou-se do muito pasto que lhe dei da mesma impressão e já não digere os *indigestos* carinhos da E. F. Estou portanto viuvo e preciso de segundas ou vigesimas (que sei eu!) nupcias, aliás bestialiso-me. — Xavier Barbosa, *Cem cartas de Camilo.* Carta de 3 de Maio de 1853.

(***) «A mulher que principia a amar tem oito dias de alienação moral. O espirito anda-lhe à solta, é um habil caçador apanhal-o, e depois... como sabes do teu Gemeuse, a alma é uma substancia acomodada para governar o corpo. Pilhada a alma, o corpo sem governo, é uma nau desmastreada, sem leme, à mercê das ondas». — Camilo.

seus melhores laços, pois a mulher adora sempre os atrabiliarios, os originais, os de detestavel reputação afirmando desejarem salvá-los. Disfarçam em caridade as suas curiosidades naturais.

Bastava aproximar-se duma femea para a desejar, possui-la para não lhe querer. A carnalidade dissipava toda a poesia.

Na mãe da sua filha, que fôra atirada da roda para a apojadura da rustica de Iscariz, tocara-o a entrega, a fuga, os laivos romanticos da prisão e emquanto duraram tais ideas Patricia Emilia de Barros fôra adorada.

Não podia, pois, vêr uma mulher sem a galantear e gostava, instinctivamente, que sobre ambos passasse alguma cousa de original. Amava a publicidade de seus afectos, não por vaidade, mas por um séstro de romancista tornado em personagem viva de sentidos romances, heroi teatral de dramas engendrados na sua cabeça ardente e talentosa. Quando despertava para a realidade da vida e sentia os espectadores inimizados e por palco o chão das ruas irritava-se, condenava o seu fatal destino quasi sempre—nestas scenas de amores—conduzido por seus maus passos como um céguinho.

A facilidade da produção literaria dera-lhe grande destaque. Raro era o dia em que o *Nacional* não inseria prosa sua ou versos numa especie de correspondencia muito a dar nas vistas, com uma poetisa encasulada no seu pseudonimo de *Sóror Dolores* que sob a almáfega religiosa parecia envergar um dominó.

Tinha tendencias tristonhas, desoladas, muito ao gosto da época, com noites de ventania em cemiterios onde piavam aves agoirentas. Ela propria se intitulava, às vezes: «a coruja trovadora.»

Riquissima pelo seu casamento com um dos mais considerados negociantes britanicos Manuel Clamowse Browne, D. Maria Felicidade do Couto Browne abria aos literatos os seus salões. Ia nos cincoenta anos e tinha descendentes; um que dava leis de elegancia no Porto, outro pompeava na diplomacia e uma filha noiva dum Vilarinho de S. Romão, da estirpe opulenta de lavradores de scientifico apego à leiva.

Ricardo Browne, no seu brumulesco aprumo, janota por temperamento, poeta e artista, filho de milionarios, era tanto um modelo de elegancias, que tendo aparecido, em certo dia, de lenço preto sobre o queixo, porque lhe doiam os dentes, logo os peralvilhos portuenses, os afastados da camada romantica, o imitaram. Engravataram-se de dó.

Naturalmente expandia seus gostos. Num país onde o *bric-à-brac* era desconhecido, colecionava magnificencias e na sua casa de Gaia, contemplava raridades com o fetichismo dum idolatra a gosar o aroma dos seus deuses. Dedicava-se à musica; armara um navio para viajar a seu gosto e calcara a Terra Santa como um peregrino, a Turquia com o *fez* nacional na cabeça moça, e o Egypto no fervor dum sabio prescrutador. As senhoras adoravam esse *gentleman* que possuia vinte e sete fraques e os respectivos coletes — como Camilo o descreveria — ao mascará-lo de Jacques Smith numa troça romantica. (*)

(*) *Graesjos quê matam — Novelas do Minho*, 2.ª ed. pag. 35

Faltava-lhe a tendencia aventureira e combativa, o arranco de seu irmão, Manuel, que se batera rijamente ao lado dos patuleias, incursionara com o Conde das Antas em Espanha, alistara-se na Legião Extrangeira e ao serviço da França, ganhara, em Alger, a Legião de Honra e, servindo numa legação, a cada movimento do mundo que o excitasse largava os meneios da diplomacia e mergulhava na seita, na *clan*, na fação que, no momento, o interessava.

O pai, Manuel Clamowse Browne, guardava a fleugma da sua raça por banda paterna e a instrução vinda duma mãe francesa. Sorria ante as preferencias e as originalidades dos rapazes e, parecendo apenas tactear o negocio, em golpes de vista ousado realisava fortunas para juntar às herdadas dos antepassados. A seu lado, pratico piloto do mar das contas, habil manejador de capitais, o guarda livros, o senhor Ribeiro, ia aumentando mais oiro para prodigalidades dos Browne.

Eram oriundos duma familia irlandeza e catolica foragida das perseguições dos Tudor em 1603. Instalaram-se no torrão portuense e aliaram-se aos gauleses Clamowse. A sua historia ligava-se à da cultura regional; todas as transformações do licor loiro os tinham encontrado no seu posto, comprando a cepa na terra, pisando os bagos, trafegando o sumo, carregando-o em seus barcos, atravez de quatro gerações. Os Filipes tinham visto esses audazes irlandeses, escapos à sua régia inimiga, tocados duma fé que os trouxera ao exilio decaidos dos cargos altos, entrados no comercio. Toda a dinastia brigantina os encontrara labutando, sabendo dos sucessos da côrte mas tratando apenas de seu vinho. Essa presistencia, atravez dois seculos e meio, guindara-os, gerarquisara-os, dera-lhes aristocracia de trabalho, a fortuna vasta, sólida da nomeada.

Por isso, o representante dessa raça, no seu palacio ou no seu escritorio, tranquilo acerca do futuro, gostando das exibições dos seus filhos, da fama conquistada por eles, a dourar a legenda dos Browne, se mostrava venturoso. Nos bailes dos grandes fidalgos e dos grandes ricos, como o Alves Guimarães, tinha o primeiro logar com os Chamiços, os Varzea, os Barros Lobo, os Canavarros, os Faria, os Casal, a alta banca, a grande roda que jogava forte e olhava Ricardo sempre a marcar as impressões novas das suas viagens, como um homem extraordinario. Estava-se numa cidade em que o povo aplaudira os passageiros da primeira diligencia à saída do Porto, pela estrada de macadam, em direitura a Guimarães. Encararam-nos como temerarios exploradores de selvas.

D. Maria Felicidade, a esposa do poderoso e ilustrado manejador de capitais vivia mais no recolhimento de seus aposentos que nas festas; encanecera, e rodeada dum maravilhoso luxo, guardava o ar duma dama francesa do grande seculo, pincelada de espirito e empoada finamente de perfume literario. Não era uma grande poetisa mas mostrava audacias em deixar publicar nos jornais — embora com o rebuço dum disfarce — os seus versos; acolhia os escritores e do fundo de seu peito pareciam nascer serodios amores todos surgidos de sofrimentos, de amarguras, necaófilos, gosados nos cemiterios, sobre leitos de rosas desfolhadas em campas. A ilustre senhora, entre esplendores, semi-reclinada na sua Recamier, sustentada na vida por um rendi-

mento fabuloso, alimentada por um cosinheiro britanico de fama, ambicionava nas suas dolentes poesias, a dureza das lousas sepulcrais, a desgrenhada tortura duma misera, a dar pastio aos vermes e a sua scisma constante consubstanciava-se no Prado do Repouso melancolico, com sua tradição dos passeios meditativos de escolares votados a Deus, sob cujos passos se esgarçavam valas e se enraizavam ciprestes.

Camilo, tão atreito a estas lugubres visões, evocando os mortos e gostando de remexer suas cinzas, relembrava, em macabras estancias, os cadaveres e atormentava-se pela lembrança do suicida Jorge Artur, ao qual chamava, o *traído*. Guardava dele impressão nítida, impagavel, em sua mente:

A' tona dagua boiava
Quando a onda que passava
Lhe descobrira as feições
Atravez das contusões
Pelas faces laceradas
Tinha os olhos corroidos
E as orbitas cavadas
Dos olhos espavoridos

Assignava desprendidamente *Ninguem* como um bardo que só quizesse confiar seus pensamentos a uma palpitante sombra querida. Tinha vinte e cinco anos e, apesar da sua sensibilidade se despertar ante a joven de desassete primaveras — e que ia ser imolada, como dizia — correspondia-se, no folhetim do jornal, com a literata rica e quinquagenaria. Não desiludia Patricia Emilia, receoso, possivelmente, de seus rancores desatremados de provinciana plebeia e ainda seguia em ressaibos de aventura ingenua, as aprendizas da Andrillac e da Viderkur, costureiritas gaiatas de chinelinhas e olhos faiscantes.

A «preciosa» *Soror Dolores*, respondia-lhe que deixara «a lyra sagrada a amores» mas, no campo do Repouso, ouvira um cantico que a enternecera:

Se era de anjo ou de mortal
A voz que tanto pungia.

E, coada atravez das franjas lugubres das arvores dos mortos:

A resposta alfim me vem
Sobre a voz que diz: Ninguem.

O escritor dedicara-lhe, numa homenagem, o drama *O Marquez de Torres Novas* e emquanto o Porto folgava no seu entrudo, eles, naturalmente frequentando as festas vagueavam ideal e literariamente, entre jazidas.

Nos bailes do Barão de Alpendurada, do Conde de Casal, de D. Cristina Zuzarte

tinham aparecido graciosos trajos: as senhoras Pestanas, de familia tradicionalista, realçavam-se nas pompas das donas de honor das côrtes vencidas do proscripto; em mais antigos e mais ricos atavios disputavam primazias, D. Maria da Natividade Guedes e sua irmã D. Tomazia de penteados rebrilhantes de perolas como se saíssem dum sarau em Queluz e da presença da rainha D. Maria I. Dissidentes desta norma grave as senhoras Nogueira Soares tinham-se apresentado em rigorosos e galantes vestidos de espanholas.

Os homens, mesmo, não procuravam originalidades de dar brado. Os irmãos Gonçalves de circassiano e de hussard; Fortunato Chamiço de principe da Renascença; um francês, mr. Payant, achara espirito para se meter nas vestes dum mandarim e poucos mais se destacaram. Dançara-se. Apezar da quadra divertida, apenas a polka, a mazurka e as contradanças animaram os salões.

Os dois vates continuavam a versejar cavamente. O poeta dizia dos seus desespêros e a poetiza dirigia-se a *Um Echo:*

Aqui jaz uma infeliz.
Só disse o echo feliz
Feliz, sim por não viver

No intervalo abria-se uma claridade, uma nesga colorida rasgara aquelas trevas agoirentas; parecia cantarem os rouxinois, calando os torvos mochos e corujas. Camilo, dirigia-se à outra, certamente. Abril com a sua luz, as suas rosas, os seus ceus, os espaços engorgeados de vozes e perfumados de aromas sacudiam-lhe a melancolia. Escrevia: *Reneguei!*

Não é sonho não! Eu sinto
Dentro dalma o odio extincto
Que á mulher já consagrei.

E tratava a donzela com doçura de amores castos: «E eu vi esse anjo. Essa mulher foi a que Deus me talhou para que eu morresse ou vivesse para ela». Versejava *A Uma Rosa Branca*, numa dedicatoria de reticencias e interrogações:

Era candida e mimosa
A que eu vi magica rosa
Em mãos impias mal tratada!

Não podia ser a Browne, esta flôr que ele pretendia vêr «em mãos impias mal tratada,» «em profana mão», e «do seu vergel arrancada».

A quinquagenaria galante, com sua touca de rendas alvas sobre os cabelos argênteos, tambem remexia pétalas mas sobre as sepulturas. Era a «rosa da campa»

Visão dessa lousa escura
Dessa maga sepultura
Desse pó do coração

escrevia para que lhe respondesse e, com o mesmo titulo, ele volvia:

Colhi uma rosa entre campas
Na vala dum cemiterio.

Depois a flôrzinha, ao tocá-lo, rociava-o duma lagrima sangrenta que deslisava sobre um sudario.

Logo ela se comparava a um regato humilde; e, para a comover, Camilo relembrava-lhe o cadaver do *traído,* do Jorge Artur, o que turbava logo a dama:

Lá quando o Douro transborda
Na tormentosa estação
. . . . . .
E lá surge do misterio
Sobre o rochedo a visão

Possivelmente acompanhando a publicidade dos versos, enviaria a essa senhora do grande mundo, estonteada na literatura, em terra bravia de positivismo, alguma suplica mais instante de misteriosas entrevistas. Ripostava-lhe, a cercada em seu pudor pelo arrojado amoroso, com ridiculas rimas de «amores profanos», de melancolias, e como a mostrar-lhe as razões de suas simpatias, fugindo aos contactos mais intimos, metrificava:

O estio dá claridade
Dá fulgor à escuridade

Amou-o, todavia, ele o devia confessar depois, mas resistira à pretenção dos materialismos. Em todo o caso, tolerava que em seu album outro vate, esse sem cotação alta, Luiz Moreira Maia e Silva se arrojasse a este convite teorico porém de audacia irreverente:

Fujamos dos homens
O rosto fingido
E vamos no olvido
Do mundo insofrido
Aos bons fementido
Em êrmo escondido
A vida ocultar

Isto era tudo ressonancia. D. Maria da Felicidade preferia os seus sumptuosos aposentos e a sua mesa lauta ao êrmo para onde o rimador a convocava.

Camilo trovejou indignado; a sua vaidade devia sofrer. A mulher que em todas as palavras rimadas só via inocencias, mal compreenderia as aziumadas coleras do nevrotico amoroso. Desejara-a com a pertinacia quasi infantil que não pode ser contrariada e como só recolhera frases de ofendida ou recusas de cautelosa, dirigira-lhe o *Adeus*:

Anjo! Eu tenho um crime! Ergui-me ousado
Ao trono onde o Senhor te ha levantado

e concluia:

Oh! Sempre à morte hei de obrigar-te
Nos olhos uma lagrima por mim

Entrara agosto em ardencias; o calor fizera fugir os portuenses para o arrabalde, para as praias, para o regalo das quintas. O homem de letras excitado, chocado de desgostos, cansado da labuta diaria e mal refeito da anemia estava à beira de desesperos mais acentuadamente logicos do que os criados nas fantasias de seus versos.

A senhora ilustre amava-o e esqueceria suas audacias como uma galante intelectual vencida pelo talento, mas Patricia Emilia de Barros — a mãe da filha dele — arvorando seus direitos, naturalmente, ameaçara-o de vinganças indignas, capazes de ferir a toada lirica onde queria conservar a sua alma.

A sua organisação hipernervosa abalar-se-ía com as feridas no orgulho, a resistencia de seus caprichos — porque só isso era o seu constante poetar de melancolias e caveiras apodrecidas, ao gosto da epoca e da poetisa. A furibunda revolta da provinciana que se lhe sacrificara, e, sobretudo, as suas tendencias desequilibradas, tudo junto, o levara à deliberação de bem morrer.

Para que o não julgassem preso da miseria — isto devia ser dirigido à milionaria — espalhara na mesa, ao lado da morfina da sua libertação, setenta libras; para que não o tomassem por um doido, escrevera de sua descrença, (*) na poesia intitulada a *Harpa do Sceptico*. Estes versos seriam aos amigos destinados.

Dera-se a explosão do seu temperamento. A morte halitava-o e mover-lhe-ía o braço para o tornar seu. Não lhe merecia o sacrificio a mulher velha nem as coleras da amante. Nessa noite voejariam mais em seu animo as borboletas negras que são os avisos de desditas imaginarias dos neurastenicos e dos ultra sensiveis.

Naquele preparo, mostrando-se abonado de oiro e de veneno, traçadas as despedidas nas maldições o foram topar dois amigos. Ao acaso da subida ao seu quarto deveu Camilo a salvação que não lhes agradeceu.

Um deles chamava-se José Augusto Pinto de Magalhães e, sem ter o talento de exteriorisar seus pensamentos, possuia a mais ultra extranha fibra romantica da sua epoca. Roçava com a loucura.

Filho duma raça nobre, senhor da casa do Lodeiro, em Santa Cruz do Douro, sofria da tara endemica duma grande parte dos seus contemporaneos. O mundo

(*) Na *Semana* vol. I, numero 36, Camilo explica um pouco as razões da sua tentativa de suicidio.

agitado pelas convulsões da Revolução e do Imperio produzira estas singularidades. Deviam estremecer e nevrosar-se nos seios maternos os fetos gerados nesses dias formidandos: os romanticos semidoidos, o fructo do parto monstruoso das hecatombes sob as quais seus progenitores se tinham amado.

O companheiro daquele fidalgo tambem possuia solar na provincia: o do Mosteirô. Manuel Osorio Pereira Negrão, neto do antigo chanceler do reino e de Joaquim José — um dos Lobatos do guarda roupa confidente de D. João VI e nobilitado no Brasil com o titulo de visconde de Magé — ligara-se à tradição dos seus. Estudioso, bravo, inteligente e bom, conhecera Camilo depois de andarem no miguelismo onde o aristocrata, fôra ajudante do aventureiro bebado e clownesco Reinaldo Mac Donell, que viera a Portugal no fingimento de tentar a restauração miguelista usando nos coldres botijas de genebra.

Fugidos ao verão escaldante os dois conterraneos, bem apetrechados para a jornada, entraram no aposento do escritor. Diante do que viam, daquelas libras, daquele frasco mortal, daqueles versos satanicos, compreenderam a aura atormentadora. Não tiveram duvidas, que ele, decidida e estoicamente, entrara, com consciencia e firmesa, no seu designio nos preparativos de abalada para o desconhecido.

Reduziram-lhe ao razoavel aquela mente excitada, influiram no seu espirito com solida argumentação e acabaram por convencê-lo a deixar essa temperatura de fornalha do Porto, a procurar o sossego de que careciam os seus nervos vibrateis. Quizeram levá-lo comsigo para a calma das moradias distantes, para a boas sombras, para a vista das aguas mansas do Eiras e do Lazarim, em busca da tranquilidade.

Poderia habitar em Mosteirô ou no Lodeiro, mas foi aqui seu pousio. Da casa solarenga datou poesias novamente desoladas. Acabado o verão sentiu necessidade do regresso, de voltar às lutas, de claramente se mostrar com todo o seu aprumo, na cidade onde quizera morrer.

Instalou-se, com a sua pena mais apurada, o seu cão, um terra nova esplendido, a que chamara, num excessivo romanticismo, *Martirio*, a sua caixa de rapé, porque esse namorado do sublime pitadeava para aliviar o cérebro e o seu pacote de charutos, pois tambem desabaladamente fumava e dispoz-se à batalha.

Não usava mais disfarces, atacava de frente, batia a sola da sua bota à Frederica a essa burguezia pimpante que o olhava aborrecidamente ao vê-lo mais refeito, escapo do suicidio cuja tentativa se espalhara largamente.

O seu amigo Ricardo Guimarães, folhetinisando num acre e sacudido tom, escrevera: «que a rua do Almada era de horrores e que ali o casamento não passava duma especulação comercial». Evocava o morto Jorge Artur, de cuja memoria fazia sua forte bandeira e concluia a deixar perceber ser a noiva a culpada daquele tão triste fim.

Agora, sem pena, ela ia casar-se com outro e daí a sarabanda:

«*Este casamento, ao menos, terá a vantagem de abrir a porta a muitos casamentos*» — declarava irritado, fulo. Andava já de bôca em bôca a noticia do consorcio de Ana Placido. Camilo, numa peça que dialogou no *Nacional*, sob a legenda de

Crê ou Morres e dedicada a A***, punha nos labios duma casada sem amor, estas frazes reveladoras:

«Saiba que sou uma escrava. Passiva em toda a minha vida obedeci a meu pai; avaliei o meu estado, quiz fingir comigo mesmo».

No resguardo dum album de amigo, do seu colega ilustre Evaristo Basto, ele confessava ter encontrado, aos vinte e três anos, (*) «a mulher que é meu conforto»:

Via-a aqui, perdido, a amei
Eide amal-a, vivo ou morto.

Dirigia-lhe as suas exortações, evocava-lhe a virgindade, chamava-lhe: «um segredo do céu».

Começara, por esta epoca de desconsôlo, enciumado e feroz, a acometer rijamente com a sua pena. Adeantara-se de gladio em punho, até defrontar o trono e escrevera: «Com efeito D. Maria II, desta vez, foi uma mulher ordinaria».

E logo, numa síntese ousada, decidira:

«Na familia, um pai desmoralisado corrompe os filhos. Na monarquia corrompe-se a côrte e não se desmoralisam os vassalos».

Engendrara, de seguida, o ataque rijo a Costa Cabral. Acusava-o de concussionario. Estes homens de presa repugnaram sempre aos honrados romanticos. O conde de Tomar, no poder, constituia o magnifico alvo para pedradas — que não para nobres tiros — do fundibulario destemido.

Do politico, atenazado e cuspido nas faces, nas paginas candentes do seu panfleto, *O Caleche*, (**) Camilo passara a dirigir-se à sociedade e às suas hipocrisias declarando que «o salteador abre muitas vezes a bolsa, que ha pouco roubou, na encruzilhada, para favorecer o mendigo». Por fim tomara para o seu odio o Porto — a cidade onde as crianças eram entregues, legalmente, à concupiscencia dos dinheirosos — e, numa catilinaria terrivel, desafiante como um mosqueteiro, encarando todo um burgo, insultava e escarnecia.

Em sarcasmos, nos quais se ouvia um rangido de dentes raivosos, intercalava na cronica o que chamava: *O Preço dum Casamento*. Computava-o em 8:560 reis e acrescentava:

(*) Camilo dizia, enganadamente, ter nascido em 1826, logo ao declarar ter visto, aos 23 anos, a mulher que amava, data de 1849 esse encontro.

(**) *O Caleche* ou o requerimento que o jornal *A Nação*, publicou pedindo a S. M. a senhora D. Maria II demissão dos seus conselhos, e de ministro do reino, o conde de Tomar, por crime de «Peita»: ou de dar uma *comenda* por um *caleche* no ano de 1849, seguido do *Folhetim* escrito pelo senhor Camilo Castelo Branco, publicado no *Nacional* de 19 de Dezembro.

Vende-se no Porto, rua dos Caldeireiros, 10, e rua do Bomjardim, 649, em Braga no botequim do senhor Bento José Gomes, debaixo dos Arcos da Senhora da Lapa.

Preço para chegar a todas as classes, 20 centavos.

«Eu gosto do casamento falado, discutido e apregoado três vezes á missa conventual. Esse, sim — é o classico. Por tal teor vão, duma só casa, casar-se quatro interessantes meninas. Aquilo é que é uma exportação de maquinas reproductivas! E' bom que a formosura se multiplique. São quatro rosas do Japão que, enxertadas no jardim delicioso da vida conjugal, vêm germinar um variado canteiro de lindos ramilhetes.» (*)

Censurava asperamente a serie de consorcios, desesperado, sabendo Ana Placido, tão triste como a protogonista do *Crês ou morres!* que ele continuava nas paginas do jornal. Pintava o marido, comerciante, — como um vil, — maguando-o, desmanchando-o, fazendo dele um fantoche tilintando, em suas mãos, peças de oiro.

Publicara já a poesia na qual apresentara uma mulher sacrificada, que intitulara *Verdades*, e onde fam lamentos e conselhos.

«E as turbas que folgam, se enlaçam na sala
«Expandem-se alegres... que vida ali vae!
«Ninguem vê a martir... sosinha não fala
«Ninguem vê da virgem a corôa que cae!

Declarou ter chorado por causa dela, da sua situação de sacrificada; dizia-se fraternalmente ligado ás suas grandes maguas:

Um tempo me lembrou... fôra um martirio
Irmão do teu sofrer
Amei... — se não traído — exausta crença
Que mais posso eu perder?

Acabara a confessar-lhe desejá-la mesmo «flôr desfolhada», relembrando aquela frase que ela recordaria mais tarde:

Pedir aos labios mortos um sorriso
É ao cinico dizer: «Vive d'amor!»

Sublinhava bem esse incitamento á vida, como a avivar-lhe algum momento feliz em que lho tivesse segredado.

O Porto, irritadamente, discutira a diatribe que o chapava de escorrencias. Subira uma furia. O escritor sentia-se alvejado e mostrava as garras. Imputando a essa cidade mercantil os males do seu coração, encarava-a como uma montureira sobre a qual se entendesse um palio de oiro.

Sóror Dolores, sucumbida ao seu impulsivo gesto, arranhava na lira uma defesa prometedora:

Não venhas, vaga sombra vaporosa,
De novo despertar minha saudade.

(*) Vêr documento B no fim do livro: A *Revista do Porto*, por Camilo.

Passara mais um ano sobre a sua cabeça de velha, mas guardava o seu encanto de grande dama cuidando de sentimentos como de frageis e preciosas florinhas. Seria um refugio para a dôr daquele atormentado?

Murmurava-se, cada vez mais, àcêrca de ambos. Um dos filhos da Browne, o Ricardo, sobressaltara-se sem desleixar o laço da gravata. Ficara a meditar, apertando a badine londrina. Todavia, Camilo mais se dedicara á outra, á que ía ser imolada ao homem considerado, agora, como um triunfador.

Os mesmos jornais, onde fôra acusado de querer enriquecer «depressa e sem risco», tratavam-no de pessoa respeitavel á conta da citação do seu nome para um dos logares da nova direcção do Banco Comercial (*) á qual presidiria, o do contrabando, o barão de Massarelos.

Era o predominio do dinheiro. Na casa da rua do Almada apressava-se o enlace. Ana Placido via crescer o lindo enxoval, em linhos bordados, em sedas acariciantes para o seu imperial corpo, ouvia discretear àcêrca do lar burguez, escutava o noivo que se arrapazava, a seu lado, ébrio de ventura. A sacrificada devia pensar em alguem que a protegesse, a salvasse; acolher-se-ía ao seio de sua mãe, tão suave e tão amiga, mas da bôca que a embalara não ouviria mais do que serenos dizeres. Amelia Vieira olhava a filha «como votada ao infortunio por uma superstição extranha em que avultavam influencias e agoureiras circunstancias» as quaes tinham «presidido á sua entrada no mundo.» (**)

Aquele a quem dedicara afecto na infancia, carecia mais de consôlo do que podia dispôr de auxilio; o que lhe aconselhara a «viver» andava empenhado numa lucta cruel de desafios, ironías e cóleras nas quais marcava todo o seu rancôr apaixonado.

Não deslaçava o Porto da sua mão formidavel. Sentia absolutamente que sem a moral correntia do dinheiro a determinar todos os actos das existencias não seria possivel a infelicidade da creança que o prendera, e, dilacerava rudemente os tipos, os padrões dessa capital do negocio não a querendo vêr em sua utilidade mas como uma caverna onde se enclausurava o romantismo e na qual o queriam amordaçar.

«O Porto é a taboa da lei das quatro operações aritmeticas;—sintetisava. E' uma grande taboada levada ao infinito das multiplicações das casas. E' o «dous e

(*) Chegou-nos finalmente á mão a nova lista dos accionistas em 29 de Dezembro passado, e, é, sem duvida, mais uma pagina negra para a historia das direcções, pela parte que teve nas indignidades a direcção do anno de 1849, pela causa comum que fez com aqueles que a praticavam, para o que, passamos a referir alguns factos e o publico ajuizará.

Tendo um grande numero de accionistas (verdadeiros) do Banco Comercial resolvido fazer oposição á direcção do ano que findou, tratou-se de combinar uma lista de pessoas respeitaveis, consultando para isso a maioria dos accionistas. Formou-se, finalmente, a lista composta dos seguintes srs.: Presidente da direcção, Barão de Massarelos; Directores: José Maria Rebelo Valente, Placido Antonio de Abreu, Manuel Pinheiro Alves, etc.

(*Nacional* de 7 de Janeiro de 1850).

(**) Ana Placido — *Luz coada por ferros*, 2.ª ed., pag. 192.

dous são quatro» convertido no balcão do «probo» e «honradissimo» bacalhoeiro em dous e dous são cinco.» (*)

Irmanava os comerciantes na mesma reles aspiração da ganhuça e marcava, ferretava aquela sociedade do lucro, tratando-a de resto, escarmentando-a, pondo-a de rastos. Quem não adotasse o modelo que ela impuzera seria alvo da sua guerra. E como sentia o rancor formidavel, sibilante, torturante, comparava tal gente da chatina aos corcundas, senhores de certo país, onde chamavam aleijado ao homem são e direito caído em seu poder.

Engalegava-lhes os avós, sacudia até as esposas dos enriquecidos, catalogava-os nos arcanos da estupidez e dizia que ao andarem a cavalo, o bicho «reconhece a sua superioridade, mas vai! E' Eneas o seu pai Anchises.»

Depois desdenhava das mulheres, das filhas desses acumuladores de riqueza e espostejava-as. Materialisava-as, dizia-as aprestadas apenas para receberem as cartas em estilo de «sirva-se V. M.ce entregar por esta minha ordem», apresentava-as como alheias à sublimidade.

«Aqui namora-se para casar; casa-se para ter filhos, que ordinariamente são as caras dos pais. Benza-os Deus!»

Naturalmente lembrava-se da que ia consorciar-se, pensava que ela leria a sua arremetida e embrechava uma dôr naquele madeiro de execuções:

«Lá de vez em quando, aparece uma cabeça de fogo a querer salvar-se das chamas no meio deste glacial reservatorio das cabeças de pedra. Homens que não estudam o valor especifico desta sociedade portuense metem-se a tratà-la de coração viçoso e anhelante: morrem na alma e matam-se no corpo.»

Esta segunda «Revista do Porto» — como a intitulava — produziu ainda maiores berros do que a primeira, mas o *Nacional* devia ser disputado no seu fragor de escandalo.

E' crivel que os pudibundos burgueses o lessem às escondidas, mas sentiriam nos dorsos a acerada ponta do aguilhão com que lhes espicaçava a insensibilidade para tudo quanto não fosse o lucro, o negocio, o ganho.

Ana Placido obedeceu à vontade paterna (**) Não se poude nunca decidir em

(*) Documento C.

(**) Na peça de Camilo, intitulada o *Ultimo acto* e na qual não oculta em pseudonimos a protogonista pois lhe chama Ana Augusta, Eduardo, o pai dela assim designado no drama, diz a João Pinto, o marido:

«Ha dois anos e meio, quando mostrei aos crédores os meus livros, pelos quais provava que apenas ficava com o pão quotidiano de minhas filhas, deixado por sua mãe, os crédores disseram que eu era... um ladrão. Puz uma pistola ao ouvido, mas as duas filhas, que eu tinha no coração bradaram-me coragem e heroismo, em nome da virtude. Appareceu-me o senhor João Pinto, que, lamentando a minha ignominia, me ofereceu a mais nobre de todas as reabilitações. Abriu-me a sua gaveta e mandou-me tirar o preço da minha honra. Disse que não tinha caução alguma com que podesse remir o empenho. Respondeu-me que era uma pessoa da minha familia logo que eu o recebesse no mesmo abraço com minha filha Ana.»

O nome de Eduardo dado ao pai de Ana no drama é o de um dos irmãos dela.

A peça é feita um pouco sobre a primeira afeição da jovem, mas com exagêros de desenlace e de scenas

que circunstancias, mas ha a notar a situação daquele trabalhador, rodeado da familia, com a psicologia dos seus eguais, e pai duma filha encantadora.

O marido dotou-a não com largos capitais, antes com mesquinhez para tão rico individuo, dono de navios, de cofres e de credito que o indicavam para a direcção dum dos grandes Bancos portuenses. Procedera com receios, cautelas ou combinara com outrem diferente transacção. (*)

Marcara-se para setembro, a 28, a cerimonia. Ela fazia anos a 27. Parecia envergonhada do ruido causado á sua volta. Falava-se muito do seu casamento e o noivo não reflectira ao ouvi-la negar-se a ir á egreja da sua freguezia receber a benção nupcial. Sentiu-se como uma vendida; as outras ligavam-se a maridos das suas idades. O dela ia adiantado na vida, embora andasse a fingir verduras, nesse dealbar do devaneio, nas visinhanças da posse.

A mais linda mulher do Porto não se mostraria á terra que enaltecia suas graças naquele dia de sacrificios; não a veria ao lado do quadragenario, inspirando dó, gerando compaixões.

Ele devia percebê-la mas nem, por isso, desistira de se tornar seu marido.

Andara anunciada para aluguel a quinta de Vilar de Allen, em Campanhã (**) e ou, porque o capitalista a tivesse tomado, ou por emprestimo dalgum conhecido, é certo que ali se realisou o casamento, apadrinhado por Fortunato Alves de Sousa e Antonio Joaquim Teixeira, amigo do noivo e da familia da recem-nupciada. Fôra obtida uma licença especial do bispo e o padre Assumpção e Sousa, casara-os, naturalmente, num improvisado altar.

Camilo largara do Porto atormentado por um enorme desgosto. O seu irriquietismo exacerbava-se; não estava bem em parte alguma. Demorava-se pouco em Coimbra, volvia-se à cidade onde vivia quem tanto o impressionara e só cantava virgens, den-

---

como convinha para a teatralisação. Este episodio, porem, é de molde a fazer reflectir nas razões que levaram o pai de Ana Augusta a sacrificar os seus desoito anos aos quarenta e tantos de Pinheiro Alves.

(*) Pela escritura dotal lavrada pelo tabelião Almeida Pinto e Silva, no proprio dia em que Ana Placido completava 18 anos, vê-se que os Placidos dotaram a filha em 3.200$000 reis e o noivo lhe doara 8 contos.

Todavia ficavam pertencendo ao casal as casas do Porto na rua do Bomjardim, predio dum andar n.º 862 e outro de 2 andares com quintal n.cs 856, 858, 860, foreiros a João Correia Pacheco Pereira de Magalhães e ainda o da rua Armenia 114. Em Braga tinham, tambem, uma propriedade, foreira a Estevão Falcão, no Rocio n.º 4. Acrescentava-se-lhe a casinha de Seide de pequena valia.

O sr. Alberto Pimentel publicou alguns destes documentos e tambem outros de autentico valor para o estudo destas personagens nos seus livros com que se iniciou o culto camiliano.

A fortuna de Pinheiro Alves devia ser de com contos, o que nessa epoca, representava uma das dignas de nota no Porto. Alem disto, tinha barcos de sociedade e fazia constantemente negocios rendosos.

Oferecera joias á esposa, mas não se esmerara na escolha nem no preço.

(**) Aluga-se em Campanhã a casa da quinta de Villar d'Allen com seus jardins e hortas.

(*Nacional* de 17 de maio de 1849).

zelas, mulheres puras. Parecia ter esquecido o sarcasmo, imaginava-se que perdera a sua colera.

Mas tu choras insensivel
Aos consolos que te dei!
Ah! Já sei
O misterio
Dessa dôr
Chorar tanto . . . só de amor!

Vogava neste embalamento como se esperasse ainda algum milagre naquele fevereiro depois de bater o pé, num desabafo e numa ameaça, aos traficantes da cidade. Entrara em lamentos e acabara fugindo apesar de se sentir vencedor.

Não era com medo dos burgueses portuenses que abalava mas receoso de lhe ser impossivel resistir ao espectaculo do casamento que talvez não soubesse ser celebrado num grande recato.

A belesa explendida de Ana Placido não podia aparecer orvalhada de lagrimas e ela chorou muito no dia do seu noivado.

Sêcamente os jornais, onde o escritor tinha amigos, noticiaram aquele acontecimento de que toda a gente falava.

«*O sr. Manuel Pinheiro Alves, negociante desta praça, recebeu-se na 6.ª feira com uma das interessantes filhas do sr. Placido José Gonçalves Braga.*»

Errava-se o nome do pai da nubente e só ao cabo de cinco dias participavam ao publico (*) ter-se realmente realisado a cerimonia.

Tambem a outros cinco dias desta curta publicidade, quasi escondidamente, todavia para que a alguem constasse, se anunciava a reentrada de Camilo na cidade que afrontara. (**)

Em Lisboa vendera a sua peça o *Lobishomem*, (***) colaborara na *Semana*: aturdira-se.

A' lua de mel de Ana Placido correspondeu o lançamento à agua da primeira barca de seu pai. Chamaram-lhe a *Linda*. (****) Tinha o ar duma galanteria de

(*) O *Nacional* de 2 de outubro.

(**) O *Nacional* de 8 de outubro.

(***) Foi comprada por Jorge Augusto de Souza em 25 de setembro, três dias antes do casamento de Ana Placido. *Uma carta de Camilo* na biblioteca da Ajuda por Custodio José Vieira.

(****) Hontem pelas 3 horas da tarde caiu do estaleiro de Vila Nova de Gaia, no rio Douro a elegante barca «Linda», do sr. Antonio José Placido Braga. Foi a ultima das oito embarcações com que o insigne constructor Bernardino Joaquim de Azevedo enriqueceu durante este ano a nossa marinha mercante.

O vento soprava com muita força, e alguns receios houveram que a queda não fosse feliz. Mas Deus não quiz que as despedidas do ano fossem menos lisongeiras para um artista que tanto tem enobrecido a sua classe, e dado o sinal a «Linda» entrou magestosamente no seu elemento. Em seguida o sr. Antonio José Placido Braga, ofereceu uma excelente refeição aos seus amigos.

(O *Nacional* 22 de outubro de 1850.)

comerciante satisfeito. Pode imaginar-se que o nome desta angariadora de fortuna era uma alusão à desposada.

Alguns versos acompanharam em saudação, a nova riqueza do chefe da familia Placido:

És tão linda como é linda
Essa luz do ceu infinda
Que no ceu vejo luzir
És mais linda, mais luzente
Que a rosa resplandecente
Que vejo brilhar, sorrir (*)

Foi um grande dia de festa este em que mergulhou nas aguas a quilha da barca *Linda*, a menos dum mês de distancia do sacrificio da filha de Antonio José Placido Braga.

Continuava-se nos versos

Tu vais como o peregrino
Seguir o novo destino
Que a sorte já decretou
Afirmo que o teu futuro
Ha de ser, por Deus o juro,
Qual a mente m'o pintou.

Se foi Ana Placido a auctora de tais rimas, decerto imaginava para o navio fados muito mais doces do que para o seu lar.

Ruidosamente, com o proposito de dar nas vistas, Camilo apresentava-se no abadessado de S. Bento da Avé Maria na mesma noite da festa maritima. Glosava motes das freiras, parecia endemoninhado, disputava primasias aos irmãos Luzos, e a Faustino Xavier de Novais, procurando naquela agitação uma derivante para o mal de seus aperreados nervos. Apesar desse folguedo estroina, patusco, desvairado, improvisava com amargura:

Raras vezes a alegria
Me sorriu na poesia
Sempre hervada de agro fel
Raras vezes que a desdita
Se ledos versos me excita
São dum sorriso cruel

(*) Dos versos distribuidos em 21 de outubro de 1850 quando do lançamento na agua da barca *Linda*. *Doc* D.

Mesmo no ruidoso pateo do mosteiro, ao lado dos companheiros, entre gargalhadas, atochando-se de lambarices e de vinhos velhos, na doce expressão dos sorrisos das monjas — estranhas nos seus toucados desafiando loucuras romanticas — ele relembrava «o agrofel» da sua desventura.

Ana Placido, como a barca *Linda*, atirada para a incerta aventura das procelas, ia sulcar mais perigosas ondas que as galgadas pelo garboso naviosinho, cujo nome parecia conter um madrigal à sua formosura de sacrificio.

Manuel Pinheiro Alves
(Retrato pertencente á familia do romancista)

III

RELIGIÃO DOS CORAÇÕES

A CASA DE SEIDE — A PAISAGEM E O SONHO — BRADOS SEM SOCORRO — BOEMIA PORTUENSE — DUAS «SÓRORES» — AMORES SACRILEGOS — CAMILO E O INSULTADOR — O CÃO «MARTIRIO» — O POETA E O SEMINARIO — PRECES E VISÕES

ERA pela tortura dum caminho torcido, de altos e côncavos, entre penhascos mascarados no verde do cultivo, orlado de uveiras, legendado de medos, que se ia, neste tempo, de Famalicão a S. Miguel de Seide. Enladeirava-se até São Tiago de Anta nos rumores dum pinhal que lembrava uma mesnada de lanças altas e signas esvoaçantes cingindo a capela romanica e omnipotencia do senhor Dom Abade.

Milharais extensos e embandeirados alegravam a paisagem nos verões, feijoeiros trepadores enastravam nas vides folhedos e vagens, parreirais telhavam de sombras quinteiros e pateos; as vedações das courelas eram arvores, as do solo minhoto: carvalheiras amigas em vastos abrigos, pinheiros agulhados suando aromas, os choupos de folhinhas tremelicantes nas beiras dos regatos distanciados dessa má estrada longa, pedregosa e estreita.

Pampanos confundiam-se nos arvoredos, floriam e enganalavam-lhes os braços de que pendiam os bastos cachos — os da vinha de enforcado. Jamais uma designação macabra alegrou tanto os vegetais quando baga luzidia e os homens ao espirrar vinho refrescante: o verde.

Corriam famas de assaltos nas visinhanças das «alminhas»; passavam frémitos nos espiritos ao chegar-se ali e logo acima do sitio mal reputado, se lobrigavam brancuras de casebres, e um tecto de capela. Era São Paio de Seide, desviado da trilha que para São Miguel enveredava em cujo fim se topava o largo e nele uma cruz musgosa, alem do adro do ermiterio. O cemiteriosito do tamanho dum lenço barrado de luto, se existia, não devia ter naquela epoca, muitos moradores.

Acochavam-se casetas, colmaços e choupanas; dos quinchosos saíam os boizitos loiros conduzidos por creanças, as toirinhas espertas de tons fulvos de metal

fundido como para alegorias de monumentos votados a deuses agricolas; chaviscavam nos lameiros suinos de olhos soterrados, as galinhas iam álertes, cacarejantes, com suas ninhadas aos biscatos e uma grande e quasi enervante calma descia como uma campanula de tedio.

No fulcro das três vias escalavradas, a de Famalicão, Ruivães e Landim, ficava a melhor habitação: a de Pinheiro Alves. Ingressava-se, por um portão de ferro, na casa de lavrador abonado, com escadorio dos pisos. Nos baixos abriam-se os córtes, a adega, a arribana, pocilgas, currais, cosinha, pousios de caseiros e moços; em volta, a belga ensombrava-se na parreira sustentada por esteios de pedra e a distancia corria um ribeiro — o Pele — a refletir os silveirais da margem, carumas, florescencias, que emprestavam tons olientos, limosos às aguas doces e limpidas. Gemiam azenhas, empoçavam-se os açudes, os arrêtos das cheias engrossadas quando chove e as folhas se transmudam num luzidio verdescuro limpo, metalisado.

Mulheres desgrenhadas espiolhavam os filhos às portas, creanças sujas voltavam de levar o pêgo — o repasto de bôa e vinho — aos pais e seus ganhões e, ao bater do meio dia, como às Trindades, parecia que um arrepio religioso corria sobre a aldeia. Desciam em longuidões as tardes, depois a passarada começava a aninhar-se, em grandes trilados, irriquietamente e, na doce paz do Senhor, fechada a noite tudo adormecia a fóra do S. João, espadeladas e descamisos das massarocas nas eiras. Tambem as rodas gorgolejantes dos engenhos prolongavam seus ruidos como as queixas do milho triturado até mais se abafarem ao dealbar nos sons das bôcas humanas a trocarem os «Salvé-os Deus» de concertia com as cotovias.

Pois era aquela morada que se erguera sobre um cardenho de pobretões, a melhor do sitio e nela Ana Placido ia travar mais largo conhecimento com a desdita, cruciar-se e desesperar-se entre a monotonia da terra, o primitivismo das gentes.

Viera numa sege solavancada, gemente, até Famalicão e para Seide numa cadeirinha do fundo da qual, tomada de aborrecimento, só sabia perguntar ao marido quando se chegava, se faltava muito, que voltas havia a dar e onde estava a aldeia (*) e lembrava uma captiva das lendas arrebatada para a caverna dum ogre. Viu Seide e entristeceu com sua mesquinhez, o velho cruzeiro emusgado, a gentalha mal lavada, os parentes do esposo de unhas terrosas, sentiu o silencio pesado, descido dos ceus, turbado por algum grunhido, o barregar do gado, os mugidos queixosos, a melancolia dos chocalhos ou o guincho arrepiante dos carros desencebados. No andar alto quebrava-se esta impressão ruim para uma portuense costumada ao bulicio da rua do Almada, ao janelar à tardinha ao som dos pianos em desafios arrastando modinhas doloridas que faziam parar os galãs. A sua sensibilidade despertava com as vistas, com a paisagem. Num roqueiro, em ares de ruinas, recortavam-se ameias como se realmente essa traça natural fosse o perfil dalgum castelo visigotico: era Vermoim onde uma torre se erguera nas epocas recuadas ao lado daquelas fortalezas de

(*) Notas duma conversação do autor com a senhora D. Ana Corrêa, de Seide, que as ouviu de Ana Placido.

Deus; lombas, em massas escuras, ocultavam o trilho para S. Cosme do Vale; mais àquem erguia-se o monte de St.ª Luzia (*), com sua poetica evocação, scintilavam ao longe, assotéas de casas solarengas do antigo capitão-mór, amorteciam arvoredos entre pedras altas, alongavam-se terras de pão, pinhais e manchas esbatidas de serranias.

Na frente da casa, àlem do muro da quintasita, tudo se afogava em verdura naquele sitio rodeado de terrinhas de nomes sonoros, tilintantes: Vermoim, Landim ou cavos como Ruivães, S. Paio, o Pragal que parece abrir uma cantiga alacre, espertita. A menos duma legua torcicolava o Ave de frondes miradas em suas aguas, pompeava mais pertinho, o mosteiro de Landim e seus jardins com luxo de repuxos e fontes de regalo, bouças formosas e tradições de cruzios opulentos, calados nas jazidas, sob o trinado dos netos dos rouxinois que os viram no estudo, na igreja e no jogo da bola, a orar e rir, a suspirar e em meditações.

Seide parecia guardado pelas florestas dalem, pelas pedregrosas encostas, exercito e castelo a barrarem aos seus habitantes os caminhos do mundo vasto. Seria um lindo canto de paz para os beijos se o amor tivesse vindo na sege daqueles noivos. Já que não os acompanhara, só mais tarde a casita se tornaria quadra de seu rapido adejar para ser logo, como o refugio nostalgico dum principe poderoso de imaginações e sonhos, caminheiro turbado, detido em sua marcha, exilado ali, ao cabo duma aventura, entre gente rude.

Com a chegada dos esposos, pelo outono, houvera apenas curiosidades sonsas, bichanices, falacias sôstras de soalheiros, alguns rodopios do *Vira*, no pateo, na plangencia das violas e gulosa pedinchice das comadres.

Ana não podia amar aquele velho galante a revelar-se-lhe (**) em todo o bastidor de seus arranjos em que julgara iludil-a e ali, no recato da aldeia, frente a frente, em intimidades constantes de marido amigo do aconchego burguez maior devia ser o desespero da recemcasada por obediencia. (***)

Habituara-se, depois, a vaguear pelas ruelas, a entrar nas cabanas dos pobres, a fazer bem, a procurar nas solidões o seu repouso porque o marido nem sempre estava à sua beira. Quando o inverno chegou recebeu encontrar-se na sua casa do Porto.

(*) «Em uma tarde de Agosto de 1857, subia eu o monte de Santa Luzia, situado na proximidade duma casa de campo, distante cinco leguas do Porto, aonde eu costumava passar o verão. Gosava ali naquela solidão, de que eu depois tinha saudades, a liberdade de caminhar só e ao acaso de meus devaneios».

Ana Placido — *Luz coada por ferros*, pg. 173.

(**) «Destes (maridos) ha algum, vetusto arrapazado, que sob o patronato do Baquet ou do Augusto de Morais (1), deixa a esposa tristemente desiludida, vendo-o em trajes domesticos na primeira tarde dessa celebrada lua — saudosa para tantos como amarga para outros — e à qual uma das nossas primeiras elegantes penas chamou, entre muitas, lua de jalapa».

(1) Alfaiates notaveis no Porto.

Ana Placido — *Luz coada por ferros*, pg. 16, 2.ª ed.

(***) «Vês àlem aquela mulher de trinta anos? Foi uma martir da obediencia filial».

Id. Id. Id., pg. 109.

O companheiro de infancia devia procural-a e querer vêl-a, escrever-lhe, sondar o seu coração. Chamava-se Antonio Ferreira Quiques, (*) estivera empregado na repartição distrital, de onde saíra por questões de serviço e ia emigrar, dizia-lhe. Sofrera muito e ela quereria consolal-o em suas dôres, lenitivar-lhe seus males como uma irmã.

Outro, porem, devia perturbar sua alma de amorosa, o mesmo que se a deixava em paz não a podia esquecer pois à sua desventurosa vida aludia em quasi tudo quanto (**) publicava nesse tempo, bem como mais tarde de sua recordação teceria saudosos trechos.

Envolvia-a nas novelas com nomes diferentes, (***) aludia á sua amargura e á dela umas vezes nos antigos rompantes insultadores para o pai burguez, vendo em tudo negocio, outras em satiras pungentes em que enovelava todas as mulheres, para logo se sacudir nos lamentos e soluços.

Passava do lirismo em que a cantava ao horror do acto praticado pelos seus:

Sobre o seio arfando em ancias
pende a fronte fulminada
Ouve um grito é a consciencia
que lhe diz: «foste comprada» (****)

(*) «Apezar de o chamarem «meu desposado» Antonio Augusto estava no meu pensamento como qualquer dos meus irmãos».

Ana Placido romantisa esta figura na *Luz coada por ferros*, 2.ª ed pg. 193, dando-lhe até o seu nome de Antonio.

(**) Uma paixão aos 23 anos — escreveu Camilo insistindo sempre nesta data — no homem que envelhecera, fatigado de abalos e desastres, etc.

. . . . . .

«Foi na noite maldita daquele baile. Achei-me na presença daquela mulher».

. . . . . .

«Não podia ser minha . . . Venderam-na! Vítima humilde beijou as mãos ao sacrificador».

. . . . . .

«Nascera debaixo do sol europeu, nutrira o espirito da seiva do livro de Jesus, julgara-se emancipada da servidão ignobil, vergonha das nações incultas e aqui fizeram-na odalisca, serva de harem, segregada do mundo espiritual e posta aí no muzeu de regalos, como cousa que representa um preço, um capital, uma propriedade.

«Era pobre fizeram-na rica! Deve ser escrava!»

Camilo Castelo Branco, *Um livro*, 2.ª ed., pg. 229, 230, 231.

(***) Julia sentara-se ao pé de mim triste como Raquel (1) e silenciosa na sua angustia como a viuva de Naim.

(1) Chamou inumeras vezes Raquel a Ana Placido aludindo á mulher da Biblia relembrando os tormentos que Jacob passou para a despesar servindo humildemente a ganancia de Labão.

Camilo Castelo Branco — *Um Livro*, 2.ª edição pag. 232.

(****) Idem, id., id. pag. 234.

e do verso saltava, numa risada, para a prosa, assinando o que intitulava jocosamente, no *Jornal do Povo,* (*) *Revista dos Dois Mundos,* com um pseudonimo picarêsco: Anastacio das Lombrigas.

«A mulher . . . amei-a com um vívido ancear de velho por volumosa pitada de simonte! Amei-a com os labios, com os olhos, com as entranhas e com este meu reumatismo agudo por noites de tormentoso inverno.

. . . . . .

«Em tardes de primavera (oh!) eu, com ela enroscada no pensamento, sentava-me nas escadas da Trindade. Os sinos badalavam-me canções prenhes da tristura e saudade.

«Era delicioso, ouvir, então, cá dentro do peito, o melancolico badalo da minha alma a dobrar por defuntos.

«E bem defuntas eram, então, as minhas crenças.

. . . . . .

Ao inaugurarem-se os bailes da Assembleia nesse inverno, declarava para que ela o soubesse:

«O baile da Trindade foi para mim uma seara de ilusões vivas e verdes como viçosas aboboras meninas. Foi lá que eu, viçoso repolho de amor, desabrochei ao sol da esperança. Lá murchei pendido como um morrão de torcida em lampada de sepulcro». (**)

Dizia-se interessado por certo «vestido azul com xadrez branco», jungido a um corpo de «jaspe escaldante», declarava ter visto «a mulher mais linda da terra» misturando sensações do presente com lembranças do passado.

Tomava-o uma crise mais viva e punha-se a contar que um «brazileiro» vira uma menina formosa a entrar para casa de seu pai, negociante de panos. O dialogo travara-se entre o amorudo e o fanqueiro:

«— Esta menina que entrou é sua filha?

«— Sim senhor . . .

«— Quero casar com ela.

«— E o senhor quem é?

«— Aí está o meu nome. Informe-se. Cá venho à tarde».

Voltava e perguntava, assomado e lascivo:

«— Então que ha de novo? Dá-me a rapariga ou não?

«— Sim senhor. Quando quizer».

«Deveis saber, leitores da minha alma, que a pobre menina era muito amada e amava muito um outro homem. Amores frageis e quebradiços de coração — amores vinculados apenas por liames afectuosos de alma, quebraram-se ao peso de cem contos de réis, — e ela, a coitada, como se diz nos solaus, lá foi maneatar-se ao seu poste

(*) *Jornal do Povo,* 21 de novembro de 1850.

(**) *Jornal do Povo,* 21 de novembro de 1850.

de curo; e ele, que eu não sei quem é, por aí andará sceptico, descrido e mal ferido em suas crenças como homem que não tinha em terras de Santa Cruz grangeado bom cabedal na inocente e inculposa escravatura. (*)

Vivia assim destemperadamente; procurava estonteamentos, não faltava nos outeiros, em Santa Clara, em São Bento da Avè-Maria em cuja grade ia encontrar uma nova ligação e numa locanda, de portinha baixa, engastada, quasi, na fabrica religiosa, os vinhos, as geropigas, os licores com que os poetas se consolavam quando falhavam os mimos da reclusa.

A freira que o prendia, pelas mesmas razões de distracção das outras, chamava-se D. Izabel Candida Vaz Mourão; o locandeiro Frutuoso José da Silva Aires, homem de trabalho e probo cuja unica ambição era educar os dois inteligentes filhos (**) embebedando os viciosos.

Embriagados, porém, andavam os poetas com os olhos das monjas a ponto de se provocarem em rixas e pugnas à conta de motes e de competencias poeticas. Trasladada a questão para os jornais, Camilo, que se sentira atacado por Antonio Aires, alarmara o Porto com a revelação de ser da autoria deste certo poema intitulado *As Comendas*, no qual se bexigava cruelmente a nata dos comerciantes: O Alpendurada, das necedades; o Trindade, dos foguetes; o Massarelos, do contrabando; o Moser, da rebeca, o S. Lourenço, o da alfandega, um alfobre rico de barões e ricaços cuja influencia na praça prejudicava o pai do jocoso versejador seu critico.

Essa pugna acicatara os nervos do escritor; as suas relações com D. Maria Browne renasciam, no mesmo platonismo. Ou ela as reprovocara ou a cidade atribuira, no seu falsete anonimo, intimidades maiores do que as existentes entre a preciosa e o literato.

Mesmo pelas friagens de dezembro Camilo ia aos abadessados sob as grades de Santa Clara, iluminadas a capricho, e louvava a sua religiosa de S. Bento.

Ela devia segural-o e excital-o pelo acarilado aperitivo do habito, da touca, das prendas de sereia de côro, de acatitada e romantica monja. Parecia um dos poetas da Arcadia — como esse pobre Bingre, de nariz roxo que esmolava no Porto e fôra amigo de Bocage; — ressuscitava na decadencia das clausuras os saraus de fidalgos e sóreres.

Defrontava-se com o convento a rua do Loureiro, visinha da velha Sé e os moradores, em noites de outeiros perdiam os habitos de se deitarem, à hora das galinhas, e ficavam a ouvir as gargalhadas dos vates e a andada lenta da patrulha da municipal nos seus grandes capotes e num rumor de armas. As freiras iluminavam as grades com tijelinhas de côres, lampadas e lanternins, e, de lá de cima, enfeitiçando os concorrentes atiravam-lhes olhares ternos e os motes num grande rossaibo de côrte, de tradição e lamechismo.

(*) *Jornal do Povo*, 7 de Novembro de 1850.

(**) Foram o lente da Escola Medica dr. José Frutuoso Aires de Gouveia Osorio e seu irmão Antonio, lente da Universidade, duas vezes ministro, bispo de Bethesaida e arcebispo de Calcedonia, um grande elegante mesmo em vestes talares.

De quando em quando, como nas festas celebradas de Olivelas e da Rosa apareciam enormes bandejas de doces magnificos, de amendoa, de ovos, os sonhos afamados, guloseimas eclesiasticas com que as bentas tentavam empanar a reputação popularisada do manjar branco e dos pasteis das de Santa Clara sob cujas rexas os versejadores tambem se esgalgavam amantes, inspirados e gulosos.

S. Bento de Avé Maria era, porém, mais rondado por Camilo e seus cumplices dos namoros sacrilegos; olhavam as paredes altas, escuras, pelas noites como se gosassem em sentir o eco vago das reuniões poeticas. Vinham de lá como chamamentos amortecidos; um vozear sobressaltado, em estrangulamentos. Eram os papagaios das moças de côro e das noviças seculares e professas, acordados por algum ruído mais forte, a interpelarem-se em risadas, em gargarejadas frases, quebrando os sonos e a regra da casa fanhoseando à laia de madres octogenarias.

Detinham-se os noctivagos na tasca rentinha com o miradouro por detraz de cujo balcão ressoavam as tairocas do senhor José Fructuoso, do pai dos inimigos do bando, dono da quintanda mais frequentada da Porta dos Carros. Servia-lhes vinhos da Companhia a seis vintens quando o Guichard lhes levava um pinto, genebra de Holanda e aguardentes arrasantes. Fechava cedo, um pouco além dos toques dos *mariolas*. Eles começavam a deambular mais à vontade, na espessura embreada quando o luar coado pela eterna neblina da cidade, não alargava manchas scenograficas sobre a vetustês das muralhas, torres, templos, todo o arcaísmo do burgo.

Entravam no teatro de S. João a afrontar os *schius*, os protestos dos que gosavam a opera com atenções de pasmados, querendo desforrar-se do dinheiro gasto, muito chorado. Outras vezes quedavam-se à porta olhando os veículos a descobrirem os pertencentes às suas queridas do momento.

Galegos de capotes de dois cabeções e chapeus altos para a nuca, os portadores das cadeirinhas, descalçavam as luvas de algodão e roíam nacos de brôa conduitados de toucinho ou de cebola, sentados nos varais, no intervalo do frete; bolieiros fadistas, tilintavam as esporas metalicas, o penante à banda e a perna, vestida no cano da bota alta, vergada com o pé cambo, à facaia; os bois das pesadas maquinas do Oliveira — os carrocões onde se arrumariam as familias — remoiam rações de palha milha, descangados, babando-se e piscando os olhos à iluminação da fachada em gala.

Se adregava uma vaca dos carrões particulares mugir saudosa da abegoaria, logo, como num côro à ruminante prima dona, os bois alteando as pesadas cabeças as estorciam expelindo das gargantas profundas retumbancias cavernosas. Os servos erguiam-se dos degraus das escadas destinados à subida dos passageiros e de aguilhões altos, increpavam o gado. Se chovia às bategas desembostava-se a frente do teatro, de contrario ficava a portaria atapetada de escorrencias e detritos da arribana.

Os janotas, sob as luminarias, mostravam-os *paletots* à *President*, as calças de xadrez, as mantas à Joinville muito em moda com as capas de gola de peles bandadas de veludo, derradeira reminiscencia dos rebuços das aventuras do seculo anterior.

Pela orla destes abrigos passava, à laia de ponta de espada moura o encastoado

de chifre recurvo das bengalas, presas aos pulsos por correias fortes e que depois de esmocarem o adversario o continham em respeito no bico agudo dum punhal de dois palmos, saído do castão num impulso de mola de bom jogo. A arma de Camilo, era pois um mixto de cacete e baioneta.

Fôra num dos corredores dos camarotes que o escritor, em certa noite, dera muito que falar de si, acrescentara à sua má reputação mais a balda de desordeiro decretada pela gente seria, de peso, de boas normas: sua inimiga.

Se consentiam a um morgado a desafronta rija, censuravam o arranco nos desnobilitados levando-o á conta de desordem de gente ordinaria, de carrejões ou matulos da Ribeira sempre em unhas da policia. Descadeirar um adversario em publico, derrubá-lo à cacetada num teatro ou num jardim constituia pécha de monta e dava falatorio para quinze dias na Praça Nova onde os «brasileiros», intercalavam de ahs! prolongadas as narrativas, tilintando nas algibeiras chaves e libras.

Camilo andava num periodo de nervosismo agudo. Jamais voltara o rosto a um adversario apesar de fraquito, nem deixara sem resposta quem se lhe dirigisse. Por causa da freira que requestava, um jornaleco *A Patria*, esporeara-o numa troça movida pelo seu redactor João Augusto Novais Vieira. (*) Era um pasquineiro banal servente de todas as protervias para as quais fosse precisa uma mal apurada pena em vez duma sevilhana amolada. Como todos os subalternos empeçonhava-se em invejas dos esclarecidos espiritos. Pertencendo a uma familia miguelista desesperava-se ante o desdem dos fidalgos que o viam com sua pesporrencia, seus charutos remordidos e suas alcunhas — o Novais *dos Reportorios*, porque até fazia folhinhas, e Novais *dos Oculos* pelas lentes fortes usadas por sua miopia — sem lhe darem atenção. Julgavam-no como seus avós, havia menos duma duzia de anos, aos vates que lhes serviam sonetos muito veniosos, de habito de Cristo ao pescoço, melifluos à espera das trouxas de ovos da sobremeza. Lidara na arte tipografica, enchera-se de ambições, pretendera hombrear nos outeiros com os literatos que o desdenhavam e ensaiava com os almanaks, um grotesco romance historico: a *Marquesa de Camba*.

No fundo não passava duma consciencia de aluguer, dum desses castrados da literatura que se empavesam em atitudes varonís. Como prosador bosquejava em decalques reles a novela pessima, como poeta anunciava-se, deste modo numa composição:

O Parlamento e a Imprensa

em parte original, em parte imitada, em parte traduzida do francez por Novais Vieira.

Guerreando Camilo embuçava-se no anominato. Escolhera, porem, um momento pessimo. O literato que desafiara o Porto, o arrastara, atacara directamente os seus ricos homens, desde os que faziam casamentos até aos que davam esmolas com a

(*) No livro do sr. dr. Antonio Cabral *Camilo Desconhecido* descreve-se a rixa a pags. 280 e seguintes.

instrumental do elogio das gazetas, sentira-se entediado ante as verrinas sujas. Ele, que combatia rijamente, em alto diapasão e prosa ressonante, não compreendia que o pretendessem ferir com uma arma de vileza. Não considerava escritor quem lhe aludia em termos semi-obscenos. Como um paladino do seculo anterior, diante dum soldado raso dos terços mercenarios, não floreava o seu espadim.

Tinham-lhe chamado «cavalheiro industrioso de sórores» numa alusão ignobil á *Sóror Dolores* da qual diziam já «não pinga tanto como dantes» tendo ele, por isso, alvejado outra *sóror . . . sóror* verdadeira, porque é na realidade enclaustrada.»

Vinham acusá-lo de rufião, alfinetavam-no num epigrama pifio, ao seu pseudonimo e ás suas relações intimas:

Fez-se o Lombrigas, *alvar*
Um verdadeiro «portento»
Descontou a «Sé» ao «Carmo»
Tudo em louvor de S. Bento (*)

Com efeito andava iscado numa ligação com a monja na qual encontrara os atrativos do defezo. Ela ia nos quarenta e tal anos, mas, a Browne tinha tantos como o seculo pois nascera em 1800. Em sóror Isabel Candida as graças que lhe encontrava deviam estar nas vestes, nas abstinencias do sexo, nos rigores claustrais, talvez mesmo na sua altura, no buçosito, na pele trigueirona. (**) Porventura os romanticos devaneios de sua alma enjaulada num peito desamoroso até então, suas conversas cultas — porque as tinha — a bisbilhotice conventual, aqueles enredos de gaiolas de mulheres de corações esmagados, constituiriam, de começo, um entretenimento para o desespero do escritor e depois um habito, com seu saibo de preverso pelo sacrilegio de a ter em seus braços.

Visitava-a em S. Bento de Avé Maria; naturalmente ela corrompera os «tachos», as moças de servir, deixara-lhes o encargo da comunicação depois do salto pelo muro alto, por banda da estalagem do *Cantinho*, e no seu egoismo da idade mais perigosa das mulheres, devia desejá-lo para si, no recato daquele amor proíbido.

Arranjava manhas para saír do mosteiro, idas a ares, anos de parentes, doenças subitas para estar junto dele e quando regressava devia vir mais desiludida. A freira só interessaria na cela visto os acicatantes perigos a correr para se lhe achegar, o ambiente, ainda a poesia arcadica e fidalga, evocadora de Odivelas, a coar o prosaismo dos beijos quarentões.

(*) *Patria*, 21 Janeiro de 1851.

(**) O ilustre escritor Alberto Pimentel conheceu-a depois de 1865, isto é, a doze anos ou mais de distancia dos amores com Camilo, e achava que «conversava com animação e espirito contando casos do convento e casos da cidade como se conhecesse estes tão bem como aqueles. Mas a freira era velha e feia — continua aquele autor — trigueira, angulosa e alta, tinha a voz forte, um nariz respeitavel e sombras de buço.

Alberto Pimentel O *Torturado de Seide*, pag. 26.

Aquela vida, toda de paixão romantica pela filha do Placido, dessedentada em caricias de outras, levava-o ás tunas de noctivagos; seus padecimentos de corpo não o detinham na furia de se atordoar.

A D. Eufrasia, sua hospedeira, rodeava-o muito carinhosa ao vê-lo enfermar a miudo. Chamava-lhe «emplasmado» (*) e isto na sua bôca era duma doçura familiar, meiga. Dedicara-se-lhe desde que o conhecera, havia dois anos, fazia-se sua serva e mesmo quando ele não habitava na rua do Sol numero 8, a moradia da confidente, via-o chegar a visita-la frequentemente e aninhava-se lá á menor dôr, muito á vontade. Associava-a a casos de tomo; contava-lhe a sua vida, numa larga necessidade de expansão, crente em auxilios pessoais, achando-a capaz de sacrificios. Quem sabe se uma afeição mais forte — anichada nessa alma trabalhadeira — não era o que a subjugava a seus caprichos como a Mariana (**) do romance, depois imaginado, se dobrava aos desejos mais extranhos de Simão, o de muito amor pela terna Teresinha!

Devia, porém, ser de mais prosaísmo. Tinha uma filha nascida duns amores e que tambem tratava do escritor mas com menos cautelas. Ele classificava-a de estupida. (***) Queria, porém deveras á mãe; com generosas palavras a incorporava na «especie de familia que não posso amputar da minha alma afeta e agradecida. Falo da Eufrasia e da minha filha.» (****) Deixava-lhe entregue a creança; narrava-lhe os seus segredos, melhorava com as suas atenções de enfermeira e quando se despedia via-a chorosa.

Tinha-a como uma cousa sua; empurrava-a a extremos, fascinava-a, tornava até, intermediaria de seus voluveis amores aquela a quem chamava a D. Eufrasia, denunciando neste tratamento, ao menos, antigas medianias, trambulhadas, decaídas. Sabia muitissimo da vida dele; embrechara-se na sua intimidade e não extranhava as arremetidas de seu genio violento que, geralmente o levava a escorchar os adversario com a pena.

Desta vez, porém, deliberara descadeirar o atrevido á bengalada.

Nessa noite, o romancista, decidido a bater no foliculario, topara-o já nas mãos de D. Luís da Camara (*****) ofendido, tambem, pela folheca. Quando este lhe atirou o ultimo empurrão Camilo deu-lhe bengaladas até que o seguraram. O agredido recorreu para a policia e a burguesia desembestou contra o castigador.

É que mesmo nas visinhanças do tribunal tentara de novo esmurrar o queixoso.

(*) *Nas Cem Cartas de Camilo* a Barbosa e Silva, anotadas por Luiz Xavier Barbosa, pag. 15.

(**) *Do Amor de Perdição*

(***) Camilo — *Nas Cem Cartas* pag. 127 «a estupidez da filha da D. Eufrazia a quem a mãe já transmitiu quatro solenes bofetadas»

(****) Idem, idem na de 25 de maio de 1857.

(*****) D. Luís da Camara era, segundo o sr. dr. Antonio Cabral, o mesmo que chegou a par do reino e a ministro. Devia ser nesta epoca da questão com o Novais capitão do estado maior. Frequentava muito os palcos, foi escritor militar de nomeada e casou com a grande actriz Emilia das Neves e depois com D. Ana de Albuquerque, a qual tambem foi artista no teatro D. Maria II.

Foram presos e o processo seguiu para juizo (*), sob o alarido dos portuenses do trafego.

A fama das suas desavenças começava a irritar tanto como a dos seus amores Não bastava já aquele bichanar àcerca de tão grada senhora, como era a Browne, apareciam ainda as culposas e impias relações no mosteiro da Avè-Maria e o acrescimo das zargunchadas ao casamento de Ana Placído! Todos aqueles insultos aos lidadores da cidade trabalhadora, as suas acções, o seu desplante alvoroçavam os pais de familia. Deste momento da desordem em diante apareceu como um demonio só em maleficios embrenhado. Andava nas mãos da policia. Além da queixa pelo espancamento, fôra-lhe promovida, pelo autor das *Comendas*, uma querela; falava-se dele com odio e gargalhava-se em furia, num descomedimento repulsivo, quando o *Jornal do Povo* (**), que anunciara a matricula do polemista, no seminario episcopal, publicava os folhetins de *Anastacio das Lombrigas*.

Chamavam-lhe mais do que nunca sacrilego e impostor, e ao verem-no com a sua andaina de casemira Albert e chapeu alto novo perguntavam a si proprios como pudera dar entrada nas aulas de tão pio estabelecimento semelhante corifeu de valdevinos.

Que singular padre ele seria com o cão enorme atraz dando, pelo romantico nome de *Martirio!*

Comentavam-lhe a decisão porque ele ainda se ficava, com o seu bando, a vêr nas saídas dos espectaculos, as meninas roçagando as tarlatanas, de capas amplas e lencinhos brancos sobre os artificiosos penteados, espreitavam as subidas para as seges e carroções, gulosos do começo das pernas enfitadas a negro sobre as meias alvas; seguiam o marche-marche dos mariolas sopesando os varais e dos escudeiros de lampeão aceso, a derreter cebo, esfurancando a treva que a purgueira municipal e as lampadas dos nichos, mal feria tornando-a em seus vasquejos dum arroxeado sinistro.

Por todas as ruas um poucochinho mais cedo, como numa fantazia necropolica de fogos fatuos, surgiam luzernas; visões leves pareciam adejar, pirilampavam, sumiam-se, reapareciam e evocava-se um quadro de cemiterio com avejões procissionando suas tochas, ou saltitando em seus macabros meneios. Eram as familias que voltavam das assembleas ou reuniões; ouviam-se vozinhas suaves cortando outras mais cavas: Adeusinho! Adeusinho! E num ribombo as dos pais: Bôa noite! Não se constipem...

Depois batucavam as solas das botas fortes, escorregava-se nas lages, com medinhos, e tudo aquilo se perdia nas escadas, atravessava as ruas e sumia-se, ficando a criada a apertar o morrão da lanterna nos dedos molhados de saliva. Batiam com as portas nas caras dos basbaques quando não eram suas cumplices. Eles iam, dar a sua volta pelas casas de jogo dos dados, de esquineta e sob as manchas fortes da

(*) Foi anulado o processo na Relação em 29 de Abril de 1851.

(**) *Jornal do Povo* de 9 de Novembro de 1850.

luz espalhada num fulcro pelos *abat-jours* de lata olhavam os gestos gananciosos, as pintas dos cabositos, as unhas sujas dos parceiros. O resto dos vultos mergulhava na sombra vaste. Alteavam-se disputas, desordens por causa de naipes sumidos com pêgo pelos espanhois da banca, de ares matreiros; tilintavam libras sonoramente e creados de rôstos viciosos serviam *punch* e aguardente de contrabando.

Tambem, em noites de mais desabafo, e de abonada bôlsa, iam de batida nas seges da Angelica Carneiro.

Algazarreavam quebrando o silencio e recaíam em tristuras quando luzes de cirios, de lanternins esfurançavam o espaço: ou era um funeral ou o Santissimo. E eles curvavam as cabeças loucas emquanto os cortejos se perdiam no nevoeiro e depois iam assistir à abertura das bodegas *de Cima da Vila,* rivais do Pepino do botequim e quando a madrugada mostrava com o seu ultimo bocejo, o esboço de seu primeiro sorriso, os esturdios sob a nebelina a fundir-se, embrulhados nas capas, escutavam o matraqueio dos tamancos, meditabundos, bebados de ideal, de sono, de vinhos e comoções.

Passavam, para o mercado do Anjo, as padeirinhas de Avintes, muito desnalgadas, as cintas a quebrarem-se, musculosos os braços de remadoras, cestinhos à cabeça no tique taque das chinelinhas de verniz, e deixando um perfume de brôa quente; lavradeiras de cordões grossos carregavam ortaliças frescas e os homens apressavam-se levando os garotitos para a faina os saquitos do almoço e num tilintar de ferros, jungidos dois e dois, marchavam os forçados para o calcetamento das ruas. A soada tropeante dos socos de obreiros subia como uma ordem de despertar, um rufar dos tambores do trabalho nas alvoradas neblinosas que pareciam ter vindo com os britanicos para o Porto numa conquista londrina sob a luz de Portugal.

Mas daí a pouco tingiam-se de roseo e oiro as velhas muralhas, rebrilhavam as rosaceas conventuais, iluminavam-se os Clerigos, a Sé a serra, os montes dalém até aí afogados no nevoeiro e o Douro, surdindo como dum cortinado de rendas caprichosas e niveas, alongava-se em azul tracejado pela ponte pensil, diante dos paredões da Ribeira com seus casebres de bocarras negras como sequiosas da agua loira do rio. Os zimborios, os monumentos, os muros de Cima de Vila, da Porta dos Carros, os edificios, despojados das sombras, fréchavam-se de luz nos bons dias ou carranqueavam tristuras nas invernias aborrecidas.

Alteavam-se os pregões pelas congostas, as criadas punham as canceilinhas verdes nas portas, saracoteavam-se as costureiritas, em suas capas de três bicos, caixeiros açodavam-se, ingleses, em largas passadas, de cachimbos nos dentes, avançavam como maquinas para os escritorios, para o ganho. Tilintavam os sinos anunciando as missas pobres e o Porto acordava, agitava-se na sofreguidão da labuta.

Os poetas bocejavam e iam deitar-se tontos de amores, de quebreira, de ilusão, cacharoletados em fermentações de vinhos finos e afamadas bagaceiras.

Camilo quando era acordado às onze horas da manhã perguntava, indignado, porque o despertavam «antes do romper do dia.» (*)

(*) Vieira de Castro — Vida de Camilo Castelo Branco, 2.ª edição, pag. 129.

De certo tempo em diante, nesse segundo mês do ano, o escritor mudou de procedimento e de trajo. Encontravam-no de olhos baixos, a luneta sem cordão, envergado numa roupa negra ou numa especie de levita. Eclesiastico no porte, modificado até na voz e no andar, parecia ter sofrido, a subita, alguma extranha influencia. Mal se acreditava na transformação; quasi o encaravam como um farcista a fingir-se tocado pela graça. Punham muito de reserva as suas ideas e os seus modos.

Por feitio jamais se coadunara à disciplina. Nas aulas que frequentara no Porto, como preparatorios para a Universidade, cabulara. Aprendera gramatica e latim, francês, filosofia moral e racional e com esta bagagem, alem da anatomia, que lhe agradava, abrira matricula na Escola Medica e na Politecnica. Em vez de se agarrar com alma ao bisturi e às retortas preferia-lhes o violão; e o lente, o antigo egresso Joaquim de Santa Clara Sousa Pinto se não lhe escutou as serenadas tambem não lhe palpitou a sciencia. Costumava fugir, de cocoras, por entre as bancadas, ancioso de ar e da luz falhados no ambito do estudo impregnado dos acidos e da palavra do frei, escurecido mesmo nos dias de sol, por uma grande saudade de deambulismo das ruas e dos olhos das costureiras amadas pelo escolar.

Um novo frade, expulso de seu convento, benedictino e, como todos os da sua ordem, douto e grave ia ser o professor de quem tentava reabilitar-se mais aos proprios olhos que aos de seus criticos, embrenhando-se na religião. Começara a canta-la em seus versos e embora eles não fizessem prova em exames, deviam predispòr os mestres a seu favor.

O reverendo Antonio Roberto Jorge, ex-egresso e conego capitular, prégador e sabio, ensinava no seminario desde que se fechara a sua cela, e em nome da liberdade, fôra atirado para a miseria.

E' crivel que o bondoso sacerdote ignorasse os hororres da vida profana do seu discipulo de ares tão contrictos a penetrar com unção na casa religiosa.

O Seminario Episcopal era visinho do paço do bispo; os alunos entravam gravemente, ficavam-se a escutar os professores que repuxavam a sciencia e as ventas simontadas. Ele voltava-se para Deus, enaltecia o padre, rejubilava com leituras sacras e todo dominado, pelo seu luto de alma, encontravam-no de cabeça baixa a passear entre as arvores do Candal, onde amara uma costureira, ou a olhar para Gaia quando erguia a vista, contemplando as casinhas brancas, ouvindo correr as aguas. Estava muito mudado. A sua face parecia mais palida no realce do negrume da veste. Cantava Deus, a Virgem, resava Avè-Marias, muito agarrado ao latim, a alma perdida da terra, volvida para o ceu. Ia fundar-se um semanario, o *Cristianismo*, e nas suas paginas verteria lagrimas ante o Altissimo, ensimesmado numa ansia de purificação.

As suas composições poeticas eram como um balsamo derramado nas proprias feridas, aquele desejo de renuncia ao mundo levava-o a imaginar-se já na vida religiosa, sagrado sacerdote atirando o seu sermão literario ao Porto ajoelhado. E quem sabe, se confusamente, no seu torturado espirito, ele não a veria a ela, à Ana Placido, que não podia olvidar, prostrada tambem chorando ao som das suas palavras de bondade, separada dele para sempre como num romance triste. Para se despedir

dela, para se lhe recordar, nesse mesmo ano, publicara o seminarista, o seu primeiro livro de versos. Era muito profano; chamava-se *Inspirações* e a dedicatoria abonava pouco seu zelo eclesiastico. Seria, aos olhos dos crentes, como a derradeira tentação do demonio ao que desejava tornar-se um eleito, um padre e como ele dizia — um dos destinados a erguer «o facho da verdade».

Oferecia-o a A***, que não era, decerto, nenhuma santa do ceu, embora a guardasse no seu coração como num sacrario. A***, formosa como as imagens, chamava-se Ana e estava casada; escrevera mesmo algumas cartas ao seu companheiro da infancia, que se lamentava não a vêr amal-o como ele queria.

Já muito do fundo do seu peito, era para Camilo que ia a sua paixão. O outro fôra apenas um dôce passatempo; os olhos que lhe tinham dito «vivel» não os esquecia, embora não os tivesse tornado a vêr senão de fugida, e assombreados por aquela resolução de renuncia, cativos das cousas divinas, como se depreendia de sua tristura. Mas como sentia assim, se ainda à mulher querida consagrava a obra de seu espirito?

São teus os carmes que escrevo
Teus, meu anjo inspirador,
Tu me inspiras na alegria
Tambem me inspiras na dôr.

Dizia-se repassado de fel ao traçar aquelas trovas que não eram dele, pois que «eu nada tenho àlem do teu amor».

Guardava-o já como uma certeza, a tão curta distancia do noivado dela e em que se convencera da sua victoria moral. Não esperava, porém, tornal-a sua e daí essa volteface para Deus, renunciando «às outras», querendo mostrar-se-lhe fiel.

Sonhei-te errante sombra! eu vi-te a imagem
Envolta nos arminhos transparentes (*)

Assim se lhe dirigia e logo se enleava nas Hossanas (**) parafraseando os sete salmos penitenciais, dando o seu frenesi às belas visões biblicas e dedicando tão dôces versos a outro dos seus professores, o reverendo Baltazar Veloso de Sequeira.

É que ele não estudava; visionava-se a receber ordens e a admirar os incredulos, mas faltava às aulas, não abria os livros das disciplinas, desdenhava as lições preferindo ao curso a sua inspiração, os frutos do seu talento a Deus votado, em prosa e verso, bem como a Maria Santissima e à morte de Jesus:

(*) Camilo — *Inspirações.*
(**) Idem — *Duas Epocas da Vida*, pg. 259.

Julguei pela dôr dessa mãe carinhosa
Que espada no peito da Virgem desceu
Ao vêr que seu filho, voltando-lhe a face
Sucumbe ás torturas, perdôa, morreu.

Se para ser sacerdote bastasse poetar e defender magnificos arroubos religiosos ninguem ganharia mais direito á tonsura na Santa Egreja. Não conseguira apuramento nas aulas, dera quarenta e oito faltas, (*) e dirigia-se ao seu professor, ao qual não pagara, solicitando uma certidão com a nota «muito bem.» Conseguia-o pela imensa bondade dos reverendos, pelo desejo de verem nas suas fileiras semelhante engenho e, sobretudo, porque o governo autorisara o perdão de actos aos estudantes de todas as escolas de Coimbra e Porto.

Dera-se um grande acontecimento politico. Saldanha, rebelado contra Costa Cabral, sentira-se abandonado pelos regimentos e tomado da certeza da derrota, o cabo de guerra retirara-se para Lobios, na Galiza. Porém, mais uma vez a sorte o devia acalentar. A guarnição do Porto revoltara-se e chamara-o; as tropas que acompanhavam o rei D. Fernando deixaram-no com alguns ajudantes e duas ordenanças e o marechal triunfante, sem combater, vencedor, o velho chefe, pela reflexão do exercito entrara em Lisboa. Os capotes de dez moedas tapetaram-lhe o caminho; as mulheres lançavam-nos para debaixo das patas do seu cavalo. O povo aclamara-o delirantemente. D. Maria II chorava de raiva ao senti-lo senhor do destino da politica. Iniciara-se o movimento chamado da Regeneração.

Por isso, os escolares eram dispensados dos exames e Camilo ganhara acesso e direito a ordens menores. Era a sua regeneração.

Antonio Ferreira Quiques, grande inimigo dos Cabrais, fôra nomeado, após a vitoria, ao que se garantia, comissario geral do exercito do norte. (**)

Em vez dos dias sombrios da emigração apareciam-lhe honrarias e proventos. Ana Placido reincidiria na falta de lhe escrever: desbastar-lhe-hia os sonhos lentamente até que a soubesse apaixonada por um verdadeiro poeta.

Neste ano, Camilo colaborou mais assiduamente no *Cristianismo* do que nas gazetas profanas; requerera do bispo o iniciamento de minorista e ela — a amada — devia sabê-lo, visto largamente, o Porto comentar semelhante resolução.

Vivia retirado (***)em Vilar do Paraiso, e, sentindo-se numa antecipação da bem-aventurança, integrava-se nos livros santos, prendia-se, com o fervor de todos os neofitos por fé nas novas ideias que o refrigeravam preparando-se já para, no futuro,

(*) Documento E

(**) «Foi nomeado chefe do comissariado do exercito de operações o sr Antonio Ferreira Quiques. A nomeação foi acertada; o sr. Quiques reune a uma grande probidade muita pratica e inteligencia.»

(Do *Nacional*.)

(***) Vivo muito retirado: casa, aula e convento — não tenho outra vida.

Camilo *Cem Cartas* a Barbosa e Silva — por L. Xavier Barbosa, pag. 105.

anotar na sua letrinha bem talhada, a *Nouvelle Vie de Jesus*, de Strauss, em curiosidades doutas. (*)

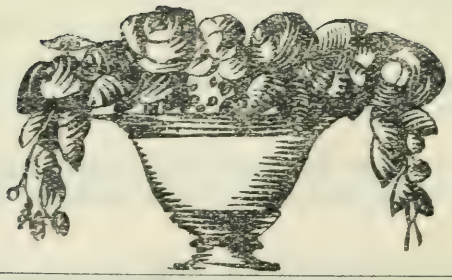
Por vezes, porém, no meio das suas alucinações histericas devia ser só o produto duma sugestão romantica. Praticava um acto novelêsco mais do que os rigores do dogma; prendia-se a um celestial enleio filho da sua mente de romancista e abandonava as praticas do ritual.

Confundia os seus pesares de amor com uma vocação decidida de se dar á Egreja. Ser padre equivalia á renuncia dos beijos, a um suicidio moral.

Tudo isto não aparecia assim aos olhos da mulher provocadora de tanto desespero, a qual sentiria na dedicação da vida antiga do boemio tumultuario o palio erguido dum grande, dum soberano, dum inegualavel amor.

O lirico da religião amava-a como ás inacessiveis aspirações muito adoradas, emquanto não se materialisam. Jurava cortar as suas pecaminosas relações com a sóror Isabel Candida.

Resava a seu modo como os poetas oram, num rosario de fantasias, e ao pronunciar as lindas silabas que dizem «cheia de graça» não saberia separar a sua paixão humana do culto pela divindade.



Casa de Ana Placido na Rua do Almada, 385, Porto

IV

DESTINOS DE TORMENTAS

NAUFRAGIO DO VAPOR «PORTO» — MORTE DO PAE DE ANA PLACIDO — FERREIRINHA DA REGUA E A CATASTROFE — ARDIMENTOS DE RICARDO BROWNE — DUELO DE CAMILO — DEFEZA DO CONDE DE BOLHÃO — COMO OS VERSOS VENCEM — UMA PERSONAGEM TRAÇADA EM VARIOS LIVROS — «POESIA OU DINHEIRO» — «MENTIDAS COMO A ONDA»

ANTONIO José Placido Braga aceitara ir a Lisboa, a pedido do genro, do *Ferreirinha*, cuja demanda com a mãe andava em maus termos. Naturalmente confiava mais na procuradoria do sogro, afeito aos negocios, do que na sua inexperiencia de filho familia esturdio. Continuava a disputar primazias de gineteria mostrando os seus cavalos ao despique com os dos fidalgos. Ao tempo já Ricardo Browne guiava um *phaéton* ante as arrelias da Praça Nova.

Os «brasileiros», desviados das portas mal pintadas do Guichard, os dedos metidos nas cavas dos coletes de setim, scintilantes das correntes e berloques, roíam na reputação de D. Maria Felicidade emquanto o janota conduzia os baios.

Estava-se no fim de março; apezar da neblina espessa das manhãs, as tardes douravam-se de luz, bafos primaveris perfumavam o espaço trazendo vagos cheiros de pomares e roseirais. O Porto desencapava-se da humidade; secava a lama; os logistas encostavam-se às portas olhando o ceu, sonhando petisqueiras na Foz, ao ar livre.

O comerciante solicitara de Pinheiro Alves licença para levar a Ana comsigo; e ele acedera: «que com o pai para toda a parte» (*). Andava tonto de felicidade; era ele quem ia a casa da Andrillac ordenar que forrassem sempre de seda os vestidos da esposa visto tão lindo corpo só merecer contactos delicados. Cuidava muito de si; aperaltava-se. Não podia, porém, renovar a alma; anunciavam-se-lhe nas pregas do rôsto glabro, as eivas do seu organismo combalido pelos trabalhos da mocidade; espatu-

(*) Duma conversa com a senhora D. Ana Corrêa, de Seide.

lavam-se-lhe amarelidões nas faces, rechupara-se; a bôca parecia retraída. Tentava corrigir a idade com os acepilhos elegantes, espertamente, num terrivel receio de derrocada.

Enciumava-se da mulher mas não a escondia; vigiava-a como distraidamente, tinha orgulho da sua formosura. Consentira, pois, na viagem com o pai. Ficaria, ele, no trafego à espera de a vêr regressar como para novas nupcias.

O vapor *Porto* largara no domingo, 28, com passageiros de bôa sociedade: o delegado da 1.ª vara dr. José Augusto da Silveira Pinto, o comerciante José Alen e as duas formosas filhas, ainda mais gente de negocio, o padre Leite de Carvalho, Pinto Teixeira, o consul de França mr. Destrèes, todos conhecidos, a acomodarem-se com alegria. (*)

Repentinamente Ana Augusta desistira do passeio; preferira ficar junto duma irmãsita de oito anos, que era todo o seu enlevo e se chamava Maria José. Fraquissima, anemisada mostrava na face infantil como as primeiras regras da sentença que condenara alguns dos doze filhos dos Placidos.

O barco partira sob acenos de lenços; deixara um rastro de espuma no rio e de fumo negro nos ares. Na saída da barra gingava fortemente; oscilava entre as aguas do Douro e as do mar, o vento rugia no seu velame desfealdado em brutais sopros prenunciantes de tempestade a varrer as primeiras lufadas da primavera. Empinava-se a embarcação desobediente ao leme; as rodas batucavam sem acção nas vagas altaneiras e a corrente arrastava-a para alem do Touro, brincava com ela, encavalgava-a nas cordilheiras formidaveis ou mergulhava-a nos aquaticos vales espadanantes, em tormentosos balanços rugidores. Agitava-se cavernosamente e, sob o ceu empardecido, as gaivotas fugiam céleres para as bandas da terra adejando empurradas pela ventania que detinha a distancia as barcaças dos pilotos. As vezes pretendiam dominar os estalos sinistros dos entrechoques das ondas; lançavam-se cabos ao desarvorado vapor, ouviam-se os desesperados gritos dos viajantes, acorridos à tolda, erguendo os braços, pedindo socorro e chorando ao verem os botes dos praticos fazendo-se à terra numa confissão de impotencia. Uma mancha de nevoeiro ocultou-os em breve; o

(*) «Mandámos já duas ou tres vezes ao escritorio da administração dos vapores para obtermos uma lista completa dos passageiros, mas tem sido encontrado fechado, e por isso apenas podemos dar os seguinte nomes: — José Augusto da Silveira Pinto, delegado da 1.ª vara; José Alen, e suas duas filhas; Francisco Vieira de Sousa Oliveira; Antonio José Placido Braga; Antonio Martins de Oliveira; Manuel José Rezende; Ana Antonia; Antonio Acurcio da Silva; Manuel Fernandes Arreta; Antonio de Pinho Branco; José Maria de Oliveira; João de Pinho Alho; Antonio José dos Santos; José Gomes de Pinho; Antonio de Oliveira Fernandes; Francisco de Oliveira Gomes; padre Bernardo Antonio Pereira Leite de Carvalho; Manuel de Oliveira Novo; Antonio Francisco Cançado; Custodio Maria de Oliveira; Pedro João Laforge; o mestre do cuter de guerra, João José da Costa Rezende; João Manuel Vaz; Joaquim Bernardes; José de Freitas Oliveira; Luís Pinto; Bernardo Oliveira; Antonio Pinto Teixeira; Manuel Ferreira Martins; mr. Destrées; Francisco José Soares; Antonio José Ribeiro; Francisco Rodrigues Pereira; Domingos Machado; José Dias». — (Do *Nacional* de 30 de Março de 1852).

crepusculo retocou-a num borrão mais forte e da treva, no estrondeante refluxo, os brados soarem apenas como gemidos distantes.

Foi no segredo da profunda escuridão que se passou a tragedia.

Houve quem se despisse da cintura para cima na anciedade de nadar em busca da salvação; José Alen tudo oferecia pela vida das filhas, o magistrado Silveira Pinto ajoelhara a chamar por Deus quando um maior estrondo aterrorisara os naufragos. O madeiramento do costado do *Porto* cedia, abria-se, descalafetava-se e dentro em pouco, algumas taboas boiariam à mercê do infinito capricho do mar infindavel.

Os que estavam em terra gritavam tambem, mas não tentavam cousa alguma, receosos, amedrontados pelas furiosas arremetidas dos rodilhões barrentos e sonoros contra a praia.

Subitamente vermelhejavam archotes; Ricardo Browne, no clarão oscilante, ao lado dos seus amigos Delfim Maia e Ribeiro da Costa, procurava animar os praticos. Falavam em largar do Cabedelo a tentar um reboque com os lanchões. Marinheiros de caras encortiçadas, abanavam as cabeças, julgavam escutar doidos de amarrar dizendo desconchavos naquela orla do mar bravo que cuspia violentamente coleras nos seus rostos. (*) Outros rapazes acaudilhavam os arrojados portuenses sem moverem os da maruja e quando um mais decidido quiz desamarrar um bote, fazer um ultimo esforço, as vivas arestas das vagas repeliram-no, os remos saltaram-lhe das calesas mãos.

Pingava a cacimba como chuva regelante, erguiam-se os braços em desesperos e naqueles luzeiros rubros os homens cresciam em recortes fantasticos diante das aguas côr de sangue. Acudia gente em largas ofertas: o *Ferreirinha* pagaria, por doze contos, a vida do sogro; um generoso rico, José Maria Rebelo Valente, daria um conto por cada pessoa salva, o Browne era a propria existencia que se propunha sacrificar.

Ao constar a catastrofe, Ana Placido puzera-se a correr, (**) com a irmã Antonia, ambas tontas, pelas ruas, a informarem-se, num tormento pela sorte do pai. (***)

Lá nos seus misterios de negrume o *Porto* acabara quebrado pelo meio. Como uma palha atirada de empuxão em empuxão, batera em lagedos, roçara em linguas de areia, morrera na furia da procela.

(*) «Para socorrer os miseros naufragos escapados à furia das vagas nenhumas providencias se deram, e aos srs. Manuel Malheiro, da casa de Castilho, Manuel C. Coutinho, R. Browne, Smith e outros devem algum deles todos os socorros necessarios, roupas e dinheiro.»

(*Nacional*, 31 de Março de 1852)

(**) Informação da sr.ª D. Ana Corrêa de Seide.

(***) *Da familia do sr. Antonio José Placido Braga podemos dizer o mesmo: a desolação em que está corta o coração.*

O infeliz chefe desta casa ia a Lisboa cuidar dos negocios de seu genro, e de sua estremosa filha.

O sr. José Alen e suas duas interessantes filhas iam visitar sua parenta, a sr.ª baroneza da Rega,

Ao descerrar do nevoeiro, pela manhã, lobrigaram-se à tona os restos do navio. De cincoenta e duas pessoas salvaram-se nove. (*) Dobravam a finados os sinos das igrejas portuenses; os comerciantes tinham encerrado as suas portas; enchera-se de dó a praça. O mar começara a vomitar cadaveres, o da primonegita dos Alen, descomposta, perto do castelo do Queijo, o de Silveira Pinto na praia dos banhos; em Carreiros o de James Elmsley, sobrinho de Andersen, os do padre Carvalho e dum piloto, de Claverie, agente do Marsóo das elegancias parisienses, o do consul francês, uma macabra sementeira de mortos inteiriçados, uns de olhos abertos num pasmo, outros de ventres em proeminencias de ôdres como se tivessem tentado beber todo o mar.

Havia-os de expressões semi comicas e de ares meigos, de beiços arreganhados e de melancolicas posições de quem dormisse um sono pesado apesar dos bramidos do oceano. No Cabedelo, topara-se encravado nas rochas, o corpo do Placido, inchado, ferido da rasgões fundos na carne pelos embates nos penedos. A sua mala, com uma moeda de oiro, incrustada no fundo, fôra dar às areias do Lavre. Levaram-no para a igreja da Graça e acorrera muita gente às exequias, nesse grande luto do Porto cujas noites erem sobressaltadas pela passagem dos funerais alumiados por tochas tristonhas. E a primavera voltara.

Ana Placido, desfeita em pranto, imaginava que o pai, arrependido de a ter sacrificado, pressentira o seu fim e a quizera levar para o abraço da morte. A mãe chorava fixando o retrato do esposo. Não se calavam os toques dos campanarios; passava gente das numerosas missas, senhoras de mantilhas de lapim, os homens de quinzenas negras, numa gravidade rigida.

D. Antonia Ferreira saira do seu palacio mas não para desanojar os Placidos. Viam-na muito recostada, na carruagem inglesa, serena, sem descer nos templos onde

---

leira; o sr. Dr. José Augusto da Silveira Pinto, estremoso sempre por seus parentes decidiu-se ir à capital, para dali acompanhar seu tio, o conselheiro Agostinho Albano; o sr. padre Bernardo Antonio Ferreira Leite de Carvalho, parente e capelão dos srs Teixeira Pinto Bastos, ia visitar os srs. Ferreira Pinto Bastos. e o sr. Francisco Vieira de Sousa Oliveira estava em vesperas de esposar uma filha do sr. Joaquim da Costa Leite.

Bernardo Ferreira chegou a oferecer doze contos de reis a quem salvasse seu sogro; e o sr. José Maria Rebelo Valente prometia um conto de reis por cada passageiro que se salvasse.

Houve jovens ousados que quizeram arrostar com os perigos para acudirem aos passageiros que de bordo suplicavam socorro, mas não havia um piloto que os guiasse!

Os nomes destes corajosos mancebos é preciso que se registem; — são *os srs. Ricardo Browne, Antonio Ribeiro da Costa e Delfim Maria de Oliveira Maia.* Qua falta não fez ali o falecido sota piloto Joaquim Turibio de Meireles!... (*O Nacional*)

(*) Os homens salvados são — os trez fogueiros João Caetano, Antonio do Cardal e Lejos: os tres vareiros fragateiros Manuel Fernandes Arrote, Antonio José dos Santos e Antonio Pinho Branco — e trez marinheiros um deles do Candal, que é o que se acha na hospedaria do Silvestre.»

(*O Nacional*, 31 de março de 1852)

se celebravam as cerimonias funebres por alma do sogro do seu filho. Quando se transportaram ao cemiterio os despojos mutilados do chefe dessa familia um jornal insinuara:

«A sr.ª viuva Ferreira se presa a religião dum Deus Piedoso, deve aproveitar esta ocasião para levar o conforto maternal a seus filhos, hoje mergulhados no pranto.»

Fôra, deste modo, mais notada a repulsa que arvorava.

No seu intimo devia existir uma certeza de que aquele homem dirigia a luta contra ela; nausear-se-ia ante os casamentos das lindas raparigas uma fóra da sua classe, a outra com marido idoso. Para mais asseverara-se, numa fôlha, ser motivo da sua ida a Lisboa o «defender-se do recurso que a senhora D. Antonia interpoz e cujos fins *rafeiros* ou *gafeiros* nos são conhecidos».

Guardara a sua impassibilidade. Lategaram-na: (*)

«Quem acreditaria que uma senhora tão depressa esqueceria a dôr que sente quem perde o esposo... e uma viuva e mãe seria capaz de manifestar-se assim... quem não espereria que ela abrisse o seu coração ao carinho maternal afagando seu filho que, joven ainda, e sem as lições e desenganos do mundo, se acha hoje sem o seu digno sogro de quem tudo, para seu bem, podia esperar!

É assim que uma mãe cumpre a sua missão, cá na terra, a mais semelhante à divindade do ceu?»

Não alterou a conduta, muito distanciada do seu primogenito, pensando em reconsorciar-se. (**)

Nas camadas altas esmorecera com as brisas aprilinas a tetrica impressão do naufragio. Bebera-se muito champagne no baile de Ribeiro Faria; a sociedade do dinheiro folgava; apareceram com o conde de Casal, os barões financeiros: o de Bolhão, de Grimancelos, de Seixo, o Goiães, os Teixeira Pinto Basto, os Canavarro Castro Pereira, Brandão de Melo e Cirnes, numa mistura reparada pela aristocracia, e até a Browne e o seu amigo Rebelo Valente — o que oferecera um conto por cada vida salva — se tinham divertido. Aquele andava cantado em versos por seus feitos na noite da catastrofe; estava proposto para a Torre Espada, e, Augusto Luzo, entusiasmado, celebrara-o:

De ti, oh! Browne ousado sempre afastei
A vil soberba que os mortais abate
Eis o elogio, tu és homem, basta.

Não havia duvidas; era homem e de audacias. Transpuzera as portas, pintadas de verde, do Guichard, e dirigindo-se a Camilo socara-o no grande ruído dos copos, de garrafas e mezas quebradas naquele ambiente de botequim e cenaculo. Acreditara

(*) Doc. F.

(**) Casaria com o conselheiro Francisco José da Silva Torres que foi par do reino.

na falacia dos portuenses parecendo averbar apenas ao escritor o descredito que «brazileiros» e mercantes espalhavam nos seus conubios após as comesainas do Estanislau da Batalha onde estavam à vontade para a má lingua e para as flatulencias.

A resposta fôra atrevida, rapida, e dera que falar. O Browne descera da sua fleugma, entortara a sua linha numa balburdia de cafúa de poetas, como se dissera desdenhosamente, arremetera contra a hipocrisia do escritor que esquecera os ares seraficos do seminario e já balburdiava de novo.

Reaparecera após a morte de Placido e, embora escrevesse no *Cristianismo* as suas paginas religiosas, logo trasladadas para a *Cruz*, voltara à colaboração do *Nacional*. Fermentava nele o odio instintivo aos ricos da praça e quando os sabia casados com mulheres belas e delicadas exacerbava-se como se vingasse o seu drama de amor. Constavam, de quando em quando, novas scenas com o filho de D. Maria da Felicidade; revolteara o seu bastão preso ao pulso contra a bengala celebrada do modelo de elegancias, agigantado, rijo, grão senhor e como aqueles conflitos deviam ter um termo acabara por se decidir um encontro à espada entre ambos o que lavaria todas as ofensas. Ia defrontar-se com um grande esgrimista apezar de nunca ter manejado uma espada em salas de armas.

Correu rapidamente o boato da pendencia. Ana Placido soubera, como toda a gente, dessa questão que saía dos costumes comesinhos do burgo e mais avultava a seus olhos romanticos o que andava numa furia a queimar-se por penas de coração. O nome das outras era o anteparo: ela é que se sabia bemquerida. Correspondia-lhe muito esquecida dos seus afectos infantis, espreitava a sua passagem pela rua do Almada que o apaixonado não deixava de atravessar uma vez por dia.

Dispusera-se tudo para o ataque na praiasita da Afurada; (*) o filho dos Cla-

---

(*) Existe em Seide, em poder de D. Rachel Castelo Branco, neta de D. Ana Placido, um diariosinho curiosissimo da segunda mulher de Camilo. Nem tudo são puerilidades nesse livrinho datado duma epoca de ilusão. Sabemos que ela comentou a scena do seguinte modo:

«Que pensarás neste momento. Oferecer-se-ha à tua memoria alguma vez uma lembrança minha? Neste momento passa uma sege pela rua e eu, sem a vêr, oiço-a rodar e, involuntariamente, me acodes ao espirito. Recordei-me daquele dia em que passaste numa com o R. G. e o F. S. lembr-s-te? Então tinhas tu desejos de me vêr. Foi na vespera do dia em que correu o boato daquele fatal duelo que tantas angustias me causou»

Estas iniciais devem ser as de Ricardo Guimarães, depois visconde de Benalcanfôr e e as de Ferreira Sarmento, acêrca do qual o romancista escreveu:

«Tal vi eu um homem aqui no Porto, que só conhece os seus varões ilustrados pela riqueza e não quer mesmo conhecer os que a pobreza assinalou com martirios de obscura honra, chamava se Ferreira Sarmento. Escreveu em varios jornais até 1855.»

. . . . . .

«Quando perguntei por Ferreira Sarmento em 1856 disseram-me que morreu tisico e a esposa tambem. Como fiz esta pergunta a um que se nomeava nesse tempo amigo dele, o sujeito, a meu vêr, teve pejo de dizer que o seu amigo e a mulher do seu amigo tinham morrido de fome.»

Camilo — Memorias do Carcere, 4.ª ed. pag. 9 e 10.

mowse Browne marcara generosidades de forte; principiara por amolgar contra uma pedra a ponta da sua arma para não perfurar as carnes do adversario que, ousadamente, o aguardava. Rasgara-lhe uma perna, e, findo o assalto, sorrira ante a arremetida brava do ferido:

«Isto cura-se depressa e depois quero bater-me outra vez!...

Volvera friamente ante o impeto e aquela ignorancia das praxes:

«Pois eu estou satisfeito... O combate não pode continuar porque vou viajar no extrangeiro.» !*)

Tratava-se, pois, de curar o gilvaz e de agradecer ao destino a ventura de ter escapado da pericia do duelista por tão pequeno lanho em sitio pouco de causar preocupações às mulheres romanticas. Camilo se tivesse recebido um golpe no peito torna-lo-ía num sacrario para recolher mais corações apaixonados.

O Porto irritara-se mais; achera pouco decente aquele tilintar de ferros.

Ele guardaria sempre a recordação do combate (**) embora, conforme seu habito, não precisasse, positivamente a data da sua romantica e desenvolta atitude diante do janoia adextrado em todos os desportos, do habil jogador de armas naquela listra loira da praia da Afurada.

De aí a pouco já passeava, no seu cavalo, pelas ruas citadinas mostrando-se aos burgueses e o ano não findou sem que outra pugna afligisse, ainda, a requestada e amante senhora metida no seu lar, num aborrecimento torturante, numa grande aspiração idealista.

(*) O sr. dr. Antonio Cabral, no seu livro *Camilo Desconhecido*, é tambem de opinião ter-se realisado esse duelo em 1852. Com efeito estava-se muito mais perto da epoca em que se assoalhava diariamente a reputação de D. Maria da Felicidade ante a correspondencia poetica com o escritor nas paginas do *Nacional*. Que o encontro se realisou não ha duvidas e bem o assegura a nota de Ana Placido.

(**) Referindo-se a uma parodia de duelo, realisada na Torre da Marca e na qual tivera por cumplice o seu amigo, Freitas Barros, Camilo escreveu:

«Eu não me considerei, então, ridiculo a despeito da hilaridade das multidões. Ridículo me vi eu dez anos depois, quando saí dum duelo com uma cutilada, e, olhando para ela me acudiu à memoria o meu discurso ao administrador Mendanha.

Mas... que saudades! — *Noites de Insonia*. pag. 8?.

Este patusco encontro deu-se em 5 de maio de 1845. Com os dez anos passados sobre o facto a que alude, teria sido em 1855 o duelo com Browne. Provou o sr. Antonio Cabral, no seu livro *Camilo Desconhecido*. que o adversario do romancista estava, neste tempo, no centro das operações da guerra do Oriente.

Aparece, porem, o melhor esclarecimento fornecido pelo proprio Camilo numa carta para Tomaz Ribeiro, onde diz:

«Alegrou-me o desenlace da pendencia de José C. Branco, Foi mais feliz q̃ eu. A primeira vez q̃ me bati à espada com o agigantado Ricardo Browne fiquei ferido em uma perna. Depois do duelo, vi que ainda me ficavam 3 pernas ilesas. Meus saudosos 26 anos!»

Cartas de Camilo Castelo Branco a Tomaz Ribeiro, pag. 88.

O ilustre escritor dizia ter nascido em 1826, logo o encontro foi, segundo esta saudosa evocação, em 1852.

O barão de Bolhão, Antonio Alves de Sousa Guimarães, herdara de seus pais elevada fortuna e grosso trato comercial.

O esplendor das suas festas era falado como um maravilhoso conto de fadas. As suas reuniões alcançavam fóros das mais deslumbrantes da cidade; à sua riqueza consideravam-na fabulosa. Casara, havia já desassete anos, com D. Fausta do Vale Pereira Cabral, opulenta tambem, e de familia de nomeada.

Não mostrava o desdem da maioria dos titulares pelos poetas, e era ele que aconselhava a Camilo a deixar-se das fantasias politicas de tradicionalismo para concertar num emprego a sua esburacada existencia. E como vagara o comando dos guardas de Alfandega ele já lho oferecera. Andava neste empenho com Tomaz Norton, de Viana do Castelo, e vivia muito de gorra com o jornalista.

Depois de ter recebido no seu palacio a rainha D. Maria II, acabados os festejos começou a circular nos mentideiros, segredada com as costumadas risadinhas, a noticia de que o titular conservava em carcere privado a senhora, lhe avergoava os pulsos em polés e em outros maus tratos pungia D. Fausta a qual intentara separação do marido com grande gaudio de seus parentes que viam no desligamento probabilidades de herança pingue.

Rebentara rijamente o escandalo. Camilo começara a defender o Bolhão em artigos acidulados ao começo, por fim violentos contra os quais se insurgiram os contrarios ante o ruido do *Nacional* e as transcrições do *Braz Tizana*. O escritor morava, na rua de Santo Antonio, 82, e num dia do começo de dezembro, ao sair da casa, pela tarde, conforme (*) seu habito, vira a esconder-se num portal os dois irmãos Sousa Guedes que pleiteavam pela baroneza. Um deles, o Antonio, saltou ao caminho e sem-lhe dar tempo à defesa, descarregou-lhe uma forte pancada na fonte esquerda no desejo de o tombar.

Desta vez não foi o cacete do romancista que replicou ao agressor, mas uma bala de pistola. Embora o choque tivesse sido amortecido num farto colete de peles o contendor ficou ferido no peito. Já na vespera, irritadamente, mostrara, na praça da Batalha, a arma ao tio dos atrevidos quando este o quizera acometer. Agora retorquira na disposição de matar defendendo-se. Correra-os a tiro. (**)

O alarme fôra enorme; novamente a policia recebera queixas do audacioso que, desempenadamente, encarava as situações e não deixava vontade a outros de tentarem contra ele.

Daí por diante olhavam-no com mais curiosidade e mais respeito alcunhando-o de doido. E, todavia, era ainda no *Cristianismo* que publicava os seus melhores trechos de prosa.

Após a morte de Placido devia sentir-se mais proximo da amada. A filha obediente começava a pensar na revolta.

(*) Dr. Maximiliano de Lemos, *Camilo e os medicos* — nos *Arquivos da Historia da Medicina Contemporanea* — 8.º ano — pag. 16.

(**) A pistola era do padre Santana e Silva.

O cunhado floreava grandes pompas. Dava nas vistas, em retumbancias de opulento que deseja mostrar ao mundo os seus tesouros. Os jornais anunciavam-lhe as despesas de vulto. Naturalmente encontrara um largo credito ou vencera a partilha (*). Falava-se muito de dividas que pagava de contado (**), do palacio comprado no largo da Aguardente (***), dos explendidos cavalos que disputara a pêso de ouro na feira de S. Martinho.

D. Antonia, devia ser feliz; Ana sentia-se rodeada de conforto mas a razão voejava-lhe para outras anciedades, para outras aspirações (****); a sua alma abria-se num grande desejo de liberdade. Mas repararia na mãe sempre chorosa após aquela catastrofe que arrebatara o chefe da familia e a deixara num desabrigo, contel-a-iam os seus olhos aguados na contemplação do daguerrotipo que a conservava as feições do seu marido. Sem aquela reflexão teria mais cedo sacudido o seu jugo. Junto dela crescia a Maria José, a irmãsita, a querida a quem não podia ainda confiar o que lhe ia no coração. Naturalmente Camilo prendera-se um pouco ao principio e por fim adorara a creança a quem a mulher do seu amor dava um grande afecto.

Lia muito; entregava-se toda aos bons livros que geram sonhos encantadores e continuava a querer vêr-se a personagem dum romance altivo. Vivia como as heroinas da Sand, queria descativar-se, animava-se.

Depois, mesmo que quizesse esquecer Camilo, tornava-se impossivel porque ele bem dava nas vistas; diariamente apontavam os seus artigos, seus versos, suas

---

(*) Antonio Bernardo Ferreira, residente na Regoa faz publico, que seu tio e tutor o Il.mo sr. José Jacinto Henrique da Silva Pereira, do Pezo da Regoa, se acha autorisado para pagar todas as dividas passivas do anunciante; e que por isso pede a todos os seus crédores queirão mandar ao mesmo senhor uma conta de seus creditos, ou compra de seus titulos, para depois de examinados lhe serem mandados pagar o que deverá ser no praso de 30 dias a contar da data deste anuncio, podendo julgar-se menos legais as que se não apresentarem neste praso».

(**) «Antonio Bernardo Ferreira, faz publico por este modo e para interesse de quem convier, que: no dia de hontem, 16 do corrente mês, comprou a José Gonçalves da Costa, e sua mulher D. Maria Pereira de Azevedo, a sua casa sita no largo da Aguardente com os n.os 1, 2, 3, para o lado do mesmo largo, com todas as suas pertenças, e adjacencias, que se acham divididas pelo muro que circuita. O preço desta venda fica como um deposito na mão do anunciante até que findem 30 dias, a contar do dia de hoje; se por tanto, alguem se julgar com direito à dita casa e suas pertenças, ou ao seu produto o deve deduzir dentro do dito tempo e praso de 30 dias sob pena de se julgar livre e desembaraçada a dita propriedade para o anunciante». — *Nacional*, 8 de Agosto de 1852.

(***) A feira de S. Martinho foi muito molhada. Assim mesmo contam-nos que os burros eram em grande abundancia. O sr. Antonio Bernardo Ferreira comprou os 3 melhores cavalos que appareceram, e dizem-nos que são excelentes.—(*Nacional*)

(****) «O bem estar monotono sem desejos nem excitações esses mil nadas possuidos e que contentam a mulher que não tem outro afan mais que alindar-se no rôsto, esquecida do espirito, nem esses mesmo desanojavam dos tédios e da insaciabilidade da alma que presentia já um mundo mais real, nas horas de magoada tristura.

«Gemia sempre aquela aborrecida realidade sedenta do que não achava».

Ana Placido — *Luz coada por ferros*, 2.ª ed., pg. 96.

proesas, suas brigas e aparecia-lhe como o idealisado ser que o coração e o cerebro lhe pediam numa doçura infinita.

Á sua sensibilidade feminina devia causar impressão maior o saber que as outras o amavam, lhe queriam muito ou pelo menos assim se asseverava. Andavam assoalhalhados os seus amores com a Browne num duelo, com a freira, num jornal e seguidamente num pugilato, com a Patricia Emilia, na existencia duma filhinha que já tinha quatro anos (*) e se chamava Bernardina Amelia. Tudo isto representava uma formidavel excitação fatalmente a finalisar num arrebatamento. Contê-la-ia, ainda, a ideia da mãe; mais nada. Da irmãsita pequena trataria como se fôsse sua filha. O resto da sua gente não carecia de cuidados. D. Antonia vivia entre magnificencias, Eduardo, Placido e Alberto eram rapazes e encontrariam bôas rendas na vida.

Ana Vieira abraçava-se, por vezes, à filha naquela funda dôr do seu luto e na superstição de que ela seria desgraçada como desde o berço o sentia.

Continuava-se a olhar a esposa de Pinheiro Alves como uma das mais belas mulheres da cidade; o seu companheiro de infancia escrevia-lhe e ela respondia-lhe romanticamente, livre da ideia de lhe pertencer, apenas a consolal-o de desventuras.

Cada vez que queria olvidar um pouco quem o coração elegera a retumbancia do seu nome despertava-a. Ainda não era um grande escritor mas apresentava-se numa desenvoltura, num alárde e em tais exibições que não se podia deixar de falar de ele.

Pouco depois da scena com os Sousa Guedes, Camilo apareceu a recitar versos no teatro de S. João num inaudito arrojo.

Andava, então, arrastando dolorida miseria pelo Porto, o ultimo arcade. Fôra dos dilectos companheiros de Bocage, chamava-se Francisco Joaquim Bingre e ia fazer oitenta anos. Cantara amores, reis, principes e a liberdade sob o nome pastoril de Francelio Vouguense porque nascera nas terras de Estarreja que o Vouga alegra, correndo entre vergeis, prados e floridos hortos. Agora, em sua decadencia fisica, mas ainda aos devaneios dedicado, cognominavam-no de *Cisne do Vouga* não para evocarem Virgilio, o cisne de Mantua, ou Fenelon, o cisne de Cambrai mas, talvez, em alusão ao canto que ele ia soltar expirando. (**)

Sua mãe tinha sido agasalhada entre princezas e, porque o terremoto sepultara nos seus convulsos arrancos a fortuna da familia, casara-se com um homem humilde; da sua união nascera aquele filho de imaginação ardente e cuja existencia tão sacudida fôra nas agitações da desgraça. Era octogenario e esmolava quando os seus netos na arte, os que seguiam a trilha escorregadia por onde ele se despenhava se lembraram de promover um beneficio a favor do poeta pobresinho, no teatro lirico.

Por isso Camilo, de pé no seu camarote, erguia a voz inimitavel, tocada das gamas ricas de sentimentalismo e dominava a cidade, cujas gradas familias ali

(*) Nascera em 25 de Junho de 1848.

(**) Nascera em 1763, sua mãe Ana Hybingre pertencia a uma distinta familia austriaca e viera acolher-se ao amparo duma tia que servia a rainha D. Ana de Austria, esposa de D. João V.

estavam mais a confortar a miseria dum velho de nome ilustre do que a aplaudir aqueles detestados romanticos. Talvez mesmo levassem as filhas, cobertas de joias, a essa festa para lhes mostrarem, como acabavam mendigando nas taboas dum palco os que só de fantasias viviam. Todavia chorava-se quando a mocidade rodeara o desditoso e o escritor, palido, emagrecido, de ar triste, a cabeleira negra agitada, a mão branca e fina a estender-se tremula na cadencia dos versos, dedicados a esse avôsinho desditoso, dizia, ardido e intrepido:

Não venho curvar-me ás potencias da terra,
Portanto meus hinos algum preço tem:
Lisonjas vendidas que a honra desterra
A mim não m'as peça no mundo ninguem.

Declarava-o claramente, áqueles homens ricos, aos milionarios, trocado o tom de desafio pelo da altivez com que comparava os poetas, mesmo famintos, aos soberanos

ser rei na indigencia... que importa? E' um rei!

e evocava os nomes universais de Milton, Homero, Camões, Tasso e Cervantes infortunados em vida e entronisados no além, fixando a plateia e as tribunas. Dominava porque via pranto nos olhos das mulheres ao som dos seus versos desferidos em honra dum grande da sua raça que tantos amores cantara e ainda bemdizia as Marcias de seus sonhos.

Os burgueses sentiam-se percorridos de fremitos, cediam momentaneamente, ao poderio da atmosfera romantica. Havia no Porto algumas familias fidalgas que não se misturavam nas salas dos mercantes nem com a nobreza constitucional. Fugiam ás suas relações. Os filhos preferiam os poetas aos trafegantes e abriam-lhes, por vezes, as portas de seus palacios da Torre da Marca, onde os Terena, parentes dos reis, por Bertiandos, se recolhiam, como os Moura Coutinho, na residencia de Vilar de Perdizes, os Portocarreros na casa das Sereias e na de Santo Ovidio, os Resende, cujos avós tinham comandado os reais archeiros e aos quais na heraldica, chamavam *Os Castros dos Treze* pelas contas das arruelas azuis de seu brazão. O erudito visconde de Azevedo, ligado aos vencedores mas guardando o aristocratico timbre de quem usava os retumbantes apelidos de Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho e era o vigessimo primeiro senhor do Paço solar de Marrancos, e de mais antigos coutos, mal saía tambem de sua residencia visinha da Sé.

Os rapazes de verdadeira estirpe gineteavam, balburdiavam, assestavam seus desdens aos enriquecidos tanto como o faziam os homens de talento seus parceiros com os morgados minhotos, nas lunantadas e romanticas aventuras. A casta que descia amparava-se á que mais amava os senhores do passado do que a turba recemchegada com os seus sacos de oiro.

Duas dessas nobilissimas familias tinham oferecido corôas de louros a Camilo; outras enviaram-lhe ramos de seus jardins recatados nos muros altos. Era um tributo ao poeta e ao correligionario porque ele fôra soldado da Causa e cantara D. Miguel, no *Salvé rei*.

Devia deitar-se nessa madrugada sentindo-se nupciado com a gloria. O Porto aplaudira-o na sua missão caridosa e tanto que a vaidade dos homens dinheirosos despertara. Dormia a sono solto quando o acordaram. Passava das onze e irritava-se porque aquela hora considerava-a como o antedealbar. Disseram-lhe que o procurava o senhor Antonio Bernardo Ferreira. Envergou o chambre vistoso de damasco, calçou as chinelas de marroquim e saiu à sala a receber a visita. Era o marido da irmã de Ana Placido. Para que ele ali viesse é que a victoria fôra retumbante e segura.

O capitalista, que tão ruidosamente se instalara no seu novo palacio, solicitava uma grande fineza do homem de letras: a cedencia da pena com que escrevera aquela poesia geradora de tantas lagrimas. Num gesto amavel entregou-lha. Pensaria na querida ao doar-lha. Ela viria a conhecer o desejo do cunhado e a gentileza do seu apaixonado. Delirou o visitante e logo, duma impulsiva maneira, agradecido e generoso, ao que julgava, pedira a Camilo para o acompanhar ao portal.

Desceu de roupão ao limiar aberto para a rua de Santo Antonio, àquela hora rumorosa, e, ante o seu pasmo, o *Ferreirinha* numa ar de amizade, num presente opulento, deu-lhe o cavalo que o conduzira. Ante a recusa do literato, ressentiu-se, chocou-se e exclamou:

«Aí o tem... Dou-lho... Guarde-o e adeus!»

Partira a pé batendo na perna com a chibatinha elegante.

Embora a animal dado não se olhe o dente, Camilo exteriorisou seu pasmo ante os esparavões, sobrecanas e laparões que o veterinario constatava na montada. Seis libras pagas ao assistente valiam mais do que o quadrupede ofertado em tão soberba atitude. Devolveu-o ao antigo dono com um bilhete, cujo autógrafo decerto foi insolentemente rasgado e que dizia assim:

«Tenha V. Ex.ª o bichinho em seu poder o tempo preciso para eu estudar um curso de alveitaria com que me (*) torne digno apreciador das qualidades da sua prenda».

Realmente fôra pagar com má pele a pena nobre que traçara a poesia aplaudida pelas mulheres do Porto, em comoção que lhes bagara as lindas faces de sentidas lagrimas.

Estes rasgos de troça e de espirito bacorejavam-se tanto como as cousas mais tetricas, na Praça Nova e no jardim de S. Lazaro. Os «brasileiros» riam e aliviavam-se dos seus despeitos.

O escritor instalara-se na hospedaria da *Aguia de Ouro* mas não parava no Porto,

(*) Semanas depois o senhor Antonio Bernardo Ferreira vendia a mesma joia por doze mil réis a um alquilador do largo da Batalha. O desgraçado animal morreu pouco depois da operação do ultimo alifafe.

Vieira de Castro — *Vida de Camilo Castelo Branco*, 2.ª ed., pg. 113.

apezar de redigir o semanario a *Cruz*. Continuava nas suas ideias catolicas, embora não deixasse os prazeres profanos. Abandonara o seminario como se tivesse recebido uma embaladora esperança de amor.

Murmurara-se de mais essa voluvel determinação, porém ele não desmanchava as suas formulas religiosas. Poetava àcerca das cousas sacras, defendia os assuntos divinos na sua prosa que se fortalecia; andava por abadessados, internava-se no Minho, subia-o até Viana onde ficava enlevado na beleza da paisagem, a sonhar uma casinha num formoso logar que mais o prendera, longe dessa capital do dinheiro onde parecia vêr luzir coleras na maioria dos olhares.

Mas não satisfazia ainda o desejo. Enfurecia-se numa irritação permanente todo embebido de paixão por aquela mulher. Era obrigado a escrever para se sustentar e na sua cabeça sem repouso, passavam ideias negras. Hesitava entre o sacrificio da sua liberdade e o suicidio que varias vezes lhe acudira como um remedio.

Nos *Misterios de Lisboa,* publicados no *Nacional,* não podia eximir-se a apresentar uma noiva sacrificada ao dinheiro. Desta vez era fidalga a vendida; retumbavam os titulos dos seus, inspirados na designação duma quinta transmontana onde habitara o *Doutor Broca,* o avô do romancista. (*)

Vinha sempre o mesmo pungitivo brado:

«Dir-lhe-ia que sua filha amarrada a um poste de ouro, estava em circunstancias de esmolar um bocado de pão.» (**)

Tornava da mesma forma, a marcar a grandeza da mulher impelida pela ambição dos seus para os braços dum conde lubrico:

«Venderam-me mas eu não me vendi!» (***), exclamava essa digna Angela cujo nome revela em suas primeiras letras e na ultima, o da inesquecivel, da sua adorada.

Gritando contra um irmão tão sofrego de dinheiro como o chefe da nobre familia, acentuava, ainda, a heroina:

«Eu injuriava-o porque não queria ser mulher do conde de Santa Barbara, de quem o mano esperava receber quarenta contos de reis para desempenhar o seu vinculo. Eu injuriava-o porque não queria pagar com o meu corpo os desperdicios de meu pai com a herança de meu irmão.» (****)

Era sempre a mesma vitima em holocausto à fortuna, sofrendo de coração esmagado.

A' sua volta os dramas tortulhavam. Parecia que todos os seus amigos tinham sido, eram e seriam desditosos.

Alguem, que a grande desventura espreitava, ouviu-lhe o desejo de paroquiar uma pequenina egreja que seus olhos descobriam na chã ovarina.

Mas tarde, apontando-lhe uma estrelinha tremeluzente no ceu negro, aconselhara-lhe:

(*) Montezellos.

(**) (***) (****) *Misterios de Lisboa*, 6.ª edição 145, 146, 186.

«Peça áquela estrela, que lhe alumie o logar onde existe a mulher que lhe ha-de dar vida.»

Havia dois anos que Fani Owen lhe falara assim; ele fisera versos em sua intenção, sentira junto de si a queixa quasi barbara do amigo ultra romantico que a amava a ponto de a deixar morrer virgem, sendo sua mulher, só porque descobrira, após o casamento, umas inocentes cartas a outro dirigidas. Ela era uma tontinha alucinada e novelesca; filha dum militar de aventura, dum inglez que largara para a guerra da peninsula como para uma festa e se batera tão bem que chegara a receber as dragonas de general por seus feitos. Casara-se em Portugal (*) com a filha dum comerciante, cheio de positivismo. Nascera dessa união um rapaz (**) e aquelas duas meninas Maria e Fani, ambas presas nas singularidades do amor do tragico Pinto de Magalhães, de José Augusto, tão estimado do romancista e que o salvara do suicidio.

Nos olhos dele luziam ameaças ao saber dos poeticos arroubos á jovem destinados; tivera ciumes e ainda não lhe dissera que a amava. Asseverara, mesmo, ser capaz de matar quem dissesse querer-lhe.

Namorava a irmã mas era para essa creança vaporosa que ia a sua alma. Se ela nem colhia as flôres sem lagrimas e dizia só saberem tocar-lhes as borboletas! O espirito turbado pelas fantasias desse fidalgo do Douro que parecia criar a ilusão como uma ave presa para sempre em seu seio, algemava-o ao romance. Podia ter pedido a mão de Fani e raptou-a, por sobre um muro de jardim, numa noite de julho. Tomara-a nos braços, sentara-a na sela do seu cavalo e partira como nas tropeadas idilicas de outros seculos. O barco que a devia conduzir até perto do palacio fôra forrado de tapetes e nele a ia levar como a noiva estremecida de seu coração. Tinha zelos do ar, das flôres, dos ceus, imaginava-a nascida só quando dissera amá-lo. Escogitava no seu passado, num delirio tormentoso, se acaso alguma vez seus olhos não teriam pousado, ao menos um instante, com uma scentelhasinha apaixonada, nos de algum amoroso. Era um cioso a entretecer grinaldas de rosas para o seu amor e a molhá-las de sangue pois apertava-lhes os espinhos. Ao descobrir que ela escrevera a alguem dizendo-se «incompreendida», deixara-a sem um beijo no quarto onde não penetrara nunca como marido, vivera gravemente a seu lado como seu irmão mas decerto guardando no aspecto a eterna queixa dolorida de não ter sido só sua, em espirito, de não se lhe dar toda em pensamentos, advinhando-o como nos contos de fadas.

Escrevera a outro e, por isso, sentia-a manchada, deixava-a aiar desolada, e sem a possuir, via-a morrer desacalentada no mais terrivel dos castigos dum ultra-

(*) O general Hugo Owen casou em 1820 com D. Maria Rita Pinto da Rocha Velho da Silva, já viuva

(**) O filho foi barão da Torre da Palha, nascera em 1825 e casou com D. Silvia Chichorro, viuva. Era de descendencia inglesa, filha do major William Bull.

romantico que se mataria tambem, bebendo calices de cognac, sem tomar alimentos, no fundo dum mau hotel lisboeta. (*)

Mais tocado da sensivel paixão, toda pura, pela mulher do que o proprio romancista habituado a lidar á vontade com o coração humano, José Augusto sentira-se ferido terrivelmente ao saber das missivas embora castas, singelas, infantis. Dos soalheiros do Porto fediam as evaporações das atoardas feitas em torno deste drama de extranha paixão. Era ainda sobre Camilo que recaíam as culpas como se tivesse inoculado no amigo a alma caprichosa de curiosissimas particulas. Diziam-no cumplice no rapto e na revelação daquelas cartas malditas. Pelo contrario desejara esconder-lhas (**) mas grandes odios rugiam à sua volta e todos os seus passos voltavam a ser, para os inimigos numerosos, os do mau caminho.

Tambem a Ana Placido, tão sua amada, escrevera a outro, ao companheiro da infancia, e nem por que o fizera, o escritor deixara de lhe querer.

Era certo que a amava de maneira bem diferente. José Augusto via Fani de outra forma: a dos loucos. Era esta a expressão apaixonada do literato:

«A minha alma é uma harmonia desconexa para a tua — posso amar muito mas não te amo — tu és espirito unicamente e nada mais posso ser que materia. Fiquemos, pois, aqui». (***)

Cabia-lhe a ela vêl-o idealmente:

«Não penso senão em ti, não me ocupo senão das ideias que me inspiras; não recordo senão as tuas palavras e não espero senão impossiveis». (****)

Chegava ao convite claro, ao desafio para a aventura. Nunca em frases mais lindas se pedira a uma esposa para calcar o dever e fugir do seu lar:

«A minha ventura era possivel comtigo se me povoasses esta solidão mas vivo só. A mulher que nasceu para mim és tu. Ainda hasde ser tudo para mim». (*****)

Porque o coração lho balbuciava, Ana sentia-se a sua «mulher fatal» e não deixava de lho repetir. Envoltos nesses fados andavam porem tão distantes como se jámais se tivessem visto.

Bem sabia que se correspondera com o amigo de infancia, porem achara tão dignas as suas cartas, conforme lhas contara, que perdoara e mesmo oferecera àquele rapaz a amisade e a dedicatoria de um livro seu (*****) como a provar-lhe, a ela, o olvido do seu acto, a isental-a de culpas. Porem, o Porto, nas suas proterviosas quelhas, nos seus despejados bêcos, murmuraria até que o côro maldoso soasse como brados.

(*) Na travessa de Estevão Galhardo.

«E eu que, pela minha má estrela, não pudera ser extranho ao errado passo de aqueles infelizes, era apontado como fautor, conselheiro e auxiliador do rapto de Fani Owen.»

Camilo — No Bom Jesus do Monte, 3.ª edição, pag. 88

(**) «Sem embargo, as praças e as salas urravam na augustia da sua moral ultrajada.»

(Idem, idem, idem).

(***) (****) (*****) Publicadas no *Leme*.

(******) *A Vingança*, cuja 1.ª edição teve dedicatoria a Antonio Ferreira Quiques.

A vontade, dele, não era fixa. Queria, por vezes, fugir-lhe e chegara a arranjar a nomeação de adido à legação do Rio de Janeiro, o que se lhe dava qualidade oficial não lhe garantia proventos.

Desejava não parecer um vulgar emigrante.

O exilio não caberia em seu espirito por mais que tentasse afastar-se de quem o amava mas não se lhe entregava. Se nem Deus o atraíra poderosamente! Que nem Deus o quizera! Sintetisava, a explicar a falha da sua carreira sacerdotal.

Trabalhava afanosamente e, nos mais diferentes generos literarios, tracejava, esboçava ou marcava nitidamente a mulher da sua paixão. Antes de Angela, vendida ao rico conde dos *Misterios de Lisboa*, aparecera a Rosa Guilhermina, da *Filha do Arcediago*, cubiçada pelo anafado e rico tendeiro Antonio José da Silva, da rua das Flôres, que desejava possuil-a «com o ideal dum Antony, com os ciumes dum Othelo e com a paixão ensandecida dum Manfredo de cuecas»; no drama *Poesia ou Dinheiro*, incluso nas *Scenas Comtemporaneas*, acabava com o disfarce apezar de lhe chamar Henriqueta. Ao homem que a comprara tratou-o de Manoel Alves, o nome do marido de Ana nos registos da praça. Dedicara, nestes termos, a peça àquela a quem denominava «verdadeira amiga».

«Henriqueta será um esboço daquela grande imagem que fantasiamos? Ha neste tipo o colorido da triste poesia que v. ex.ª lhe deu?

«Decorei eu, por ventura, algumas das palavras que seus labios proferiam num momento de dôr, expansivo em eloquentes queixumes contra o destino sem responsabilisar a sociedade que faz os infelizes? Se de tudo isso, ha no meu rapido trabalho, um pouco, esse pouco, oferta pobre mas rica de tudo que tenho na alma, pertence a v. ex.ª.» Desenhava-se nas cenas como Julio Correia, literato, que numa das tiradas rijas exclamava sarcastico e dolorido:

«Um belo ideal o sr. Manuel Alves, brasileiro rico, com cincoenta anos de edade e um coração tão cheio de seduções como a sua algibeira de libras para saciar as ancias de amor desta Julieta.»

E a protogonista, em transes de expirar, soluçava para ele:

—«Ouça-me; eu amei-o muito e não sei se poderia amá-lo mais . . . podia porque neste momento sinto que o amo como nunca.»

Tal era a frase que desejava ouvir-lhe, não na hora da agonia, mas na de intensa felicidade.

Diluira-se aquela ambição desvelada no album dum amigo. Desejava que este fosse «abraçar um dia um monge á portaria do claustro, e não poderás dar-lhe o nome que lhe deste no mundo quando lhe chamavas Camilo Castelo Branco.» Falava assim e renunciava à egreja. (*)

D. Isabel Candida Vaz Mourão, tanto fizera que, novamente, se aproximara dele, não o deixara liberter-se dessa serodia paixão de sua alma ardente deslumbrada pelo talento e que habitava um corpo a decrepitar-se. E tanto o escritor, se

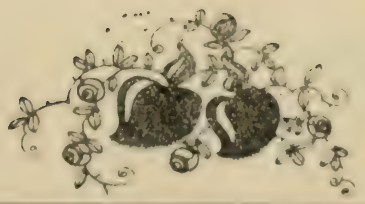
(*) Xavier Barbosa — *Cem Cartas de Camilo*, pag. 70.

admirava desse reatamento, que, antes de pedir ao Barbosa e Silva que lhe arranjasse casa em Viana do Castelo para a monja, perguntava: «Será possivel o seguinte?»

Como segundo a regra as religiosas não podiam habitar em pousadas D. Isabel queria comodo resguardo e desembolsaria à larga porque «estas bravatas pecuniarias estão em harmonia com o genio e as posses da dita». Afirmava que iria «para a hospedaria mas quisera que ela aí estivesse porque, verás, passaremos algumas horas de *nonchalante* convivencia.

Apetecia molezas e como para demais uma epidemia assolava o Porto aproveitava o descanço e distanciava-se do flagelo. Imaginara-se, tambem, que no Alto Minho se infiltrara o mal e desistira-se do verancio profilaxico, pois «o que ela queria era fugir ao colera», repisava ainda depois de ter revelado noutra carta, o que o empeçonhava; a amargura no seu amor ao dizer: «recordaremos poetas *poitrinaires*, as deceções da infancia, a pouca vergonha das ilusões «*mentidas como a onda*» (vide Shakspeare).»

Não podia esquecer — mesmo nas suas rapidas loucuras — a mulher linda, romantica e casada, cuja mãe — aquela doce Ana Augusta Vieira — se fôra inclinando até ao fundo da campa sobre o retrato do marido.



A casa onde foi o «Café do Gato» em Vila Nova de Famalicão

V

MAL DE MUITO AMAR

ARDIS AMOROSOS — O MAIS FEIO DOS NAMORADOS — UM IRREQUIETO NA PAZ DOS MONTES — O NOVO AMIGO DE CAMILO — TRAGICOS CONFIDENTES — SOMBRAS DO BOM JESUS — O FILHO DE ANA PLACIDO — NO COMEÇO DO ESCANDALO BURGUEZ — UM GRITO DE AMOROSA — BEIJOS ARDENTES EM NOITES GÉLIDAS

APÓS a morte da mãe, Ana Placido refugiara-se no grande amor da irmã Maria José. Ficara por sua tutora e como era preciso educal-a, recolhera-a ao Colegio das Orfãs, através de cujas rexas as educandas viam o desfile das meninas muitas direites diante do repuxo do jardim de S. Lazaro, sob os olhares dos janotas encobertos pelas arvores, espreitando-as disfarçando amores. Ao som da musica decorria a tarde e elas, dos seus observatorios, aprendiam os passos do namoro.

Pinheiro Alves gostava muito da aldeia onde floreava importancia e levava a mulher para lá; outras vezes ficava em Famalicão, na hospedaria da Eugenia (*), dando mais nas vistas, lisongeado de a ter comsigo, novinha e linda.

Camilo aparecia na vila sob varios pretextos. Procurava vêl-a, lêr na sua fisionomia e como defronte das suas janelas se abria o café do *Gato*, ele ia namorando as vidraças à cata duma palavra ou dum sinal, isto com resguardos de conjura, quando o marido se ausentava. Os fregueses batiam as pedras do dominó e as sebosas cartas do liques em exclamações barulhentas, sorviam as bebidas, e se reparavam nele, por esse tempo ainda o julgavam à espera de algum morgado tumultuoso ou de amigo em diligencias várias.

Tornavam-se necessarias cautelas sem par, não porque a terra fôsse palreira mas porque a sua mesma pacatez dava azo a mais faceis descobertas das cousas proibidas. As suas ruas lageadas entre os predios velhos gosavam de tranquilidade e em volta,

(*) Hoje hotel «Vilanovense».

num panejamento de arvoredos scenograficos, através de cujas ramas se arrendavam nesgas do espaço, era o campo, a vasta plantação minhota desde o fundo dos vales aos pincaros. Caminhos barrocosos, em amarelidões barrentas, desenrolavam-se no seio da verdura, gilvazavam-na, e por eles, vindos de longe, do Porto, de Guimarães, da Povoa, de Santo Tirso, chegavam os forasteiros, mercadores e campónios nas seges e carroças, aos bandos, montados ou a pé, rolando, em andadas ou em choutos.

Pelo mercado semanal a animação subia; levavam-se promessas de peso à capela que existia no campo; bois loiros, magnificos, bem encornados, babavam-se na chapada viva do sol; subia a balburdia, morgados de dextros varapaus escaqueiravam, às vezes, pandegamente, os montões da loiça de barro ou passavam sobre eles em picarias. Falava-se, durante oito dias, do sucedido, comentava-se e depois tudo voltava à mesma: à curiosidade dos caixeiros a cada rumor de carro, ao remexer dos dominós no *Gato*, à calma, ao socego quando não se ia para as romarias porque então reboliçava-se, foliava-se sem peias, tontamente, alegremente, entre as ondas do mar da verdura, sob o ceu límpido, em louvor dos santos e na graça de Deus.

Uma das viagens do escritor fizera-se na caleça do Malho, do Laranjal, e em companhia dos irmãos Barbosa e Silva, de Viana do Castelo, literatos e amigos do amoroso, bem como na do ilustre folhetinista Evaristo Basto. O fim, ao que se combinara, era consultar certo curandeiro local, Luiz Joaquim de Oliveira, cujas manhas medicinais destroçavam a ténia. Ardiloso filhote de Gondifelos, antigo creado dum medico, o «homem da bicha», como o designavam, ganhara sabença e compostura. Até da côrte o chamariam para aniquilar em régios ventres o anelado sugador. Falaram-lhe de seus males, atocharam-no de fiambre, num almoço bem regado de verdasco e largaram, para o Bom Jesus, satisfeitos dos resultados os que se acreditavam pastio do grande verme como se os livrassem de diabos incubos.

Feliz com este subterfugio voltava a breve trecho, evocando questões de saúde: talvez que dizendo-se ainda atacado e crente no mézinheiro, o pseudonominado de *Anastacio das Lombrigas,* justificasse sua presença.

Familiarisava-se com os logarejos visinhos, decorava-lhes os nomes e recebia a sua correspondencia terna. Se adregava Ana Placido estar em Seide nem assim lhe faltava a missiva naturalmente de doloridos platonismos que o desconsolariam. Ela tomara como recoveira uma raparigota fresca chamada Emilia Claudia (*) e, desembaraçada e confiante, toda presa em afecto, mandava-lhe as letras suaves à chegada da diligencia. Á primeira vez a moça hesitou; dizia desconhecer o individuo, o «fedalgo», a quem entregar o papel; e, então, sorrindo, ilucidara-a:

—«Olha, dá-a ao homem mais feio que lá vier!»

Ao receber a roda de doze que ele lhe ofereceu a aldeã compreendera não se ter enganado e, daí por diante, regularmente se fariam as comunicações.

A mulher enleada num amor e que considerava feio o amado via nele, acima de tudo, o espirito, o talento, o fundo romantico das suas acções, a especie de cauda

(*) Notas duma conversação com a senhora D. Ana Corrêa, de Seide.

de diabolismo arrastada pelo seu nome debatido. E enleava-se em caprichos romanticos que procuravam scenarios condignos. (*) Cativara-se por tudo isto, pois só admirava a inteligencia, (**) e, cultivando as letras, com paixão, deixar-se-hia arrebatar pelas frases delirantes e comovedoras — as sentimentais e inegualaveis cartas camilianas — numa sugestão fascinadora. Mais tarde, no seu Diario, (***) a centuaria:

«Não se encontra coração egual àquele assim como não ha gloria que caminhe a par da sua.»

Desesperavam-se continuamente. Como não podia passar semanas em Famalicão sem dar nas vistas, Camilo voltava ao Porto. Devia parecer-lhe muito mais aborrecida a cidade quasi vasia durante o verão. Os teatros estavam fechados, as casas semídesabitadas nem mostravam as cancelinhas verdes. As familias iodoïsavam-se na Foz, em Vila do Conde, nos longes de Vianna ou refastelavam-se nas sombras das quintas do Douro, nas orlas de aguas espertitas, alegres mesmo em sua mingua. Despovoara-se o Jardim de S. Lazaro e o repuxo murchara, chupadas as fontes pela sêde do sol ardentissimo; os proprios templos emornavam. Só uma vez por outra se sentia maior rumor. Era pelas feiras. Na sombra da velha fachada das Carmelitas, com os Clerigos esfuracando o ceu, os vendedores, debaixo de toldos ou de albergues entelhados, aguardavam á freguezia. As raparigas de grandes chapeus, encoletadas de veludo de lenços brancos quasi em côca discutiam e subia delas o cheiro dos melões, das uvas, das camoezas, até dos ananazes trazidos pelos veleiros das ilhas distantes. Rumorejava o povoleu e diante das louças, dos presuntos vermelhos, das carnes sangrentas, sob grandes guarda-sois, mercadejava-se, enquanto os sinos da torre badalejavam para as janelas fechadas, para os tetos dos predios esguios. Mas ali só passava a turba; raramente se via um fraque ou uma mantilha de lapim.

Ao domingo ainda parecia maior o descampado. Os proprios operarios subiam o Douro em barcos ou iam a Leça, a Valongo, aos arrabaldes, com cestos atochados de comesainas, só voltavam ao escuro fechado; e sobre as aguas, de dentro das iluminadas embarcações subiam cantigas ingenuas atiradas ao ar fresco do rio.

(*) «Raquel, á hora crepuscular da noite desse dia, foi sósinha sentar-se nas escadas do cruzeiro que defrontava com o portal da quinta e então choron as lagrimas represadas em tres dias de represada angustia.

. . . . . .

«Se a essa cruz voltares, noutra tarde, a pedir perdão da queda, hão de os anjos chorar-te, ó Raquel; mas pedirão a Deus que te leve para si e para ele como se houvesses cumprido imaculada o teu destino do ceu.»

(Camilo — *Anos de Prosa*, 3.ª edição pag. 214.)

(**) Sinto-me endoudecer de amores pelo autor dos Luziadas, Garrett, e por tantos outros nomes ilustres, que a minha fantasia se recreia em vêr alindados de primores talvez desconhecidos. Atrae-me, arrebata-me, fascina-me tudo o que o meu espirito abriga enlevado, saído dessas almas ardentes, dessas imaginações imortais que se sentiam rejuvenecer a cada ano de vida.»

(Ana Placido — *Luz coada por ferros*, 2.ª edição pag. 92)

(***) Pertencente á senhora D. Raquel Castelo Branco, neta de Camilo.

Ás portas do *Guichard* e do *Aguia de Ouro*, via-se apenas algum raro melancolico; os «brasileiros» andavam, de calças brancas, nas aldeias, remexendo os berloques e pavoneando-se.

O ambiente era pesado, molentão, enervante e influía assim mais nos nervos do escritor que, á falta de corações para confessar suas maguas, as confiava ao papel com toda a amargura que o enchia:

«É pois demencia esperar melhor vida do que esta? Não tive um bom dia na minha vida até hoje nem já o terei. Se algum prazer póde abalar a minha alma será o galvanismo do cadaver! O amor, só o amor! É tarde; nem eu compreenderia o amor delicado da mulher pura nem me satisfaria esta incompreensivel alma o amor da impura. Se me fôr dada longa vida, o que serei no resto dos meus dias? Prevejo o suicidio: não me matará uma surpreza da desgraça; será a reflexão, o desalento que mata o espirito. Oh! se eu um dia pudesse lêr estas linhas com a alegria no coração! Se eu então quizesse e não pudesse entender a dôr com que as escrevi!» (*)

Esta confissão penosa foi traçada em 20 de junho de 1856 quando talvez tivessem falhado boas noticias da querida mulher que, presa na ideia de sua mãe o esquecesse, um pouco ou, então, é possivel, que apenas maiores torturas, dessas que o assaltavam a subitas, numa tomadia feroz, enchessem a sua «incompreensivel alma.»

José Barbosa e Silva, andava de ha muito a convidá-lo para redigir em Viana do Castelo, a *Aurora do Lima*, o jornal literario local, de tardio poente, nascido, havia mezes, dealbando a favor da boa fortuna.

Começara, logo, a escrever, muito interessado, fazia promessas de aceitar o encargo, mas demorava-se. Não era constante a sua saude; recorria muito a miudo a casa de D. Eufrazia e entregara á D. Isabel a sua filha para que a educasse no convento, á beira dela, dando-lhe instrução, sendo a sua amiga.

Como numa despedida prendera o chalito da pequenita com um alfinete garrido que a freira lhe oferecera outrora em simbolia da embriaguez do seu amor. Devia dar-lhe, ao devolvê-lo, a certeza do fim do romance ao qual andava rasgando as folhas, a morte desses enleios. Dispunha-se a partir para Viana em segredo e quando ia deixar-lhe Bernardina Amelia vira a pobre monja soluçar perdidamente. A subitas increpara-o rugira, acusara-o de querer saír do Porto sem lho dizer. Volvera-se a chorar, e, num deliquio extranho, parecia finar-se. O medico Joaquim José Ferreira, o *Ferreira, Janota*, amigo de Camilo, sobressaltara-se, dissera-lhe ser perigoso aquele ataque dolorido. Achava possivel a morte vinda a subitas do seu consumido coração. E o escritor apiedado, não resistindo ás lagrimas, ficara e escrevera ao Barbosa: «É-me

(*) Desenove anos depois Camilo escrevia:

«Nunca vos pude lêr, ó paginas da minha mocidade, sem recordar saudoso o tempo em que as escrevi.»

Traçava estas linhas sob as outras em Janeiro de 1875. Foram insertos em *O Leme* os dois pensamentos.

impossivel, já agora, *ser meu*. Ha-de haver sempre em mim um pensamento bom que me escravise ao mal (*)

Não poderia ir para Viana; mostrava-se compungido. Poz-se a colaborar mais largamente na *Aurora do Lima*, daí a pouco, asseteado pelos seus desgostos, acalentava novos projectos, e mesmo alanceado criava as figuras patuscas, sôstras, e pícaras das *Scenas da Foz* de onde viera desolado.

Os males fisicos não o abandonavam; a bronquite sacudira-lhe o peito, uma indigestão abalara-o e por outras enfermidades, ainda menos romanticas do que estas, sentia-se enfraquecido, ansioso de novos ares. Pensando só na alegria da mudança de logar, enervado pelo desejo de se encontrar noutro meio, dispunha-se a partir. Fazia largos planos, para o periodico; enchia-se de esperanças, de ventura e de dinheiro, pensava no futuro, naturalmente lembrando-se de Ana Placido, e ia tratar de se meter num ninho onde talvez imaginasse vê-la a seu lado.

O cão *Martirio*, acompanha-lo-hia como a marcar que se o levava era porque tencionava assentar ali a sua tenda. Chegara até a querer deslocar da cidade a D. Eufrazia que chorava muito ao receber o seu adeus e, sabedor que lhe tinham arranjado uma morada risonha, em S. João de Arga, á vista de aguas formosas, entrara em Viana, numa terça feira (**) a 7 dum lindo abril. Integrava-se no jornal.

Escrevera na sua ansiedade: «Já te disse que estou morto por saír daqui.» (**) «Estou triste, aproxima-se a hora de deixar, *para sempre*, uma terra, onde a par de muitos dissabores, experimentei algumas alegrias instantaneas. Não é da gente que levo saudades, não. É de não sei quê . . .» (****)

Não confessava esse «*quê*» nem ao seu intimo que devia saber quem era aquela Henriqueta da dedicatoria da *Poesia ou Dinheiro*, a heroina de outros livros, a sacrificada, a A * * * dos seus numerosos versos.

Pois de que levava ele saudades?! Eram tantas, que ao cabo de cincoenta e cinco dias, abruptamente, largara da vila, sem se despedir dos Barbosa e Silva deixando ao José estes desolados dizeres:

«Não posso aqui viver. Falta-me tudo porque o tudo para mim é a paz do espirito sem o qual me é doloroso, senão impossivel, o trabalho.» (*****)

A Luiz, escrevia:

«Recebe o meu *saudoso* adeus. Parto nesta semana para o Porto. Aí me tens ansioso das tuas ordens. Não pude vencer as saudades, picado pelas incomodidades em que vivo aqui. Isto ainda não está para mim, meu caro Luiz. O coração ou o habito, podem muito. Adeus.» (******)

Nem numa tranquila terra da provincia longe da amada, ele podia viver embora tão pouco tempo: Que seria se tivesse envergado a batina e para mais longe o mandassem pastorear em nome de Deus?! O que o atraía era o Porto, ou antes era ela.

(*) (**) (***) (****) (*****) (******) Xavier Barbosa — *Cem Cartas de Camilo*, pag. 18, 46, 43, 45, 46 e 47.

Não se deteve. Receou que os seus dedicados amigos de Viana, o quisessem convencer a ficar e fugira-lhes. E ao reinstalar-se no burgo, recaíra no aborrecimento no que chamava o estado «letargico» e voltava a ensaudar-se de tudo o que deixara. Devia lembrar-se do que o animara e como por ali vivera.

Chegara a galgar ao alto da serra de Arga, (*) onde nasce o Ancora das prateadas trutas, e, por sobre o qual muito no alto, as aguias vôam. Andara pelas brenhas, onde passara a sandalia santa do Aginha, vira de lá as vilas caiadas de Ponte do Lima e de Caminha, vaguidões galegas e Viana do Castelo, a ridente; calcara as planicies de S. João e da Bica, que lembram terreiros de acampamentos, e topando capelinhas, entre os montes, subindo á Senhora da Serra e a S. Pedro de Varães, depararia com as ruinas de Bulhente, e veria o cabeço do Facho e toda a costa do Ladeiro surgindo em vivas scintilações. Talvez ouvisse ladainhar o povo nas quebradas, á conta de Deus, direito aos templosinhos, em preces para o calor do sol ou refrigerio de chuvas para as terras só do seu suor bem regadas. A Santa Luzia e á mata do convento de S. Francisco, visinho da fonte bucolica do Mirto, foi ele e por sinal receou, ao divagar de mais recordando-as, enlear o fio dum romance, (**) de tragicos amores, nos espinhos dos silvedos.

Aquilo, porém, assim tão sósinho, tão longe dela, por mais linda que fosse a natureza e mais surpreendentes e magicos os panoramas, não era vida para o agitado ansioso de falar do seu amor.

Agora ali, na cidade, desforrava-se a trabalhar.

A sua maior distracção era a faina que largamente frutificara. Publicara as *Duas Horas de Leitura*, saíra do prelo a segunda edição do que titulara *Um Livro* e esse singelo e doce romance *Lagrimas Abençoadas* feito de sopros angelicos prepassando sobre toalhas de altares. Nas suas paginas, onde sôam resignadas palavras de freis atormentados e soluços de gente boa, confessava: «que a felicidade vem a preço de lagrimas como a consolação do salvamento a preço das agonias do naufragio.» (***)

Tentara o teatro e lêra num ágape o seu drama *Espinhos e Flôres* dedicado a Alexandre Herculano como numa genuflexão perante um principe.

A sua conta, continuavam os rugidos. Aquelas linguas da Praça Nova tinham voltado mais desembaraçadas pelas lavagens nas linfas campesinas, mas, como se tivessem mergulhado tambem em vastos coalhos hervados e amargos saburravam travos logo expelidos nos costumados sussurrinhos perversos tornados em ecos fortes e flutuando do anonimato para as bôcas de toda a gente.

Podia afixar o seu amor, mesmo sem querer. Aquele afecto já ia em perto de oito anos de teima, de hesitações, de martirios, de pudores e de agravos, de fugas

(*) «Se eu me deixava ir agora á vontade da pena, lá me ficava o romance enredado nos silveirais da mata de S. Francisco de Viana onde já passei um dia, lá muito no alto.» — *Camilo.*

(**) O romance a que se referia era as *Estrelas Funestas* publicado em 1862 e no qual ha ainda a tortura dum amor contrariado.

(***) Prefacio da 3.ª edição.

e de aproximações sem que, todavia, a mulher cedesse e sem que o homem desistisse. Seguia-se como um fio de novela de tiragem larga semelhante embate de paixão. Ana Placido se não lhe caíra nos braços tudo a impelia para eles. Orfã de pai e de mãe só devia considerações ao marido e esse era odiado; porém, apesar do seu corajoso espirito mais instruido e liberto que o das senhoras do seu meio, guardava ainda um recato nascido da sua educação de infancia.

Juntavam os nomes de ambos nos falatorios das lojecas e dos cafés, muito perfidamente, em risadinhas lubricas, acanalhadas. E ele pairava. Os dos soalheiros e os da roda maldizente da Assembleia espicaçavam-no ainda mais desde que lhes retorquira definindo-os em versos desafiantes: (*)

Quem quizer venha ao Palheiro
Desta nossa assembleia
Ha de vêr linguas farpadas
Em bôcas já desdentadas
Manchando a honra alheia.

Descrevia-os e ferreteava-os:

Ha-de vêr velhos devassos
Como em lubrica orgia
. . . . . .
Ha-de vêr o extinto frade
Com bochecha rubra e gorda
. . . . . .
Ha-de vêr o milionario
Brasileiro com mil tretas
A contar em sujas côres
As lendas dos seus amores
Com as suas trinta pretas

Acoimava-os de epigramistas infames dum satanismo devasso: ripostava-lhes desde que não só lhe tinham negado a entrada para socio da Assembleia, mas ainda faziam levedar todas os noites a azeda massa do seu descredito.

Chegara mesmo a atacá-los de frente, com os nomes por inteiro, o que lhes causara engulhos e diz-se que até congestões, e noutro artigo enviado à *Aurora do Lima*, tão arrojados periodos tecia à sua volta que alguem interviera a sustar a publicação, no que concordara, embora penalisado. (**)

(*) Camilo — «Folhas caídas apanhadas na lama»,

(**) «Treguas à impudencia e à infamia. Haja sempre um homem honrado que estenda a bandeira da misericordia sobre os velhacos. Rasga, portanto, a 2.ª correspondencia alusiva ao *Palheiro*, mas lê-a primeiro a um ou dois apaixonados do circulo. Tenho pena de não a vêr em letra redonda.»

Xavier Barbosa — *Com Cartas de Camilo*, pag. 34.

Estorcegara-os; ia continuar o suplicio mas cedera aos rogos do seu amigo (*) e do jornal; inclinara-se à clemencia. Assim os malevolentes deixaram de receber o sal sobre as escorchuras.

Estivera detido em casa, os olhos pertubados, na diplopia, cansados por tantas lidas e escritas à luz dum candieiro de três bicos. Ia melhorando mas sentia-se falhado na existencia.

Por esse tempo se falava do seu amor, se o confidenciava era a alguem que penetrara tanto no seu coração quanto é possivel abrir-se numa alma, onde uma grande paixão vive, logar para mais um afecto enternecido. E' que parecendo-se os dois espiritos na impulsividade, nos destrambelhamentos dos feitios romanticos, nas audacias a nos a-didos golpes, os seus possuidores compreender-se-hiam quasi sem falar, emalhetados nos mesmos sentimentos.

O novo amigo de Camilo chamava-se José Cardoso Vieira de Castro e ia fazer vinte anos. Retumbara jà tanto o seu nome que mal se acreditava ser tão novo. A mocidade não se lhe lia no rosto palido, a embarbar-se, que apenas se animava, e então em reflexos ardentes, nas excitações, nas emotividades.

Era uma das ultimas organisações do delirio novelesco.

Pertencia a uma familia de letrados, com seu solar no Ermo, em S. Vicente de Passos, da comarca vimarenense.

Seu pai fôra um homem probo, rigido, seu tio Antonio Manuel, um agitador. Paroquiara a riquissima freguezia de S. Clemente de Basto (**) e em vez de devorar tranquilamente os réditos pingues, lançara-se nas conjuras liberais, sofrera, deixara o país, despira a batina e envergara a farda, falara sempre alto, na tribuna sagrada e na parlamentar e, grande amigo dos Passos, arvorara-se em defensor da liberdade como ela se entendia nessa epoca, em que a viam como a deusa imaculada dos poetas e dos caudilhos. Alçara-se ás honras maximas; ás de ministro da justiça e de guarda-mór da Torre do Tombo e, aos quarenta e seis anos, falecera, num retirado quinteiro de Campolide, ainda a sonhar glorias.

Deste tormentoso paladino que obtivera nomeada, deste padre que não quizera ser bispo, apesar de ter governado a diocesse de Vizeu, herdara o sobrinho aquela audacia que o levara, em plena sala dos Capelos da Universidade de Coimbra, a increpar os lentes que reprovavam um sabio candidato à cátedra, Barjona de Freitas. Os estudantes sentiam a indignação a referver nos seus corações mas não se atreviam a descomporta-la dos labios. De repente uma voz moça soara; um rapaz livido de comoção e de colera dominara de pé, sobre uma cadeira, e, numa torrente eloquentissima de condenações, verberara os professores. Num gesto febril dizia-se envergonhado de vestir os seus trajes academicos se os seus colegas, se toda essa juventude que ali estava não se revoltasse. A rebelião nasceu e com ela um grande orador

(*) Fôra um dos mais importantes comerciantes de Viana, João Loureiro Afonso.

(Xavier Barbosa — *Cem Cartas de Camilo*, pag. 34)

(**) Rendia de 8.000 a 10.000 cruzados.

desse primeiranista de direito. A creança gerara à sua volta um culto; ganhara popularidade; obrigara a decorar o seu nome. Riscado por dois anos dos cursos, vira o proprio Herculano pleitear pela sua readmissão. Passara aqueles vinte e quatro mezes de sueto forçado a exercitar-se no ataque e ao regressar aos estudos primava nas brilhantes lições mas não se dispensava de criticar o reitor, visconde de S. Jeronimo, nas paginas do *Nacional* do Porto onde entrara pela mão do seu amigo. A sua vida academica passara-se deste modo. Era o incontestado chefe das falanges da mocidade.

Apesar dos doze anos de diferença da sua idade para a do escritor, sentiam egualmente; caíam nos intimos desabafos nascidos da atração de temperamentos semelhantes. Existe como um fluido a actuar sobre os que assim nascem. Chega-se o imaginar que no fundo dos recuados seculos, as moleculas de certas organisações se amassaram no mesmo vaso inicial, e, atiradas aos acasos, teem andado reproduzidas e palpitantes a entenderem-se atravez de milhões de existencias. Só por essencia divina se explicam certos afectos crescidos, a subitas, e resistentes a todas as ardilezas do baixo mundo. Para demais eles eram dois ultra-romanticos e tal sentimento constituia então uma ala, uma *clan*, uma cruzada. Tanto se vivia para a ideal na adolescencia como no pendor da idade.

O estremecido privado do desditoso era aquele rebelde de vinte anos.

Substituira no seu afecto o extranho José Augusto Pinto de Magalhães neurastenisado e morto numa crise de renuncia dos gosos do amor tanto mais terrivel quanto os carnais turbavam o asceterio.

Outra, quasi infantil depositaria de segredos, vivia ao lado de Ana Placido: a irmãsita, Maria José, com seus incompletos quinze anos e as rosetas purpureas da febre incandescendo suas graciosas faces. Saíra do colegio ao declarar-se-lhe a queixa do peito, o pródromo da tisica matadora de alguns dos seus.

Por essa necessidade que os enfermos e os amorosos sentem de contar os seus males e os seus anceios, ela não resistira a entregar-se confiadamente, ao coraçãosito em que já se abria tambem uma precoce sêde de ser amado. E nas tardes de maio, ambas na sua janela, sentindo o rumorejar do Porto em baixo, na labuta, conversavam de sonhos e de ambições. A mais velha ia olhando as vidraças chamejantes da casaria ao preanunciar-se o poente; sentia subir, com a bulha da cidade, o seu halito forte. Apareciam visinhas nas varandas; os pianos soavam as banaes dolencias da *Casta Diva* e os janotas desciam, devagarinho a rua do Almada nos raios dourados da ultima luz do dia. Trinavam pregões e da Cordoaria chegava o rodar das seges pelo Carmo á Cedofeita; recolhiam os passaros às arvores, pipilavam em torno das magnolias da Porta dos Carros, sobre as camelias refletidas no espelho verde das frescas folhagens. Conversavam sempre e era o amor de Ana que explodia de seus labios entre o perfume das rosas de toucar e a caricia aveludada das tulipas num canteiro. Quedavam-se embevecidas; ficavam-se a meditar. Maria José colhera uma haste da roseira florescida nalgum caixote nessa varanda citadina e ia-a vergando, enroscando-a como uma auréola instintivamente, sonhando por sobre os

lagedos da calçada. Começaram a soar as Aves Marias na Trindade; calaram-se os pianos; uma grande paz se germanou em sombras e elas levantaram as mãos ao ceu e puzeram-se a rezar. Nas outras casas elevavam-se, tambem naquela hora, os pensamentos a Deus. A irmãsita chamou-a e ela, perdida no seu grande sonho, não a ouvia; então embiqueirou-se, para a beijar na fronte e pôr-lhe na cabeça formosa o diadema que tecera. Ana soltou um grito, despertou do seu devaneio sobre o futuro; um espinho atanchara-se-lhe na fronte, uma gotinha de sangue escorrera como se brotasse de seus enleios. Maria José ficara a olhá-la tristemente.

Escondera-se o sol; a noite descera e a pequenita murmurara algumas palavras inspiradas como se visse no enchumbado fim da tarde, após o esplendor dos ceus, o contraste dum sonho de triunfos tocado pelo rubineo laivo. (*)

No mez seguinte foram para o Bom Jesus do Monte onde os tisicos encontravam, senão melhoras, ao menos enganosos alivios.

Na grande mata gorgeiada pelo cantico das aves passeavam pares que mal se encontravam nos caminhos sombrios e frescos; lá no alto, o templo, com seu escadorio monumental, parecia guardar aquele arvoredo magnifico, no meio do qual os homens e os rouxinois amavam em romanticos devaneios.

Passeava-se na alameda da *Mãe de Agua* e ouvia-se o sussurar das fontes em muito maior enlevo que noutro logar onde entrelaçavam iniciaes nos troncos confidentes. Os corações enchiam-se mais de paixão e de legenda que de ar puro os plumões dos tuberculosos, macilentos e de olhos fusilantes de tristezas, mui tardos pelos carreiros no abrigo das ramadas vastas.

Ao longe um largo esverdinhado contrastava com o oiro do ceu; e os contrafortes do Gerez, num veu tenue de neblina, pareciam limitar o mundo áqueles que o desejavam, em sua alma, ainda mais pequeno e o queriam apenas cingido ao trecho do bosque onde coubessem com a mulher amada.

Camilo soubera tanto o que era esta aspiração que ao aproximar-se sentia rumorejarem «umas toadas dentre as selvas» (**) pelas quais depois quereria «afinar a sua alma.»

Gostava muito do monte, ali estroinara com outros rapazes em periodos felizes, vivia em agonias de amor e arrebatado entre as arvores algumas (***) «suas mais dilctas confidentes». Jamais lhe devia dar tão grande prazer a paz dessa floresta como ao vêr Ana Placido «sentada num cómoro tapeçado de relva» tendo (****) ao lado a irmãsita cuja cabeça se reclinava no seu hombro. Ambas deixavam errar a vista pelos pincaros da serrania brava. A voz da amada entoava baixinho uma

(*) «Olhavas-me com tristeza. . . Depois estendendo o braço e elevando a voz pressagiadora que eu escutei como a do anjo da anunciação, deixaste caír dos labios a profecia:

«*Luz e Trevas, Gloria e Martirio.*»

Ana Placido — *Luz coada por ferros*, 2.ª edição, pag. 113.

(**) (***) (****) Camilo — *No Bom Jesus do Monte*, 3.ª edição, pag. 1, 2 e 119.

canção triste e ele escutou-a; depois falou-lhe, diante da inocencia daquela pequenita encantadora cujo coraçãosito tambem começava como uma rolita pudica a ensaiar seus amorosos vôos. A mulher que devaneava, dentro em um mez ia ser mãe.

Muito baixinho disseram do seu amor e trataram daquela confidentesinha de forma que os não ouvisse; deixando correr pelas faces o seu pranto, a mais velha murmurara: «assim morreremos todas!» (*)

Talvez nessa hora recordassem aquele baile onde havia ao lado duma creança «parecida ás belezas de Rubens» outra que era «açucena a desfolhar», e que chamada por uma senhora «grossa e refeita» fôra cantar ao piano emquanto ele reflectira «cantar e morrer.»

Seria este o começo do seu encontro? Nascera assim o amôr? Tratava-se talvez, dalguma outra irmã dela condenada como a pequenita que louçanava e, presa num inicial afecto, perguntava já, familiarmente, ao homem feio, de voz cariciosa e olhos formosos, que a sua Ana estremecia: «Ele não virá?» (**) O namorado chegara então, sorriram-se. Maria José, de faces escarlatadas, amara-o, «naquela tarde de Julho, com o fervor de alma que já ouvira tres vezes a voz de cima a chama-la.»

Para sempre estreitamente se ligaram na poetica selva os que havia tanto tempo se queriam, o escritor que não sabia crear romances sem a meter dentro deles, linda e sacrificada; a heroina que se via desenhada e se entregava. Conhecia de cór os seus versos, os já publicados, aquelas endeixas a A * * *, os dedicados a (***) Ludovina, os primeiros soluçados a seus «carmes», todos os que andavam nas bôcas romanescas. Ele, agora, ia ofertar-lhe uma poesia que só mais tarde os profanos poderiam lêr entre o rumor do escandalo monstruoso: a partilha da sua gloria e da ventura a seu lado. Dizia-lho com o sentimento dum grande amor e acreditava que lhe podia dar essa felicidade, ante o novo sacrificio, com a mesma certeza com que lhe dedicava os lindos versos.

Sentia-a muito prestes a ser sua para sempre e assim como ela disse vêr «no espaço imenso da fantasia rebrilhar estrela fulgurante» (****) ele, decerto, repudiou o

---

(*) (**) Camilo — *No Bom Jesus do Monte*, 3.ª edição, pag. 122. e 123.

(***) Nas *Horas de Lucta*, Freitas Fortuna declara que a primeira poesia oferecida a Ana Placido é formada por vinte e sete quintilhas e dedicada a A. . . Esta foi inserta no periodico o *Nacional* em 25 de maio de 1858. Já outras com o mesmo destino tinham sido publicadas tanto nas *Inspirações* como em *Um Livro*.

Certamente foi aquela a primeira que lhe ofereceu mas não na data da publicação. Guarda-la-ia durante anos tantos como os que decorrem desde o aparecimento das ofertadas sob esta legenda: A * * * e que começava:

São teus os carmes que escrevo

e que data, pelo menos, de 1851.

(****) Ana Placido — *Luz coada por ferros*, 2.ª edição pag. 112.

desolado conceito em que se tinha dois anos antes: «Prevejo um triste futuro, se não morrer a tempo, de bater á porta do coração e achá-lo convertido inteiramente a cabeça. Com cabeça sómente, não se escreve.» (*)

Entregaram-se de vez áquele grandioso amor. Não poderiam desenlaçar-se e tambem não se esconderiam mais. O que fôra até aí uma tentação ante a qual ela só sonhara impossiveis e ele atordoamentos, nos braços das rivais do acaso, apresentava-se-lhes como uma realidade. Não pensavam nas consequencias. Tinham caído no maximo desdem por tudo quanto não fosse o seu amor. Ana soubera das suas ligações, durante aqueles anos em que a perseguira, a cantara, a desenhara nas paginas dos seus romances e por sua causa se rebelara contra uma cidade inteira mas perdoava-lhe. Camilo conhecia as cartas escritas ao que fizera vibrar primeiro o seu coração infantil e nem lhe falava nesse devaneio embora, mordido no seu orgulho, devesse mostrar-se, depois, arrependido do movimento generoso em que envolvera (**) o outro.

Imaginara arranjâr empregos, cousas solidas, seguras, um bocadinho de pão certo, e procurava-o com afan para lho fazer partilhar. Imaginava, até, eleger-se deputado.

O seu renome literario não era titulo suficiente para os cargos, a que concorriam os banais bachareis e, então, Alexandre Herculano, saindo do seu casulo de severidade, desencortiçara o rostogilvasado, abrira-o num sorriso para a obra do romancista e sinceramente o aclamara: um renovador. Mais ainda; ia propô-lo para socio da Academia Real das Sciencias (***) o que lhe deferia diploma egual ao dos autenticos doutorados.

Era o maximo da consagração para um homem de trinta e tres anos não tanto pela honraria mas por ter conseguido desenrugar a fronte do grande escritor cujo gesto o tornara seu par no grande cenaculo oficial.

(*) Xavier Barbosa — *Cem Cartas de Camilo*, pag, 24.

(**) Na segunda edição da *Vingança* retirara a dedicatoria a Antonio Ferreira Quiques.

(***) Segundo informação da secretaria da Academia das Sciencias consta o seguinte acerca da eleição de Camilo:

«O sr. Herculano propôs para socio correspondente da Academia o sr. Camilo Castelo Branco, (acta de 28 de outubro de 1858).

«Os socios Felner e Levy apresentaram o seu parecer sobre a admissão para socio correspondente do sr. Camilo Castelo Branco que foi aprovado e admitido, devendo notar-se aqui que por esquecimento se deixou de mencionar na data de 28 de outubro terem sido aqueles dois socios encarregados do parecer sobre este candidato» (acta de 9 de dezembro de 1858).

O parecer dos dois academicos não se encontra nos arquivos. O ilustre escritor foi nomeado mas não consta que tivesse feito uso do honroso titulo, tanto mais apreciavel por vir de Herculano.

(Levy) foi visconde de Paiva Manso, era advogado ilustre, jornalista e historiador, autor de numerosas obras e entre elas a Historia do Congo e Historia do Direito Romano.

(Felner) Rodrigo José de Lima, era autor dramatico, tendo escrito varias peças como o *Templario*, o *Cego* e o *Vampiro*. Era um maçon de renome.

Tempo antes tendo passado a cavalo, debaixo das janelas de Ana Placido, metera á rua das Hortas, sob um luar esplendido. Eram dez horas; havia gente nos portais refrescando-se das ardencias de julho. O passeio sucedera, naturalmente, numa das vindas das duas irmãs de Braga ao Porto. (*) Ele floreava as suas picarias de galã, atrevidamente mas a montada empinara-se, sentira-se bem segura na mão do cavaleiro e acabara por se atirar ao chão arrastando-o consigo entre o berreiro das estopeiras e das comadres que tomavam o fresco nos poiaes, sonolentas e bisbilhoteiras. Ajudaram-no a desembaraçar-se dos estribos, tiraram-no muito ferido, debaixo do animal. Camilo tinha o rosto rasgado pelas pedras da ruela. (**) Pareceu dar pouca importancia ao desastre, todavia, no dia seguinte, não se falava noutra cousa e embora os do Porto estivessem a ares sempre houve quem levasse a nova da viela aos soalheiros de mais monta. Relacionaram essa passagem do cavaleiro pelo local com o que se boquejava de Ana Placido e daí a pouco não havia maneira de ocultar que ela o esperava, lhe dava atenção, andava doudejando como diria a visinhança em grandes gestos escandalisados ou gatafunhando cartas anonimas.

Para demais nascera o filho. (***) Emquanto delirava nas sombras do Bom Jesus estremecia no seu seio a creança. E Camilo, numa extranha serenidade — ele, o ciumento — diante desse ventre alteado envolvia-a numa poesia doce como se o infante fosse o fruto da sua paixão e não do odiado, malquerido esposo da sua amada. O pequeno aparecia, após oito anos de infecundidade da linda mulher, exatamente quando ela deliberava fugir de casa com o seu sonho. Levaram-no a baptisar ao cabo de dois mezes, à egreja da Vitoria e Antonio Bernardo Ferreira (****) representando o irmão de Ana, Placido José Vieira, tocara por padrinho, ao lado da delicada Maria José (*****) que era a madrinha e ia morrer no fim do outono. O escritor que a amara, como a todas as afeições da senhora do seu coração, desoladamente a choraria. (******)

(*) O facto deu-se em Julho de 1858. Nas *Cem Cartas de Camillo,* lê-se a descrição. Como se sabe em 14 de Julho desse ano estava ele no Bom Jesus onde falara com as duas irmãs.

(**) «Quando me ergui tinha a cara partida em tres partes. Montei, vim soldar os fragmentos da cara e estava bom, só um pouco mais feio que dantes.

Xavier Barbosa — *Cem Cartas de Camillo,* pag. 136.

(***) Conforme se lê em Camilo, *No Bom Jesus do Monte,* foi em junho de 1858 que estiveram neste logar. Manuel Placido, baptisado solenemente, na egreja da Vitoria como filho legitimo de Manuel Pinheiro Alves e D. Ana Augusta Placido Pinheiro Alves, nasceu em 11 de agosto do mesmo ano.

(****) Vêr Doc. G.

(*****) Acerca de Maria José diz o Mestre: «amaste naquela tarde de junho com um fervor duma alma que já ouviu tres vezes a voz de cima a chama-la. Dous mezes depois, Maria, morreste.» Camilo — *No Bom Jesus do Monte,* pag. 178. Pelo menos tres mezes medearam até à sua morte pois que em 6 de outubro de 1858 ainda ela assistiu de madrinha ao sobrinho.

(******) Sob a legenda a A. M. J. cantou-a no *Anoitecer da Vida:*

Fugiste ave do empyreo
E nós que eramos teus

Mal se avolumou aquela campa, não houve mais cousa alguma a prender a exaltação da amorosa. A sua rua apontava-a como culpada; o Porto falazava e um tio, Luiz da Serra Pinto, ao que parece casado com uma irmã do falecido Placido, metera-se a aconselhá-la. Achegara-se-lhe encarrancadamente a despejar na sua frente as imundicies exaladas da travessa das Hortas e adjacencias e a pedir-lhe que acabasse com a sua descomposta atitude.

O indicado amante devia aparecer aos olhos deste severo parente ainda mais desfigurado do que no mau juizo mantido a seu respeito por todos os portuenses de peso e seus aderentes.

Ela era mulher corajosa, altiva, de animo forte, mas ao ouvir evocar a familia, os seus mortos, prometera acabar com essa ligação da qual, apesar de inocente nos seus propositos, por seu lado o mundo tinha razão de falar. Estava casada; o seu estado mandava-a submeter-se. Decidiu-se, pelo menos naquele instante, crente que saberia arrancar do coração a esperança. Não o conseguia e o Porto, nesse inverno, falou mais alto. Manuel Pinheiro Alves increpou-a e com solenidade de quem deseja liquidar uma questão honrosamente, convocou para casa alguns amigos respeitaveis e seguros ante os quais narrou o seu desgosto pedindo-lhes o avisado e digno conselho.

Sentiu que não podia renunciar á sua paixão, que lhe era impossivel viver com o marido como já lhe dissera. (*) Este impoz-lhe o convento como num romance do rival talvez, esperançado ainda na reflexão da esposa que tudo iria perder pela aventura, com esse malvisto esturdio sem recursos. Oferecia-lhe tres casas da sua confiança para ela se asilar em meditação. Queria muito, imensamente, agora com um ciume de velho — passava já dos cincoenta — a essa linda mulher.

Desvairava; via-a partir para uma das residencias, escoltada pelas testemunhas da scena e levando comsigo a ama e o filhito cuja a existencia começava tão mal embalada. O amoroso teria perdoado a troco de mais beijos; o comerciante era impelido pelos parceiros a seguir os classicos passos de seus eguais em semelhantes transes.

E quantas esposas não tinham refletido sob as vistas doutras mulheres algumas dignas, outras expiadoras de grandes culpas?!

Escolhera-se para a depositar a casa de Agostinho Francisco Velho na rua de

---

(*) «Deus te livre que eu alguma hora me esqueça de que tenho familia que não é meu marido. Se eu lhe perder o respeito a ela, se os estimulos de mulher casada não me faltarem, tu verás então que eu não tenho outra familia.»

«O marido arregaçando os musculos businadores e as azas nasaes com eles, regougou:

— «Põe là essas doutorices em miudos, que eu não te entendo.

— «Se tu me entendesses — redarguiu Raquel — nunca me forçarias a falar assim à tua ignorancia.»

Camilo — *Anos de Prosa*. 3.ª edição, pag. 212.

D. Maria II. Tratava-se de familia de posição grada e de bons teres. Era celebrada a sua quinta no *Reduto das Medalhas*. (*)

A recolhida quiz receber apenas uma sua prima, ao que se dizia; vinha enche-la de bons conselhos, asseverava-se.

Julgaram-na portadora da salvação na sua aceada e grave atitude. Talvez a levasse de novo ao lar essa senhora respeitavel. Camilo dirigia a emissaria que era D. Eufrazia Carlota de Sá, a D. Eufrazia, a sua hospedeira, e sua grande amiga. Quando soube de quem se tratava, o dono da casa, proíbiu a entrada à dama; encheu-se de argumentos solidos para convencer Ana Placido a regressar ao seu bem estar da rua do Almada ou, no caso de não querer vêr mais o esposo, ao menos a recolher-se, de vez, a um convento, (**) que podia ser mesmo longe do Porto se lhe fazia pena o enclausurar-se na sua terra.

Tinham sido chamados à conferencia com dois ou tres comerciantes, cujos conceitos ela saberia esmagar com os seus reptos de mulher superiormente inteligente, alguns homens de posição social e cientificamente caracterisada. Nada menos de tres professores da Escola Medica acorreram como se fossem a uma junta à cabeceira de enfermo em perigoso estado. Eram os drs. Macedo Pinto, Luiz Antonio Pereira da Silva e José Pereira dos Reis; a seus lados, como num tribunal, nos canapés e nas cadeiras da sala de visitas, sentavam-se atentos, malassombrados e solenes, os outros intimos do desfeiteado esposo.

O lente Pinto, era um beirão adaptado ao Porto; fizera estudos serios em Coimbra, metera-se na politica sem deixar a sciencia (***). e figurava em côrtes como deputado. Dedicava-se a questões economicas, e tinha quotas em sociedades anonimas.

Por estas decerto, entrava naquele sinédrio devassador duma alma feminina o quarentão que estava noivo. (****) Não se pronunciou muito na sala dos Velhos onde o seu colega Pereira da Silva tivera a maior parte da acção.

Este era um poveiro que cultivara a medicina com sapiencia e que teria sido

---

(*) Foi vice-consul do Brazil no Porto.

(**) Como reminiscencia desta scena, ridicularisando-a, escreveu Camilo, transformando tambem os personagens, o que narra nos *Brilhantes da Brasileira*. Traça tambem este retrato de Ana Placido como o da mulher do comico e ganancioso Hermenegildo Fialho Barrosas: «alta e refeita, cabelos castanhos, testa larga e escantiada, sobreolhos pretos; palpebras amortecidas com aquele doce cansaço do sono irresisivel, faces que as rosas não deixam ser trigueiras mas que um primoroso apreciador do belo desejaria menos carminadas; beiços arqueados pelo molde da pequena bôca ainda pequena quando o riso mostra o esmalte dos dentes: pescoço alto, quebrando em ondulações de jaspe e torneios de espaduas e noutras ondulações que o cantor da Ilha dos Amores sabia descrever lindamente colhendo nos pomares suas graciosas analogias: tal era Angela.» (Pag. 38).

(***) Foi visconde de Macedo Pinto.

(****) Casou no ano seguinte com Ana Clementina Pires Moreira Guimarães, filha dum abastado negociante.

agronomo de reputação pois para a agricultura iam todas as suas tendencias (*) Publicara um jornalsito e, com cincoenta anos, o professor de fisiologia devia analisar a que se lhe deparava, de olhar firme, atacante como um bisturi rasgando fundo. Aparecera a convite da acusada a qual lhe explicara como fôra para ali conduzida. Em sua casa, na rua do Almada, os amigos do marido tinham-na interrogado, depois trasido para essa moradia até deliberar se desejava entrar num convento ou abandonar a tutela marital. Entraram em pormenores materiaes; subsistencias, bens. Sabia que só lhe dariam auxilio desde que obedecesse. Do contrario, fóra da clausula ou do lar, era a miseria o que a esperava, embora o marido não pudesse deserdar o filho. (**) Desejava ouvi-lo como medico conscencioso e sabio.

Gravemente ele lhe aconselhara o convento e daí, desse terreno neutro, disputar os seus direitos.

Ana Placido não teve o desinteresse das romanticas. Na casa visinha chorava uma creança embalada pela ama.

— Que não sabia se lhe dariam alimentos. Conhecia o que se passara... Os bens do casal estavam alienados e atiravam-na para a mendiguez... Aduzia mais razões, discutia com firmeza, eloquentemente, lembrada talvez duma passagem de certo romance de Camilo no qual se mostrava a uma mulher nas suas condições, sacrificada, o direito que lhe assistia da desfeza dos interesses do seu filhinho.. (***) O medico insistia; apontava-lhe as grades como um refugio. Queria libertá-la enclausurando-a. (****)

Escutara-o mas não se convencera. Para outro logar a impelia o coração. O marido, assenhoreado do dinheiro, buscava submetê-la pela fome, pelo futuro que lhe

---

(*) Fundou e dirigiu o jornal *Jardim Portuense*, desde 1842 a 1844. Escreveu sobre outros assuntos e isso prejudicava-o na clinica.

(**) Era, um costume corrente para castigar as mulheres, casadas em comunidade de bens, fingirem-se os maridos empobrecidos. Ha grandes marcas de scenas identicas nos livros de Camilo reminiscenciado decerto por aquele caso e outros semelhantes embora transtornasse as personagens.

«Convieram que Fialho, como comerciante que, era se obrigasse por escritura a dividas excedentes ao valor dos seus bens imoveis e logo alienasse os titulos bancarios e se cozesse com o dinheiro.»

Os Brilhantes do Brasileiro, 2.ª edição, pag. 47.

«Compraram-se letras no estanco da Praça Nova. Escreveram-se muitos algarismos e datas falsificadas. Às tres da tarde tinham todos saido excepto o barão de S. Torcato a quem o dono da casa dizia: a baronesa Custodia não tem dez reis para mandar tocar um cego.»

A Corja, 2.ª edição, pag. 139.

(***) «Lembrei-lhe que a condessa de Santa Barbara devia judicialmente separar-se de seu marido.

— Para quê?

— Para haver dos bens de seu marido quarenta contos com que foi dotada.

— De que me servem esses ignobeis quarenta contos? Venderam-me, mas eu não me vendi.

— De que lhe servem os quarenta contos? De resgatar esse menino da miseria em que ha de vi-lo encontrar a edade em que a subsistencia é garantida pelo suor do rosto ao homem que nada tem de seu.»

Camilo — *Misterios de Lisboa*, 6.ª edição, pag. 146.

(****) Extracto do seu depoimento no processo.

fazia antevêr com o pequenito nos braços. Não ensaiara o menor passo para lho tirar como se no seu espirito houvesse uma desconfiança de sua qualidade paternal ou como se confessasse pretender a mulher apenas pela sua belesa, pelo seu corpo que andara afôfando de sedas em galantarias dispendiosas de lubrico endinheirado.

Encarara tambem o caso, outro medico e senhor de catedra na faculdade. O dr. José Pereira Reis, com os cincoenta anos, nascido em Coimbra, um pouco sceptico, tendo levado má vida, gostava de literatar. (*) Talvez tivesse no fundo do seu espirito algum espinho a recordar-lhe qualquer critica por parte do homem querido por aquela senhora trazida à barra de suas apreciações. Não fôra nunca muito polido com as damas; usava de excentricidades, permitia-se dichotes semi-cinicos. Era dos que ouvira afirmar publicamente, as relações da esposa de Pinheiro Alves com o escritor e que, devido a isso, ela «tinha saído de casa do marido.» O seu conhecimento do facto nascera «por a ter tratado.» (**)

Baseava certezas nesse contacto clinico.

Em volta deviam indignar-se os comerciantes concitados para o debate; os medicos, quasi todos, tocados dos mesmos pruridos da moral convencionada, sentiam naquela atitude da hospeda da familia Velho uma ameaça para todos os lares. A perseguida achava para a sua defesa argumentos que lhe acudiam aos bandos como dilacerantes milhafres. (***)

Em resposta a todos os propositos ela, claramente, se pronunciara, e por fim, arrancara do peito a verdade e um desafio:

«Camilo é o homem de quem gosto, o unico capaz de fazer a minha felidade.» (****)

Depois disto só restava a despedida, a retirada como no regresso duma junta clinica impotente ante o irremediavel. E foi o menos inimigo da mulher acusada, o dr. Pereira da Silva, que decidiu:

«Esta senhora está doida ou perdida!» (*****)

Tambem ela não se demorou muito em provar-lhes o seu desdem pelas formulas. Mandou à ama que vestisse o pequenito Manuel, envergou o mais simples dos seus trajos, pois deixara ao marido, na rua do Almada, os vestidos pomposos, e saíu da casa onde a tinham depositado como então se dizia na linguagem bafienta do fôro. Subira para os Clerigos e, de cabeça alta, enveredara para Cedofeita onde Camilo

---

(*) Alberto Pimentel — No *Porto ha Trinta Anos*, descreve esta figura de clinico conhecido que traduzira muito bem os *Misterios de Paris* de Eugenio Sue.

(**) (Do Processo).

(***) «Que aproveitou meu pae deste monstruoso enlace?

«Que lucrou este homem em se aviltar para me chamar sua, se ele mesmo conhece que lhe obedeço abominando-o? Mas eu não devia sofrer, porque Deus bem sabe que fui levada de rastos e que não perdi por ser boa filha e me tenho atormentado por ser uma vitima obediente dos calculos de minha familia.»

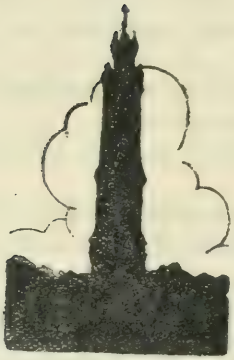
(Camilo — *Anos de Prosa*, 3.ª edição, pag. 213.)

(****) e (*****) Alberto Pimentel — *Amores de Camilo*, pag. 262.

lhe preparara aposentadoria ficando ele — pelo menos na aparencia — em casa de D. Eufrazia Carlota de Sá, a calar as bôcas do mundo.

Naquele meado de janeiro, em 1859, na alcova modesta onde a recolhera, deviam livremente trocar os seus grandes e quentes beijos de amor.

Na noite regelante de janeiro, o Porto adormecera indignado e sonhara com o atroador escandalo sob o colossal e burguez barrete de algodão da sua fechada neblina.



O Hotel Vilanovense em Vila Nova de Famalicão

VI

DICTADURA DA MORAL

O QUE A ORDEM INVENTA—UM GRANDE PALCO E UMA FORTE TRAGEDIA —AS AMEAÇAS E OS AMEAÇADORES—A MULHER DA AZINHAGA— CAMILO E O «MUNDO ELEGANTE»—ANA PLACIDO E O SEU DIARIO—SAUDADES DE LISBOA—CASTIGO DOS AMANTES—AMBIÇÕES DO CONJUGE —O CONVENTO DA CONCEIÇÃO DE BRAGA

O *Palheiro* vencera. Era o quartel general donde a insidia partira e o escandalo mais eco produzia. Não se calavam aquelas bôcas pestilentas. Cada uma bolsava para o monturo da titulada desafronta a sua invencionice contraria a quem flagelara o areopago despudorado. Afiavam sadismos gloticos para o descredito de ambos, emprestavam-lhes conubios infetos, muito imaginosamente, em creações dos que se fingiam escandalisados.

Camilo — segundo trejuravam — apanhara as cartas escritas pela linda mulher a outro homem e puzera-lhe como preço do seu silencio o entregar-se-lhe. Aceitara aterrada, porém tudo se descobrira e ficaram ambos amarrados à calceta, imolados à colera citadina.

Quintessenciavam o procedimento do marido e esfregavam de nogencias o dos amantes: Aquele — como se fosse o culpado (*) — aposentara-se na residencia de Sousa Barbosa, liquidara seus trafegos na praça e embarcara para Vigo a esconder

(*) «Um homem rico que compra para os efeitos legais do setimo sacramento, o corpo duma senhora pobre, desconhece que esse corpo vendido tem o contrapêso do coração.

Esse contrapêso é o que faz depois os desequilibrios.

Se a mulher vendida ao luxo e ás invejas sociaes tem a rara virtude de devorar em si a peçonha do coração, o marido está salvo da desonra, porem, se ela é vulgar e sucumbe ás tentações que as mesmas pompas lhe facilitam, é o marido quem traga o amargor desse veneno que comprou como contrapêso.»

Camilo — *A Corja*, 2.ª edição, pag. 164.

a sua desdita; eles os verdadeiros criminosos — cognominavam-nos assim — viviam num obsceno decote diante dos portuenses. Vozes inflamadas lamentavam a extinção da alçada do carrasco pois já não podia avergoar-lhes os dorsos por sentença. Pitadeavam e muito repisadores, queriam tal espectaculo na Praça Nova.

Vieira de Castro fôra a unica pessoa que se atrevera a mostrar ao amigo a tunica tecida de infamias envergada ao seu drama de amor. Contara-lhe, sem ambages, o que corria; aquela atoarda vilissima.

E ele, com as lagrimas nos olhos, abrira uma gaveta, desatara os maços das missivas trocadas com a amante e pedira-lhe que as lêsse. Era como se esgarçasse o coração. Emquanto o confidente passava as folhas o caluniado sofria. Tinham feito um pantano do seu grande amor que o obrigara a arrostar com a vida dura levando pelo braço uma mulher habituada ao luxo e que o renunciava em nome da sua paixão.

O ardente e dedicado amigo, ao terminar, chorava tambem e exclamava nos seus costumados impetos:

«Deixa-me esmagar essa injuria que é atroz!» (*)

Naquelas paginas escritas pelos dois amorosos vira toda a lealdade e todo o irresistivel afecto que os unira e, na grande sêde de justiça da sua alma — a geradora da rude e corajosa defeza de Barjona na Universidade — dispunha-se a ir pelas ruas e soalheiros, pelo Porto fóra, a clamar o contrario a embuchar com os seus murros a gente perfida.

Camilo ganhara um sereno bom senso. Detivera-o. «Não — dissera-lhe comovidamente — Nem palavra! Bem vês que eu não devo permitir que estas cartas sejam lidas. E não tenho outra justificação. O homem que recebeu cartas dessa senhora, vive e sabe que em meu poder não está nenhuma. Ele me defenderá quando a curiosidade dos meus detractores o interrogar. (**)

Confiava no outro, no que ela procurara consolar afastando-o, tornar menos infeliz desiludindo-o; e pedira ante o desejo árdido de Vieira de Castro em tomar no jornal o espaço preciso para desfazer o boato miserando:

«Não escrevas nem fales a tal respeito.»

Impunha-se um dever. Arrancada do conforto do lar ela só podia, bem como o filho, contar com o seu amparo (***)

Em volta, vibrava uma cidade hostil. Como um dejecto escorrendo da assemblea — da rua da Trindade — até ás magnolias da Porta dos Carros, a colera refervia; sentia-se que nas hombreiras do *Aguia de Ouro* e do *Guichard* e nalgumas cadeiras da platea de S. João se alteava a comporta dos corações romanticos. Mas a vasa era muita e ressaltava por sobre os muralhões desses diques e ia catadupando

(*) (**) Camilo — *Correspondencia Epistolar — Introdução.*

(***) «Estava sem patrimonio, sem familia, sem ninguem: tinha apenas seu e por si o coração e o trabalho do homem que fizera de seu peito, culpado mas leal, a ladeira do abismo dela.»

(Idem, idem).

em cascatas, enegrecidas pelo fel, das alturas da Sé a Cima do Muro a despenhar-se no Barredo.

Nas ruas burguesas — na das Flôres, na de Santo Antonio, sobretudo na do Almada, havia como um rumor de feses em borbotões galgando por todo o solo falho de exgotos de que o Porto muito carecia. Corria que se ajustara uma jolda para assassinar o escritor a qual fôra assoldada pelo marido de parceria com o tio Luiz Serra Pinto. Os amantes não saíam de casa, não se desamparavam. Amavam-se como loucos mas ao seu refugio chegava a nauseante exalação de vasa brotando da cidade burguesa e para eles maldita. Mandaram comprar passagens no *Duque do Porto* e decidiram-se a procurar em Lisboa o refugio apetecido.

Toda a audacia de Camilo, que batera a sola da sua bota à Frederica diante dos mercadores, falecia ao sentir os pudores da mulher amada que trazia nos braços o filho. Se não ia para a provocação era porque se considerava o unico amparo de ambos; amontoava-se porem, tanto odio sobre eles que nem se aparcelava a generosidade do amante em acolher, de alma aberta, a creança, que usaria o nome do outro. Talvez levassem à conta de interesse aquela adopção e como Pinheiro Alves não pedira a entrega do pequenito, possivelmente veriam nesta renuncia uma confissão da sua desconfiança em materia de paternidade.

Quando deliberaram largar o burgo onde se tinham conhecido e amado respiraram mais livremente. Todavia continuavam a malsiná-los mais a cada arranco ferveroso da defesa e da admiração do nucleo dos janotas e dos poetas que não podendo calar tantos berros enalteciam os amores proíbidos.

Eles iam partir, deixar o sitio onde os verberavam e ao embarcarem, viam sumir-se a neblina e contemplavam o burgo. Estavam diante do seu teatro.

O vapor recebia ao largo os escaleres que tomavam os passageiros no cais da Ribeira, ainda como no tempo do degredo de Simão Botelho. Em Cima de Vila havia sempre curiosos; os rabeleiros, deitados nos barcos, amadornavam perto das beiras do rio onde fumegavam as panelas farruscadas. O velho Porto marinhava pela escarpa; restos endentados de muralha defendiam um vasto bosque; nas visinhanças da Cordoaria um olival alteava-se quebrando entre o casario, os escadeados dos tectos que pareciam formar o caminho para as ribas. Ressaiam trechos arborisados, nesgas de quintas que emprestavam à cidade trafêga vislumbres de velhas granjas evocadas nos titulos campesinos de suas arcaicas ruas: as das Hortas, do Laranjal, do Bomjardim. Advinhavam-se moradias de ingleses ensombreiradas nas acacias e nas tilias encastelavam-se os edificios, grimpavam, iam de socalco em socalco, desde a areia aos cómoros, aos pincaros dominados pelos zimborios, campanarios e corucheus: a Sé, a Santa Clara, S. Francisco, S. Bento, toda a côrte celeste assenhoreada de velhissimos monumentos e fabricas, celebrisados como os Clerigos agulhado, egual a uma frécha voltada para o ceu, na qual palpitavam, como fitinhas breves, as grandes bandeiras do anuncio de paquete.

Confusocionava-se a cidade nos dois montes, nas passagens ladeirentas num panorama vasto ao fundo do qual se esfumaçava mais uma dedada, a pira da igreja da Lapa.

No rio refletia-se a ponte pensil como um leito de sêda a embalar-se na doçura das aguas claras; minguava-se o painel das Alminhas, e, numa vaguidão de cisnes, os barcos passavam serenamente. Alguns arvoravam velas vermelhas como se trouxessem a bordo com as rumas das pipas, os fenicios, os conquistadores das margens aquaticas de paises distantes.

Era bem um enorme palco, o de ambos; por ali se representara a sua tragedia.

Toda aquela casaria agrupada sabia das suas dôres, a fama da sua audacia galgara por sobre os muros pardos, passara o arco de Vandoma pelo Chão das Eiras e Cima de Vila, atravessara a Porta dos Carros, agora escandalosamente, quando no começo com doçura se ocultava ao tempo em que o escritor quisera acolher-se à religião e fôra estudar para o seminario cuja cobertura advinhavam junto à Sé.

Dali ele vira, varias vezes, a seus pés, como um tortuoso escadorio todo o declive da cidade olhada do rio, sobrepujada pelas cupulas anegradas, domos e torres de grandes sinos. Os bêcos fedorentos, os degraus puídos dos Guindais, do Codeçal, dos Carvalhos, a rua dos Armenios sobre Miragaia, os panejamentos dos muralhões, as vielas, ocultavam-se na massa imensa das fachadas e dos tetos, mas presentiam-se como repregos e fundos de bastidores.

S. Bento da Ave Maria, colossal com suas rexas semelhantes a viseiras, evocava a estroinice do amoroso e os ciumes da amada; o telhado do teatro de S. João, sob o qual se tinham namorado, as fachadas dos templos, as proprias nesgas de claridade, entre os andares esguios, faziam parte do seu romance passado de bôca em bôca. E advinhava-se a muralha sombria, e ressaía o convento de Monchique tragico.

Japoneiras e acacias espreitavam por sobre as paredes dos quintalões, eriçadas de cacos de garrafas enquadrando verduras, hortas, os velhos retiros do burgo; as vidraças fechadas ao frio paralisavam-se sem as chispas da luz no dia baço de inverno e lá para cima, numa apoteose, a casa dos Terena, a Torre da Marca, visinhando com a legenda de Pedro Sem, padronava o arcaico Porto fidalgo e mercador que ia dalem de riba descobrir as galeras, as naus e as charruas de regresso da India e do Brasil para o seu grande e poderoso trafico.

Tal historia dum castigo de Deus ao rico que desafiara o seu poder, se não cabia bem àqueles fugitivos, ao menos a catastrofe das barcaças carregadas de ouro era como o naufragio de suas vidas tripuladas por ilusões.

Contra elas emprocelava-se a vaga temerosa. O ceu encarrancava-se; o *Duque do Porto* recebia-os e da sua tolda viam os arrabaldes, numas distancias em que clareavam alegrias, e havia mais campo, menos casas, menos gente.

Do lado oposto, a visinha Gaia, garrida e rumorosa inclinava-se para as aguas. Praiasitas brancas estendiam-se: eram as da Cruz, dos Estaleiros, e o Senhor do Mar que se humildava defronte do mamelão da serra adusta.

Tocava o sino de bordo; levantava-se o ferro e o pano unia-se sobre aquele scenario perdido na lonjura.

Num final de acto comovente cerrava-se a scena, desaparecia o Porto com suas duas colinas semeadas de predios, velado por egrejas e conventos, atalaiado por muros derrocados como a oferecerem passagem aos costumes novos de que eram arautos os romanticos.

Os dois amantes deviam sentir grande alegria ao perderem-se nas aguas, ao sumirem-se com o barco, o seu Terra Nova aos pés e entressonhando a Lisboa, menos severa aberta a todas as aventuras, habituada aos escandalos do Niza, ás extravagancias do Farrobo, às loucuras boemias de toda a casta.

Ao desembarcarem no Cais do Sodré sentir-se-iam tranquilos. Ele, porém, confessava não saudades da cidade que deixara, mas uma pena enorme por lhe falhar a vitoria; ela desejava aconchegar-se num canto, muito feliz em se entregar apenas ao seu amor.

Os doestos da moral portuense perseguiam-na; escutava-os mesmo ali como pedradas rijas de destros fundibularios, porém, enchia-se da crença de que em breve os deixariam em paz como a duas pessoas entregues uma à outra, riscados do cadastro banal da burguesia.

Os editores é que começaram a sentir na venda dos livros do acusado todo o interesse que ele despertava. Os burgueses clamavam nas ruas mas levavam para casa as obras do famigerado como se procurassem nelas não os traços das lagrimas mas as revelações dos bastidores do seu escandalo. Todos, no fundo, tocados duma ambição secretissima, desejariam tão grande retumbancia à sua volta e os beijos daquela mulher mas só à idea de que a praça o soubesse encaracolavam-se no no fingido pudor e eram generosos em esmolas aos santos e às Alminhas da Ponte só para que nem por sombras vagas se pudesse saber, terem despertado em seus cerebros semelhantes pensamentos.

Camilo trabalhava metido numa casinha em Arroios; no Porto as injurias não paravam. Falava-se ou pelo menos vinha de novo até ele, a noticia de que o tentariam matar. Os do Palheiro, os da bengalé de scelerados que descosiam misterios da vida intima e esfarrapavam créditos (*) não perdiam a esperança nos sicarios pagos por Pinheiro Alves afim de, em ciladas tenebrosas, liquidarem aquele escandalo a qualquer esquina lisboeta. Talvez alguma palavra imprudente do Serra — do tio da foragida — gerasse a atoarda e levasse o ameaçado à jamais abandonar o revolver comprado para o efeito da defesa. Pela primeira vez deu tento de que tinha muitos inimigos e confessava-o nas conversações com os literatos que o rodeavam atraídos pelo seu talento, pelo eco da sua aventura, pela anciedade do publico em vêr esse homem feio que levava ao lado uma linda e altiva mulher descativa da moral comum.

Com o seu feitio de não coser consigo as ameaças, de afrontar os provocantes, quando não era ele o desafiador, escrevera na algidez de fevereiro, a 20, ao furi-

(*) *A Corja* — pag. 134 — 2.ª ed.

bundo perseguidor da sobrinha; e nessa carta, viva, ardorosa e brava, ia muita grandeza de animo. (*)

Como aquele fôra o mais incarniçado na difamação e a prejudicara materialmente, fazia-lho notar, porem, mostrando bem a tempera de seu espirito orgulhoso e rijo.

O seu grande amigo em Lisboa era o escritor Julio Cesar Machado, muito novo ainda, mas assisado com sua cabeleira balzaquiana e seus olhos duma portuguesissima ternura. Folhetinista alegre, vincava-se-lhe na testa uma prega de reflexão.

Ana Placido afeiçoara-se-lhe; sentia nessa mocidade ilustre, alguma cousa de invulgar e emalhetara-se tanto em seu sentimento que acabara por lhe chamar irmão.

Alem das portas de Arroios era a moradia de Camilo e ele diariamente passeava pelas campinas visinhas. Abria-se para um lado a vastidão do Campo Grande e o logar intermedio — o Entre Campos — onde a Rainha Santa detivera o impeto do marido combatente contra o filho. Para alem ficava Alvalade, Telheiras, matagal e urze, semeadas de casas e sombras de frondosas arvores das quintas fidalgas até ao Lumiar.

As carroças atulhadas de hortaliças, de frutas, de trouxas de roupa passavam sob as janelas pelas madrugadas e o bom perfume dos quinteiros vinha encher o gabinete onde ambos trabalhavam porque Ana Placido, entretinha-se a traçar uma novelasinha como uma criança ponteando um enxoval de boneca.

Ernesto Biester não largava o amigo porque desejava na sua revista (**) nova a prosa de escritor tão discutido; visitava-o, assaltava-lhe a produção; do teatro procuravam uma peça sua porque certamente causaria um grande abalo no publico e ele traçava sem rebuços o nome de Ana Augusta no drama o *Ultimo Acto*, escrito ali ao lado dela, evocando, numa larga fantasia, as scenas da existencia duma noiva vendida pelo pai, a sua morte num arranco tragico nos braços do padre chamado para a confessar e que era o amoroso querido da sua alma.

Ia publicá-lo no *Mundo Elegante* uma tarefa que ele tomara na sua necessidade de dinheiro: um jornal de damas e elegancias com estampas coloridas e minuciosas descrições de *toilletes*. Desde o tempo do *Correio das Damas* que o Porto não vira mais uma folha ilustrada, escrita em português e na qual as senhoras examinassem

---

(*) Ilustrissimo Senhor — V. S.ª e eu reduzimos sua sobrinha à extrema miseria. Ha no crime ainda a possibilidade da virtude. A minha, se alguma me concede, é trabalhar noite e dia para alimentá-la e a seu filho. Os projectos de assassinio tramados por V. S.ª contra mim não vingaram no Porto. Se conseguir que eles vinguem em Lisboa, glorie-se V. S.ª de ter quebrado o ultimo esteio de uma senhora desvalida. Não se espante da liberdade que tomo de escrever-lhe. Espero que V. S.ª seja um dia o primeiro a dizer que eu não era tão infame como a sociedade me julga.

Alberto Pimentel — *Os Amores de Camilo* pag. 204.

(**) *Revista contemporanea*, a primeira tentativa do genero em Portugal e na qual Camilo publicou um dos *Doze casamentos felizes*.

os gorgorões dos vestidos e as toucas encanudadas, em exaltamentos literarios e os homens topassem o ultimo figurino de suas casacas pois nem todos se atreviam a arvorar as originalidades do Browne cujas fantasias duma semana de inovações de fraks constituiam os sentimentos de muita gente.

O periodico inaugurava-se sob a proteção de suas Magestades Fidelissimas e tratando dos popelins côr de salmão, e das crinolines com «polonaises» tambem inseria poesias, tudo isto à conta dos senhores Vila Nova & Emidio, da rua de Santa Tereza.

Camilo era o principal senão o unico redactor dessa ilustração que pretendia unhar naquele meio, um vinco aristocratico e se não descreveu os *morning cout* de pano *edrèdon* e os penteados ornados de diamantes ou os vestidos de manga de sino assinava amargurados versos e trechos de prosa para as futilidades femininas desse tempo.

Deu-se então, o facto paradoxal e unico dum homem tão mal visto, penetrar em todos os lares de tom, dirigir-se a todas as senhoras num jornal de mundanidades frivolas e debaixo do paladio da familia real.

Talvez começasse a sentir já não ser tão antipatico para o Porto desde que os editores de jornais luxuosos o convidavam para seu colaborador.

Entrara o verão docemente e às tardes sabia bem atravessar as veredas frescas entre cercas fidalgas dos senhores de Pancas e Alpedrinha, dos S. Miguel e Linhares.

Um muro tisnado de fabrica de tecidos defrontava os palacios brasonados, e, entre eles, a egreja de S. Jorge, nas suas cantarias novas, impunha a paz. Ao lado era o passal; uma enorme parreira ensombrava o terreiro, casotas humildes debruavam a volta do caminho para o Arco do Cego e para as searas do Poço dos Mouros. Os grandes campos enverdeciam e toda a baixa fertil, até S. Sebastião da Pedreira esperava os segadores num proximo mez de ardencias.

Ao longe destacavam o mamelão de Monsanto e os arvoredos de Campolide. A vegetação opulenta de Alvalade, as quintas magnificas dos Galveias e do Viana, ladeavam o caminho do Arco do Cego ao Campo Grande e formavam uma ruela assombreada ao fim da qual se alargava de novo a campina e se erguia a um canto a egreja dos Santos Reis em cujo adro um humilimo cruzeiro evocava o voto de alguma alma em pena.

No seu sóclo lia-se: «Esta cruz mandou fazer Roberto Harres ingrês na era de 1646.»

O inglez que dotara o templo com essa pedra evocativa decerto sentia uma grande fé em seu peito; devia ser um dos foragidos às lutas religiosas que tornaram Cromwell dictador.

Ou nos degraus desta religiosa signa ou nos de outra mais visinha de Arroios, Ana Placido, ajoelhara (*) num grande fervor talvez pedindo a Deus para acalmar os duros

(*) Camilo — *A mulher da azinhaga*, nas *Scenas Inocentes* da *Comedia Humana*, 3.ª edição, pags. 59 e seguintes.

ataques dos portuenses. (*) Camilo quedara-se a cismar e o Terra Nova, o *Neptuno*, que sucedera ao *Tigre*, morto de esgana, retouçava-se nas hervas frescas.

Ali os tinha confrangido a pobresita que vendia os seus bolos no fundo da vereda e da qual o escritor faria uma bela evocação da que fôra a linda Maria Angela e acabava, cheia de rugas e desgostos deante dum taboleiro a vender favas torradas e ressequidos biscoitos.

Traçava com mais agrado estas paginas do que as poesias que, arrebatadamente, em pressas, lhe vinham solicitar bem como os pensamentos para albuns.

Uma tarde em que ele esperava regalar-se com bôas postas de peixe cosido (**) aparecera um admirador a solicitar-lhe uma poesia para uma festa em beneficio dos orfãos e viuvas das vitimas da peste que grassara havia quatro anos. Emilia das Neves recita-la-ia e sobre o nome tão discutido do escritor caíriam as maiores bençãos. Os seus nervos exaltaram-se; não tinha tempo, desejava aproveitar o que restava em outras cousas e talvez num passeio, por esse entardecer de maio alegre, entre as quintas a olhar os trigais empapoulados. Prometeu os versos mas não os fez, e, todavia, daí a duas horas quando o outro voltou a procurar o cumprimento da promessa Ana Placido entregou-lhos. Escrevera-os ela numa enternecida doçura, doando-os aos desvalidos, com o pensamento em Deus.

Descrevia os tormentosos dias da epidemia o horror espalhado por toda a parte e chorava pelos infelizes, e desditosos, relembrava D. Pedro V «o monarca adorado» a combater o flagelo e concluía numa magua em que ressaltava a sua:

Eu sei os segredos da dôr nesta vida
E sei como o pranto da fome se adoça
Portanto pedi para aqueles que choram,
Pedi, fui feliz; mas a gloria é só vossa!

No teatro aclamaram o nome do Camilo, todos os jornais inseriram os versos que constituiram a estreia da sua amante na publicidade encoberta com ele, sentindo a alma encher-se-lhe de orgulho.

Enalteciam-no e jamais renegou essa composição (***) embora fosse dizendo aos intimos quem era a auctora da *Benificencia*.

Tiveram que saír para o Porto onde os trabalhos do *Mundo Elegante* o preo-

(*) «Lá está a azinhaga de Arroios, lá vejo erguida a cruz, onde ajoelhei um dia.»
Ana Placido — *Luz coada por ferros*, 2.ª edição, pag. 201.

(**) Vieira de Castro — *Camilo Castelo Branco*, pag. 200-201.

(***) Foi publicada no *Anoitecer da Vida* como sendo de Camilo, isto apesar de Vieira de Castro, no seu livro sobre a vida do mestre lha atribuir. E' certo que tambem declarou ser da autoria de Ana Placido o artigo sobre a morte de D. Estefania em 17 de Julho de 1859 e publicado no *Nacional* quando nesta data (conforme se assenta definitivamente pelos telegramas da *Via Dolorosa*) ela já estava em Braga, no convento da Conceição.

cupavam bem como a colaboração do *Nacional*. Carecia de refazer a vida numa terra onde diminuiam os gastos exagerados da capital. Novamente embarcaram e, ao chegarem ela foi habitar na rua da Picaria e ele no Bomjardim num segundo andar, depois duma curta estada no *Hotel Cisne*.

Ana Placido traçaria no seu *Diario* guardado a todas as vistas, a seguinte despedida à cidade que a acolhera nas suas colinas brancas, isto quando só a recordá-la vivia:

«*Como és formosa, meu saudoso paraizo! E' preciso conhecer-te nas horas felizes para amar-te e suspirar por ti como eu faço. Lisboa, adeus! Eu vi-te com a condemnação do mundo na fronte e nunca ela se ergueu mais altiva e soberba da majestade. Tinhas razão, Ana Augusta, eras grande aos teus proprios olhos porque te enobrecia e refletia em ti um pouco da grandesa do homem que te levava a seu lado. Superioridade e distinção rara! Não se encontra coração igual áquele assim como não ha gloria que caminhe a par da do seu nome. Camilo Castelo Branco, a posteridade irá olhar com respeito para a campa da mulher que tu choraste. 1859 — 9 de Julho.*»

Isto escreve-lo-ia ela depois, porque naquele instante apenas tinha animo para se interrogar a si mesma mal sabendo o delicto que praticara em seguir os mandados do coração.

Para demais a cidade alí estava vigilante e de bocarra escancarada, numa furia, ao senti-los dentro dos seus muros. Apesar de os saber quasi expulsos do *Hotel Cisne*, de cuja janela ela quizera, altivamente, contemplar a praça, não perdoava; exigia os grandes os severos castigos. Redobrara a falacia na Assemblea; do *Palheiro* partiam os destemperados ataques e a opinião publica ia até ao recesso das suas casas atormenta-los e pungi-los.

Tinham dado a essa turba indignada a satisfação de se separarem, e, todavia, cresciam as furias, os arrebatamentos.

As burguesas mostravam-se escandalisadas e de dentro das suas mantilhas de lapim as beatas esconjuravam-nos; no teatro, ao recordarem-nos quando se entreolhavam outrora subia a fervida zanga, e activava-se tanto mais contra eles a raiva de todo o burgo quanto é certo que, no desdem do marido, pelo filho, que ela não largava, queriam decerto, dar a entender a duvida acerca da paternidade do pequenito baptisado em nome dele. Provar-se-ía assim o adulterio durante o periodo da sua habitação no lar e isso seria o degredo, a condemnação, o fim daquele singular drama que os alucinava.

No fundo dos corações das meninaa contrariadas em seus amores eles habitavam e tinham um altar mas não poderiam nem sequer pronunciar-lhes os nomes porque os olhares severos dos pais as fariam calar.

Para Camilo representava um grande sacrifício o fingimento, a separação da mulher que desejava mostrar diante do Porto injuriado. Porem ou porque ela receasse ser esmagada pelos olhares — e com que saudade recordava os respeitos dos lisboetas! — ou porque julgasse fazer abrandar as criticas não se mostrando

juntos, desejava continuar em casas diferentes sentindo no mais recondito dos quartos o ulular dos portuenses.

Que diferença entre a curiosidade feita de simpatia com que os da capital os contemplavam no camarote do Teatro do Salitre, onde tinham ido uma noite; que desigualdade para com a atitude benigna de Lisboa onde ela erguia a cabeça cheia de orgulho por ir ao lado do homem celebre ao qual sacrificara todos os preconceitos!

Grandes dificuldades existiam para ambos nesse atormentado viver.

Tinham que se recolher a um canto do mundo onde lhes corressem serenos os dias.

Um grande abismo separava a moral dos lisboetas da dos portuenses, porem, Camilo não encontrava na capital as compensações monetarias em virtude da falta dum jornal onde diariamente escrevesse, daquele amparo que o *Mundo Elegante* lhe ia dar embora num anonimato que não o incomodava, antes lhe caía bem no animo aborrecido.

Os da praça não deixavam de perguntar a Pinheiro Alves se concordava com o triunfo de ambos. Capitulavam de victoria para eles aquela liberdade de se amarem e como em torno do «brasileiro» vozes roucas geravam incitamentos, ele ainda quiz tentar uma reconciliação antes de a levar até ao carcere a coberto pela lei punidora de adulterio.

Sabia-a na rua da Picaria, com o pequenito, e mandava alguem ao seu encontro a propôr-lhe, ao menos, a entrada num convento. Julgava, por esse processo banal, lavada a sua honra.

Muitos amargores deviam encher a alma da desgraçada mulher quando o delegado do esposo traído, Francisco de Paula da Silva Pereira, (*) se lhe acercou com a proposta.

Os claustros portuenses recordavam-lhe muito os desvarios do amante. Em Santa Clara andara ele nos outeiros; em S. Bento de Ave Maria vivia a antiga rival a monja, com a filhinha de Patricia Emilia ao seu cuidado.

Mas porque deixaria ela o homem por quem dera os tão audaciosos passos fortemente marcados na greda mole do Porto de severidades rijas?

Porque não tinha mais animo para a resistencia, influenciado o seu espirito pelo tremendo erriçamento de fundos rancores.

Mas deixar o amado seria entregar-se à duvida do dia seguinte; visioná-lo louco novamente, a partir louça, da janela do Travagem ou a passear, afrontosamente na Bainharia seguido pelo Terra Nova e pelos olhares sonhadores das mulheres.

Entrara a meditar à medida que as propostas lhe chegavam, e abrindo o «Diario intimo», como lhe chamara, escrevia:

«A ultima vez que te aperto ao coração, Camilo.»

Perturbava-se; tinha alucinações, imaginava-se pronta ao novo sacrificio e ia sempre anotando os seus sentimentos:

(*) Alberto Pimentel — *Os amores de Camilo*, pag. 269.

«Dedicar-te os ultimos gritos da minha alma despedaçada é um dever amigo e unico.»

Mergulhara numa crise de romantismo. Talvez até influenciada pelos romances dele, sofrendo dolorosamente, naquela novela cruciante, tocada por um pequenino nada ante o que lhe expusera, decidira-se chorando a entrar na clausura.

O Porto exultara; o marido mandara arranjar a cela no convento da Conceição, em Braga, sonhando certamente com a volta do seu belo corpo — a unica cousa que amava em delirante ciume — aos seus braços desejosos de a apertarem bem consigo, nervosa, viva, ardorosamente.

Chegava-se ao fim de junho — quando a cidade se despovoava — e confiara às paginas secretas do pobre folhetosito de amor, de desesperos, de despedaçamentos, a sua despedida à terra onde nascera, se apaixonara e, torturadamente, sofrera.

Ele deixou-a partir; ficou-se a meditar no tormento da avalanche burguesa que parecia vencê-lo finalmente.

Aquela saída da rua da Picaria para o convento bracarense creara um amúo entre eles. Quem sabe se gerara o primeiro desarroubamento dos namorados, prenuncio de maiores ardores nascidos das zangas dos que se bem querem?

Discutia-se a humilhação dela à cidade, à moral, à opinião. Um duelo se travara. Nas novelas e poemas do romancista o triunfo pertencia sempre à virtude. E ela — a virtude — era o Porto com seus negociantes graves, suas atitudes comedidas, suas horas pontuais de refeições e de amor, a trivialidade duma vida cheia de raivas contra os que a turbavam com os seus desordenados exemplos.

Os polos daquelas existencias estavam entre a vaca e o arroz do jantar e o passeio de S. Lazaro como alimentação e divertimento; o carroção e o lapim das mantilhas como transporte e adorno; a *Princesa Magalona*, como leitura que se adeantava, quando muito, até ao *Periodico dos Pobres;* como musica alguma mazurka e a aria do *Duo Foscari.* A religião limitava-se à missa da Victoria, de Santo Ildefonso ou da Trindade conforme as categorias de quem a ouvia ou exacerbava-se em superstições reprovadas pelos cánones. Era assim, na generalidade, o ripanso daqueles lares modestos dos burgueses. Os extraordinarios prazeres das familias consistiam num camarote no S. João em noite de anos, uma merenda em Leça ou em Valongo, à sombra, na horta dalguma padeirita fornecedora da casa ou numa ida ao Tivoli a vêr subir o balão.

Não existia no Porto uma unica dessas impudicas espalhafatosas, as cortezãs de alto preço, elementos de correção das grandes cidades que devastam as fortunas.

Nunca ali surgira uma mulher publica enchapelada como as senhoras ou subindo para uma sege.

As de baixa categoria habitavam nas vielas e viravam-se os rostos com nojo de seus vicios ao toparem-nas nalguma fugida noutras ruas ou aos domingos nos barcos do Douro, em franciscanadas, cantando, despeitoradas e tontas.

Os homens tinham que levar muito pausadamente a vida; reflectiam-se logo nos

negocios os mais leves maus passos. Se amavam era ás escondidas; os «brasileiros» guardavam as amasias nas quintas arrabaldinas como quem possuisse bacoras; fazia-se vista grossa, tratavam-nas por caseiras e do mesmo modo permitiam aos padres a hipocrisia das amas e dos afilhados. Tudo se passava com mentira, veladamente, sem o que daquele tribunal secreto do *Palheiro* saíam as condenações. Em 1844 o marquez de Niza aparecera em publico com uma cantora, Jenny Olivier, sua amante que fôra pateada no S. João; os seus amigos janotas portuenses, os de nomes celebrados, acaudilharam-no e em grande arreaça patusca foram tomar o castelo do Queijo prendendo a guarnição dos veteranos e tratando-a no calabouço a *champagne* até ao fim da frescata. Pois os burguezes perdoaram depressa o desacato á autoridade, riram até, com esse assalto picaresco, porem não poderam conformar-se na passagem da comica, entre os elegantes, pelas ruas da cidade.

A moral era catalogada. Um comerciante não devia deixar a sua assinatura sem pagamento embora tivesse que se meter ao contrabando para a honrar, porque roubar a fazenda não constituia crime. Propalavam-se as origens suspeitas de varias fortunas porem os seus possuidores eram mesarios das irmandades, directores da Assemblea e dos Bancos e isso cobria-lhes as trapaças como um pavilhão legitimo.

Quem arvorava as bandeiras corsarias eram os audaciosos romanticos, a gente que tomava as responsabilidades de seus actos. Aos filhos das familias com peso na praça ou da alta nobresa tratavam-nos sorrindo, desculpando-lhes a custo as desordens as pateadas, as ceatas: Browne era um original; Forrester um extrangeiro; capitulavam-se de verduras» os alardes do *Ferreirinha*.

Apesar de tudo este proíbira á esposa que falasse ou respondesse às cartas da irmã. O *Palheiro*, soubera e louvara-o; a Praça Nova quasi o aclamara.

Enviscavam-se as armadilhas; não se podia passar junto delas senão cautelosamente pois corria-se o risco de se ficar preso diante do publico torturadamente sob as vaias. O escandalo dado por Camilo e pela esposa de Pinheiro Alves carecia de castigo. Ele proprio sucumbira. (*) Separa-los era alguma coisa. Foi o que sucedeu e num grito intimo, no ultimo dia de junho, ela confessou a sua derrota marcando bem não poder resistir mais:

«Pela segunda vez fujo de ti, Porto. São inumeras as ulceras que de teus filhos recebi.» (**)

«Que segredo me escondes, página?» interrogava, nesse livrinho humilde, no primeiro de julho em que entrava no convento da Conceição, na rua dos Pelames e S. Geraldo o qual, havia duzentos e trinta e sete anos, fôra fundado pelo capricho ou

(*) «Achava-me eu neste lance ha desoito meses. Pouco antes rodeada de familia opulenta, achei-me de improviso nas trevas da orfandade e do desalento, A mão previdente que me amparara dias de existencia caía ao longe enfraquecida pela dôr de não segurar as esperanças que fugiam!»

Ana Placido — *Luz coada por ferros*, 2.ª edição pag. 162.

(**) Ana Placido — Diario inèdito pertencente a D. Raquel Castelo Branco.

pelo abalo das consciencias do cónego Geraldo Gomes e de um seu irmão doutor.

Instalou-se nos quartos de sua aposentadoria, desta vez desacompanhada do filho. O ar da clausura não devia ser benefico para os pulmões da criancinha.

Debulhara-se em lagrimas; caíra num grande abatimento. Julgava-se presa eternamente dentro daquelas grades e sucumbira na despedida do pequenito, vendo-o ao colo da ama a estender-lhe os braços tenrinhos como a querer levá-la consigo. (*)

A reclusa pensava em morrer. (**) Havia naquele mosteiro umas trinta recolhidas cada uma com seu pesar. Sentia que em todos aqueles rostos estava escrita a indiferença acostumada a vêr lagrimas qu imarem o viço da face. (***)

Esperava topar o vislumbre dum carinho e não se lhe deparou mais do que a apatia alheia por seus males e sentia que o considerar assim «irritou a dôr que a alanceava. (****)

Foi uma desgraçada por muito amar a que a acolheu; quem lhe narrou suas desditas «á sombra duma pereira que inclinava os seus frutos sazonados.»

Pensava muito na irmãsita morta, levantava para o ceu as suas orações, suplicava ao espirito da que partira um auxilio para a resgatar do mundo.

Procurava ali o socego mas não o obtinha porque a sua alma voejava para longe, para o amante que ficara no Porto.

Só assim, desviados daquele afecto, dando a satisfação aos maldizentes poderiam ter descanço; doutra forma não lho toleravam. Pinheiro Alves insistia em fazer as pazes com a mulher, ao cabo dessa quarentena entre religiosas na desinfeção do seu pecado. Poderia voltar ao lar da rua do Almada e ao convivio burguês desde que expiasse. Ele — o lubrico marido — apareceria com a candidez de quem perdoava e depois, pela vida fóra, tratariam apenas de esquecer a tonteria da malfadada fuga nos braços de outros para Lisboa levando consigo o filho.

Eis o que se aguardava após o encarceramento oferecido em holocausto à sociedade.

Voltara-se para o trabalho o homem tão malquistado pelo Porto. O *Nacional* desejava-o no numero dos seus varios colaboradores, ele, porem, fugia um pouco à evidencia. A grande tarefa dos anos anteriores falhara-lhe neste que dedicara ao amor. Ia escrevendo a *Mulher que salva*, a qual seria dedicada a José Estevão, mas fazia

---

(*) Um dia cheguei à portaria dum convento quasi em ruinas. Aberta essa porta para ir roubar uma joia inestimavel ao meu tesouro de afectos arrancaram-me o meu filho de sobre o coração, sofrego daquele bem; apertaram-me braços desconhecidos onde caí sem alento, soltando um gemido abafado como em resposta ao chorar do anjo que me estendia os bracinhos atravez das grades.
Ana Placido — *Luz coada por ferros*, 2.ª edição, pag. 162.

(**) «Chamara antes pela morte; trocara com ela o osculo amigo, afagava na mente o refugio seguro das tempestades da existencia, a sonhada eternidade do justo.» — *Luz coada por ferros*, 2.ª edição, pag. 163.

(***) (****) Idem, idem.

uma tarda composição, preso pelas recordações da enclausurada. Para se manter apenas redigia o *Mundo Elegante*. As suas distrações tinham-se limitado. Para demais não havia teatros pois do contrario apareceria a irritar a opinião agora que em nome dela, Ana Placido o deixara chorando lagrimas de sangue.

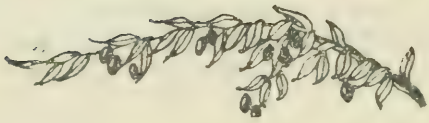
Escrevia-lhe cartas desoladas, acusadoras, desesperadamente; pensava loucuras encerrado na cidade da qual não podia saír sempre tentado em esperal-a, compreendendo não poder durar muito aquele terror que os separara.

Vivia entre o desejo de a vêr humilhada e de a beijar loucamente e tanto era este seu pensamento que mandava em telegramas desmentidos às cartas crudelissimas que lhe escrevia.

No seu diario, um caderninho das impressões de suas dôres, ela ia derramando cada vez mais lagrimas, umas vezes sentindo-o como um algoz, outras não se julgando digna do seu amor.

Braga habituada aos dramas de coração das religiosas era-lhes tão indiferente quanto o Porto continuava no seu formidavel combate.

Assim, entre prantos, acirrado pela distancia, viviam a sua grande paixão. Bem podiam os outros — em nome da moral — mostrar-lhes diversos caminhos. Só um queriam, um apenas ambicionavam e esse era o que os conduzisse aos braços um do outro, à paz do mundo, sós com os seu beijos, e o inesquecivel prazer de suas veementes caricias.



O convento de S Bento da Avé Maria, no Porto, onde era monja D. Isabel Vaz Mourão.

VII

«VIA DOLOROSA»

UM PSEUDONIMO DE CAMILO — A CORRESPONDENCIA COM A RECLUSA — VERSOS DE AMOR, PROSAS DE ODIO — O PROCESSO DE ADULTERIO — OS REUS E O JUIZ DR. TEIXEIRA DE QUEIROZ — PINHEIRO ALVES E O SEU PROCURADOR — A JUSTIÇA E OS AMIGOS DO ROMANCISTA — COMO SE FEZ A PRONUNCIA DE CAMILO — ENTRE A PAZ E A LUCTA — A MÃE DOS INFELIZES NUMA AGUA-FURTADA

FOI sob o inventado nome de Ermelinda Pereira da Costa que chegou ao convento da Conceição o primeiro telegrama de Camilo para Ana Placido. (*) Não o expedira do Porto; entrara em Braga e enviara logo suas desculpas por lhe ter escripto umas palavras agras. Estava-se em 6 de julho ás sete e dez da tarde; minutos, depois, a reclusa lia:

«*Não te mortifique a carta que has de receber amanhã. Foi uma hora terrivel que inspirou a tua amiga.*»

Chegou a resposta de venturas para ele pois voltou a dizer-lhe:

«*A tua carta deixa-me alegre. Podes escrever-me que não parto ainda. Faz muitos carinhos ao teu Nino que hoje recebeste.* (**) *Crê na felicidade.*»

Logo, no mesmo dia, — a 8 — lhe assegurava de dentro das suas grades:

«*Creio na felicidade prometida por ti e por Deus.*»

Primeiro confiava nele e só depois no Creador, pois era bem pagão o amor que a abrazava.

(*) Sobre o titulo *Via Dolorosa* dado pelo mestre a esta correspondencia existe em Seide o volume precioso que o autor poude consultar, graças à gentileza do sr. Sousa Fernandes, director do *Museu Camilliano*, sendo o favor solicitado pelo sr. dr. Veloso de Araujo.

(**) Ele chamava-se assim na intimidade e naturalmente enviara-lhe um retrato com aquele terno e quasi infantil nome por dedicatoria.

Estabelecera-se a correspondencia; as missivas sucediam-se, e para chegarem mais depressa o telegrafo eletrico servia-os, era seu cumplice, fóra das barreiras portuenses, ao cuidado da ordem, sob a égide do Estado.

Cantava na alma da amante uma alegria confessada:

«Eu estou hoje mais apoquentada com a dôr mas alegre e crente no futuro.»

A quinze dias de convento já pensavam em juntar-se de novo nas suas ambições de amor:

A qualquer hora que queiras saír chama a tua amiga» dizia-lhe ele e em resposta chegavam singularidades:

«Amanhã terás a prova de que o ceu guarda a minha vida.»

A comprovação de que ao recolher-se a S. João de Agra, dois anos antes pensava em a levar consigo, estava no que lhe transmitia agora. Isto evidenciava bem os seus propositos:

«Viana torna a ser o destino de ambos.»

Radiante, no mesmo dia, 16 de julho, Ana Placido declarava:

«A felicidade não é só uma palavra.»

Adoecera; em vez do natural nervosismo viera-lhe qualquer achaque mais rude, e ele, desolado, sentia não esperar as melhoras e acrescentava restar-lhe só a consolação de lhe escrever. Concluia com uma novidade de jornalista a quem se pedira um artigo pesaroso, maguado sobre o facto: *«Morreu a rainha.»* (*)

Perguntava-lhe, depois, cariciosamente:

«Se a tua amiga te procurar podes falar-lhe?»

Na rua do Bomjardim, onde ele se metera a lidar, recebeu-se a resposta assinada em nome da enferma, pelo sargento telegrafista: (**)

Estou sem febre e muito animada. Receio, porem, que a tua vista sem poder abraçar-te altere o meu estado por mais alguns dias.»

Do primitivo amúo julgava ele restar ainda alguma cousa, imaginava-o continuado na recusa em o receber na grade. Acentuava-lho.

«Já deves ter perdoado à tua amiga. Merece-o pelo que sofreu. Prova-lhe teu perdão dizendo como estás. A noticia que te deram é absolutamente falsa. O senhor de Seide (***) está em Paris.»

No seu desespero e envergonhado do Porto, procurava distraír-se viajando, o marido daquela mulher prestes a libertar-se novamente a quem tinham ido dizer ser intenção do esposo manda-la prender se não voltasse para o lar.

Ou porque a resposta não viesse a gosto de Camilo ou porque se enchesse de desespero, o que nele era tão subito, como a alegria, queixava-se:

«O sofrimento excede as minhas forças.»

(*) Comprova-se não ter sido Ana Placido que escreveu da rua da Picaria o elogio funebre de D. Estefania conforme asseverou Vieira de Castro no seu livro sobre Camilo, a pag. 202.

(**) Francisco Nunes Quedinho.

(***) Referia-se a Manuel Pinheiro Alves.

Na mesma data, no seu livro intimo ela chamava-lhe:

«*Algoz da minha vida e da minha felicidade.* (*)

Depois, num acesso de ternura, acalmava-o no despacho telegrafico:

«*Socega filha* — tratava-o deste modo pois dirigia-se a Ermelinda Pereira da Costa — *eu quero viver muito.*

Ele retorquia-lhe, naturalmente, a desvanecer-lhe alguma impressão apavorada por não poder jamais desenclausurar-se:

«*Socega minha filha. Podes saír quando quizeres emquanto não requereres o aviso. Diz isto positivamente ao Ferreira.*

Assim como o doutor Luís Antonio Pereira da Silva a visitara durante a doença no convento, à conta dos procuradores do esposo, bem como o clinico de Braga, Jeronimo Antonio de Faria, tambem ali fôra, depois, o medico Joaquim José Ferreira, amigo de Camilo. Apesar de ser um scientista de envergadura, e analista profundo, roçava-se pelos romanticos e até lia versos.

Era o mais elegante e correcto dos facultativos portuenses; um homem de sociedade transviado na medicina, um poeta perdido no fartum dos anfiteatros anatomicos, operador habilissimo mas que não amputava o espirito. Adorava o convivio; era um mundano e talvez, por um deleite de psicologo a juntar á grande amisade que o prendia ao romancista, no qual o seu olho perito via um soberbo caso patologico, se resolvesse a visitar Ana Placido e a recolher de seus labios as respostas ambicionadas pelo amante que ao escutá-las se enchia de esperanças num aquietamento:

«*Fica socegada minha filha. Vou melhor e vejo já o mar de Viana com o arrebatamento com que admirei a teu lado o Tejo.*»

A casinha de S. João de Agra tentava-o com a sua vista formosa, empoleirada na encosta, visinha da capela. Desenrolava-se na sua frente a bacia do lindissimo rio Lima até Cardielos onde se alargava como um lençol de prata, suave e remansoso, após a passagem entre os cortinados verdejantes, por detraz dos quais se erguiam as torres dos gothicos solares.

Brincavam sempre na sua lembrança as belezas vianenses, os mosteiros, as matas, a casa dos Barbosa, em Perre, e já que da primeira vez não pudera dar à bemquerida os seus beijos no asilo duma terra onde até os aventais das camponias, trazem bordada a palavra «Amor», ao menos te-la-ía agora, nesse scenario de encantos.

Ana, escrevia-lhe queixosamente da Conceição e em termos tão desditosos que ele lhe aconselhava:

«*Lembra-te de teu filho e de mim*». Tambem, no capricho dos seus nervos, se sentia doente e participava-lhe: estou «sofrendo um ataque de sufocação».

Como se as cartas enviadas do Porto por vezes levassem o orvalho vivificante servido logo entre as paredes negras do convento, um grande arrebatamento, o aroma forte daquele afecto, vinha alegrá-lo nas palavras agradecidas que recebia.

(*) *Diario de Ana Placido* — 18 de Junho de 1859.

«Crê que nunca amei a vida como hoje. — Ana».

Caíam, porêm, em crises nervosas, abalavam os seus organismos, abatiam-se para se erguerem impelidos um para o outro e, a 25 de Julho, a menos dum mês de separação, Camilo ordenava-lhe, impaciente:

«Marca definitivamente o dia em que saes».

«Estou melhor e amanhã saberás o que desejas. Espera-me na grade o Ferreira», dizia ela como a noticiar-lhe que pelo medico iria o recado, e logo, sacudida, preferindo tudo áquela situação de dois amantes desunidos pela vontade duma cidade que os troçava no alarde dos vencedores desmunificientes, aconselhava-lhe: *« trata do ridiculo que pesa sobre nós».*

Equivalia a espicaçar-lhe o animo audacioso, enviava-lhe o alento forte em semelhante receio do pó do grotesco mil vezes peor do que os tiros tragicos.

Resolvia-se a novo desafio e numa venturosa expansão ela declarava-lhe:

«O sol da felicidade alumia o espirito da tua Ana». Acrescentava a marcar-lhe a hora da libertação: *«De hoje a cinco dias conto estar boa.»*

Foi em 1 de Agosto que o escritor a animou mais ainda:

«Verás Nina, pela carta de hoje, que as cousas se combinam melhor do que tu pensavas.»

Delirantemente volvia:

«Vejo o futuro e a imagem do meu Deus na terra.»

Queria-a ao pé de si; assegurava-lhe:

«A Nina vai para o Bomjardim sem receio. E' preciso.»

Era preciso porque tencionava mostrar-se ao Porto numa provocação, destruir pela exibição o que viam como timidez ao julgarem-nos vencidos. Carecia de não perder a sua categoria dominadora; não queria que o *Palheiro* o julgasse amedrontado e, amparado no seu feitio desafiante, crente na coragem da amada, achava necessaria a sua presença na cidade. Acedia; venturosamente, lho participava:

«Estou alegre Nininha; é mais um dia e depois o ceu.»

Mas não foi mais um dia. Surgiram embaraços. Agosto entrou e as cousas complicaram-se. Não escapariam aos castigos pelo seu acto, apenas pela altivez de encararem os censores. Ele a avisara disso, e ao mesmo tempo a consultava a não a querendo expôr ao que pressentia de terrivel: o carcere, o degredo, a lei a punir o seu crime de adulterio. (*)

«Disse-me hontem alguem que o Senhor de Seide dissera que no caso de reincidencia intentaria uma acção não de divorcio mas de cousa mais feia. Será possivel? Acho tudo possivel. Se tu, filha, estivesses na posição de victima do senhor de Seide, terias animo para afrontar novos infortunios? Impuz-me a obrigação dolorosa de fazer-te saber isto.»

Sacudia-se mais uma vez, arrebatava-se já farto daquela separação:

(*) O artigo 401 do Codigo Penal punia com o degredo o crime de adulterio comprovado e era a ameaça para ambos.

«*Nada creio mas dá-me Deus força para tudo. Manda-me a sege. Amanhã devo estar no Porto.*» Raivosamente, (*) no mesmo dia, acentuava:

«*O ultimo favor que te peço é mandares-me condução para ahi. Eu nunca te conheci.*»

Logo o amante lenitivava semelhante colera:

«*Ás 7 horas da manhã tens a carruagem. Espero-te onde te disse. Não vás para a casa da rua da Picaria. Nunca me conheceste, filha?*» E, animado, satisfeito, ancioso:

«*Ámanhã começará para nós uma vida nova.*»

E ela traçava no seu breviario de dôres e de alegrias a seguinte interrogação: (**)

«*Serei digna de ti, Camilo?*»

Ora o culpava, ora o adorava de joelhos, seguindo a trilha de todos os grandes amores. Aguardara-a em Famalicão, foram buscar o Manuelzito, que estava a criar, em Seide, (***) e voltaram numa sege para a vila, indo noutra o pequenito com a ama. Ali, onde Pinheiro Alves gostava de exibir a mulher, apresentavam-se felizes do seu delito, aos olhos ávidos e gulosos do escandalo. (****)

Mal se detiveram no Porto; procuraram o socego, nesse agosto, numa casinha da Foz, mesmo porque na hospedagem da Picaria (*****) se levantara celeuma, ao conhecerem-se os seus nomes, ao verem-nos abraçados, á janela, diante da visinhança alarmada, das senhoras que espalhavam o que chamavam «a indecencia do seu viver». Amavam-se; pagavam as suas contas, apresentavam-se com o desprendimento de altos espiritos mas faltava-lhes o consenso canonico e a tolerancia dos portuenses lamentadores de Pinheiro Alves, tratado de marido exemplar e desditoso. Com efeito ele sofria não só ante a piedade lida nos rostos dos amigos mas ainda porque adorava o corpo magnifico que comprara. Ela, na praia arrabaldina, entregava-se toda à sua paixão e a acarinhar o filho que ele não lhe arrancava dos braços, gerando duvidas, querendo, talvez, mostrar ter sido traído dentro do seu lar. O escritor adorava a criança mas não se imputava a sua paternidade.

Ana Placido fazia 28 anos. Em setembro ainda habitavam a Foz. Galantemente Camilo lhe dedicou versos:

Apaixonadamente a retratava chamando-lhe Rachel, nome que encontrara mais

(*) Foi em 3 de agosto de 1859. Na manhã de 4, Ana Placido deixou o convento.

(**) *Diario de Ana Placido*, dia 3 de agosto.

(***) Camilo nas *Noites de Insonia*, capitulo X, e que foi publicado em 1874, assevera: «quando ha quinze anos vim, pela primeira vez, a S. Miguel de Seide». Foi em 1859 por consequencia e certamente nesta ocasião.

(****) O medico Jeronimo Antonio de Faria declarou no processo, como testemunha, tê-la tratado em julho no convento e, no mês imediato, vira em Famalicão o filho e a ama numa sege e ouvira dizer que na outra iam Ana e Camilo.

(*****) A casa pertencia a João Antonio de Azevedo, tendo a creada, Joaquina Maria de Jesus, sido testemunha no seu processo, assegurando, no depoimento, a sumula do que fica expresso. Já o sr. Alberto Pimentel se lhe referiu no seu livro *Amores de Camilo*, pag. 270.

belo para marcar seu sentimento. Fôra buscá-la à Biblia como o duma mulher adorada, pela qual se fazem todas as tarefas baixas e os sacrificios maximos durante largos anos no desejo de seus beijos.

Vieste assim de Deus! Tens formosura
Que eu não ouso tocar! Matem-me a alma
Os barbaros da honra em vil tortura

Dizia-lhe num arroubo, estonteado:

E's linda! que te vejam teus algozes.
Num carcere afrontar mortais angustias

Mostrava adorá-la, sorvia nos seus labios os mais deliciosos beijos e advinhava, ante os rumores da viloria, o que os esperava. Os amigos preveniam-no das atoardas do Porto. Eles dormiam nos braços um do outro esperando a todos os instantes os designios do acaso, da lei, da vontade dos homens tentando quebrar o seu amor.

Abalava-se da praia; a gente que o vira na Foz fôra encher a cidade de pormenores extravagantes. Não procuraram pousio no norte. De novo se albergaram em Lisboa onde dois meses decorreram numa larga felicidade. Levava-a ao teatro D. Maria, para o fundo dum camarote a ouvir o ensaio da peça *O Ultimo Acto* turbada pelos soluços da protagonista Ana Augusta — como ela — e á sua semelhança, victima do casamento de conveniencia; davam largos passeios, mostravam-se.

Um enorme orgulho a enchia por andar junto daquele cujo talento obrigava a chorar os proprios actores que representavam o seu drama. Caminhavam sobre um tapete de notoriedade; os literatos acercavam-se tanto do talento do homem como da formosura da mulher, satisfeitos pelo contacto com esse par romantico, elegante e ilustre que enchia as imaginações.

Camilo, por vezes, tinha extranhos ciumes mesmo dos seus mais intimos amigos como Julio Cesar Machado. Febrilmente queria áquela mulher que lhe dera as maiores provas dum enorme amor e à qual já ofendia duvidando do seu afecto.

Ela estava na idade perigosa da paixão, quasi nos 30 anos. Tornava-se de singularidades a vida de ambos. Entrevia o feitio voluvel do amante, receava da sua volubilidade, tremia à idea de poder ser aborrecida como as outras, pois sabia-o a crear eternamente uma paixão.

Sofreria mas não podiam separar-se jamais porque quem mais os odiava — o marido — ia soldá-los para sempre a uma gramalheira de infortunios.

Instalara-se em Lisboa, no *Hotel Universal*, ao topo da rua Nova do Almada; os triunfos de Camilo deviam exacerbá-lo; a visinhança de ambos enlouquecê-lo-ía pois diariamente ouviria falar neles. Decidira-se a castigá-los. Fugira-lhe dos braços a adorada; as provas do seu crime estavam patentes e o Codigo era inflexivel ao determinar:

«Artigo 401.º — O adulterio da mulher será punido com o degredo temporario.

§ 1.º — O co-reu adultero, sabedor de que a mulher é casada, será punido com a mesma pena, ficando obrigado às perdas e damnos, que devidamente se julgarem.

§ 2.º — Sómente são admissiveis contra o co-reu adultero as provas do flagrante delicto ou as provas resultantes de cartas ou outros documentos escritos por ele.

Que lhe importava a vida sem ela? Queria era arrancá-la aos beijos do outro remetê-la para o degredo embora se lhe escapasse e, então, assim punida, talvez se submetesse. E não falava do filho; movia-se num rancor fundo, numa loucura feroz. Daria uma satisfação à sociedade e um pastio ao seu ciume que lhe comprimia, ainda assim, a vingança a tirar defrontando-se com o rival. Empregaria o seu dinheiro de preferencia a balas. Não correria riscos; veria os outros esmagados, para demais o Porto, a Assemblea, o *Palheiro,* impunham-se-lhe e ele, dum golpe fundo, cortava cerce o escandalo e a espalhada fama da sua pusilanimidade.

Decidiu-se a intentar o processo. Entregou a querela ao advogado dr. Alexandre da Costa Pinto Coelho de Magalhães e logo os aplausos à sua acção girandolaram no meio dos protestos dos romanticos. Entrevia-se a certeza da punição; por toda a parte se exigia um exemplar castigo o qual faria meditar as solteiras e desviaria as casadas do adulterio.

Se tivessem aparecido no Porto dí-los-iam a empestar a cidade com o seu halito. Todavia Ana Placido estava lá esculcando, perscrutando os tramites do seu drama emquanto o marido a julgava em Lisboa.

Ocultara-se e transmitira a Camilo uma noticia falsa, no seu grande receio, após a verdadeira, a relativa a ter começado a acção.

«Distribuiu-se hoje a querela contra nós.»

Mesmo na ante-vespera de Natal não havia treguas. Ela continuava no proprio dia da consoada: *«O juiz pronunciou-me. Aconselham-me que sáia já para essa antes de dada a ordem de prisão. Tu não faças a asneira de vir aqui, o caso é mais sério do que julgas»* (*)

E, todavia, o magistrado não tomara semelhante deliberação.

O dr. José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz era filho do conspirador liberal do mesmo apelido e proprietario em Verdomil, que chefiara, no districto de Aveiro, as acções secretas contra D. Miguel. Alçado na magistratura o seu primogenito, homem inteligente, pusera de lado a lira receoso de que a justiça lhe desdenhasse as maviosidades. Poetara na mocidade, erguera fantasias formosas, desenhara pagens torturados de amor e bardos empunhando alaúdes nas sombras vastas das fortalezas medievas. Assinara até um poema intitulado o *Castelo do Lago.* (*)

Tambem se prendera em amores; era uma alma sensivel e uma consciencia

(*) Da *Via Dolorosa*, inéditos do Museu Camiliano de Seide.

limpida. Sentiu, talvez, que penderia para os culpados a sua alma afectiva e, mesmo sob a insistencia do advogado do marido queixoso — confiado na sua probidade — julgou-se incompetente para presidir a semelhante processo. Recordaria, porventura, os amargos transes da sua paixão oculta numa casinha da Povoa enquanto a não pudera mostrar ao mundo?

Os alvejados ignoravam semelhante acção e Camilo, serenamente pelo menos na aparencia, pois na sua alma referviam receios, avisava a ausente:

«Dão-me hoje providencias para a tua segurança e partida no proximo vapor.»

Cheia de medo pelo que lhe diziam, não querendo expôr-se aos olhares da cidade, sofrer as curiosidades a bordo decidira-se a fazer viagem por terra e ir a Coimbra encontrar Vieira de Castro, cujo poder enorme sobre os estudantes a livraria de todas as tentativas de captura.

Um despacho telegrafico anunciava ao amigo, metido num terceiro andar do predio 40 do Cais do Sodré, o pousio da foragida:

«Chegou aqui D. Ana. Parte àmanhã se tiver bilhete e senão depois com certeza. Previno-te a seu pedido», etc.

Decerto a D. Eufrasia Carlota de Sá, na sua fidelidade, o avisara da partida dela. Um grande sobressalto, que não se importava de confessar á confidente, embora o escondesse da amante, agitava o espirito do escritor habituado a visionar, numa rapidez estranha, as mais dolorosas situações. Manifestava-lhe o seu estado, numa larga queixa:

«Lisboa, 28 de dezembro. Minha amiga. Sei que a D. Ana está em Coimbra donde decerto não sairá hoje nem talvez amanhã. Em Lisboa tenho alguma segurança porque confio em amigos; mas se o homem continuar com a querella, tenho de viver sempre em sobresalto e escondido até que a questão venha a acabar no tribunal de Lisboa. Imagine a minha amiga que vida será esta. Tambem perdi a esperança de a tornar a vêr, minha boa Eufrasia.»

Á sua habitual coragem sucedia um desanimo enorme, bem proprio destes temperamentos de audacias e de quedas subitas. Via-se no degredo, escutava os rumores da rua, os sobressaltos dos amigos e avolumava os males numa excitação de romancista auto-ssugestionado.

«É preciso convencer-me — continuava — de que morri para mim e para muita gente. Neste triste momento devo confessar que é a senhora a pessoa a quem maiores provas de amisade devo.»

Vinham, então, as recordações antigas, o apêlo para as amisades, talvez o remorso de suas doidices e o primeiro arrependimento pelo passo que a amante dera no seu alarde de paixão:

«Quando fôr ao convento recomende-me àquela boa amiga que não espero vêr mais. Diga-lhe que, imaginando que eu morri, contemple com piedade a orfã que Deus lhe destinou para que ela desse um publico testemunho da sua generosa abnegação. Adeus minha amiga, enquanto vivermos troquemos algumas palavras dignas da amisade de 9 annos e de toda a vida.»

Era circunspecto nos dizeres; entregava-se todo ao desespero, deixava galopar a poderosa imaginação mas ia defendendo a sua cumplice dos ataques da hospedeira.

«Faz a D. Ana a injustiça dizendo que ela me afasta de lá. Quando eu estive muito doente perguntou-me ela se eu queria que lhe escrevesse ela mesmo pedindo-me para vir para o pé de mim. Creia que o que ela tem é medo que me prendam; porque se me prendessem ninguem nos valia e iriamos ambos para a Africa.» (*)

Assim se apresentava a situação. O degredo aparecia-lhes numa certesa absoluta. Todos os que se lhes aproximavam o diziam. Pairava terror desde aquela antevespera do Natal em que Pinheiro Alves entregara a sua queixa de marido ofendido, enraivado, sòsinho num quarto do *Hotel Universal*, a sentir como se fundira numa desgraça a vida que amanhara cuidadosamente, em bens, para ser feliz em gosos. A imagem da mulher devia turbar-lhe as noites desesperadas. O advogado, em ensejo de granjear grande ruido sobre o seu nome, quasi descompunha os reus na participação engendrada pelo constituinte furioso.

O Porto burguês seguia, atenta e severamente, as peripecias do processo, os lances já a debaterem-se entre os magistrados.

Podia ainda partir em segurança a inculpada que sofria imenso, segundo Vieira de Castro participava ao amigo:

«*Vai triste, compete-te confortá-la.*»

Deste modo acabou para eles o ano em que tinham deliberado quebrar os preconceitos.

As grandes nuvens no seu amor apareciam por uma alta razão social. O sofrimento vinha pungi-los porque assim o determinavam as leis criadas para a defesa dos lares, diziam os moralistas engrossando as vozes e recordando-se das pinturas, feitas pelo romancista de individuos de mau porte em segredo e de catonismos em publico as quais traziam à mente pessoas conhecidas, marcantes.

Era muito malsinada a determinação de José Teixeira de Queiroz; (**) parecia nos seus escrupulos, acaudilhar o infamador das familias portuenses, o homem que na sua acção abrira uma brecha funda nos costumes citadinos. Tinham-no considerado sempre como um inimigo ao qual não se consentira abrigo. E surgia o magistrado a recusar-se ao julgamento?! Abriam-se grandes bocas pasmadas, condenavam-no as linguas perversas do *Palheiro* e logo tambem ao primeiro substituto José Maria da Silveira Torres que de egual modo procedera. Sentia-se tão suspeito como o seu colega.

Janeiro adiantava-se. Parecia que não havia juizes para julgar os reus. Não se podia atribuir à pressão (***) da imprensa semelhantes atitudes porque uma grande

(*) Comunicada pelo sr. Alberto Pimentel no seu livro *O Torturado de Selde*, pag. 42 a 44 e extraído da *Labareda* de 1 de junho de 1914.

(**) Pae do grande romancista Eça de Queiroz.

(***) Mais tarde Camilo escreveria; «*O Nacional*, periodico onde experimentei a vocação e a minha curta capacidade se desenvolveu foi o unico jornal do Porto que afrontou a injustiça e o ouro, levantando a voz a meu favor.» — Camilo — *Memorias do Carcere*, pag. 14, 4.ª edição.

calada se gerara em torno do drama em que eram protogonistas um homem de letras a celebrisar-se, uma mulher corajosa bastante para renunciar à sua situação em nome do seu amor e um dos comerciantes de pêso da praça que levava comsigo todos os votos da «gente que tinha que perder.»

Enviou-se apressadamente, o processo ao segundo substituto em busca da pronuncia. Este, porem, achou ainda mais solidos argumentos na lei para não tomar a si semelhante encargo.

O dr. Jeronimo Ferreira Pinto Basto alegava que, sendo juiz do tribunal correcional, não podia presidir em audiencia de jury como devia ser aquela pela qual todo o Porto se interessava.

Aduziu logo, Teixeira de Queiroz, não ter base a sua escusa e fundamentando a propria, tornou-se necessario que a Relação se pronunciasse. Levou-se até fevereiro em pugnas que o procurador de Pinheiro Alves, rangendo os dentes, narrava à noite no *Palheiro,* muito ouvido, feliz com os comentarios dos socios da Assemblea contra a justiça. Chamava-se Albano de Miranda Lemos e era comendador. Movia-se muito mais por odio do que pela paga do ultrajado, que ainda assim, coava penosamente o dinheiro por suas avaras mãos. Inventava chicanas de efeito, alicantinas de sabido nas tricas judiciais; paladinava pela moral muito mexido nas conjuras, contando com victorias certas.

Os magistrados da instancia superior obrigavam, ao cabo de três meses, o juiz proprietario a tomar conta do processo.

Estavam na sombra, felizes com o procedimento do dr. Queiroz, os amigos de Camilo. O unico que se mostrava em impulsividades arrasantes, desafiador e atrevido era Vieira de Castro gladiando contra a moral burguesa, expondo-se. Rodrigues Sampaio, que apreciava muito o escritor, oferecia-lhe a *Revolução de Setembro* para trabalhar.

Por intermedio dele grangeara mais simpatias. José Estevão tornara-se seu parceiro, o conego Alves Martins, que seria bispo de Vizeu e presidente do conselho, recordava-lhe o tempo do *Nacional*, cujo dono, José Joaquim Gonçalves Bastos, estava pronto a acompanhar o romancista no seu transe.

Apesar das altas posições ocupadas por estes e outros homens da sua roda paterna nenhum deles tinha poder para entravar a lei favoravel aos inimigos, para deter o avanço daquela acção, em que todo o país punha os olhos. Ana Placido: prevendo já a hora proxima duma separação, que podia ser eterna, pedia ao amante

Vem luz pura, luz divina
Anceio, chamo por ti;
Para o ceu me ressuscita
Que eu para o mundo morri (*)

(*) Versos de Ana Placido a Camilo escritos em 10 de março de 1860 quando ela tinha a prisão eminente, pois já fôra pronunciada.

E ele, no seu maior desespero, volvia-lhe:

Vem luz torva, luz satanica
Anceio, chamo por ti
Meus passos guia ao inferno
Que eu para o ceu já morri

Não podiam restar mais duvidas. O homem que respondia assim áquele suave apêlo de amor, tinha um vulcão a referver-lhe no peito. A sua situação aparecia-lhe como um horror exacerbado pelos imaginosos e torturadores requintes de um espirito enoitado de pávidos avejões.

O dr. Teixeira de Queirez foi, finalmente, obrigado a pronunciar o acusado por despacho da Relação. Deixava Camilo em liberdade; declarava não ter encontrado as provas do seu delicto, conforme a lei as exigia: o flagrante delicto, as missivas escriptas á mulher casada. Era mais do que parcialidade; era um desafio lançado tambem ao Porto, por parte da justiça. Se eles até se escreviam em versos apaixonados ou crueis de sofrimento!

O procurador Lemos andava concitando testemunhas, convocando as criadas dela, as moças das casas onde se tinha hospedado o amoroso par, que desejava encadeado até ao degredo, citava os medicos chamados nas crises de suas doenças, mesmo os inimigos do escriptor e sobretudo estes. O Novais Vieira — o dos *Oculos* — almejava a desforra das cacheiradas recebidas no corredor do S. João, havia seis ou sete anos. Não perdoava; á força de se arvorar em jornalista em folhas de baixas cotações, o foliculario enconchara-se num bom emprego na fazenda. Arredondara-se-lhe mais o ventre, andava radiante, a segredar pelos portais das luveiras as maiores aleivosias em relação a Camilo, vendo-se longe da justiceira bengala do romancista, agora obrigado a deixar a sua amada, fugir do seu lado, afim de escapar á imediata prisão. Não era admitida fiança para o seu crime. Sujeitava-se a ser capturada na rua. Escondera-se; porém, não podia ficar toda a vida a tremer, num canto, ao menor ruido. O melhor era apresentar-se á policia, decidir da sua sorte, para não sofrer vexames agradaveis aos inimigos. A salvação estaria na saída do país, porém, o escriptor era pobre. Encontraria subsistencia no Brazil, mas, dificilmente, arrastaria nessa aventura de expatriamento uma mulher e uma criança.

A cadeia abria a bôca para a engulir; cumpliciadamente todos os moralistas estendiam as mãos para a encarcerar. Era como uma caçada a algum animal raro e daninho descido dos montes a nevrosar com seus berros os rebanhos humanos, a contaminar os redis e a atraír as crias ao seu fôjo. Circuitavam-na. Para não ser apanhada pelos batedores na montaria — os escoteiros aguasis — ía aproximar-se do carcere. Julgava-se, ainda assim, melhor oculta no Porto do que em Lisboa. Ele ficava a desviar as pistas, a vêr se quebrava a freima da batida. A seu lado, em arrebatamentos atontados, derramando-se por não poder esmagar os perversos da moral fementida, estava Vieira de Castro. Não o abandonava. Atraía-o aquela des-

dita de amor contrariado. Acompanharam ambos a fugitiva ao *Lusitania*. Desembarcaria em segredo e iria para refugio combinado deixando-o sempre que receasse alguma cousa até se convencerem não ser possivel a despronuncia.

Os amantes apertaram-se nos braços como a quererem soldar-se nesse amplexo, sentirem seus corações em unisona palpitação. Deixaram-se e quando ele, e o amigo, chegaram à ponte viram-na, chorando, tendo o filhinho pela mão, formosa no seu vestido negro.

Ia vergada ás exigencias duma sociedade alarmada; ele ficava a cachoar coleras contra o mundo que o infelicitava. Voltava-se para Vieira de Castro e exclamava ao vêr o ultimo aceno do lenço branco de Ana Placido, no ar sereno, e o vapor a afastar-se, a diminuir-se na distancia:

—«Sabes o que me adivinha o coração? Que a não vejo mais.»

E o outro comovido, profetisou:

—«Verás. Mas o coração ha de ser o Golgota do teu talento . . . » (*)

Participava-lhe, mal chegara, que «*o senhor de Seide está em Lisboa*» e naturalmente queixava-se de alguma demora de cartas. O escritor precipitado, mas cauto, assinava pela primeira vez com o seu nome, o telegrama, que passava por fieis mãos antes de ser entregue à refugiada.

«*Não deixei de escrever um só dia. Diga-me se recebeu as cartas juntas. No caso negativo lia indirectamente a minha correspondencia. Responda-me já sem direcção.*» (**)

Não tardava em elucidá-lo, subscrevendo-se, contra o costume, Ana Augusta:

«*Recebi hontem duas e estou escondida para fugir à perseguição. Animo.*»

Alterara-se, enfurecera-se como se a visse perdida para sempre naquela bruma forte do Porto no final do março que ía de tormentas. Desejava saber dela, não a sentir sumida até para si proprio.

«*D. Eufrasia Carlota de Sà: Peço diga onde está a infeliz.*»

Ao entrar Abril, Camilo conhecedor de algum desastre acontecido ao Luís Pinto Serra, que tanto os perseguira, ao tio, tornado o verdugo, por conta do marido, dizia-lhe:

«*Já deves saber como a providencia castigou o Serra.*»

Porêm enciumava-se, tinha anciedades, duvidas, sentia o espirito endoidecido. Fantasiava loucuras; desejava antes sabê-la já presa de que no acaso da aventura em casas amigas onde a sua beleza despertasse galanteios. Longe dela era ainda mais amoroso, enchia-se de maiores direitos sobre a sua vida.

Ocultara-se em Vila Nova de Famalicão onde não se julgara segura ao conhecer a vinda do marido e largara logo para Santo Tirso. Ali podia viver mais calma no hotel ou nalguma moradia particular onde se hospedasse. Andava assim à roda de Seide, nas margens formosas do Ave onde os arvoredos debruam os caudaes.

Não queria revelar publicamente, nos telegramas, os logares de seu asilo porque

(*) Vieira de Castro — *Camilo Castelo Branco* — pag. 190.

(**) Da *Via Dolorosa*.

estremecia à idea da prisão daquela cadeia, o monstro de pedra, que ela, portuense, vira desde pequenina, como um sitio de infamias de cujas grades pendiam uns cestos negros à espera da esmola dos transeuntes para os encarcerados. Homens e mulheres de rostos mais tetricos na jaula espreitavam, desoladamente, a rua, aiavam, por vezes, umas cantigas melancolicas e as mães, quando por ali conduziam os pequenitos, nunca deixavam de apontar os muros limosos e os seus habitantes como malvados, pessoas postas à margem do mundo, metidas naquele inferno da Relação.

Tremia de medo; não telegrafava; demoravam muito as cartas para Lisboá de onde vinham as anciedades e as raivas do amante. Devia chorar ao vêr-se tratada com desconfianças.

Já não era só a gente da justiça que andava no seu encalço; tambem a confidente de Camilo, imprudentemente, a procurava, podendo dar nas vistas, fazer com que fosse levada para o antro tanto de seu receio.

Porêm de Lisboa as missivas vinham zunindo como balas envenenadas e ela não hesitava mais, prevenia-o, desejava vê-lo socegado.

Pois se era bem sua para que torturá-lo assim pelo pavor da cadeia?! Em todo o caso o que não queria era sabê-lo a sofrer e, como desconhecia as deliberações da justiça, afastava-o.

Ele, porem, levava à conta de menos afecto as suas cautelas e redobrava de excitações, empeçonhava o espirito nas suas alucinações de ciumento, de apaixonado como se não bastasse ela ter-se perdido para lhe provar todo o seu amor.

Mas como socega-lo se até mostrara zelos ao vê-la conversar com os seus intimos, e confiar-se a Julio Cesar Machado e mesmo a Vieira de Castro?!

Alucinava-se; perturbava-lhe mais os seus alanceados dias.

«Estou aflita com as tuas palavras, nunca estive debaixo da protecção de meu cunhado nem mudei de plano. Filho, tu pela carta que receberes verás como és injusto.»

Passara para casa de um dos irmãos, naturalmente o Placido, padrinho de seu filho e isso ao começo contentara-a; depois mudara ante qualquer novo e imaginoso receio.

«Diz-me onde estás e se peoraste. Oxalá achasses paz na companhia de teu irmão.»

Lisboa começava a aparecer-lhe como um tumulo desde que não via Ana a seu lado. Entrara num periodo excitado; voltara a ser o vergastador. O seu sarcasmo afiava-se na sua ira. Era como um alfageme corregendo o fio de suas armas na dôr. Desejava infelicitar toda a gente para que não sentisse a falsidade de seu riso ao curtir os proprios males. Vieira de Castro não o largava; residiam numa casa de hospedes da rua de S. Julião, confidenciavam, desesperavam-se ambos, porem em publico Camilo mantinha a atitude desempenada, árdida. Frequentava a Camara dos Deputados e troçava-os, fundia frases sangrentas, condenatorias para êles; desenvolvia chascos afogados nos molhos e nos vinhos das mesas do Mata (*) que só era

(*) João Mata, celebre cosinheiro, cujo hotel era frequentado pelos escritores e a roda alta da boemia lisboeta — e que foi celebrisado por Julio Cesar Machado nos seus livros.

feliz ao escutar as discussões dos literatos. Apareciam Bulhão Pato, Julio Cesar Machado, os actores, o proprio Castilho, o doutor Magalhães Coutinho que era uma sumidade, professor da Escola Medica e facultativo régio; José Estevão e Rodrigues Sampaio acudiam á sua conversação, aguentada com brilho naqueles ágapes. Camilo era brilhante, mas ao fechar-se no quarto delia em lagrimas as saudades, desempenava os nervos tensos naquele pranto consolador como uma chuva de refrigerio, após a tempestade devastadora de seu animo.

Chegou um momento em que não poude conter-se e, apesar de todos os perigos, correu para o Porto.

Em 16 de Abril prevenia-a do designio e desculpava-se de tantas dôres que lhe inflingira:

«Perdão pelo martirio sofrido. Não leias a carta de amanhã. A' noite estou no hotel do Cisne; vou melhor mas saudoso. (*)

E ela logo, num enleio romantico:

«Diz-me se me ouves ainda chamar-te. Sim ou não? Salva-me.»

Ouço-te a todos os instantes — volvia — *Chama-me e eu partirei.»*

Continuava, porem, no mesmo arrebatamento, nervoso, desconfiado a enviar-lhe cartas torturadoras nascidas do seu grande sofrimento.

«Amanhã recebes uma carta mortificante. Para desculpa basta o remorso.

Depois tinha palavras infantis, ingenuas, fazia-se muito humilde, como a apequenar-se, à guisa das creanças em busca de perdão. Chamava-se o seu *«nino que é teu como teu filho.»*

Dentro do Porto ela começava a pôr-se ao facto dos acontecimentos e a transmitir-lhos.

«Soube ha pouco que se decide amanhã o agravo. Logo que saiba a solução aviso-te e falaremos, Nino.

Estou melhor, mas horrivelmente inquieta apesar de todos me socegarem com a idea de que és temido e não se atreverem a transgredir a Lei. Animo, filho, dá-me o teu sempre que possas.»

Era por causa dele que tremia. O dr. Alexandre de Magalhães, advogado de Pinheiro Alves, insistira pela prisão de Camilo, agravara do despacho de Teixeira de Queiroz que lhe deixara a liberdade e Ana Placido, mais turbada, ao vê-lo em perigo, avisava-o com paciente e nobre coragem de desviá-lo do abismo no qual inevitavelmente ela teria que tombar.

«Juizes, dão-se por suspeitos. Decisão em 8 dias. A tua Nina.»

Esta participação tinha a data de 27 de Abril e seria com efeito, oito dias depois — a 5 de Maio — que o magistrado — ainda por despacho terminante da Relação — o pronunciaria tornando-o co-reu da adultera, conforme resava o processo. Bem se sabia condenada — a foragida. Sentia, porem, um grande desejo de vêr o

(*) Apesar dalguns escritores dizerem que Camilo fôra encontrá-la em Santo Tirso não depreendi isso dos documentos que vi.

seu amado e compreendia que estavam perdidos, que dentro da cadeia não se poderiam mais beijar, e então, telegrafava-lhe sem rebuço:

«*Morrem as considerações diante do coração. Vem filho, faze o que te pedi e traz-me o ultimo acto.*»

Acedia numa grande pressa de quem concordava com seus dizeres:

«*Se vencer os grandes embaraços com que lucta o teu Nino sei que parte amanhã e te avisará para que o esperes na Bandeira.*»

Apareceu-lhe numa quarta feira, mas, diante do que se passava, ela induzia-o a partir, a ir abrigar-se nalgum canto até chegar a decisão acerca da sua pronuncia.

Abundava no aplauso a estas ideas um grande amigo de Camilo, temperamento energico cheio de bom senso que usava da voz clara da razão para os excitados argumentos do romancista visionario.

Chamava-se este dedicado e prestante auxiliar, Custodio José Vieira; tinha trinta e nove anos e era advogado de fama. Baixinho, franzino, trigueiro, só os olhos acusavam nas suas scintilações, o talento. Alem de causidico era tribuno. Ainda academico andara de arma ao hombro em defesa da liberdade. O patuleia mostrava-se quasi republicano. Entrara para a redacção do *Nacional* e como vibrava nele uma grande alma rebelde prendera-se ao romancista apesar das suas tendencias aristocraticas e seus alardes tradicionalistas. Jamais deixara de bem querer a esse homem superior, nevrosado e original que lhe aplaudia a oratoria, lhe apreciava a eloquencia embora não concordasse muito com as suas ideas. Sabia, porem, que um manancial de bondade existia naquele peito mirrado e era contra ele que se lançava naquela noite de Maio, junto da Egreja de Bomfim, onde se despedira diante da diligencia, que o conduziria á Regua. O advogado jornalista defenderia o escritor da verberação duma cidade inteira mas exigia-lhe obediencia.

Ele ia com destino a Vila Real. Procuraria encontrar, no ambito familiar de que andava arredio ha muito, um pouco de socego. Sua irmã D. Carolina Botelho Castelo Branco tambem tinha tendencias literarias porem abafava-as nos cuidados da casa, dos filhos e do marido, o medico Francisco José de Azevedo (*) que era muito afecto ao cunhado.

Camilo, porem levava dentro de si o feiticeiro filtro que não o deixaria continuar o caminho. Aguardava-o um creado com a montada; encalvagou; mas na primeira aldeia do Vale do Corgo, voltou-se para as bandas do Porto onde ficara Ana Placido.

Ainda lhe telegrafara: «*Cheguei à Regua às duas horas. Continúo num estado inexplicavel de corpo e alma. Diz-me para Vila Real alguma coisa.*»

Depois, olhando «no ocidente o sol e o cinzento e escarlate horisonte» (**) detivera-se; quedara-se a ouvir «o zumbido dos insetos nas folhagens dos vinhedos.» Virava-se para as brenhas transmontanas que conhecera em creança, onde lidara na primeira juventude e repelia da sua alma as recordações. Era noutro logar que es-

(*) Pai dos conselheiros Antonio e José de Azevedo Castelo Branco.

(**) Camilo — *Discurso Preliminar das Memorias do Carcere.*

tava a felicidade mesmo que o encerrassem num carcere. Lá vivia a mulher da sua paixão. A existencia nos vales, numa paz suave, quasi bucolica, era um muito violento contraste para o rugido do seu desespero. Voltou a redea à montada e pôs-se de regresso. O servo seguia-o calado, palmilhando a vereda e só ao vê-lo apear-se, ao receber o cavalo, com ordem de o guiar para casa dos patrões perguntara:

«Que hei de dizer lá em casa?»

«Diz que me deixaste doido . , . — volvera o romancista num desabafo.

O labroste retrucou confiado: — A falar verdade . . . senão o está, parece-o. Que hei de dizer a sua irmã?»

— «Diz-lhe que fiquei doido . . .»

Aquartelou-se na Regua. Aí receberia a noticia da sua pronuncia.

«Avalio o que se passa em ti — tornava ela na mesma hora em que recebia as suas desoladas palavras — *pelo que sofro, filho mas sou forte, Nino. Escrevi esta manhã para o «Nacional»;* (*) *o primeiro grito contra a Relação pertence-me de direito. Que espera o Miranda Lemos?* (**)

Lembrava uma amazona disposta à lucta. Emquanto se tratara apenas dela deixava-se amortecer feminilmente, porem, ao avultar-se o perigo para o seu amado, enchia-se duma coragem enorme e queria batalhar.

Se ele duvidasse do seu amor bastar-lhe-ía sentir o impeto com que febrilmente se atirava para o perigo, só porque o via ameaçado.

Metido numa pessima hospedaria da Regua, sentindo-se só, preferia tudo ao horror daquele viver entre desconhecidos, gente do trafego vinhateiro e decidiu-se a entrar na prisão. Desaconselhado, sem os amigos, preferia todos os horrores tornados maiores pelo seu exacerbamento. Era o degredo, segundo a lei, o que o aguardava. Aquele acordão da Relação constituia, a seus olhos, a sentença dos juizes sabedores. E, então, não recuou; dispôs-se a uma clausura no final da qual estava a sorte dos presidiarios, o destino fatal de seu tio Simão Botelho.

Telegrafou, muito resolvido a submeter-se:

«Amanhã à 1 hora devo esperar que anoiteça em Valongo. Manda-me para lá uma carruagem.»

E ela, logo, num receio de amante, quasi de mãe, alucinadamente:

«Peço-te que não venhas, filho.»

Obedeceu-lhe; mascarou o seu nome, tomou o de José Ferreira, em recordação do medico amigo de ambos, o Ferreira *Janota*, e solicitou-lhe:

«Manda chamar o Custodio Vieira e que esteja em Valongo à 1 hora.»

(*) O *Nacional* não publicou cousa alguma nesse sentido; naturalmente dissuadiram-na da ideia no receio de maiores agravos.

(**) Era o comendador que tinha a procuração de Pinheiro Alves.

Não lhe faltou este amparo nem tampouco um quarto numa agua furtada de onde podia ouvir resar a mãe do amigo, que o acolhera, do causidico, que ao vê-lo teimoso a entregar-se à cadeia lhe mostrara os perigos que corria. Antes ali ficasse junto da velhinha. Aceitara pois, ela adoptava «como filhos da sua paixão todos os infelizes.»

ANNO XII. 1860

SEXTA-FEIRA 5 DE OUTUBRO

NUMERO 866

O NACIONAL

Preços da assignatura

Revista politica

O Nacional onde foi publicado o primeiro escrito de Ana Placido (Do exemplar da Bibl. Nac.) 5 Out 1860.

VIII

DOIS AMORES DE PERDIÇÃO

OS PASSOS DA «VIA DOLOROSA» — DAS TORRENTES DO ERMO ÁS PEDRAS DA CITANIA — A TEMPESTADE NO MARÃO — O LAR DE VILA REAL E OS MUROS DA RELAÇÃO — ACORDOS INUTEIS — O PIANO DE ANA PLACIDO — FLORESCENCIAS DE CARCERE — O JOSÉ DO TELHADO — BASTIDORES DO PROCESSO DE ADULTERIO — SEMPRE OS ROMANTICOS E OS POSITIVOS

«Vê se ainda podes sustar a remessa dos bahus, procura uma carta do Azevedo (*) em que se falla dum vidraceiro da rua de Santo Antonio e guia-te por ella. Sei que o teu Nino está em risco de se perder por ti se não lhe acudires com o unico remedio aconselhando-lhe coragem para tentar o recurso», etc. (**)

Camilo não se detivera mais de dez dias, que lhe pareceram triplicados, no sotão de Custodio José Vieira. (***) A propria visinhança duma santa não o consolara. O cunhado, o medico Francisco José de Azevedo, fôra buscá-lo para o seu lar, onde encontrara a irmã, envelhecida mas resignada, a pretender aliciar-lhe a conformação, pois «era necessario ser desgraçado para não contradizer os fados da familia». (****)

Antigos fundibularios vilarrealenses, companheiros do escritor nas purrias da infancia, apareciam-lhe «graves e circunspectos, com oculos de prata e caixa de

(*) O cunhado de Camilo.

(**) Este telegrama tem, na *Via Dolorosa*, a data de 17 de Maio.

(***) Camilo entrou na casa de Vieira em 6. Esteve ali apenas 11 dias e não como ele diz nas *Memorias do Carcere*, pag. XX, do *Discurso Preliminar*, um mês.

(****) Camilo, *Memorias do Carcere*, pag. XXI. Id., id.

rapé»; talvez que as proprias casas surgissem decrepitas aos seus olhos perdidos de amores. Enviava aquele telegrama para quem guardava a luz de suas pupilas, e que, devendo encontrar-se com ele na residencia familiar, era assim avisada para se retardar diante dum escrupulo espinhado, a subitas, no espirito excitado do romancista.

No mesmo dia chegara a resposta. Alguem — «o Veiga — escreveu ela, referindo-se a pessoa amiga — *está seguro que te prendem*» e animava-o, alentava-o: «*não adoeças, coragem, salva a vida d'ambos*».

Suplicava-lhe, ardentemente que partisse e recebia a resposta de esperar só pelo seu signal.

Voltavam-lhe as indecisões e telegrafava-lhe:

«*Espero de ti a palavra que me ha-de salvar deste inferno. Prende-me o receio de agravar a tua situação.*»

Ana Placido, conturbada de saudades, mostrava-lhe a singularidade do seu receio, pois não compreendia em como estando ali se poderiam aumentar os males de suas posições.

Declaradamente lhe enviava cartas e despachos desanimados, que só lhe mereciam identicas respostas:

«*Assustas-me, filho. Escrevi ao Veiga mas ainda não tive resposta. Vem, Nino, vem.*»

Ela atraía-o; ele só se sentia bem nos seus braços e, na mesma infantil doçura, pedia lhe as licenças para se aproximar, como um amor travêsso querendo meter-se seguramente no caminho dum coração.

«*Da Regua te direi onde nos encontraremos. Advinhaste o meu estado.*» (*)

Telegrafou e partiu. Estivera apenas três dias incompletos no aconchego fraternal; (**) a sua alma enchia-se de outras anciedades, o seu cerebro precisava de comoções diferentes e só a amante poderia, com dois beijos ternos, aquietar os sobressaltos de seu espirito.

No dia seguinte aguardava-a em Baltar, como lhe participara da Regua e entravam no Porto. Iam amar-se loucamente, imprudentemente, sentindo em volta a cidade ululante.

Encostou-se-lhe ao peito e, quando poude raciocinar, novamente partiu, pôs-se a errar de terra em terra, assegurando-lhe que se internaria no Minho.

(*) «Estive dois dias com minha irmã, ao terceiro a inquietação insofrida, o espinho fatal que me rasga as cicatrizes apenas fecham, cerrou-me os ouvidos às razões amoraveis e judiciosas da minha familia e sinceros amigos. Quasi fugido, voltei para o Porto», etc. — Camilo. *Memorias do Carcere, Discurso Preliminar*, 4.ª edição, pag. XXII.

(**) Pela data dos telegramas vê-se que chegou a 17, partiu a 20 e em 21 saíu de Baltar para o Porto.

(***) «Refrigerados os ardores da quasi infantil saudade da terra em que entrevira o crepusculo, o crepusculo sómente do meu primeiro dia feliz, sahi do Porto e fui para Guimarães não sei para quê nem com que destino.» — Camilo, *Memorias do Carcere*. Id., id., pag. XXIII.

Tivera-a, de novo, numa sobressaltada e renovada lua de mel, e deixara-a atormentadissima.

Se actuava sempre nos seus movimentos o conselho dos amigos que receavam vê-lo no degredo, a saudade delia com as lagrimas os medonhos duendes dos pavores.

Dormira uma noite na pocilga da Joaninha, a que chamavam hospedaira, e era, como a albergueira, um monturo. A proprietaria apresentava-se «duma velhez repelente e curtida em camadas de lixo empedrado»; a propriedade conglobava-a n'«um pantano de miasmas». (*)

Logo uns braços carinhosos se lhe estenderam e, depois de o apertarem ao peito, o levaram para um belo palacete das Caldas das Taipas, de extensos salões, sonoros sob as passadas, e guardado, na sua conventual grandeza e severidade, por dois velhos servos do fidalgo que o acolhia.

Francisco Martins da Gouveia de Morais Sarmento, no qual achara «um amigo, como usam raramente ser os irmãos», andava, então, meditando na descoberta da Citania que entressonhava lá em cima defronte das janelas dessa quinta de Briteiros, onde conduzira o desditoso escritor foragido. Era arqueologo de visão larga, mas em seu rosto severo, como um pergaminho, apesar dos seus moços 28 anos, abriam-se claridades a deixarem penetrar a alma dêsse poeta das velhas pedras.

Deliberara largar arcaicos lagedos e divertir o forasteiro, barquejavam no Ave, passeavam na estrada de Braga, debruçavam-se no Campo do Tapadinho, contemplando lapides votivas, piscinas, colunatas e mosaicos romanos ressuscitados ao acaso dumas picaretas a revolverem os segredos das legiões de Trajano; chegavam a entrar na assembléa, onde o senhor Matos lhes «contava, com vehemencias de espirito civilisador, os seus projectos de dar um baile estrondoso (**) e acabavam no linho dos leitos, entristecidos, meditativos.

Um dia chegou um aviso, do qual se depreendia o perigo que o acolhido corria. Alguem matraqueava do Porto para um correspondente, ao qual se incumbia a sua prisão: «o criminoso é facil de conhecer porque tem buracos na cara». (***)

Ana Placido fôra conduzida dias antes à Relação. (****)

Os perseguidores tinham rastreado bem a sua passagem; os esbirros desalo-

---

(*) (**) (***) Camilo, *Memorias do Carcere, Discurso Preliminar*, pag. XXVI, 4.ª ed. pag. XXVII, pag. XXVIII,

(***) «Ante hontem de tarde foi presa e entrou na cadeia da Relação, a Ex.ma Sr.ª D. Ana Augusta Placido Pinheiro Alves, esposa do sr. Manuel Pinheiro Alves.» Do *Nacional* de sexta feira, 8 de Junho.

Nos registos da prisão lê-se nas paginas relativas a 6 do mesmo mês:

«D. Ana Placido, casada com Manuel Pinheiro Alves, de 28 anos de edade, filha de Antonio José Placido Braga e de D. Ana Augusta Vieira, falecidos, natural da freguesia de Santo Ildefonso, desta cidade, de estatura regular, rosto redondo, cabelos pretos, olhos castanhos, vestida com vestido de sêda preta e mantilete do mesmo. Declarou que nunca aqui estivera presa e agora vem arguida de adulterio.»

Chamavam-se Manuel Rodrigues Lopes e Manuel Ribeiro Fraga os oficiais de diligencias que a capturaram.

jaram-na, embora com mostras de respeitos, e daí a pouco, pelas ardencias de Junho, ela entrava no segundo andar da cadeia com a ama de seu filho e a creança que ali ía viver pois o pai deixava-lha nos braços, não como um consolo, porque só queria mal à fugitiva de seu lar, mas como a repelir de si o tardio fructo do ventre adultero. Acumulava as piedades dos moralistas, espicaçava ferozmente o seu procurador, e depois de saber a esposa encerrada no carcere, desprovida dos bens, que lhe negava e ao pequenito, açulara a matilha contra o rival capitulado de có-reu.

Julgava-a no abandono e a sua raiva devia satisfazer-se ao averiguar da simplicidade de seu trajo — o vestido de sêda preta, o mantilete egual — sem joias, modesta, vencida. Mas uma grande colera o fustigaria ao averiguar que, pela primeira vez, nos lobregos corredores da prisão se ouvira os sons dum piano e era a sua vítima quem passava os dedos sobre o mavioso teclado. Ela desprendera-se das falsas atitudes; não se ocultava no fundo dos quartos; mostrava-se atravez das grades ao Porto que a odiava, e, num escarneo, a irritá-lo, puxava fumaças dum charuto.

Gritava-se que ensandecera; o marido mandava aperrear mais os tramites do processo para a domar; ela encarava a cidade altivamente, patenteava-se num orgulho que aquele gentio não percebia. Havia quem a lamentasse, porêm, muito em segredo. Eram os romanticos e as donzelas à beira do sacrificio de algum casamento de conveniencia.

Conclamavam que ela descera muito. Para demais a cunhada da sua irmã, D. Maria da Assunção Ferreira, consorciara-se com o conde da Azambuja segundo genito do marquez de Loulé e da infanta D. Ana de Jesus Maria.

Havia à certa um mês e uma semana (*) que o neto de el-rei D. João VI se ligara à filha do opulentissimo proprietario do Douro, a entroncar, assim, a descendencia do cultivador de Além Minho na estirpe brigantina. Uma Ferreirinha nas orlas do trono e a parente do irmão da noiva na cadeia como adultera! D. Antonia Ferreira vingava-se; naturalmente alardeara a sua razão em ter querido desviar o consorcio do seu varão com a irmã da linda Ana Placido.

Nunca se vira tanto luxo no Porto. O vestido da nubente custara trinta contos No enxoval ostentavam-se rendas de Lyon de trinta mil reis o metro. A grinalda e a corôa eram obra do rei dos floristas, Constantino, o trasmontano que Paris adorava por suas mãos magicas roubadoras dos segredos divinos do desabrochar das flores a que seu artificio emprestava tons de realidade. (**)

Tão disputada fôra a abastada menina que se chegara a levantar uma campanha, na imprensa, na qual acusavam o marquez de Saldanha de ter engendrado varios estratagemas para a tornar sua nora.

(*) O consorcio realisou-se em 12 de Maio.

(**) Constantino José Marques de Sampaio e Melo foi fornecedor de flôres artificiais dos Orleans e do imperador Napoleão III. A rainha Amelia, esposa de Luís Filipe não distinguiu entre duas grinaldas, uma feita por ele e a outra natural, a não ser pelo perfume.

Era a herdeira do norte mais propria para um gentil-homem pobre, embora bisneto do marquez de Pombal, como o conde de Almoster. A maior altura se guindara. Ia aparentar-se com os reis. O escandalo que a gazeta quizera agitar chumbara-se sob a querela do arguido e agora só havia exclamações para a fortuna daquela familia e para a audacia da reclusa, sua aliada pelo casamento da irmã, que desafiava o Porto da sua cela de grade.

Camilo, ao sabê-la presa, quizera correr a entregar-se, abandonando a quinta do Ermo onde o seu proprietario, o dedicadissimo Vieira de Castro, o detinha.

Asilara-se ali, onde os aguasis não se atreveriam a ir buscá-lo.

A quinta e a velha casa apalaçada, mas derrotada pelo tempo, ficava à beira de Guimarães, porém tão abrupto logar que não gosava dum facil accesso. Velho solar de resguardo estava ainda cheio de legendas dos homens valentes e ilustres que o tinham habitado. Mas chovia sobre os leitos; nos jardins cresciam à vontade as japoneiras e roseirais, os troncos alongavam-se, escapos das podôas. No meio do luxo aristocratico do passado lavrava o abandono. Á porta da residencia acachapavam-se os pardieiros dos ganhões prontos a matar-se pelos amos. Um velho tio do confidente de Camilo assegurava-lhe a paz e a mesa; aquele incitava-o a escrever um livro, ele, porém, preferia vêr o cão *Neptuno*, com que presenteara o amigo, a nadar nas aguas claras dum ribeiro àquem da catarata revolta e refervente, que espumejava num lago como a espraiar coleras contra as suaves barreiras dos juncais.

Sentavam-se ambos no logar que se chamava a ponte do Barrôco, falazavam com a moleira do açude alimentado por aquelas ondas rugidoras e, sempre a lembrar-se da encarcerada, da amante já prêsa, havia nove dias, o escritor traçava duas quadras (*) que iam para ela como o simbolo da agitada existencia de ambos:

Ruge a tormenta espumosa
Mas no mar serena entrou:
Tal a vida tormentosa
Chega á campa e serenou.

Triste imagem desta vida
Que me Deus fadou a mim
Diz-me, ó onda enfurecida,
Qual teu principio, teu fim?

Não parava no mesmo sitio; continuava a sentir no Porto o seu destino. Por vezes encavalgava e entrava em Fafe, amesendava-se no botequim a jogar o dominó ou a sueca.

O administrador do concelho, José Maria Peixoto, deixava-o gosar da liberdade, talvez por pedido do deputado Joaquim Ferreira de Melo, tambem parceiro dos

(*) «Escritos em 15 de junho de 1860», no Ermo. — Camilo, *Memorias do Carcere, Discurso Preliminar*, pag. XXXVII.

dados como o abade «grande latinista e discreto em castissima linguagem portuguesa». (*)

Sentia-se bem guardado; serviam-lhe pratazes de caça, dessedentava-se com as cerejas rubras que sangravam sob a janela do seu quarto e ia entrelaçar a inicial do seu nome com a da amada nos troncos velhos dos castanheiros abcbadados de verdura, nos olmos e nas larangeiras de folhas luzidias mas cujo fructo — ali no pomar do Ermo — tinha travos de tanto amargor como a sua alma perturbada. Ao abrir de julho evocava a desdita e a mulher amada:

Tudo treme! e teu rosto
Me refulge luz maior
Tambem no mar proceloso
Quando o ceu é pavoroso
É que o fanal tem fulgor.

Viera-lhe o aborrecimento que não o deixava demorar-se no mesmo sitio e o levava a detestar a melhor moradia e o mais belo panorama; volvera-se às Taipas, e fôra a S. Torquato, a vêr o milagroso orago. Quando regressara à companhia de Vieira de Castro andava muito apregoada no *Nacional* (**) a questão levantada em tôrno da sua biografia que o amigo escrevera e Biester se recusara a inserir na sua Revista, depois de lha ter pedido, e andavam tambem os esbirros — em Fafe — à cata duma sortida para o capturarem. (***)

Endireitou a caminho de Vila Real a fim de vêr se ali o refugio era seguro como da ultima vez.

Atascara-se nas veredas empégadas pelo trasbordo das cachoeiras do Marão sob a cruenta tempestade desabada com o trovoar desse segundo dia de Julho em que a terra ha pouco sequiosa já tressuava os jorros do ceu. Empapavam-se os socalcos e pelas leivas desciam, vertiginosas e catadupantes, as torrentes como rios grossos; magicamente surgiam aguas, gorgolejantes e furiosas, sob os tardos passos da montada enviscados na greda dos campos. Os povoados afogavam-se nas cordas rijas das bategas, só iluminados pelos relampagos do coriscar intervalado; quasi pareciam fantasticas, naquela tormenta, a Torgueda, a Campean, Candemil e Anta com sua capelinha empoleirada num outeirosito. Fôra asilo dum quadrilheiro, do Tibur-

(*) Camilo, *Memorias do Carcere, Discurso Preliminar*, 4.ª ed., pag. XXXVIII.

(**) Em 12 de junho de 1860 o *Nacional* dizia constar-lhe: «já não sahe na *Revista Contemporanea* a biografia do sr. Camilo Castelo Branco pelo sr. José Cardoso Vieira de Castro». Fazia varias considerações e acentuava: «parece que a biografia tinha o grave defeito de não ser só o elogio do biografado mas de visar com azedume alguns empecilhos que aparecem no seu caminho e por isso foi rejeitada, não estando o sr. Vieira de Castro pelo pedido dele sofrer amputação nos sitios em que levava causticos».

(***) Camilo — *Memorias do Carcere, Discurso Preliminar*, pag. XLII.

cio, (*) o cardenho onde se pousavam os olhos do viandante, deslumbrados pelos lampejos, aterrados pelo zigzaguear das faiscas.

Ao estrondeante ribombo sucedeu o raio a lascar uma rocha, acendendo e requeimando a urze que o escritor guardou em memoria de ter escapado naquele ermo infernal, batido pela procela num ardente verão. Topara o cadaver duma pastorinha fulminada na sua estamenha; o mulherio chorava em volta e por todas aquelas chãs, logares, aldeolas, de Fornelos a Bilhó, de Sedielos a Ovelhã, se falava de terriveis devastações. Descançara em Vila Real, refeito do susto, guardando na retina a extranha grandesa do violento temporal serrenho. Acompanhado pelo sobrinho Antonio de Azevedo, que então se preparava para o estudo de leis, passara à Samardã como sitio de maior resguardo. Vira a Luiza, à qual chamara «flôr dentre as fragas» sentada num portal dum casinhoto, envelhecida e macilenta de doença, espectro da linda camponeza que ele amara na infancia, à qual dedicara bucolismos agora repetidos em ironias, pelo companheiro loução e moço, que tambem era poeta.

Largara logo do refugio que lhe oferecia, mal a lua, enchendo de claridades as montanhas, lhe anunciou a paz. Fugira; o filho da irmã seguira-o numa correria de duas leguas e não o convencera a ficar; a montada chapara-o num galão, contra um penedo na visinhança da Regua, e ele ao estender-se no leito da estalagem, deitava sangue pela boca. Desfizera-se do cavalo, ganhara Amarante na diligencia, comera pecegos do pomar do seu amigo Vasco Peixoto e fôra acolhido por admiradores um dos quais o presenteou com as obras de Byron que tinham vindo das tragicas mãos do ultra-romantico marido de Fanny Owen. Porem a sua paixão chamava-o para o Porto. Não se tranquilisava, andava a olhar os luares, a inclinar-se na ponte do Tamega, com a vontade louca de se lançar às aguas fundas, ora scintilantes, ora amortecidas, já em brilhos vivos de cristaes facetados em irisações, já duma tristura enevoada mal refletindo os salgueiros. Pensou em morrer; (**) a subitas ouviu tocar uma flauta cortando o silencio do logar nos seus trinados dolentes.

Naturalmente lembrou-se de quem era ao notar que ali, na provincia, o musico melodiava a chácara do seu drama *Agostinho de Ceuta*. (***) Correram-lhe duas lagrimas pela face crivada e elas refrigeraram o espirito turbado pela idea de findar no manto revolto e luzente que se estendia a seus pés como, naquela noite gelida de janeiro, o Douro côr de breu — havia onze anos — desafiara a penetrar nas suas sinistras prégas o desventurado Jorge Artur.

Conhecia-se a sua estada na vila; o proprio barbeiro lhe solicitara versos para as cavalhadas que se faziam quando da procissão. Desviara-se da sua dôr para gargalhar facecias e receoso de que a popularidade enganchasse para ali os oficiais de diligencias volvera-se às Taipas e de aí a pouco andava pescando bogas à linha nas doçuras do Ave, à sombra vasta dos arvoredos marginais.

(*) *Camilo — Doze Casamentos Felizes* — 3.ª ed. pag. 180.

(**) (***) *Camilo — Memorias do Carcere — Discurso Preliminar*, XCVII.

De quando em quando sentia-se atraído para o sacrificio, telegrafava á reclusa e ela recomendava-lhe, assustada: «não venhas, por piedade.» Contava-lhe, sucintamente, a doença que a acometera no carcere; o advogado que chamara, a ida do dr. Marcelino de Matos — o escolhido — à sua prisão. E ele declarara-lhe:

«Foi a salvação; amanhã verás o bem que me fizeste.» E enviava um demorado e enternecido beijo para o filhinho dela.

Implorativa e amante, volvia-lhe:

«Estou melhor, filho, e agora alegre. Vive para a tua esposa e o teu Manuel.»

Pela primeira vez metia assim entre ambos o nome daquele pequenito nascido quando já amava muito o homem por quem se perdera e ao cabo de infecunda união conjugal de mais de oito anos.

Exilara-se, vencido pelas rajadas de desesperança, voltara-lhe a ideia do suicidio que o acometera já pela terceira vez, desde o inicio da sua carreira e de seu sofrimento: no Porto, na sua hospedaria quando sentira a colera de Patricia Emilia, a resistencia da Browne, o consorcio de Ana Placido, mais tarde ao traçar as suas linhas desalentadas a interrogar o futuro, e agora sobre a ponte celebrada, nos rumores do enluarado Tamega.

Francisco Martins Sarmento não o convencera da antiguidade celtica da Citania. Filiara rudemente no começo da monarquia essas ruinas; capitulara-as de atalaias coevas de D. Henrique, vigias ou crastos de guerreiros luzitanos revestidos de ferro; galgara aos montes, atrevera-se a ir até à melancolica Braga, talvez até a deter-se sob as rexas do convento da Conceição e na entrada de agosto, dirigira-se mais uma vez para Vila Real de onde respondia às queixas da presa acerca da falta de suas noticias:

«Se não recebes as cartas é que são roubadas no correio por irem em teu nome.»

Acolheram-no festivos e em largas amisades os conhecidos, mas era tão cruciante a sua amargura que não os frequentava e quando os saraus tomaram incrementos de elegancias, com que o queriam animar e mostrar-lhe apreço, ele, num canto da casa familiar, quedava-se a escutar a tia, (*) a irmã do seu progenitor, casada com o miguelista ousado João Pinto da Cunha e que lhe contava a historia do «avô assassinado, do tio morto no degredo, do pae levado pela demencia a uma congestão cerebral.» (**)

A amante perguntava-lhe:

«Já me não ouves?»

Ele ouvia-a bem; o seu desejo mesmo era levá-la para ali, guardá-la no fundo da aldeola mas ante o seu sofrimento enorme, houvera na familia um despertar de

(*) D. Rita Emilia Castelo Branco.

Camilo — *Memorias do Carcere.* Discurso Preliminar, LX.

(**) O avô do romancista dr. Domingos Botelho Castelo Branco, o *dr. Brocas,* não morreu assassinado.

coleras contra a mulher que arrastara naquele caminho. As almas burguesas acordavam em revolta contra a senhora da sua classe que soltara o brado e fizera o gesto da renuncia. Não caberia no logar, onde eram mal vistas e escorraçadas as raparigas perdidas por amor. Deviam-no molestar com censuras ao passado e conselhos sobre o futuro, e, então queixava-se à presa e recolhia a resposta decerto saída, atravez do telegrafista, dos parentes que o asilavam e buscavam defendê-lo, repelindo a adultera.

«*Sofre os teus com resignação que eu perdôo-lhes o que me chega deles a mim. Estou aqui para amparar-te.*»

E num arranco, carecido de animo, enfermo do nervosismo, retorquia-lhe que «*em toda a parte o podia amparar melhor ali,*» e tratava logo de avisar — em 7 de Agosto — que partia, ia para a Regua, e desejava entregar-se à justiça. Deliberara juntar-se-lhe e, ela, já sem o poder conter, acedia:

«*Tens duas cartas em Penafiel. A tua resolução é inabalavel, então Deus nos ampare, filho.*»

Consentia, porem, em interpôr recurso à sua pronuncia, dizia ir requerê-lo para Lisboa esperando bom deferimento a fim, de livre desse pesadelo, poder trabalhar, sustentá-la, salvá-la dos ferros, o que se tornava impossivel desde que entrasse na cadeia.

Prometia-lhe, numa idea a obediencia, depois, voluvelmente, repelida:

«*Daqui em diante não quero ter acção que não seja a vontade da minha martir. Não sucumbas e cospe nas injurias da Antonia.*»

Assim como a familia dele a culpava, tambem dos labios da irmã dela, esposa do Ferreirinha — tornado um grande adversario — brotavam condenações. Vieira de Castro, na biografia de Camilo, chacoteava-o, punha-o de rastos, cobria-lhe de ridiculo os gestos e esgravatava-lhe nas origens. A condessa de Azambuja descendia de bem humildes e suadas gentes era o que mostrava ao revolvêr as nobresas do irmão, o amigo do romancista. Era implacavel, exaltado, impulsivo. Chamara-lhe: «*potencia dinheirosa com timbre de fidalguia espuria num dos bêcos da cidade do Porto.*» (*)

Em Lisboa o periodico *Politica Liberal,* claramente apontava o argentario como «inimigo» do escritor.

Os rumores feitos à volta dos inculpados eram prejudiciais; os advogados animavam Ana Placido aconselhando-lhe calma e deixavam-na confiante a participar ao foragido que: «*em cutubro estava nos seus braços.*» Recomendava-lhe o refugio no Ermo, e ordenava: «*Espera ali a felicidade que eu hei-de dar-te.*»

Mas a doença invadira-o. Em vez de se retirar para a quinta distante correra para Vila Real a amparar-se nos seus e um amigo, José Antonio da Silva Baptista, era quem informava a presa da enfermidade que o assaltara. «*Que tens tu, filho?*

(*) *Nacional,* de 12 de junho de 1860.

— interrogava desvairada — *Não me mates longe de ti. Reanima-te. O agravo saíu a meu favor. Procura carta da Regua e salva-me desta agonia.»*

Cimentava o seu desejo de venturas a uma trica do procurador do marido muito prejudicial para o seu caso embora parecesse excelente.

Camilo, numa maior crise de nervos, dizia-se *mal dos pulmões.* (*) *Não te aflijas, martir, a felicidade não vem assim.»*

Continuava, sempre, desencorajado, afligindo-a, maguando-a a ponto dela lhe rogar:

«Se caíres leva-me comtigo; será eterna a união de dois infelizes.»

Consolava-a num dia, perturbava-a noutro: *«Vou melhor. E Manuelsinho?»*

O seu carinho pela criança acentuava-se, — ele tão cioso dela — sentia zelos pelo homem que em seu nome baptisara o pequenino.

Depois tornara, romantico, ensaudado: *«E' o coração que te chora, filha.»*

No mesmo tom poetico, arrebatado, lhe respondia:

«Este grito pediu-to o coração. Salvaste-me, filho. Abençôo-te com o coração que é tão teu.» Acrescentava, a consola-lo: — *«Vivo de ti e para ti.»*

Numa larga deliberação, irrefletida mas irreprimivel, novamente deixou Vila Real, galgou distancias e a amante, ao receber a nova, sentiu-se feliz:

«O coração adivinha-te mais perto.»

Entrara setembro; voltara para Amarante e ia a Penafiel buscar as cartas. Uma vezes animava-a: *«vejo um raio de sol»*; outras excitava-lhe o sofrimento que não sabia ocultar na sua correspondencia. *«O teu desanimo é fatal; diz-me que foi uma sombra que passou. Estão proximos dias de vida.»* Sonhava assim a mulher; o homem só sabia amaldiçoar ou visionar loucuras.

Escrevia em nome de Rodrigo de Beça, apelido emprestado a um medico dedicado, ali residente (**) de ha muito seu amigo e admirador. Fôra colaborador de jornais, era amador dramatico e musico, no fundo um original muito inteligente, tomado de afecto e de respeito pelo talento desventurado.

Não podia estar mais tempo longe dela; decidiu-se a tudo e em 11 de setembro num telegrama expedido de Penafiel, às cinco horas e meia da tarde, dizia-lhe ir comparticipar da sua grande desdita. Estava farto de inclemencias, sobressaltos e até de passar necessidades materiais.

«Vou dar um passo de que depende tudo. Ámanhã o saberás. Se o reprovares, eu te convencerei. Não temas o que hoje leste. Não me respondas.» (***)

Penetrou na cidade. Acorreram os amigos a detê-lo. Custodio José Vieira e Marcelino de Matos elucidaram-no. A parte contrária propunha uma transacção, a que mais tarde voltaria a ser discutida: o seu exílio. Desistir-se-ia da queixa e mantinha-se a esperança do regresso de Ana Placido ao lar. Davam-lhe quinze dias para resolver

(*) Todos estes telegramas são estraídos da *Via Dolorosa* inedito pertencente ao Museu Camiliano,

(**) Dr. Rodrigo Xavier de Freitas Beça, antigo colaborador do *Porto e Caria.*

(***) Este telegrama tem errada a data do ano da sua expedição. O telegrafista enganou-se e escreveu

em liberdade; (*) sustinha-se a acção da lei. Ele acederia se a amante se convencesse á entrada de novo no convento. Esteve ainda à espera e, ao cabo de três dias alem do praso, como um louco dominado pela sua idéa fixa, apresentou-se no portão da cadeia, subiu as escadas infectas, pessou três grades e apertou nos braços, soluçando e gemendo, a querida mulher de sua alma. (**) Queriam roubar-lha; ligava-se-lhe de vez. Correriam a mesma sorte. Beijaram-se entre os ferros, sagravam mais o seu amor, e cá fóra, o Porto, ruidoso e trafego, mal acreditava na scena romanesca passada sobre as suas ruas, de dentro do segundo andar dum carcere. Prometeu à amada que voltaria e, ao som do berreiro da cidade, sabedora da ousadia, dos brados do carcereiro, acusado de cumplicidade, dos magistrados e do procurador regio aterrado, ele foi solicitar dos juizes a sua captura.

Na tarde de 1 de Outubro, saudoso do lindo ceu azul outonal, que toldava o burgo raivoso, saltou da sege, à porta da cadeia, e penetrou no cubiculo que lhe deram como carcere. (***)

O *Palheiro* rejubilou ao lêr no *Nacional*:

«Apresentou-se hoje no tribunal competente o sr. Camillo Castello Branco, requerendo mandado de prisão para recolher se à Relação a seguir os termos do livramento na querella dada contra elle pelo senhor Manuel Pinheiro Alves.»

Era numa segunda-feira; quasi estival corria o tempo, baforavam lufadas de bom ar e enclausurava-se ao som das risadas da Assembléa, do jubilo citadino, que festejava o esmagamento do romantico, enfim considerado um vencido.

Rangeu sobre ele uma porta chapeada, batucaram nos ferros das grades e o seu cão, que o acompanhara, ao sentir descer a treva, fugira, pelos degraus escorrega-

---

1863, Camilo, ao anotar a *Via Dolorosa*, aceitou isto como bom e, na sua costumada irreflexão dos numeros, traçou estas linhas:

«Seguiu-se a entrada na cadeia em 1 de Setembro de 1863 e absolvição passado anno e meio.»

O despacho telegrafico é o numero 10267.

Na realidade entrou na Relação em 1 de outubro de 1861 e saíu em 16 de outubro de 1862.

Ha ainda outra nota errada que diz: «Camillo Castello Branco entrou na cadeia, apresentando-se em 1 de Setembro seguinte e sahiu absolvido em 1865, depois de desoito meses e tantos dias de prisão.»

(*) Carta a Rodrigo Beça, 18 de Setembro de 1860.

(**) Id. a Vieira de Castro, 1 de Outubro de 1860.

(***) No livro de registo da Relação lê se o seguinte:

«— Outubro primeiro de mil oitocentos e sessenta. Camillo Castello Branco que assim disse chamar-se, solteiro, trinta e quatro anos de idade, escriptor publico e proprietario, filho de Manuel Joaquim Botelho Castello Branco e D. Jacintha Rosa Proença, já fallecidos, natural da cidade de Lisboa. De estatura regular, rosto comprido, trigueiro, bexigoso, cabelos pretos, olhos castanhos escuros, vestido com casaco e calça de panno preto. Declarou que já aqui estivera preso e agora pelo crime de adulterio de que lhe é parte Manuel Pinheiro Alves.»

É muito duvidosa a qualidade de proprietario que se deu e tambem o nome da mãe, no qual ha recordações do apelido dum cavalheiro, casado com uma irmã de seu pai, que era oficial de infantaria 16 e se chamava Joaquim José de Proença. — (N do A.)

dios e fôra atravessar-se na rua a respirar o ar da liberdade para voltar ao abrir do dia, mal se lhe dava passagem. Ele sentou-se; procurou no trabalho o esquecimento. Esse grande desgraçado molhou a pena no tinteiro e começou a traduzir a *Arte de ser feliz* de J. Droz. As sentinelas espaçavam os alertas na noite clara. De madrugada acordou sobressaltado ao som dos socos tropeando nos lagedos da cadeia. Os presos moviam-se, as familias e as suas visitas chegavam, depois, com os almoços e como matracas rijas os seus pés ecoavam sob as abobadas. Tocavam as sinetas e logo surgia um guarda a escancarar as taboas das portadas. Reclamou contra o tamanquear hórrido, o devassar forçoso do seu retiro aos olhares curiosos e o bater dos varões na sua janela. O carcereiro Alexandre do Nascimento, um veterano que vira o fogo de perto, concedeu-lhe todas as hómenagens, garantidas de seguida pelo procurador regio, dr. Camilo Aureliano que era autor dramatico, antigo jornalista, amigo de rebuscas em arquivos e apesar do seu ar severo um audacioso na politica e um facecioso na critica como o demonstrara no poema *Os Ratos de Alfandega* que saíra anonimo.

O romancista apelara para a Relação de Lisboa, contra a sua pronuncia e anunciara logo na *Revolução de Setembro* um volume de ataque, num ar patusco:

«*Aventuras sentimentais de Ambrosio Tanas, Obra postuma edificante e consultiva por Camilo Castelo Branco, herdeiro do defunto. Estilo picaresco acomodado a todas as capacidades em 400 paginas.*»

O destemido escritor reaparecia. Retomara o logar no seu palco de onde o Porto inteiro o via no meio de 294 presos, que tantos continha a cadeia, entre homens e mulheres, desde os quartos de malta ao salão do Carmo e da saleta dos reclusos às enxovias égidiadas por santas.

O presidente da Relação portuense acudira a visitar os detidos; reparou-se mais nas suas reclamações.

Baforava à sua volta esse halito môrno e fétido de enxovia, mescla de vaporações de alcool, enxudações de corpos, exalações de sentinas, fartuns de rebanho, infiltrações de toda uma secular miseria aglomerada na mesma nitreira cerrada onde os limos humanos iam fermentar em montões. Camilo entrara como rajada a querer melhorar a sorte dos encarcerados já que não era possivel perfumar o bafo pestilento que os pulmões do seu cão só de dia podiam recolher pois o animal preferia o frio do inverno a enroscar-se nalgum canto do novo aposento concedido ao seu dono. Da janela engradada via-se a egreja de Bomfim perto da qual tomara a diligencia para fugir aos inimigos, recortes branqueados de montes longinquos faziam sonhar com a liberdade. Eram os cumes da serra da Gralheira; em baixo, ao alcance dos ouvidos do preso rugia o Porto; olhos acessos em ira ou em bisbilhotices fixavam os varões do seu quarto celebrado porque, antes dele, ali habitara e saíra para a forca o desembargador Gravito da Veiga, um dos chefes da conspiração de 1828 contra a proclamação do governo absoluto; (*) transitaram pelo aposento menos tragicos e categorisados hospedes

(*) O desembargador foi executado em 7 de Maio de 1829 bem como os seus cumplices: Medeiros

até que coubera a vez ao duque da Terceira prisioneiro da Junta após a *Maria da Fonte*. Voltara a albergar anonimos, que incrustavam legendas nas paredes negras, agora meio cobertas pelas estantes de pinho onde o romancista dispusera uns trezentos volumes. A um canto ficava o leito; perto dele a mesa sobre a qual se amontoavam papeis, e era todo o seu ambiente alem dos conceitos que colara nos muros para sua resignação e guia.

Rebus in angustiis facil est contemnere vitam :
Fortiter ille facit, qui miser esse potest

O latim que o padre Azevedo — o doce sacerdote da sua meninice — lhe ensinara servia-lhe de consolo naquela maxima e no aviso do capitulo 2.º do *Eclesiastes*.

O penultimo habitante daquele logar fôra o senhor Marinho condenado por amar muito; sucedera-lhe Camilo por muito amar.

Olhar para aquelas frases era beber vigor; uma continha toda a ardencia: «é facil despresar na angustia a vida; coragem é viver forte na angustia», a outra, a do livro santo ressumava um altivo alerta: «ai daqueles que perderem a paciencia!»

No rebordo da janela, espreitando para as ruelas velhas, iam murchando as flores nos vasos. Matava-as o sopro envenenado do antro. O preso queria salvar, regando-a, uma japoneira que desfalecia, se finava como uma noiva enclausurada; numa gaiola soltava carpido cantico uma ave digna do logar: uma *viuva*, com suas denas negras e seu «encadeamento de notas gemebundas.» Camilo trabalhava à luz dum candieiro de azeite. Voltava-lhe a fraqueza da vista, mas sacrificava-se a traçar algumas doces historias que chamava *Casamentos Felizes*. Na cadeia engendrava diafaneidades de almas. (**)

Alem, no quarto das bandas da saleta estava Ana Placido, a sua alma, a sua vida; atravez daqueles corredores ela enviava-lhe as vozes maguadas do piano; correspondiam-se em prosa e em verso e o prisioneiro podia vê-la, com seus lindos cabelos soltos, acariciando o filho, sorrindo-lhe, palpitando num novo enleio namorado dentro das grades que os separavam.

A prisioneira escrevia:

Quiz esconder-te no seio
No sacrario da paixão

---

e Vasconcelos, tenente de milicias, Silverio de Carvalho, fiscal dos tabacos, Silva Barros, guarda livros dos tabacos, Manuel Nogueira advogado, Brito e Cunha, contador da real fazenda, Soares de Freitas, juiz. Bernardo Pinheiro, capitão de ordenanças, Ferreira Lobo, tenente-coronel e o bacharel Maximiano da Fonseca.

(*) Julio Cesar Machado — artigo da *Revolução de Setembro*.

(**) Foram *Doze* os contos, mas apenas sete ele escreveu no carcere.

Fechaste os olhos ao mundo
Postos no meu coração
. . . . . .

Foste tu o fraco e o forte
Vi-te sorrir e chorar
Mataste me e eu já fria
Ponho as mãos para te adorar (*)
. . . . . .

Respondiam ao Porto com literatura. Aparecera no *Nacional* (**) assinado por *A. A.* e apresentado por Gonçalves Basto, um folhetim intitulado: — *Horas de luz nas trevas dum carcere.*

Era trabalho da encarcerada. Pranteava-se, defrontando os outros, mas altiva por seu sofrimento. Confessava as suas aspirações; a missão femenil como o entendia a sua epoca repugnava lhe e evocava as grandes mulheres de letras: Staël e Sand, a marquesa de Alorna e D. Catarina Balsemão. Depois vinham as queixas amargas; a lembrança, do peso do seu vestido de noivado, sentindo-se como «Ifigenia conduzida pelo pai ao sacrificio» e acabava dizendo aos perseguidores que lhes «despresava o ladrido» preferindo a vê-los «as plagas remotas da soledade, as areias queimadas do exilio.» Desafiava; e o jornal exgotava-se. Os romanticos batiam palmas; choravam por sua conta as meninas que entreviam lobregos futuros e o *Palheiro* barafustava contra o periodico onde Camilo acudia em gritos de amor. Devoravam-se as linhas ensaudadas do baile em que a vira pela primeira vez e a narrativa de quando ela lhe dissera: «sou a tua mulher fatal».

«Eras, eras senhora da minha alma, mão divina que sopesaste as paixões que me gladiavam o espirito, redentora de instintos bons que a ignominia convertera em consciencia de desonra.»

Concluia: «Bemdita sejas tu, mulher, destino, fatalidade.» Acudia gente a seu favor, mas era mais forte o vozear dos adversarios.

Ele, à noite naquele começo da invernia, encostava-se ao gradão e via os candieiros do gaz (***) a afogarem-se na neblina; cuvia rugidos do Douro e deviam parecer-lhe, os prenuncios do grande temporal, desse ano, as coleras referventes da cidade.

Dum quarto do hotel *Lusitania*, Vieira de Castro provocara, rude e furiosamente, um articulista do *Jornal do Porto*, João Lucio, em sacões de verdugo no pescoço do condenado porque ele se manifestara contrario ao escritor preso. Era aquele o pseudonimo com que o *Novais dos Oculos* voltava a esvurmar a sua peçonha, sabendo-se a distancia do cacete pontudo do romancista. Fôra tambem des-

(*) *Nacional* — 8 de Outubro de 1860.
(**) 5 de Outubro de 1860
(***) Foi em 1855 que principiou no Porto este genero de iluminação.

cadeirado pelo dr. Jeronimo Ferreira Pinto Basto, que, apesar de juiz, descera à praça a vingar afrontas do folicularío, e tudo isto lhe lembrava o ardido polemista que até increpava Julio Cesar Machado pelo seu silencio ante a publicação do folhetim de Ana Placido. Enaltecia o adulterio porque os condenavam, atirava a sua exortação ao mundo, orgulhosa e audaciosamente.

A reclusa voltara a publicar um folhetim: *O Mundo do doutor Pangloss*, como a lançar-se num sarcasmo de optimismo no meio dos seus infortunios, achando como a personagem de Voltaire que «tudo ia pelo melhor, no melhor dos mundos possiveis.»

Alfinetava o Porto à conta da heroina do romancinho, a Adelina, nome que continha a primeira e a ultima silabas de Ana; troçava dos maridos velhos que se arrapazavam, descrevia as dôres duma sentimental e ao desenhar um amante a que chamava Henrique titulava-o de «grande desgraçado» porque «o que hoje lhe dava enorme contentamento lhe aborrecia amanhã. A mulher que à primeira vista o tomava pelo anjo anunciado na sua fantasia tornava-se dentro em pouco uma vulgaridade custosa de suportar. (*) Dos delirios da paixão caía nos marasmos do desalento e na descrença do tedio.»

Ninguem sentira neste escorço o homem por quem se perdera e que enternecidamente amava ainda, ao exclamar:

«— Ó Henrique! Henrique! — escrevia ela — amaldiçoar-te, nunca! Mas para que me apareceste? Porque me queixava eu quando a vida me corria monotona, mas livre das angustias que me assombraram a face e me envelheceram num dia?»

A sacrificada mandava-o fugir-lhe, adorando-o: «É tremenda a expiação do crime. Parte; eu não te verei mais. A paz do Senhor vá contigo e nunca te sejam tomadas no trono do Altissimo, as contas da minha desgraça.» Não lhe fugiria mais; estava ali, a dois passos, atraz doutras grades, labutando para grangear o seu pão; e era bem possivel que não soubesse sempre sorrir-lhe de egual modo, que mesmo, após a posse, começasse a idealisar novas heroinas para os romances que gostava de viver mas apesar de voluvel como raros, queria-lhe muito e tinha orgulho dela, da sua belesa, da sua inteligencia, da sua coragem.

Mas a amante acordara do seu sonho. Sentia àspera e dura a vida da cadeia e menos carinhosas as palavras do amado. Dir-se-hia que lamentavam aquele final do seu romance. Faltavam-lhes as comoções, entreviam o degredo, viam-se amarrados no seu delicto numa possessão longinqua. E ele, tomado pela visão mais tragica, recordou-se do tio Simão, do irmão de seu pai, condenado tambem ao degredo porque assassinara, na exaltação de um amor delirante. Estivera ali naquela cadeia, talvez que num quarto bem proximo do seu, enquanto contra ele rugiam os odios dos parentes da mulher estremecida. Sentia-se numa situação identica; já vislumbrava os areais incandescidos, os porões infectos dos veleiros, exhalando ranços de gado humano acorrentado para o degredo. Pedia, num desejo forte de romantisar a sua vida, atravez dos

(*) Começou-se a publicar no *Nacional* em 7 de Novembro de 1860, 6.ª feira.

sofrimentos do parente condenado, os apontamentos para a urdidura da obra. O senhor Dias — o preso que acumulava funções de mestre escola e escrevente (*) — trouxera-lhe meia duzia de linhas forrageadas nos livros da Relação, relativas ao antepassado, cuja historia o escriptor ouvira dos labios duma irmã, que bem lhe quisera e lhe entregara a certidão de nascimento do desditoso, gerado numa moradia visinhante dos paços reais. (**) Com estes parcos elementos engendrara a estranha e comovente historia de delirante paixão, de dôres, de amarguras, que arrancaria lagrimas em caudaes. É que o autor, num febril anseio, tecera, com a sua infelicidade, o drama torturante, evocador dos tormentos dum outro, dum homem da sua familia que ali muito sofrera por muito entranhadamente amar.

A Teresinha, em que talvez ouvisse falar, estava ali, ao fim de um corredor, atraz duma porta, onde fôra bater uma vez como alucinado; era Ana Placido. A Mariana, a plebeia, porventura a copiaria dessa Eufrasia, que tudo praticava para seu prazer, e que ele alindara, deixando-lhe só a alma de sacrificio.

Como no tempo de Simão Botelho, a cadeia, baforante de nojencias, lá estava com a sua fachada severa, voltada para a rua de S. Bento, rodeada de sentinelas de passos pesados, com as entradas dos carceres por banda da Cordoaria e angulando a Ferraria de Cima. Aquela cantaria pesada conservava todas as pestilencias, apesar de cento e trez janelas que a rasgavam. Em baixo, um bêco fedorento exhalava podridões pelos telhados das casas de taipas partidos e pelas cancelas, onde se empoleiravam galinhas promiscuas com os habitantes nessas moradias. Ha trez quartos de seculo que o espectaculo era o mesmo e que as lagrimas, os gritos, os fartuns de muitos milhares de desgraçados tinham penetrado nessas pedras formando-lhes uma argamassa tragica e viscosa.

Com aquela vertigem de enlouquecedora novela de amor, escutava dum moedeiro falso (***) as dolorosas scenas aproveitadas para outra novela (****) e à sua beira, como florescencias estranhas daquele rincão, alfobravam-se criminosos de todas as castas, parricidas, envenenadores, quadrilheiros, contrabandistas, assassinos por amor, por cupidez, por colera, infanticidas, uxoricidas, hipocritas, leais, vasa, lama, lixo da humanidade com seus brilhantes seixos à mistura. Miserias de toda a casta se expunham nessa feira dos corredores lamacentos, onde gente marcada de estigmas fatais procurava distanciar-se uma da outra. Havia ali culpados vindos de todas as camadas: camponios, artifices, lavradores abastados, morgados e até padres. Do lado de alem estava o mulherio: as tontas, as loucas, as ignorantes, as que tinham morto, roubado, as perdidas e quasi todas por amor.

(*) «Devo-lhe a fineza de ter rebuscado nos velhos livros e encontrado a noticia do encarceramento de meu tio Simão Antonio Botelho, etc.» — Camilo, *Memorias do Carcere*, 4.ª ed., pag. 70.

O preso fôra acusado de passador de moeda falsa.

(**) Documento H.

(***) Antonio José Coutinho.

(****) *Romance d'um Homem Rico.*

A seara do vicio e do horror oferecia ao romancista os seus melhores fructos, e ele colhia-os, moldava-os, juntava-os no bálsamo do seu talento numa infusão de terror e de piedade; amassava-os num livro (*) em que tanto falava deles como de si, sentindo-se perdido no matagal onde rugiam, peroravam, choravam e riam os seus companheiros em furias de saudades, de despeitos, de revoltas, de amarguras e de alcool que baforava de quasi todas as gargantas ululantes.

E no meio desta fauna do crime havia quasi santos: um condenado fabricando caixinhas para pomada e privando-se do producto a fim de sustentar seu filho nos estudos de medicina; um salteador desprovendo-se para alimentar os pobres das enxovias e muitos olhos chorando arrependimentos.

Surgiam os disfarçados, os tredos, os mais nojentos como um que se aproximara de Camilo e do qual desconfiara. Correra nos jornais de Lisboa a nova de que o queriam matar no proprio carcere; o preso, que o assediava com pedidos e prantos, fôra sentenciado à pena capital por assassinios, à conta dum mandante que o sustentava na prisão. Protegia o condenado Cruz, o senhor Miranda de Lemos, procurador de Pinheiro Alves.

O criminoso aparecia de maneiras mansas a solicitar obsequios, mas seguia-o de pés nús nos corredores escuros; outros passos, porém, soavam; uma estatura alta, desempenada saía da sombra, um rosto energico e barbaçudo se encarrancava na frente do homicida.

Era o célebre José do Telhado, que, depois de ter salvo a vida a Sá da Bandeira, capitaneara quadrilhas, com a Torre e Espada ao peito, roubara aos ricos e dera aos pobres; e, desvalido, prêso, amarrado, sem recursos, chorava entre as pedras do carcere. Mas, de quando em quando, assomava-se; voltavam-lhe os impetos e a fera enjaulada rugia como nas selvas, e, num dêsses bramidos, dissera a Camilo, ao entrevêr que o espreitava, andava em sua volta o assassino por dinheiro:

— «Esteja descançado. Se aqui alguem tentasse contra a sua vida, trez dias e trez noites não chegavam para enterrar os mortos!» (**)

Lá fóra a cidade tambem urrava; os amigos de Pinheiro Alves auxiliavam-no e ele gastava, entregava-se nas mãos largas do procurador. Em novembro, sob o fragor dos ataques e na furia das intrigas, sentira-se ser necessario reagir em publico e, ousadamente, se atirara ao Porto um brado energico (***) nas primeiras paginas do *Nacional*:

«Ha perto de seis meses que a ex.ma senhora D. Ana Placido Pinheiro Alves está presa, solicitando ser julgada. Quantos embaraços a trapaça podia sugerir ao sr. Manuel Pinheiro Alves estavam esgotados. Pediu que não fosse ela julgada sem o suposto co-reu ser preso. O juiz indeferiu, a Relação confirmou o despacho na primeira instancia, tão repugnante seria uma deliberação contraria. Pediu mais que não

(*) *Memorias do Carcere.*

(**) Camilo — *Memorias do Carcere*, 4.ª edição, 2.º vol., pag. 25.

(***) 13 de novembro de 1860.

fosse julgada a sua esposa sem que informassem testemunhas no Brasil. Indeferiu o juiz e a Relação tambem. Como o fim do auctor é prolongar a captura da senhora, a decisão da Relação foi-lhe favoravel porque dêste modo vinham as dilacções e recurso para o Supremo Tribunal e ameaça de as fazer demorar um ano entre recursos entulhados no escriptorio do procurador geral da Corôa. Apresenta-se em juizo o senhor Camilo Castello Branco. Requere de novo o senhor Manuel Pinheiro Alves, para que sua mulher não seja julgada sem o suposto co-reu. O juiz indeferiu. O auctor agravou para a Relação. Esta ou confirma o despacho ou dá provimento ao agravo. Se o confirma, o auctor recorre, se dá provimento, a infeliz senhora tem de esperar que o recurso do co-reu seja decidido no Supremo Tribunal. Custa a crêr tanta crueza de parte d'um homem que expulsou sua mulher, que a espoliou do seu dote e até das roupas de seu uso ordinario, que a deixou viver livre mais d'um anno sem que a sua dignidade se ofendesse e que depois de tudo a fez entrar na cadeia sem comodidades, sem os recursos necessarios para tel-as e não contente ainda com 6 meses de prisão lhe tolhe o poder ser julgada! Aqui é tambem o logar proprio para registarmos um outro facto para demonstrar como a dignidade de alguns advogados se envilece e deshonra. Alguem pedira no tribunal da Picaria ao sr. Alexandre da Costa Pinto que não demorasse o processo contra o sr. Camillo Castello Branco alem do praso marcado pela lei. O sr. Alexandre (que ainda ha pouco exercia as funções de juiz) respondeu que pedissem ao procurador sr. A. Miranda Lemos. Casualmente estava o procurador presente. Foi este rogado para que concedesse a entrega dos autos, respondeu que não seriam entregues sem mandados de cobrança. O advogado encolheu os hombros como quem diz: Eu sou um pobre diabo que não tenho vontade minha. Se me não prestar a estas humilhações não terei procuração d'um constituinte. O sr. Alexandre podia servir o seu constituinte mas pretextando e colorindo a baixeza de qualquer maneira.

O caso é que foi necessario arrancar os autos da mão do advogado com a pena da multa. O que pode o dinheiro! Como tudo se deshonra e se degrada!

Pobre senhora que até tem contra si o dote que seus paes laboriosos lhe deixaram.

São estes os escandalos que a imprensa pudibunda cala.

Cáfila de miseraveis que deixam o pudor na gaveta da escrivaninha e vão bajular a devassidão que deslumbra com oiro!»

Isto devia ter saído da pena de Custodio José Vieira ao ouvir o seu colega Marcelino de Matos encarregado da defesa dos inculpados.

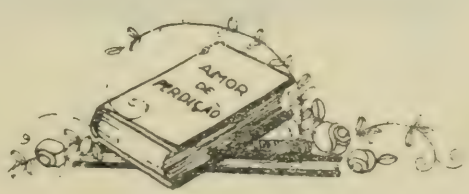
Era um beirão eloquente (*) que servira com a Junta do Porto. Patuléa exaltado, fôra um dos verrinosos panfletarios contra o cabralismo, em que Camilo o excedera; penetrara-se de idéas socialistas, poetara no *Crepusculo*, no *Trovador*, na *Lyra da Mocidade*, no *Bardo;* periodicara no *Ecco Popular*, fundara a *Esmeralda*, improvisara, do palco de S. João, um ditirambo a Saldanha vencedor; dedicara-se a largos estudos de jurisprudencia no seu jornal O *Direito* e, pertencendo à barcaça florida dos romanticos,

(*) Pai do celebre alienista dr. Julio de Matos.

defendia Camilo, de graça, em arroubos quasi liricos, mas juridicamente recheados, erguia o seu nome como uma bandeira e, sem se importar com o lucro de clientela opulenta, agarrava-se ao amigo numa ardorosa campanha. Ao vêr José do Telhado quasi a mendigar, depois de ter distribuido o seu dinheiro na cadeia, (*) escutara-lhe as suplicas e decidira-se a ir á barra em seu auxilio, tambem gratuitamente.

Os ecos da cadeia continuavam a reproduzir as vozes acusadoras de tentativas contra o romancista; o chefe das quadrilhas temidas, ultimo rebento duma dinastia de salteadores, vigiava na sombra. Ana Placido entristecia mais com as notas plangentes do seu piano naquele cavernoso antro, no qual o crime refloria em cardos diariamente pois jàmais se esvasiavam as enxovias, salas e quartos; e, lá fóra, a neblina acinzentava a atmosfera, enegrecia o aposento onde o trabalhador das letras ia cegando aos poucos, para «ganhar o pão duma familia.»

Do carcere desentranhava-se a vasa que era como perfume do crime e era entre ela que o ilustre preso debuxava na fantasia e vivia na realidade o seu *Amor de Perdição*, o que faria chorar o publico e o outro, o que estrangularia de soluços pela vida fóra a mulher que, ali perto, já bastas lagrimas derramara.



(*) Entrara na cadeia com 600$000 réis e dera-os aos necessitados. Ficara à míngua.

CAMILLO

Retrato de Camilo com dedicatória a Ana Placido. (Reprodução do exemplar existente em poder da família do romancista)

IX

MEMORIAS DOS CARCERES

OS ANTROS DA RELAÇÃO—UMA VISITA DE D. PEDRO V—CAMILO E O REI —O BAILE REAL NA ASSEMBLÉA PORTUENSE—PALAVRAS CERTAS SOBRE UMA ESMOLA FALSA—POESIA ENTRE GRADES—NO JULGAMENTO DE DOIS AMANTES—UMA CRÓNICA DE HA DOZE ANOS—O JUIZ E OS JURADOS—A SENTENÇA ANTE A OPINIÃO

A lucta travava-se entre o preso da Relação com o bando romantico de artistas e patuléas, e os acaudilhadores de Pinheiro Alves, à frente dos quais se mostrava o Ferreirinha da Regoa. Vieira de Castro imputava-lhe todos os males sofridos pelo recluso.

Era possivel que a influencia do capitalista esbarrasse contra os poderosos partidarios do escritor; é mesmo natural que ele apenas protestasse em voz mais alta, dando-se ares, marcando atitudes, muito de seu feitio, e que cousa alguma movesse. Porém o seu cunhado era conde de Azambuja e filho do marquês de Loulé. Este subira ao poder em Julho de 1860, após a queda do ministerio de Joaquim Antonio de Aguiar, do qual fazia parte Fontes Pereira de Melo (*) simpatico aos apaniguados de Camilo. Reinava desavença da gente da *Revolução de Setembro*, com Rodrigues Sampaio (**) desconfiado e José Estevão de atalaia e a do presidente do conselho, seu antigo correligionario; todavia, por parte do gabinete, havia tanto respeito pelos adversarios que o seu chefe declarara, no Parlamento, seguir a politica de reformas dos predecessores.

Tais eram os defensores do homem de letras. Havia ainda outro auxiliar de consideravel tomo por sua energia, audacia e irritada forma de agir. Chamava-se José Julio de Oliveira Pinto. (***) Transmontano, pronto a encarar os inimigos, mais ainda

(*) Camilo dedicou-lhe o *Amor de Perdição*.

(**) O escritor ofereceu-lhe em dedicatoria grata os *Doze Casamentos Felizes*.

(***) Foi-lhe dedicado o *Romance d'um Homem Rico*.

afeito a desafiá-los, andava na politica muito temido e, como funcionario superior do ministerio da justiça, onde seria oficial maior, gosava de verdadeira influencia junto do ministro, o conselheiro Alberto Antonio de Morais Carvalho, antigo emigrado liberal extreme, homem que vira o mundo com os olhos da miseria e soubera grangear a justa fama de grande jurisconsulto, devoto do progresso, experiente e ponderado.

Os que pleiteavam pelo marido de Ana Placido, nos conubios do *Palheiro* esperançavam-se no êxito favoravel, desconhecedores dos meandros da politica, acreditando facilmente no desejo do marquês de Loulé em se tornar o vingador da moral.

Depois, o escriptor, tomando a si as secções audaciosas do *Nacional*, esgrimia nelas e no artigo de fundo contra o primeiro ministro, considerando-o seu perseguidor. Isto ainda mais alegrava os outros arrimados á represalia. Esta idéa, alimentada, por muita gente, conturbava o articulista que tinha necessidade de um desabafo; decerto acreditava que o casamento do filho de Loulé com a irmã do cunhado de Ana Placido influiria no destino de ambos e vergastava, sempre que podia, o tio-avô do rei, naquela profunda colera que o dominava.

Da saleta humida e negra onde vivia a amada, vinham-lhe brados doloridos. Queixava-se, nas suas canções tristes, acompanhando as notas do piano, ia para entre as grades fumar, e recebia no carcere os amigos e colegas do romancista, afeiçoava-se-lhes, falava-lhes em camaradagem numa imitação de George Sand, que muito admirava. Apareciam com os advogados, poetas e literatos, Marcelino de Matos, que ía por sua obrigação, e Custodio José Vieira, por sua ansia de pleitear, o excitado Vieira de Castro, com os redactores do periodico de Gonçalves Basto, onde Julio Cesar Machado escrevia os chistosos folhetins. Tambem este fôra ao Porto. Metia-se longas horas na cadeia, ora num carcere, ora noutro, visitando tanto o romancista como a bela prisioneira. Camilo enciumava-se a cada elogio que ouvia à belesa e ao talento da amante; por vezes pretendia, infantilmente, desmentir aquelas frases, ferindo com fulminante e espinhento espirito, as qualidades enaltecidas. Ela mandava para o jornal as suas producções; habituava-se a encher os quartos de papel rapidamente, como numa tarefa; possuia um estilo proprio onde, por vezes, instinctivamente, embrechava as locuções queridas do escriptor dilecto do seu coração e da sua inteligencia e abordava com facilidade os assuntos. No aniversario da morte de D. Maria II, produzira um artigo, no qual passava, com a ternura da mulher, o senso de um politico e que concluia assim: «Saudemos o senhor D. Pedro V, o senhor santo que nos ficou da santa e saudosa rainha.»

Uma semana depois chegava á capital do norte o soberano. Ia inaugurar a Exposição Agricola, construida, num poderoso esforço dos portuenses, na Torre da Marca.

Ventava e chovia nessa manhã de Novembro quando, após o almoço em Gaia, na casa de Diogo de Macedo, a comitiva atravessou a ponte persil. A cidade aparecia na sua luz mais triste, pardejante, que afogava as suas belezas, ensacando os edificios no cortinado espesso de nevoeiro e cordas de agua. No alto do Bandeira a

artilharia anunciou a partida do rei; respondeu-lhe num eco, a bateria das Fontainhas; estralejaram foguetes e o monarca, com o seu rosto palido e o seu doce sorriso de principe moço, que parecia guardar a experiencia de toda uma dinastia, olhava a cidade do trabalho no seu recolhimento pardacento e cujos habitantes o aclamavam por detraz das fileiras da tropa na rua de S. João. Alvejavam os aventais dos porta machados, em cujos decotes assomavam fios das barbaças negras; os cordões e o oiro das fardas enfoscava-se, e, sua majestade, descendo da carruagem, magnificamente ajaezada, que o Ferreirinha oferecera para o real transporte, escutava o conde de Lagoaça, presidente da Camara, a sauda-lo. Sobria e claramente lhe respondeu; recebeu as petalas outonais que as senhoras lhe lançavam pela rua das Flôres, praça de D. Pedro, Almada, até à Lapa, onde ouviu o *Te Deum* e depois, seguiu por Carlos Alberto, Cedofeita, Breyner, até ao paço das Carrancas diante do qual desfilaram as tropas. Vivia-se numa adoração à sua volta; tinham-no aclamado no teatro S. João no intervalo do *Poluito*. Como se confiassem pouco no gaz das suas ruas os portuenses acenderam velas e foram iluminando a passagem do rei, que os via enternecidamente. Era uma longa procissão de brandões como num funeral apoteotico, aquela marcha dos homens de casaca, misturados com o povo, em torno do trem magnificente do capitalista do qual D. Pedro V descia com os irmãos, D. Luiz e D. João, correspondendo às gentilezas. Na noite sem estrelas estrondearam os vivas, e à cadeia devia chegar, com o clarão alto das tochas, aquele rumor feliz, ardente, espontaneo.

Na noite seguinte era o baile na Assembléa Portuense onde se aglomeravam os nimigos de Camilo; de dia convidara-se o real hospede para visitar a Escola Medica, a Academia Politecnica, a Fundição da firma Guimarães. De subito como tomado por um sobresaltado pensamento, mandou avançar o carro para a Relação. Galgou apressadamente as escadas limosas, entrou na secretaria mal acompanhado em sua pressa, pelo séquito e ante o carcereiro-chefe Alexandre do Nascimento um alferes de veteranos, encanecido e tremulo, ordenou-lhe que o conduzisse às enxovias.

Esgarçaram-se as passagens dos sobrados, especie de escotilhas, no fundo dos quais mal se viam os presos atormentados e os bailiques rentes dos muros viscosos. Subia a baforada nauseante na meia treva, a fumaceira acre dos fogareus das refeições e do tabaco de picar. O soberano não parou nas escadinhas estreitas e escorregadias; só se deteve no meio dessa gente que ajoelhava e levantava as vozes pedindo piedade. O cheiro dos detrictos vinha como esguicho fedorento de sargenta misturar-se com as exalações dos corpos dos duzentos detidos nas diversas divisões e ele, com a sua mocidade e a sua firmesa, passou vendo tudo, guardando na retina os horrores daquele inferno alumiado a purgueira que envenenava mais a atmosfera. Nos compartimentos das mulheres barafustava-se; uma doida fôra amarrada para que os seus gritos não chegassem aos reais ouvidos; novas e velhas rojavam-se no chão sujo e pediam misericordia, suplicavam, choravam. O rei recebia a pestilencia do ar e das almas, mas uma grande caridade avolumava, tambem, no seu coração e ao vêr

que os presos, entre os quais um parricida, iam prostrar-se, ordenou a um dos guardas:

— Diga a esses homens que me recebam de pé!

Assim se vingava da sua impotencia para perdoar a alguns criminosos, o rei constitucional.

Que mais podia ele fazer?!

Interrogava-os, sorria com um nadinha de ironia ao saber da grande quantidade de moedeiros falsos ali existentes e detinha-se diante de um homem que curvava a cabeça á entrada de um quarto.

O ministro das obras publicas, Tiago Horta, pronunciou um nome: Camilo Castelo Branco.

D. Pedro V entrou no aposento como num refugio ao cabo daquela tormentosa travessia. O presidente do conselho acompanhara-o, os ajudantes ficaram no corredor e o escritor, cujos olhos iam enfraquecendo de tanto trabalhar naquela luz triste, ouvia-lhe a voz envergada de pasmo:

— «Não esperava encontrá-lo aqui! (*)

Mas, de repente, pareceu recordar-se; encarou-o, achegou-se mais e perguntou-lhe com bondade:

— «Ha quanto tempo aqui está?

— «Ha dois meses e meio...

— «Entretem-se a escrever?

— «Apenas tento entreter-me...

— «Diz bem: o local é improprio para trabalhos de espirito. Deve haver aqui muita bulha.

— «Creio que os primeiros quinze minutos de silencio nesta casa são os que Vossa Magestade aqui trouxe...

Avançou mais na prisão; pôs-se a olhar a secretaria; reparou no Plutarco aberto e fixou o romancista, como a mostrar-lhe a sua simpatia:

— «Estimarei que se livre cedo...

O solicito Thiago Horta, que era um grande amigo do soberano, acudiu:

— «Isto deve estar a terminar...

— «Começa agora... — volveu Camilo.

O visitante fitou-o de novo, mirou as enegrecidas abobadas e repetiu, como a assegurar-lhe a sua vontade de o vêr solto:

— «Estimarei que se livre cedo...»

Disse, estendeu-lhe a mão e saíu. Os seus passos perderam-se nos lagedos; atravessaram as enfermarias e, como se levasse um fim preconcebido, perguntou ao velho Alexandre do Nascimento, o acanhado e comprometido carcereiro, que o acompanhava:

— «Que é ali dentro?

(*) Camilo — *Memorias do Carcere*, 4.ª ed., pag. 223 e seguintes.

—«Saberá Vossa Magestade que é o quarto da senhora D. Ana Placido...

Ela estava trabalhando noutro logar; chamaram-na, acorreu. Era mais formosa no desatavio caseiro e na legenda da desventura. Ainda uma vez se tocou de piedade a voz do rei ao interroga-la acerca da sua estada ali. Ouvio-a comiserado e quiz saber se o filhinho a acompanhava. O inocente de quinze mezes entrou ao colo de Jacinta Candida de Jesus, a sua ama; a mão real desceu para a facesita de Manuel e acariciou-a; perguntou o nome à criancinha que sorria à sua espada e aos seus galões mas não o percebia.

O rei deliciava-se com o entreabrir dos labios desse anjo internado no carcere materno.

Saíu, depois de saudar com respeito a mulher condenada pela cidade; e dai a pouco, na treva da larga passagem, sentia o José do Telhado de rastos a requerer basta escolta, no dia do julgamento, a fim de escapar à furia dos inimigos. A fermentação das cavernas envolvia-o e à comitiva; parecia que se estrangulavam atraz das portas chapeadas as presas implorativas, abafavam-se desatinos de doidas e o soberano, exclamou ao chegar à rua, diante do edificio que lembrava um tumulo onde turbilhonassem podridões:

«*Isto precisa ser completamente arrazado!*»

A seu lado o presidente do conselho devia meditar nas singularidades do destino que lançava num quarto lobrego da Relação a cunhada do homem de egual parentesco com seu filho, do ofertante da carruagem de gala para as pessoas reaes, do comensal do paço das Carrancas, (*) o seu anfitrião, nessa mesma noite antes do baile onde assistiria com a côrte, junto de seu amo tão amigo dos desvalidos e que tão comovidamente ouvira aquela mulher escarmentada.

E foi, na realidade, pomposa a festa da Assembléa Portuense. Cento e trinta e duas senhoras enchiam de suas graças os salões; seiscentos homens aglomeravam-se á passagem do principe meditativo e nostalgico como se andasse ensaudado de glorias dos avoengos: D. Duarte de misantropia, D. Sebastião àvido duma conquista de bem estar para o seu povo. Os irmãos seguiam-no no grande respeito que lhe votavam: um alto, desempenado, lanceiro esbelto, o outro, marinheiro loiro cuja cabeça juvenil parecia acariciada por um eterno raio de sol. A visão tragica da cadeia lobrega esfumaçava-se sob os candelabros, espancavam-na as cintilações e os fulgores, os colos faiscantes e os peitos das casacas cheios de comendas; o halito da miseria desvanecia-se nos aromas das elegantes, ia levado na aragem papejante dos leques e

(*) *Nacional*, de 22 de novembro de 1860, dia da visita de D. Pedro V à Relação. No dia 20 jantaram no Paço das Carrancas o presidente da Camara, governador civil, secretario geral, general Ferreira, chefe do estado maior, barão de Palme, presidente da Relação, vigario capitular, intendente de marinha, comissario de material de guerra, directores de alfandega e das obras publicas, comandantes de caçadores 5, 6, 9, e guarda municipal, presidentes das associações comercial e agricola e Antonio Bernardo Ferreira. Ao todo 29 pessoas com a comitiva.

no rugerruge das sedas. Apesar de lá fora chover e friar as damas tinham as faces afogueadas depois das danças. O duque do Porto tirara para seu par a condessa de Samodães, ainda quasi noiva, depois a Palmela, D. Mariana da Anunciação, casada com o conde de Terena; uma das esbeltas filhas do comerciante opulento Sandeman precedera a senhora Chamiço milionaria e a viscondessa da Trindade, quarentona mas cuja categoria na sociedade a enfileirava no protocolar convite de sua alteza. Tambem o duque de Beja preferira a Sandeman mais nova, gentil, encantadora e rosada, ficando bem a seu lado. De seguida outra senhora de sangue estrangeiro, D. Carolina Vanzeler, esposa do barão de Saavedra e sobrinha do velho Browne, volteara na sala com o principe que, finalmente, solicitara igual honra da viscondessa de Castro e Silva, da casa de Albergaria, da Chamiço e da nova e petulante consulesa de França.

O rei não dançara; bebera uma chavena de chá e discreteara com a sisudez dum velho. Os seus olhos melancolicos volviam-se para mais longe, distanciavam-se da sala onde os infantes sorriam na animação do baile.

No dia seguinte falou-se no Porto em duas cousas apenas mas de largo pasto para as curiosidades: no baile da Assembléa e na visita regia à cadeia. Devia-se pasmar de tanto esplendor a da honra concedida aos detestados prevaricadores. O *Jornal do Norte* não pudera conter o sarcasmo: «Lê-se no numero do *Nacional* de sabado que na visita que Sua Magestade fez às cadeias da Relação desta cidade dissera El-Rei ao sr. Camilo Castelo Branco que não esperava vê-lo na cadeia, que aquele local era improprio para ocupações de inteligencia e que mostrara tambem desejos de conhecer o José do Telhado.»

O escritor comentou logo o eco neste molinete descadeirante:

«Ha selvagens que não se domesticam, etc.», e depois, sarjando em alta personagem, querendo-a tambem, dorida em suas feridas, ajustava o bistouri ao chefe do governo. «*Que teria?* — perguntava e acrescentava maldosamente: «Todo o mundo notou que o sr. marquês de Loulé andasse por aí triste e pensativo e que fosse um mudo espectador das festas sentidas que por aí se fizeram aos seus principes. Uns disseram que o motivo de tamanha tristeza era a falta de descanço porque ha muito que não podia dormir, como costumava, 18 horas por dia, outros afirmavam que era a consciencia da sua popularidade.»

Querendo consolar o romancista de todos os infortunios, a *Revolução de Setembro*, em logar de destaque, acentuara que o aperto de mão do monarca representava a aproximação «de duas realesas: a do sangue e do talento.» (*)

(*) «De nós digo-te que ela tem saude. E' a felicidade unica que te posso contar da minha vida. *A Revolução de Setembro* vinda hoje chama-me *realeza do talento.*

«Se sei isto antes, mandava pedir à redação que me desse em vez de *corôa* um cento doutras *corôas*, que me são aqui mais necessarias que o reinado.

«Faz-me lembrar isto a cana verde de Cristo.»

Camilo — Carta a Vieira de Castro.

D. Pedro V partira; a intriga logo levedara. Alastrara um referver de vasa: a calunia da gente do *Palheiro*. A tempestade que se desencadeara sobre a cidade e encrespara o Douro, lembrava um extravasamento dos odios como a quererem subir marulhantes e pestilentos, até às janelas da Relação, como as lamas do fundo revolto do rio, galgavam as muralhas. Chovia rijamente; sumiam-se nas aguas os lampeões da iluminação da Ribeira. S. João e Estiva Velha; a cheia elevou-se a 10 metros em Miragaia, arrastara os navios das carreiras e nas vesperas do Natal cinco embarcações, com os ferros partidos, garraram na corrente cachoante com as pipas, fardos despedaçados, moveis e carros de mão. Bramia sinistramente o vento na noite sagrada; o gazometro fôra inundado, faltara a luz, emantara-se a cidade em lobreguidões; na ponte pensil as chapadas violentas das ondas baldeavam a passagem e os portuenses recolhidos, de janelas cerradas, em familia festejavam o nascimento de Jesus. Os presos na Relação lembravam-se dos seus natais aldeãos, Ana Placido evocaria a vida desfeita, Camilo, que nunca tivera as alegrias do lar, escrevia sempre, sem detença, febrilmente, nervosamente. (*)

Quando a tormenta cessou veiu a nevada e logo o sol, para voltar o graniso fulgurante por instantes sob os seus raios. No final do ano, gelava-se nos corredores da prisão e foi com a mão entanguida mas de cerebro ardente que o romancista continuou a sua obra.

E ainda, por noite alta, ao acordar, escrevia versos apaixonados:

A Rachel

Meia noite. Dormes anjo?
Vês-me num sonho feliz?
Vem do ceu dizer-te um arcanjo
O que a minha alma te diz?

Relembrava os males da vida de ambos e acabava docemente:

Sonha assim victima nobre
Dum destino miserando
Diz-me o misterio que encobre
O sonho que estás sonhando

Assinava e datava estas expressões cariciosas e tristes da meia noite de 5 de fevereiro.

E bichanavam-se sempre protervias; passavam do *Palheiro* para os soalheiros

(*) Durante o periodo da prisão, escreveu *Dose Casamentos Felizes*, o *Romance dum Homem Rico*, *Amor de Perdição*, cronicas para a *Revolução de Setembro*, uma larguissima colaboração no *Nacional* e as *Memorias do Carcere*.

as noticias inventadas à custa dele e da amante e a mentira maior, que se alteava, se aforava de veracidades, o salpicava, e tornava o proprio rei antipatico à moral portuense, era a de que sua magestade enviara ao detestado desencaminhador de senhoras, avultada quantia para seu regalo.

Camilo adoecera e o homeopata, dr. Pereira Dias, acorrera, cheio de amisade, a tratá-lo e era exactamente na convalescença que o assediavam ferozmente. (*)

Começara a publicar-se, com grande exito, o *Comercio do Porto*, orgão das camadas ultra conservadoras da praça, e para que estas não podessem alegar ignorancia da sua repulsa, talvez para que Pinheiro Alves não o imaginasse a mendigar as sopas da mulher que o amava e a qual saíra sem recursos da alçada conjugal, enviara, nobre e bravamente, a carta que o jornal inseria, e na qual dizia não saber donde partira «o boato» que «maguara o ilustre romancista.»

Havia grandesa nas sentidas palavras do encarcerado, que só as traçara quando o seu amigo Antonio Joaquim Xavier Pacheco lhe assegurara terem-lhe mostrado uma noticia de Lisboa, na qual se declarara, ir o conde da Ponte enviar-lhe o regio presente.

Então não hesitou; amarguradamente se resalvou da calunia:

«Sr. Redactor. Muita gente me tem preguntado por dous contos de reis, que mandou dar-me o sr. D. Pedro V. Pessoas circunspectas acolheram e divulgaram o boato, comentando-o de diversos modos mas nenhum lisongeiro para mim.

«Eu creio que o sr. D. Pedro V é infinitamente delicado e só dá esmolas a quem lhas pede. Quando Sua Magestade me fez a honra de preguntar na cadeia em que me ocupava, respondi a Sua Magestade «que trabalh va». Ou o sr. D. Pedro V entendesse que eu me ocupava em chapeus de palha ou em romances ou em caixinhas de banha, a minha posição ficava definida para o inteligente Monarca: o homem que trabalha não pede nem aceita esmolas; e se a pedisse ao Rei julgar-se hia tam humilhado como se a pedisse ao mais infimo dos homens.

«A cousa é outra. Ha muita gente que se diverte comigo.

«É bem feito porque eu tambem me divirto com muita gente.

«Rogo a V. a publicidade destas linhas. De V. etc. Camilo Castelo Branco. Porto, Cadeias da Relação, 11 de Fevereiro de 1861.»

Sacudira-se numa das suas despejadas coleras.

Os amigos que acorreram como Vieira de Castro, nos seus exacerbamentos, felicitaram-no. Houve quem acrescentasse ser gaudiosa para os adversarios a ausencia da caridade regia; acudia mais gente a visitá-lo depois de almoço. Ele interrompia o trabalho e recebia-os, com o cão aos pés, naquele inicio da primavera. Limpava os cansados olhos, falava com o seu costumado chiste, descrevia scenas picarescas e enveredava logo para conversas eruditas. Por vezes o José do Telhado espreitava; atrevia-se mesmo até à hombreira a contemplar as celebridades: Arnaldo Gama, o romancista da velha historia do burgo, Pinto Ribeiro, o poeta das *Lagrimas e Flores*,

(*) *Nacional*, 2 de Janeiro de 1861.

Julio Cesar Machado, o celebrado folhetinista, os vates, os artistas, os do seu bando, o proprio José Estevam que olhando as grades, os vasitos onde as plantas emurcheciam, escutando a gralhada e os sócos das presas dominando as plangencias da viuva, em sua gaiola, exclamara:

«Isto é dum homem partir a cabeça mas você conserve a sua.»

Os intimos, como o Negrão, traziam-lhe recordações da mocidade e êle sentia que todos festejavam a sua legenda romantica, a posse da mulher, o escandalo encarado com firmeza. Ela, porem, desoladamente, passava para o seu quarto os versos escritos no abrir da primavera e nos quais se considerava uma precita, uma condenada:

Maldita! Maldita! Eis a voz que eu escuto
Nas sombras da noite se geme o tufão;
Ao longe lá ouço bramir a tormenta
Não menos medonha no meu coração.

Afirmava que em todas as manifestações terriveis da natureza palpitavam as mesmas sentenças crueis, e tudo que a rodeava exalava votos severos de juíses:

Maldita! Maldita! os ferros me dizem
Que inertes assistem à minha aflição;
E a estrela que passa, ligeira se esconde
Deixando nas trevas o bramir do trovão.

Camilo respondia-lhe, escrevendo torturadamente. Os seus olhos feridos pela enfermidade, mal viam as linhas em que a exortava:

Maldita! Que importa que o mundo te brade
Que a infamia na fronte te escreva: maldita!
O Cristo no lenho da dôr infinita
Tambem foi maldito da raça precita
E Cristo era um Deus.

Alongava-se em consolos, em caricias inspiradas por seu genio:

Maldita! porquê? Mãe que adoras teu filho
Que desces com ele aos abismos cuidando
Que a paz te convida e voltas chorando,
Maior desventura na terra buscando
Com ansia de mãe!

E gemia por suas amargas dores, coroava-a no sacrificio:

Maldita! Porque se caída do fausto
Em ferros escondes a rara beleza

Elevava-a, acabava por sentir que ela constituia antes um raro exemplo e abençoava-a:

Bemdita, bemdita, ó martir tu sejas
Que um dia sonhaste ventura no amor!
Caíste da altura dos teus devaneios
Caíste e choraste; e a chorar passam cheios
Teus dias de dôr! (*)

Diante destas palavras de carinho, destas linhas harmonicas e dôces, enviadas como um santo balsamo para as suas dôres, a desditosa aquietar-se-ia embalando o filho. De longe vinham os baíos de abril; tinham florescido as arvores; os perfumes da viração roçavam a sua face entre as grades. O amante já dificilmente podia contemplar a serra da Gralheira, e os campos de Bomfim. Ia cegando; uma luneta preta defendia-lhe a vista do lindo sol que tanto amava; exactamente como as plantas da sua janela definhava no carcere. Sósinho sofria; diante dos amigos enchia-se de desdem; ninguem lhe escutava a colera mas os seus dedicados alanceavam-se, começavam a recear pelos olhos do ilustre preso. Houve entendimentos, combinações, pedidos, desenvolveram-se influencias, entraram na cadeia os medicos, que atestaram o descalabro de seu organismo e ele requereu para dar passeios o que o dr. Teixeira de Queiroz deferiu e ao que obstou o dr. Côrte Real, presidente da Relação.

Em Lisboa os politicos obtiveram a licença para poder saír acompanhado por um guarda, desde que a sua saude se ressentia do carcere. Despachara assim o conselheiro Morais Carvalho; Oliveira Pinto transmitira logo a bôa nova e ele acabava como um hospede da Relação; obrigava-se a dormir lá dentro ao contrario do seu cão que o acompanhava no deambulamento pelo Porto mas continuava a passar as noites ao fulgor das estrelas aprilinas.

Os burgueses encaravam-no pasmados; percorria, com Vieira de Castro e outros, as ruas mais concorridas ou avançava sósinho, de cabeça alta, como um vencedor.

Os caixeiros e os logistas encostavam-se nos portais a espreita-lo com a sua capa, o seu Terra Nova, o seu charuto e a sua bengala choupeada. Sob o bigode forte torcia-se um sorriso, desdenhoso ao descer a rua de Santo Antonio, segurando pelas azelhas (**) umas botinas de mulher. Os comerciantes e seus marçanos, bem como os «brazileiros» ociosos, encostados aos balcões, ficavam sabendo que ele presenteava, nesse dia, Ana Placido. Garoteava em desforra dos boatos aleivosos da esmola regia; dava nas vistas, mostrava-se, parava bocados à porta dos luveiros, no Bérard, da mesma rua de Santo Antonio 9, a cumprimentar os janotas e as mulheres voltavam-se scismadoras à passagem desse amoroso cujo nome enchia o paiz. Envergava-se elegantemente para o publico, subia às redações a vêr as provas, gosava

(*) Estas poesias foram publicadas no *Leme* com a data de 28 e 29 de março de 1862 mas devem ser do ano anterior em que estavam presos os seus auctores, visto as flagrante alusões ao carcere.

(**) Alberto Teles — Camilo Castelo Branco na Relação do Porto, pag. 13.

em exibições propositadas, dos privilegios concedidos e que atormentavam os inimigos. A gente do *Palheiro*, naturalmente, excomungava os governantes, esse Loulé tão combatido no *Nacional*, sogro da Ferreirinha e que consentia em semelhante insulto ao Porto como era aquele deambular do escritor por suas praças.

Até entrara na rua do Bomjardim, na fotografia de Horacio Aranha, a retratar-se para, no começo de agosto, brindar a que julgava vêr fugir-lhe o seu amor. Estavam ligados para um largo e profundo sofrimento desde que iam sentar-se no mesmo pretorio. O tribunal superior de Lisboa aprovara a deliberação da instancia portuense que lhe negara o despacho de injusta pronuncia. E ele, traçava, na sua letrinha egual, a dedicatoria amiga, enternecida: «*Camilo Castelo Branco, ofereceu à sua companheira de carcere á ex.ma senhora D. Ana Augusta Placido, em 2 de agosto de 1861.*»

Pouco depois voltou D. Pedro V ao norte. Tornou a subir as escadarias da prisão, a percorrer as enxovias, a penetrar-se dos horrores dos reclusos. Muitos tinham solicitado de Camilo as suas boas graças. Ao verem o rei apertar-lhe a mão julgaram-no poderoso.

Apenas se interessara por um de nome José Bernardino Tavares, lavrador abastado, de Santa Maria da Feira, ali preso por vingança dum padre ao qual roubara a tentadora ama. Requerera a Tiago Horta, em abono do condenado, esperando o perdão do resto da pena que ali estava cumprindo a aguardar o deferimento.

Em graciosa lembrança, disse-lhe, o soberano, ter visto a carta favoravel ao preso e dirigida ao seu ministro; (*) depois puzera-se a contemplar as estantes e sorrira achando muito numerosos os exemplares daquela biblioteca numa instalação de preso. Sentira-o ali mal; chegara a pronunciar-se contra o aposento e o romancista redarguira:

—«Vive-se aqui. Viveu neste quarto o senhor duque da Terceira, e . . .

Ia referir-se aos liberais da conspiração de 1828 mas detivera-se ante a directa pergunta do rei.

—«Agora deve estar a terminar o seu infortunio . . .?

—«Hei-de ser julgado em outubro . . .

Despediu-se e partiu; foi a ultima vez que o escritor viu a sombra gentil e melancolica daquele grande romantico de sangue real. Tres mezes depois morreria no seu paço recitando os versos de Dante á sua Beatriz, (**) como um poeta num suicidio de amor.

Naquela visita à Relação ainda encontrara Ana Placido. Cumprimentara-a no corredor; ela entrava conversando com o general Caula que trazia pela mão o pequenino Manuel. Depois deixou-a, foi-se para a enxovia com o seu perfil palido e o seu olhar triste, murmurando: — «sempre a mesma miseria.»

Novamente o Porto festejara o soberano com entusiasmo nos dias lindissimos em

(*) Camilo — *Memorias do Carcere*, 4.ª edição, 2.º vol. pag. 230 e 231.

(**) Rocha Martins — *Rei Santo*, romance historico.

que se demorou. Parecia-se adivinhar o fim proximo do soberano que o tumulo chamava antes que a maldade dos homens lhe encodoasse as intenções. Já murmuravam das suas tendencias para o poder pessoal, das suas atitudes em que por vezes esmagava os opulentos donos do ouro mal adquirido pronunciando-se sempre pelos pobres.

Mais um clamor enorme se levantara contra Camilo. Julgara-se que a carta de larga publicidade o indisporia com o monarca e sentira-se o contrario. Os algibebes, mercadores de baeta e os capitalistas, ao verem-no passear, continuavam em seus pasmos tendo uma ultima esperança nos julgadores, nos juizes que o deviam mandar para o degredo com a adultera diante da qual os principes se inclinavam.

E por que assim sucedera, só naqueles tinham esperança.

Desfiavam, revolviam, apreciavam os nomes dos que iam julgar os dois reus no meado de Outubro. Havia uma curiosidade enorme. A gente do *Palheiro* pensava em invadir o tribunal; os jornais anunciavam o julgamento conforme a sua simpatia pelos reus, sobretudo em relação a Camilo que vivia num triste vale entre as montanhas das admirações e dos odios.

Na vespera da audiencia o procurador de Pinheiro Alves mandara distribuir largamente a cronica em que o escritor pintara o Porto traficante, havia doze anos quando vira a querida Ana ir casar-se com aquele, sem o menor amor, sacrificada ante os parabens ruidosos da gente da mercancia. O *Nacional* comentava:

«OS GRANDES MISERAVEIS» Os correios entregaram hoje pelas portas a reprodução duma *revista* que o sr. Camilo Castelo Branco escreveu neste jornal ha doze anos. Facilmente se vê que o fim de tal publicação é indispôr o animo dos jurados contra o reu que ha de ser amanhã julgado. E' incrivel que um procurador de causas abalisado e comendador como o sr. Albano Miranda de Lemos se não envergonhe de subscritar as cintas do papelucho! Amanhã o energico advogado J. Marcelino de Matos saberá castigar os grandes miseraveis! O sr. Manuel Pinheiro Alves, recomendou ha ainda oito meses esta publicação ao seu procurador.

«Nunca, porem, pensamos que fosse adiante a tolice que não tem outro nome a não ser antes infamia.» (*)

Tinha-se pautado o animo dos membros do jury pelo dos energumenos do quarto forrado a esteira da Assembléa. Bem sabiam que não fôra naqueles ultimos dias que o escritor tratara a cidade na sua contundente verrina, mas esp lhavam o folheto às mãos cheias, e os interessados paravam, passavam-no para os lares buscando fabricar um ambiente hostil.

Murmuravam principalmente contra um dos jurados, Augusto Luso da Silva, poeta e antigo companheiro do acusado nos *outeiros*. Os outros andavam muito discutidos e como havia entre eles nomes do comercio, esperava-se a sua solidarie-

(*) 14 de outubro de 1861.

dade. (*) Do juiz Jeronimo Ferreira Pinto Bastos, já sabiam como lhes desejava dar assistencia. Anunciava-se que a Companhia Nacional, com os actores Heliodoro e Cunha e as actrizes Maria da Luz e Carlota Veloso ia representar o *Ultimo Acto* no S. João. Reboava o escandalo à volta dos reus; os artistas vinham acrescentá-lo com aquela tragedia duma mulher vendida, passando num palco a soluçar as suas amarguras. E chamava-se Ana Augusta como a protagonista do drama judicial; consubstanciava a romantisada historia de ambos. Eles ali estavam nas cadeiras que lhes tinham oferecido no pretorio sob as vistas do magistrado. O delegado do ministerio publico era o dr. Manuel de Vasconcelos Guedes de Carvalho, da fidalga familia de Mancelos e grande acatador da justiça. (**) A sua severidade era fiadora de esperanças dos adversarios do escritor. Em frente Marcelino de Matos aguardava o seu momento. Sentara-se muito perto do advogado do marido ofendido, dr. Alexandre da Costa Pinto, o procurador que tanto se agitara para conseguir o degredo da mulher que ali se apresentava vestida de negro e do escritor que encarava o publico ávido das bancadas. Tomara o seu logar e ficava a ouvir a proposta do causidico contrario, para ser publica a sessão e a preferencia para os jury dos doze primeiros convocados, saídos da urna. Recusou-se a segunda parte do articulado.

Depois de sorteados os julgadores foi-lhes posta a questão de se deixar livre a entrada na sala. Votaram, imediatamente, pelo julgamento secreto. Sairam em coleras os acirrados curiosos; viram na deliberação um sinal de benevolencia e, daí a pouco, pela Praça Nova falazava-se em desabono dos que assim tinham procedido. Mas havia muitos que ficavam ruginde ferozmente, rondando a porta, empurrados pelos oficiais de diligencias e pelos municipais.

Tumultuavam; queriam ouvir o que lá se ia dizer, acicatados pelo escandalo, furiosos, arremetedores. Ouvia-se no tribunal, onde tinham ficado os jornalistas e muitos advogados, o clamor dos logrados que de novo entravam. O seu barulho influia no animo dos reus e dos jurados. Pretendia-se ainda chegar ao antigo acordo proposto pelo marido: a volta de D. Ana Placido ao convento; o exilio de Camilo. Um grande pavor se apossara dos amigos dos acusados ante os ruidos que chegavam; recearam por eles o degredo, e, reunidos numa saleta do edificio os representantes das duas partes, com os reus, começaram a discussão do presumido ajuste. Chegara-se a pretender que a julgada adultera ficasse à disposição de Pinheiro Alves; enquanto ao seu cumplice, saíria da cidade e só poderia regressar quando o esposo abandonasse de todo a mulher ou quando ela vivesse com outra pessoa. Boiavam

(*) Presidiu, José Teixeira Cardoso e os outros jurados eram: João Pereira, Lima Machado, João do Pinho, Joaquim Lopes de Sousa, João Nunes da Cunha, Joaquim de Sousa Ribeiro, João Paulo da Silva, Manuel Marques Macedo, Joaquim José de Sousa Ribeiro, Manuel Lopes Vieira, Joaquim de Sousa Lopes e Augusto Luso da Silva.

(**) Julgou o caso da Penitenciaria estrictamente seguindo só as normas da lei, apesar das influencias politicas que se moveram inclusivamente a dum seu parente e intimo amigo que ocupava uma alta posição.

nojencias; desejava-se entregá-la ao arbitrio do ultrajado, que nem falava no filho, pois só se dilacerava pela beleza da fugitiva numa satiriase que o enlouquecia.

Marcelino de Matos, num rompante, decidiu escancarando a porta: «Vamos à causa! vamos à causa! vamos ao escandalo já que assim o querem!»

E ela surgiu, no seu vestido de seda negra, chorando, soluçando a balbuciar: «Vamos! vamos!». Recusava terminantemente aquela transigencia que a diminuia (*).

Quando se quiz expulsar os espectadores, visto ir começar a audiencia dada por secreta, houve violentos protestos, gritou-se, soaram furiosas imprecações até que o juiz, de pé, ameaçou aquela turba com a lei e a guarda a escorraçou. Ficaram lá fora rumorejando. A voz do meirinho chamava as testemunhas e elas vinham como para um pleito comercial após o fracasso das negociações.

O capitalista Agostinho Francisco Velho narrava acontecimentos passados em sua casa; o argentario Joaquim Pinto Leite confirmava-os. Insistiam muito no bom tratamento, na abastança, que o comerciante proporcionava à sua senhora.

Tambem os acaudilhavam o tabelião José Ferreira Moutinho, o livreiro Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho e seu caixeiro Bartolomeu Morais. Uma creada de João Antonio de Azevedo, da rua da Picaria, onde os amantes tinham estado hospedados em 1859, asseverava te-los visto a passear no quintal e juntos à janela com grande escandalo da visinhança que murmurava a ponto do seu patrão os despedir tendo ela ido para a Foz com o menino ficando ele a arranjar os «trastes». Acabara assim Joaquina Maria de Jesus serva de seu estado. Penetrava Novais Vieira, o *Novais dos Oculos*, antigo foliculario, amezendado agora numa repartição de fazenda. Andara rancoroso, pela Praça Nova, a prometer «enterrar» o escritor. Talvez não fôsse apenas a sova recebida, havia nove anos, que o agitava. Era homem capaz de vender o testemunho. Ressumava tanto a sua colera que o juiz lhe perguntou se era inimigo do reu e à afirmativa o proprio advogado contrario lhe dispensara a loquela e a inventiva.

Enchera-se de sombras o tribunal; Ana Placido desfalecera, correram para ela e suspendera-se a audiencia. Rumorejara a gentalha ao vê-la assomar à porta; logo se calara diante dos que a rodeavam, do grupo dos advogados e dos poetas.

Eram sete horas da manhã, no dia seguinte, quando se abriu a segunda audiencia. Vieira de Castro escrevera um artigo tremebundo no *Nacional* no qual tratava os adversarios de «farizeus».

Tambem se ouvira o depoimento dos medicos que deviam pesar, segundo se julgava, no animo perturbado dos julgadores. O doutor Luís Antonio Pereira da Silva narrara o escutado a Ana Placido na casa de Agostinho Francisco Velho.

O marido fôra muito amigo dela; tratara-a sempre com «desvelo». Ignorava da sua mancebia após a saída do lar, usava de frases ponderadas, mas declarava tê-la aconselhado a aceitar a entrada no convento — como lhe propunham — e «daí discutir convenientemente o que servisse os seus interesses e de sua familia»; tambem a ouvira argumentar com a alienação de todos os bens do casal. Fôra vê-la na sua

(*) O *Direito*, 16 de Outubro de 1861.

grande enfermidade, ao convento da Encarnação, no qual se dizia bem tratada mas segura de que «a sua saude não permitiria que lá residisse por muito tempo». Constara-lhe, depois, a saída daquela senhora do asilo religioso e mais nada conhecia de seu destino.

O seu colega Pereira dos Reis assentara nos autos cousas de mais tomo: a ré deixara a familia porque constara «publicamente ter relações ilicitas com Camilo Castelo Branco». Tratara-a como medico e vira-a com o amante a «uma janela na rua da Picaria».

O clinico de Braga, Jeronimo Antonio de Faria, fôra o que a visitara no recolhimento e no mês seguinte, descobrira à chegada a Famalicão a sege com a ama do filho de Ana Placido, e ouvira dizer que na outra seguiam os acusados.

Abriu-se, logo, o caminho para a defeza. Adiantava-se o dia; os advogados esmiuçavam as testemunhas cuidadosamente. Procuravam desanichar das luras daquelas consciencias os argumentos fulminadores. As da acusação fôram assim poleadas; as da defeza passavam a afirmar a bôa conduta da senhora tanto a sua creada Jacinta Candida de Jesus, como a proprietaria D. Emilia Candida de Sá Garcez. D. Eufrazia não fôra convocada. Pelo abono do reu aparecia o neto duma celebridade como o avô chamado Agostinho Albano da Silveira Pinto. Era escritor e jornalista e defendia com amor o seu amigo. Secundava-lhe as intenções um grande fidalgo descendente dos que tinham sofrido a perseguição de Pombal em virtude de o combaterem. Gonçalo Cristóvão Teixeira Coelho era o herdeiro dos senhores dos Padrões de Teixeira; outro membro duma familia respeitavel Rodrigo José de Oliveira Guimarães sucedera no interrogatorio que ia concluir com o depoimento do medico sabedor doutor Joaquim José Ferreira. Fôra o confidente de ambos, o denominado de *Janota* que possuia cabedal de sciencia e tendencias de mundanismos. Pedira para o reu se retirar a fim de mais livremente poder falar e ao vê-lo sumir-se na porta da saleta, começava a dizer de seu sentir na presença dos jornalistas, dos advogados e do júri.

Aquele homem de letras, de alto talento, não era como os vulgares tipos capazes de delictos. Nevrosado, tocado de romantismos doentios, exacerbado por sua doença e suas leituras, ele vivia numa sociedade prosaica como se existisse no seculo anterior; a sua saude periclitava e se o condenassem ao degredo seria á morte que o votariam. No fundo, tanto ele como a sua companheira de dôres, eram mais infelizes que culpados. Alargara-se em razões psicologicas, falara cheio da segurança dum analista, dum observador, dum estudioso de novos processos. A sua linguagem de conferente impressionara com a delicada expressão de boa companhia. Concluira e o juiz interrogou os reus que narraram a sua atração sem confessarem as culpas. Descrevia Ana Placido como a vitima atirada para um lar em nome de interessses de familia, Camilo como salvador indignado e um poetico amoroso de suas amarguras.

Depuzeram tambem os medicos Antonio José Moreira da Rocha e Vitorino Pereira Dias ambos antigos colaboradores de jornais onde o escritor os conhecera.

O primeiro escrevera na *Verdade* e no *Clamor Publico;* o segundo no *Nacional* (*) tendo tratado o escritor na cadeia pelo sistema homeopatico, quando, no começo do ano, adoecera com as primeiras crises. Pouco adiantaram; tomaram os logares na teia e ficaram a seguir as peripecias do drama.

Quando o delegado do ministerio publico se ergueu compreendeu-se que da sua oração dependia a finalidade do processo.

Foi breve e logico; não chegou a acusar; ainda defendeu o governo por dar a permissão ao escritor para saír diariamente da cadeia onde a sua saude sofria. Deixou ao advogado de Pinheiro Alves o papel odioso. Este usou de galanteria para com a acusada; desejava-a afastada da sala para não sofrer algum abalo semelhante ao da vespera e quando se ia tomar essa deliberação o dr. Guedes de Carvalho argumentou com a impossibilidade de semelhante passo pois desarmonisava-se a lei e anulava o processo. Em todo o caso o juiz concordava na ausencia da ré mas quando ela se preparava para deixar a cadeira Marcelino de Matos deteve-a; falou-lhe baixinho, mandou-a sentar.

Enchera-se duma larga esperança de vitoria; a seu lado Custodio José Vieira mostrava-se atento, pronto, com a perspicacia scintilante no olhar. O discurso da acusação começou num increpamento pela falta de publico nas bancadas e mostrou como o lar, a familia, a decencia social tinham sido ofendidas; tirava conclusões arcaicas, apresentava como culpados dum grande crime os trangressores dos ditames da honra conjugal.

Escutava-se esse exordio de bom preparo mas falho das positivas provas juridicas: o flagrante delicto ou as cartas do reu para a sua cumplice. Sem elas não havia bases de condenação. Embora argumentasse com a opinião portuense — aquela que rugia atraz da porta do tribunal aguardando a sentença — não trazia ali declarações formais de testemunhas: algumas tinham-nos visto juntos, outras ouvido falar do seu caso, nenhuma constatara o crime no lar. Nem uma só palavra traçada por Camilo Castelo Branco, acerca dos seus amores carnais, existia. Viviam todas as suas afirmações num dourado halo de poesia.

Eram estes os elementos destruidores com que Marcelino de Matos contundia o adversario e fôra tremendo na eloquencia declamatoria da epoca ao apresentar o romancista como «a vitima dum erro judiciario sancionado pelos tribunais superiores».

E ela — aquela senhora em cujos braços estava uma criança — não passava duma vitima do consorcio de conveniencia em idade inocente. Expulsa de casa mais tarde, votada ao abandono, durante nove meses, sem recursos, sem pão, os bens do casal passados a outras mãos, sofrera por sua doença e suas perturbações; tinham-se-lhe agravado os padecimentos, em desassete meses de cadeia, num quarto semelhante a uma jazida.

(*) Maximiliano de Lemos—Camilo e os medicos—Arquivos da Historia de Medicina pag. 138 e 140.

O outro replicara; ele fizera-lhe mais uma vez frente e à subita descarga dum trovão nessa noite de Outubro, negra e abafada, exclamara:

—«É Deus que fala pela voz da tempestade, indignado contra a iniquidade deste processo e contra a monstruosidade desta prisão.» (*)

Custodio José Vieira limpou uma lagrima, alguns jornalistas comoveram-se e os jurados não escaparam ao contagio.

Chovia em grandes bategas; reboava longamente a trovoada.

Quando o juiz, após a relação das culpas e dos incidentes da audiencia, formulou os quesitos, espalhara-se uma grande comoção. O procurador de Pinheiro Alves ficara sem movimento, pensativo, sentindo a derrota.

«O crime de que o reu Camilo Castelo Branco é acusado no libelo do Ministerio Publico e da parte acusadora de ter cometido adulterio com a co-ré D. Ana Augusta Placido, casada com Manuel Pinheiro Alves, está ou não provado?

«A circunstancia atenuante do seu bom comportamento anterior está ou não provada?»

Recolheram os jurados. Abriram as portas ao publico para a leitura da sentença. Entraram de rebolão individuos de todas as classes, curiosos, interessados na condenação uns, em bisbilhotice apenas, os outros, e o rumor foi enorme e desencontrado quando José Teixeira Cardoso, presidente do jury, declarou não estar provado, por maioria, o adulterio, e por maioria se julgar bom o comportamento de ambos antes do delicto de que os acusavam.

Gravemente, o juiz impôs silencio à massa humana que lá em baixo revolteava nas bancadas; os amigos já se achegavam ao romancista, sorridentes e o dr. Pinto Basto ia escrevendo rapidamente. Por fim, os acusados levantaram-se; uma calada soturna descera a qual era quebrada por sua voz ao lêr a sentença:

«Em vista da decisão do jury que julgou não provado o crime de adulterio de que era acusado Camilo Castelo Branco, o absolvo da culpa dando-lhe baixa nela e passando o mandado de soltura e pague o auctor as custas do processo.»

Falou então, ao escritor, no mesmo tom severo, aconselhou-o num formulario banal a bom procedimento futuro. Mas ninguem o ouvia; barafustava-se, berrava-se, discutia-se, envolviam-se os reus em abraços e apesar de terem já dado as onze da noite o Porto soube da absolvição num pasmo e numa colera nessa noite de ribombos, relampagueante, de enervamento.

No dia seguinte, os jornais como o *Nacional* e o *Braz Tizana* apresentavam o publico delirante, pelo final do drama; eram os paladinos dos romanticos; o *Comercio do Porto* abstivera-se; o *Purgatorio*, onde um energumeno de nome João Cesar Pinto Guimarães, combatia por conta de Pinheiro Alves, chapava de lama o tribunal; o *Direito* acabava deste modo a sua noticia:

«Dizem que oito dos jurados são solteiros e que juraram não casar, para fugi-

(*) Alberto Pimentel — *Os Amores de Camilo*, pg. 321.

rem a que lhes caia em casa a pena de Talião». Depois afixava «para memoria» os nomes dos membros do júri.

Não se perdoava. Se uns se lançavam contra a Justiça, o periodico defensor dos absolvidos dedicava algumas frases verrumantes ao marido rancoroso (*) e que ficara como louco ao vêr libertos a mulher e o seu amante.

Por fim voltara-se ao boato, ao insulto, ao esguicho fétido. Diziam-nos abraçados no tribunal e que tinham fugido logo numa sege para a Foz e, inventavam-nos juntos naquela noite a desmentirem a base da sentença (**). O jornal voltara a retorquir num sacudimento formidavel que certamente Vieira de Castro — o das extremas defezas — escrevera.

Eles tinham, simplesmente, recolhido à cadeia a dormirem ali sua derradeira noite de separação. No dia seguinte fugiam a todos os olhares. Careciam de repouso. Camilo guardara os seus manuscritos, ela enrolara tambem os seus; desmancharam a aposentadoria e receberam os adeus dos carcereiros e dos presos que mais à sua beira se achegavam.

Redemoinhava o escandalo; gritava-se, rugia-se. Mal se compreendia que aquela cadeia, tivesse deixado abrir as suas portas para a escapula de ambos. Quasi olhavam rancorosamente o cinzento edifício no qual sempre tinham visto a imagem da propria justiça condenadora.

(*) «Perdoar, devia ter sido o termo deste processo, se o sr. Pinheiro Alves, guiado pelos conselhos dos seus amigos, não tivesse oposto sempre uma pertinacia cega e tenaz às propostas, que sua ex.ma esposa lhe dirigiu por vezes, no sentido de entrar num convento depois de se tratar, ao ar livre, das molestias, que gravemente a torturam.

Perdoar, sim, devia ter sido o termo deste processo, porque era mais nobre, para ele perdoar do que vingar-se; ele que não tendo a coragem de usar do direito de vida e de morte, que a lei lhe dá, a tem todavia para assistir aos funerais da sua propria honra.» *Nacional* 18 de Outubro de 1861.

(**) «*Ainda os miseraveis!* — Disse-se aí que o sr. Camilo Castelo Branco, na noite do seu julgamento, partira logo para uma hospedaria da Foz com a ex.ma sr.a D. Augusta Placido.

É falso; falsissimo. O ilustre escritor, e aquela senhora, foram dormir à cadeia. Pode confirmar esta verdade a maioria de cavalheiros que estiveram no tribunal da Picaria, e que lá os acompanharam.

Disse-se tambem que o distinto romancista fôra visto com a ex.ma sr.a D. Ana Placido a uma janela de uma casa desta cidade, contrastando deste modo a sentença do júri.

É falso; falsissimo. A senhora D. Ana Placido vive no quarto modesto de um hotel, e, descansem os mandões, não lhe tem sido ali a vida menos triste que a do antigo corredor do seu carcere, porque a não abandonaram ainda as agonias que o tribunal presenceou.

Mentis, caluniadores! A vossa missão não está ainda cumprida, não o estarà nunca, que a difamação e a injuria são o *post-scriptum* eterno das vossas alegações caluniosas.

Mentis, caluniadores! Mentis, mas a baba dos vossos improperios ha-de ser inofensiva como o veneno que se filtrou na mão do apostolo.

Daqui se previne já a opinião cordata contra novas e futuras contumelias dos difamadores apostados.

A vós, caluniadores, o que pedimos é a honra da vossa ira, e o premio das vossas injurias. Ninguem quere elogios que desonram, nem piedade que avilta. O vosso panegirico seria a mais vil traição ao pudor que vos repele com tedio e asco.» *Nacional* 18 de Outubro de 1861.

Os amigos de Pinheiro Alves diziam-no combalido; lamentavam-no, apontavam-no como uma vitima. Sentira fugir-lhe a vingança, desaparecera-lhe a esperança do anhelo de voltar a abraçar a mulher ou de a saber no degredo. Dava-se ao desespero. Continuava como alheio ao filho e fugira do Porto onde o apontavam lastimando-o é certo mas irritando-o com tantos gestos de piedade.

Buscava o refugio da aldeia onde nascera, a casinha de Seide, entre os montes, na sombra rumorejante dos pinhais, no contacto da gente rude. E deviam ser horriveis ali as suas noites de inverno, desse final de ano, só, sentindo-se batido, inutilisado com a fortuna que julgara o seu eterno bordão, a sua vara de justiça, o forte elo para prender aquela mulher que, ao abandonal-o para sempre, ainda mais o desvairava, porque a amava doidamente.

Retrato de Camilo com uma terna dedicatoria a Ana Placido (pertencente á familia do romancista).

X

O ORBE E NOVELO

AO DEALBAR DA REFLEXÃO — COMO PENSAVAM DOIS ROMANTICOS — AO QUE O ROMANCISTA CHAMAVA «ANOS DE PROSA» — BRADOS DUMA SOBRESALTADA — O MARIDO E O AMANTE — MORTE DE MANUEL PINHEIRO ALVES — A SUA COLERA NA AGONIA — CAMILO ANTE O SOBRENATURAL — PALIDEZ DUMA PAISAGEM OUTRORA DESLUMBRANTE — PRIMEIROS VERSOS DE SEIDE

FOI sempre assim, o amor: Um orbe que parece impossivel caber num coração Emquanto suplica e balbucia é bem esse povoadissimo universo; desalterado compreende-se como tão pequeno espaço um mundo podia conter. Não passava dum novelosito desenrolado, sem misterios, uma meada que se imaginara cosmos o qual alguem teria força para eternamente segurar como o menino divino sopesa, a sorrir, a esfera terraquea, na rosea e pequenina mão.

As mais formidaveis paixões não resistem ao contubernio dalguns meses no mesmo leito. Paramenta-se, no começo, a mulher com os mais raros atavios; de seguida desnuda-se até aos vincos da alma, porque ela inteiramente se entregou. Assemelha-se a um fructo tido por inacessivel e cubiçado menos de desejos, mal tomba da arvore, e de que restam só as cascas quanto se esgarçou a calar os apetites. O amor é um sopro divino fulminado no cadafalso da posse no patibulo do grande arrepio material da vida. Em toda essa atração dos sexos se escarlata o rubor das rosas vivas e se demascaram os estames; se vestem maravilhas e se topam caveiras. No fim, quasi sempre se julga impossivel ter-se rugido e chorado por tais despojos embora para outros olhos eles ainda tenham os embelecos da beleza.

Quando se reflecte, já não se ama, a primeira ponderação é o sinal duma sineta

de alarme que fica a tocar até saír a ultima sombra do visitante. Camilo escrevera: «o amor que não perde, nem desvaira, esse é que é o amor.» (*)

Chegara ao auge da sua carreira literaria. *O Amor de Perdição* consagrara o seu labor e o seu genio. Se fosse condenado ao degredo como seu tio Simão, o desordeiro de que engendrara um santo do delirio amoroso, as lagrimas das mulheres engrossariam os mares para trazerem a nau do desterro às praias da sua patria. Em todas as bôcas se demorava o sabor dos beijos dos amantes e relembrava-se o inicial e unico abraço de cadaveres nascido do impeto das ondas. O reflexivo de agora dissera: «não ha balisa para as belas e para as horrorosas ilusões quando o amor as inventa.» (**)

Tinham lido as paginas de desvairo e chegara até aos burgueses o convencimento. O publico pedia-lhe novas ou identicas produções, dispunha-se a vibrar, entregava-se-lhe. Dera-lhe o *Romance dum homem rico,* que considerava o seu melhor trabalho; as *Três Irmãs,* o tracejado de certos caracteres femininos. Seguira-se ao sucesso até então sem igual, as *Memorias do Carcere,* em cujas folhas sangravam tragicos infortunios, tão formidaveis que atabafavam o nauseante halito da cadeia e apagavam o sonido das calcetas ante o sofrimento dos peores criminosos. Apareceram as *Coisas Espantosas,* o picaresco *Coração, Cabeça e Estomago,* como se ele desejasse mostrar todas as laminas das suas armas desde as brilhantemente polidas às encabeçadas de monstros, desde as aguçadas e finas às torcidas caprichosamente, extravagantes e confundentes. Concluira as *Estrelas Funestas* mas os leitores só tinham extasiamento diante do que teimavam em considerar a obra prima.

Tanto labor prejudicara-lhe a saude. Ganhara o primeiro plano entre literatos, porém, arruinara totalmente os nervos. Anemisara-se mais. A seu lado, Ana Placido tornara-se a doce enfermeira. Acalmara-se o delirio, ele já escrevia ponderado e sereno: «o perder-se ou transverter-se o coração é quasi sempre prova rial de não ter sido o primeiro nem o melhor um certo amor com que os alienados se desculpam» (***). Dedicava estas paginas, que ela, a estremecida de ha pouco, via escrever, ao velho padre Azevedo, que o educara na infancia, e insistia na sua definição: «o amor que não perde nem desvaira, esse é que é o amor».

Considerara; e a amorosa bem o compreendera. Juntara as suas maguas num volume que a imprensa anunciara retumbantemente. Eram os escritos da prisão e outros novos, num refundimento do seu cogitar. Acordara. Titulava-se de *Luz coada por ferros* essa obra onde muito falava de si. Buscara nas paginas do amante um titulo como um epitafio. Abria o livro com o romancinho publicado no *Nacional* e onde já increpava aquele Henrique ao qual «o que hoje lhe dava duas horas de contentamento, o aborrecia ámanhã»; continuara nas *Meditações* encimadas pelo conceito do aventuroso jesuita Francisco de Sousa: «Pouco duram as alegrias neste mundo e sempre andam as ditas a braços com as desgraças».

(*) Camilo — *O Bem e o Mal* — 3.ª ed. pag. 27.

(**) Camilo — *Amor de Perdição* — 29.ª ed. pag. 43.

(***) Camilo — *O Bem e o Mal,* 3.ª ed., pg. 27.

Tomava tambem um doloroso pensamento de André Chenier para signa doutro capitulo. Era aquele em que o amor proprio lança os orgulhosos perdidos no fundo do abismo e eles esperam vêr alguma mão estendida num socorro. «Je vois le fond de l'abîme, mais je ne vois pas la main . . . le desespoir m'atteint comme un carcun de fer rugi . . . l'air manque à ma poitrine! la vie n'est plus en moi; la vie c'etait mon amour.» (*)

Evocava, a irmã morta como se não tivesse ninguem a quem se confiar no mundo nem outra alma amiga no Alem para enviar suas preces. «Ai! o passado, Maria, o passado! Que sonho! Feliz de ti que não conheceste paixões mundanas, que não soubeste o que é esta torrente impetuosa que nos leva na sua correnteza aprazivel, para mais tarde nos fazer amaldiçoar o erro de um momento que tão caro nos custa em dôres e nos confrange para sempre o coração num estorcimento doloroso.» (**) E dizia-lhe ainda:

Olha, vê como arrastada
Nos tremedaes da vida
Se estorce em cruas dôres
A tua irmã querida! (***)

Descrevia-se, abria o peito, como a atirar ao publico o seu coração sangrento, martirisado, desiludido:

Vês alem aquela mulher de trinta anos? Foi uma martir de obediencia filial. Repara como ela passa a mão na fronte encanecida pelas angustias e trabalhos, não deixes sem reparo aquele sorriso de supremo desdem do mundo e o olhar humilde para o ceu, quando a consciencia lhe está segredando: «fostes bem merecidas!»

Arrastava-se como uma sacrilega a penitenciar-se, subindo a escarpa vestida de tojos que lhe espicaçassem os joelhos até final da promessa de ir até ao crime dilacerando-se na sua agrura rastejante.

«Oh! Maria! Voltemos ao passado, queres? Conversemos, conversemos daqui. Tu no teu leito de marmore, eu no pedestal da minha cruz. (****)

Buscava fortalecer-se ao amparar-se na legenda de Xavier de Maistre (*****), «a force d'être malheureux on finit par devenir ridicule».

Porem, por vezes, alçava-se até à sublimidade sentindo-se a companheira do escritor singular que «escurece a vista curvado sobre a banca de estudo, aprofundando a sciencia e os misterios do coração humano, à procura do balsamo para chagas inumeraveis, afigura-se-me suspenso à terra por um fio divino: tão perto o vejo revoar dos segredos de Deus». (******) Achava em seu coração resignações e desculpas para os desafagos dele quando pensava que «no homem o sublime do genio é a desgraça; na mulher é o castigo do homem e a maldição do Senhor». Só a estu-

(*) (**) (***) (****) (*****) (******) Ana Placido — *Luz Coada por ferros* — 2.ª ed. pags. 77, 104, 107, 111, 115 e 116.

pidez dá a felicidade; o verdadeiro elemento de ventura é a inepcia, enfeitada com a satisfação propria do seu valor». (*)

Mas desalentava-se logo: «É voar da terra ao ceu, para cair depois, no mais razo deste positivismo atroz! Aquele coração que arfou junto do seu, aquelas pulsações que se reproduziam nascendo e morrendo juntas, aquelas falas suspiradas como a aragem da tarde: tudo o que levanta o espirito às alegrias imponderaveis dum amor grande em dedicação, tudo isto acaba deixando um espinho roedor que a vae consumindo lentamente». (**)

Ele, como numa resposta a estas prosas suas conhecidas, escrevera:

«A mulher imprudente e leviana da sua vaidade quando observa desacostumada seriedade no semblante do esposo, entende logo que ele a presa menos ou que o seu amor não basta a preocupar o espirito do marido. Disto procedem os juisos falsos, as contendas funestas, os perigos desgraçadamente maiores». (***)

Ana Placido sentia que ele tinha ciumes e que a amava ainda, por consequencia, embora não existisse entre ambos aquela antiga harmonia de vistas romanticas.

O mundo povoado de todas as belezas ia-se tornando no desenrolado novelo.

Mostrava-se cioso dela; até a sua ternura fraterna por Julio Cesar Machado, o chegava a preocupar com os olhares que, naturalmente, como em experiencias dolorosas no coração do amado, deixava errar com o brilho da beleza a reter o das lagrimas.

De resto Camilo era, como todos os seres de arte e de sensibilidade, um extranho voluvel, um imaginoso que volvia o espirito perscrutante para o passado, e deixava a sua pena ora fustigá-lo, ora servir de cauterio aos rasgões fundos dos castigos. Numa produção começada na cadeia, *Anos de Prosa*, e que ia continuando nos intervalos das suas crises nervosas, dos seus padecimentos, retratava-a quasi nas ultimas paginas, ainda sob a designação de mulher biblica e ao mesmo tempo narrava todo o drama da sua familia. Relembrava a mãe «senhora de quarenta anos bonita ainda»; acrescentava que «se a perfeição das raças é admissivel nunca foi mais sensivel a gradação do aperfeiçoamento como entre D. Mariana (****) e Rachel»; não esquecia as irmãs «uma formosa se bem que já ferida da tisica, que dali a meses a levara para o lado duma sua irmã que a mesma enfermidade matou quando lhe sorriam duas primaveras, a das flores e a dos prazeres da vida. Outra é uma linda criança de doze anos (*****) com os olhos de Rachel. A que porfia desvantajosamente em beleza com a mais bela é já casada e tem vinte anos (******). Ha uma outra de aspecto vulgar, posto que o não pareça entre outras que não sejam suas irmãs». Ao pai chamava, numa reminiscencia de certo burguez opulento, não pelo seu nome

(*) (**) (***) Ana Placido — *Luz coada por ferros*, 2.ª ed., pg. 117, 119.
(****) Era Ana.
(*****) Maria José.
(******) D. Antonia.

mas Bernardo Joaquim Ferreira (*) e molestava-lhe a memoria colocando-o «ferido pelas palavras da filha que lhe apontavam direitas à consciencia onde as fibras do remorso doiam sempre». Não esquecia Pinheiro Alves — no livro Manuel Pereira — caricaturando-o com «cincoenta e cinco anos», estatura meã, cabeça quadrilatera como um queijo do Alentejo desde o ocipicio até à cisura do coronal» (**).

E após estes esboços, prendendo-se, ainda mais uma vez no baile em que a conhecera, «era ela solteira e teria quinze anos», punha na bôca duma personagem aquilo que ouvira varias vezes aos peraltas portuenses com a diferença apenas do apelido porque designavam na vida e no romance essas excelsas formosuras:

«Que mulheres, que mulheres tu vais vêr ó Jorge — continuou bracejando o da Maia — As Ferreiras! a nata, a quinta essencia das mulheres belas do Porto! E a Rachel! ai aquela Rachel casada com o nariz mais indecente que fez o acaso estupido a quem o Creador entregou a repartição dos narizes.

A Rachel a mulher dos olhos de antilopa! As mais belas carnes que ainda vestiram uma alma se è que uma mulher daquelas precisa de ter alma para ser perfeita!»

Exaltava-a assim, fremente, extasiado mas feria-a, maguava-a:

«Essa Rachel é uma das muitas aleijadas que por aí ha. Não a conheço mas sei que casou com um brasileiro hediondo e rico.

«Tambem me quer parecer que a mulher pouco vale na alma quando contemplo o nariz de Manuel Pereira.» (***)

Aproveitava para contar «a historia» da protagonista, da amante:

«Bernardo Joaquim Ferreira conhece o valor do dinheiro e duvida da existencia dumas paixões que podem vingar e prosperar sem dinheiro. Ás filhas chama-lhes suas e não exclue desta propriedade o coração. O seu pensamento fixo dele é casar as filhas ricas.» Á volta desta revelação engendrava um trafico de oferta e procura por parte de amigos negociantes e mostrava a donzela a desistir:

«Desde o dia em que se fizera definitivamente a operação comercial dos quinze anos dum anjo formoso como a esperança duma alma pura, com um homem de cincoenta anos sem o desconto dalguma feição boa do corpo ou da alma, Rachel era perseguida pelo seu porco demonio de todas as horas».

Apresentava-a vitima das sevicias, «as faces escarlates das bofetadas que o pae lhe dava como incentivo para saber aproveitar-se da fortuna caprichosa.»

Depois de a pintar martirisada e cedendo, exclamava:

«Rachel tem só um pecado de fraqueza: foi optar pelo marido, entre o marido e o suicidio. Desceu ao plebeismo das outras que lhe haviam dado o exemplo da renuncia de si proprias podendo afidalgar-se a ser a unica pelo heroismo de se entregar à justiça de Deus fugindo às injustiças do mundo.»

Tornava-se crudelissimo. «Querem dizer-me que se Rachel tivesse aceitado o

(*) Recordou-se de Antonio Bernardo Ferreira.

(**) Até punha certa a idade que Pinheiro Alves tinha nesse ano de 1862.

(***) Camilo — *Anos de Prosa*, 3.ª edição, pag. 201.

beijo da morte, e fugisse ao beijo marital de Manuel Pereira (um beijo de Manue Pereira com aquele nariz na vanguarda... Santo Deus!) ninguem se lembraria do seu heroismo a estas horas! (*)

Voltava a lamenta-la, e, no fim de tudo, aquele frasear, ora doloroso ora sarcastico, era um desdem ao imagina-la nos braços do outro embrechado no ciume que feria a sua vaidade. Ela desvelara-se, ele analisava os estames da rosa da sua paixão.

Para que a torturava assim? É que a amara doidamente emquanto ela vivera do romance do seu martirio e queria-lhe como a uma menos eterea visão desde que a sentia romancista. A banalidade da existencia; aquele eterno mover da sua pena para manter o lar, que enfraquecia mais o seu organismo nervoso e já depauperado, geravam as perturbações oscilantes daquele sentimento em que havia colera e piedade, zelos e aborrecimento, o desejo de todos os amorosos da sua especie — os do exclusivismo em relação à mulher, os da volubilidade concedida a si proprio. — Queria que ela tivesse nascido e fosse guardada apenas para o seu amor, para os seus beijos. Ao sentir-lhe o passado sofria e fazia-a pagar com os tormentos alfinetados nos livros, nas palavras, nos olhares, e até nas referencias a outras mulheres tambem poluidas pelos casamentos de conveniencia.

Amava-a, mas a seu modo, ao extinguir-se-lhe a febre romantica, a novela que ambos viviam. Ao ficarem sós um com o outro, abatidas as dificuldades acirrantes da paixão, quasi se desconheciam. Passavam de personagens a autores.

Ana Placido não se empudorava de atirar aos leitores os seus sentimentos intimos. Aparecia-lhes, sempre, com o mesmo rosto de condenada, embora tocado duma beleza estatual: a das imagens formosas.

Ele dissera: «Ha mulheres como as flôres venenosas: Se te detiveres com elas mais tempo o necessario para lisongeares a sensação e regalares a fantasia, sentir-te hàs tomado dum marasmo de espirito, em que serão delidas as tuas mais nobres faculdades e a mais valida de todas, o mais nobre apoio da tua dignidade de homem, a Liberdade.»

Parecia responder-lhe senão a estes conceitos ao menos a alguma deplorativa queixa escutada na sua conversação:

«Porque me iludiste com chimeras até ao momento em que te vi a face toldada e desfigurada pela indiferença que aí estava escrita? E eu sempre a amar-te! Sempre a pensar no teu enfadoso viver, sempre a reforçar-me de coragem e sem poder nunca dizer-te: Sou eu que desato estes laços para ti tão pesados que te privam da liberdade.» (**)

Mas aonde se desafogava era no capitulo do livro que intitulava *A's Portas da Eternidade*, e no qual figurava uma mulher na orla duma sepultura escrevendo o seu trecho de despedida ao amante:

«Se eu podesse contar com a tua piedade, suplicava-te que te esquecesses do

(*) Camilo — *Anos de Prosa*, 3.ª edição pag. 207

(**) (***) Ana Placido — *Luz Coada por Ferros* — 2.ª ed. pags. 142 e 195.

que fui, considerando-me como irmã: e deixando-me chorar no mesmo seio que me abre as feridas. Sei, porem, que de pouco me valeria a humilhação. O meu unico conforto é a lembrança de que um dia, quando te branquearem os cabelos, quando a consciencia falar com os arrebiques emprestados por uma imaginação sempre ávida do desconhecido, o teu espirito voltará ao passado à procura desta sombra esvaecida que te arrancará o sincero pranto de arrependimento. Compreenderás, então, que eu era a mulher a quem não podiam ser extranhos os teus sonhos mais profundos nem as idéas menos lucidas que te passam pela mente. Não quizeste ou não pudeste. A tua velhice correrá triste e isolada.»

Nem mesmo se detinha num disfarce. Evocava uma data festiva, havia vinte e quatro meses, numa madrugada. «Dois anos, vinte e sete de setembro, quatro horas da manhã!... Serão teus passos, que de manso chegam ao leito onde repousa uma mulher que pouco depois recebias de joelhos?» Lembras-te daquele vestido de setim verde, daqueles adornos graciosos, daquele colo e braços de rainha como lhe chamavas?»

Se ele se lembrava e se lhes queria ainda! Mas aquele contacto diario, a morte da exaltação publica à volta de ambos, tornara-os em seu pensamento, talvez menos eburneos e realengos!

Como uma creança à qual retiram os mimos, exclamava queixosa:

«Porque me aborreces tu? Oh! amada por ti, desafiava o proprio Deus a tirar-me a vida, e com a certesa do teu odio sou eu que a corto, desafiando o mundo inteiro a salvar-me.»

Exagerava tudo na sua exacerbação novelesca; andara embebida num delirio e ao regressar à sua lucidez, desesperava-se. Ao romancista sucedia o mesmo, para demais a doença, o exgotamento apoderara-se dele que tanto trabalhara. Do Porto o seu editor anunciava-lhe exitos brilhantes, e cheio duma aspiração, menos de gloria e mais de proventos que os desacompanham, lidava ganhando o bastante para a familia que juntara à sua volta. Não esquecia a filha deixada no Porto, ao cuidado da freira, pedia a José Gomes Monteiro que lhe entregasse dinheiro. Este era um erudito que bebera no sientismo germanico pesada ilustração. Descambara na gerencia da livraria Moré e mostrara-se amigo daquele auctor privilegiado. Respondia sempre em termos gentis às suas cartas de negocios. Os medicos tinham aconselhado ao escritor o repouso que ele não podia gosar pois carecia de agenciar mais recursos e a sua unica machina de cunhar moeda era aquele cerebro, incandescente e fantasista. Acolhera-se a uma vivenda de Belas, a que chamava «um retalho do Minho que está escondido a três leguas de Lisboa» (*) e como adoecesse mais gravemente tivera que entrar na casa de saude do britanico Filipe Dart.

A sua vista ainda não melhorara totalmente; turbavam-no, nesse baforar do verão, todos os humores das suas doenças, sobretudo dos males secretos que lhe

(*) Ana Placido — *Luz Coada por Ferros* — 2.ª ed. pags. 195 e 196.

(*) Alberto Pimentel — *Os Amores de Camilo* — pag. 332.

abatiam o animo, a anemia lavrava-o em fundo deperecimento e o nervosismo proprio da sua compleição, os acidentes extranhos de todos os temperamentos que mais vivem do cerebro que dos musculos, reuniam-se para o acabrunhar naquele leito do que chamava «o hospital do largo do Monteiro».

Estava duma sensibilidade extranha; o que naturalmente lhe aparecia como sombras vagas no enfraquecimento, surgia em clarividencias. Trabalhava mais apressadamente a sua imaginação de histerico, e nessas horas dolorosas de sofrimento, no quarto de enfermo, creava extravagantes personagens, sucediam-se entrechos, acudiam figuras, ora apavorantes, ora deliciosas.

Maio, trazia-lhe em lufadas o «perfume das rosas dos jardins visinhos do palacio do sofrimento. Ana Placido, enchia-o da certeza de que ia ser pai. O marido nunca perguntara pelo primeiro nascido como a relega-lo a ambos.

O pequenito vira a luz longe dos beijos paternos; seria na beira dum catre de doente que receberia os primeiros afagos do dolorido responsavel de sua vinda ao mundo.

Tinham passado as festas dos dois mais queridos santos lisboetas e na vespera do dia em que se celebrava o terceiro, S. Pedro, chaveiro do ceu, de revoltosas barbas alvas, aparecia para as torturas dum inferno a criança robusta, de belos olhos, ao estralejar dos foguetes, das bombas, num chuveiro de fogos scintilantes e ao som das cantigas das moçoilas.

Camilo continuava sofrendo naquele aposento. Ele que tanto se embriagava com as claridades afogava-se na penumbra quando lá fora o sol calcinava, sequiosamente chupava os regatos e queimava as searas, sorvia todos os frutos e todas as imundicies numa devoradora ardencia de principe glutão.

A maternidade ligava mais ainda os dois amantes do que a sentença do tribunal que os atirara para os braços um do outro em maior amplexo que o gerado pelas vagas ao arrojarem a filha do João da Cruz para Simão no sulco duma nau de prantos.

Se Manuel Pinheiro Alves lesse as paginas desoladas que a esposa assinara no *Nacional* acreditaria no começo da expiação. Ele, porém, só de rancores vivia e à lembrança dessa mulher, o seu rosto, os seus modos, as suas palavras, deviam dilacerá-lo, destroçar-lhe a alma tanto mais que não podia fugir dos lugares onde a possuira, nos quais a sua voz se elevara, a sua louçania de criança se desvanecera no socalco duma cruz erguida diante do portão da quinta de Seide como na entrada dum cemiterio.

Ele deixara lá os parentes, os cavadores de mãos terrosas, e fugira mas não para muito alem. O Porto devia ser-lhe odioso; o escandalo, que lhe parecera uma tragedia, atenuara-se nas paginas do formidavel livro de paixão que fizera derramar lagrimas sem par. Sentia que já não o lamentavam. Tornara-se o homem odioso, o tirano, o velho sinistro que levara para o seu antro, como um ogre, aquela mocidade estatual. Guardara-a na soledade, tornara-a presa dos seus apetites até que, desalgemada, partida a gargalheira das convenções e dos preconceitos, ela se livrara como

lhe prometera ao sentir toda a grandeza do seu sacrificio na hora em que amara o outro. Contivera-se em lembrança da mãe, contrariara-se enquanto ela vivera, mas depois deixara-o, cantando, até que lhe arrancara dos labios as canções e lhas transformara em soluços.

Na cidade todos pareciam contagiados pelo *Amor de Perdição*. Só os do *Palheiro*, a gente da mercancia, ainda embreada dos principios que a tinham desgraçado, protestava. Camilo começava a anichar-se no altar dos corações femininos, onde reinaria na geração seguinte, como um santo mago e libertador, que prègara, apostolizara, amara e sofrera por amor, mas cujo martirio maior — o da eternidade duma paixão ante o mundo sem poder esquecer o passado da amada — elas desconheciam porque se assim não fosse talvez fechassem o seu relicario de tão grandes devoções.

No Porto atenuara-se, ante o talento, a furia de maldades; todavia, existiria sempre, e durante longos anos, em certos meios e no amago de algumas familias, a raiva funda contra o revolucionador dos velhos costumes, o destruidor, o vandalo que turbara a moral, o chasqueador dos ricos e dos grandes.

O marido de Ana Placido não podia, porêm, andar apenas nas rodas e nos lares onde se deitasse a oblata da colera na esmolneira dos seus desesperos.

Na aldeia os respeitos eram recordações doutro tempo em que tanto a amavam e sem querer ir para terras distantes quedava se não no logarejo, tampouco na cidade, mas a alguma distancia de ambas.

Uma vez Camilo tambem fôra a Vila Nova de Famalicão, entrara no unico albergue capaz — a hospedaria da Eugenia — fronteira ao café do *Gato* onde os mesmos freguezes continuavam a arrastar as mesmas pedras do dominó diante das garrafas pintalgadas das moscas. De manhã, ao abrir a sua janela de guilhotina, com os desasseis vidrinhos na brancura do caixilho, sentira o ruido arrastado doutra vidraça a erguer-se e a cara citronica e glabra de Pinheiro Alves surgira à sua beira. Das bocas de ambos sairam insultos, gritos de coleras, desabafos ouvidos curiosa e pasmadamente pelos frequentadores da locanda a cuja porta, outrora, no tempo em que o marido era confiante, o romancista namorava a formosa mulher de costas voltadas para os batucadores de pedras de jogo, scismaticos contempladores de chicaras vazias e barulhentos puchadores de ensebadas cartas. (*)

Fôra tudo. Ele o ofendido, não sacara duma arma, nem se desafrontara. Bem dissera o *Nacional*, que «ele não tendo a coragem de usar do direito da vida e de morte que a lei lhe dá, a tem, todavia, para assistir aos funerais da sua honra.»

Apesar desse encontro, e da possibilidade doutros, acadrimara-se ao *Vilanovense*, instalara-se no seu aposento, mostrava-se à mesa redonda, livre das bisbilhotices desenvolvidas à sua beira nos sitios onde interessava ao publico o drama de amor da mulher com o celebrado escritor. Ali era um brasileiro como os outros, proprie-

(*) Informações colhidas em Famalicão onde manam recordações de Camilo, do marido de Ana Placido e dos filhos que ela teve do escritor

tario, individuo «que tinha que perder,» com seus modos chãos, sua corrente de oiro e suas opiniões sobre trafego e colheitas.

Fica sempre um pouco de afecto pela terra no minhoto por mais disparidade que exista entre seu mister e os cultivadores.

E' a raiz ligada ao solo pela sua infancia apegada à leiva. Ele para ali vivia à lei de todos os outros, tendo o seu quarto, o seu logar, a distração da botica e dos dias de mercado. Conversava mas no fundo do seu peito tão pouco se recalcava a dôr que fusilava odios impotentes. Esverdinhara-se-lhe a tez. Não os podera mandar para o degredo, enlivicia-se e talvez que ao vêr-se no espelho pensasse ser o seu rosto, acusador do sofrimento a mancha do seu atormentado espirito.

Devia ser isso com a bilis acumulada nos anos do trafego no Brazil. Vivia na mancebia dos seus rancores e queria-lhes tanto como bem amara a mulher. Devia ter vergonha de não saber vingar-se; a consciencia do valor maior do amante dela sobrepujar-se-ía em seu animo. Teria medo de abrir um jornal para não deparar com um elogio ao odiado. Perto dum ano após a libertação dele e da que fôra sua esposa, fizera seguro testamento para não lhe deixar veleidades sobre a mais parca migalha além do que caberia ao filho batisado em seu nome. Não podia despojar-se de tudo.

Não quisera arruinar-se, fazer doações em vida, amoroso tambem do seu dinheiro como dos seus torrões. Dera-lhes o sangue e a força da mocidade; a ancestral avareza decuplicava-se no homem que «tinha de seu» e emquanto o possuisse sempre receberia as venias, os carinhos, os afagos, cubiçosos sim mas gratos à sua alma arida, tempestuada desde o lance do abandono a que fôra votado.

A doença fizera-o requintar mais na vingança; teria medo de morrer subitamente e que a adultera aproveitasse de seus bens. Chamara a si o velho Souza Barbosa, que lhe assistira sempre, com o vice-consul do Brazil Agostinho Francisco Velho e Antonio Bernardo Ferreira, o das exibicionistas venias a Camilo e depois dos despejos irados; convocara-os para testemunhas das disposições que, pouco confiado nas suas letras, ditara a João de Almeida Pinto e Silva.

Queria após a morte, uma singeleza à sua volta. O outro escrevera com ortografia dum livro de armarinho que se mandaria fazer «uma sepultura dessente» no cemiterio da Lapa. Começavam, os legados «aos cunhados Placido, Eduardo e Alberto duzentos mil reis em metal por uma só vez.» Eram os irmãos dela que, à excepção dum, a tinham desprezado, e aquele mesmo — o acolhedor — fizera partes de amigo esperançado no seu regresso ao convento.

O resto da herança, dividia-o pelos da sua banda, a parentela cavadora, o José, filho do seu mano Francisco, e os seus sobrinhos e sobrinhas, da prole do outro irmão, do João, exceptuando uma rapariga: a Narciza. Debalde se investigaria essa colera contra a camponeza. Não concluira ainda; alem de oitocentos mil reis de gratificação aos testamenteiros queria que se celebrassem cem missas por sua alma e pelas dos pais e irmãos mais duzentas de doze vintens.

Blasonava de catolico romano, de crente «em todos os Dogmas e Doutrinas de tão santa como verdadeira religião.» O resto da fortuna seria segundo a lei, pertença do filho que teria um tutor.

E agora na orla da eternidade, esmagado pela doença no leito desacompanhado do *Vilanovense*, mandara chamar o sacerdote para se lhe confiar.

Era num quente dia de Julho. O Minho exalava a sua vida fecunda e ele ia morrer. Cantavam as aguas das regas entre os milheirais e já engrossavam os bagos das uveiras; nas sombras largas dos parreirais formosos merendava-se e uma embaladora poesia, vinda das vozes das mulheres, enchia, os espaços azues. Ali, naquele quarto de doente, cheirando a remedios, no escuro, tratado por mãos mercenarias de servas, ia expirar. Aqueles quatro anos roubados ao contacto da mulher por sua fuga, tinham sido a sua maior tortura, a fonte empeçonhada de todo o seu mal.

Vivera junto dela, altivo de sua beleza comprada, naquela mesma albergaria onde já moribundo ouvia os passos egoistas dos hopedes e os rumores da rua. Lá fóra um banho de luz alastrava formidavel e bemdita, tocava as bouças, scintilava nas cruzes das egrejas, nos campanarios, no ermiterio de Seide, em todos aqueles templos para onde atirava a sua piedade, a sua fé, a sua devoção supersticiosa, talhada no seu intimo de rico curvado à religião e ao estado. Crente sem convicção e sem arroubos bem o mostrava ao vêr entrar o padre que o vinha confessar nesse dia soberbo do lindo mês das avesinhas novas.

«Olhe que eu não lhes perdôo . . . Ouviu, padre . . . Eu não perdôo nem a ela nem a ele . . .

O reverendo pasmou ante tão singular coragem na hora da morte. Debalde o quiz conduzir à razão, aos ditames religiosos, aos preceitos da fé, obter as indulgencias divinas do Senhor desde que perdoasse aos seus inimigos.»

O moribundo, só sabia acentuar:

«Não perdôo, nem a ela nem a ele. (*)

E Manuel Pinheiro Alves, que mandava rezar missas por sua alma morreu impenitente, sem absolvição. As vestes do padre roçagaram no escuro corredor. Iam entrar os herdeiros.

Havia exactamente desoito dias que nascera o filho adulterino de Ana Placido. (**)

O escritor estava sentado no leito da casa de saude a lêr, naquela noite em que o outro expirava no pobre hotel provinciano abandonado. Ambos se encontravam longe da que tinham amado. A subitas Camilo sentira na garganta um aperto extranho, como se o laçasse fortemente a corda dum garrote. Havia luz no quarto; era

(*) Ouvi a um respeitavel camilianista de Vila Nova de Famalicão, o sr. Sousa Fernandes, esta narrativa a qual fôra escutada ao proprio sacerdote.

(**) Nasceu em 28 de Junho de 1861.

numa noite formosa de verão e num bairro burguês de Lisboa, guardado pelas patrulhas; porem ele sobresaltara-se e enchera-se de terror. Julgara sentir cinco dedos enclavinhados numa convulsão nervosa a cortarem-lhe a respiração, falanges ferreas grampando-o num alento sobrehumano tão forte quanto rapido como se desfalecessem para sempre após aquele derradeiro esforço, na mão ainda quente dum agonisante. (*) O romancista apavorara-se; sentira o sufocamento, uma bola histerica mais intensa a cortar-lhe a respiração, mas jamais deixou de suspeitar um sobrenatural, e bem tetrico castigo.

Ao cotejar a noticia da morte do rival com a hora da desesperada pressão nas suas carnes, ficara-se a scismar se alem das vinganças dos vivos não existiriam outras mais extranhas, conduzidas por um sortilegio ou por uma sciencia ignota desde as orlas do Alem até à materia humana.

Começava a visionar não duendes, fantasmas, mas os terrores do desconhecido. Jámais deixaria de scismar nessa singularidade do seu estrangulamento doloroso na noite de Julho em que o outro expirara e na qual ele se encontrava calma e socegadamente a lêr na sua cama de enfermo. Era um nervoso, um enfraquecido, aptissimo receptor dum fenomeno telepatico ou apenas a vitima duma convulsa ansia nervosa, na hora dum acaso macabro? Nunca se poderá desvendar, mas Camilo sentira a mão engrifada a garreá-lo e dizia ao narrar o caso, insistindo nele:

«Ha coincidencias terriveis, correlações misteriosas no destino dos homens.» (**)

Impressionara-se vivamente mas não tanto que receasse, quasi de seguida, volver-se aos locais onde aquele inimigo vivera intensamente, de se alojar, mais tarde, nas visinhanças do quarto onde ele se finara.

Ana Placido, ao cabo dum mês do nascimento do pequenito, chegava a Famalicão; dali dirigiu-se para Seide. Como andava sempre vestida de seda negra ninguem poderia vêr no seu trajo um propositado luto. Seu filho Manuel herdava com ela dois predios no Porto (***) e um em Braga, alêm da casita de campo que o Pinheiro Alves mandara edificar sobre o cardenho ancestral. (****) Apesar de todos os cuidados e reservas o capitalista não pudera, por não se querer privar totalmente de seus bens, deixar na miseria aquela odiada mulher.

Porque era mãe da criança nascida no lar e registada nos arquivos paroquiais não a desapossavam. Herdava do marido, herdaria do filho. E o *Palheiro* falou de novo. Nunca se chamou a este rapasito nas conversas, senão Manuel Placido

---

(*) Esta scena tetrica é contada pelo sr. Alberto Pimentel que a recolheu do proprio romancista conforme assevera no seu livro *Os Amores de Camilo* — pag. 333.

(**) Actualmente são numerosissimos os exemplos do que se convencionou chamar «fenomenos telepaticos.» Camilo narrou nas *Noites de Insonia*, um caso semelhante ao seu e o qual atribue o sucedido a um amigo na mesma casa de saude do Largo do Monteiro á Estrela. Mais tarde queixou-se de sufocações assiduas combatidas pela medicina com anti-espasmodicos.

(***) Os predios do Porto eram na rua do Bomjardim 856 a 862.

(****) Ana Placido herdou uns 15 contos e o filho perto de 8.

Á mãe ficava o encargo de o educar e manter conforme requerera sob a tutoria do visconde de Lagoaça (*) passada depois ao barão da Trovisqueira. (**)

Empossada da casa aldeã, da qual seguiria mais de perto a questão do inventario, recebendo ainda um adiantamento para sua mantença, aguardou que voltasse a felicidade. Tinha já quatro anos o primeiro filho e era claro e forte; parecia-se muito com ela, não tinha traços do marido e já se inclinava a sorrir sobre o berçosito do irmão.

Na convalescença de Camilo foram, livres de peias, ao seu querido Bom Jesus do Monte. Já a sociedade não os impedia de se verem e aqueles bosques, onde se tinham estremecido, pareceram-lhes diferentes. Não encontravam os ecos doutrora, as doçuras das folhas no sussurro mansissimo da brisa, os regatos cantando, o contraforte luminoso do Gerez com suas arvores anãs e o vale magnifico do caminho de Lanhoso disfrutado das estradas com o Cávado e o Homem a beijarem-se como dois irmãos ao cabo de longa viagem e ao rojarem-se aos pés duma cidade feia mas sagrada, a Braga canonica cheia de velhas embiocadas, de padres, de sacristães e sineiros, parasitarios das velhas abundancias religiosas, mas tambem tocada duma fé ardente na qual perpassa a magestade da sua pomposa tradição arquiepiscopal mais enaltecida por um humilde prelado quasi desdenhoso da mitra para não deslumbrar os pobres.

Andaram os dois amantes a vêr os lugares onde outrora tudo lhes parecera magnificencia e beleza quando ela deliberara fugir do lar, após o nascimento do filho, e ao lado da querida o romantico só novelescamente sabia falar. Agora vinham recordar, reintegrar-se na sua paixão, pedi-la às arvores, às aves, às pedras, às cortiças dos troncos onde tinham entrelaçado os seus nomes. Ele sentiu frio. Estava-se no começo dum outono. Já ia distante a estação canora, a dos chilreios das aves que implumam e voam baixinho como o amor que não se quere perder.

Havia altos e descidas, montanhas e vales naquela «imcompreensivel alma.» Se o dia acordava alegre, ele conformava-se com a vida mas achava tambem em certas manhãs ser scintilante em demasia para os seus pesares a gala da natureza.

Sensibilissimo, tornara-se um ser de extremos. E' certo que diante daquela paisagem traccjou sarcasmos quando de auroras eternas outrora a vestira mas deviam porejar da doença as ironias arremessadas ao Bom Jesus. «Eu dantes não me constipava. Era o clima de Paraiso terreal para mim, aquele»!

«Bastava-me a lava interior para reagir às frialdades da periferia.» (***) Atirava às arvores da floresta a sua descrença. Exteriorisava-se a sua volubilidade e o cançasso dum espectaculo conhecido. Arrazara-se «o viveiro de oiro donde me saíam as pombas candidas das minhas quimeras.» — escrevia ele — na confissão de ter em-

(*) Antonio José Antunes Navarro que em 1864 passou a conde do mesmo titulo.

(**) José Francisco da Cruz Trovisqueira baronado com o apelido em 14 de Janeiro de 1864.

(***) Camilo — *No Bom Jesus do Monte* — 3.ª ed. Capitulo relativo a 1863.

prestado ao logar formoso mais beleza, da que topada agora, pois sentia até o cantico dos passaros «como o gemer da ave hibernal sob um tumulo.»

Considerava esse seu aborrecimento como um castigo, julgava ouvir a voz do Senhor a bradar-lhe «Expia!» Depois recapitulava o que encontrara nesses bosques fragrantes das essencias das arvores, gorgeados e cheios de ninhos, guardados pelas folhas amigas às quais as aves confiavam os filhos, e parecia vêr um cemiterio sombrio no qual os plátanos fossem duendes, subisse o cheiro enjoativo dos brandões, sinistras vozes se ouvissem, as pedras se abaulassem como campas e até os afofados berços das aves lembrassem caxõesitos de inocentes em vez de conterem alvoradas de vidas. Só evocava finados, Carlota, defunta, D. João d'Azevedo louco e caído, a irmã — dizia ele — pior que morta, velha, e tambem nas sepulturas Jacinto Navarro, Fanny, José Augusto, e por fim nessa necropole dos seus afectos até sepultava em termos pejorativos, «a mulher de paixão,» «a mulher que me acorrentou a um cadafalso de suplicios ignominiosos», «a mulher que me levou as virtudes d'alma,» «a mulher a quem a Providencia divina em sua ira justiceira atirara aos grifos do dragão do mundo,» «a mulher que me fez odiar a justiça de Deus e insultar a providencia dos homens» e exclamava: «essa mulher morreu!» Relembrava a doce Maria, irmã dela e balbuciava, ainda, que morrera tambem.

A esta não a podia ressuscitar mas à «mulher da paixão», à mãe do seu filho, achava maneira de a fazer regressar à vida se lhe perdoasse senti-la-ía como uma morta, porque ele proprio se imaginava uma sombra do alem.

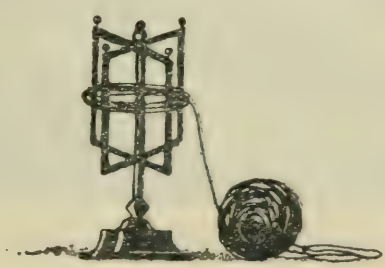
Naquele inverno horrivel de Seide, na casa que ela habitara durante a lua de mel, mostrava-se-lhe amante e andava saudoso da primavera no regelo da neblina das serranias, nas tristesas dos vales, no toucado pardacento dos pinhais afogados nas cordas dagua, sacudidos pela ventania que os fazia trocar entre si dilacerantes gritos de condenados à grilheta da terra sob as coleras do ceu. Julgava-se ele proprio, já longe, sob uma lousa ao dizer à sua Ana Augusta: (*)

«Ao voltarem de abril as rosas lindas
E as arvores vestirem as suas galas
De mim te lembrarás
Que tu bem sabes, filha, quanto era
Amante dos festins da primavera
Das rosas e lilàs

Depois irão teus olhos divagando
No doce azul dos ceus, e, talvez, triste
A' terra os voltarás
E vendo em derredor a soledade
Bem pode ser que digas com saudade
Camilo! aonde estás?

(*) Escrita em Seide em 11 de Dezembro de 1863.

Pagar-lhe-ia assim os maus dias de coleras, e de desesperos, e a aldeã pousada de S. Miguel de Seide, aquecer-se-ia com os seus beijos e com a brazeira emfim renascida de mornas cinzas nesses frigidos dias, que ele ali passou no logar onde o outro — o morto de que não falara — tantas caricias fizera à «mulher da paixão.» Voltavam a querer transformar o novelo num orbe.



O mirante de Ana Placido, em Seide (cliché do ilustre agronomo dr. Veloso de Araujo, de Famalicão).

XI

NOVELA DA RUA, TRAGEDIA DE CASA

SEIDE EVOCADORA — OS FILHOS DO AMOR CONTRARIADO — O FRUCTO DUMA PAIXÃO MORTA — CASAMENTO DE D. BERNARDINA AMELIA — O NOIVO — CASTILHO EM CASA DE ANA PLACIDO — AMOR BUCOLICO POR UMA PERDIDA — CANTADEIRAS MINHOTAS — A AMELIA DE LANDIM — ESBOÇO DUMA NOVELA Á BEIRA DUM DRAMA

A Casa de Seide era melancolica no inverno diante da paisagem afogada em brumas: pinhais e pedregulhos, torrões amassados em lameiros, fraguas feitas cascatas rugidoras sob os repuxos das aguas despenhadas das lombas visinhas.

Um ceu cinzento, côr de tristeza, toldava a extensão e com o presbiterio fronteiro, sua musguenta cruz, o largo empoçado a aviventar hervaçais, a moradia, ladeada por seus muros nas extremas, apresentava-se sombria no ocre desbotado.

Em feição e indumentaria não se desviava do casalejo minhoto; quinchoso afofado a mato, a esteva, a urze, lobrego como um tunel, arribanas de gados, redis, capoeiras, currais e pocilga, os abrigos dos carneiros, bois e suinos que todos os lavradores da região possuem para o cardamento, o amanho da leiva, o carreto e a salgadeira.

Em cima do andar corrido com seis janelas, de guilhotina, duas à direita e quatro à esquerda da porta, enxertava-se um pavimento alumiado por cinco ventanas. Nas traseiras, sobrepostas às seis fenestras do primeiro piso, outras três se abriam sobre o campinho. Fumegava uma larguissima chaminé da lareira, e um tubo de folha enegrecido, expelia as baforadas do fogão de ferro de aquecimento da sala. Outra abertura em arco, num capricho de trolha local, se esgarçava para as bandas do rio, o Pele, engrossado e rumuroso a alargar as margens. Abonava largamente de agua a azenha trabalhadeira que ali estava à busca duma novela com a corrente forte, a invernia, a tristura negra das noites infindaveis em que se ouviam remeximentos de rebanhos, chocalhos sacudidos, o bolir das ovelhas, o longo mugir

dos bois, ladridos furiosos de cães fariscantes, antes dos galos, num alarme de azas, charamelarem à alvorada.

Então a porta abria-se para a escada de pedra, de quatorse degraus, a deixar vêr alguma serva; rangia o portão de ferro fronteiro da egreja e começava a faina.

Desenfolhados os carvalhos e os choupos, os pinheiros arvorando trapicalhos de neve, muito se esfumaçavam; levadas regougavam, cachapavam cheias, zuniam os ventos e com as bategas, o frio, historias medrosas de caseiros, duendes aparecendo nas montadas, malignos olhares deitados aos animais e às gentes, proesas de lobos sob os nevões, formavam a moldura da vida dos amantes, na residencia edificada pelo marido e onde Camilo gosava nos primordios da sua paixão.

Sacudidos pelas rajadas, os pinheiros no seu roçagar de troncos, no violento oscilar das ramarias, desconcertavam suas orchestras loucas nas noites e durante os dias, agitando as cabeleiras vastas, pareciam combater-se na vaguidão da luz.

Ao começo ainda o escritor fez os seus versos à amada, na vespera de Natal, quando mais se estreitava a alegria da familia minhota. Entre dois berços, naquela moradia do morto, ele reencontrara o entusiasmo para lhe dizer:

«Quando em teu coração imaculado
O teu anjo infantil ainda sorria
E tu vinhas aqui festiva e pura
Avesinha de amor toda poesia
Scismar tristesas nas tristesas doces
Prantos verter mas prantos de alegria
Não eras tão feliz Ana, não eras
Ó Santa flôr das lindas primaveras?»

Achava um encanto naquela existencia ali esquecidos do mundo. Sem que acudisse à sua retina a sombra do outro — do defunto — enroscara-se no seu ninho, procurava nas salas a que mais convinha ao seu labor. O prazer da novidade escurecia-lhe os assomos da consciencia. Considerava-se o senhor daquela mulher herdeira dos bens de Pinheiro Alves, a quem a raptara. A sociedade maldizia o que chamava o conubio. Envolvera-se num halo de poesia e não acordava para os preconceitos sociais. Despresava-os, transmudara escrupulos em ancias de gosos, querendo exgotar em paroxismos toda a sêde resurgida do seu amor.

Envolvia a amante numa doce evocação:

. . . . . .
«Não lhe veiu. Tu vias no futuro
«Anos depois essa visão mais triste
«Ali virás sentar-te, ali na pedra
«Daquela mesma cruz onde me viste. (*)

(*) *No Leme*, com a data de 20 de Dezembro de 1863.

E a pobre cruz pingava a agua das chuvas fortes como os pinheiros que pareciam baguejar grossas lagrimas deixando ao rio o soluçar de suas maguas.

A residencia era grande para eles que queriam aconchegar-se. No andar havia um pequeno quarto destinado à ama e às crianças; ao lado abria-se a sala de visitas com seus tectos abaulados; quando se passeava mais agitadamente os moveis tremiam e ressoavam profundamente os passos. Outras dependencias estavam meio vazias de moveis, uma escada de doze degraus conduzia ao piso superior onde eram os aposentos particulares. O gabinete que ele escolhera era amplo, a sua mesa vasta ficava defronte das janelas pelas quais iam entrar os sorrisos da luz, quando chegasse a primavera, a fundir os nevões. Lá estavam as aldeias de nomes cantantes e sonoros, algumas à sua vista, outras a rodeá-lo, a chamá-lo, Vermuim, Ruivães, Landim, Pragal, em baixo Famalicão, mais à sua beira Anta, a distancia o Ave, a banhar Santo Tirso. Ia devassar o Minho e ao sentar-se à banca sentia-se alegre porque encontrara renovos no seu amor, remigios fortes nas azas dos seus sonhos. Ana Placido aparecia-lhe como nos tempos em que ia vê-la romanticamente sentada nos degraus daquele cruzeiro secular, musgoso, agora a verter os prantos das chuvadas. Molhava a sua pena no tinteiro pesado e cada vez que se queria julgar feliz olhava para o passado. Assim como o seu anel de ferro com as tibias e a caveira lho relembravam, bem como o final de todas as ambições e dores, do mesmo modo encontrava, no rememorar do amor, seivas iguais às das arvores floridas na estação nova que se aproximava.

O Pele volvera-se ao seu manso gorgolejar, até as piteiras se enfloravam nos valados, toucavam-se de luzes os comoros e os lavradores cantavam. Tinham fugido os lobos com a claridade, ou perturbados por tantos perfumes que subiam da terra estrelada do amarelo das giestas, do branco dos malmequeres, do roxo das urgueiras. Tudo ressuscitava; as aves pequeninas noviciavam nos vôos e nos esteios grelavam os pampanos das uveiras. O pinhal guardava a tranquilidade serena duma nave de pilares erguidos para o ceu. Quedara as furias; se a aragem bulia em suas carumas, o pinheiral parecia resar.

Os livros do exilado voluntario obtinham exitos (*) e agora, naquele casal de lavrador minhoto, quasi desconfortavel, mal mobilado, Camilo traçava o prefacio da sua obra, *No Bom Jesus do Monte*, no qual se dirigia ensaudado a Francisco Martins Sarmento declarando-lhe ter morrido a «mulher da paixão».

Torcera-se em curiosidades de desvendar os misterios do cabeço onde se ergue o chamado Castelo de Vermuim — «um acervo de penedos onde nunca entrou broca nem estanciou gente que não tivesse cabras a pascer pelas lombas das montanhas». Incrustara em Ruivães, visinha de Seide, a casa onde o bom Afonso de Teive encontrara a felicidade após as torturas da vida, no seu *Amor de Salvação* e onde se

(*) Antes de ir para Seide publicou, nesse ano de 1863, o prefacio da 2.ª edição do *Amor de Perdição*, *Anos de Prosa*, *Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado*, *O Bem e o Mal*, *Estrelas propicias*, *Memorias de Guilherme do Amaral*, *Noites de Lamego*, *Scenas inocentes da comedia humana*, *Agulha em Palheiro*.

confessava assim: «os meus vinte volumes e o meu tinteiro de ferro estão hoje sob o tecto gazalhoso duma alma que eu noutras eras encontrei na minha. Não sei ha que seculos isto foi nem que congerie de abismos nos separam para sempre». Desvendava-se: «Parei aqui, porque ainda aqui, a tempos se me figura rediviva a imagem do passado, ainda aquela alma se me hospeda no coração em instantes de sonhos do ceu, ainda a pedra tumular das afeições caídas à voragem infernal do desengano, está fendida sobre a derradeira: que a saudade é ainda um afecto, excelso amor, o melhor amor e o mais incorruptivel que o passado nos herda». (*)

O seu primeiro romance, escrito na casa do capitalista, finado no desespero, ousava declarações estranhas do fim dos seus sonhos e, todavia, se já não sentia Ana Placido a conviver com os literatos de que se enciumava, encontrava na propria imaginação e nos seus pesadelos pretextos para ciumes. (**) É que a amava sempre a seu modo: amor de voluvel feito do capricho de oiro da luz e de pardacentas nevoas. Pintava nas suas paginas uma visão dolorosa que o atormentaria varias vezes pela vida fora, agitada no seu sono. Acordava cioso dela. E apesar de na obra maltratar seu antigo afecto, ao abrir de Junho, quando minguavam as aguas dos rios, o sol incendiava as paisagens, e apeteciam os merendeiros nas vastas sombras, o escritor traçara, sob o retrato, que lhe ofertava, uma dedicatoria meiga, suave, suplicante: «Amas o teu Nino?» E Nino era ele, como nos tempos romanticos da correspondencia para o convento da Encarnação de Braga.

Embebera-se no Minho, começava a scenografar suas figuras, a descrever suas aldeias, a revelá-lo e enquanto andou entretido não despertou nessas salas onde vivia acompanhado de suas personagens e não relembrava a lua de mel de Ana Placido adentro dessas paredes em cujo ambito se lhe confessara gravida de novo.

A criança nasceria em Setembro, a 15. Esse mês influia muito na vida da mãe. Em Setembro viera ao mundo, casara, teria aquele filho, o segundo mas o legitimo, visto já ter falecido o marido do qual não se desquitara, o dono daquela moradia onde o amante criava fantasias como a afugentar as rialidades.

Nas *Vinte Horas de Liteira*, em que relembrava os tempos das suas viagens atravez do Marão, da escarpa transmontana até ao Porto, de alma perturbada, amaciava suas coleras contra alguns «brasileiros.» Intercalara na obra, trechos minhotos vividos na sua recente estadia, tratava-os com interesse e referia-se à sua companheira crismada noutros romances em Adriana. Numa carta dirigida (***) por um namorado à esposa do capitalista Francisco Elisiario que a «amava até à ferocidade dum

(*) Camilo — *Amor de Salvação*, 4.ª ed., pg. 39.

(**) «Vira Teodora em trajos de bacante, revolteando umas valsas lubricas, e atirando-se ebria e torpe de impudicicia aos braços dum homem.» — Id., id., id., id., 178. — Isto foi escrito em 1864; numa carta para Ana Placido, datada de dose anos depois, diz-lhe: «Um perverso diabo se me apossou do espirito esta noite e não m'o larga. Vejo-te sempre nos braços dum homem — aquele que apareceu nas alucinações do Jorge». — *Escritos de Camilo*, por Julio Dias da Costa, pg. 49.

(***) Camilo — *Vinte Horas de Liteira* — 2.ª ed. pag. 70.

molosso que espia a caverna onde se lhe esconde a corça» havia passagens que ele naturalmente, outrora enviara à Placido: «Estive hontem no teatro lirico». «Que deliciosa musica a do *Trovador*, minha querida Adriana. Lembras-te sempre: foste o meu pensamento triste naquelas horas alegres! Tu tão nova e tão linda aí fechada a ouvir resonar o monstro!»

«Que vida a tua! que mocidade sacrificada ao ouro amaldiçoado e pesado como a tampa duma sepultura!»

«E o que é sobretudo atroz, é teu marido ter uma saude que aflige a gente! Estás casada ha três anos e não me disseste uma só vez que teu marido estivesse palido.»

Camilo apresentava «o monstro» «à beira da mulher com esta carta» e ululava «por largo espaço.»

Adriana redarguiu-lhe quando a paciencia a desamparou, e ele, alucinado pela ameaça da separação, chegou a levantar uma cadeira para derrubar o «aprumo da mulher.»

Isto eram reminiscencias do escutado à amante mas para o animo dela devia ser torturante a forma de remeter a formosa protagonista aos braços do velho esposo como a arremessar o modelo. (*)

Concluira ainda em Seide *A Filha do Doutor Negro*, e quando o inverno voltou, sentindo-se isolado em demasia, farto daquele sitio, que não lhe trazia à imaginação mais do que desespero, deliberara partir para o Porto. Ia gosar da sua merecida gloria, vêr os amigos, lidar com os literatos, e baptisar os filhos. (**)

Não era o horror de assistir no mesmo local onde ela se entregara ao marido, onde tinham vivido juntos que o obrigava a saír da aldeia porque se assim pensasse não escolheria para residencia a mesma casita dum só piso onde Pinheiro Alves morara celibatario e para a qual levara a mulher. Era o mesmo andar, em que a vira debruçada da varanda, diante de cuja porta de cancelinha verde, passeara a pé e a cavalo, era a residencia conjugal, tantas vezes namorada do passeio e o ambito da leitura de suas primeiras missivas de amor.

Entraram ambos no lar, levando três filhos, um o mais velho, reconhecido pelo homem que entre aquelas paredes formara o seu ninho, os outros produtos dos singulares amores dos dois romanticos ligados para sempre.

Se ao espirito tão cioso do escritor não acudiam coleras, na alma de Ana Placido, vibravam desenganos, fremiam queixas, desolações. Tambem escrevia trechos tristes de aborrecimentos, dos quais se exalavam amarguras. O seu livro *Luz Coada por Ferros* nem sequer tivera o sucesso da curiosidade, do interesse, e entretanto cons-

(*) Nos fins de Outubro de 1864, acabou as *Vinte Horas de Litteira*.

(**) Foram batisados no mesmo dia 6 de Janeiro de 1865 na egreja da Victoria do Porto. O mais velho chamou-se Jorge e teve como padrinho Antonio de Azevedo Castelo Branco. O segundo, chamou-se Nuno e foi afilhado do dr. Custodio José Vieira.

tituia quasi uma autobiografia; trabalhava um dramalhão extraido dum romance de aventuras, e que intitulara *Aurora*. (*)

Começou a publicar-se num periodico portuense intitulado *O Civilisador*, mas a folha efemeramente vegetou.

Confessava-se ao publico ao recapitular a sua vida desde os desoito anos. Fazia claras alusões ao casamento de conveniencia, ao seu pranto, à «tunica de penitente» que envergara para a rasgar despindo-a ao derramar a sua «primeira lagrima» a qual caíra «no estrado em que ajoelhara anjo para se levantar mulher».

Lamentações enormes se seguiam nas quais apareciam corações sangrando, e torturas, com novos prantos, aos vinte e cinco anos. Concluia apresentando-se, aos trinta e dois, a idade que passara, havia vinte e tantos meses, (**) como uma mulher sentindo a «velhice a bater-te à porta; o desvalimento a sopezar a tua cruz; e o castigo, a expiação maldita e adorada, a arcar com os teus sublimes esforços para a vencer!»

Nesse trecho em que chamava adorada à «expiação maldita» revelava, sem querer, o prazer encontrado no sofrimento.

Eles gostavam um do outro atravez dos romantismos antigos, (***) ao encontrarem-se humanos sentiam a brutalidade, depois volviam-se ao sonho e pareciam achar sadismos em se maguarem para melhor apreciarem as caricias reconciliadoras da alma e da materia.

Diferente era a mulher tida dia a dia na intimidade e no desalinho, da visão clara entrevista num baile; e assim se afastava a dona de casa lidando com as servas, dando ordens, velando pela mesa e pela roupa, da dama imaginada num gabinetezinho perfumado a escrever sentidas cartas de amor; bem desparecidas surgiam a mãe, embalando os filhos, da poetisa inspirada que se julgava uma flama, uma nuvem, um astro. Uma era o espectaculo; a outra o bastidor. O desinfeitiçamento nasceria da trivialidade porque ele era um romantico mas voltaria a encontra-lo exactamente porque na vida só bemqueria o sonho. Se o conseguia queria-lhe. Lembravam ambos fumadores de opio. Porque suas carnes e seus espiritos se conjugavam, embora já em mais fugidios momentos, eles não podiam afastar-se nem nunca malquererem-se. Era certo que ardiam em ciumes; logo existia amor.

Ela dera-se a entrelaçar o seu espirito nas cousas da religião como se seguisse as pisadas do amante que embrechara singularmente a sua literatura. Os artigos reli-

(*) Extraido do romance de Mery *Les damnés de l'Inde* e que se destinava ao beneficio da actriz Maria Adelaide.

(**) O artigo apareceu em 1865. Ana Placido nascera em 1831. Contava pois 34 anos.

(***) Camilo sentia tanto a influencia dos romances nas almas que descreveu assim a sensação duma das suas heroínas: «Os personagens femininos da novela moderna são quasi todos a copia fiel da brilhante extravagancia do espirito. Leem-se e a simpatia em vez do riso nos impressiona. Imitam-se, onde ha espaço, e é preciso tê-lo, ainda assim, para as scenas grandiosas, que afinal desfecham em tragedias que o mundo, futil e chocarreiro, denomina «comedias».—Camilo—*Agulha em Palheiro*, 4.ª ed., pg. 225.

giosos do *Cristianismo* e da *Cruz*, escritos quando tentava o sacerdocio, enfeixava-os em volumes: a *Divindade de Jesus*, as *Horas de Paz* e logo em bem mundanais assuntos se mergulhava ao escrever *O Esqueleto*, a *Sereia*, as jocosidades do *Morgado de Fafe Amoroso* com as de *A Queda dum Anjo*. Ana traduzia o *Mês de Maria*, obra em cujas paginas o autor, o oratoriano Augusto Gratry, da Academia Francesa, amenizava os seus concertos de filosofo e teologo das *Sources* e dos *Sophistes et la Critique*.

A seu lado vivia aquele homem amado por tantas singularidades e que não se coíbia de descrever as sensações que o tomavam, mal se importando com a sua situação.

O escritor olvidava a amante, ou não a podia esquecer um só minuto? Apreciava assim as adulteras:

«Chega uma hora em que a mulher esfacelada pelas cordas em que estrebucha, quando a mão inexoravel do dever lhas estira e reaperta, sente em si a desesperada ousadia de pregoar à face do marido o seu amor maldito.

«Se o insulto à moral não se desprende, então, dos labios febris da energumena, é porque em todo o coração congestionado de sangue peçonhento, como que se abre uma valvula por onde os pulmões ingerem um oxigenio purificante.» (*)

Devia lêr estas cousas mas sabia que ele encontrava sempre defezas, separações entre as suas heroínas e o correntio da vida. Em todo o caso chocar-se-ia mais com os actos da existencia dele do que em presença de seus desabafos literarios.

No meio de ambos caíra de chofre uma noticia relativa à filha de Patricia Emilia.

Recordá-la era relembrar os antigos amores, a sua aventura, a primeira prisão por um caso sentimental.

Bernardina Amelia ia casar-se. Tinha apenas desassete anos, fôra educada sob a vigilancia da velha freira, D. Izabel, no convento da Avé Maria. Da paixão por Camilo, ficara na alma daquela mulher uma dedicadissima afeição pela pequenita cuja mãe vivia em Vila Real, sem perdoar ao seductor, desarreigada do romantismo que a perdera. A abandonada era professora, ensinara parentes de Camilo, desabafava com as discipulas as suas dôres. Quando lhe chegou a carta da monja solicitando a licença para os esponsais, concedera-a, sentindo chegado um arrimo à criança cujo pai a sustentava mas que vivendo ao lado de outros filhos, mal lhe podia dar carinhos. O namorado tinha quarenta anos e era muito rico. Antonio Francisco de Carvalho — a quem chamavam O Carvalho da *Restauração*, por nesta rua tratar de seus negocios — era um «brasileiro» com dusentos contos de fortuna mas de indole diversa dos enriquecidos nos armarinhos e seringais. Seu pai fôra desembargador e legara-lhe um patrimonio de vinte contos e alguma educação. Em vez de comprar um cavalo, deixar crescer os cabelos e sobresaltar as meninas casadeiras com seus olhares fatais e o curvetear da montada, tomara um bilhete numa barca, mostrara um

(*) Camilo — *O Esqueleto*, 6.ª ed., pg. 223.

acrescimo de ambição, instalara-se sem desdouros, sem lidar em baixos misteres e ao cabo de vinte anos, os seus vinte contos estavam decuplicados.

Viajara, lêra, regressara ao Porto e indo ao convento visitar uma parente sensibilisara-se com as graças da menina enclausurada, cuja educação mimosa e cuja alma candida se revelava em seus dizeres e seus pensamentos. Pedira-a à religiosa. Com as lagrimas nos olhos, recordando seus amores, respondeu-lhe que não lhe pertencia pelo sangue. Contara-lhe a historia do seu nascimento, dissera-lhe o nome do seu progenitor tão celebrado e o da mãe apagada num canto da provincia. Insistira; entrara a conhecer das delicadesas de Camilo, em relação a Amelia — como se lhe chamava abandonado o nome extravagante de Bernardina: — os livros que lhe mandava, as quantias de certo vulto oferecidas para alfinetes da donzela, as obras que não lhe enviava embora as assinasse, e emfim, até o episodio da troca duma carta que destinada ao pretendente e caída nas mãos do escritor emquanto a cheia de mimos de filha era lida pelo apaixonado. O romancista quas severamente, dissera à Amelia que «não fizesse a sua correspondencia dum fôlego para não se enganar com os destinatarios.» (*) Soubera do namoro e tambem que o noivo mais que dobrava a edade da pequena. Opusera-se terminantemente ao consorcio (**) Recordava o caso de Ana Placido sacrificada, enchia-se duma grande coerencia, na sua imaginação turbilhonavam tragedias semelhantes à que se passara diante do país inteiro por causa duma virgem de 18 anos, sacrificada a um homem de 43. Pelas confissões da amante sabia como são feitos esses amores, pelo seu conhecimento da vida armava-se duma razão maxima para negar o seu consentimento a semelhante enlace. Eles, porem, amavam-se, a menina não herdara nenhum dos desiquilibrios paternos, assemelhava-se à mãe e parecia, apesar de inocente, ter herdado toda a sua pratica das desditas.

Desejava uma vida quieta — um amor calmo — de resto aconselhado nas paginas dos romances do pae, o menos sereno dos amorosos e votava-se a esse homem educado, digno, mais edoso do que ela, duma admiravel tranquilidade no seu afecto em que havia ternura, bondade, desejo sem as ondas revoltas dos desesperos. «O amor que não perde nem desvaira esse é que é o amor» — escrevera o romancista (***) e assim o ambicionava a pupila da freira. Casaram-se na egreja de Valbom só com a permissão da mãe, recolheram-se á quinta que ele comprara e começaram a ser felizes, numa familia à parte, sem dramas na existencia.

Camilo não assistira à cerimonia; (****) cortara as relações com a pequena aguardando um desastre que não se deu, talvez para abrir o seu coração enfermado de mal antigo à desditosa vitima dum casamento em tão grande diferença de idades.

Foi feliz esse par e quando nasceu a sua primeira filha puzeram o nome

(*) Camilo — *Cartas a Silva Pinto.*

(**) Teofilo Braga — *Esboço Blografico* — pags. 54 e 55.

(***) Camilo — *O bem e o mal* — pag. 27, 5.ª ed.

(****) Realisada em 28 de novembro de 1865.

de Camila a essa «trigueirinha engraçada.» (*) Eles é que venciam, perdoando no meio da sua ventura.

Ana Placido sentira sempre um grande aborrecimento pela outra, por Patricia Emilia, a mãe daquela menina nascida no tempo em que ainda não trocara a menor palavra com o escritor, quando talvez nem sequer o tivesse visto. (**) Por parte da filha de Camilo razões doutra ordem geravam a sua má vontade pela companheira do pae. Devia atribuir-lhe a repulsa do escriptor pela mãe dela. Não se entenderiam jámais nem mesmo nos momentos desolados. Nos felizes, o coração de D. Bernardina Amelia ia para o pai; nos tristes, a sua alma se escancarava mas nunca para a mulher à qual via como a verdadeira causadora da sua vida de reclusa, do abandono da desditosa que a dera á luz. A freira, repelida tambem, devia ter sido a autora de taes freimas em tão doce e equilibrado espirito.

No fim daquele ano, quando as nupcias se realisaram, o romancista mostrara com a sua ausencia como se conservava fiel ás ideias expostas acerca de uniões identicas, alegrara a amante, reconfortada com esse afastamento da filha da mulher considerada — num retrospectivo ciume — a sua rival e ao mesmo tempo porque desejava saber que não existia no coração voluvel do amado outro amor paternal alem do dedicado aos seus filhos.

Com efeito ele adorava-os. Vibrava intensamente com os seus afectos.

Não distinguia do seu Jorge — o benjamim, o mais querido — o Manuel que a mãe tivera junto de si no carcere e usava o nome de Pinheiro Alves, apesar de este não o ter reclamado para o seu lado. O pequenito saltava à sua volta, brincava no seu colo, gostava dos irmãositos em cujo batisado tocara na corôa de Nossa Senhora da Conceição que era a madrinha. Vivia à sua beira; não tinha com os seus sete anos, edade para discernir e via-o como um bom papá, pois não conhecera outro, e aquele enchia-o de caricias. Para o escritor ilustre seria verdade averiguar a falsidade da voz do sangue, embora só mais tarde, o acentuasse:

«Não vês que te avanteja em dom de palavra o que te escassea em instinto filial? Se te não mostrarem teu pai passarás por ele, como ele por ti, se a roda lho cuspiu à lama que pisa. Desce do vertice da piramide em que te aclamaste rei da creação e olha-me por essa espiral abaixo as simpatias instintivas que entreligam filhos e pais.» (***)

Escreveria isto num momento em que certas amarguras lhe acudiriam ao espirito com reflexões extranhas numa hora das mais tristes da sua existencia dramatica. (****)

Jorge enchia-o com sua meiguice e sua precocidade curiosa; Nuno era muito pequeno e guardava apenas as graças proprias desse periodo em que só a vida animal domina e ainda mal adejam as borboletas da razão. Era um excelente pai esse

(*) Carta de Camilo ao visconde de Ouguela publicada por Teofilo Braga, no *Esboço Biografico*,

(**) A pequenita Bernardina nascera em 25 de junho de 1848.

(***) Camilo — *Caveira da Martir*, pag. 106, 2.ª edição.

(****) O livro foi publicado em 1876. Manuel Placido morreu em 1877.

homem que nunca tivera os afectos da familia, jámais sentira — que se lembrasse — os beijos inegualaveis de mãe, o boémio de vida à larga tornado a subitas, guardião dum lar, chefe de casa, responsavel pelo sustento de trez boquitas inocentes que iam balbuciando à sua roda as toadas infantis, os dizeres singelos, as canções que lembram o ensaio do pipilar dos passaritos novos.

Por isso ele trabalhava muito; só descançava à tardinha entre as portas da livraria Moré, muito rodeado, tendo substituido a casaca de botões amarelos por um completo severo, usando a grande gravata preta mas guardando sempre a capa bandada de veludo, o chapeu alto de abas direitas sobre a cabeleira grisalhante. Ostentava no dedo o seu anel com a caveira e as tibias cruzadas e embora não frequentasse os templos, guardava um crucifixo suspenso do pescoço magro de anemico. Cercavam-no os literatos, os jornalistas, actores das companhias que se exibiam no Porto, grupos de admiradores enlevados no seu espirito nos dias em que os nervos lhe davam treguas. A' sua beira marchava o Terra Nova, que submisso e calmo, se lhe deitava aos pés quando o dono se detinha a conversar.

A burguesia olhava o escriptor como antigamente. Não lhe negava já o talento, lamentava que Deus lho tivesse dado.

Os amigos que tanto lhe tinham valido nos momentos amargos, juntavam-se aos conhecidos. A redação do *Nacional* exigia do celebrado escritor mais alguma cousa de que artigos, pedia-lhe a sua palavra, tocada de todas as gamas, nos comicios que se iam realisar a favor da candidatura a deputado do seu compadre Custodio José Vieira.

Não hesitou; e do alto das taboas, num quintal da rua Chã, Camilo, diante dos eleitores, arremeteu, numa tarde, contra o marquês de Sá de Bandeira, presidente do conselho. O dono da maior fundição do Porto, Joaquim Ribeiro Faria Guimarães, dispunha de mais votos que o advogado ilustre e pobre o qual não movia os aliados dos interesses e as dependencias do industrial. Presidia àquelas reuniões virulentas o visconde de Lagoaça — tutor do pequeno Manuel Pinheiro Alves; — eram oradores, alem do proposto e de Camilo, o ardente poeta Guilherme Braga, Carlos Borges, então a literatar sob a égide do escritor, outros de menos nomeada, Ponce Leão, Francisco Antonio de Carvalho e mais adventicios.

Parece que o romancista não se comprazia muito na oratoria. Era mais um conversador; a auto-observação reinava em seu espirito. Preferiu ridicularisar num livro um dos vencedores, embora tambem adversario do governo, e a *Queda dum Anjo* foi o seu presente aos da grei romantica. Vingava, ainda, a velha querela do periodo dos abadessados (*) e dava-se por satisfeito no cantinho verde de Leça onde acabava a obra após os comicios. (**)

Voltara a Seide, com Ana Placido, no verão seguinte a aguardar os seus amigos de Lisboa, na casa banal que um «brasileiro» edificara para seu regalo após a sua

(*) Tratava-se do dr. Aires Gouveia, depois arcebispo de Calcedonia.

(**) Agosto de 1865.

suada vida e se tornava, pouco a pouco, num lugar celebre, como uma choupana a sagrar-se à entrada de um viatico de genio e de dôr.

Por aquele Julho, o Minho enroupara-se de galas; espulsaram-se de Seide as agoniadas horas.

No fim da violenta polemica literaria em que mestre Castilho fôra alvejado desrespeitosamente por Antero de Quental, Teofilo Braga e um sequito moço e rebelde parecia que o ancião ia buscar pousio no socego e alento junto de quem tanto o defendera. Sentira nele o seu amparo e, cariciosamente, em pilulazinhas de mel, propinava-lhe excitadoras queixas; metia-se-lhe na intimidade e, como um rei ante uma rebeldia, o principe dos poetas acolhia-se à fidelidade e à força. Falara em ir visitar o romancista ao seu ermo nas «abas da serra de Cordova entre um souto e uma carvalheira» (*) onde sabia «todos os dias o preço do milho e do feijão fradinho». Envergonhava-se de morar no prediosito rustico do marido da sua companheira, e ante a ideia de que podiam ir vê-lo ali, mostrava-se em freimas de proprietario, participava seus desejos de adquirir uma casota na aldeia mas ao ver iminente a chegada dos amigos — pois convidara tambem Tomás Ribeiro e Eugenio de Castilho — confessava não ser «o proprietario da casa e da carvalheira que me enverdece ao arredor do quintal» (**); e afirmava-o com satisfação, a fazer-se muito despegado dos bens prosaicos. As cartas do velho vate pareciam encerrar gorgeios, pipilos, ternurazinhas, transbordavam de demasias. Chegaria a tratá-lo por «Camilinho».

O pontifice literario, com os seus sessenta e seis anos pesados por uma enorme celebridade, ia honrar a vivenda e consagrar a ligação tão falada dos seus habitantes. Não eram marido e mulher apesar de já terem passado três anos sobre a morte de Pinheiro Alves cuja parentela enriquecida morava ali à beira e não se pejava da visinhança (***). Andava esquecida do finado, que a deixara bem, mercê do passo da viuva em cuja residencia iam entrar os grandes e falados senhores de Lisboa. O ceguinho pálido, de barbas alvacentas, cerradas as palpebras, lembrava já uma figura modelada em marmore, um Milton amparado ao braço dum filho moço e poeta tambem. Abria os pulmões ao ar perfumado das bouças e o coração a todos os caprichos esse outro vate adolescente autor bucolista das *Miragens da Felicidade*.

Camilo descera a Vila Nova de Famalicão escanchado numa montada magra, levando como companheiro o pequenino Manuel Placido, de oito anos, já dado a gineterias, e guiando um docil cavalo. Estribeiraram ambos a sege (****) onde os hospedes se meteram: Castilho entre Tomás Ribeiro (*****) e o filho. Preparara-se tudo

(*) (**) *Castilho e Camilo*, por João Costa, pg. 5. e 95.

(***) Uma das irmãs dele chamava-se Tereza. Camilo dizia: «Era rica e deixou-me a consolação de ouvir badalar a defuntos, aquela sineta que V. Ex.ª conhece, ha quatro horas. Deixou duas malas de ouro a cada sobrinho, pelo que vem o filho da D. Ana a perfazer uma *fortuna*, etc.» — *Castilho e Camilo*, por João Costa, pag. 183.

(****) «Era aquela elegante criança que montava um cavalo ao lado da sege em que tu vinhas com Castilho» — *Cartas de Camilo a Tomás Ribeiro*, pg. 34.

(*****) Castilho foi encontrá-lo em Coimbra.

para bem farto e feliz gazalhado, muito á minhota, com galinhas gordas, verdasco e rasgados bailaricos. A dona da casa não socegara desde o anuncio dessas visitas importantes que se tornavam caras à sua solidão e ao seu orgulho. O amante compreendia-a e felicitava-se por ver a alegria no seu rosto; observava-a como de costume, gerava maximas lapidares em que dizia: «não ha contentamento comparavel ao da mulher desestimada da sociedade quando se lhe depara prova de respeito, urbanidade sem prova de amor aviltante». E se não pensava nela em relação à segunda parte, vira-a muito bem enquanto à primeira. Rejubilava a hospedeira formosa e inteligente; o Minho paramentava-se para os gaudios dos lisboetas.

Os camaradas em letras, atroando os ares de risos, disputavam aos passaros as alegrias. Quando o seu carro rodou no largo fronteiro ao presbiterio a banda de Ruivães rompeu no hino da *Carta*, estrondosamente, com grandes guinchos refinados pela requinta (*). Apearam; ao pateo acorreram moçoilas com cestinhas de petalas que lançaram sobre as cãs de Castilho deveras comovido, a apoiar-se na bengala e no braço de Camilo. As vozes sonoras das minhotas erguiam-se em vivas ao poeta; as folhinhas tenras beijavam-no e parecia que a natureza se iluminava mais para festejar o ilustre cego.

Ana Placido, num trajo simples, o adoptado nas suas estadas em Seide, especie de roupão atado na cinta, por uma fita escura, estava no ultimo degrau da escada de pedra entre as creanças e dava as boas vindas ao Mestre. No fundo da sua alma a visita dum consagrado velho à sua casa, gloriava-a e dizia-lho numa sentida comoção estendendo as mãos para o principe da arte que ia acolher sob os seus tectos. Estava linda assim em toda a belesa escultural do seu corpo e com as rosas da ventura, tão pouco experimentada, nas faces moças. Convalescia duma doença que o escritor chegara a julgar a tisica e rejuvenescera porque foi sempre tonico do corpo a felicidade embora fugaz. (**)

Lá em cima, na sala de tectos abaulados, de janelas abertas para os montes, sobre a estrada de Souto e dos Carvalhos, o hospede venerando fôra, mais uma vez, aclamado.

Dir-se-ía um bom avô de regresso após uma homerica jornada. As raparigas da aldêa assomavam às portas com todas as graças de seus bustos, as ramagens de suas vestes, o afogueado das peles brancas ou morenas, todas radiantes, livres do trabalho; e, entre elas, alta, de perfil senhoril, «cabelos de ouro e ancas boleadas,» ousada de gestos, contando com a sua belesa, destacava-se a Amelia de Landin, uma engeitada, que medrara na sombra do velho mosteiro. Trazia em si, a desempenada moça, o azougue da formosura endiabrada e um misterio novelesco. A seu lado, menos bela, mas de audacia semelhante, a Custodia da Feira dava nas vistas

(*) Camilo — *Noites de Insomnia*, N.º 2, pg. 19.

(**) Chegara a imaginá-la tão mal que escrevera: «Estou assistindo à agonia de Ana Placido. Morre tisica a desgraçada senhora que foi neste mundo o modelo do infortunio.» — *Castilho e Camilo*, por João Costa, pg. 25 e 26.

e os rapazes na sã folgança minhota, pagã, ruidosa, só calaram os brados quando Tomaz Ribeiro, entre os pequenitos que seguravam uma bem entretecida corôa de louros naturais, avançou para saudar o poeta maximo numas quadras enternecidas, enaltecedoras: o incenso devido ao idolo.

Por entre cantos e flôres
Chegaste rei da poesia
Como um clarão de alegria
Jorrando em mansão de amores

Turiferava o Mestre como a um desses velhos bardos helenos, cujos berços as cidades disputavam, depunha à sua beira todas as boninas dos prados e todos os requintes do preito como um tapete para seus pés transviados, porque seus olhos não viam embora seu cerebro irradiasse luz.

O moço vate comovia-se naquele ambito sagrado pelo trabalho, como numa medieva côrte de pagens trovadores com a figuração de povo ingenuo à sua beira e conduzia as creanças que entregavam o verdejante diadema ao ancião sagrado por seu talento:

Somos de troncos robustos
Os loiros, os tenros gomos
Das flôres surgirão pomos
Se Deus regar os arbustos

Eram os filhos de Ana Placido e de Camilo, e seu irmão Manuel Placido Pinheiro Alves. Desta vez o poeta não tivera o sagrado dom da profecia que as gentes simples a vates atribuem. Os maus fados já os espreitavam e Castilho, não advinhando tambem, pousava as suas mãos suaves sobre as cabecitas dos pequenos e quedava-se como a estatua dum velho evangelista protegendo creancinhas no relevo da pedra duma catedral. Dos seus olhos cegos brotavam lagrimas a perderem-se-lhe nas barbas alvas como rocios brandos em estrigas. (*)

Nossa corôa e nossas flôres
Guarda em saudosa memoria
O monumento é de gloria
A corôa é só dos amores

E o monumento a que se referiam era uma pedra, tomada nos rochedos visinhos de Vermuim e afeiçoada por um alvinel, na qual Ana Placido, a poetisa, man-

(*) Camilo — *Bibliografia Portuguesa e Extrangeira* — Critica dos *Sons que Passam* por Tomaz Ribeiro.

dara gravar uma legenda que daquele cantinho dum mesquinho jardim minhoto ecoaria na nação, e junto da qual Camilo plantaria ciprestes, ainda uma arvore romantica:

ANTONIO
FELICIANO
DE
CASTILHO
PRINCIPE
DA LIRA
PORTUGUESA
ESTEVE
NESTE LOGAR
EM 15 DE JULHO
DE 1866
MANDOU ERIGIR
ANA PLACIDO

COM
OS SEUS
DISCIPULOS
TOMAZ RIBEIRO
EUGENIO
DE CASTILHO
J. C. VIEIRA DE CASTRO
C. C. BRANCO (*)

Derramaram-se lagrimas de alegria antes dos canticos em que só choravam as violas no *Vira* e no *Leva a Agua ao Regadinho*, danças nas quais se desnalgava a Amelia de Landim, muito franduna, cantando ao desafio.

Camilo bem dissera a Castilho: Em Seide ha o aroma das boninas e carne assada à lareira: ha vinho verde e agua da rocha. Come-se quatro vezes ao dia e acorda a gente com fome.» (**)

Desta vez era um suculento jantar minhoto, cheio de piteus e doçarias, abundante e forte que os chamava. O verdasco saltava nos cangirões, espumoso, esperto, desempoeirando as gargantas dos convivas e dos cantadores cujas vozes enchiam o

(*) Carta citada no prefacio do *Escritor da Graça e da Beleza* pelo sr. José de Azevedo e Menezes, admirador e amigo de Camilo Castelo Branco.

(**) Prometera-lhe o monumento antes de ali o receber, nestes termos:

«Farei erguer uma pedra no meu quintal e mandarei antepôr a uma data o nome de V. Ex.ª. Quantos, volvidos anos, hão de vêr com lagrimas aquela pobresa de corações ricos.»

Castilho e Camilo — por João Costa — pag. 67.

vasto pateo, galgavam os muros e atraíam os visinhos. Ribombavam os zabumbas na festa das musas emparceiradas com a turba, nesse ágape de delicadeza das estrofes, num contraste com improvisos rudes. No fim, todos eram poetas e até a natureza se enflorava, com seus pinhaes quedos, em hoste de parada de lanças altas embandeiradas, os toldos verdejantes das uveiras como palios rusticos, as aguas cantantes do Pele a afinarem seus rumorejos, quando as violas se calavam ou os metaes de Ruivães não lhe esmagavam as maviosidades no retinido da requinta na moda picaresca da *Maria Caxuxa*. (*)

Bebia-se bem. Na sala de jantar, aberta para o pateo trocavam-se elegantes e espirituosas frases; cá baixo, rebolando as saias emolhadas, a custodia da Feira, a *Cantadeira*, alarmava os ecos com sua voz mais retinida. Todavia a Amelia de Landim, loiraça de seios hirtos, mãos nas ancas só se desanforava para lançar o seu mote intenso, vivo, gaiato. Os vates entreolharam-se; continuavam a devorar os pratases saborosos, regionaes, bem condimentados, explendidos, espumejava o vinho que parecia trazer na sua alacridade a frescura e o apetite.

Sem o verde aperitivo ninguem poderia servir-se de todo um jantar minhoto. Ana Placido dava ordens, ia e vinha, e Camilo satisfeito com a linda dona da casa, festejada por todos, tratava-a por Aninhas, nome doce que encontrara para a intimidade

E Aninhas ficaria para os dias de amor. Ia descendo a noite; cantavam rouxinoes na beira dos valados, escureciam as bouças como a ocultarem os misterios dos seus sons e no eirado acendiam-se as lanterninhas de côres, os balões de todos os arraiaes minhotos e os convivas, embrulhados em suas capas, por causa das surprezas da aragem, sentaram-se em cadeiras rindo com bailados, gargalhando com descantes. Eugenio de Castilho já travara conversa com a Amelia, disputara-lhe as desgarradas ante as rodas curiosas e gargalhadas dos velhos, prendera-se naquela belesa campezina na qual havia modos senhoris e excessivos desembaraços. O poeta imaginou topar uma ninfa disfarçada sobre o lenço escarlate e roupinhas, dançando e versejando, uma vestal nas festas eleusinas daquele celeiro minhoto. E era uma perdida a mulher que ele dizia já amar em confidencias amigas ao descendente dos alcaides de Riba de Ave, o pundonoroso senhor de Esmoriz, morgado de Pereira. (**)

Enflorava-a de galas da sua imaginação, entrava em despiques à conta dela que o atraia com olhares arteiros, adextrados de suas pupilas azues, as faces avermelhadas pela agitação da dança, da alegria, do vinho e do orgulho que todas as mulheres — as de sangue real e as filhas dos carrascos — tem a ser preferidas.

Quando ela partiu, noite alta, no meio da frescata, no caminho torcicolado da Passelada a endireitar para Landim, Eugenio, longe do depositario de seus sonhos, mal socegara e ao dealbar erguera-se. Fugia a neblina, descortinavam-se as campinas, o sol dedava de oiro a fertil terra do Minho e os passaros, na sua filarmonia davam-lhe um concerto, deslumbrados, vassalos da luz. Gorgorejava o Pele, acordavam, ao longe, os sinos tocando a matinas e o amoroso, ao abrir a sua janela, já encontrou

(*) (**) Camilo — *Noites de Insomnia*, n.º 2, pag. 19 e 21.

de pé, o pae, o Mestre ancioso de gosar tambem a frescura orvalhada da linda manhã. Deu-lhe o braço, passaram pela escada de pedra, e como nesse tempo, mesmo entre poetas, havia o respeito dos filhos para os seus progenitores, naturalmente não falou do que lhe enchia o coração ou o desejo: a fascinadora anciedade para a perdida Amelia de Landim.

Sabia apenas que era engeitada, assim tão linda, corpo de anfora, loira e senhoril como uma aia de princeza de outras edades, que andara namorada dum filho de lavrador de terras pequenas e se perdera de braços em braços. E achava ainda na sua bôca as canções, desenvoltava-se em danças e nenhuma outra rapariga era tão viva e alegre como ela a bater as palmas na roda dos bailados, tão expontanea nos desafios das cantigas e tão afinada em motes das *Torradinhas com manteiga* e nas sarabandas da *Cana Verde*.

O poeta já devia saber mais do que isto, pelo morgado e pelo que analisara.

A mente do velho Castilho refrigerava-se na paz daquele amanhecer. Do rescaldo do arraial ficara com as tigelinhas pingadas de cebo, uma viola pendurada deixada ali por um tocador da casa. Daí a pouco, êle, dedilhava uma modinha popular que os mendigos lisboetas cantavam pelas portas. E, ceguinho tambem, aureolado pela flecha do sol, punha-se a repicar as cordas, com as orbitas tristes ao ceu erguidas. Ana Placido surgiu risonha — transformada na doce Aninhas que os hospedava — e falou-lhe, aplaudiu-o, na mesma jovialidade das aves que cantavam pelas ramarias. Logo se elevou a voz do grande vate numa quadrinha espontanea, na mesma melopêa dos pobresinhos citadinos, ganhões de seu pão, ao som das guitarras como outrora os menestreis caminheiros rapsodiavam nas beiras dos castelos em busca do agasalho de amor.

Senhora, dessa janela
Deixae caír uma esmola
Que tambem do ceu vos cai
Um orvalho que consola

Voltou a dona da casa a sauda-lo e a rir, feliz, por instantes e daí a pouco, á frente duma serva fresca, ofereceu aos hospedes a oblata pedida, o desjejum, o seu café e a regueifa.

Um passeio á quinta e mosteiro de Landim, impunha-se já pelas belezas do logar, já porque a loiraça devia atraír o moço poeta de imaginação ardente. Por lá andaram um dia (*) bem vivido. Nos outros divertiram-se no campo e quando o

(*) *O Braz Tizana*, relatou essa visita a Landim.

«Ha poucos dias, tiveram os landinenses a ventura de ver nesta freguezia quatro cavalheiros bem conhecidos pela agudesa e altura do seu talento em quasi todo o orbe literario, que foram jubilosamente acolhidos por estes circunspectos cidadãos com aquela atenção e respeito que era digna do seu elevado

calor apertava ficavam-se de conversa em volta do patriarca cego que ia enrolando nos dedos finos bolinhas de papel de jornal (*) num entretenimento monotono, metodico, sentado num sofá, feliz, desvanecido, ouvindo Eugenio, Tomaz Ribeiro e o proprio Camilo a lerem a sua recente tradução das *Georgicas* e cujo quarto cantico oferecera a Ana Placido como um brinde real na hora da despedida.

Em breve eles partiram. Acabaram-se, por uns dias, as danças e os risos, pois logo de seguida surgira Vieira de Castro, que ia despedir-se dos amigos antes da viagem ao Brasil onde tencionava vender dez mil exemplares dos seus notaveis discursos pronunciados no parlamento. Rira, divertira-se, folgara, falara com D. Ana e com o amigo dos amores que lhe tinham enchido a alma e queria agora abandonar. Uma senhora casada no Algarve, D. Henriqueta Couceiro (**), amara-o pelo talento e, to-

---

caracter. Estes nobres cavalheiros eram os srs.: Camilo Castelo Branco, Antonio Feliciano Castilho e filho e o eximio representante da nação o sr. Tomaz Ribeiro.

Eram aproximadamente 7 horas da tarde quando eles se dirigiram para o passeio publico de S. Braz. Aí suspenderam por alguns momentos a sua excursão recreativa na modesta contemplação da bonita paisagem que os cercava.

O sol já declinava vagaroso para ir embrenhar-se nas regiões do outro hemisferio, mas, comtudo, ainda deixava apoz de si um longo rasto luminoso, que mostrava claramente o explendor dum horisonte surpreendente. A par deste excelente quadro, que apresentava a natureza, ainda se via fluctuar a palida lua entre o azul do ceu. Tudo parecia querer render homenagem áquelas grandes notabilidades do nosso paiz, que viam extaticas, fugir o astro radiante para os longinquos confins do ocidente.

Em seguida alcançaram o vasto Largo da Feira até que chegaram perto da igreja matriz, e pararam. Lançaram atenciosamente a vista sobre o soberbo frontespicio do templo, e parece que ficaram maravilhados com a magestade dessa obra monumental dos frades cruzios. Não lhes foi tambem desperce. bido o espaçoso cemiterio publico, adjunto ao templo, que foi construido a expensas do sr. Antonio Marques de Oliveira, cavalheiro que muito tem concorrido para o continuo aumento desta terra.

O sr. Antonio Feliciano de Castilho andava sempre pelo braço do sr. Camilo Castelo Branco, em consequencia da imperfeição lamentavel que afecta a vista do principe da lira portuguesa.

A noite desdobrava a escuridão das trevas, e eles seguiram o caminho da freguezia de Seide. Foram hospedar-se em casa da ex.ma sr. D. Ana Placido, aonde se demoram cerca de 8 dias.

Esta senhora mandou erigir ao sr. Castilho, na quinta de Seide, um elegante padrão, aonde aparece gravado o dia memoravel em que foi colocado sobre o pedestal e em seguida o nome do grande poeta do seculo XIX

A inauguração deste monumento foi entusiasticamente festejada com imenso fogo do ar, balões, musica, etc. No dia 16 do corrente seguiram a estrada da cidade invicta.

Braz Tisana — 22 de Julho de 1866

(*) Ainda existem no Museu de Seide algumas das bolinhas enroladas pelas mãos de Castilho, e ás quais Camilo se referia ao escrever: «a tigela das bolinhas lá está tambem á espera com o novêlo em meio.»

(**) O sr. dr. Alberto Veloso de Araujo, vai publicar documentos comprovativos no seu livro *Camilo em Seide*. O romancista, mais tarde, fustigava a amante de Vieira de Castro, ao sabê-la viuva e em novos amores: «era-me já notoria a sua garridice de casada e conjecturou a minha experiencia que os lutos não lhe abastardariam a condição, etc.» — *Cartas a Vieira de Castro*, 2.ª ed., pg. 63.

mada de ciumes da sua amisade pela escritora, acabara, vencida pela verdade do santo afecto daquela atracção, por se tornar grande amiga dela. O orador despegava-a de si; andava com a cabeça cheia de projectos de noivados na America, estonteado, aplacando-se nas pescarias no Ave, na quinta da Palmeira, à beira de Landim, onde ia com o barão da Trovisqueira. Na quinta dos Jesuitas comeram melões e em casa do morgado de Pereira, em Riba d'Ave, viram despejar num jantar uma pipa de verdasco, o que fizera Camilo exclamar, pasmado: «os bebados e os comilões da Iliada por aqui seriam meninos de peito a comer sopinhas de leite.»

Por fim partira tambem aquele hospede, tendo solicitado para lhe inscreverem o nome na pedra do monumento, embora tivesse chegado tardiamente (*). A Custodia da Feira, muito confiada, telegrafára ao velho Castilho, como uma emula na poesia, a pedir-lhe a ressalva dum sobrinho, um Manuel, filho de Joaquim da Silva, do lindo lugar de S. Julião do Calendario, e o romancista, num brado, até trocava o nome à cantadeira (**) ao escrever: «A audacia da mulher é a audacia do genio ou uma intermitente de vinho verde se é que ha intermitencias nas febres cronicas.» E aconselhava o Mestre a despedí-la.

Agora apegara-se à tarefa novamente no seio do Minho do qual amava a paisagem e detestava os habitantes (***) e como à sua porta havia sempre uma novela, a Amelia de Landim, a formosa perdida, soube ser a bastarda do fidalguissimo Alvaro de Mendanha, de Barcelos, que ao morrer a fizera sua herdeira. Aí estava a desditosa reconhecida de estirpe de alcaides-mores tão rica que parecia de conto de feiticeiras semelhantes opulencias. Nascera, essa desventurada, que se amesquinhara nas lides e se pervertera por fome, duma formosa freira de Vairão e fôra lançada aos berços mercenarios das engeitadas. Senhora de grandes teres, morgada, cumulada de honras — ela que vendera a sua ao ver-se na miseria — sentira-se lavada de todos os pecados nas aguas de oiro que o procurador do aristocrata despejava sobre a sua reputação. Rebaptizava-a. Era a senhora D. Amelia, riquissima e de bom sangue, com caleças, lacaios, dinheiro em barda e uns primos arruinados, e netos de godos, a babujarem-na de madrigais, veniosos, muito assiduos nos cadeirões da sua sala empavezada pelos «contadores atauxiados de prata e enxadrezados a cores» (****).

O coração da desgraçada que ela fôra, por andar nas bôcas do mundo e fazer de seu corpo esbelto, macio e branco, regalo de concupiscentes, chamava-a para Landim. Apeou da sege ao portelo humilde dum cardenho; chamou a gente da casa e saiu, desbarreteado, a receber a dama entrajada de sedas e mais linda nos seus atavios um moço queimado pelas soalheiras. Era o Antonio do Couto de Baixo e

(*) «Vieira de Castro mostrou desejos de ser tambem nomeado entre os discipulos de V. Ex.ª na tal pedra tosca. Lá foi apesar da mentira cronologica.» — *Castilho e Camilo*, por João Costa, pg. 116.

(**) Chamara-lhe Maria Custodia quando era Custodia Maria. — Id., id., id., id., 143.

(***) «A chusma gargalhava babujando com a espuma do vinho nos chascos vilanases como eles esvurmam desta ralé do Minho, a mais bestial raça que estanceia na Europa.»

(****) Camilo — *Noites de Insomnia*, n.º 2, pg. 25.

quizera desposá-la, no tempo da sua pobresa, quando ela ainda não andara de leito em leito, de feixe em feixe ou entre os milharais ao capricho dos homens. Encarava-a atonito pela compostura de senhora, quasi desmaiada ante os seus dizeres evocadores da desonra em que a lançara e na qual mergulhara mais, após a entrega que lhe fizera de seu corpo virgem e o abandono a que a votara.

«*Teu pai não te quiz deixar casar comigo porque eu era pobre. Sei que sofreste e quizeste fugir para o Brasil a fim de ganhares dinheiro para depois me receberes. Eu não te deixei ir. Sabes qual foi a minha vida depois. Hoje estou rica, ainda te amo, porque foste a origem da minha desventura. Queres casar comigo? Caiu-lhe nos braços chorando.*

Casaram. Decerto foram venturosos. (*) A' porta de Camilo geravam-se sempre novelas; lá dentro do lar, passava-se o seu drama. (**)

(*) Camilo — *Noites de Insomnia*, n.º 2, pag. 26.

(**) Um dos filhos da Amelia de Landim veiu a ser abade de Requião.

Vieira de Castro (retrato oferecido a Camilo e pertencente a sua familia).

XII

FRAGILIDADES DE APOSTOLOS

SINGULAR COLABORAÇÃO JORNALISTICA — O BASTIDOR DA «GAZETA LITERARIA DO PORTO» — COMO TERMINA UMA NOVELA — O INICIO DUMA TRAGEDIA — VIEIRA DE CASTRO AMOROSO — A ESPOSA E A AMANTE — DO APOSTOLADO AO CRIME — O DRAMA DA RUA DAS FLORES — A DÔR DE CAMILO — RECORDAÇOES E FANTASMAS

DEPOIS de tantos trabalhos e lutas, uma grande dôr, acometia Camilo. Aquele grande amigo que tanto o servira na sua prisão, José Julio de Oliveira Pinto, secretario geral do ministerio da justiça, fôra morto em duelo por um sobrinho do marquês de Sá da Bandeira. Fogosamente, no parlamento, atacara um irmão do estadista, que era velho. Recebera com negativa de satisfações as testemunhas que ainda assim êle lhe enviara; repelira tambem as dum novo contendor, ligado a Antonio Cabral de Sá Nogueira pelo parentesco mais proximo, pois era tambem seu sobrinho.

Miguel de Sá Nogueira se chamava o paladino. Servia como oficial de cavalaria italiana e vinha de Roma com fama de duelista. Batera-se bem na batalha de Custozza e no Vineto, distinguira-se na escola de oficiais, em gineteria, esgrima e arte militar e como era estrangeiro referviam as invejas e doestos à sua volta. Desafiou o mais grado dos espadachins da academia do Pignerole, feriu-o gravemente, recebeu no peito um profundo golpe, e creara desde logo, amisades e respeitos. Era homem assomado e altivo; não guardava ofensas, e, confiado na sua arte da espada e na sua certeza à pistola encarava todos os acontecimentos da vida como um galhardo reitre. Chicoteara o sindico de Milão; tivera outras aventuras de estrondo, e, considerado na côrte, ajudante de ordens do principe real Humberto, quando da sua vinda a Lisboa, ele de fronte alta, coração ao pé da bôca parecia, mesmo à paisana, trazer sempre a mão no punho dum florete.

Sortiu, no Largo das Duas Egrejas, à frente do insultador do parlamentar, excitadamente o provocou em arremetida de o escarrar e, sem a intervenção do medico Bento de Freitas Soares, teria recebido o tiro com que Oliveira Pinto se propuzera vingar a insolencia. Chamara-lhe cobarde.

No dia seguinte ficava no campo de Palma de Cima o amigo de Camilo.

Crescia a aureola do duelista que se escondia das autoridades em casa de seu primo Francisco de Alpoim, e logo passara para a de Martinho Homem de Brederode, visinha do cais de José Antonio Pereira que ligava, pelo boqueirão das tercenas pombalinas, com o Tejo. Deste modo foi facil ao perseguido entrar a bordo dum navio francês que o levou a Italia, esquecido, porventura, da campa aberta por um alarde do seu impulsivismo, pelo fanfarroneio do combate. Assim, levantado em honrarias e glorias de blasonador quilate, foi para o casamento com uma filha do visconde de Borges de Castro, emquanto a familia do morto, sem vingança possivel, chorava. (*)

O romancista não ocultava a sua magua profunda, a sua amarga dôr, porque em seu coração existiam, ainda e sempre, as recordações do bem recebido de quem, vivendo no cumulo da felicidade, era atirado para o cemiterio dos Prazeres num arranco de furia combativa e exibicionista dum profissional das armas e das brigas.

«A morte de José Julio — escreveu desolado e saudoso — pungiu-me deveras. Foi muito meu amigo aquele honrado e brioso homem. Quando eu fui preso ou me recolhi à cadeia, José Julio enviou-me uma portaria para que eu pudesse sahir a passeio. Imagine V. Ex.ª como cá me bateu no coração a bala que matou o homem a quem eu devia a liberdade em 380 dias de prisão. Tenho chorado e fujo para chorar à vontade. Que feio mundo este e que boa e consolativa é a certeza de o deixar d'aqui a pouco.» (**)

Ia-se enchendo de lombas de sepulcros o caminho da sua existencia.

A casa da *Gazeta Literaria do Porto* era na Rua do Almada, 171, porém a verdadeira redacção, onde se laborava o semanario, ficava na Rua do Triunfo, (***) defronte da entrada dos carros para o Palacio de Cristal, inaugurado, havia tres anos, no sitio da Torre da Marca.

Contratara-se Camilo Castelo Branco para dirigir uma publicacão, na qual, com

---

(*) As testemunhas de Oliveira Pinto, foram o coronel José Paulino de Sà Carneiro, comandante do 7 de infantaria, e Antonio Camilo de Almeida Carrilho, deputados. As do adversario, D. Rodrigo de Almeida, tenente de cavalaria e sobrinho de Saldanha e Eduardo Montufar Barreiros, filho do general visconde da Luz. Sá Nogueira voltou em 1872 para Portugal e entrou no exercito por uma lei especial.

Trabalhou largamente, nas suas propriedades do Alemtejo e morreu em 1897 como um gentilhomem agricultor rico, feliz e admirado.

(**) *Castilho e Camilo*, por João Costa, pag. 198.

(***) Alberto Pimentel — O *Torturado de Seide*, pag. 183.

as elegancias, tão gratas à camada peralvilha, se inserissem composições poeticas, trechos de boa prosa, animadas paginas, por preço razoavel. (*)

Forrageando materiais para um livro, o romancista (**) topara o titulo conveniente ao que se lhe pedia. Havia exactamente cento e sete anos que o conego secular de S. João Evangelista, Francisco Bernardo Lima, inaugurara no Porto a folha inicial, a matriarca de tantos e tão iluminantes noticiarios da cidade da Virgem. Chamara-lhe *Gazeta Litteraria ou Noticia Exacta dos principaes escriptos modernos. Obra periodica*, (***) a qual correra com as licenças da Mesa de Consciencia e Ordens. A esta bafienta folha fôra o novo redactor buscar a designação e, no dia 6 de Janeiro de 1868, apareceu o primeiro numero, no qual, após a apresentação, que ele assinava, se estampava uma carta interessante e que dizia assim:

«Meu amigo. O grande devastador de reinos e imperios não apaga no coração do homem a saudade dos dias felizes. Essa vive eterna até que o corpo resvale no sorvedouro do nada, a alma solta e livre vôe, emfim, ao mundo indecifravel e misterioso do infinito.

«Ai! a memoria, meu amigo, a memoria!» Relembrar é o mais amargo dos absinthos para aqueles a quem o mundo despojou da esperança, dos sonhos, das chimeras e de todos os magicos encantamentos dum coração virgem, opulento e nobre, dos vinte e dois anos.»

«Conheceu-me você por essa epoca pouco mais ou menos. Eramos ambos moços; arrastava-nos a mesma atracção. Caminhavamos a par na embriaguez dulcissima duma aspiração irresistivel!

«E hoje que resta de tudo isto? De mim o digo: uma pouca de materia pesada e estéril; um coração arido e vario; uma cabeça gelada pelo nordeste do infortunio. De você não sei. O que me dizem seus livros, que se sucedem uns após outros, é que o seu espirito remoça todos os dias como reverdecido por uma eterna florescencia, enquanto eu me vejo entanguido e mortalmente dissecado.

«Nas minhas horas escuras, sendo-me necessario sarjar feridas antigas, escrevi o papel que lhe remeto.

«Leia, publique ou rasgue, conforme lhe parecer melhor.

«Dê vida . . . ou aniquile o lavor do cadaver. Sobretudo, silencio e respeito aos mortos: não lhes rasgue nunca o sudario. Seu velho amigo, Gastão Vidal de Negreiros.»

Esta prosa desentranhava ironias. Evocava aquilo a que o escritor chamava «o tormento da memoria», revelava uma alma em pena, a enviar-lhe o romance do seu viver antigo, confessando-se «uma pouca de materia pesada e estéril, um coração

(*) Custava, para o Porto, 1$400 por semestre; para a provincia, 1$520; para o Brasil, 1$900. Por ano, respectivamente, 2$600, 2$840, 3$600 réis.

(**) *A Serela.*

(***) O padre publicou a *Gazeta* desde Janeiro de 1761 a Junho de 1762. Ele faleceu em 1764, apenas com 37 anos.

arido e vario» como se respondesse às tristuras e aos arrancos com que ele, por vezes, celebrava as exequias dum grande amor. Deste modo, Ana Placido, sob o pseudonimo, ajudando Camilo a ganhar o pão do lar, se mostrava ferida embora fosse sempre a dedicada amiga debruçada sobre o seu leito de enfermo. Mal saíam à rua; nem mesmo abriam as janelas sobre as festas portuenses, nesse Janeiro de espectaculos no Palacio de Cristal que lhes defrontava a residencia (*). Ela fizera da sua paixão uma saudade, empregava uma das mãos em embalar o berço do filho mais novo, noutra tomara a pena e, na sombra daqueles apelidos celebrados, puzera-se a escrever, fornecendo auxilio à economia da casa. Numa evocação terna, procurara no nome de sua mãe os apelidos arvorados nos quais existiam todas as letras das silabas de Ana Augusta Vieira, (**) embora substituindo os *uu* por *oo* no segundo sobrenome. Imaginar-se-ia que fôra buscar esse abrigo literario à retumbancia dum celebre guerreiro do Brasil; porém, bastaria considerar que o heroi se chamava André em vez de Gastão, para se verificar um proposito de integramento na lembrança materna, de resto palpitando, fortemente, no romance *Regina*, oferecido à *Gazeta Literaria do Porto.*

Camilo respondera logo, no seguimento da carta descoroçoada:

«Não se chama Gastão Vidal de Negreiros o meu amigo que ha quinze ou mais anos vv. ex.as, que já hoje são avós, tambem conheceram com um nome tambem bom para romance de amores, etc.»

Descrevia-o como um cavalheiro primoroso; relembrava num ardimento, as mulheres de então, e exclamava, ao recordar-se de suas encantadoras pupilas analizadas ao cabo do tempo e do convivio:

«E às vezes em que estado vê a gente os tais olhos onde os jardins do paraizo se lhe espelhavam! Aquelas lagrimas a tremeluzir como perolas no que se converteram!

«Excreções nocivas que a mão tremula e averdogada — a mão que beijámos com respeitosa ternura — está agora combatendo com a pomada anti-oftalmica da viuva Farnier.»

Ana Placido era sempre formosa, mas engordara um pouco e, como existia entre ambos o mal da convivencia, a enfermidade dos contactos constantes, a morte dos desejos materiais, a trivialidade da existencia, espreitavam-se mutuamente. A mu-

---

(*) «O Grilo Côcho, o Fontaínhas, o Fidanza e a Grata, sujeitos que resplandeciam na prosperidade do Teatro Nacional, do Porto, chegado ao seu apogeu, para depois cair até à *Inês de Castro*, representada hoje, 5 de Janeiro de 1868, no Palacio de Cristal. O palacio faz avançar a gente a empurrões.» — Camilo — *O Sangue*, 2.ª ed., pgs. 108-109.

(**) André Vidal de Negreiros foi um grande capitão brasileiro que começara a combater os holandeses em Pernambuco em 1636. A coincidencia de existirem nas letras dos seus apelidos, as acima apontadas, deve ter motivado a escolha de Ana Placido, que os leu no artigo que Camilo escrevera sobre esse notavel militar na propria *Gazeta Literaria*, trasmudando, todavia, André em Gastão.

lher, porem, era mais generosa. Ele, gostava da mãe dos filhos de forma diversa porque amara a esposa de Pinheiro Alves.

«*Parabens porque morreste, Gastão! continuava — Que virias fazer aqui? Sabes lá de quantos suplicios te forra essa morte? Nunca te disseram o que hoje são aqueles que foram na tua mocidade os inspiradores da tua poesia?*»

E chasqueava:

«Não queiras vêr os nossos contemporaneos mas as nossas contemporaneas, essas então não as queiras vêr de modo nenhum se ainda te comprazes em repovoar as tuas fantasias com as figurações de Laura, de Margarida de Ofelia, de Leonor, de Henriqueta, de Cecilla, de..... (reticenciava como numa gargalhada e concluia: «de três duzias... não eram três duzias, as mulheres que te amavam no ano economico de 1848 a 1849?» (*)

Descrevia-as em exageros, troçava-se e espicaçava: «a Margarida que os meus romances, de ha quinze anos, verberavam em castigo da sua despotica formosura, tambem hoje me castiga a indiscreção de rapaz. Doe-me vê-la tão vexada pelo tempo que lhe vestiu as esveltas e flexiveis formas de enxundias tremendas, de papas e buchas variadas no tamanho e feitio que julgarias romper do centro daquele esferoide, uma irradiação de estomagos.»

Parecia castigar num proposito com suas casquinadas e apiedava-se, por fim, para não deixar duvida de que quisera contundir como um excitado, e fazer-se perdoar como uma creança:

«*Não te digo mais nada, porque sei que vai muito espremido o fel da esponja.*»

Dava-lhe conselhos sarcasticos e acabava na sua costumada reparação depois de ter maguado não abdicando das suas qualidades punidoras e tampouco das galardoantes.

«*E se alguma hora vagares ao outro martirio da recordação, escreve, que eu nunca direi quem é o desgraçado, que, sob o pseudonimo de Gastão Vidal de Negreiros, tocou o extremo infortunio de escrever romances.*» (**)

Ela, com efeito, traçava uma novela e como sempre, era a da sua vida de solteira, que a tornara desditosa. Intitulara-a *Regina* e abria numa saudade do Porto burguês, louvando-o. Parecia que a romantica abdicava.

Exalçava os lares; sentia-se, porém, imediatamente, o regresso da rebelada.

Descrevia passagens imaginosas em fundos reais. Pintava uma familia portuense, sacrificando duas lindas filhas, Regina e Eugenia, a casamentos de conveniencia e sentia-se nos trechos realistas que traçava, entresachando nos periodos fantasistas todo o doloroso sofrimento do seu noivado.

Elas — as irmãs — amam e sofrem porque sentem a contrariedade dos pais ante os noivos escolhidos pelos seus corações. Regina, apesar de ser ainda muito menina, parecia mulher por suas formas estatuais, prendera-se no afecto não dum celebrado

(*) Era uma alusão clara à velhice que se aproximava, e aos anos que se conheciam.

(**) Doc. I.

dum singular devorador de corações, mas no enleio dum simples, dum romantico eterno rapaz seu companheiro de infancia. Escrevia isto, lado a lado do amante, na casa da rua do Triunfo onde lidavam como camaradas nas letras. E a novela decorria nesse amor da heroina por Salvador — assim se chama o moço — e na paixão de Eugenia, por um amigo dele de nome Rafael. Encantava-as o falarem dos namorados nos recantos queridos da quinta de Balbom, onde o negociante Anselmo da Costa, costumava levar a sua gente ao veraneio. E foi ali, numa tarde de domingo, em que volitavam borboletas sobre os canaviais ensoalhados, o logar do suplicio onde souberam como se decidira de seus destinos.

Um dos recem-frequentadores da casa, quarentão e capitalista Justino Alvim — nem disfarçava muito na novela o apelido do morto Pinheiro Alves que a infelicitara — aparecera apresentado por um visconde cujo maior desejo consistia em levar para o leito conjugal a beleza fresca, a virgem, a encantadora Regina. Para Eugenia se volviam os olhos cubiçosos do outro. O titular confessava o seu afecto, numa singular maneira, à creança apetecida.

«Desejava ser filho do seu papá» ! Quando ela quiz rir-se, retraiu-se porque compreendera tudo e, quando foi procurar refugio nos braços da mãe, a doce D. Antonia, tão receosa do futuro das filhas, encontrara-a indecisa, desejando vê-la bem amparada mas, ao mesmo tempo, tremendo porque em seu espirito ingenuo vivia a eterna impressão de que um destino malevolo perseguia aquela filha desde o berço.

Procurava dissuadir o marido, (*) porém no animo dele não se fincara profundamente a sua influencia. Debalde lhe dizia que, aguado do seu nascimento, «o virus das lagrimas amargas da desesperação, se tinha coado no seio do entesinho que lá vivia.» A orelhas moucas revelava o seu presentimento: «quando o vi nascer para tão pouco, parecendo que um leve sopro apagaria aquela luz de vida quasi a extinguir-se, senti um aperto no coração inexprimivel; uma sensação de terror que quasi me desejava vê-la apagar-se. E daquela hora em diante ficou-me a convicção que a desgraça será sua companheira.» (**)

Para cousa alguma, serviu este alarme torturante, e apesar de sentir como «o seu desenvolvimento fisico, é que não condiz com as suas ideas, pensamentos,» Regina foi forçada a obedecer e a casar-se. Na hora em que a sua mão, e quasi violentamente se enlaçou na do visconde, por detraz dum pilar do templo, o apaixonado Salvador desvairava e saía do perfume do incenso, ourado, semilouco para o leito de seu penar.

Depois do consorcio dela, seguia-se o da irmã. Eugenia, muito debil, sofrendo duma queixa de peito, deixou-se arrastar, sacrificou-se, recusando ao seu Rafael o ser dele, fugitiva, raptada, pois os seus a amaldiçoariam.

Ao cabo duns meses passou dos braços do esposo detestado para a jazida onde

(*) *Na Revista Literaria.*

(**) Corresponde ao que escrevera na *Luz Coada por Ferros* em relação aos presentimentos maternos a seu respeito.

a irmã, quiz ir ajoelhar antes de partir para a Madeira onde esperavam curá-la dum mal de languidez que a ferira tambem.

No cemiterio da Lapa, perante o tumulo da imolada como ela, escutou as queixas do seu companheiro de infancia, soluçante e desesperado, de mal com os vivos, procurando consolos no silencio da necropole.

Comovera-se e almejara um rapido fim; no dia seguinte partiu com o marido. Encontrou, lentamente, resignação enorme; salvou-se da sua enfermidade e quando regressou aparecia exuberante, magnifica, atraindo todos os olhares. Em Lisboa, os elegantes adoravam-na e com as suas recordações vivia ao passo que o visconde, sentindo o regelo de tão formoso corpo, procurava nas caricias pagas de uma bailarina o consolo das derrotas no lar. E exibia-se, gabava-se, desvanecia-se da amante como num desafio à esposa. Então, certa manhã, Regina chamou-o à sua saleta e falou-lhe claramente:

«Muito para considerar fôra o exordio já; porém, às ultimas considerações, o visconde a quem o amor já não enfreiava temeu a colera.»

Aqui terminou não o romance mas o jornal que chegara apenas ao n.º 15. Uma nota da administração elucidava os bem limitados leitores:

«Por vermos insuperaveis as dificuldades com que lutamos para darmos em tempo competente os figurinos de modas aos assinantes, resolvemos suprimí-los e darmos em vez deles mais duas paginas de leitura cada mês e um romance de autor conhecido no fim do ano.»

Deste modo findou, ao cabo de três meses e meio, a *Gazeta Literaria do Porto* na qual os dois redactores se espicaçavam. Por grande amisade por Camilo tinham colaborado, tambem, Castilho com as *Sabichonas* e Ramalho Ortigão com evocações do Porto da sua infancia.

Ana Placido analisara, além da sua alma, os livros *Sons que passam* de Tomás Ribeiro, *Quadros Cambiantes* de Candido de Figueiredo, criticara Pinheiro Chagas, Junqueiro e Alberto Pimentel, engendrara descrições de figurinos ao passo que o ilustre Camilo, no intervalo afanoso dos romances, tracejava revelações historicas e, numa colera, sarcastico e tremebundo, descrevia o Minho, mostrando-o sob o titulo *A Inocencia das Aldeias* (*), apesar de em suas belezas ter achado o ambiente para, as paginas ternas, doces ou amarguradas que no ano anterior publicara (**).

Trabalhara apressadamente, como sempre, e descrevera deste modo o fim da sua aventura literaria, quando ao chegar o escaldante Agosto voltara a procurar no rincão minhoto mais frescura e a beleza da paisagem do que a formosura das almas:

«A *Gazeta* morreu no n.º 16. Estrangulou-a o proprietario roubando os assinan-

(*) Apareceram ainda noutro ambiente: *A doida do Candal*, *Cavar em Ruinas*, *Cousas leves e pesadas* Durante o ano de 1868 — o da *Gazeta Literaria* — publicara no mesmo scenario minhoto: *Misterios de Fafe* e logo *O Sangue*, o *Retrato de Ricardina* e ainda *Mosaico e Silva de curiosidades historicas, literarias e biograficas*.

(**) *A Bruxa de Monte-Cordova* e o *Senhor do Paço de Ninães*.

tes e roubando-me a mim 70$000 reis. Não me espantei. É o 4.º velhaco que me explora. Dificilmente serei logrado por outro» (*).

Recolhidos na residencia escolhida para a labuta passaram o inverno e o começo do verão enquanto defronte, no *Palacio de Cristal,* continuavam as festas. As senhoras mostravam as suas *toilettes*, sentavam-se em cadeiras de ferro a vêr passar as elegantes, muito aprumadas, deixando-se admirar, ao longo das aleas; apareciam oficiais de cinturinhas apertadas nos uniformes, os de caçadores, com suas golas pretas de veludo, os de infantaria, de canhões azuis claros ou brancos e em vermelho e azul o estado maior e todos eles, na roda dos janotas, espartilhados e fatais, de cabeleiras à Garrett, olhavam as damas portuenses que arejavam, quebrando os antigos habitos caseiros cortados pelos estadios curtos do velho e abundante jardim de S. Lazaro.

Lá em cima, naquela casa fechada, os moradores trabalhavam sempre para ganharem o pão da sua vida e de três crianças que traquinavam nas salas distantes. Manuel Pinheiro Alves, com os seus onze anos, começava a ter proposito. Era muito claro, de cabelo alourado, com os lindos olhos da mãe, robusto, de sangue bem temperado. Jorge Castelo Branco começara por dar grandes esperanças; vivo, inteligente, de belo aspecto, chegara aos cinco anos e amodorrara. A mãe ía dar com ele nos cantos, meditabundo, outras vezes a chorar sem motivos. Gostava de ouvir musica como se as harmonias o acalmassem, ao contrario do pai, que se irritava com os sons e apenas no fado encontrava encantos (**).

O pequenito distraía-se com lapis traçando bonecos, enchia-se de curiosidades e de graças, porém, a subitas, amnesiava-se, rancores fundos subiam a seus labiositos, e Camilo encontrava nessa desigualdade de sentimentos sintomas de genio. Auto-observava-se, via reproduzido o seu temperamento e julgava-o requintado nesse filho do seu amor, o mais amado, o mais querido, queria vêr em todas as manifestações da criança alguma cousa de superior. Enchia o espirito desta ideia e apontava à mulher, entristecida, os prodromos daquele desiquilibrio como marcas de altos talentos. Ela, aterrada, não o desenganava. Sabia-o já um louquinho e ocultava-o do homem em cujos braços sentira o arripio da grande paixão na qual se gerara esse ser singular, desvairado, estranho, em cuja meninice ainda se podia disfarçar a sua doença impossivel de esconder quando chegasse à idade dos estudos. E Ana Placido chorava vendo naquele filho o castigo. O outro, Nuno, formoso, robusto, parecido com Manuel nos olhos e nos cabelos, gostava muito do irmão, brincava, não se saía em revelações que enchessem de alegrias a alma do escritor mas tambem não turvava com elas o coração sofredor da mãe já tão provado pelo mau destino.

(*) Visconde de Vila Moura — *Camilo Inedito.* — Carta para Inocencio Francisco da Silva. O editor era Anselmo de Morais ao qual Camilo escreveu: «Preciso que tome uma deliberação antes da minha saída com referencia às publicações começadas e aos salarios vencidos da *Gazeta Literaria.* A não continuar V. S.ª o *Mosaico* considero-me proprietario dos artigos publicados; e o mesmo se entende com a Regina, etc.» — Vol. II, Cartas de Camilo Castelo Branco — publicadas por Cardoso Marta, pg. 26.

(**) Sena Freitas — *Perfil de Camilo Castelo Branco,* nova ed., pg. 52.

Na aldeia continuavam a receber as cartas felizes de Vieira de Castro, escritas do Brasil. Confiava-se-lhes; narrava o entusiasmo da colonia à sua volta, as festas que lhe ofereciam, os casamentos em perspectiva e até as quantias dos dotes das noivas que saíam à sua escolha. Tinha futilidades; confessava-se-lhes como a si proprio, abria o coração radiante àquele par que na casinha de Seide via crescer as infelicidades; ele doente, mal dos nervos e da vista, ela turbada a exclamar diante da insensatez dum filho, da vulgaridade do outro e da apatia de ambos pela cartilha: «Não sei a quem saem estes dois brutinhos!» (*)

Era aquilo um singular desabafo de mãe aterrada que corria logo a beija-los e a bem querê-los, tanto mais a dar-lhes o seu amparo, quanto mais desditosos encontrasse essas ruinas, esses destroços de intelectos que o pai sonhara geniais.

Aquelas missivas alegres, vindas de tão longe, quebravam um pouco os males da existencia cheias de melancolias ou irritada nevrose. Começavam a habituar-se á idéa da felecidade do amigo que de preferencia se dirigia a Ana Placido em consultas. Não os esquecia; já desdenhava a outra amorosa, a do Algarve, casada e pecadora; contava as suas venturas lá longe, e, emfim, apresentava nas laudas duma carta mais ardente, a noiva escolhida, aquela que encheria a sua vida. Não a tratava pelo nome; chamava-lhe anjo, conforme o habito dos amorosos, ainda nesse ano de 1868.

D. Claudina Adelaide Guimarães sobrepuzera-se no coração do orador famoso à imagem de D. Henriqueta Couceiro, que assim se apelidava a apaixonada traidora de seus deveres no fundo da provincia algarvia. A prometida tinha desassete anos e já amara.

Estreara-se bem cedo nos afectos dedicados a um empregado de comercio da sua idade e ao qual a familia não a daria. Voluvelmente aceitara a côrte de Vieira de Castro que contava mais doze anos do que ela. Escrevia-lhe enternecida, eloquente e fascinada:

«Sou sua e prometo-lhe ser muito verdadeira e só dizer-lhe o que sentir mas desejando que não torne a repetir estas palavras: «J'ai peur de croire en toi.»

Ajuntava uma alambicada expressão mais de meiguismo banal, que de ingenuidade: «A *Nené* lhe jura crêr em si e ser sempre constante ao seu querido Juca. Que feliz é a *Nené!*

Andavam embebidos naquele grande afecto em que se ligavam, excitava-se a brasileirinha, em amavios e requebros. Ninguem a diria belbotreira, ou nalgum tempo capaz de ser treda.

«Juca, meu esposo, adoro-te. Que recordações de hontem!

Que momentos felizes! Como me ha de parecer longa a tarde longe de ti!» Assinava já Nené Vieira de Castro, mais radiante com aqueles apelidos celebres do que se fôsse usar uma corôa fechada.

(*) Alberto Pimentel — *Os Amores de Camilo*, 2.ª ed., pg. 336.

Ele desvairava; não trocaria pelos duzentos contos das outras os vinte que os pais davam a D. Claudina com as suas joias. Anunciava para Seide a sua viagem à America do Norte que o captivara, encantara-se, enchera-se de aspirações de liberdade. Passara a Inglaterra e a França sem que a noiva se mostrasse ensaudada dos seus (*) e quando, por morte do sogro, falou em estabelecer-se em Portugal ela foi a maior no incitamento da partida. Dentro em pouco estavam instalados em Lisboa, na rua das Flôres, 109.

Acorreram às reuniões do insigne orador os politicos e os escritores. Uma das visitas mais intimas era Rodrigues Sampaio, que adorava aquele temperamento fogoso, impulsivo, cheio de nervos e para o qual se alargava um grande caminho; Teixeira de Vasconcelos, soltou varias vezes na sua sala ditos de espirito mais saborosos pelo arrastamento da gaguez do jornalista sarcastico e ilustre. Ramalho Ortigão amava-o fraternalmente e sua esposa era uma das grandes amigas da brasileirita, toda tonta com a vida lisboeta; Tomaz Ribeiro fôra lá uma vez.

Apareciam, ainda, o grande jurisconsulto Paiva Manso, o elegante conde de Rezende, Julio Cesar Machado, o comerciante Pereira de Miranda (**) que, tateando na politica, admirava aquela eloquencia arrebatadora. Apareciam, ainda, os romanticos, Castilho, os filhos, os amigos de Camilo, que nunca visitou o seu grande defensor nos dias da felicidade, nessa casa encantadora aberta a todas as delicadesas. Entre os ilustres frequentadores da moradia assistiam-se os elegantes, os peralvilhos presos pelos olhos esbraseantes da senhorinha.

Ela, ao cabo dum ano e meio de casada, deixara-se enlevar pelas gentilezas de José Maria de Almeida Garrett parente do escritor celebrado que devaneara em amores até mesmo quando a velhice lhe devia ter enregelado o coração. O namorado moço procurava-a propositadamente, a horas em que o marido se ausentava, e ela recebia-o. Entrara a ama-lo naturalmente, nos mesmos arrebatamentos que aos quinze anos usara para com o caixeiro e aos desassete a levara a ardentes explosões, a denguices faceiras, a lançar-se nos braços leaes do marido trintão barbaçudo mas cheio de renome, de gloria e de amor.

Começara a notar-se o constante aparecimento de Garrett no palacete; as creadas reparavam e trocavam impressões sobre o caso, andavam receosas, alarmadas, com medo de alguma desconfiança do senhor. D. Emilia Ortigão repreendera-a, chegara a dizer-lhe que não voltaria ali se ela continuasse a acolher aquela culposa côrte.

Quando as servas viram a ama a perder-se aos poucos mostraram-se muito suas amigas. Sentiam que mandavam naquela casa, onde a boneca se enfeitava,

---

(*) Seu pai era o grande capitalista comendador Antonio Gonçalves Guimarães; a mãe chamava-se D. Ana Maria Guimarães.

(**) Chegou a ser ministro do reino e provedor da misericordia. Neste tempo estava estabelecido na rua dos Fanqueiros, 84-2.º

fazia loucuras e escutava as frases enternecidas do mancebo, a propôr-lhe fugas romanticas, porque não era possivel ela «gostar daquele homem que podia ser seu pai.» (*)

Deram-se scenas teatrais entre ambos. Claudina, com as mãos presas nas do apaixonado, ourava-se, gritava numa alucinação, desejava-se longe do esposo ao qual havia tão poucos meses ainda, doidamente dizia querer.

Duas das servilhetas entraram na saleta, a tempo de ainda ouvirem o dementado exclamar ante o receio que traziam em seus ares assustados prevendo a chegada subita do atraiçoado. «Pois que venha e eu lhe cravarei um punhal nas costas.»

Devia ser um excitado este parente dum genio. Mesmo diante das duas mulheres de serviço (**) tomara atitudes, declarara que nunca mais voltaria. Era já o amante, para poder impor-se-lhe assim, dominava-lhe o espirito. Partira e deixara-a a soluçar, numa cadeira, diante das mercenarias e da amiga.

Perturbadissima com a idéa da proxima viagem de Garrett a Roma não socegava mais. Fazia tudo para o vêr, e não se coíbia de dizer abertamente que o amava (***) tanto quanto detestava o marido, mostrava-se dum grande desapego, despejadamente, decidida a tudo, e dando tão pouco conta de seus modos que o esposo, já desconfiado, começou as suas dolorosas experiencias. Alguem o prevenira, talvez. Naquela noite de maio (****) saíra para voltar a subitas e deparara com a mulher sentada à secretaria e escrevendo. Saiu-lhe detraz dum reposteiro, engrifou a mão nervosa no pulso fragil da adultera, arrancou-lhe a carta, que ia fechar e viu nessas paginas toda a confissão da sua culpa.

Claudina atirara-se num choro convulso para o sofá; ele lia com o inferno a referver-lhe no peito:

«Sonhei que me tinhas mandado o raminho de violetas que trazias ao peito, foi apenas sonho! não tiveste a meiguice de mo mandares, não te devias esquecer para que a tua filhinha ficasse muito alegre; assim estou triste. Por estas coisas é que eu acredito no que me dizem de ti. Preciso convencer-me que hoje só me amas a mim e que nunca me disseste uma só palavra que não fosse verdadeira; sofro atrozmente quando penso que tu me poderias ter enganado.

Filho, eu adoro-te, estou cada vez mais apaixonada por ti, não sei o que sinto, não te posso explicar, sou feliz e desgraçada ao mesmo tempo.» (*****)

Ele ia devorando aquelas palavras dilacerantes; serenava o impeto de a espancar; parecia não poder acreditar nesse horror sem nome entontado ante o que ela assinara. Não era um candido amor de mal casada. Ressumavam lascivias das

(*) Toda esta nossa narrativa é fielmente extraída do processo.

(**) Leopoldina Amelia do Espirito Santo e Josefina da Conceição.

(***) Uma vez perguntei-lhe se não tinham casado por amor e ela respondeu-me que sim mas que depois o aborreceu a ponto de o não poder vêr. (Depoimento da testemunha Josefina da Conceição.)

(****) Em 6 de Maio de 1870.

(*****) Carta apensa ao processo.

frases, a ardencia histerica duma perdida bulcoava das caricias confidenciadas a um belo papel perfumado, na quietação dum *boudoir* de burguezinha.

Pedia o retrato ao amante, ordenava-lhe que lhe enviasse tambem o duma francesa da qual tinha muitos ciumes, para não sentir na sua recusa as palavras torturantemente adivinhadas em sua boca desde que não lhe obedecesse: «não te dou o retrato porque não te amo e amo-a ainda a ela». Seguia na eterna toada das cartas das falsas, das adulteras, com o *ele* depreciativo para o marido: «Vai hoje ao camarote quando ele não estiver para vêr se podemos falar» e, depois de mais zelos, afrodisiaca, impudica, acrescentava: «Adeus até logo; olha muito para mim e tem cuidado em não olhares para mais ninguem». E logo, numa nova queixa disfarçada em desdem, o instintivo pierroxil das femeas: «Faze o que quizeres, porque me é indiferente que olhes para mim ou para outra qualquer; até é melhor».

Caíra de joelhos, arrastara-se aos pés do marido que a amava com os seus vinte anos e os encantos lascivos de morena, suplicava-lhe, dizia-se uma doida, chocavam-se-lhe os dentes no arripio do medo. E não a matou logo; teve a coragem de sentar-se no seu lugar, diante dela, na sala da mesa.

Foi um inferno a sua agitada noite. Não a assassinou junto dessas letras porque lhe queria muito e agora, pelo fenomeno da saudade do que se perde, pelo inato sentimento do macho ao vêr-lhe disputada a femea, o homem tão cheio de talento e de energia acobardava-se, quedava-se num doloroso anceio. Devia lembrar-lhe, talvez nesse momento cruciante, a dôr terrivel de Pinheiro Alves quando do adulterio da mulher, da Ana Placido, defendida com gritos arrojados contra a sociedade dos burgueses portuenses que não deixavam amar-se livremente dois romanticos corações. E que era ele ali, amarfanhando aquela carta no bolso, além dum banal ciumento que nem se atrevia a lavar a sua honra como o *Nacional* dissera do «brasileiro», do ricaço, ferido por toda uma grei de romanticos?!

Telegrafou, nessa manhã, ao irmão Antonio pedindo a sua comparencia em Lisboa, ficara em casa e acarinhara a netinha de Rodrigues Sampaio que viera passar o dia com a sua amiguinha. Tocaram piano e a criança reparara que D. Claudina tinha os olhos vermelhos de chorar. Daí a pouco aparecera Ramalho Ortigão, chamado à pressa, e, fechando-se com ele no escritorio, Vieira de Castro contou-lhe tudo numa fria serenidade e pediu-lhe que fôsse, em seu nome, desafiar o amante da esposa para um duelo o qual se realizaria naquela mesma tarde. Depois saiu, meteu-se numa carruagem, mandou-a seguir para Belem e entrou na melhor botica local cujo proprietario, Pedro Inacio Franco, era muito seu conhecido da politica (*) onde tratava largamente. Não o encontrou; tinha ido assistir a uma festa de igreja na Luz e para lá mandou bater levado pela ideia fixa, alucinante, a que os homens da lei chamam premeditação, mas no fundo é apenas o mandado dos ancestrais insistindo num selvagem dominio e levando o homem a matar em nome da animalidade ou do preconceito.

(*) Depois conde do Restelo.

Pedira ao farmaceutico um pouco de cloroformio e ele entregara-lho mal imaginando que pessoa de tal mentalidade estivesse meditando um crime. Devia ter uma estranha atitude aquele acusador dos burgueses ciosos das mulheres quando pensasse nos pormenores estranhos da sua tragedia do lar.

A maldita carta estava na sua algibeira, lia-a a meude, procurava nela e na recordação dos quentes beijos da infiel a coragem para tudo quanto deliberara praticar. Ramalho Ortigão trouxera-lhe a noticia de que Almeida Garrett recusava bater-se.

Fôra encomendar ao alfaiate Nunes Correia um fato preto, ao seu sapateiro umas botas de verniz. Era o luto pela mulher que ia matar. Ao sentir-se só, na noite alta, atormentado pelas letras horriveis, sentia que não poderia fugir à sua terrivel determinação. Um amigo dedicado que não o abandonasse, nessas horas desesperantes, tê-lo-ia salvo; entregue a si mesmo, vendo fugir-lhe o homem que o desonrara, sentindo ali perto a mulher que espezinhara o seu amor, não se contivera. Abrira sem ruido a porta da alcova onde ela dormia, vira-a, linda, num desalinho de roupas, na noite quente de Maio. Exalava uma tentação; e se não fôsse ali para a matar, a ideia de que tanta beleza se entregava a outro torná-lo-ia assassino. Chegou-lhe às narinas o frasco do cloroformio. Não a queria ferida; não desejava derramar-lhe o sangue; vê-la-ia acabar quasi sem sofrimento. Á luz suave da lamparina, naquele quarto luxuoso, onde se tinham amado, entre as finas roupas de bretanha, o corpo da mulher estremeceu. E, ao sentí-la repelir o frasco, ao vêr-lhe os olhos assustados de quem acorda em sobressaltos de maus sonhos, quizera obrigá-la a respirar o anestesico. Repeliu o, gritando:

— Acudam! Acudam!... Expirou-lhe na garganta o brado de socorro. O marido tapava-lhe a bôca, chegava-lhe o frasco ao nariz, puxava a roupa do leito e sufocava-a cheio de rancor, livido, em gestos fantasticos na claridade calma que alastrava nas paredes as sombras bruscas dos seus gestos assassinos.

— Cala-te! Cala-te!... murmurava roucamente — Cala-te!

A adultera estrebuchava, as suas mãos afastavam ainda as roupas, e na lucta, arranhavam-no febrilmente, doidamente, numa defeza felina. Então, ao vêr-se ferido, temendo que se escapasse, lançou-se sobre ela, envolveu-a mais, deixou o frasco destapado no apertado envolucro que formara com os lençoes, a manta, a colcha e, durante um quarto de hora, a mantivera sob a forte pressão, de suas mãos raivosas. Nem a destapou, deixou-a para ali, saíu, deu a volta à chave e chorou até que a madrugada scintilou nos vidros da janela do seu escritorio na formosura do esplendente maio.

Já não se equiparava ao burguez que se contivera, esse romantico assassino.

D. Claudina lá estava na sua alcova, morta; ele fôra passear para o Aterro com o irmão, a fazer-lhe as confissões extranhas, os servos pasmavam de tão longo sono de sua ama, e puzeram-se a desconfiar quando ouviram o alucinado ordenar-lhes que não entrassem naquele aposento. Depois, quando Ramalho Ortigão, voltou com uma carta de Garrett acentuando sua negativa em se bater por se julgar culpado, Vieira de Castro, como se acordasse dum letargo, declarou falhar-lhe com essa recusa, a

primeira parte da sua vingança, mas que já executara a segunda: «a mulher morrera!» E o escritor, num pasmo, soube não se tratar duma figura de retorica: o crime dera-se, D. Claudina fôra assassinada. Escutou torturadamente o assassino; sentiu sumir-se nos horrores dos castigos aquela bela inteligencia que tanto se excitara ao vêr prender Camilo por cumplice no adulterio de Ana Placido, considerada a martir. Quando aconselhara a Julio Cesar Machado «curva-te à magestade desse infortunio» mal suspeitava que um dia não encontraria na sua raiva funda, palavras suficientes para condenar uma perfidia de mulher; ao clamar «contra o aviltamento dessa imprensa que passa sem descobrir-se diante de tão grandioso holocausto» não imaginava que numa hora da sua vida, teria tão poucos epitetos para lançar a uma adultera que se veria obrigado a procurar no assassinio o seu desabafo.

Agora, depois do seu acto, perguntava aos amigos o que devia fazer. Estava arruinado, gastara o dote da infiel; ali, a dois passos, o cadaver enregelava, e, quando lhe aconselharam a fuga, olhou-os num desvairamento, vestiu-se de negro, tomou uma carruagem, foi apear-se à porta do governo civil. Introduzido com as atenções devidas ao seu renome, declarou ao comissario Luiz Wadington que matara a esposa. Ouviram-no D. Rodrigo Salasar Moscoso e Belarmino Cesar de Vasconcelos, empregados da Justiça. Depois o dr. João Rodrigues da Cunha Aragão e Mascarenhas, juiz do crime, interrogou o desgraçado que se lhe entregava completamente e respondia num laconismo constante às suas interrogações.

— «Tendo achado minha mulher fechando uma carta e sendo essa carta prova de adulterio, resolvi dar-lhe a morte, o que efectuei na madrugada de 9 do corrente, às quatro horas, pouco mais ou menos.»

Era tudo; não ocultava pormenores, apresentava-se numa cruel nudez de alma:

«O que desejava era arrancar-lhe a vida para que desaparecesse o ultrage. Como o cloroformio se derramasse sobre o leito, envolvi-a na roupa e estrangulei-a.»

O magistrado escutara-o e acabara a perguntar-lhe:

— «Sabe que vou mandá-lo conduzir para a cadeia?»

— «Não vim aqui para outra cousa. O que eu queria era vingar-me e depois morrer.»

Vingar-se! E esta palavra forte na bôca do defensor dum caso semelhante ao seu, soava como uma heresia. Renegava a romantica religião do amor diante do seu ciume exacerbado que o arrastara áquêle crime.

Entrou no Limoeiro e não lhe faltaram visitas, desde os conselheiros da corôa, como Barjona e Rodrigues Sampaio, até aos sabios, os literatos, os artistas, a população dos cafés, cenáculos e gente da Academia.

Lamentavam-no; os nomes celebres das suas testemunhas de defesa acentuavam bem o valor do criminoso e, sem a premeditação do seu delicto, a sorte voltar-se-ia favoravel e amiga para esse impulsivo que só não o sombera ser na hora mais angustiosa da sua vida. Ficou a penar na cadeia naquela tarde luminosa. Do seu quarto gradeado avistava-se o Tejo e ele, atravez das lagrimas, via as aguas scintilantes, as velas trianguladas numa doce ondulação, nesgas verdes de povoações da outra mar-

gem, casarias brancas, chapadas da soalheira, refulgencias nas azas dos moinhos. Sentia-se, naquele scismar, querido pelos que o sabiam de antemão condenado mas lhe davam esperanças; estava destinado a essa finalidade, sobretudo, porque defendera Camilo, ferira muitas vaidades e gerara maiores invejas.

Quando ecoou por todo o país, levada pela imprensa, a noticia do seu crime, Camilo, ao recebê-la em Seide, encheu-se de desolação; Ana Placido, desde esse 10 de Maio, até ao cabo do julgamento e do recurso, raro era o dia em que não chorava, fazendo assomar as lagrimas nos olhos do romancista, alanceado pela singular acção do seu mais estrenuo defensor nas más horas da cadeia. Como o injuriara a sociedade semi-barbara, que sacrificava nos altares dos preconceitos! Como titulara de martires dois amantes abraçados numa paixão e que tinham destroçado um lar!

Chegara o momento de pagar parte da divida irremivel, e, numa carta, dolorosa, tresvairada de dôres profundas, o escritor dizia ao seu grande, ao seu melhor companheiro, ser «depois de seus irmãos, um dos que maior abalo sofreram com a tua incomparavel angustia». Continuava, cheio de sinceridade que o seu talento tornava mais bela pelas expressões lapidares:

«Sinto-te em minha alma quasi desde a tua infancia. Vi-te entrar no mundo e não pude ainda descobrir duas horas de verdadeira alegria e paz na tua existencia».

E era assim; desde os desanove anos que lutava contra o mundo numa colera de apostolo arremeçado, no fim de tantas teorias, para a feição vulgar, descido à miseria de que se salvavam, por vezes, os mais comuns dos mortaes. O desesperado homem de letras tornava:

«Que te hei de dizer hoje? Não sei. Mas o que não posso é calar-me. Peço-te coragem! coragem, que eu receio que sucumbas perante ti mesmo.» E acabava numa forma extranha:

«Vieira de Castro não sejas menos forte do que o foste na defesa da tua dignidade. Essa salvou-se, mas o pior é o coração despedaçado. (*)

A defesa da dignidade! Ele esquecia nesse minuto de consolo, o que teria sido a tortura de Pinheiro Alves. Olvidavam-na ambos. O romancista sentia já limada a sua paixão na convivencia (**) com a amante que chorava a sorte do grande amigo, soluçando talvez, pela recordação da defesa que ele fizera na epoca em que por amor tanto sofrera.

Todos três deviam sentir duendes à sua volta. Ela foragida do lar, não vira os

---

(*) Camilo — *Correspondencia Epistolar*, 2.ª ed. pag. 11.

«Não se amavam! Que grande milagre não se amarem. O uso de se verem duas pessoas entreamadas gasta-lhes o amor. O uso de se verem os que muito se estimaram, não lho deixa nascer. O imprevisto, a surpreza, o dominio incerto e disputado, isto sim, é o ceu ou inferno onde o amor rejubila como anjo ou se estorce em fogo reprobo.»

(**) Camilo — *O Sangue*, 2.ª, pag. 51,

dedos enclavinhados do marido em paroxismos de zelos e de demencia a procurar-lhe a garganta para lhe afogar as palavras que soluçasse:

Escapara na hesitação do material comodista que era o conjuge, capaz de morrer amaldiçoando mas acobardado ao pensamento de se vingar pelo assassinio.

Camilo, lembrar-se-ia, decerto, das horas atormentadas em que ao criminoso de agora tanto devera, e, no seu cerebro, passaria a idea empolgante de que ele condenando então, os tribunais onde se acorrentavam em nome da lei as adulteras estava já lavrando no livro do destino os articulados irrespondiveis a todos os seus agravos futuros. Quizera um largo perdão para os crimes de amor; desgraçado, não soubera perdoar.

E ele, no seu carcere, julgar-se-ia a si proprio, encontrando para a sua defeza exactamente o que aos outros recusara na furia impetuosa da sua pena, na ardencia brava da sua palavra, nas indomitas rasões da sua amisade pelos que tinham prevaricado.

Aos olhos de Ana Placido e de Camilo, por sua vez, Vieira de Castro, surgia merecedor de todas as desculpas, e em sua busca ambos lidariam na ancia de o salvarem do degredo à beira do qual tinham estado quando muito se amavam.

A sociedade exigia, nesta hora, mais terrivel castigo. Aquele romantico, acusador dos que mandavam prender as mulheres infieis, acabara assassinando a que o traíra. Desta vez a vitoria pertencia aos positivos, aos defensores da ordem e dos preconceitos que tambem seguira não se libertando do erro, ele, pobre apostolo, de sonhos quebrados ante a paixão pela carne formosa que a um rival se queria dar, inteira, esplendente, senhora de si, a algemar-se num régio presente de amor.

E acabada essa beleza que o levara a matar, se alguma cousa restava era ainda um fantasma.

Manoel Placido (retrato pertencente á familia)

XIII

CAMILO, AS ADULTERAS E OS BASTARDOS

O JULGAMENTO DE VIEIRA DE CASTRO — COMO O ROMANCISTA ENCARAVA AS PECADORAS — O «CONDENADO» — O «CASTIGO DE ANA PLACIDO» — PUNIÇÕES DO «OUTRO MUNDO» — MANUEL PLACIDO E O ESCRITOR — A MORTE DA «VOZ DE SANGUE» — D. LUIZ I E A MANCEBIA DE CAMILO — O IMPERADOR DO BRASIL EM CASA DO AUTOR DA «INFANTA CAPELISTA» — MULHERES DE PAIXÃO E MULHERES DO LAR

O coração de Camilo era um sacrario que se abria para que o seu grande amigo enclausurado nele comungasse. Não lhe ocultava nada, e, sempre tão cauteloso àcerca da vida do seu lar, e das transformações do seu amor, mostrava-se duma enorme franqueza que definia admiravelmente a sua grande ternura pelo desditoso. Fazia-lhe profundas confidencias como a mandar-lhe do Minho pedaços de alma para ele se abrigar.

Descrevia-lhe a sua existencia de Seide ao lado de Ana Placido, da mulher da antiga paixão, tornada a companheira. Mostrava-se dum afecto calmo, sereno, mas não isento de ternura pois, que se não lha dava em fogo de beijos a transmitia ante as suas torturas de mãe. A loucura do filho mais velho, que não se podia ocultar mais tempo, soldara-o à desditosa por forma diferente da primitiva. É que encontrava um peito onde derramar lagrimas, o rosto resignado da arrependida — à qual nem dera o seu nome — ensaiando sorrisos quando tinha vontade de verter amargos prantos.

«Sonho muito contigo — declarava ao seu intimo caído na estrada da vida como varado por uma bala. — Esta madrugada sonhei que estavas aqui, recitando alguns

fragmentos de discursos teus. Os ouvintes eram Ana e eu (*). Ela, porém, como hospedeira burgueza e dos tempos homericos, apenas concluiste, perguntou-te o que almoçavas. Tu respondeste: «uma chavena de chá e um biscouto».

Não havia duvida; existia entre eles um afecto calmo, o acordo tácito de viverem em laços indissoluveis perante as suas consciencias, sentiam-o tanto que não duvidavam escrevê-lo em impressões nitidas, vincadas, inapagaveis. Associavam-se nas penas e no desvelo pelos filhos Ele fazia-lhe justiça: chamava-lhe amiga enquanto não a proclamava «martir» e ela apenas sabia classificá lo como ao Henrique do seu antigo conto: «um grande desgraçado». Choravam ambos pelas desventuras alheias, aliando-lhes as suas:

«Ana sentou-se ao pé da minha cama a lembrar-me que ha quatro anos te erguias cedo a tomar com ela do seu café e pão com manteiga. Estas memorias aqui no seio de pessoas que te amam não te serão pueris», dizia ao preso infelicitado.

Camilo recaíra num periodo de alucinação, de doença fisica que o moral perturbado ainda mais exacerbava:

«A noite passada pedi a Ana que não me desamparasse um instante com medo da morte. Esta cobardia vem-me dos filhos».

Noutra carta dizia lhe: «Conto muito com o coração; as outras faculdades de escritor estão quasi delidas. Ana vai para as Taipas no primeiro de Julho, obrigada por sofrimentos que datam de 1861, daquêle quarto fétido e frio da cadeia.» E anunciava lhe que ia escrever ali o livro nascido «sob inspiração da tua desgraça.» (**)

Consolava-o desventuroso à custa de feridas feitas na propria carne; expelia em borbotões coleras e com elas palavras maguantes para a amante, e nas quais não reparava, no seu desejo de lenitivar os males do desditoso.

«Paraizo ha-o aqui para as esposas honradas, e o respeito do mundo e o culto do marido ainda que ele seja um selvagem na religião dos deveres de esposo. Inferno tambem ha aqui para as que prevaricam, atraiçoando não só o dever mas o coração sem macula.»

Todavia nas paginas da obra de desagravo punha na bôca dum julgador esta exortação a uma adultera:

«E não lhe pediram seus filhos que fosse honesta? — replicou severamente, o capelão — Ter dois filhos, dois anjos da guarda, dois amparadores, afectos tão grandes com que enchera sua alma . . . ter dois filhos . . . e resvalar por entre eles à voragem!»

Esquecia-se que a esposa de Vieira de Castro não tinha aquele arrimo e que Ana Placido era mãe bem recentemente, quando abandonara o lar, o que gerara, no

(*) Eram estrelinhas que nesta correspondencia designavam Ana Placido, nome suprimido no epistolario com Vieira de Castro ao vir a publico.

(**) Chamava-lhe *Espelho de Desgraçados*. Saíu, porém com o titulo de *Livro da Consolação* onde na 4.ª edição, pag. 210, se lê aquele periodo.

Palheiro, a acusação de que o filho, batisado em nome do marido, (*) cousa alguma tinha dele. Olvidado da sua acção, do delicto de ambos, continuava na diatribe:

«Seu pai mata-la-ia... eu por mim, choro-a; porque não pude saber isto um dia antes da sua perdição... não pude salva-la...

E insistia: «V. Ex.ª... a sr.ª D. Julia... — prosseguia ele — aquela menina que eu adorava... está aí poluída.» (**)

Quando Venceslau Taveira, o marido ultrajado, matava o amante da esposa, gritava para a culpada: «Viva... peça a estes dois inocentes que a defendam do remorso. E se eles, algum dia, lhe perguntarem pelo pai, diga-lhes que as mulheres perdidas não sabem quem é o pai de seus filhos...» (***)

Increpava as adulteras à conta de defesa do amigo e num drama em que trabalhava e intitulava *O Condenado*, só tornava simpatico o assassino da mulher.

Queria lidar muito para criar uma atmosfera favoravel ao acusado, e chegava a extremos onde implicitamente, potreava em tratos a que deixara o lar para o seguir:

«Se minha filha amanhã prevaricar e fôr morta eu terei vergonha de pôr luto.» (****) Era o maximo arranco e escrevia-o ao lado da amante que chorava pelo preso e talvez tambem pelo seu passado honesto desde que lia aquelas palavras contra as mulheres de delicto identico ao seu. Ele, porém, em definitivo, tanto quanto é possivel concebê-lo em tão versatil e irrequieta pessôa, queria-lhe a seu modo como à carinhosa em suas doenças, à apaixonada formosissima da recordação do seu passado: Longe dela parecia senti-la como outrora; alguma cousa o chamava para o seu lado. A paixão morrera; ficara uma amisade ungida pelo doloroso romance que juntos tinham vivido e o fazia dizer:

«Volto para a pobre mãe e para os pequenos. Sofro lá menos, como quem vê os braços onde ha-de expirar.» (*****)

A doença levava-o a estes negros pressentimentos e o egoismo de ter alguem para escutar suas dôres ajudava-o aos impetos de ternura volvidos à mulher que lhe queria como a uma grande creança cheia de birras e de caricias, de maldades e de choros. A saudade do que ela fôra, pungia-o; comprazia-se em relembrar as horas da lucta de ambos diante do Porto ao qual não perdoava.

Animava o preso, inspirava-lhe consolos, não ia para o seu lado porque a doença o atirava das Caldas das Taipas para Vila do Conde a ouvir o medico Freitas Soares e de ali para Braga em busca dos efeitos da sciencia do sabedor Pinheiro Torres. Asseverava no intervalo de seus males, ao homem entrevisto pela sociedade como

---

(*) Informações do falecido sr. Carneiro — a quem na roda jornalistica alcunhavam de «Consul do Porto em Lisboa», pela defesa permanente que fazia da sua terra e pelo muito que sabía das tradições e factos, da capital do norte, que referia às mesas dos cafés.

(**) (***) Camilo — *Livro de Consolação*, 4.ª ed. pag. 210 e 223.

(****) (*****) *Correspondencia Epistolar*, 2.ª ed. pag 33 e 48.

o apostolo duma religião de perdões às adulteras, derrubado desde que matara uma delas: «O meu convencimento, mais do que vaticinio, é que serás absolvido.

Se não o fosses, todo o homem de honra e pejo devia vestir luto.»

Felizmente que não trazia então para publico estas frases as quais levantariam, naquele momento, à sua volta uma celeuma capaz de prejudicar quem esperava dos juizes: A tua condenação será o marco da franca estrada da corrupção. Se na vida conjugal de aí ávante houver vestigios de dignidade, será isso o resultado da organisação — a inercia incapaz do vicio.» Levedava no seu espirito uma grandiosa colera contra a imprensa que acusava o amigo ou guardava a seu respeito um silencio de desdens: «Mais tarde te contarei o que é a imprensa do Porto. Espero contar-te e vingar-me ao mesmo tempo. Que admiravel! Quando eu estive preso achei grande dificuldade em encontrar um jornal que dissesse *que eu sofria da vista.*»

Mergulhava nas faceis coleras dos impulsivos que tomam sinceramente a peito as mais extranhas aberrações e não veem com os mesmos traços os actos dos que lhes são afectos e os dos indiferentes. Por vezes apaixonam-se, até, pelos gestos de desconhecidos paralelos com seus pensamentos ainda por exteriorisar. Lançava-se contra o procurador regio, que era o conselheiro José Maria Pereira Forjaz, residente na travessa de Santa Justa, grande amigo do ministro do Brasil que se movia — pensava ele — pelas suplicas da sua compatriota, mãe da morta, e capitulava o alto magistrado de «comensal muito frequente dum tal Ulrich, deputado brasileiro, rico, etc.» (*)

Reportava-se ao seu caso. «Lembra-te das sovas que eu dava num xxx por causa dos insultos feitos à Ana. E mesmo eu não tinha contra mim senão o dinheiro dum sujeito incapaz de sacrificios grandes.»

Chancelava deste modo a memoria do marido da mulher sacrificada, na sua freima romantica; ao matador da malfária inoculava alentos:

«Trate de vêr se se imprime o drama a tempo de eu ir em pessoa entregar a cada jurado um exemplar com dedicatoria.

Este acto não pode ter consequencias boas nem más». Sacrificava-se à amisade, punha a acção dele em termos bem diferentes da sua, na hora delictuosa conforme a considerava o irritado Porto: «a defesa duma adultera ha-de ser apresentada no tribunal como desmoralisação do defensor e prova da incapacidade dele para se desforçar da afronta.

Entretanto creio que não defendes lá a culpa; apenas invectivas contra a vilania da perseguição. Sobre tal assunto creio que Ana te escreverá não sei para quê.

Eu por mim terei grande prazer se lá no tribunal fôr injuriado juntamente contigo.»

Tinham-se apossado das palavras dele em relação ao adulterio de Ana Placido; buscavam fabricar com as suas arremetidas, uma arma contra o acto ainda mais

(*) Referia-se não sabemos com que base da interferencia dele ao pai de João Henrique Ulrich. Este frequentava então (1870) distinctamente o curso de artilharia; foi colaborador das *Farpas*, vice governador do Credito Predial, distinto nas finanças, teve certo destaque na literatura, e faleceu em 1895.

criminoso visto ser praticado por quem pensara da maneira então atirada às faces dos julgadores. E a propria acusada dessa epoca — aquela a quem o cumplice chamava de adultera — escrevia tambem ao preso, quem sabe se a pedir-lhe que não se prendesse e a acusasse, desdizendo as suas frases antigas se isso podia servir à sua defesa. É que na sua vida torturada, diante do filho louco, do seu companheiro enfermo e transtornado, encontrara a sentença.

Na peça o *Condenado*, Camilo ia muito longe. Desenhava Jorge de Mendanha, rigido, honrado, a propria figura da justiça, procurando na sociedade o amante da mulher assassinada, para nele continuar a vingança. Após o pagamento de sua divida, no degredo, chegava a pedir uma nova vida. A de José Maria de Almeida Garrett, que amara Claudina Vieira de Castro, já estava oferecida a Deus. Entrara nas ordens religiosas; vivia no recolhimento de S. Miguel das Aves à beira de Santo Tirso, não distante de Seide, onde o romancista, polia as armas de arremeço contra os que acusavam o amigo, ao mesmo tempo em que pensava enviar o seu drama aos jurados que o deviam julgar. Não era de tendencias literarias e ainda menos dados a romantismos a maioria dos homens aos quais se entregara a sorte de Vieira de Castro. Pertenciam quasi todos, à classe dos proprietarios, comerciantes, esteios sociais e incultos: Augusto Cesar da Fonseca, latoeiro; Gabriel José Ramires, dono de barcos; Carlos Joaquim Pedro, armador; Manuel Soares Guedes, patrão de fragatas; José Antonio Salgado e José Antonio Rodrigues Chaves empregados de comercio; Izidoro da Silva Mota, cambista; José Izidro Jorge, cirurgião. Alexandre João Valente de Figueiredo, medico e o conde de Nova Gôa, seriam as unicas pessoas instruidas nessa falange de julgadores.

Na cadeira do juiz estava o dr. Aragão Mascarenhas que ouvira a confissão do reu; como delegado do ministerio publico o dr. Luiz da Costa Azevedo Coutinho; a acusação particular reforçava-se na pessoa do advogado Ernesto Adolfo de Freitas. A defesa fôra entregue a um moço de talento, o dr. Jaime Constantino de Freitas Moniz, o qual contando apenas trinta e três anos, já regia a cadeira de historia universal e filosofica no Curso Superior de Letras. Deputado e comendador, pertencia à Academia Real das Sciencias na qual era consocio do acusado, do grande orador, agora ali emudecido diante da opinião publica. Evocava-se num escarneo a recordação da sua defesa de Camilo e de Ana Placido, infiel ao marido; lançavam-lha ao rosto esmaecido, emborcavam-lha na alma torturada.

Parecia ter descido sobre ele a garra do morto Pinheiro Alves que andava engrifada nas almas dos que o tinham feito sofrer. O romancista não o pudera esquecer; apesar de espancar a sua imagem, até em ironias, diante dos outros, ela acudia-lhe nas suas horas tormentosas (*).

(*) Aquele acto de negar o perdão à hora da morte traçou o deste modo como se não o olvidasse ao querer negar a voz da natureza impelindo os filhos para os pais e estes para aqueles: «O meu caro filho, como sabes, acabou no Havre; e acabou estarrecido de paixão, segundo lá mesmo me disseram no hotel onde ele expirou. Quando a febre o fazia delirar, gritava contra tua mãe, dizendo que

Um dos amigos do assassino, cujo nome estava proximo do seu, no padrão de Seide, Tomás Ribeiro, escrevera uma carta a alguem na qual chorava a vitima, dedicando ao seu confrade palavras de menor intono do que à morta dirigia. No governo da India, a tantas mil leguas de distancia, o bardo dera larga à poesia. Para a má esposa as coroas votivas; para o ultrajado apenas isto: «o infeliz que deixaste mais desgraçado porque vive nas pavorosas solidões dum carcere». Era só literatura mas produzia efeito e dela se servia o acusador. O lado sentimental do acto, queria este esfumaçá-lo, mostrando o reu endividado, perdulario, tendo devorado o dote de sua esposa e ao tratar do adulterio relembrava sagazmente, vitoriosamente, as ideias antigas do matador àcerca desse delicto que tanto desculpara.

«Não a podia matar porque a mulher segue ordinariamente a opinião do marido e tem orgulho quando esse marido é escritor. A mulher do reu lia os escritos dele, entre os quais um livro de 286 paginas, intitulado *Camilo Castelo Branco*, na mór parte do qual o adulterio era exaltado. Logo na pagina 5 vem o oferecimento do livro:

«Á Il.ma Ex.ma Sr.a D. Ana Augusta Placido, encarcerada nas cadeias do Porto, oferece José Cardoso Vieira de Castro.»

Estava ela presa por adultera. Na pagina 17 responde-lhe: «O seu livro, esse trabalho acendrado com tanto carinho na sua inteligencia tem um grave defeito aos olhos dos moralistas; e eu por modestia calo-me, meu amigo. Espera-se o voto das mulheres ilustradas, mas eu desde já lhe profetizo que lhe será adverso; basta que o meu nome ali apareça para lhes assinalar os epigramas espirituosos, a que eu não curo mesmo de fugir. O senso comum e esclarecido da nossa terra é assim, meu amigo; pela altura da frase, pelo vôo da ousadia, o seu livro vai ser causticado porque é para os outros incompreensivel.» (*)

Para ele proprio o fôra! Porque não sucederia o mesmo igualmente aos jurados?

De cousa alguma serviram as palavras quentes de Rodrigues Sampaio, de Ramalho, de Levi Jordão, do conde de Resende, de Pereira de Miranda, o depoimento de D. Emilia Ortigão, das creadas, da viscondessa de Paiva Manso, de Teixeira de Vasconcelos, do lente da Universidade José Adolfo Troni, que todos o defendiam, lhe apontavam a honradez e mostravam a esposa a desonrá-lo. A brilhantissima oração do seu advogado desfizera a parte relativa ao acto criminoso ter sido praticado para cobrir a dissipação do dote da morta; no resto o que influia era a premeditação e o desacordo das idéas do acusado com o seu crime. O ministerio publico sentia toda a grandeza daquela peça oratoria, digna de quem tão glorioso orador fôra, mas concluira:

«Lembro só aos senhores jurados a verdade seguinte: se no reu ha imaginação

---

morria sem a matar. Basta que eu te conte que pedindo-lhe o confessor que perdoasse à mulher, ele saltou furioso da cama e não quiz confessar-se. Foi ela que matou o meu filho, foi ela, Deus o sabe!» — Camilo — *O Sangue*, 2.ª ed., pg. 247.

(*) Do Processo.

ardente, extrema sensibilidade, as outras faculdades deviam ser grandes para lhe reprimirem o impeto das paixões.»

A obra em que atacava a sociedade defensora da fidelidade da mulher marcava a sua influencia como uma bandeira corsaria substituida, ali no tribunal, pelo pendão da ordem.

O advogado da mãe da morta repizava na sua replica: «o reu quando escreveu o livro de *Camilo Castelo Branco* era mais novo — diz o meu ilustre colega da defeza — e que as suas ideias não podem ser as mesmas de então. Porque não recolheu o reu os exemplares que ha desse livro à venda nos livreiros? Ou então porque não protestou contra essas ideias a favor do adulterio que ele tanto sublima no tal livro?»

Eram uma pedra de toque aquelas páginas. O juiz formulou desanove quesitos nos quais não aludia à obra, mas no animo do publico ficara o rastro das suas antigas opiniões esfaceladas, mortas na mesma asfixia que dera à esposa.

No dia 30 de Novembro de 1870 José Cardoso Vieira de Castro foi condenado a dez anos de degredo para uma possessão de Africa de primeira classe ou em cinco de prisão maior celular. O drama *O Condenado* recebera os aplausos da imprensa do Porto com as severidades da maioria dos jornais lisboetas e o autor dizia:

«Hontem fui vitoriado no teatro por amor de ti. Hoje creio que lá serás adorado no infeliz que tem uns traços remotos da tua desgraça. Ana tem chorado esta tarde. Porquê? ela esperava-te livre, esperava-te aqui; e todavia a cada hora a assaltava a convicção de que não podias ser absolvido (*) depois que a honrosa franqueza das tuas respostas no tribunal exigia que tamanho triunfo de dignidade não saísse à praça deste infame mundo sem pungente castigo.»

Noutra carta acentuava-lhe: «Que valeriam dramas se a tua desgraça não fosse o drama? Uma idéa de teatro e essa escrita a medo, como quem receava danificar a tua posição é que é a obra que o *mundo*, este mundo do Porto, teria reprovado se tu não transparecesses alguma vez no personagem em que os parvos quizeram vêr-te.»

E logo, relembrando a sua propria tragedia, Camilo referindo-se a Jaime de Freitas Moniz, abria-se com o sentenciado que apelara para a Relação:

«Diz-lhe que *nós* lhe agradecemos infinitamente o afectuoso respeito com que mandou desviar a injuria de sobre a sepultura das nossas alegrias. Dize-lhe que ela passou dezanove mezes encarcerada entre paredes que gotejavam, e, que desde então, ha onze anos, ainda não teve um dia em que a desgraça não a puzesse diante dos insultos da sociedade. Dize-lhe, emfim, que ela teria abençoado o marido se a matasse, visto que esta sociedade não prescinde de atirar lama ás que não morreram. Está muito castigada. Digo-to eu como um penitente o diria a Deus para haver misericordia pela humildade da confissão. (**)

— «Está muito castigada!» e ele proprio se tornava por vezes, no seu flagelo.

(*) (**) Camilo — *Correspondencia Epistolar*, 2.ª ed. pags. 71 e 79.

Devia ferir-se nas paginas dos seus livros como se, ao folhea-los, topasse afiados gumes. Umas vezes ele dizia: «Ha só uma mulher que salva, é a que se lança nos nossos braços ungida do sacramento do evangelho».

«A perdição duma adultera não impede que milhares de adulteras se gosem do crime e da impunidade.»

Não se coíbia mais. Quando devia lançar-se a defender as perdidas por amor, como outrora, quasi as condenava tambem: «uma mulher com dignidade num só lance de olhos desarma os mais atrevidos projectos dum homem.» Perdia-se em arrancos extranhos:

«Uma mulher não se mata. Se ela é infame untam-se os degraus da escada para ela resvalar mais depressa ao abismo. Se ela está na posição dessa mulher, o homem retira-se com sua dignidade e paga ao mundo com as lagrimas choradas a lição recebida.» Os seus conceitos eram contundentes: «A obediencia ao marido recebe-se como um dever quando a razão jà está formada e começa com o amor.» «A mulher receia o descredito só depois de saber como ele se alcança.» Repuxava o arco de suas setas com pontaria firme, com destino seguro: «uma senhora é sempre um objecto para assombros; e se tem talento é um belo disparate.»

Os inimigos achavam tanto a maneira de sublinharem taes pensamentos de seus livros como os jornalistas de lhe relembrarem seu processo escandaloso de ha dez anos.

«Quando apareceu o *Condenado*, uns periodicos portuenses de dez reis assobiaram-me a valer. Um deles pediu-me que escrevesse o drama do meu crime com uma mulher que fizera morrer de paixão o marido. Achei certo bom senso nisto dada a hipotese da capitulação patologica da molestia do defunto.»

Falava deste modo mas não podia apagar da lembrança certas supertições extranhas. O romancista ora duvidava da Providencia ora se entregava como um naufrago ás abusões. Depois de acreditar em mãos de finado apertando-lhe a garganta via-as apontando-lhe o seu destino.

«Se eu ha doze anos quando comecei a ser tão infeliz (*) padecesse como hoje, ter-me-hia matado. Estes pequenos em vez de me adoçarem a vida amarguram-ma com o que são e o que hão de ser.»

Não tinha ilusões acerca dos filhos; o afecto dedicado ainda a Ana Placido fundava-se nos seus sofrimentos como mãe. Do que ele mostrava receios era de ignotas forças punidoras.

«Que será destes infelizes a quem Deus fará gemer com o peso do meu castigo! Ás vezes cuido que do outro mundo se contempla a continuação ou o efeito das más obras que cá se deixaram a frutificar. Os filhos expiando as culpas dos pais seria estupida crueldade, se os pais, com o inferno na alma, os não vissem de outro ponto

(*) Escrevia em 1871. Logo datava de 1859 o seu infortunio, e era esta a data da victoria do seu amor.

sem lhes poder enviar um estremecimento de angustiosa compaixão. É horrivel assim a ininteligivel eternidade das penas.» (*)

Considerava-se desventurado na ultima escaleira; sentia a seu lado a mulher da paixão sujeita á mesma cadeia de desditas.

«Ana recebeu hontem a tua comovente carta, e foi contigo chorar na vida que lá nos fica para além de nove anos, nos dias ultimos das nossa felicidade. Fomos desgraçados todos a um tempo. Morreremos sem saudades do que deixámos, porque teremos gasto a alma a deplorar o que irremediavelmente se ha perdido.» (**)

O voluvel, doente para demais, não se habituava aquela vida sem arrancos. Apenas tinha para desenfado do espirito e correctivo dos nervos as campanhas literarias, aquelas em que servira Castilho, (***) as provocadas á menor beliscadura em seu orgulho. Agora, porém, passada a sanha, entretido no combate em prol do amigo, sacudia-se por vezes, nuns rugidos que só encontravam eco em Seide no ambito da casa do traído.

A sua preocupação estava nas creanças e na defeza do condenado. Debalde Rodrigues Sampaio interferira junto de Ferreira Lima, juiz da Relação a favor dele. Não se lhe podia valer. Tinha contra si a opinião publica dirigida pelas senhoras da sociedade, que no dia da comunhão aos presos das enxovias, o tinham ido insultar ao carcere em demasias de megeras sendo algumas lindas. Elas, mais do que a monotonia da prisão, levaram o degredado a pedir a breve partida para a Africa, logo concedida. O morgado de Pereira — o descendente dos alcaides-móres, senhor do couto de Esmoriz — acompanhava-o. Era um fidalgo alegre, que encontrara no sangue dos avoengos ardencias combativas para além das romarias minhotas.

Aquele a quem Eugenio de Castilho confidenciara os seus amores pela Amelia de Landim — a perdida de alma romantica — dizia que a Africa não servia apenas para se plantar de ossadas de soldados e de sepulcros de criminosos. Como se um antepassado batalhador, que por lá tivesse andado na conquista, o atraísse, ele não duvidava ir traficar em café com o gentio, de chapeu de palha e escopeta, em nome do restabelecimento da sua casa empenhada como o guerreiro palmilhara o sertão em busca de gloria e lucros para levantar mais uma torre no solar que o neto via a esfarelar-se. Vieira de Castro associava-o na exploração a tentar. Levavam consigo o filho de Ana Placido, o Manuel, que era ainda uma criança, mas desejava embrenhar-se na selva. Mal se compreendia como o deixavam partir para tão longe. Era já alto e esbelto, amigo de montearias e cavalgadas; depois sentia uma grande admiração pela força e dextreza do morgado; habituara-se a querer-lhe e assim como na casa de Seide iam ficar a mulher e os filhos do senhor de Pereira tambem este adoptava o primogenito da que lhe albergava a familia.

O escritor adorava o rapaz que apresentava beleza máscula, galharda e desen-

(*) (**) Camilo — *Correspondencia Epistolar*, 2.ª edição, pags. 104 e 113.
(***) *Questão Coimbrã.*

volta; só os olhos eram belos em demasia, para um rosto de aventureiro que o sol da Africa ia queimar. Pareciam-se com os da mãe. Esperava voltar mais rico, com a barba a apontar-lhe e o desembaraço de palmilhante de terras longinquas. A parte da legitima se pediu o seu transporte e sustento. Não o mandavam embora; custava-lhes muito separarem-se dele; porém, o romancista sentia-o afastado de si, desde certo tempo em diante, como sobressaltado à medida que ia crescendo. É crivel que algum dos parentes de Pinheiro Alves, em madrugada de caçadas, no fundo dalguma bouça, lhe revelasse o adulterio da mãe, o seu nascimento e o pai morrendo na estalagem da Eugenia, em Vila Nova, soltando imprecações e anematizando os dois naquela hora da agonia diante do padre aterrado. Na sua alma abrir-se-ia uma claridade e um desespero. Profundaria mais na historia materna e por isso, ao sentir o ardente carinho de Camilo, na casa que pertencera ao homem cujo nome usava, encher-se-ia de pezares. É que, rialmente, o escritor queria-lhe muito, imenso, tanto como se fosse seu filho, e atormentar-se-ia de tal modo com seus desdens que redobraria em meiguices às quais replicava fugindo-lhe, indo para muito longe. Deve estar nesta sensibilidade da criança a razão de seu afastamento. Da alma do romancista, ante o golpe, brotavam entrechos para livros que só viria a escrever após a morte do Manuel. Todos viam que o amava como a um filho queridissimo e, sem duvida, guiado por tal sentimento, poz-se a imaginar, para a composição de duas novelas, ser o verdadeiro pai daquele rapaz, nascido na hora tormentosa das grandes infelicidades da mãe. Descreveu verdadeiros progenitores repelidos pelos que lhes deviam a vida, ao ignorarem os laços intimos de suas existencias. Emudecia o romantismo da voz do sangue; negava-a, calava-a como se a sepultasse em jazida profunda para onde a arremeçassem factos iniludiveis. Fazia chorar de dôr, na *Caveira da Martir*, o pobre frei Francisco Xavier porque sua filha, baptisada, por escrupulos do reverendo, em nome do irmão, ouvidor de justiça, só a este queria como pai, detestando o frade seu suposto tio.

No livro *O Sangue* mais dilacerantemente apresentava o drama.

Insistia no assunto; comprazia-se em revolve-lo, e fazia defrontar em duelo um rapaz com o autor de sua existencia, ao qual o desafiava para vingar a morte do esposo de sua mãe, julga-lo o seu autentico pai, visto lho terem apontado como tal e usar-lhe os apelidos.

Tratava-se, pois, apenas dum enganador preconceito. Aquele de quem recebera os legados prevalecia em seu espirito sobre o gerador.

Como se Manuel Placido Pinheiro Alves herdasse do marido da mãe, dinheiro e sobrenomes e pertencesse ao escritor pela materialidade do amor de sua gestação, Camilo não se fartava de inutilisar as velharias da misteriosa influencia do nascimento que faria um abandonado reconhecer o seu pai num lance de olhos.

«A natureza entre pais e filhos é a cousa mais artificiosa neste mundo» (*) — asseverava.

(*) Camilo — *Caveira da Martir* — 2.ª ed. pag. 192.

No romance narrava a fuga duma mulher que se perdera durante a ausencia do conjuge. Não pudera levar consigo o filho do adulterio porque andava em passeio com a ama, no momento em que ela saira aterrada ao julgar vêr chegar, a subitas, o marido. Creou-se o pequeno com o avô que jámais se dissuadira da sua origem legal embora lhe contasse ter o atraiçoado morrido no Havre ao saber do abandono em que ficava, revolvendo-se em iras. Na hora extrema ao «pedir-lhe o confessor que perdoasse à mulher ele saltara furioso da cama e não quizera confessar-se.» (*) Egualava esta scena a pagina rial do fim de Pinheiro Alves. Pois era o suposto descendente daquele amaldiçoador que ao chegar à maioridade, ia procurar o desinquietador da honra materna e o insultava. Frente a frente, no campo, a a bala do pai alcançava a cabeça do filho sem que o menor estremecimento tivesse revelado um ou ao outro a sua grande afinidade: Eram adversarios. Nem o nascido do arrípio delicioso do adulterio, sentira a alma a enoitar-se-lhe ao apontar a sua arma; tampouco o outro estremecera mais do que um homem lavando a tiro uma afronta vinda dum desconhecido.

«O sangue sintetisava ele, com ares de titulo filosofico e assim com presumpções de tese. Porque has de ter ouvido dizer que um filho conhece seu pai e um pai seu filho, por um secreto impulso de sangue.»

Conturbava-se na singularidade do desconhecimento entre si dos que tinham fontes tão proximas. Tantalizava-se deante dum grande desejo de soltar um brado reprimido.

«O sangue — repetia — é um engenhoso registo que a Providencia implantou na economia animal, para regulamento dos deveres de familia.» (**)

Mais tarde, ao referir-se ao padre Bento da Mó, e ao engeitado Manuel Vieira, no *Demonio de Ouro,* não variava: (***)

«Ele mesmo já se havia espantado, quando menino de entre doze a treze anos da frieza e de nenhum intimo abalo que sentira ao defrontar-se com o homem a quem poderia dar a sacratissima invocação de pai.

Repisava tomado dum forte anceio de vincar seu pensamento:

«A compaixão que o moveu, explica-se com dispensados estimulos secretos do sangue, impulsores de mera convenção que nada tem de genial em si e acaso se desenvolvem com o artificio da educação da dependencia e da reciprocidade dos afagos.»

Reincidia, bem seguro à presa que lhe sabia bem; a essa idéa destruidora da lei enleadora dos misterios de atracção de corações para corações porque o acaso dum amor gerara um pequenino atirado à rua, perdido nas cidades, como um cãosinho, o qual desconhece o ventre donde veiu e o padreador do acaso.

«Se filosofica e filantropicamente lhe dissessem os moralistas que lhe corria o dever de socorrer o Padre Bento, porque entre este homem e certa mulher se formara um ser despresado que ao estilo humano se chamava «filho e etc.» (****)

(*) Camilo — *O Sangue*, 2.ª ed. pag. 247.

(**) Camilo — *O Sangue*, 2.ª ed. pags. 274 e 275.

(***) (****) Camilo — *O Demonio do Ouro*, pags. 172, 173 e 174 — 1.º vol.

Assim se pronunciava o romancista. Depois, como se tivesse chegado ao maximo da demonstração da mentirosa «voz do sangue», remetera-se a moteja-la nas novelas onde de quando em quando, explodia a paixão pelos filhos creados, como os seus, à custa de sacrificios. Não olvidava, porem, o que andava na aventura africana.

Parecia tomado por uma ideia que não podia afogar embora sentisse o contrario entre Placido e ele. Aquele moço que lhe fugia «que pouco caso fazia dele» vivera ao seu lado desde os seis meses, e herdara do outro o dinheiro, os apelidos e talvez as coleras. A novela fôra sugerida ao invez da vida a não ser que outras rasões actuassem na alma do autor.

«Demonstrado isto — continuava no romance *O Sangue* — corre-te obrigação de mostrar uma coisa; e vem a ser que tu e eu e os mais da nossa especie somos os reis da criação; e que os bichos, que estremecem os filhos, são os bichos.»

— «Mas — continuava ao fechar o romance — não posso dizer que o pai de Pedro Barros era...

— «Era o que as nupcias demonstravam, como diz a lei romana. Era Inocencio. O sangue de Pedro vinha a ser o dinheiro de Inocencio. Lá está o axioma que diz: *o dinheiro é sangue*. Um filho só pode ser filho de quem é seu pai, quando não herda oitenta contos de outro que foi casado com sua mãe.»

Quem sabe se, analizando bem o documento humano, ele escreveu as duas novelas da ingratidão filial ante o desconhecimento do verdadeiro progenitor?!

Adorava aquele a quem sempre se chamou simplesmente Manuel Placido. Via-o partir e ficava com a sua doença; o outro filho adulterino, Jorge, nascido durante o periodo em que ainda era vivo o esposo da sua amante, e o Nuno, o legitimo. Um, o do seu coração, fugia-lhe; outro, o do seu amor ardente, andava atontado, já com furiazinhas de louco; o terceiro, vindo da calma da paixão, só revelava indolencias. Olhavam-se os pais naquela casa de Seide, e sentiam-se desgraçados. Fugiam dali, mais uma vez, deixando a esposa do morgado com os seus no lugar da desdita onde o padrãosinho de granito se ia emusgando, escondendo no esverdinhado dos lichens, o nome do condenado, o penultimo, mais ao rez da terra, e abaixo do qual ficava só o de Camilo, como a esperar por destino, mais funda vala do que a aberta para o amigo a queimar-se nas florestas africanas.

Contemplavam-se os dois romanticos enquanto a sociedade rejubilava embora nem conhecesse metade de suas dores. Viviam num andar da rua de S. Lazaro desde o começo do ano. Ele voltara aos livros. Afóra os da batalha denodada pelo seu amigo degredado pouco mais produzira num ano.

Ela trabalhava tambem. Editara, com o pseudonimo de Pedro de Souza, um romance *Herança de Lagrimas* (*) e que fôra impresso em Guimarães. (**) O entre-

(*) Existe um exemplar em Seide, pertença da neta de Camilo, D. Rachel Castelo Branco.

(**) *Guimarães. Redacção do Vimarenense. Editora. Tipografia do Vimarenense.*

Apareceu em 1871, quando naturalmente a tipografia do jornals e ocupava de edições, pois o periódico terminara em 28 de Julho de 1863, dando logar à *Justiça de Guimarães*, e logo ao *Berço da Monarquia* que formavam a imprensa da cidade.

cho consistia na evocação duma rapariga casada com um velho, bondoso e atilado. A' volta de Diana — mais uma vez o nome de Ana ressurgia — os janotas deliravam. Concedera uma entrevista a Nuno o que mais a encantava, mas o esposo, ao saber do seu deslise, entrara na sala e, em vez de a matar, soltara palavras nobres: «Não quero de modo algum prevalecer-me dos direitos que me conferiu a sociedade e a religião; entendam-me bem, sou velho, a minha vida está por pouco; gostoso faço o sacrificio dos breves dias que me restam a bem da minha filha. Aqui te entrego, Diana, este manuscrito de que fui depositario até hoje. Lê, medita e resolve depois.» E ela leu a tragica vida de Branca de Alvarães, casada com D. Jorge de Melo, do qual não gostava e que um dia topara quasi nos braços de uma marquesa — a de S. Gens — quarentona de belesa picante, das que não querem envelhecer. De aí por diante sentiu o direito de amar. Alvaro de Sepulveda fôra um dos seus adoradores de solteira e aparecia-lhe; Rodrigo Correia de Lacerda tambem, e este foi o preferido como sucedera a Camilo no baile onde ela quizera saber o nome do homem de tão singular presença. Egualmente a heroina do romance fazia egual interrogação a Alvaro, ao desditoso apaixonado, e pouco depois sentia-se abalada, prestes a ceder, quando o amado lhe escrevia a dizer-lhe ir fazer-se padre, renunciar à vida tormentosa de paixão insatisfeita. Devía ser a linguagem camiliana do periodo do desejo; o facto, pelo menos, era egual. Respondera-lhe com o seu enternecido amor e quando acabara a missiva entrara o esposo a suplicar-lhe beijos que lhe negara. Quizera então saber se ela amava alguem e muito francamente, confessara-se-lhe. Num impeto, recebera a ordem de expulsão daquele lar. Saiu sem o menor objecto valioso, correu a casa do amante, a lançar-se-lhe nos braços e encontrou-o quasi frio, reservado. Era muito pobre para a manter; aconselhava-a a tomar um quarto numa pensão, a escrever ao marido.

Acabaram por chamar o antigo apaixonado, encarregaram-no de transacionar com o traído o qual repeliu a adultera, achando que a sua grande punição estaria nos tormentos inflingidos pelo amante.

É certo que não se deram bem; as volubilidades dele desesperavam-na, surgiam desatinos e a tentativa de suicidio da desditosa. Narrava, a autora, a vida da personagem como preceptora numa casa de Elvas para onde entrava gravida, sob o nome de Madalena de Queiroz, em cujas silabas se encontravam as letras de Ana, mais uma vez. Deu á luz uma filha que a dona da casa decidiu educar, tomar para si emquanto a desgraçada, no auge duma doença, escrevia as suas memorias. Mas o pae corría a buscar a pequenita, e instalava-a num lindo palacio, a Arroios, onde ia Alvaro de Sepulveda, recordar com ele a morta e rever, nos lindos olhos da filha, a que tanto amara.

Mas Jorge de Melo, que o acaso dos romances, conduziu á residencia de Elvas, onde existia um retrato da esposa, embora desfigurado pelas amarguras, aprendeu o triste fim da que expulsara e foi assassinar o sedutor, o qual ainda tivera vida para entregar a creança ao seu amigo Sepulveda e acabar sem dizer quem o ferira. Da paixão pela morta veiu o amor por sua filha que se tornou a esposa do homem que,

naquele dia da sua vida em que ela se decidiu a amar outro, lhe dava a lêr a narrativa escrita com lagrimas e sangue, da pobre Branca de Alvarães, adultera.

Ana Placido parecia atirar um aviso às mulheres que se avisinhassem da ladeira escorregadia das paixões pecadoras ao desejar que: «estas lições da desgraça servissem para abrir os olhos a alguma dessas almas desvairadas.»

No fundo da fantasia havia reminiscencias da vida dela e de Camilo, primeiro ao chamar-lhe Nuno — como o filho — depois incarnando-o em Rodrigo Correia de Lacerda que podia bem ser Correia Botelho, pobre e afidalgado, conquistador e voluvel.

Até mesmo aquele apelido da mãe de Diana o fôra buscar á semelhança de Alvarães com Alvações que o escritor tomara para uma personagem dos *Misterios de Lisboa*.

Por toda a obra está espalhada a ideia dos lugares do sul entrevistos quando da sua fuga e por vezes, ao desenhar o fascinador, toma Camilo por modelo fidelissimo logo transformado pelas exigencias da acção inventada. No ponto do desejo de o dominar, de o querer ao vê-lo amado pelas outras, na fuga para a casa modesta que ele habitava, na propria idéa de se recolherem a um ermo romantico se dedavam os transes da saída dela da morada de Agostinho Velho para a de D. Carlota Eufrasia de Sá, e logo para o hotel. Na pessoa de Alvaro de Sepulveda deve existir um pouco de Ferreira Quiques ultraromantizado e até na transformação do lugar do baile onde viu o tentador ha semelhanças flagrantes. Na vida deles esse sitio fatal foi a sala da Assembleia Portuense, na novela a Assembleia Lisbonense. Depois a tentativa do repelido amoroso se fazer padre, a entrada do marido, a subitas, quando ela estava escrevendo ao amante, recordam a fase religiosa do escritor e a sortida de Vieira de Castro a surpreender a adultera traçando a missiva para José Maria de Almeida Garrett.

É assim por toda a obra, estranha de lances impossiveis, mesmo para novelas, mas laivada de palavras, ilusionada por figuras que pertenceram à rialidade, embora dentro dela tivessem procedido de maneira diferente: primeiro o romancista disfarçado num aristocrata mas a revelar-se nalguns actos, e cartas, sobretudo nas expressões empargadas para com ela, doces, ternas, à moda do tempo e muito de uso dele ainda naquela epoca em geito que lhe ficara. Pinheiro Alves e o Quiques, e ela — pobre dela! — em varias scenas ali estão desfigurados como num pesadelo mas não tanto que não se conheçam — sempre como num sonho — atravez de deformações.

A *Herança de Lagrimas* era isto. Pagaram-na à autora os editores mas o publico deixou de a julgar pois a obra não entrou no mercado.

Camilo, achara, mesmo no meio das agruras, veia para peças de teatro comico; (*) fizera tambem, a biografia do seu antigo amigo Alves Martins, que redactoriara a seu lado o *Nacional* e subira à dignidade de Bispo de Vizeu; colecionara artigos e publicara-os; transformara o *Espelho de desgraçados*, no qual queria tratar

(*) *Morgadinha de Val de Amores* — *Entre a Flauta e a Viola*. Escreveu tambem o romance *Mulher Fatal*.

das dôres de Vieira de Castro, numa obra sedativa para seu males e chamara-lhe: *Livro de Consolação*. Entrara a encher-se dum grande odio contra a sociedade que não lhe perdoava as diatribes e a absolvição; enfurecia-se no Porto que se lhe aplaudia as peças e os romances detestava a sua presença num ressentimento propagado de pais a filhos. Estava muito pobre. Pesava sobre a sua enfermidade o sustento do lar; a educação daqueles filhos, um adoidado, o outro desentendido, as chagas mais cruciantes de sua tortura e ao mesmo tempo sonhava compensações, honrarias, cousas que pudessem ocultar a sua derrota de dinheiro, enaltecer-lhe o valor que não era arnês suficiente para os golpes num balancé de bater moeda forte. Havia quatro anos, que em segredo solicitara uma mercê régia. O exemplo da consagração oficial de Castilho viscondisado, como já o fôra Garrett, tinha-o feito acalentar com a honraria a esperança de não ficarem ao desamparo os filhos dum homem ao qual um governo nobilitara por seus talentos. Para demais, outros literatos de menor categoria estavam amerceados: Ricardo Guimarães, era visconde de Benalcanfôr, Manuel Roussado, o folhetinista, barão do seu apelido. Porque assim os via solicitara do bispo de Viseu o titulo a emparceirar-se com eles. Na sua habitual franquesa, no seu modo rude, tendo com ele a confiança, de quem trabalhara na mesma banca da gazeta e na mesma politica, o prelado respondera-lhe: «el-rei não lhe dá o titulo que você pretende, porque você não é casado e diz que vive em mancebia.» (*)

Fustigara-o; no espírito de Camilo, acumulou-se a colera contra o soberano a qual envolveria os Bragenças mesmo os já apodrecidos nos tumulos.

Mas nem com a mira no titulo dava a mão de esposo a Ana Placido como se vivesse numa vesania. Longe dela delirava enciumado; a seu lado torturava-a e vendo-a como companheira, mostrava-lhe bem que mais nada dele havia a esperar em afectos, alem dos oferecidos.

Destas batalhas imensas
Obscuras e sem brilhos
Tens dois padrões de vitoria
Tens dois trofeus: são meus filhos. (**)

Pobres deles, farrapos da fantasia paterna; pobre dela, desataviada das pompas teatrais da sala da Assembleia, do camarote do S. João, do *boudoir*, das rexas do convento, das grades da cadeia, tornada a dona de casa que esse surpreendente criador de beleza entrevia muito pertinho dos potes e da lareira. Para demais diziam-lhe as razões porque não o enobreciam e, olhando-a, recuava sem dar uma satisfação ao mundo. Sentia-se tão grande que se desejava fóra da lei comum; ou um receio de perder mais ainda em ternura para com ela fa-lo-ia hesitar?

(*) Cartas a Tomaz Ribeiro, pag. 28.
(**) Datada de 27 de Abril de 1873. — Do *Leme*.

O visconde de Castilho, a seu rogo, falara a Rodrigues Sampaio, quando este era ministro do reino, e continuara-se em duvidas, em hesitações melindrantes para ele, tão orgulhoso e tão irritavel. (*)

Concebera um plano demolidor, ousado, um projecto de marcar à gente do Paço quanto valia por si proprio e que da sua vida intima ninguem tinha de cuidar. Andava meditando o primeiro golpe aos Braganças de cujo descendente se queixava a um homem politico, embora de seu pouco conhecimento.

Mostrava-se capaz de tudo ao sentir-se dominado por aquela idéa fixa da nobilitação. Pouco depois da saída de Vieira de Castro para o degredo (**) renovava ele o pedido que fizera ao bispo e ao Sampaio. Dirigia-se ao deputado João Antonio dos Santos Silva, a quem chamava estimado amigo, apesar de só duas veses lhe ter falado. (***) Abria-se com ele, punha-se muito à vontade, confessava-lhe o insucesso do prelado-ministro e acrescentava: «chegada a ocasião pedi ao visconde de Castilho que intercedesse a meu favor com A. R. Sampaio.

Volvidos poucos dias o ministro respondeu a Castilho que el-rei não dava titulos a homem que tenha um viver desmoralisado, adultero, e escandaloso. Ora os meus pobres filhos são os inocentes filhos duma senhora a quem o sr. D. Luiz se referia na sua severa arguição; (junto?) ao meu leito estava a extremosa mãe deles quando recebi a humilhante resposta. Esta descaroada repulsa, meu caro amigo, traspassou-me o coração onde eu sentia palpitar o sangue destas creanças cujo oprobrio tão cedo lhe começa e de tão alto as fere.» Ainda assim eu penso que poderei diminuir-lhes o gravame da desonra dela e deles, casando com a infeliz senhora que expiou acerbamente as suas culpas. Dando esse passo não ficaremos valendo mais aos olhos um do outro mas ganharemos que a sociedade se esqueça de nós por não nos achar dignos da maledicencia. Os filhos cá ficam. Se alguma vez V. Ex.ª os vir homens e desvalidos, preste-lhes a esmola da sua proteção.» (****)

Sentia isto, mas não casava, não a reabilitava; a lança de arremetida contra o rei que o tratava assim (*****) aguçava-a ele para traçar as paginas dum livro onde os Braganças eram poleados e se chamava a *Infanta Capelista*.

Acertou de ir nessa data ao Porto o Imperador do Brasil D. Pedro II amigo dos literatos, admirador de Camilo que em Lisboa fôra visitado por Herculano e Castilho no Lazareto. Hospedou-se o monarca, no hotel do Louvre (*) arranjado para a

---

(*) «Foi ao podes o nosso Sampaio. Pedi ao Castilho que solicitasse do Sampaio a mercê modificada só em mim, na hipotese que mais tarde a alcançaria para o pequeno. Sampaio respondeu o quer que fosse ao visconde de Castilho, que significava uma negativa; porem eu não percebi se o rei fôra consultado, se o ministro receava consultá-lo.» — *Cartas a Tomás Ribeiro*, pg. 28.

(**) 4 de Outubro de 1871.

(***) Eu conhecia-o pouco: falei com ele duas veses; lia-lhe os seus discursos como quem estudava a grande frase lusitana etc.; Camilo — *Noites de Insomnia*, vol. V — pag. 41.

(****) Publicado no *Mundo*. Tem a data de 20 de Dezembro de 1871.

(*****) *Camilo e os Braganças* — Artigos no A B C em 1924.

circunstancia. Depois das manifestações oficiais, das saudações dos burguêses da cidade depositaria do coração do pai do soberano, este desejara vêr Camilo Castelo Branco e enviara o dr. Forbes da Costa, a transmitir seu pedido ao romancista. Afirmou-lhe que estava doente, desculpou-se com sua magestade, (**) e logo o emissario voltou com maior gentilesa. Seria o monarca que iria visitar o escritor. «Que a sua casa era bastante pobre para receber o imperador, mas tal como era, ficava às suas ordens» retorquira-lhe muito desvanecidamente.

Ás duas horas da tarde, (***) o imperial visitante apeou-se na porta da residencia, com o doutor e o barão de Itauna, seu camarista. No limiar estava o romancista vestido de preto, grave, diante da visinhança pasmada.

O Porto caíra na maior surpreza e uma das testemunhas contrarias do processo de adulterio, o grande amigo de Pinheiro Alves, Agostinho Francisco Velho, vice-consul do Brazil, devia alarmar-se diante do que julgaria capricho de D. Pedro II.

Lá em cima, na modesta sala, foram apresentados Guilherme Braga, o poeta demolidor e José de Azevedo Castelo Branco, quintanista de medicina e sobrinho do dono da casa. Ana Placido (****) teria assistido à recepção, segundo uns, fora relegada dela, asseveram outros. Devia exultar com aquela visita diante dos portuenses que os detestavam.

Sentado no velho canapé o regio amigo dos literatos falou largamente; analisou escolas literarias, tratou de obras de arte e o visitado ofereceu-lhe um quadro do tempo de D. João IV no qual estavam retratados todos os monarcas portuguezes das dinastias anteriores. Comovidamente lhe agradeceu. Evocaram sombras ilustres, Gonçalves Dias, o poeta brasileiro, Julio Diniz, romancista nacional, ha pouco falecidos e quando o Bragança saíu, a cidade, ao encara-lo e ao sauda-lo espantava-se muito da sua ida à rua de S. Lazaro, à casa onde se forjavam as setas destinadas aos seus parentes.

O homem de letras pobre pagava no oiro do seu talento (*****) a gentileza imperial. Mandou desmanchar as formas da *Infanta Capelista* que estava a ser composta na tipografia de Antonio José da Silva Teixeira, da rua da Cancela Velha, 62. (*) Mandaram-lhe para casa as folhas impressas e ele numa furia, ao vêr tanto papel

---

(*) Pertencia a D. Henriqueta Alvelos e ficava á esquina da rua do Rosario. Levou 4.500$000 réis pela hospedagem do imperador o que motivou um processo visto o consul do Brazil se recusar a pagar o que julgava um exagero. A proprietaria foi ao Brazil e recebeu. Montou depois um hotel em Carreiros.

(**) Em 2 de Março de 1872.

(***) Artigo do autor na *Portugal* do Rio de Janeiro.

(****) Os autores do livro *Viagem dos Imperadores do Brazil a Portugal* ao descreverem a visita a pag. 115, não falam de Ana Placido, mas o sr. Eduardo Sequeira no seu artigo a *Infanta Capelista* publicado no numero 106 do *Tripeiro* dá-a como presente o que pode ser engano visto errar tambem ao chamar-lhe esposa do romancista.

(*****) Dedicou-lhe o *Livro de Consolação*.

deu-o ao barbeiro que o servia o qual o vendeu a peso, salvando-se apenas algumas folhas mercê dum admirador (**) do romancista ilustre.

No Porto, após a visita de D. Pedro II, encarava-se com maior curiosidade Camilo Castelo Branco na sua passagem. E ele, sem dinheiro, arrazado de saude, inutilizado o trabalho do livro e dispondo-se a oferecer ao seu visitante outra obra, aquela onde passava o infortunio de Vieira de Castro, sentia em volta a traquinada alucinante do filho endoidado, o desdem do outro pelas letras ali, diante dêle, que ia subindo lestamente à mais alta gloria literaria, e da mãe, a escritora martirizada em suas afeições e que talvez se visse, emparte, focada numa pagina que o amante escreveria:

«O leitor, se quer compreender melhor, contemple o retrato de George Sand de 1835 e o de George Sand de 1875. Depois leia o romance de ha quarenta anos, a *Lelia*, e leia o romance de hontem, *Monte-Revêche*. Aquela mulher de olhar sobranceiro, que transluz na pupila acesa o doce inferno do seu amor, que matava Mussets e atirava as tranças negras e os escandalos dos livros à cara da sociedade — assombra-me. Sinto que era forçoso saudá-la na morte como os lutadores ao Cesar no circo.

«A outra, a Sand dos setenta anos, filtrada do iodo do mar, asotada da sadia cosinha da provincia, com a touca de dispenseira e os bandós espalmados nas fontes, esta que faria rir a sã moral vingada, a mim faz-me chorar. Ah! as mulheres que deram a vida e a morte a muitos corações deviam morrer cedo!» (***)

Oh! se a invejosa cidade, que os detestava, os podesse vêr naquela casa burguêsa da rua de S. Lazaro choraria ante o seu romance novo como ao lêr as suas fantasias doloridas.

(*) Acerca da inutilização da *Infanta Capelista* escrevera o romancista a Vieira de Castro: «Ha muito que está desfeita. A consciencia entrou-me pela algibeira. Perdi muito, cavei dificuldades, mas sinto-me bem comigo.»

(**) O sr. Antonio Joaquim Rebelo.

(***) Camilo — *A Caveira da Martir*, 2ª ed., pg. 12.

Jorge Camilo Castelo Branco (retrato pertencente á familia)

XIV

A DESVENTURA DOS FILHOS

O LABUTADOR DESESPERADO — ACRESCIMO DA LOUCURA DE JORGE — MORTE DE MANUEL PLACIDO — CEGUEIRA E REVOLTA — A «ANGINA PECTORIS» DE ANA PLACIDO — O FILHO «MISTICO» — O FILHO «FAIA» — QUEM ERA O «FISTULA» — O VENCIDO SILVA PINTO — O FELIZ LAR DA PRIMOGENITA

CANÇADOS de tanto labutar em letras e de desaguarem amarguras, os olhos do romancista quasi lhe negavam o consolo da luz. Depois do primeiro anuncio do mal da vista, na cadeia, peorara, por vezes, e embora quizesse enganar-se, capitulando de inflamações molestia mais grave, ia deixando no rastro de sua pena descrições desconsoladoras, sentidas:

«O professor — escrevia ele — começou a queixar-se de que via uma nuvem ao redor dos objectos brancos e de grande enfraquecimento de vista em ambos os olhos. No discurso de dois meses, o nevoeiro condensou-se a ponto de já mal divisar as cousas alumiadas por claridade brilhante. Por fim apenas entrevia os contornos dos vultos que se lhe figuravam erradamente na distancia.» (*)

Andava muito consumido. Custava-lhe o labor e embora D. Ana Placido o ajudasse, (**) da literatura não manavam os consolos pecuniosos, os réditos, o bem estar. Ia levar os filhos para os preparatorios de Coimbra; após um tempo decorrido da morte de Vieira de Castro, no degredo, (***) Manuel Placido aprestara-se para voltar com seus experientes desenganos, uma lanugem no rosto e o desejo de se casar, fazer um ninho, confiado no rendimento de seus bens e na força para agen-

(*) Camilo — *O Demonio do Ouro*, pag. 37, 1 vol.

(**) Trabalhava no Dicionario Universal de Educação e Ensino e iniciava com a tradução da *Marcelle*, de Achard, a *Bibliotheca para Senhoras*.

(***) Em 5 de Outubro de 1872.

ciar a vida. Num dia de apuro maior, Camilo deliberara vender uma taça de prata, de lindo lavrado, oferecida pela colonia portuguesa de Hong-Kong.

Pediu a alguem para esculcar o animo duma opulenta dama portuense, D. Camila de Faria, que tinha bens sobejos, fama de artista, muito subida em elegancias e à qual o grande romancista honrava dizendo-a senhora «de riqueza e gosto superabundantes.» Apesar do consentimento para «aspar o nome» do brinde enaltecedor, a guindada amiga das belas artes, recusara-se a adquirir o objecto empurrado pela penuria da casa modesta do talento para as suas salas de ociosidade servidas pela sempre estupida fortuna.

Ele, cinzelara a sua dôr na carta em que dizia:

«Taças de prata em casa de escritores portugueses são como taças de amargura quando o vacuo delas é como o da gloria em Portugal.»

A joia talvez não valesse tanto como a frase em que havia lagrimas delidas no oiro da prosa mas a sécia, toda presa em preconceitos julgados de boa lei, anojava-se de proporcionar algumas das moedas de oiro dos contratadores do tabaco, milionarios e seus parentes, ao desvalido ilustre que atirara às faces do Porto todo os desafios. A visita dum imperador não o ilibara; as palavras dum rei não o lavavam aos olhos dessa upada burguesa em cata de entroncamentos nobiliarchicos para desgastar a chancela da chatinagem dos ancestros. Talvez que nem sempre respeitasse os dizeres do mundo, pela sua vida fóra, a mulher de alta sociedade repelidora do escritor celebrado.

As compensações às suas dôres estavam na gloria diariamente acrescentada em linha com os sofrimentos. Sentira Castilho nobilitado e recebera a chapada de fel da recusa real para a sua vida de labuta e ainda, por um mal de seu espirito, vacilava na descrença, vasquejavam-lhe no animo os vislumbres da fé antiga. Ha pouco, mesmo após as renuncias ao seminario, declarara:

«Isto resvalava-me no atheismo; todavia eu sei que tenho erguido as mãos e orado quando já vi Ana moribunda.» (*)

Demorava-se quasi nada nesta impressão: «a desgraça e a doença teem-me feito descambar a um atheismo absoluto.» (**)

Tornava a mudar, preso em hesitações; subia dos vales das duvidas para os pincaros da confiança: Porque ousamos duvidar da celestial origem da religião em cujo seio os mais desamparados dos bens da vida encontram a doce preexistencia da bemaventurança?» (***)

Continuava ferventemente, quasi em ardencia: «Tenho orado e hoje ouvi com profundo recolhimento os meus filhos orar por ti.» (****)

Aquela crusinha de ferro que trazia ao peito desde os vinte e cinco anos parecia despertar a religiosidade a que o estudante minorista não se afizera.

«A fé nasce na paixão do desgraçado» — escrevera; e porque assim o sentira apegava-se aos santos e a Cristo num idealismo medroso «com a devoção dum

(*) (**) (***) (****) Camilo — *Correspondencia Epistolar*, pags. 16, 42, 65, id.

asceta ou com a boçal superstição dum cretino» — asseverara — «ao pé do berço de Jorge ameaçado de morte». (*)

Era este o seu filho predilecto; desvanecera-se com as suas graças onde encontrava scentelhas de talento, faulhas de genio, as quais brilhavam na imaginação paterna como faiscamentos de superinteligencia quando eram brasido de loucura.

Como ele se entretinha pincelando cartões futurou-lhe veia de pintor e naturalmente, na ardencia da sua fantasia, entrevia o seu nome ilustre continuado nas gerações por um esplendente pincel rival da sua pena. Depois via-o dedicar-se à traça de frases em relampagos subitos e breves; por fim era a musica que o encantava e Camilo sentiu-o poeta e compositor para um dia soltar o grande brado de desalento ao compreender o enoitamento dum cerebro que julgara um foco gerador de imensas claridades.

Turbava-se em longidões de remorsos; taxava de castigos os seus males ao recolher as jarras deixadas por Vieira de Castro, vindas de Africa, de cima do seu tumulo. Vendo saltar dois insectos de dentro delas mais se lhe acirrara a idéa duma fatalidade perseguidora contagiada ao espirito de Ana Placido a qual os fixara num artigo (**): «um, todo preto a que chamam vulgarmente besoiro; o outro, todo verde, e que tem o nome de *louva a Deus*». Tinham-nos encarado «com religioso terror». Pávidas sombras os entenebreciam e pareciam enegrecer o seu ambiente, o lar onde trabalhava tanto no livro que dedicava ao Bragança amigo, ao imperador, como nos que lhe verberavam os avós com endereços ao reinante avesso a amerceá-lo.

Vivia longe das amisades embora acorresse para elas ao sabe-las infelizes. Entrara num periodo de tormentos; se a politica o tentasse teria sido um revolucionario e mesmo assim, prestando seu culto fraterno ao visconde de Ouguela, preso como inimigo da monarquia, buscava acirrar-se mais num combate de que o paço começava a recear.

Visitara no Limoeiro o conspirador em cuja alma lucilavam rebeldias; tornara-o seu colaborador nas *Noites de Insomnia,* onde se fundibulavam avoengos brigantinos e no fundo de todo este revoltear havia apenas a colera sentida por vêr alçados às grandesas cubiçadas, os que menos brilhavam em talentos. (***) Garantia desejar o titulo em duas vidas para que o «Jorge fosse a desculpa do desvarío do pai.» É que descera das luminosas esperanças do genio entresonhado nos seus gestos para a certesa da escuridade do seu espirito. Em vez da corôa de loiros, cobri-lo-ia na da nobresa num triunfo banal, porém garantidor do futuro do louco. Um governo premiador do talento do pae não poderia despresar o filho herdeiro de seu titulo. Desde aquela invasão da doidice amava-o mais. Aos onze anos chegara-lhe o desarra-

(*) Camilo — *Correspondencia Epistolar,* 2.ª ed., pg. 16.

(**) Ana Placido — *A Promessa.*

(***) Não peço que fales, que peças o viscondado; pede menos do que isso, menos ainda que o emparelharem-me com o Manuel Roussado ou Ricardo Guimarães.»

Camilo — *Cartas a Tomaz Ribeiro*, pag. 29

zoamento. Belo de rosto com lindos olhos negros, claro de tez e de mãos e pés pequenissimos, o primogenito só sabia casquinar risadas ao vêr a sua cara reflectida no vinho dos copos. Levava assim as horas das refeições na casa dos Arcos do Jardim que o romancista alugara em Coimbra com a ancia de vêr os pequenos medrados na sciencia. E ali estavam um a risalhar, tonto, diante da sua imagem nos liquidos, o outro desatento. Ana Placido substituira o copo de Jorge por uma caneca a fim de lhe desviar a atenção dos reflexos e ele passara a colocar-se diante de todos os espelhos, dias inteiros, gargalhando sempre. Já olhava para a mãe, maldosamente, extranhamente, e a pobrita alucinava-se, ocultava aqueles receios ao pai, não lhe apontava as suas maneiras extranhas.

Esconderam-lhe os espelhos. Ela devia recordar aqueles versos feitos no ano anterior ainda à Rachel de outrora transmudada aos olhos do autor, querida doutra maneira:

O que hoje sentes, oh! mãe
Tem menos vividos brilhos
Mas tens n'alma três afectos
Tens o teu, tens os dos filhos.

Os filhos! Aquele que fôra gerado quando Pinheiro Alves a amaldiçoava; o nascido poucos dias antes da morte do marido furibundo e anatematisador, ali estava a encará-la colérico. Cantava docemente para o embalar e via-o a suavizar-se, tocado pela sua voz, aplacado pelas suas melodias. E pedia uma flauta; desejava ser musico, acalmava-se atè com os sons da viola. De quando em quando gritava, excitava-se; depois volvia à sua gargalhada, punha-se a pintar bonecos em tintas vivas que o pai — a adorá-lo cada vez mais — lhe comprava no Porto e lhe enviava com gravatas para o Manuel Placido (*), muito querido tambem, à medida que lhe notava o desapego. Em Seide fugia-lhe; o romancista tracejava as suas obras, aceitava até tarefas de pequeno estipendio para lhe mostrar como vivia sobre si torturado, invadido pela enfermidade. O rapaz repudiava-o, desaparecia, decidira casar-se e ia para a Povoa atraz da noiva, procurando formar depressa o seu lar, desviar-se de quem tanto lhe queria e do qual tão «pouco caso fazia». Possuia maiores haveres do que os seus a escolhida; era mesmo muito rica e residia em Famalicão bem aparentada e sob o requesto cubiçoso dos galãs. Preferira o garboso rapaz, que contava desanove anos, a gracil filha do capitalista opulento e respeitado Bento Simões que já casara outra das suas herdeiras com o primogenito dum potentado do Minho, o barão de Joanne, Antonio Luís Machado Guimarães, enriquecido no Brasil, o qual achara para seu escudo as armas dos conquistadores de Santarem, velhas como o reino. (**)

Camilo vira-o adoecer, de repente, na praia onde desde ha muito, passava a epoca

(*) *Cartas de Camilo a Costa Santos*, pg. 60.
(**) Pai do conselheiro Bernardino Machado.

dos banhos com a familia. (*) Fazia de Varzim um sanatorio para a sua convalescença após um estadio na casa de saude de Braga, onde curtira dôres parte do verão e, nos ardores de Agosto, para ali se deixara estar, olhando melancolicamente, a agua onde o seu Jorge ia vêr o rosto a reflectir-se no engelhado das ondas. Manuel dançava no salão do Club, folgava com a noiva, e uma noite, recolhendo suado metera-se no leito e no dia seguinte, declarava-se a doença, a pneumonia. A febre cerebral espreitava-o.

Acudiram os amigos à cabeceira do leito do enfermo que sorria e só pensava em se erguer. Camilo fixava-o dolorosamente e a mãe ajoelhava no seu quarto soluçando ao lembrar-se da influencia nefasta daquele Setembro na sua existencia. Nascera e casara em Setembro, todas as suas agonias maiores se passavam nesse mês (**) em que via morrer-lhe o filho. Porque Manuel Placido ia finar-se aos desanove anos e noivo, sentindo ao seu lado, durante os quatro dias alucinantes da sua enfermidade, aquele homem, o amante da mãe, a insistir no seu afecto, a mostrar-lhe uma amisade louca e a chamar-lhe filho.

Para D. Ana voltava-se, no delirio que o acometera de seguida, e, como se uma luz extranha se acendesse no seu cerebro, nos paroxismos, lançara-se nos braços do romancista, beijara-o, tornava-se creança, a mostrar-lhe as carnes causticadas e a pedir-lhe que o levasse para o seu quarto de aldeia. Seide era o seu sonho como como se lá encontrasse prazeres maiores ou como se algum braço de alem tumulo o puxasse para a cabana das torturas.

Num momento, teve forças para se vestir; soluçava a desejar os afagos do sol, estendia os braços para as bandas do mar, e na sua face emagrecida, as lagrimas corriam como as dum pequenino teimoso a quem se proíbissem loucuras. Quiz vêr o mar; o escritor amparou-o até ao fim dum corredor, julgando-o salvo, vendo-o a enxugar o pranto.

Balbuciava frases doces e deixava-se guiar para a claridade, com o contentamento de quem se despede num beijo do derradeiro osculo da luz. Queria descer a escada e ante os braços daquele que o tratava de filho e que o detinha, balbuciava:

«Eu já sabia que não me deixavam sair. Contavam que caísse de fraco. Enganam-se. Não caio». (***) E sustentado pela febre, sorvendo sofregamente o ar, engulindo a agua que pedira, diante da janela, olhando a vastidão das ondas, acabara por se deixar levar para o leito onde o escritor o deitava, o ia despindo com carinhos de pai, aconchegando-o a seu peito diante das lagrimas de Ana Placido, por terra, sufocada, sentindo passar a aza torva do drama antigo naquele aposento onde a morte

(*) Em 1874 já ele escrevia a Senna Freitas, de Varzim.

(**) Continuava a sua má sina nesse mês. Morreu-lhe o filho, a neta e ela propria em Setembro acabaria seus dias.

(***) Camilo — *Scenas da Hora final.*

rondava. O doente quizera deixar a cama de Camilo porque ele ali o deitara como a desejá-lo bem na caricia do leito onde seu pobre corpo tambem sofrera; mas Manuel soluçara de novo, entrara em suplicas, volvera para a mãe os olhos e estendera-lhe os braços, para logo sorrir ao vê-la a agarrá-lo, buscando levá-lo consigo: «a maman pode lá com este Hercules!» (*) e punha-se a olhar para ela como para a fixar na alma e prendê-la consigo até aos segredos do Além.

Pareceu socegar um pouco mas logo o quarto se encheu da sua respiração cavernosa. O medico (**) devia afastar-se para dar o lugar ao padre que chegava, alto, de negro, em pranto tambem. Era mais do que um sacerdote; um escritor ilustre e um amigo. Sena Freitas, que nessa epoca já ganhara merecida fama, passara algum tempo junto do doente como visita da casa e consolador do romancista; pressentira-lhe a morte mas não deixara transparecer os seus receios aos enganados olhos de quem lhe parecia tanto o pai (***) daquele moribundo que nem hesitara em como tal o apontar nas paginas do livro de recordação dessa hora atormentada na qual perguntara a Manuel Placido:

«Quere receber os sacramentos da religião catolica?»

Impetuosamente volvera: Quero!

Disse, e tomando a mão do reverendo começou a rir baixinho, feliz, após a confissão. Ele absolveu-o, beijou-o, fez o sinal da cruz e abandonou o quarto. Deu uns passos no corredor a mostrar-se no fim da sua missão e sentindo-se preso nos braços de Camilo, ouvira-o balbuciar choroso:

«Ah! Senna Freitas, Senna Freitas, encontro-o sempre ao meu lado quando sofro.» (****)

Entraram ambos no aposento onde a mãe suplicava a Deus a vida do filho que lhe sorria ainda, depois de sentir o romancista a enxugar-lhe o suor; esforçava-se por se voltar, e estendia as mãos, a quem tanto lhe queria, e o contemplava, o segurava, o sentia esvaìr-se, desmaiar, morrer, sem conhecer que se finava. E daí por diante tudo foi pranto naquele recinto, na noite quente que se enchia de ruidos de banhistas a caminho do Club, das luzes, das festas, emquanto se acendiam as velas à cabeceira do morto.

A dôr de Camilo foi intensissima; não ocultava as lagrimas; arrebatadamente lamentava aquela morte duma creança que sentira a seu lado desde a hora em que

---

(*) *Scenas da Hora final.*

(**) Dr. José de Andrade Gramaxo.

(***) Anos depois ainda ignorava que Camilo não fosse o pai do rapaz que confessara. Tão intensa achara a dôr do romancista que, ao escrever o seu perfil, dizia: «Camilo é pai e tem aos filhos um amor louco. Um, o Manuel, morreu e as suas ultimas palavras fui eu que as colhi e as guardo seladas». Ao lêr isto volvia o ilustre escritor: «Nos seus artigos ha um equivoco. Aquele Manuel a cuja agonia V. Ex.ª assistiu não era meu filho. Adoptei-o no coração extremoso de pai e senti então que o sangue nada é, nada conclui». — Carta a Sena Freitas em 1886, 3 de Setembro.

(****) Senna Freitas — Perfil de Camilo, 2.ª ed. pag. 46.

a mãe fugira do lar para a aventura, que vira brincar e crescer, e, depois fugir-lhe (*) desgostoso para, até se deixar beijar com enternecimento na hora da morte.

Ali estava por terra, chorando, aquele que escrevera acerca dos filhos das mulheres amadas, dos nascidos das caricias dos detestados maridos delas, ou das dos amantes bem queridos:

«Quer nos parecer que nem o marido de Rosa podia amar extranhadamente o filho de Alexandre nem ela, sacrificando o filho iligitimo a um egoismo de coração, em que era grande parte o capricho, se devia presar de mãe excelente.» (**)

Punha-se a amar o rapaz que usava o nome do outro, num misterio de sua alma.

Confessava-o, ao dizer julgar amortisar em afecto por êle «a indemnisação devida à memoria do pai.» (***)

Pensava assim? Seria ainda uma superstição ou alguma cousa de mais profundo se enraizára em seu espirito guardada como um segredo enorme que nem a si mesmo quereria revelar? Lembrar-se-ia, por ventura, que amara aquela mulher, estéril durante oito anos de convivio com o esposo e que lhe fizera madrigais, no Bom Jesus do Monte, em Julho de 1858, quando ela trazia no ventre o filho — aquele filho — nascido um mês depois?! Coincidencia estranha! Só após a maternidade fugira do lar. E o romancista soluçava:

«Adeus Manuel, filho do meu coração!»

Acrescentava, ainda:

«Ha confortos aqui para os que tem os lances intimos da vida e confortos ainda mais necessarios para os que assistem às agonias inconscientes de um amigo, dum filho!

Ah! vêr morrer um filho!...» (****)

Era este o seu grande, o seu inapassavel gemido, a queixa formidanda. Voltava-se para o destino num singular terror: «17 de Setembro de 1877.» Era a fatalidade! Quatro setes... Eram quatro machados para o deceparem.» (*****)

E ficara sempre tão agarrado áquela recordação que mais parecia dum verdeiro pae que dum amoroso da mãe, esposa doutro. Não recordava o cadaver amado sem se volver para o ceu, tremulo, confessando não saber do «pobre espirito desde que «Manuel me expirou nos braços.» (******) Voltava-se para Deus; sonhava o finado no Alem: «Não posso desconvencer-me que hei de encontra-lo em outro mundo. Se eu me convencer que daquele rapaz resta uma podridão a diluir-se, serei ainda mais desgraçado.» (*******) Ensaudava-se; não o olvidaria jámais. Era muito para

(*) «Mataram-me as saudades de Manuel Placido que pouco se lhe dava de mim.» — Carta ao visconde de Ouguela.

(**) Camilo — *Demonio do Ouro*, 8.ª ed., pag. 73.

(***) Alberto Pimentel — *Amores de Camilo*, 1.ª ed., pag. 351.

(****) *Scenas da Hora Final.*

(*****) Narrativa de D. Ana Correia de Seide, ao auctor.

(******) (*******) Cartas a Senna Freitas em Novembro de 1877.

afecto brotado ao vê-lo nascer, porem, sendo assim o ciumento que tanto sofria longe da companheira tornava-se numa sumida personagem aceitando o fruto do amor carnal do possuidor da mulher tornada mãe já muito depois de lhe protestar ser unicamente sua.

Dele restava-lhe a podridão; do irmão adulterino, Jorge, a treva; aquele gargalhar diante dos espelhos; e, todavia, sempre uma esperança ao imaginar refundir em genio o que era declarada loucura.

Continuava a mirar-se nos vidros e quando chegara à idade de quinze anos, havia admiradores do pai — como o dr. Pereira Caldas — que procuravam fazê-lo aprovar no exame de instrução primaria. Desalentadamente, o romancista declarava: «o meu filho não estava em caso de ser honrosamente examinado! Agradeço muito ao meu amigo qualquer favor que tencionasse prestar-lhe mas eu nunca consentirei que filho meu obrigue os meus amigos a condescendencias e indulgencias dessa natureza».

O «decano do liceu bracarense» devia suspender a pitada nos dedos afeitos ao folheio dos velhos codices e meditar nessa recusa do escritor que tinha com ele liberdades irritadas, o descompunha a meude para depois o elogiar. Passada a surpreza, atulharia as ventas, escorvar-se-ia, salpicaria de consolado espirro algum pergaminho, já esquecido da resposta do letrado.

É que um grande pudor de homem talentoso, diante duma aberração formada pelo seu enorme amor, pungia o pai infelicitado. Envergonhava-se da sua obra mas adorava-a exactamente porque se esperançara na beleza sonhada. Como um escultor diante duma estatua, esbarrondada após a gestação, aquecida pela fantasia, vergava-se, submetia-se, dobrava-se, oferecia-se em holocausto ao seu impossivel ressuscitamento.

Tinha desesperos enormes; enervava-se; considerava-se um precito e após o desastre do comboio que o levava para o Porto, e no qual ficara muito queimado (*), voltara-lhe o mal da vista e bradava num formidavel arranco de desdita: «Tenho de volta de mim 14 luzes para vêr o que te escrevo. Desde que o sol se esconde estou cego e nem apresento sintomas de amaurose nem de cataratas». (**)

Possuia-se da idéa do suicidio e cada vez que a sentia tumultuar lembrava-se dos seus, dos que devia amparar; da mulher que desinquietara do lar, do doido, do inconstante e leviano.

«Se eu fosse só, como devia ser se tivesse juizo, já tinha resolvido isto sumariamente.» (***)

Quando pensava nisso, quando procurava o triste fim, ouvia os gritos do alucinado, deparava com ele a deitar a lingua de fóra aos cristais ou ouvia-o a tocar me-

(*) Ficara ferido na perna direita e na cabeça e tinha enormes dores nervosas. Dizia ser milagre não ter morrido.

(**) Carta a Ouguela.

(***) Carta a Ouguela, em Agosto de 1878.

lodias na sua flauta e tão tristes, tão choradas, como a daquela chácara do *Agostinho de Ceuta* que escutara, havia vinte anos, na ponte de Amarante, pela noite de luar e quando imaginara ir sepultar-se nas aguas marulhantes e prateadas do rio que o chamava.

A seu lado Ana Placido gemia, vestida de luto pelo Manuel, dizia que antes o queria vêr pobre por seus desperdicios — pois sempre lhe valeria — do que estendido no caixão. Apoiava-a, declarava-se infinitamente ensaudado e tomava-se dum subito acesso de ternura ao ouvi-la a queixar-se do coração. «Que por ele havia de acabar!» A sua sorte seria diferente das irmãs a morrerem pelos pulmões. De quando em quando parecia sentir arrepanhar-se-lhe o peito, uma dôr fina, aguda, como a dum alfinete enorme a atanchar-se-lhe na carne, ferindo-a até à espadua e ao braço esquerdo. Julgava sentir a aproximação da morte no latejar do sangue e quedava-se à espera derramando lagrimas, aiando. Depois do enterro de Manuel viera intensamente essa pontada garreante, cruel e Camilo — sempre ledor de livros de medicina, numa auto observação, pessima para a sua cabeça profana — compreendera, atravez dum tratado que ela sofria de *angina pectoris*. Contagiava-se de maiores padecimentos, aferrava-se a ideas tetricas, de mais não existir; almejava deixar o mundo mas lembrava-se dos filhos e cada vez que se encontrava longe da mãe deles acentuavam-se os negrumes de sua mente.

Então, num esplendente abril, em constantes viagens ao Porto à busca de especialistas para a sua falta de vista, amparava-se áquele coração lacerado, enfermo:

«Creio que cheguei ao termo da vida. Resignadamente, minha querida, até à morte adorada Ana Augusta. Agarra-te á vida que é taboa salvadora deste filho que está ao pé de mim com a morte estampada no rosto.» Era do seu Jorge, do louco, cada vez mais amado, que ele tratava e para quem pedia o arrimo da mãe: «Segue a tua vida de amargura com a coragem que tens sempre revelado. Fica neste mundo por alguns anos como quem sacrifica ao pae na pessoa dos filhos. Lembra-lhes muitas vezes o teu Camilo.» (*)

Ela desolava-se entre tantas desventuras e o coração mais se ressentia; tanto se sucediam as crises que o alarme chegara mais violentamente ao espirito do escritor:

— Ana Placido — dizia ele ao padre e amigo Sena Freitas — tem uma angina pectoris. Eu considero-a perdida. Tenho dois filhos desta senhora. Um deles é adulterino, está privado de lhe suceder nos bens. Alem disso se ela morre a saudade ha-de pungir-me com o remorso de não a ter honrado aos olhos dos filhos e do mundo. Eu queria que v. ex.ª me obtivesse licença do seu arcebispo para eu a poder receber.» Pedia empenhadamente e dizia escrever-lhe naquele anceio às duas da madrugada «ouvindo-a gemer nas agonias do coração.»

Como ela melhorasse tudo foram risos e o esquecimento do consorcio veiu diante da mãe dos rapazes que perdera as graças da juventude. Engordara; fumava muitos charutos desde que estivera no carcere. Viciara-se de nicotina e queimando

(*) 23 de abril de 1879.

por dia dez e doze *Flôres de la Reyna* causava o pasmo das creades aturdidas. O escritor entremeava as orgias do fumo com as aliviativas pitadas. Ao chegar o inverno, metia-se dias inteiros na cama ouvindo zunir a ventania nos pinhais, escutava-lhe os uivos pensando ou construindo tragedias.

Como todos os doentes de nervos, insistia em narrar seus males. Escrevia a Tomaz Ribeiro, desolado, sentindo aproximar-se a sua hora, o momento de deixar os filhos; largamente se queixava a Freitas Fortuna — àquele que considerava mais entre os seus intimos — de tudo quanto o afligia. Ia procurá-lo à loja, desabafava. Este era um comerciante que tratejava em papel e livros (*) e embora não editasse frequentemente, interessava-se pelas cousas de literatura a que tambem se dedicava. Contava ao tempo uns trinta anos e sendo homem pratico, de boas idéas positivas, sempre encontrava consolos para dar ao fantasista. Visitava-o a meude em Seide e de tal maneira se ligara — ele o sereno — a esses excitados romanticos que Ana Placido, perdido Vieira de Castro, já a apodrecer num cemiterio colonial, entrara a dar-lhe o tratamento de «irmão» que ao desgraçado conferira.

Ao conselheiro, que então ocupava a pasta da marinha, o poeta do *D. Jaime*, Camilo descrevia seus males e dizia-lhe os dos filhos que tinham crescido e iria encontrar muito diferentes. Pejava-se de negar a inteligencia de Jorge, de o relegar para as trevas da loucura e tratava-o de *mistico*. Com efeito ele aparecia em ares candidos, de olhos baixos, amodorrado como um seminarista em arroubos com a fé; queria recolher-se; pedia ao pai uma casota para se meter, uma especie de cela, de isolamento. O que se atribuia a repuxamentos da crença na alma do louco eram os sintomas dos onanistas que parecem sempre receosos de fixar as pessoas, caminham de cabeça baixa, enviezam o olhar e deperecendo aos poucos comem vorazmente. Mandara-se edificar um colmado para ele passar o seu verão no fundo do quintalejo; estiraçava-se longas horas num catre a lêr, a meditar ou a pintar os seus bonecos. Outras vezes tirava sons doloridos da flauta e o pai enternecia-se, punha-se a amar tanto esse desditoso que quasi o adivinhava. Tornara-se o seu companheiro, o seu amigo, dava-lhe confianças e dinheiro.

Precisava de confidenciar suas amarguras; receava que uns não o lamentassem bastante e escolhia outros para seus intimos desafogos. O visconde de Ouguela era dos mais assiduos assistentes a tantas aventuras com suas cartas lenitivadoras ante as enormidades vindas do fraternal amigo.

«O Jorge está irremediavelmente doido. Sinto-me tão esmagado que faço esforço para me salvar escrevendo.» (**) E com efeito lidava noite e dia e encontrava sempre as mesmas côres para as ternuras, as mesmas modulações para as graças e até o chasquear chistoso e verrumante como nas paginas da *Corja*, donde o burguez saía vexado, até às da *Senhora Rattazzi* nas quais uma princesa era esfarrapada.

(*) João Antonio de Freitas Fortuna, autor de varios trabalhos sobre assuntos financeiros e comerciais. Irmão do medico Urbino de Freitas.

(**) Carta a Ouguela em 29 de Maio de 1880.

Uma das personagens do *Eusebio Macario* era tambem um dos maiores consoladores de seus males. Animava-o; acompanhava o Nuno—capitulado de *faia* pelo pai — e que se afizera, aos desassete anos, a uma vida de balburdias, todo interessado por cavalos, dedicado à alquilé, trotador eximio nas montadas de má estampa da estrebaria de Seide. E sonhava alasões, fouveiros, bestas de preço para pompear na feira de Vila Nova e nas festas de Landim e Requião. Não o desamparava, o amigo — tambem aquietador das furias de Jorge — e que o grande romancista caricaturara no filho do Macario; «caçador e fadista de tabernas sertanejas.» «Tinha andado para padre e esbanjara a herança materna em Braga, em orgias de frigideiras e na boemia das travessas.» Atirava-o para as tendencias da medicina, de querer «formar-se pela escola do Porto», marcava-o de hereditariedades «o pendor para a tasca, a paixão furiosa das taberneiras de pernas rubras e espaduas roliças» e tornava-o um fadistola «a sapatear fados e a berrar desentoado palavras do conde de Vimioso à Severa.» Expunha-o «com o cigarro ao canto da bôca, o joelho no ar com o pé sobre o gamão e a viola na coxa» a cantar «pungido com intercadentes ais soluçantes a apoteose toda da Severa.»

O original desta copia se tinha pontos de contacto com ela nas pandegas, em ter andado para padre, nas franciscanadas de femeas e no aiar de fadinhos, não sabia repenicar as cordas das violas. Ao vêr-se desenhado e cognominado de José Fistula» Francisco Correia de Carvalho, assim se chamava o parceiro de Nuno, o amigo de Jorge, o servidor por admiração e amisade do romancista, exclamava: «Este senho faz de mim tudo quanto quer!»

Era filhote de S. Paio de Seide, nascera na casa abastada de junto da igreja, dum rude trabalhador minhoto e duma brasileira, mas herdara mais as tendencias languidas da mãe que o desembaraço paterno para a lida. O irmão Hilario frequentara em Coimbra estudos de medicina mas morrera de pneumonia no casal por umas ferias grandes. Os outros, José, Francisca e Augusto, trabalhavam na lavoira vasta e no lar, e aquele, Francisco, partilhando dos rendimentos da casa, frequentara o seminario bracarense, viera minorista, chegara ainda a acompanhar enterros mas, pegando-se de amores com uma moça de Vermuim, deixara a alva e a sotaina e puzera-se a viver dos bens, muito à vontade, em estroinices de brado, pelas redondezas de Seide a Santo Tirso, de Famalicão à Povoa. (*)

Ensilvara-se na amisade do grande homem; gostava que lhe chamassem «o Fistula»; acrescentava a seus apelidos essa chaga com desvanecimento, como a mostrar-se na celebridade e se Camilo o tivesse exigido ele tiraria um curso de viola para melhor corresponder à personagem.

Tinha uma enorme paciencia e sendo um ocioso achava-se a toda a hora prestes para recadejar, ser como o guardião de Nuno, sobejando-lhe tempo para acalentar o

(*) Camilo foi padrinho dum filho dele que se encontra em Manaus. Estas e outras informações desta obra foram fornecidas ao autor pelo ilustre agronomo dr. Alberto Veloso de Araujo, de Famalicão, a quem muito devem as paginas deste livro.

louco, cada vez mais estremecido pelo pai desvairado a dizer ao seu velho Ouguela: «principio a desconfiar que meu filho me está comunicando a demencia».

Perguntava a meude se estava doido e o escritor chorava ao ouvi-lo. Levava-o consigo para o Porto e via-o aterrar-se diante do publico, desejar o seu colmado, a que chamava *cascata*. Inventava historias extravagantes como os bonecos que desenhava e a mãe, aflitivamente, ao ouvi-lo desarrasoar, procurava remediar o mal discutindo, emendando-lhe os dizeres, o que o excitava. A alucinação dava-lhe ardencias extranhas. Imaginava-se um genio — talvez porque o ouvira alguma vez ao pai; — sentia-se apto para tudo e como lhe faziam todas as vontades, capacitava-se serem homenagens aos seus talentos mais do que cariciosos e doces afagos de famimilia a prontidão em lhe obedecerem.

Pensava em escrever um livro e o pai, se não lhe concedia as altas qualidades nesta arte, asseverava sempre que o enoitado pela doideira era um superartista na «musica e na pintura.» Ia discreteando à volta destas tendencias da creança na epoca em que plantara aquela arvore no pateo à qual tambem ligava um sentido amigo. Queria com ternura aos seus troncos; chamava-lhe «a acacia de Jorge, do desgraçado que desde que enlouqueceu odiou o piano e na flauta denota o estado daquela alma.» Buscava-lhe outras distrações; fazia tudo quanto lhe diziam poder aproveitar ao estado do enfermo; não hesitava em dar as mais largas caminhadas se elas o aplacavam e até seguia com ele para Traz-os-Montes procurando socega-lo. Mas o louco sofria de irrequietismo; não podia viver no mesmo logar fóra de casa, onde se entretinha em todas as fantasias. Emagrecia a olhos vistos; ao onanismo juntara-se o gosto pelo vinho. Bebia largamente e acabava em vomitos e em risos ou de olhos incendiados, em coleras, ameaçador. Quando se aquietava chorava; punha-se a tocar, cantava, fazia pessimos versos, bradando ter talento para tudo.

E o pai — ao vê-lo assim — buscava salvar o pão do seu futuro e insistia em que o fizessem visconde. Quando a cegueira o ameaçava punha-se a pensar que não se poderia em breve defender das arremetidas do seu doido querido.

Andava muito carecido de carinho e se por vezes os seus ataques de nervos o levavam a clamores, a berros, logo eles se desvaneciam, a subitas, como as rajadas que passavam no Monte Cordova sibilantes e se transformavam em aragem nos vales.

Ela habituara-se ao seu temperamento desencontrado, às suas criancices e ao seu genio e achara uma resignação enorme naquele viver na casa onde passara a lua de mel com o marido e agora povoada de fantasmas. De quando em quando, irritado, fantasiava as suas idas ao Porto mas, ao chegar, não se encontrava bem, queria voltar depressa, atraido tambem para o scenario do drama intimo como se não pudesse viver sem os duendes.

Nos dias de mais calma dava passeios longos pelas margens do Pele, escutava as narrativas das scenas da aldeia que a companheira lhe fazia, pois as ouvia, debruçada no seu mirantesito, às linguareiras mulheres da visinhança. Mas, de repente, como tocado por um mau espirito, o romancista, aborrecia-se e falava em morrer acariciando a coronha do revolver já muito poída, gasta do atrito de sua mão ner-

vosa, impaciente, que parecia andar tateando a morte. Grandes fés em medicos o enchiam; acreditava neles com tanto afan como descria. Não poupava o dinheiro; desejava curar-se, e eles — os clinicos — ouviam-no, procuravam dominar aqueles nervos ou quedavam-se admirados a escutar as anedotas graciosas, contadas pelo doente num estilo muito seu.

Por mais que quizesse não encontrava socego para muitos dias, porque se seus males achavam lenitivos logo os de Jorge redobravam. Sacudia-se em impetos; largava de novo de Seide para o Porto, para Braga, demorava-se em Santo Tirso e achava sempre para as suas viagens o pretexto de vêr um facultativo logo desdenhado. Chegava a troça-los, a satirisal-os num chasquear torturado e nem poupava os mais intimos.

Constantemente repisava as suas dores e feria-se nas proprias armas que usava, pois ironisava-se impiedoso e colerico.

A herança de Manuel Placido coubera à mãe, que ia gastando ao sabor do capricho. Após umas descadeirantes polemicas em que um jornalista do Porto fôra celebrizado sob as tagantadas de Camilo, aquele determinara, numa volta de seu animo, submeter-se e entregar-se vencido ao Mestre, como os valentes batidos por outros de maiores posses, numa admiração, num rendido preito.

Antonio José da Silva Pinto, o avassalado, encontrara um largo perdão e uma bonhomia feita de gentilezas por parte de quem o moera e agora parecia querer pagar em franco afecto o mal que fizera. Camilo era assim todo feito de volubilidades. Péssimo como inimigo, não havia mais generoso vencedor. Condoera-se do contricto e ouvira de seus labios a narração da vida agitada que levara quem só de nervos e excitações tambem vivia e não procurava mais nada além da gloria literaria. O aspecto simples e lhano do gigante, ao qual se atrevera a irritar, deixara-o prostrado como um idolatra. Era o seu mais sincero admirador, o seu turiferario em conversas antes de o ser em publico, muito tomado de vergonhas, fazendo dos seus pudores os cilicios com que se vergastava. Tivera uns ruins principios. Fugira dos balcões da casa Anjos & Companhia, da rua dos Fanqueiros, onde o instalara o pai, abonado comerciante, para os armazens da alfandega a fazer os despachos da firma opulenta. Tomado de romantismo, largara o emprego e fôra bater-se para Espanha contra os carlistas, defendendo a republica, clamando pela democracia. Assinava panfletos virulentos e diatribes anti-religiosas. Pegara-se na polemica com o romancista por aquele desejo de notoriedade que enchia todos os contendores do terrivel fundibulario e encontrando-se rico, por morte do pai, deliberara fazer-se industrial de tecidos, já de mal com as letras, muito afeito a sonhos de riquezas. Dentro em pouco ia a caminho da ruina e como topara um poeta de sentimentos iguais aos seus, Narciso de Lacerda, não mais o largara e deliberara ir viver com ele em Seide, à beira do grande escritor, como sacerdotes junto dum templo. Quizera edificar uma casa (*)

(*) A casa já tem janelas; como ainda não tem portas, o frequenta-la sem escada de mão será arriscado.—*Cartas de Camilo a Silva Pinto.*

e era nos seus fundamentos que se ia enterrando algum do dinheiro da herança do Manuel Placido, visto estar aguardando liquidações de bens, e inventarios, o iconoclasta jornalista da *Actualidade* fascinado pelo genio acolhedor.

Empenhavam-se os recursos do casal em erguer a propriedade, (*) aguardando-se sempre o pagamento mas, após algumas faltas, desaparecera nas agitações o arruinado e o seu companheiro.

Debalde Camilo lhe escrevia, bondosamente, como quem compreendia aquela vida tumultuaria. Pejava-se de lhe aparecer enchia-se de vergonha, fugia até da sombra do consagrado.

Isto durara muito tempo. Tornara-se mais dificil a vida daquele par que devia sustentar os filhos, dois homens, um cheio de caprichos, o outro num pandegar constante como se em vez de ter nascido dum escritor pobre descendesse dum ricohomem de Entre-Minho e Douro e andasse empenhando vastas quintas, herdades e solares. A sua vida era em rópia pegada por feiras e romarias e se algum desgosto tinha era o de vêr suas montadas inferiores às dos ricaços, rebentos dos «brasileiros» e dos morgados que lhes deixavam os bens nas mãos plebeas para não fazerem má figura á sua beira.

E sob a ameaça da cegueira, as torvas atitudes do filho doido, as estroinices do mais novo, a doença de Ana Placido, Camilo sofria e constatava que de toda a sua vida só restava uma felicidade: o lar venturoso de sua filha Bernardina Amelia como se o destino quizesse pagar-lhe em risos as lagrimas choradas pela mãe, por Patricia Emilia, abandonada.

(*) O mestre que fazia estes trabalhos de construção chamava-se Malvario, enriqueceu e tornou-se inimigo de Camilo.

D. Maria Isabel da Costa Macedo (retrato pertencente á familia de Camilo)

XV

O «BRILHANTE NEGRO»

OS PRETENDENTES DUMA RICA HERDEIRA — UMA COMEDIA CAMILIANA — AS AUTORIDADES E O CORAÇÃO — CARTAS DUM SINGULAR «AMOR DE PERDIÇÃO» — UM RAPTO ROMANTICO — A FORTUNA DUM FILHO E A DESDITA DO OUTRO — REFLEXOS DUMA PAIXÃO ANTIGA — COMO DESAPARECEU O «BRILHANTE NEGRO» — VERSOS A UMA PEQUENINA MORTA — RESULTADOS DAS MISSIVAS FATAES

VIVIA, por este tempo, na rua Formosa, em Vila Nova de Famalicão, à beira da egreja, uma menina celebrada em todo o Minho. Em descendencia de «brasileiros» nenhuma havia com tantos pretendentes e à medida que sua fama se espalhava mais êles acorriam como flibusteiros em piratarias de naus opulentas. Para demais D. Maria Isabel da Costa Macedo — assim se chamava a pretendida de três concelhos — era galantinha com os seus dezasseis anos, seu corpito franzino, sua pele morena herdada da mãe nativa do Brasil, pôdre de rica, atirada aos braços do caixeiro minhoto e tendo morrido ambos, deixando a pequenita confiada a amigos, ela habitava a casa de Antonio Joaquim Ferreira Tinoco, delegado pelo conselho de familia para vigilante guia da «tricentenaria» como lhe chamava Camilo numa alusão picaresca aos tresentos contos do seu apregoado dote. Enquanto à progenitura êle tirara tambem suas inculcas e francamente afirmava referver nas veias do «*Brilhante Negro*» — como a alcunhavam ainda — «sangue da mãe (*) que era mulata, da avó que era preta e do pai que era um patife incestuoso e crivado de vicios». Acrescentava que ela tinha ainda «parte daquele cerebro desorganisado». E como a não teria se na edade em que as raparigas idealisam galãs a seus pés

(*) *Escritos de Camilo*, pag. 87.

os via todos fascinados, madrigalando em volta, alguns calculando já os alqueires de moedas dos rendimentos de suas quintas de Vilaça, no Outeiro da Quebrada, seus cafezaes de além mar e as redondas somas encofradas nos Bancos! Os melhores rapazes dos arrabaldes concorriam à sua mão, pela rua jamais se vira passar tantos namorados, apesar de ser a principal da vila, endireitada do Campo da Feira para a egreja Matriz. Falava-se do «*Brilhante Negro*» como do D. abade de S. Tiago de Anta cujos reditos pingues empalideciam com a comparação dos atribuidos à requestada. Tambem a guardavam — os da casa — com mais cuidados que a Colegiada de Guimarães usava para com o tesouro de Santa Maria de Oliveira e rodeavam-na de tantas cautelas como se fosse quebrar-se na fragilidade de seu mirrado peito, no adelgaçamento de seu corpinho debil.

Quando Maria Isabel aparecia na varanda e olhava a rua encontrava sempre nalguma loja fronteira, na janela da Assembléa, ou escanchado em montada bem ajaezada — à falta de melhores predicados — algum dos rapazes cubiçosos de sua mão. Deixava-se contemplar, fria e calma, não amando nenhum, com a indiferença magnifica do «Regente» na sua vitrina do Museu. Parecia que realmente havia nela alguma cousa da pedra preciosa da qual se fizera a alcunha, mas aquele coraçãosinho batia deixando aflorar na facesita trigueira da sua dona, fugitivos rubores. Sómente se mostrava indecisa entre tantos apaixonados que lhe diziam adora-la veementemente; a sua alma, quasi infantil, procurava viver um romance e apresentavam-lhe apenas uma banal disputa de ambiciosos como num mercado minhoto em torno duma toirinha prometedora e galante.

Ela devia saber que mesmo alguns dos membros do seu conselho de familia, tinham mandado vir os filhos uns de Braga, outros do Brasil, onde andavam mourejando, para se enfileirarem na linha dos disputadores do dote. Correra a nova por todo o Minho e enchiam-se de esperanças muitas almas ávidas de comunhão naquele viatico resplandecente, precioso.

Partiram as cartas para o Rio de Janeiro e Bahia e outros pontos do imperio onde se instalavam os cavadores de fortunas em busca de seu bem estar. Foram surpreendidos por detraz dos balcões ou nos armazens de secos e molhados, armarinhos e botequins com a noticia de haver em Vila Nova, ao alcance de suas mãos, tesouro maior e de mais rapido acesso que os da possivel conquista e sem riscos da febre amarela e das más operações da praça.

Largaram logo nos primeiros barcos os rebentos de dois dos membros do conselho de familia, de Braga veiu o terceiro tomados de mais probabilidades de exito que os pobres adversarios de Barcelos a Santo Tirso que andavam a habilitar-se com menos vésos de falarem à cubiçada herdeira. Eram aqueles, José, filho de Leonardo de Carvalho, Joaquim Fernandes e José Carvalheira, (*) que procuravam oferecer seus banais apelidos á que o acaso gratificara com alguns bem mais sonantes, os de

(*) Informações recebidas pelo autor mesmo defronte da casa de Maria Isabel e fornecidas pelo importante industrial de tipografia e distinto jornalista sr. Manuel Pinto de Sousa

Costa Macedo, ligados à laia da fidalguia. O proprio administrador do concelho, um bacharel de largas aspirações, João Santiago, conseguira ser visita da casa, tornar-se um dos mais assiduos pretendentes à mão da menina e boquejava-se ser este o noivo pois nenhum havia com tanta educação, meios captadores, grande sciencia, futuro, aberto na politica regeneradora pois era, em Vila Nova, o delegado de Fontes e Rodrigues Sampaio, então no poder. A autoridade impunha-se e por aquele começo do ano — em 1881 — as certezas chegavam de que Maria Isabel, seria dentro em pouco, a esposa do feliz bacharel.

Por vozes de recoveiras, balelas de povo e falacías dos companheiros de Nuno Castelo Branco, tudo isto estalava em Seide como canhonaços rudes. É que o filho do romancista, contando desassete anos, como a «brasileirinha», tambem se apresentara a requesta-la não porque a amasse mas por desafio, desejo de conquista e juntar às de mais facil posse contadas já no seu rol de folião e ao mesmo tempo — sobretudo por isso — porque aquele dote enorme lhe apresentava um deslumbramento de estrebarias bem providas de estampas raras, carros de boas molas, em estado de fazer inveja ao de seu tio Ferreirinha da Regua.

Tanto se celebrara o «Brilhante Negro» e os desejos de Nuno, que o escritor se tornava meditativo e dera-se ao trabalho de preparar scenas de teatro para serem representadas em Vila Nova como num palco que ele dirigia, por actores ensaiados no seu modo magistral.

A Seide acorriam alguns dos amigos do *Fistula* e do namorado da Maria Izabel, gente da esturdia, divertida, sem arreganhos de grandes feitos mas capazes duma boa aventura na qual ainda houvesse que se descadeirar qualquer intrometido. Eram — com o Correia Carvalho — um mais atilado que andava requerendo colocação, à conta do escritor, certo Marques Coelho amigo de bem beber e melhor estroinar, Luiz Barroso que servia na casa do romancista fiel e dedicadamente, bem como o celebre creado de Camilo, Manuel Caniço. Juntavam-se e falavam entre si dos predicados da cubiçada e da maravilha do seu dote.

Se alguns destes não iam aos agapes onde Camilo, quasi cego, ainda encontrava, na sua veia romantica, situações teatrais e graciosas para uma vitoria, todos, de bom grado, colaboravam na arremetida. Ele entretinha-se a enscenar o mais formidavel dos romances vividos. Continuava a dizer-se que o administrador do concelho conduziria ao altar a disputada menina, e ele sorria, imaginava uma vitoria retumbante tão entusiasmado, decerto, como nas epocas em que procurava arrebatar Ana Placido do seu lar. Tratava-se primeiro de fazer com que a opulenta senhora lêsse algumas das cartas escritas em arroubos de paixão e assinadas pelo indolente Nuno. A correspondencia estabeleceu-se e se Maria Izabel volveu de novo a vista a esses papeis romanticos devia senti-los como feitiços, pois devera lhes a sua inclinação para o filho do seu autor.

Ali, pertinho de Famalicão, havia, pois, uma alma enamorada como as das novelas e que lhe oferecia amor em frases tão lindas que julgaria estar lendo as paginas do *Amor de Perdição* tão arrebatadoras que a faziam chorar, a ela, tão rica,

tão rodeada de pretendentes, como se fosse uma desditosa. Para demais, o signatario das missivas era garboso, esbelto, tinha belos olhos e má fama, o que seduz tanto as mulheres como as perfeições fisicas dos amados. Aquela minhota milionaria era uma sentimental que guardava nas suas gavetas versos tristes como petalas mortas colhidas nalgum dia de amor ou enviadas por mãos de apaixonado. E no seu «cerebro desorganizado», como Camilo o definia, decerto pela leitura das respostas às suas letras, deviam produzir singularissima impressão aqueles juramentos de ternura, numa linguagem de oiro, que lhe lembraria a dos seus poetas queridos (*).

Ela lia e arrebatava-se. A chegada dos protestos de amor devia ser esperada impacientemente. O romancista, velho, decrepito, quasi cego, ainda ateava uma paixão, de longe, no seu gabinete, como um mago com cujo poder de genio não contavam os banais pretendentes à mão da que já se decidira a ser a mulher de Nuno Castelo Branco. Atraía-a a fama do futuro sogro tanto como o noivo loução e que julgava o herdeiro do talento paterno como ela fôra dos cabedais de D. Teresa Martins Marques — «a mulata» — sua mãe e de Antonio Joaquim da Costa Macedo — «o patife incestuoso» — seu progenitor, no dizer do fogoso autor das estonteadoras missivas. Quem se dandinava em atitudes de galo vitorioso era o administrador do conselho que devia rir muito duma farça de bom espirito na qual eram demolidos os seus rivais recemchegados para o assalto do novo velo de oiro.

Ninguem sabia de onde partira o comico espectaculo que se estadeava nesse Carnaval nas ruas de Vila Nova, e passara e repassara sob as janelas da pretendida a qual rira a bom rir como todo o povoleu de Famalicão e a gente grada que o gosava. Dentro dum carro, armado a capricho, três individuos desconhecidos em suas caracterizações imitadoras dos rôstos dos senhores José, filho de Leonardo de Carvalho, Joaquim Fernandes e José Carvalheira jogavam aos dados sobre uma banqueta alguma cousa diante da qual a vila delirava. Sobre as suas cabeças, como uma signa, erguia-se um poligno lusidio, no seu tafetá, que representava o brilhante negro. Era o que eles disputavam na sua macaqueação, através das ruas, instalados num veículo patusco, de bestas enguizalhadas, por uma terça-feira de Entrudo, caída no 1.º de Março.

Se ela já não estivesse encantada com a prosa adoravel das cartas recebidas, aquela alusão, mais do que iluminante, acerca do que desejavam os seus «apaixonados,» vindos de longe, com singular prestesa, por ordem dos pais seria concludente.

Maria Izabel, dessa hora em diante, estava convencida. O romancista que preparara aquela forte comedia, e a ensaiara, triunfava. Ninguem sabia donde viera o carro, pois dera uma larga volta pelas bandas de Santo Tirso; tampouco tinham sido conhecidos os mascarados que parodiavam os pretendentes. Só Camilo poderia

(*) «Achei hontem entre a papelada pueril de minha nora traslados do *D. Jaime*. Mas o mais curioso é não saber ela que o Tomás Ribeiro — o Tomás Ribeiro que ela conheceu no Bom Jesus — é o autor de *D. Jaime*. Imaginava-te talvez um joven louro, de melenas, luneta num olho e badine. Que decepção para ti, meu amigo». — *Cartas de Camilo a Tomás Ribeiro*, pag. 40.

imaginar semelhante maneira de derrotar os ousados. A sciencia de caracterisador e scenografo do actor Dias — um dos amigos de Nuno, que ia a meude a Seide devia ter feito o resto.

O bacharel João Santiago rejubilava. Agradecia, talvez do intimo de sua alma ao gracioso que assim ridicularisava os outros, deixando-o fóra da scena porque era a auctoridade e não conviria a sua intromissão no assunto. Com aquela cumplicidade alegre se devia mesmo ter contado para não incomodar os atrevidos e de forma que toda a sua alegria e tolerancia revertia a favor do rival ignorado. Assiduava-se junto da menina que, diariamente, ocultava no seio alguma das missivas soberbas e perturbadoras do seu mais amado, de desassete anos, como ela, e tão inteligente — a pobresinha de espirito ingenuo assim o julgava — que encontrava para exprimir seu amor frases de romance geradoras de comovidas e doces lagrimas.

Vigiavam-na mais; alem do Tinoco e seus servos outros olhos a seguiam; porem, já se decidira. Era menor; dependia do conselho de familia a sua sorte; mas tudo se remediaria — como num conto de fadas — atravez daquelas frases miraculosas. Bastava deixar-se raptar, entregar-se ao seu querido e ninguem obstaria, de futuro, ao casamento ambicionado.

Neste sentido apareciam as letras, dia a dia mais apaixonadas. Encaminhavam-na para a fuga, com tanta segurança, como vinte e dois anos antes sucedera a Ana Placido, inteligentissima, casada, e com um filho nos braços. Era a magia do estilo, a irradiação do talento.

Entretanto o administrador pompeava aos olhos da vila pacata. Tornava-se o alvo de todos os olhares; surgia com mais prestigio porque se dera um grande crime, ele andava açodado, cheio de importancia, activo a descobri-lo. No proposito deslumbrador de fazer falar de si movia-se com uma presteza enorme, contava ao fim do dia as suas habilidades e ia requestar a «brasileirinha.» Fora o caso que aparecera o cadaver dum negociante de gados no bifurcamento na estrada de Famalicão para a Povoa de Varzim e Barcelos, na quarta feira de cinzas. Depois do entremez do Entrudo chegara a tragedia. O marchante viera de Barcelinhos para tratar com um seu devedor em Vila Nova, antes de se dirigir para a feira de Moncorvo.

Requisitara-se policia de Braga, em grande alarde, conseguira-se lançar mão de dois dos indigitados criminosos, os irmãos Malicias — de S. João do Kalendario — e que segundo se espalhava, tinham cosido o desgraçado às facadas sem deixarem rastros de maior. (*)

(*) Assassinio — Na estrada que de Vila Nova de Famalicão vai para Barcelos e no sitio em que a mesma se bifurca com a da Povoa de Varzim, apareceu na manhã de quarta-feira o cadaver de um homem corpulento, tendo o cranio quasi separado do rosto, em consequencia de um enorme ferimento, e o corpo crivado de facadas mormente no lado esquerdo do peito.

O sr. administrador do concelho de Vila Nova de Famalicão fez remover o cadaver, que foi reconhecido por algumas pessoas. Era o de um negociante de gado, residente em Barcelinhos.

Dada parte à familia, esta prontamente compareceu em Vila Nova de Famalicão, declarando a

Mas nem com tanto dispendio de superioridade ele conseguia desviar a herdeira de seu sonho. Passou Abril e quando Maio entrou, com o seu sol e as suas rosas, desabrochou na alma da minhota a sua sêde de bem amar. Mandou dizer ao requestador que estava pronta a deixar-se raptar. Nuno exultou; Camilo radiante, deu as ultimas ordens no sentido de mais a deslumbrar. Ele considerar-se-ia extranho a tudo; partiria para longe de Seide onde se iriam acolher os amorosos na sua ausencia. Mostrar-se-ia, assim, o proposito serio do raptor, ao levar a amada para casa de sua mãe.

Auxilia-lo-iam na ação os seus amigos; uma carruagem aguarda-lo-ia a distancia, como nas scenas novelescas, e ela desceria — ainda romanticamente — por uma escada de corda atirada à meia noite à sua varanda.

O sinal de que acederia, a resposta que aguardava o apaixonado, não seria preciso escrevê-la. Bastava que puzesse na sua janela uma flôr. Estava-se em pleno teatro; Maria Isabel, arrebatadamente, prenderia uma rosa, das lindas desse Maio, nos varões como se na sua corola oferecesse todo o seu amor. Porém não chegou a fazer esse gesto romantico.

Era em 3 de Maio, terça-feira e vespera de mercado em Vila Nova. O bacharel João Santiago, considerado como noivo de Maria Isabel da Costa Macedo, andara a passear com ela de braço dado, de tarde, pelo campo da Feira, acompanhados por parentes de Ferreira Tinoco. Famalicão inteira os vira assim desde os barões da Trovisqueira e de Joannes — os grandes senhores da vila — até à Maria da Conceição — a *Marcada* — a mais fina alcoveta e a maior bebeda saboreadora das pipas das vendas minhotas. Até mesmo a proposito dela, que era rondeira notivaga, bisbilhoteira e espreitadora, se tinham dado ordens, em Seide, a fim de lhe evitar a lingua e a espionagem. Se a boemia adregasse vêr o carro na barreira da estrada de Guimarães, os homens ocultos nas ruelas em ares de compiradores aguardando um momomento feliz, algazarrearia e poderia dar cabo da peça tão bem urdida. Tambem se ela surgisse de qualquer banda tratar-se-ia de a levar para os lados de S. Tiago de Anta, iscando-a com promessa de bons cangirões de verdasco a engulir nalguma tasca, e sacudi-la-iam rijamente para seus gritos desviarem as atenções para o

---

viuva que o infeliz assassinado saíra de casa com destino à feira de Moncorvo, tencionando pernoitar nesta vila em casa de um individuo, que lhe era devedor de certa quantia.

O sr. administrador procedeu às necessarias diligencias para haver às mãos os verdadeiros criminosos, requisitando para isso alguns agentes de policia, de Braga, que lhe foram enviados.

Como suspeitos foram presos dois individuos, sendo um aquele a casa de quem o morto devia pernoitar, e para cuja captura parece terem concorrido as circunstancias altamente notaveis de não se descobrir no sitio em que apareceu o cadaver, vestigio algum do crime, nem ter a roupa sido atravessada pelas facadas que se encontram no corpo; segundo nos contam, a propria camisa estava intacta.

É de esperar que o digno administrador encontre o verdadeiro autor ou autores de tão horroroso crime, para terem a punição que merecem.

(*Primeiro de Janeiro de 5 de Março de 1881*)

ponto oposto àquele onde o veículo aguardaria a raptada, e da rua Formosa, onde a scena se representava.

Quasi defronte da casa estava então instalada a Assembléa e os parceiros, entre eles o administrador, demoravam a retirada. É que a noite de Maio, baforada de calor, não convidava ao leito.

De tarde o Luís Barroso, seu visinho, passara com um grande amor-perfeito na lapela — até na flôr se evocava a paixão — e chamara para êle a vista da apaixonada de Nuno como a preguntar-lhe se sempre acedia a fugir naquela madrugada. Passava-lhe sob a janela essa flôr a substituir a rosa que não poderia pôr na varanda sem levantar suspeitas. Acenou com a cabeça. Consentia. E assim ficou de esculca até à hora tarda para a sua sortida de amorosa.

Maria Isabel devia seguir atentamente os movimentos dos jogadores, escutar os ruidos das suas palestras das portadas de suas janelas, no angulo da igreja Matriz.

Nuno Castelo Branco envergara um disfarce; comera e bebera à tripa forra e quedara-se numa indecisão perto do mercado do peixe onde o deixaram. O Caniço ficaria na Praça da Mota e correria a avisa-lo. O outro amigo, que muito devia ao romancista, vigiaria a assembléa e os companheiros encarregar-se-iam do rapto. Ao começo imaginara-se conduzi-la para Traz-os-Montes no carro do Cosme de Guimarães, que providenciaria para as mudas em varios locaes, ainda como num romance antigo. Decidira-se, por fim, a alberga la em Seide. Camilo entretivera-se largamente com o advogado portuense, o celebrado Vasques de Mesquita, ouvira dele a necessidade de não recolher os fugitivos, evitando responsabilidade conjunta no roubo de menor. Pretendera, então, que o sobrinho Antonio de Azevedo arranjasse esconderijo para os noivos, «uma casa onde eles se alapardem», como escrevera a Ana Placido, metida na confidencia, bem cumpliciada para regalo do filho, e acabara por seguir outro conselho. Bastava-lhe não estar na residencia, fazer-se surprezo, para não o culparem no delicto.

Imaginara, como num capitulo de seus livros, um sacerdote trasmontano para os unir na lura que o parente lhes arranjasse à beira da Samardã e ao qual, segundo afirmara à companheira, valia «a pena oferecer um ou dois contos de reis». Aqui acabava o novelista e surgia o pai a querer garantir o futuro do seu rebento incapaz de qualquer esforço trabalhadeiro. «O que não podemos é desistir — insistira ainda com a mãe do raptor — porque lances destes não se repetem na vida». Que diferente fôra o romance de ambos!

E porque lances destes não se repetem na vida, Nuno aguardava, que o despertassem, pois dormia profundamente na hora em que os amigos começavam a esculcar na rua Formosa, onde estavam ainda iluminadas — apezar de ir além da meia noite — as janelas da Assembléa.

O *Janga*, lampionista, peitado, apagara o candieiro de purgueira ao sumirem-se as luzes da casa onde se jogava até tarde. Maria Isabel surgira. A milionaria vinha descalça. O Marques Coelho e o seu parceiro aproximaram-se. Este falou para o vulto, baixinho, em discreto sussurro de conjurado:

— Salte, menina, nós a seguramos.

E ela, não teve medo, trepou à varanda e deixou-se caír nos braços de quem mais finas maneiras tinha para a conduzir: o Luís Barroso. Dera um ousado salto de mais de dois metros, mas fôra tão suavemente agarrada que mal o sentira. Não sucederia assim no salto brusco da sua vida. Escoltavam-na os outros felizes com a partida e quando a meteram no carro, na barreira de Moço Morto, sentiram a falta de Nuno que o Caniço, não fôra chamar, visto ter adormecido à semelhança do amo que saía do sono para a fortuna sem o menor esforço.

Antes do amanhecer estavam em Seide, após a volta pela Portela de Requião, com o cocheiro, o auxiliar e os servos.

Pouco depois aparecia Camilo em Santo Tirso à busca do filho; contava que desde a vespera não o via e receava por sua vida. Ninguem dera fé dele e recolhia a casa tendo semeado a impressão da sua ignorancia do rapto que, dentro em pouco, alarmava Famalicão e arrabaldes.

Para um dos seus rapazes já conquistara um futuro; conseguira-lhe, por seus talentos, um dote digno dum romance fantasioso. Ao vê-lo no lar com a raptada, escreveu a Sena Freitas solicitando do cardeal-bispo do Porto licença para efectuar o seu consorcio em qualquer lugar. Na carta ao sacerdote mostrava-se agoniado, como aborrecido de si proprio; não confessava o seu acto mas almejava «morrer».

Rebentara um alarme rijo em que o Tinoco era contundido pelos mexericos dos outros membros do conselho de familia; chamara-se à pressa o tutor da menor, o dr. Teotonio José Rodrigues de Abreu Fontes, de Braga, o qual aconselhara o casamento diante das discussões calorosas dos seus indignados parceiros na pupilagem da fugitiva. Com o escandalo e a furia viera a troça, a zombaria, alvejar o bacharel Santiago, autoridade que não soubera guardar a menina de que era braceiro e que todos acredítavam seria a sua noiva. Nuno o rival menos temido tornara-se o rtiunfador. Em vez de fazer um inquerito, fugiu de Vila Nova, entregando o cargo a Adriano Pinto Basto, seu substituto, e a alma ao desespero da derrota.

Fôra uma grande e desairosa queda a sua. Os outros pretendentes ainda podiam volver-se aos beliches das barcas ou ao armazem bracharense; ele, porém, administrador e bacharel, devia sumir-se, com o seu prestigio arranhado, deixando a outros o processo do crime de quarta-feira de cinzas. Andava-se a boquejar que o comerciante fôra morto pois ia casar com Maria Isabel e embora o *Primeiro de Janeiro*, puzesse a falar a sua viuva, não deixavam de querer relacionar factos desvirtuados, em alusões, em remoques a quem recolhera em Seide os foragídos. Já a rica herdeira requerera a convocação do conselho de familia onde largamente se disparatara.

Um dos membros, teimosamente, se opunha ao casamento; argumentava com cruezas, pedira castigos severos. Era o pai dum dos gotescos pretendentes.

Os jornais (*) entraram a tratar do caso com menos sobriedade da que a usada para um moço que raptara certa menor de Mossul — à beira do Lanhoso — e Camilo, sem descrever o bastidor da aventura, falava do rapto aos amigos com a eloquencia dum autor que não assina a obra mas suspira pelos louvores. Mal se decidira o enlace tratara de arranjar padrinho de categoria e escolhera o seu velho amigo conselheiro Jeronimo da Cunha Pimentel, governador civil de Braga; a madrinha era D. Amelia de Carvalho, a filha de Patricia Emilia, convocada como para trazer um pouco da sua felicidade aos noivos que se separavam por uns quinze dias, a fim de evitar impedimentos canonicos. Só em Junho, (**) se realisaria o acto solene na egreja de S. Pedro de Maximinos da cidade archi-episcopal. O romancista descrevia, deste modo a nora: «Rapariga de 16 anos, não feia e doze contos de renda. Ambos muito ignorantes. Olha que grande felicidade ó Tomaz Ribeiro.» (***) Outro dos aspectos porque a via era o seguinte: «quanto a fortuna a coisa está muito áquem das atoardas publicas: Tem 7 contos de renda ou 150 contos. É uma rapariga estimavel com uma intelígencia rudimentar. (****)

Tivera certa retumbancia a cerimonia. Tomaz Ribeiro, ministro de estado, assistira, e de Vila Nova fôra gente grada dar o seu consenso ao rapto desvanecido em suas vergonhas — se as havia fora dos falatorios — sob a estola do padre. Enquanto eles noivavam no Bom Jesus, onde o pai tanto sofrera e amara, na casa de Seide os amantes entreolhavam-se. Restava-lhes tratar de Jorge, que só falava em suicidio. Camilo levava-o para o Porto e satisfazia-lhe todos os seus caprichos. Era um semi-cego conduzindo pelo braço uma inteligencia igualmente em meia treva. Comprava-

(*) *Consorcio auspicioso* — Vão unir-se brevemente pelos laços do matrimonio o filho mais velho do grande romancista e eminente literato Camilo Castelo Branco, e a Ex.ma Sr.a D. Maria Isabel da Costa Macedo, orfã e filha unica do capitalista Antonio Joaquim da Costa Macedo, de Santa Cecilia de Vilaça.

O rendimento anual da fortuna desta menina orça por 12 ou 13 contos de reis fortes, procedentes de propriedades urbanas no Rio de Janeiro, quintas e fóros do Minho. Domingo reuniu-se o conselho de familia em Vila Nova de Famalicão, e todos os vogais, à excepção de um, deram o consentimento para o casamento.

A menina está depositada em casa do sr. Adriano Pinto Basto, administrador substituto do concelho, até se obter a dispensa de pregões.

Tudo presagia, dadas as condições de fortuna e de educação dos desposados, um enlace venturoso. Antecipamo-nos a felicita-los, assim como ao pai do noivo, nosso ilustre e prestante amigo. (*Primeiro de Janeiro*, 18 de Maio de 1881).

(**) *Noivado* — Quinta-feira, realisou-se na freguezia de S. Pedro de Maximinos, em Braga, o consorcio da Ex.ma Sr.a D. Maria Isabel de Macedo com um dos filhos do eminente romancista o Sr. Camilo Castelo Branco.

Seguidamente aquele acto partiram para o Grande Hotel do Bom Jesus do Monte, onde lhes foi servido um lauto almoço, assistindo os Srs. Tomaz Ribeiro, Jeronimo da Cunha Pimentel, Mendonça, Adriano Pinto Bastos e outros cavalheiros distinctos. Apetecemos aos conjuges a mais imperturbavel felicidade. (*Primeiro de Janeiro* de 3 de Junho de 1881).

(***) Cardoso Marta — Cartas a Tomaz Ribeiro, pag. 38.

(****) Cartas a Silva Pinto, pag. 189.

lhe o vestuario como ele queria, de casaco muito comprido, levava-o ao teatro de S. João onde a *Missa* de Verdi lhe agradava. Aplacava-se. O pai não gostava de musica, irritava-se com as melodias e só a do fado cabia bem em sua alma, como se de lisboeta apenas tivesse guardado a paixão dessa canção da tristeza. O fado é o hino da desgraça e Camilo amava-o como desgraçado. Contrariava-se com as operas, com as grandes peças de arte e o louco percebia-lhe o aborrecimento e pedia-lhe desculpa de o reter a ouví-las. Apesar de lhe desagradar a diversão, guiava-o de preferencia para os logares onde havia bandas, orquestras, simples pianistas tocando e esperava muito da sua acção. Mas as noites eram tão horriveis para o enfermo que o pai julgava contagiar-se no mal e perguntava a si proprio se iria até «à escuridade» de Jorge. Assim andava e, ao recolher-se a Seide com o seu louco, encontrava o pateo invadido pelos carros, pelos cavalos, pelos p tros que o recem-casado adquirira sob a experiencia do José Barracão, alquilé de fama em todo o Minho, troquilha de malas artes em trafego de gineta. Nuno parecia uma creança empecilhada no meio de brinquedos. O escritor analizava-o e pensava que «o Jorge era doido mas aquele ainda mais pois julgava ter juizo».

E o desditoso, ante aqueles filhos aos quais um poeta vaticinara felicidades e glorias, era para a mãe deles que se voltava, querendo-a aconchega-la ao coração, a vêr se lhe encontrava o calor antigo porque eram ambos muito desditosos ao reverem-se nos resultados de seu amor.

Ana Placido envelhecera; enrugara-se-lhe a testa ficando lisa a face, rubros os labios de seus amorosos beijos. Ele via-a doente, nas vesperas do fim do ano em que julgara fazer a ventura dum filho e o deparava a estroinar, atrevido, gastador, ante os berros do outro atordoado pelos grandes ruidos de alquilaria do pateo de Seide. Voltava-se para Ana Placido como um romantico, novamente, esquecido da promessa do casamento mas votando-lhe um afecto reverdecido diante do seu conjugio de desditas.

Ó Ana Augusta, tu dormes
Nessas ancias que se apressam
Para o perpetuo dormir;
Teus paroxismos começam,
Espera que eu quero ir,
Não morras oh! minha luz.

Porque se eu perco a razão
E à campa te não sigo,
Oh! que existencia, que cruz!
Filha leva-me contigo! (*)

Nos versos aquecidos na derradeira cinza do seu espirito apaixonado falava-lhe assim; nas cartas amargas, desoladas, lembrava-lhe:

(*) Do *leme*.

«Em tempo disseste-me que seria bom acabarmos ao mesmo tempo. Não sucumbas emquanto poderes viver e amparar o Jorge mas quando ele morrer não tenhas pena de deixar este inferno de tantos anos »

Acusava-se; soltava como um grande brado de profundo remorso:

«Nenhum de nós teve o coração preciso e a valentia da responsabilidade no infortunio.

Assim estavam frente a frente ao cabo de mais de vinte anos de vida em comum. Velho, quasi cego, sentia-a a ela «como uma visão dantesca, morta» mas da qual tinha ainda ciumes, pavidos, nascidos nos delirios da excitada fantasia.

«Um perverso diabo se me apossou do espirito esta noite e não mo larga. Vejo-te sempre nos braços dum homem, aquele que apareceu nas alucinações do Jorge.» — dizia-lhe como um mentecapto, o homem de genio.

Da sua irritação saíam as paginas violentissimas da polemica mais do que os entrechos dos romances. Descompunha, em golfadas de desdem, a Alexandre da Conceição, que depois choraria ao vê lo morto, e era a novela da sua ancestralidade, os *Brocas*, com que poderia explicar a geração de doidos que deles brotara, a preocupação do seu espirito como se desejasse atirar ao mundo as razões das infelicidades dos seus.

O doido gritava sempre; bebia, masturbava-se, implicava com o irmão que se julgava muito lesado no amor do pai e se infatuava pimpando de milionario — ele, outro louco que se julgava com juizo — e, então, o romancista, alucinado na sua meia treva, tivera que o escorraçar de casa, ao ouvir-lhe as injurias, as protervias. Num abandono enorme escrevia (*): «Eu ofendido por grosserias de meu filho intimei-o a saír daqui com os seus sete burros, com os seus coches e com os seus lacaios. Se ele tem dignidade e brio decerto se retira; mas eu duvido que ele o faça porque a intercepção frenelogica me faz supor que na sua concerebração aquelas bossas não se pronunciaram »

Todo o seu amor ia para o outro, para o doido que o olhava torvamente depois de beber. Ana Placido chorava e ele, no seu quarto, rodeado por quatorse velas, fa enchendo de vivíssima prosa os quartos de papel do seu romance de ao pé da porta, a *Brazileira de Prazins*.

Tinha ali vivas as personagens dum grande drama e o ambiente das suas existencias. Puzera-se a escrever, o semi-cego; tendo conquistado a riqueza para um filho, implorava para o outro um titulo que o salvasse da miseria. E achava ainda gracejos sob a pena, ao descrever agentes do seu romance novo.

Desarrasoadamente ia Nuno na vida. Redobrara de brodios com o ouro a fundir-se-lhe nas mãos rotas, perdularias.

O pai vivia em grandes aflições de dinheiro e, como tinha um enorme orgulho, não se dirigia aos amigos a solicitar auxilios; gastava grandes quantias com os medicos e em viagens sucessivas ao Porto em busca de atavios e a Braga à cata de

(*) Viseonde de Vila Moura — *Camilo Inedito*, pags. 113 e 114.

sistemas apregoados; experimentava tudo e, embrulhado na sua capa engolada de peles, fazendo do seu antigo cacete de arruaceiro um arrimo, era como a imagem de um capitão famoso de aventura baleado e querendo ainda desempenar-se, erguer a sua pluma a um vento de desafio. Jorge continuava a arremeter e a ameaçar. O escritor chorava e sentia o outro, como um flagelo devastando tudo, inventando diariamente maneiras de despejar os cofres da mulher em tunantadas infindaveis. Não havia pobre à sua beira a não ser o pai. Largara de casa com a esposa, instalara-se em Requião e levava as noites perdidas.

No espirito do romancista avolumavam mais ainda os defeitos deste filho à medida que para o louco toda a sua alma se voltava. E entre o que o encarava num balburdiar constante, mal tendo tempo para lhe pedir a benção e o que nas suas furias o ameaçava, erguia as mãos ao ceu, já mal entrevisto, a pedir a morte. Estava crivado de dividas e sentia a riqueza a catadupar por aquelas mãos moças e decidia-se a vender a sua biblioteca: (*) «os amigos de 30 anos que, por serem amigos devem servir de alguma coisa»; (**) e dava esse passo «para pagar umas dividas e não lesar o peculio ao Jorge. Receei que, por minha morte, o Nuno vendesse a livraria a peso» (***). Mas, de repente, o segundogenito tornava-se pai e o romancista delirava ao lado do berço da neta.

Despedira-se dos livros com lagrimas que eram enxugadas no consolo de sentir nos braços a pequenina, fraquissima, uma bonequita idolatrada desde logo pela avó e que ele disputava a seus beijos. A mãe definhava-se, estava tuberculosa ao cabo de três anos de casada e Camilo enchia-se duma enorme piedade. Em volta dos risos da creança, fizeram-se as pazes, tanto mais que entrevia o desditoso Nuno contagiado. Era a doença assassina dos irmãos de sua mãe, passando sobre ela, e vindo garrea-lo ou teria brotado dos beijos de amor da «brasileirinha» esse mal que fazia o pobre romantico, sucumbido, já nem aos quasi estranhos ocultar suas dôres? Possuia-se duma ancia de desabafo.

«O Nuno chegou agora de Lisboa e vai brevemente para a Madeira vêr se salva o outro pulmão. Tenho o desengano por um dos medicos que o auscultou em Lisboa.» (***) Todas as zangas acabavam diante da ruina fisica que ia começar a ser:

«Confirmo infelizmente a minha carta a respeito do meu pobre Nuno. É a tisica no 1.º grau a passar ao 2.º O ultimo e bom medico que o auscultou não aprova como inutil a ida para a Madeira, etc.» (****)

E continuava nos seus lamentos doloridos mal podendo com seus sofrimentos e velando pelos alheios:

(*) Rendeu 2:500$000 reis, sendo composta por algumas raridades. Roubaram-no os leiloeiros. Devia dinheiro a Matos Moreira, que se encarregara da transacção, e ele levara-lhe 9 % de juro. Ficou apenas com 1:570$000 reis. — Camilo — *Cartas a Costa Santos*, pag. 21.

(**) Visconde de Vila Moura — *Camilo Inedito*, pag. 112 e 113.

(***) *Cartas de Camilo a Tomaz Ribeiro*, pag. 56.

(***) (****) Camilo — Cartas a Costa Santos — pag. 11.

«Foi no que pararam as estravagancias que eu debalde quiz evitar a tempo. Era muito fraco e muito mal construido. Abusou até se perder irremediavelmente. (*)

Esquecia as coleras antigas; decidia-se a acompanha-lo ao Bom Jesus e ante o grande perigo em que o via, quasi esquecia o preferido, agora mais aplacado a fazer versos de manicomio, a querer dedicar-se às letras, não podendo ser contrariado. Lembrava-se de Tomaz Ribeiro e oferecia-lhe rimas mancas que o romancista enviava ao amigo, cumprindo o desejo do doente e acrescentando: «por aqui está tudo morto, envidraçado de gêlo; e o meu pobre filho tem na fantasia flôres, mariposas.» (**)

Escrevera o louco:

Florinha perfumosa
Que estás no meu jardim
Concede à mariposa
A folhinha formosa
Que tinhas para mim

Depois almejava vêr suas composições impressas e o pai fazia-lhe a vontade mandando compôr «2 exemplares de *prosa* e *poesia*» como tristemente classificava a produção do enfermo, numa incomensuravel desdita: «só 2 exemplares que lhe quero dar; porque muito me penalisaria que ficasse aí algum que podesse ser o incentivo ao riso — riso improprio de tamanho infortunio.» (***)

Como ia longe o tempo em que escrevia em chascos a sua prece sarcastica!

«Começo a pedir à Providencia que me faça bem brutos os meus filhos. No intento de os fazer odiar as letras, logo que eles saiam da escola, tenciono dar-lhes para se instruirem os livros de João Felix Pereira, as odes modernas, e o enxacôco da *Paquita*. Para enraiva-los contra a Historia, dou-lhes os 4 volumes de Alexandre Herculano.

Este sistema de burrificar rapazes não é ainda perfeito.

Falta uma especie literaria que lhes faça parecer a lingua portuguesa uma coisa deslavada, com brotoeja e sarna, cheirando a hospital de gafos, fedorentissima como o diabo.

Ha-de ser o Bister o inocente facinora, corrupção de besta, que me perdôe o meu cavalo.» (****)

O filho doido pedia-lhe provas dos seus versos, das suas prosas; (****) revol-

(*) Camilo — Cartas a Costa Santos pag. 11.

(**) Camilo — Cartas a Tomaz Ribeiro, pag. 50.

(***) Camilo — Carta, a Costa Santos, pag. 135.

(****) Castilho e Camilo, por João Costa, pag 195.

(*****) Existe em poder da familia um exemplar desse impresso que D. Raquel Castelo Branco publica no seu livro *Trinta Anos de Seide*.

via-se já em «acessos de odio e falava em matar.» O pai não resistia a confidenciar o que se lhe deparava. «Se houver vitimas, a primeira ha de ser a mãe que era quem ele adorava.» Suplicava-lhe que não se embriagasse e via-o a cair, feroz, de olhos fusilantes.

Aquela casa na qual entrara para amar tornara-se num antro onde as dôres surgiam como serpentes chicoteantes e bravas. Parecia que um fatalismo imenso ali habitava com eles. Cousa alguma resistia ao halito da vivenda que fôra o lar de noivado de Ana Placido com o marido.

Por um formoso agosto, quando cantavam os segadores e os filhos dos pobres andavam nos silvedos, tisnando-se à soalheira, de bôcas besuntadas pelas amoras, a netinha de Camilo mal abria os olhos à luz. Num leito distante dela, muito receosa de a contagiar, a mãe agonisava. Ia vomitando os pulmões em bacias de mãos; parecia uma sombra; e com os seus desanove anos queria viver, apegava-se a santos, esperava milagres, e, numa agonia muito lenta, chamando pelo marido, morria aquela que três anos antes juntava à sua volta tantos adoradores. Finara-se numa hora de luz explendorosa o fascinador *Brilhante Negro*. Quinze dias depois acabava a creancinha que a avó andara embalando dois mezes noite e dia. Á beira da sua camita ocupada pelo cadaver, os dois ajoelhavam e emquanto a mulher derramava pranto refrigerador ele «sentia estalar-lhe o peito de saudade» e não cessava de chorar tambem. (**) Encontrava ainda outro desafogo o, de descrevera mortazinha:

Parecia dormitar: tinha morrido;
pedi que não a levassem no caixão,
que a deixassem mirrar e desfazer-se
como a flôr se desfaz em podridão.

Teimavam em levar-ma e eu cingia a
ao peito que se abria pela pressão;
depois, pude esconde-la, e sinto-a morta
no meu despedaçado coração.

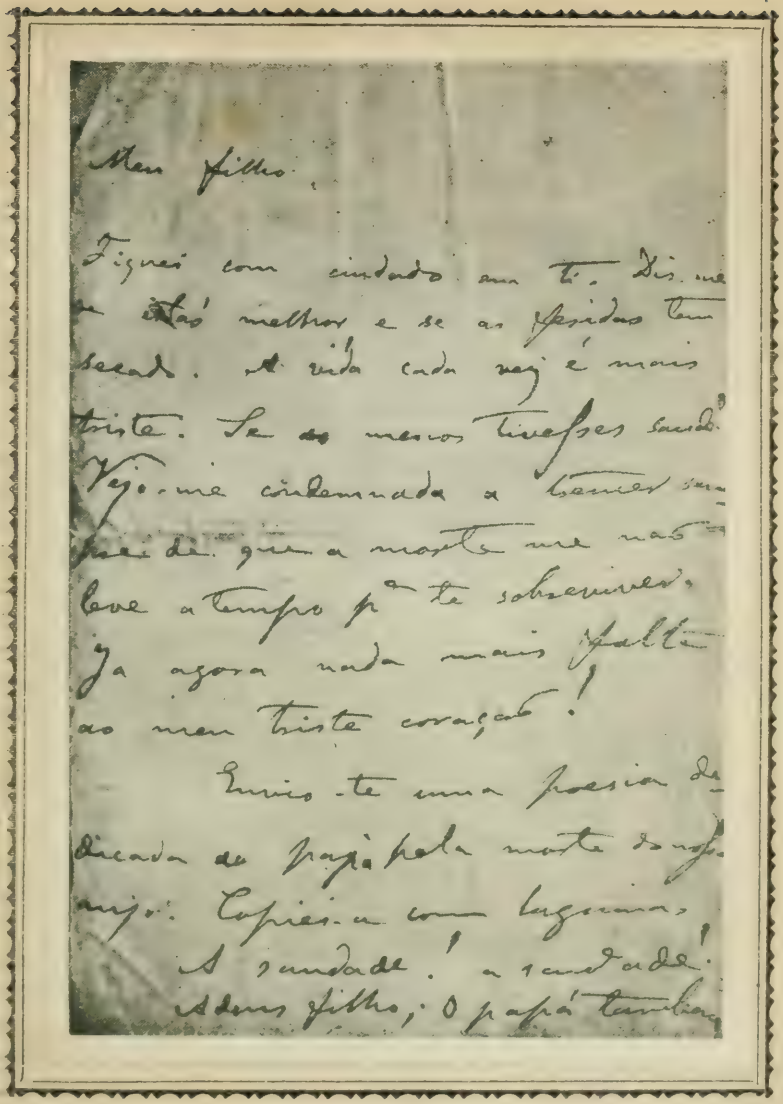
Ana Placido enviara ao viuvo a seguinte carta acompanhando as quadras:

«Filho:

Fiquei com cuidado em ti. Diz-me se estás melhor e se as feridas teem secado. A vida cada vez é mais triste. Se ao menos tivesses saude! Vejo-me condenada a tremer sempre de que a morte me não leve para te sobreviver. Já agora nada mais falta ao meu triste coração! Envio-te uma poesia dedicada pelo papá pela morte do nosso anjo. Copiei-a com lagrimas. A saudade! A saudade! Adeus filho, o papá tambem está com cuidado em ti. Falamos sempre a teu respeito. A tua mãe, A. Placido.»

E ele? «nem uma lagrima nem uma fingida sensibilidade sequer. Consola-se

(*) (**) Camilo — *Cartas a Tomaz Ribeiro*, pags. 56 e 57.



Meu filho:

Fiquei com cuidado em ti. Dis-me
se estás melhor e se as febres tem
secado. A vida cada vez é mais
triste. Se os meus tivessem saúde
Vejo-me condemnada a trazer sua
saudade, que a morte me não
leve a tempo p.a te sobreviver.
Já agora nada mais falta
ao meu triste coração!

Envio-te uma poesia de
dicada ao papá pela morte do seu
avô. Copiei-a com lagrimas
A saudade! a saudade!
Adeus filho; o papá tambem

Fac-simile da carta de
Ana Placido a seu filho

com 200 contos que herdou da filha e da infeliz mulher» Assim pintava o filho o romancista das desditas no meio do seu drama real. Quisera enriquece-lo e as cartas que escrevera em seu nome pareciam ter levado o condão fatal duma nova especie de amor de perdição.

A grande agonia daquele par de naufragos fundeado entre baixios era o futuro de Jorge ensandecido. O pai quasi não podia trabalhar e sob o peso da sua grande gloria, metido naquele recinto da aldeia e a cegar, dizia para os que o rodeavam na casa onde Nuno habitava — e que fôra a destinada a Silva Pinto insolvivel — sentir abrir em si, agora que não via — idéas vastas para livros tão admiraveis como jámais os escrevera. Andara com um medico original de Braga, o dr. Ulisses; Ricardo Jorge tornara-se o seu assistente mas ele descria, mudava, tinha formidaveis coleras pois desejava vêr, escrever, lêr, não ser um vegetativo no canto da casa das torturas, comendo de bom apetite, pois jámais o perdera, bebendo um calicesito de Porto, tomando a consoladora pitada ou fumando o seu cigarro. Ana Placido, «envelhecida de dez anos», era a consoladora, não podia passar sem ela; ao sentir que ia ficar nas trevas completas, mais docemente lhe chamava a sua Aninhas. Durava-lhe muito a crise do coração; mas, mesmo assim atacada, acorria ao menor grito dele, a acalmar alguma das suas insensatas coleras ou acudia ao doido que se excitava, sacudia de grandes raivas e se tornara temido dos rurais porque largava fogo às medas, aos feixes da colheita e os ameaçava. Chegara à loucura furiosa.

O escritor mandara vir um bilhar para ele se entreter e emquanto a novidade durara acalmara-se um pouco. A mãe acalentava-o, dolorida, tomada pela sua grande dôr e pelo unico vicio que a dominava: o sorver o fumo dos seus perfumados *La Reyna*.

Nuno prometera pensar em curar-se. Mas pouco lhe durara a deliberação. De quando em quando voltava para a pandega com os amigos cada vez mais numerosos e endiabrados — o Fistula, com seus ares compostos, o Pinheirinho, facecioso, o Barracão, destemido, o Dias, actor sem teatro a representar scenas licenciosas pelas quintas das visinhanças para onde levavam coristas dos teatros de terceira ordem.

Camilo sabia das tunantadas e participava-o a Ana em palavras cruas, escritas do Porto, onde ia a meude em ansias de consultar o Guerra, medico, de ouvir o Placido Costa, oftalmologista de fama, ao qual fizera certa vez uma dissertação de seu mal. O outro escutera-o com serenidade, brincando com um lapis e tomando a atitude inclemente dum degeneroso senhor da situação, perguntara-lhe: «vem consultar-me ou desenvolver mal uma tese dos seus sofrimentos?»

O grande homem empalidecera, calara-se, génio esmagado por um clinico do acaso, tão banal como a maioria, e saíra dali quasi desenganado, sentindo, talvez, mais do que nunca, ser seu bordão de arrimo apenas aquela antiga e celebrada bengala das aventuras de marialva romantico. Ia como uma sombra, lembrava a caricatura tragica do dominador que fôra nessa cidade à qual fulminara, ridicularizara, ferira, embora ressalvasse os seus trabalhadores. Os velhos como ele, os do *Palheiro*, viam-no

passar já sem rancores, os novos com pesar, mas havia ainda quem o odiasse, lhe quizesse muito mal no mundo do comercio, da charra burguesia. Então apetecia-lhe Seide, de onde saía sempre irritado, como fugido, em grandes excitações, tendo feito zangar aquela a quem chamava já «martir» e que lhe dizia com energia «estou morta por o vêr fora de casa» num desabafo que até as mães têm para com os filhos birrentos. Longe dela não se sentia bem, nem mesmo no carinho da filha de Patricia Emilia. Esta falecera havia dias e, ácerca dela, o escritor pronunciava-se sinceramente: «as personagens da minha comedia vão assim caindo no palco em que eu já mal posso andar. Não me produziu tristeza grande nem profunda saudade». Vencera-o o amor maior que sentira pela Ana, companheira de sua maxima tragedia, e à qual de longe suplicava: «manda-me ir para casa». Escrevia-lhe grandes cartas nas quais capitulava o «Jorge de enorme talento que deu o salto dum extremo para o ponto em que o espirito sobe até onde já não ha ar que o vitalize» e por sua causa tudo fazia para obter o solicitado titulo de visconde. Tanto combatera, ao vêr-se repelido pelo Rei, que acabara numa das suas furias (*), a qual fôra acalmada à menor ponte que se lhe lançou. Modificara o seu feitio, subordinara-se ao lembrar-se do seu pobre louco, embora fôsse dizendo a Tomaz Ribeiro: «consultado previamente por ti, meu Tomaz, respondo que aceito como titulo supremamente honorifico querer S. M. conceder-mo; mas só isso porque não tenho filho algum a quem possa utilizar o meu sacrificio aos 58 anos. O Nuno, em quem decerto pensavas quando me escreveste não está mais longe da sepultura do que eu e até poderá estar mais perto. O Jorge, bem sabes, já lá está».

Era ainda um pouco de orgulho, mas confessava, pouco depois, «que pedira três vezes a graça» e agradecia «a boa disposição de Sua Magestade» a seu respeito. Os jornais já chasqueavam da honraria, e ele, calava-se, como se aquela mercê lhe tivesse roubado as faculdades plebeas de ardido e combativo.

Continuava nas suas peregrinações ao Porto; encontrava-se com o dr. Azevedo e Albuquerque e este levava-o pelo braço como por gentileza e não por necessidade de lhe dar auxilio. Numa das vezes em que entraram no Sanches oculista a experimentar as lentes de que o romancista carecia, ainda ele, catracego, quasi um invalido, soltara um grito de admiração — o ultimo — de conquistador antigo ante a formosura. Fôra uma linda vareira que viera em recovagem a buscar uns oculos para um senhor de Vila do Conde que lhe despertara o entusiasmo. Esbelta, a cinturinha cingida na faixa larga cadilhada, rosto rosado, cabelos loiros enastrados, lindos dentes numa boca feita para beijos como as covinhas das faces, tal era a fascinadora que o fizera exclamar: «Que linda! Ó Albuquerque, que linda!» A rapariga mediu-o, torceu o beicinho rubro num desdem, e volveu subitanea e rijamente: «Ó seu cara de areia mijada!» (**)

(*) Vêr na revista *A B C* os artigos *Camilo e os Braganças*, onde se faz toda a historia do titulo de Visconde de Correia Botelho.

(**) Narrado ao autor, pelo sr. Cristiano de Carvalho, ilustre artista do Porto, que o ouviu ao proprio dr. Azevedo de Albuquerque.

Camilo, no auge do espanto, bradou para o companheiro, repetindo a apostrofe: «É a minha cara bexigosa! É uma fotografia! É assim mesmo... Como o povo tem a sensação certa das cousas...!» e poz-se a rir, ensaiando os oculos, talvez a pensar como em semelhante rosto recebera tantos beijos de amor profundo, ardente, sentido. E decerto que se consolava com a idéa de que os devera ao talento, que ainda no declinar da sua vida fizera o milagre de entregar a seu filho o disputado *Brilhante Negro* do qual se lembrava com muita saudade e quem sabe se com remorso.

D. Ana Placido (retrato pertencente á familia de Camilo)

XVI

DESDITAS DAS REALEZAS

O SENHOR VISCONDE CAMILO — RETRATO DO ESCRITOR POR UM ALIENISTA — A MEDALHA DE ANA PLACIDO — JORGE INCENDIARIO E ESPANCADOR — RESIDENCIA DE CAMILO EM CARNAXIDE — O SEU CASAMENTO — O DR. GAMA PINTO EM SEIDE — DOAÇÃO DUM CADAVER — D LUIZ I E O ROMANCISTA — LAMENTOS DE DUAS REALEZAS

EM 18 de Junho de 1885, Barjona de Freitas — o grande amigo de Vieira de Castro — referendava o decreto pelo qual se nomeava Camilo Castelo Branco, visconde de Correia Botelho.

Largamente a imprensa lhe enaltecera o talento e a mercê, mas houvera tambem despiques, chascos e ironias que conseguiam aborrecer o antigo demolidor dos titulares improvisados. Era como uma creança a quem davam o apetecido brinquedo e num grande ar de seriedade, de convicção, chegava a mostrar-se-lhe estranho como participava a Melicio, director do *Comercio de Portugal:* «a respeito do titulo sei apenas o que V. Ex.ª escreveu na sua amavel local. Como não solicitei a graça, extranho-a de el-rei. Conversaremos.» (*)

Ocultava os seus trabalhos, berros, gestos rebeldes, canceiras, sujeições e suplicas desde 1868, havia desassete anos, atraz de tão banal satisfação só desculpavel pelo pensamento de garantir possivel arrimo do filho doido.

Ana Placido tambem não se mostrava desvanecida, apesar de o vêr alegre, contente, a caminho do Porto com uma disposição que ha muito não tinha. Esperaria que lhe chamassem visconde para logo abominar o qualificativo. Ela fingia ignorar as lutas para se obter uma tão vulgar graça, conseguida com alguns contos de

(*) Visconde de Vila Moura -- Camilo Inedito, pag. 89.

reis por todos os «brasileiros» tortulhantes no Minho. Mostrava-se em compl eta surpresa.

«Camilo aceitou, porque diz que quer casar comigo e deixar-me viscondessa. Isto foi sem eu ser sabedora porque na verdade, (só para nós) eu nunca serei viscondessa.

Para quê? Se Camilo vive (o que espero em Deus) temo o arrependimento que para mim era horrivel! Se o perco, que importa à mulher enterrada as glorias postumas depois duma vida de desgostos e amarguras?

Acho ridiculo esse passo na minha edade e não o quero sobrecarregar com o odioso de que fui eu que o levei a aceitar tal titulo que vem escurecer o glorioso nome conquistado tão nobremente.» (*)

Disso sim, desses apelidos celebres tinha orgulho pelo que representavam e por quem os usava. Era a bandeira do genio pelo qual se perdera. O titulo que agradara tanto ao agraciado, e causava as zombarias dalguns zoilos ainda ao começo o enchera de ventura pouco duradoura. Sempre fôra assim «espirito desequilibrado, instavel nas convicções e nos afectos, oscilando constantemente entre as crenças religiosas mais arraigadas e o scepticismo mais completo» (**) com o acrescimo de «animo exaltado e agressivo amando a polemica na fase emotiva das personalidades e das referencias propriamente individuais.» (***) Esta ultima caracteristica parecia aniquilada nele pela vaidade nascida da consagração oficial de seus meritos que o levava a aborrecer-se quando notavam a palidez da mercê ante o fulgor do seu nome ilustre: «Por aqui certos tipos, *para me honrarem*, dizem que nunca me chamarão senão Camilo Castelo Branco. Figura entre estes Grachos o teu dentista.» Ha muita inveja é o que te posso asseverar.» (****)

Na casa de Seide a companheira devia sorrir ao lêr estas palavras e tambem as chalaceadoras com que ele respondia ao conselho dum agradecimento ao rei:

«Escrever a El-Rei! Eu sei lá como isso se faz! Dize-me como se começa e como se acaba e como se sobrescrita. Que ignorantissimo visconde! O do Granjão e defunto das *Hortas* não se veriam em maiores angustias!» (*****)

Recaíra no seu estado de desalento pouco depois. Sentia-se perdido da vista e escrevia a todos os amigos a lamentar-se de seus males. Ora se agarrava a um médico ora o repelia; experimentava tudo antes de se voltar para a religião numa ultima esperança: a do milagre. Algumas vezes acreditava nos clinicos Quintela o dos depurativos, outras no Sebastião Guerra, muitas no Lopes Santiago. Variava da homeopatia para a alopatia e chegara a empregar para com os facultativos linguagem de colega haurida na leitura dos tratados de medicina o que mais o perturbava.

(*) Nunes Branco — Cartas da segunda mulher de Camilo, pags. 15 e 16.

(**) (***) Julio de Matos — na caderneta da doença de Jorge Castelo Branco, publicada pelo dr. Maximiliano de Lemos.

(****) Dias Costa — *Escritos de Camilo*, pag. 69.

(*****) Cartas a Tomaz Ribeiro, pag, 65.

Ricardo Jorge era o da amisade, o que acorria nas crises graves e o acompanhava como um intimo; o Pedrosa, de Santo Tirso, com o seu colega da localidade Rodrigues Ferreira, alternavam à sua chamada. O primeiro distraía-o; o segundo doutrinava-o e fugia-lhe ao cabo de algum tempo. Como este era o chefe progressista da região, Camilo solicitava até de José Luciano de Castro empenho para o correligionario não lhe negar a assistencia. Aquele tratava-o das perdas seminais nocturnas, das constipações de ventre e males secretos, dos herpes que o rofam. Tinha tantos nas costas que fôra preciso esburacar a espalda duma cadeira de repouso para lhe banharem as feridas sem grande incomodo para a mudança dos parches. O medico enchia-se de piedade; chamava-lhe como Ana Placido: «um desgraçado» (*). O colega quando acorria, no seu cavalo tão esperto que parava às portas dos doentes habituais do dono sem o menor puxão de redea, distraía o enfermo. Ficavam muito tempo a conversar naquele ermiterio de Seide onde três cães ladravam à chegada das visitas. O mais ardido chamava-se *Nero*. Ninguem era capaz de o arrancar dos logares escolhidos para seu repouso e arremetia à passagem de toda a gente. Habitualmente estatelava-se, sobre as patas, nos limiares. Não transpunha o portão de ferro sósinho. Nem ao Caniço e ao Tomaz da *Brasileira* — creados do escritor — ele seguia. Só passeava atraz de Camilo ou de D. Ana e mal se apanhava na rua o seu regalo era correr atraz dos bacoros e arrancar-lhes os torcidos rabos em dentadas feras de suas brancas presas de molosso. A população irritava-se; o romancista ria-se; gorgeteava os lesados a afagava o seu *Nero* tão caprichoso, sucessor do *Tigre* e do *Neptuno*. Era branco com malhas, de pesada cabeça e velho, desrespeitoso mesmo para os familiares da casa. Guardava os amos como se tivesse recebido com o nome as entranhas do Cesar, do Ahenobarbo.

Ninguem o acariciava e todos o olhavam de revez. Freitas Fortuna, que se tornara uma frequente visita do amigo, desviava-se com cautelas, mal se fiando no ressonar do arteiro.

O irmão do comerciante, clinico de nomeada, Vicente Urbino de Freitas, era um dos mais prestes a consolar o doente que tinha nele grande fé. Ao começo escutava-o, com a defereneia devida a um lente da Escola Medica, carinhoso, trazido até ao seu refugio por quem titulava de «querido irmão.»

Entre o pratico da vida, avaro e positivo e o romantíco prodigo estreitara-se este incompreensivel laço de profunda simpatia entre temperamentos tão diferentes. Ana Placido que o seguia nos afectos tambem tributava ao Fortuna grande ternura. Trazia pendente do pescoço uma medalha na qual figurava o retrato do amado martirisador de sua vida. Do outro lado Castilho, com as suas barbas alvas, representava mais um doce amigo. O patriarca da poesia honrara-a hospedando-se no seu lar. E quando Camilo o aborreceu, Ana guardou sempre fielmente, a sua lembrança. No meio de ambos, oculto, como uma sombra que se desvanecera, e só ela contemplava ainda, ocultava uma figura de rosto glabro, testa saliente, o busto consumido

(*) Maximiliano de Lemos — *Camilo e os Medicos*, pag. 76, XI ano.

pelo tempo: a efigie de mais alguem que tambem titulara de irmão: Vieira de Castro, o condenado. Agora era Urbino que os atraía a ambos por sua gentilesa e cultura; por sua sciencia e interesse familiar. Mas não curava o romancista, que já desdenhara o proprio Ricardo Jorge, tão seu devoto; despegava-se do professor, procurava outras experiencias, dispunha-se a largar para o Porto e possivelmente para Lisboa levando consigo a indispensavel e torturada mulher. E foi nesse mesmo momento em que pensava partir que o filho amado entrou nas maiores furias. Largava fogo diariamente às palhas e aos tojos; em breve o pegaria a alguma casa. Já ateara o incendio na nora do Pinheiro, no montado, perto de Landim. Tinha predileções estravagantes, anceios horriveis nos quais insultava o irmão e tentava molesta-lo.

O pai de olhos semi-cegos pela doença e pelas lagrimas, queria separa-los; a mãe chorava e suplicava e quando se acalmou, nas suas pupilas surgia o luzeiro de uma resolução decidida. Na noite seguinte voltava a acender as medas na propriedade que tomara à sua conta pelo desejo de vêr faulhar, crescerem as linguas das labaredas das quais fugia rindo.

A desditosa Ana Placido descobriu o fumo, as chamas, sobre os casais, subindo na noite; escutara os passos cautelosos do incendiario, que surrateiramente, se metera no quarto ao ouvir os sinos tocando a rebate. Ela acordou os servos e viu o filho na sua frente, ameaçador, baforando vinho, soltando imprecações e quando o romancista se achegou, tacteando, com a bengala, o soalho, ameaçou-o, insultou-o, quiz lançar-se sobre ele. Um criado possante dominou o doido que, dias antes, ainda acompanhava a mãe ao piano e lhe agradecia, beijando-a, pela sua musica serena, terna. Ao pai respeitava-o tanto que só o tratava por senhor visconde. E de repente, sem mais se importar com os instrumentos, detestando o bilhar, olvidado dos grandes sacrificios — que talvez já não entendesse — arremetia furioso, «maquinava o parricidio.» Diante do irmão enfurecia-se tambem. Este, cada vez mais estroina, começava a pensar em vender a ultima quinta. Pedia dinheiro emprestado ao velho escritor; recebia trinta e sete libras que não lhe devolveria. O seu desejo era ir ao Brasil espertar o administrador da fortuna que nem lhe respondia às cartas e o ia desfalcando. Jogava; numa noite perdera mais de dois contos na Povoa; firmara letras por conselho dum medico de Famalicão, o Moreira Pinto, cujas palavras para ele eram de valia.

A propriedade que lhe restava sobrecarregava-a uma hipoteca do Banco de Guimarães e quando o irmão, nas suas arremetidas, alanceava a gente da casa, deliberava partir, ir ao Rio, sacudir o delegado carioca, muito abonado com cartas do pai para o imperador D. Pedro.

Jorge provocava os aldeãos, bravejava e dispunha-se a assassinar, receava-se sempre que incendiasse alguma habitação; repelia a familia, largava de casa em sanhas, em iras rubras.

Escreveria mais tarde, que «fugia ao parricidio.»

Assim vivia o genio na casa do morto, no ninho que Pinheiro Alves fizera para

os seus amores e ao qual o novo habitante — trabalhando à luz de quatorse velas para espancar a treva de seus olhos — chamava: «esta sucursal de Rilhafoles.» (*)

Um momento houve em que se espalhou em Seide uma endemia de terror à conta do alucinado Jorge. Olhava-se para a casa como para um fojo e quem adregava encontrá-lo, fugia-lhe. Temiam-no como a um lobishomem. Nos dias em que bebia desfigurava-se; redobrava-lhe a furia e a força epileptica e nem o Tomaz da *Brasileira* o podia conter; soltava rugidos barbaros. D. Ana colocou-se uma vez na sua frente para o segurar, salvando das suas mãos alguem que ele perseguia, e, então, — Camilo bem o profetizara — arremeçara-se contra ela num impeto, de olhos faíscantes, a boca espumejando, ameaçador, ousado, rubro na sua formidavel raiva. A pobre amorosa avançava imaginando domá-lo, e sentia-lhe as mãos nervosas no seu rosto por onde corriam lagrimas. O filho do seu amor esbofeteara-a, ali, entre as paredes da vivenda onde o marido traído habitara como os seus ancestros. Fugia espavorida a chorar, foi meter-se no seu quarto emquanto o doido soltava imprecações no auge do delirio.

O romancista fôra ameaçado mais duma vez pelos pontapés do seu Jorge Camilo, do amado, do nascido no grande periodo da sua paixão como um flagelo e um castigo.

«Chegou a bater na mãe» (**) — participava-o com um horror profundo. Acrescentava: «Considero-o morto, perdido para a familia» e tornava: «Não ha nada a esperar. Dali à passagem para a demencia é a derivação logica da doença. Imagina, pois, a tristeza desta casa e a deploravel velhice dos pais daquele infeliz, menos infeliz que nós».

Os amigos deploravam-no; acorriam ao seu chamamento, encontravam-no desfigurado, emagrecido; o seu rosto tomara a amarelidão dum marfim velho, no qual os olhos, quasi sem luz, tinham enganoso brilho e os crivos das bexigas lembravam picadas de azebre numa sumida moeda gasta, roída pelo tempo. Desbotava-se, consumia-se, parecia guardar traços de lagrimas na cara sofredora, empelhancada.

Nuno encontrara uma senhora dedicada para o acompanhar nos vendavais da vida que ele provocava e D. Ana Rosa Correia, da casa da Passelada, à beira de Seide, ia tornar-se a grande amiga de Ana Placido, a respeitosa admiradora de Camilo e até a resignada enfermeira do louco, que já não havia forma de se conter.

Deliberara-se, então, seguir o conselho de Ricardo Jorge; interná-lo no hospital Conde de Ferreira. O ilustre clinico encarregou-se de tudo; foi buscá-lo e entregou-o ao cuidado dos especialistas. Havia de tratá-lo, com uma secura de clinico sceptico que só vê *casos* e não infortunios, o filho de Marcelino de Matos, do grande amigo do escritor, do seu advogado no processo celebre, morto em enorme pobreza. O seu primogenito devera a um tio a educação recebida e a si proprio a altura a que ascendera na sciencia. Sacudido, desdenhoso ante o valor e a celebridade do roman-

(*) Cartas de Camilo a Costa Santos, pag. 93.

(**) *Cartas de Camilo a Tomaz Ribeiro*, pag. 91.

cista, que atacava os seus amigos, os positivistas Teofilo e Alexandre da Conceição, desviava-se da beleza das suas obras e chamava-lhes: a sua propria «historia escrita em desenas de livros, eminentemente pessoais, todos eles apaixonados». Só via o enfermo que lhe entregavam como um limo humano, um vertebrado na escala decadente do genio do progenitor para a alienação. E o desgraçado, que tanto amara o pai daquele medico severo e cru, lamentava o seu Jorge, sentindo-o ainda assim mais feliz do que ele era:

Meu triste filho, passas vagabundo
Por sobre um grande mar calmo e profundo
Sem bussola, sem norte, sem farol!

Nem goso nem paixão te altera a vida!
Eu choro sem rasão a luz perdida
Bem mais feliz és tu que vês o sol! (*)

E ao entrar em casa, depois duma visita ao manicomio, puxava do seu velho revolver e gritava para Ana Placido: «Vou cegar e se cegar mato-me... mato-me...» Os seus berros atroavam a casa onde o consagrado — o visconde — se estorcia em clamores histericos, roçantes da loucura de que sofria o descendente — o filho do seu amor.

Em volta, na aldeia tranquila, aqueles brados soavam e rostos da familia de Pinheiro Alves assomavam às portas como se fossem os de alegres e consolados espiões.

Sentia-se morrer — cruelmente o alienista o dissera tambem —: «pretendendo-se em vespera da morte ha mais de trinta anos». Em certo periodo lamentava-se não ter casado com a sua companheira que, ao ouvi-lo falar de suicidio, resignadamente se dispuzera a acompanhá-lo na morte se ele não tivesse mais esperanças de recuperar a vista. Devia estar farta de sofrimentos a romantica burguesita que nem podia usar o nome do sacrificador adorado outrora, agora objecto da sua imensa piedade.

Era ele proprio quem mais falava no consorcio, sobretudo desde que recebera o titulo, mas não se decidia por uma singularidade de seu feitio, por alguma estranha superstição.

«Não cheguei a casar com ela. Parecia-me que não devia em artigo de morte conceder a esta senhora o que os celibatarios concedem às creadas com quem casam quando vão morrer.

Foi minha amante querida 27 anos. Isso será até ao fim.» (**)

(*) Camilo — *Boemia do Espirito.*

(**) Camilo — *Cartas a Tomaz Ribeiro*, pag. 66.

E lembrava-se das lagrimas dela, «lagrimas alegres no dia em que por amor de mim perdia familia, fortuna e consideração.» (*)

Os amigos, porem, apoquentavam-no; mostravam-lhe como lhe devia a reparação diante do mundo e se numas vezes consentia, noutras destrambelhava. Dizia a um deles, Ferreira Moutinho: «Não devo protrair por mais tempo o casamento com a mãe de meus filhos. Quero deixa-la não mais feliz, mas mais respeitada. Tem pois V. Ex.ª de falar com o sr. dr. Alves Mendes e designar-me o dia em que farão o sacrificio de vir aqui. Devem dirigir-se para casa de meu filho Nuno. Ana Placido ignora esta resolução mas tenho como evidente que a não contraria.» Agora usava para com ela, referindo-se-lhe nas cartas aos amigos, um certo cerimonial: «a Senhora D. Ana.» Escrevia assim esquecido dos destemperos que o torturavam, agora adorando-a, logo ferindo-a, «com aquelas palavras que ele sabe,» dizia a desditosa amparadora do genio perturbado.

Acabara por tomar uma resolução, a da obediencia ao que ele desejasse em relação ao consorcio. Quasi no fim do ano de 1887, parecia decidido: «iremos ao Porto a fim de se realisar emfim o preceito canonico se o nosso Alves Mendes estiver aí.» (**)

Insistiam em demasia, falavam-lhe da egreja e Camilo sentir-se-ia ridiculo aos olhos do Porto ao levar aquela mulher de paixão, já envelhecida, até ao altar sendo a seu lado a caricatura do romantismo. Tinham desafiado; parecia-lhes aquilo uma submissão.

«Ainda não se fez a tolice matrimonial» (***) — acrescentava ironico — a noticiar a sua viagem a Lisboa com o filho e Ana Placido. Iriam para o Mata, ao Calhariz, e acrescentava: «o nosso pudor de velhos impediu-nos de ir ante as aras. Queriamos um casamento sem testemunhas. Parece que os canones se revoltam.»

Escolhera o Mata talvez por conhecer o hospedeiro «pois a bulha dos hoteis não me incomoda porque estou surdo e as belezas arquitetonicas do edificio não me fazem falta porque estou cego», (****) declarava no seu doloroso sarcasmo.

Pouco depois, Camilo encontrou abrigo em Carnaxide à beira da magnifica vivenda que Tomaz Ribeiro ali possuia.

Era uma quinta a cujos portões de ferro não chegava jamais um pobre que não levasse a sua esmola. Em volta da casa a vinha crescia num terreno largo visinho ao jardim. O poeta encontrara ali socego e um santuario na lapa da Senhora da Rocha que ele cantaria cheio de fé.

Imaginara arranjar para o romancista um cantinho de paz bem apetecivel mas ele albergava em si a eterna dôr, o espicaçamento da lucta. Cedeu-lhe a sua casa um conhecido (*****) industrial de cortumes, estabelecido no Cruzeiro da Ajuda e que se chamava Antonio Marceano Alcantara. Acorreram os medicos que o grande

(*) (**) Antonio Cabral — *Camilo e Eça*, pags. 148-150.

(***) (****) Cartas de Camilo a Tomaz Ribeiro pags. 89 e 90.

(*****) Branca de Gonta Golaço — Prefacio das Cartas de Camilo a Tomaz Ribeiro.

amigo do Mestre convocava e que eram com o dr. José Joaquim de Almeida, (*) um moço ha pouco saído das escolas, o dr. Antonio Bossa, «dedicando-se com afinco e exito a experiencias de hipnotismo.» (**)

Mal se soube da chegada do doente à aldeola arrabaldina a romaria dos intelectuais principiou com tanto entusiasmo como a do povo à Senhora Aparecida em S. Romão de Carnaxide. Surgiram os escritores e os politicos e com eles as celebridades da medicina. Iam contemplar aquela ruina fisica aureolada pela gloria.

Oliveira Martins, então em toda a combatividade do *Portugal Contemporaneo*, visitara-o e bem assim Bulhão Pato, já conhecedor do sitio por seus passeios largos com Herculano; Barjona achegara-se a oferecer-lhe seus serviços e sua casa de Bemfica para quando quizesse arvoredos que ali faltavam. Tambem Antero e Antonio Candido entraram na moradia, ilustrada pelo seu habitante, com Sousa Martins, Tomaz de Carvalho, Manuel Bento de Sousa, May Figueira, a mestrança da medicina, as celebridades.

Em volta reinava uma grande serenidade; ouvia-se correr, em plangencias, as aguas do Jamor de desguarnecidas margens, avistavam-se os cómoros de Linda-a-Velha, as duas quintasinhas de Linda-a-Pastora e longes de penhascos. Para as bandas do mar alteavam-se lombas que ocultavam Quejas, Laveiras, Boa-Viagem, Caxias e era tudo quanto se oferecia aqueles nervos mais irritados na solidão. Queria lêr e não via, aborrecia-se com os passeios, quando não vinham visitas de longe nas quais encontrava sempre encanto, ainda se entretinha com Tomaz Ribeiro e a familia, a esposa, as pequenitas. Tambem o visconde de Moreira de Rey, ali visinho e muito pitoresco procurava distrai-lo. Por fim já nem se divertia com as graças do chistoso Ferreira de Melo viscondisado e habitante do rincão saloio.

Acometiam-no acessos, encontrava em pretextos futeis bases de coleras fecundas das quais Ana Placido sofria o embate, resignadamente, de olhos no ceu, muito envergonhada quando o ouviam. Uma manhã tomou uma resolução estranha; deixou a vivenda, fugiu, não se despediu de ninguem. Apenas enviara a Tomaz Ribeiro um bilhete desvairado nas suas curtas linhas:

«Estou a cegar. Perdido!»

«Vou fugir daqui para me não matar debaixo dos teus olhos e do teu amor.» (***)

Abalou para Seide, a acalmar-se, a submeter-se às caricias da companheira da qual finalmente se decidira a fazer sua esposa. Durante uns dias não parecia o mesmo excitado nervoso que aterrorisava as pequenitas filhas do poeta ilustre, na placidez de S. Romão de Carnaxide, aquele de quem nos seus terrores infantis falavam como dum ogre: o Camilo.

(*) Medico muito celebrado na região de Cascaes e fundador dum sanatorio para creanças. Era irmão do eximio toureiro Manuel Casimiro.

(**) Branca de Gonta Colaço — Prefacio das *Cartas de Camilo a Tomaz Ribeiro*. O dr. Antonio Bossa obteve renome na clinica e recebeu mais tarde a carta de conselho.

(***) Branca de Gonta Colaço — Prefacio das *Cartas de Camilo a Tomaz Ribeiro*.

Para os salvar das curiosidades, pensaram em consorciá-los, de noite, na Sé. Teria o ar dum final de novela medieva aquele enlace de dois velhos. Na imaginação do romancista passara logo o ruido produzido pelos assistentes na claustra soturna, a marcha pelas naves, ressoante sob as abobadas goticas, à luz tristonha dos brandões como num funeral. E o altar mór, com os santos mal alumiados, nos seus marmores coloridos, guardião de reliquias, os foles dos orgãos, as tribunas douradas, tudo aquilo a confundir-se na meia treva, formaria um scenario esplendido para o casamento duma castelã raptada mas não para o de amantes de ha mais de vinte anos armados com suas galochas e seus guarda-chuvas por uma noite fria de Novembro no Porto glacial e nevoento.

Julgavam repenicar-lhe o bordão romantico e ele respondera quasi irritado:

«Agora duas palavras a respeito do fétido assunto casamento. Ana Placido e eu recusamos celebrar o acto na igreja. A idéa da Sé nocturnamente parece-me sinistra como um responso de defuntos em trintario cerrado. Nada, meu amigo. Se o casamento se pudesse fazer aqui, no meu escritorio, ou num quarto de hotel, como v. ex.as diziam, isso parecia-me uma mera formalidade em familia sem espectaculo, sem sacristães, nem estapafurdismos arqueologicos» (*).

O que já nem convinha às personagens de suas novelas, todas ao gosto da epoca, muito terra a terra, numa parodia aos escritores modernos ou dum quente naturalismo, menos servia à sua vida tão tragica dentro do mais banal ambiente duma aldeola numa vivenda de «brasileiro» rico. O Nuno chegara do Brasil, com o seu creado Caniço, mais assente, revendo-se na filhita Flora (**), aguardando mais um descendente, falando em titulos, contentando-se com o de barão. O pai espécara-se a olha-lo preferindo o clamor do louco.

Esse descera para Famalicão e instalara-se na hospedaria da Carolina. Ali perto ficava o quarto onde Pinheiro Alves lhe amaldiçoara a mãe na hora da morte.

Acabaram por nomeá-lo barão de S. Miguel de Seide e o glorioso pai revoltara-se. Guindaram-no a visconde e o critico de tantos titulares resignara-se a ouvir-lhe chamar como a si proprio, Nuno era tambem «o senhor visconde».

O mais velho soturnava-se, vivia recolhido, desconfiado. Tinha muita raiva ao contacto da humanidade. Isolava-se; mergulhava em sonhos e em lubricas fantasias de solitario vicioso.

Foi só em Março que se transportaram para o Porto os nubentes.

Instalaram-se na rua de Santa Catarina, 458-2.º e ali aguardaram as testemunhas de sua tardía união. Camilo ainda assim, escabujava; parecia desvairado por quebrar por um acto embora sem pompa, a sua situação de tantos anos. Dizia as tais frases «que ele sabia» contundentes, amargas e a pobre companheira perturbava-se, queria ir-se embora, desistir de ser sua esposa e chegara a ameaça-lo de voltar para Seide. O filho instalara-se com a sua companheira na residencia e escuta-

(*) Antonio Cabral — *Camilo e Eça*, pag. 151.

(**) Nascida em 11 de Janeiro de 1886.

vam, sem surpreza, aquela excitação rapida, só aplacada quando chegaram Joaquim Ferreira Moutinho e o conego Alves Mendes, que tinham andado muito empenhados na recompensa a Ana Placido. Os outros padrinhos eram Ricardo Jorge, por expresso desejo do romancista e João Freitas Fortuna, que viera da sua propriedade da Ramada Alta com Urbino e uma grande alegria na face a felicitar os «seus queridos irmãos.» O boemio actor Dias tambem achara o seu cantinho na casa, a acaudatar o Nuno que não o dispensara. Celebrou o acto o abade de Santo Ildefonso dr. Domingos de Sousa Moreira Freire e quando se desparamentou, Camilo, docemente agradeceu-lhe. Ternamente, chamou a Ana a «sua esposinha.»

Estavam casados; ela era viscondessa. (*) O escritor pagava a grande divida, naquele dia nove de Março, a uma semana de distancia dos seus 63 anos. Convidara para um jantar nesta data de 16, as pessoas presentes ao seu consorcio; fizeram-se preparos largos e quando se esperavam comensais, chegara um novo neto ao romancista, nascido de D. Ana Correia, no dia dos anos do avô. Mandou logo que lhe pusessem o nome de Camilo e desavisou os amigos. Não se podia fazer barulho; não se realisaria o banquete porque viera ao mundo um pequenito que não devia ser perturbado com a mãe, embora pelo ruido alegre de festejos de noivado dos avós.

Deliberou em definitivo a tratar-se, fugir da treva que avançava e recomeçou a sua peregrinação pelos consultorios medicos tendo soltado primeiro a sua grande suplica a Deus ao pedir ao padre Sebastião de Vasconcelos (**) — que fizera florescer a sua caridade para com as crianças — as suas orações que no ceu se deviam ouvir. Redobrava em coleras contra os clinicos, metido na casa de Seide ao findar do verão (***). Pensava em escrever um grande livro sobre Inês de Castro e blasfemava por não vêr o papel; desesperava-se. Depois não era um semiceguinho vulgar capaz de se mover pelo tacto; desiquilibrava-se, carecia dum braço para se amparar. Remexia o revolver na algibeira, puia-lhe mais a coronha no seu constante contacto.

— Se fico cego, mato-me... mato-me...! No entanto coava-se-lhe ainda para a alma uma esperança. Mudava logo, alanceado: «Hoje, que apenas tenho olhos para vêr a condensação das trevas, não tenho a facil coragem de me matar. As lagrimas duma mulher trinta anos adorada e as mãos validosas de dois amigos têm sido para mim a ancora lançada ao pego desta incomportavel tormenta. Quando essas mãos bemfazejas esmorecerem e essas lagrimas se gelarem na face morta de Ana Placido, então terei a coragem do suicidio — esse heroismo banal que tem levantado muitos miseraveis à estatura de Catão.» (****)

Freitas Fortuna trazia-lhe o irmão Urbino, mais para o consolar de que para o

(*) Doc. J.

(**) Foi bispo de Beja. Exilou-se após a proclamação da republica e morreu em Roma este caridoso fundador das oficinas de S. José, do Porto.

(***) A maior troça aos medicos escreveu-a em 1885 nos *Vulcões de Lama*.

(****) Ricardo Jorge — Artigo do *Primeiro de Janeiro* em 2 de Junho de 1891.

medicar, e Camilo mostrava-se-lhe agradecido; a esposa dizia sentir pelo professor a ternura duma mãe. Foram eles que combinaram, comovidamente, substituir as cargas do revolver por outras que não explodissem. Ele tacteá-las-ia, como de costume, sopezá-las-ia, mas tocado o fulminante na percussão não passariam de balas de arremedo como nas armas das crianças.

Encarregaram o Nuno dessa tarefa tratada num armeiro do Porto. Nem a mais leve desconfiança àcerca da falsificação roçara o espirito do escritor cujo desejo de morrer era imenso. Só o desamparo da familia o detinha, pois até já dispuzera do seu cadaver. Solicitara de Freitas Fortuna albergue para ele no jazigo de sua familia no cemiterio da Lapa e em termos iniludiveis: «Desejo ser ali sepultado e que nenhuma força ou consideração o demova de me considerar as cinzas perpetuamente na sua capela.» (*)

Receoso, ainda, repetia: «É natural que ninguem lhe dispute a posse dessas cinzas; receio, porém, que seja ainda uma fatalidade póstuma que se compraza em impôr a violencia aos meus restos.»

A prenda de casamento que pedia ao seu padrinho era aquele asilo para os seus ossos. Escreveu e aguardou com mais esperançosa serenidade a visita duma sumidade da ophtalmologia; a de Gama Pinto.

Era um indio arguto, talentoso, que contando ao tempo trinta e cinco anos, ganhara renome, sendo premiado em todas as cadeiras da Escola Medica, discipulo de Wecker em Paris, de Arlt e Jalger em Viena e tendo frequentado Kuchne e Arnold em Heidelberg, chegara a ser nomeado assistente nesta Universidade alemã onde dirigiu clinica, fez cursos publicos e consolidara a maior reputação na especialidade até então obtida por um medico portuguez.

Foi esse indio sabio a Seide a pedido de Thomaz Ribeiro e do rei D. Luiz. Durante quatro horas observou e conversou com o mestre, tratando-o sempre por visconde. Ele notara-lhe «uma cara inteligentissima, revelando um excelente coração». Da sua meia treva assim o descortinava, remoendo a idéa de que o Placido Costa, tão cruel para com ele, o cegara pela aplicação da electricidade. Ouviu Gama Pinto como um reu diante do seu juiz a lembrar-se talvez do que escrevera, havia pouco, a Ouguela. «Se isto progredir resolverei depressa a crise». (**)

Compreendeu que ele lhe quizera «dar a paciencia e a resignação para a cegueira.» (***) Espertamente o adivinhara : «Condoido da perturbação em que me viu, porque a sua sentença para mim não tinha apelação nem agravo, não me propoz, mas aceitou o alvitre de eu ir para Lisboa fazer um tratamento.»

Quando o viu partir exclamou: «estão pois perdidas as esperanças que eu tinha no grande medico cuja sciencia não pode vencer impossiveis. Considero-me perdido e ele tambem, no fundo da sua consciencia e experiencia, me deve assim considerar.» (****)

(*) Carta a Freitas Fortuna em Abril de 1888.

(**) (***) (****) *Cartas de Camillo a Tomaz Ribeiro*, pag. 92 e 93.

Ia para a Povoa preparar-se para poder viajar até Lisboa, com certa pena de Seide, do ambito dos seus duendes. Agradecia a Thomaz Ribeiro, pela mão de Ana Placido, e confiava-lhe o seu sentidissimo desalento:

«Fez-se na minha alma uma noite escura que nunca mais terá aurora. E é neste estado singularmente infeliz que dito esta carta, pedindo-te que faças saber a S. M. a minha gratidão para a qual não tenho expressões senão as que eu poderia manifestar dobrando os joelhos diante de El-Rei. (*)

Não havia ainda muitos anos que um homem começara por chorar no pateo de Seide junto ao monumentosinho e acabara a rir na sala da casa de Nuno a que Silva Pinto não pudera pagar ao mergulhar na ruina. Uma tarde um garotete penetrara pelo portão, atravessara a ruasita de buxos, fôra bater à vidraça do salão e dissera a Ana Placido ter entrado no seu pateo um senhor que ficara a soluçar ao pé da «mimória.» Camilo de mãos apoiadas na bengala, erguera o rosto palido e ela partira a vêr quem seria o lacrimoso visitante de sua moradia. Voltava e exclamava: «Cá está o homem!» e lançava Tomaz Ribeiro nos braços do romancista.

Estreitaram-se; derramaram mais lagrimas sobre as recordações da mocidade, o tempo em que ali tinham estado tão felizes, com Castilho e foram sentar-se, enternecidamente, no banco de ferro, nas trazeiras da residencia.

Daí a pouco algazarreava-se; um porco montez, que Nuno comprara fugira por entre o milharal da propriedade e como todos corressem para o apanhar o conselheiro da corôa fôra o mais ardido na perseguição ao som das gargalhadas do amigo que ainda os via como sombras galopando. Almas de poetas que ora coam prantos ora florescem risos! (**)

Depois nunca mais lhe falara; recebera dele grandes obsequios e o maior fôra o da visita desse medico celebre que devia trazer-lhe uma esperança. O doente apreendera antes um vasto desengano.

Resignara-se a partir para Lisboa incitado pela esposa, pela senhora viscondessa, como lhe chamavam sentindo que gostava do titulo talvez mais por vir do amado que a honrara casando com ela do que pela resonancia nobiliarquica.

O enfermo atormentado não largava a sua idéa pertinaz: «As minhas contas estão lançadas. Assevero-lhe que não cegarei completamente; e o mais é que o proprio medico aprovou a minha resolução do suicidio dada a catastrofe.» (***)

Imaginara ter ouvido aquela decisão a Gama Pinto; enchia-se de razões em seu imaginar porque o clinico não podia ter aconselhado a morte violenta, o aniquilamento.

Antes de largar para a capital, dizia ao dilecto Freitas Fortuna: «A perda da vista é aterradora. Afinal o Placido principiou e acabou a obra de destruição. Apelo para uma conferencia em Lisboa e para lá parto com minha mulher no rapido de terça feira»

(*) *Cartas de Camilo a Tomaz Ribeiro*, pag. 93.

(**) A scena foi narrada ao auctor pela senhora D. Ana Correia, de Seide.

(***) Maximiliano de Lemos. — *Camilo e os medicos.*

Dizia e desdizia; ia e não ia; ora anunciava a Tomaz Ribeiro: «não me esperes nem queiras tornar a ver-me», ora declarava: «eu e minha mulher chegamos a Lisboa quinta feira pela meia noite.»

Instalou-se no Francfort; apareciam amigos e admiradores «uns sugeitos que o porteiro da estalagem me metia no quarto» negando-o ao poeta celebre, como por um capricho inexplicavel. Tres vezes o procurara e o romancista, para o consolar e lhe mostrar a sua gratidão, oferecera-lhe a cruzinha que trouxera suspensa do pescoço desde seu tempo do seminario como se entregasse o dom precioso da fé a quem era um crente e com ela a sua desilusão do ceu. «O que eu pediria a Deus, se ele existisse, — traçara estas linhas ha pouco — era que me deixasse acabar sem a antecipação das trevas eternas desta vida.» Chorava pelo sol aquele pagão saudoso da luz que lhe dava animo e cuja falta se tornara como o ádito do seu sepulcro. Mandara a sua velha cruz ao unico grande amigo que lhe restava do tempo dos alegres combates. Em letras não amava assim mais ninguem. Dava-lhe por isso o bocadinho de ferro que sentira o constante palpitar de seu voluvel coração. O poeta compreendia-o; sabia chorar com ele mais suaves lagrimas que as do comerciante Freitas Fortuna acerca do qual dizia sempre á familia:

—«Olhem que se eu tiver alguma cousa de repente, chamem o Freitas... Ele tratará de vocês... e ficava socegado como se tomasse um calmante.

Deixara um hotel por outro. Procurara aposentos no *Universal* onde Pinheiro Alves se hospedara, havia quasi trinta anos, quando querelara da mulher. Acorreram grandes medicos a trata-lo. Lourenço da Fonseca, Sousa Martins — o mestre — tudo sem resultado. Queimavam-lhe o dorso com pontas de fogo e ele desesperava-se revoltava-se, tornava muito agra a vida de Ana Placido.

Um outro amigo, o conselheiro Joaquim Peito de Carvalho, director das alfandegas, levara-o para sua casa na rua de Santo Antonio, à Praça das Flôres, onde a esposa, a formosissima senhora cheia de distinção que ele arrancara das baixas camadas e educara, se tornara a gentilissima hospedeira.

Chamava-se tambem D. Ana. A viscondessa de Correia Botelho irritava-se com as visitas numerosas que acorriam a vêr Camilo e sofria muito com a mudança dos seus habitos de vida.

Não se prolongou ali a residencia do romancista; passou para o *Hotel Durand* no largo do Quintela, porem carecia de socego e o quarto enchia-se de gente. Ele, com um casquete de pala enorme para lhe resguardar os olhos da luz, falava, contava anedotas, chegava a rir de si proprio. A fatalidade atirara-o para a mesma rua onde morara Vieira de Castro. O seu palacete ainda lá estava com umas portas mais ou menos proximas daquelas por onde saía sempre a relembra-lo. Gritava a meude; Ana Placido envergonhava-se dos hospedes. Emquanto estava entre os literatos era encantador. Tomaz Ribeiro ia vê-lo todos os dias e muitas vezes levava comsigo a esposa e os filhos; Sousa Martins, aparecia mesmo depois de deixar de o tratar e Antonio Candido, o grande orador, emudecia para o ouvir discretear; Julio Cesar Machado, transtornado numa melancolia enorme, parecia abstrato. Quando o encara-

vam, julgavam-o tão velho como eles. Andava já a curtir os desgostos que o filho lhe dava num estroinar a que se juntariam perversões. Por vezes, mesmo diante das visitas, o romancista excitava-se; não havia maneira de o conter, de lhe calar a loquela desesperada. Numa das vezes chegara a apontar o revolver ao ouvido (*) queixando-se das suas amarguras. Agarraram-no; acalmaram-no e ainda ficou sem saber da troca das balas da arma de sua confiança e lugubres propositos.

Não convinha um hotel ao desesperado. Alugara uma casa na rua Capelo, 26-3.º, quasi defronte do Governo Civil. Meteu-se num quarto aconchegado. Sentia muito frio; embrulhava-se no capote, punha mantas nos joelhos, enterrava o casquete e lembrava um mendigo pedindo á luz um pouco do seu calor e da sua alegria como a unica esmola apetecida. Passou ali o dia dos seus 64 anos. João de Deus decidira festeja-lo, iniciara uma mensagem assinada pelos jornalistas e homens de letras, artistas, admiradores do genio infeliz. Desde o lirico ilustre ao musico Alfredo Keil, do critico Gualdino Gomes ao dramaturgo Marcelino Mesquita, desde Columbano, mestre da pintura, a Emidio Navarro, mestre do jornalismo, todos acorreram a honra-lo. A mocidade da Academia de Belas Artes ofereceu-lhe uma corôa de louros com fitas côr de rosa palida e quando os estudantes o aclamaram da rua, ele apareceu à janela, de cabelos erriçados, livido, estendendo, num agradecimento, as suas lindas e diafanas mãos.

Depois, mal os ruidos cessaram, amantou-se nos seus casacos, recostou-se na poltrona, encasquetou-se e para ali ficou entre os intimos (**), os seus mais achegados, falando, encantando-os. De repente voltara-se para os festões da homenagem e dissera a Ana Placido: «Mande levar isso lá para a dispensa... Credo... Isto é o que se chama dar a um sujeito tempero por atacado!»

Uma gargalhada soou; ficou muito serio a olhar os louros que ela conduzia, obediente e grave, como se repelisse a gloria e antes amasse o tranquilo anonimato dum burguez.

Um dia aborreceu aquele andar tão pertinho do Chiado. As baforadas do verão fizeram-lhe apetecer o campo, tanto mais que Sousa Martins parecia desiludido, visitava-o menos, como a confessar a sua impotencia para o salvar.

A viscondessa de Correia Botelho confidenciava o golpe a Freitas Fortuna compreendendo que ia chegando ao fim do tormentoso drama da vida de ambos.

Recomeçara a fé em outros medicos e em outros processos de cura.

O oftalmologista Lourenço da Fonseca, tão afamado, fôra substituido pelo homeopata ilustre Rebelo da Silva, que lhe aconselhara a saída da cidade. Lembrara-se da oferta de Barjona e instalara-se logo na Alfarrobeira, estrada de Bemfica, no predio 53. Enchera-se de alentos na aparencia, porém as grandes crises vinham a meude e insistia com os seus:

(*) A ilustre poetisa Branca de Gonta Colaço, no Prefacio das Cartas de Camilo a Tomaz Ribeiro narra estes incidentes e outros semelhantes.

(**) D. Branca de Gonta Colaço — Prefacio das *Cartas de Camilo a Tomaz Ribeiro.*

—«Olhem que se me suceder alguma cousa telegrafem logo ao Freitas... Ele é que ha-de tratar de vocês...»

Muito às escondidas, escrevera-lhe. A idéa do suicidio dominava-o tanto que repizava a sua oferta macabra ao grande amigo.

Entregava-se completamente como devia «ao querido irmão»: «Começo a experimentar uma especie de afecto póstumo ao meu cadaver». Reevocava os males de seu viver e reemanifestava o sentido desejo, a sua vontade comunicada anteriormente: «aspirava fervorosamente a ser sepultado no seu jazigo da Lapa. É bem certo que, para alem da campa, ha o quer que seja que ainda nos prende às coisas mortais». Falava-lhe dos seus progenitores que ali repousavam, da sua existencia de honra e labuta e acentuava: «volvido um longo praso as cinzas do meu querido Freitas irão aos braços, já cinzas tambem, de seus pais estremecidos» (*).

Recordava-lhe as conversas antigas e tornava: «Não sei se esta quimera que vagueia na região tenebrosa e na cripta dos mortos amados e chorados foi a despertadora vontade que me domina ha ano e meio de ser enterrado no seu jazigo.

«O meu querido Freitas aceitou com ternura a oferta do meu cadaver e dessa arte, permitindo que eu fizesse parte da sua familia extinta, quiz continuar, além da vida, a tarefa sacratissima da sua dedicação incomparavel. Bem haja e adeus.»

Depois disto entregou-se nas mãos do famoso clinico e ao saber que os amigos do Porto lhe desdenhavam a sciencia quasi se zangava com eles: «Sei que o meu amigo—ditava à esposa—que seu irmão e que o seu medico zombam dos vaticinios de Rebelo da Silva; mas acredite o Freitas que este homem pode ser um fanatico relativamente à minha doença mas tem feito curas prodigiosas e nenhum interesse tem em andar quatro leguas por dia para me vêr, sacrificando os seus interesses e o seu repouso.» (**)

Actuaram-lhe no animo aquelas desconfianças e começara a descrer tambem, pelos calores de Agosto, que o nevrosavam intensamente. Queria fugir de Lisboa, mas o medico detinha-o: «ha-de dar-lhe vista e, neste caso, não o deixa partir sem melhoras» (***).

Acedera a ficar e o sobrinho dr. Antonio de Azevedo arranjara-lhe uma especie de palacete na quinta do Retrozeiro que a Camara Municipal adquirira para continuação da Avenida da Liberdade.

Os machados iam derrubando os arvoredos da tapada do Vahia no alto de S. Sebastião e para as bandas do antigo Passeio Publico cavavam-se lamaçais das obras. Ao fundo o Tejo emoldurava-se no V formado pelo promontorio do Castelo e pelo morro de S. Pedro de Alcantara. Rumorejava ao longe a Baixa; por toda aquela extensão amontoavam-se casebres e hortejos com seus alarmes de galos e ladridos de cães nas noites. Á esquerda um pequeno pombal dava uma nota garrida à propriedade

(*) Carta a Freitas Fortuna, 15 de Junho de 1889.

(**) Maximiliano de Lemos—*Camilo e os Medicos*.

(***) Idem, idem.

cujas trazeiras se voltavam para os cómoros de Campolide onde se instalara a Penitenciaria de que o sobrinho do romancista era sub-director.

Os comboios galgavam o tunel recentemente inaugurado e os seus silvos trazidos com ventos favoraveis, cortavam o silencio das longas tardes como gemidos demorados. Para o lado oposto, ladeiravam-se ruelas povoadas de casaria, ensocalcavam-se até ao Castelo dominante com a egreja da Graça, cuja penha se via do topo da quinta num borrão pesado. De quando em quando as cornetas clangoravam nos quarteis visinhos; depois uma grande paz emantava o sitio.

Camilo vivia nos aposentos superiores; aninhava-se num canto preferido e nesse desolado outono, sentado na sua cadeira, segurava horas a fio, a mão da esposa que se cançava a lêr-lhe velhas cronicas. Só se alegrava quando alguma restia de sol alumiava a sala. Mal deixava ausentar-se a Aninhas agora querida com uma «adoração de enfermo cujas coleras terriveis só ela sabia aplacar. Sofria muito: «cada vez mais desesperado — participava ela ao querido irmão; «vai perdendo a confiança no medico, grita todo o dia e quando Deus quer ninguem descança de noite.» (*)

Naquele fim da estação estavam os seus amigos longe da cidade; raramente apareciam visitas a não ser o dr. Antonio de Azevedo. Tomaz Ribeiro instalara-se na sua propriedade da Feitoria para mais a meude poder ir a Cascais saber noticias do rei D. Luiz cuja doença terrivel avançava. O grande escritor criticara as suas traduções de Shakespeare com esmero e ao sentir apagar-se-lhe a luz dos olhos solicitara, por intermedio do poeta, um amparo que da realeza lhe poderia vir. Desejava um subsidio ao sentir-se inutilisado: «se a pensão é vergonhosa não a peças nem a lembres meu amigo. Logo que de todo cegue, suicido-me. Lembrava-me de que por minha morte a pensão seria continuada à minha familia.»

«Ana Placido viverá pouco; mas ficaria o meu infeliz Jorge. Quanto ao Nuno, esse é relativamente abastado. Com algum juizo tem de sobra com que viva honesta e decentemente. Imaginava que não seria aviltante o amparo que me desse o meu país. A desgraça dá uns prismas que os felizes repulsam. Tambem eu, se ha dez anos me vaticinassem este conflito da doença incuravel com a pobreza, eu atiraria comigo a um abismo para me salvar do oprobrio. A doença quebrou-me os brios; aniquilou-me. Não me reconheço.»

Na realidade não parecia o mesmo; o genio decrepito esmolava, finava-se e como se tivesse dado todo o seu sangue à literatura e aos editores, era um pobresito suplice e fraco: «no entanto pede a El-Rei que me proteja. Se S. M. manifestar um afecto compadecido por um homem que se gastou nas lides que El-Rei conhece sem lhes conhecer o travo infernal, eu creio que haverá para mim umas migalhas que sobejam na mesa dos que souberam orientar-se.»

Já o *Primeiro de Janeiro* o mostrava como «atleta caído, fulminado pela doença, mais prostrado pela fadiga do que pelos anos». Solicitara-se a seu favor «uma comis-

(*) A Maximiliano de Lemos — *Camilo e os medicos.*

(**) Cartas de Camilo a Tomaz Ribeiro.

são literaria»; a imprensa acaudilhara, como num regougo vago. Acabara-se por lhe conceder a pensão pedida ao soberano.

José Luciano de Castro estava no poder e tinha como ministro da fazenda Mariano de Carvalho e das obras publicas Emidio Navarro, dois jornalistas de pulso que admiravam o Mestre. Na Camara dos Deputados votara-se-lhe o apanagio, isento de quaisquer encargos. Receberia um conto de reis por ano «emquanto vivo fôr», dizia o decreto. Implorara de novo e estendera-se a seu filho a mercê tambem isenta de impostos. Homens ilustres de todos os partidos, João Arroio, Lobo de Avila, Pinheiro Chagas, Antonio de Serpa, Tomaz Ribeiro, Hintze, acolheram com jubilo a proposta nas duas camaras e, então, sentiu-se ao abrigo da mendiguez. Não iria, ceguinho, como Milton, solicitar envergonhado as oblatas do vulgacho. A nação amparava-o e ele sentia em tudo aquilo a mão real, que no meado desse Outubro esfriava. Disseram-lho as salvas retumbantes no silencio da noite frigida.

Não passara melhor no mez seguinte. Inflamara-se-lhe a bôca; só falava em ir para o Porto. Caíram-lhe os dentes pela ação das drogas ingeridas e enfrenesiava-se, soltava, constantemente, «aqueles gritos que todos nós lhe conhecemos», confessava a viscondessa desanimada. (*) «Grita noite e dia e eu trago a cabeça atordoada de o ouvir e por falta de descanço.» O frio torturava-o pelo dezembro inclemente e tais eram seus sofrimentos, suas dôres, suas amarguras e tanto fazia padecer e esposa que ela desabafava assim: «não ha prisão nem gargalheira de ferro egual á minha.» Nos seus berros formidaveis pedia que o levassem a Seide. Faziam-lhe faltam os seus fantasmas.

Numa tarde em que o sol loirinho lambia as paredes da sala, quasi em vesperas do Natal, (**) o romancista ergueu-se num grande sobresalto. Anunciavam-lhe o imperador do Brazil, o monarca decaído pela proclamação da republica.

O velhinho viera com os netos e com o visconde de Aljezur. As creanças imperiais procuravam a mancha de luz para se aquecerem admiradas ante aquele velho de cabeleira hirsuta, cujos olhos brilhavam e que dizia não ver, cego como nunca tinham encontrado de pupilas tão luminosas. O avô, com suas alvas barbas, abraçava-o e queixava-se; confidenciavam suas dôres emquanto eles buscavam a caricia quente e loira do sol portuguez que não os animava como o da sua patria.

Aquele ancião, de bigode pendente e de mãos formosas, devia ser tambem algum monarca caído na desgraça para tão intimamente o soberano o tratar. E os pequenos olhavam a pobreza da casa e duas senhoras que estavam de pé chorando tambem: a viscondessa Correia de Botelho e D. Ana Correia. Os principes brincavam com as scintilações das vidraças; eles, os dois velhos, conversavam na sua toada dolorida:

(*) Dr. Maximiliano de Lemos — *Camillo e os medicos*.

(**) Foi em 21 de dezembro de 1889.

— Meu Camilo . . . console-se . . . Ha-de voltar a vêr . . .

— Senhor, meu senhor . . .

— Ha-de voltar a ter vista . . . Eu, meu Camilo, é que para sempre perdi o trono . . . (*)

«E eu os meus olhos . . .»

«Espere em Deus; eu é que não posso esperar . . .»

«Meu senhor . . . a cegueira é a ante-camara da sepultura . . .»

«E não voltar à patria é viver penando . . .»

«Resigne-se Vossa Magestade . . . Tem a luz de seus olhos . . .

«Sim . . . Sim . . . Meu pobre Camilo . . . Mas falta-me o sol de lá . . . e erguia as mãos num vago gesto acompanhando os seus lentos e maguados dizeres.

«Meu senhor . . . meu senhor ! . . .

Despediram-se chorando aqueles dois velhinhos cujas corôas tinham sido de amarguras. Um outro rei morrera havia mais de um mês; ao som das salvas a cidade o soubera e vestira luto. Ali, na casa humilde, dois soberanos choravam e sofriam, sem que o mundo escutasse suas penosas confidencias de homem para homem.

Do *Hotel Braganza* onde o imperador se instalara, não querendo a hospitalidade dum paço real, escrevia ainda ao seu amigo com doçura: «lembre-se que o amanhã é de Deus!» Na sua emaranhada letra de velho, com a assinatura singela de D. Pedro de Alcantara, o destronado enviou-lhe um soneto tão pobre nas rimas como rico pelo sentimento que o dictava.

Já falei de Camilo com o talento
E nas suas dôres mais brilha a doutrina
Que a alma é tudo, e em nós domina
Sendo o corpo infeliz revestimento.

Quanto mais abatido num momento
O seu tão cego olhar se lhe ilumina
E pronta animação logo destina
A quem de assim o vêr tem desalento.

Não receia portanto do amanhã
Quem do que vale deve ter consciencia
Do Eden não tragar a cruel maçã.

Antes a saborei com impaciencia
Pois a mente possuindo sempre sã
Só lhe é transitoria esta existencia.

(*) Narrativa de D. Ana Correia ao auctor.

Docemente os principes se tinham aquecido na casa de Camilo, naquela luz que não era a da sua terra pela qual o imperador saudoso chorava. O romancista não veria jamais nem palidos reflexos do seu adorado sol e honrado pelo infortunio, dum monarca, bom soberano e mau poeta, perdoava ao vate ante a derrota daquela reaesa que se tornava vassala do seu genio.

Três amigos: Francisco Correia de Carvalho (o Fistula), o actor Di[illegible] e o visconde de S. Miguel de Seide (Nuno).

XVII

OS ULTIMOS DIAS DE CAMILO

AO AVANÇAR DAS TREVAS — TRAIÇÃO DAS BALAS — O QUE SERIA O ULTIMO LIVRO DO ROMANCISTA — O DRAMA DE URBINO DE FREITAS — O LEITOR DO CELEBRADO CEGO — AURORAS E TREVAS — DERRADEIRA POESIA — OS TRAGICOS AMIGOS DO MESTRE — VOLUVEL ATÉ Á MORTE — GLORIA DA PEQUENINA SEIDE

NA vespera da aclamação do rei D. Carlos, quasi ao lusco fusco (*), Ana Placido descera da sala onde Camilo, recostado na sua poltrona, estivera a escutar, aborrecidamente, uma cronica de Azurara. Acabara por dormitar, ela apagara a voz na leitura, erguera-se e fôra distrair-se um pouco para o jardinzito gradeado. Combinava com a sua confidente D. Ana Correia (**) assistirem às festas regias, deslumbrando-se, na parda tarde de Dezembro, com a idéa das scintilações de fardas, de coches, de grandiosidades cortezãs.

O romancista despertara, tacteara na cadeira (***) onde a julgava ainda, balbuciara-lhe o nome, como num suspiro: «Aninhas!». Continuava a palpar o movel, no assento, nas costas: «Aninhas!». Uma serva de fala represa tremia no limiar regelada de medo ante o amo sujeito a desesperadas crises. «Aninhas!», tornava ele e, ao dar por sua falta, num impeto, soltara um grande berro, derrubara a mesinha, puxara do revolver e disparara-o no clamor desesperado. Pegara na bengala e, cegamente, espancava os moveis, furioso ao compreender a falha dos projecteis que nem arrancavam o estuque do tecto. «Infames! Infames! — exclamava espavorido na colera inclemente — Enganaram-me...! As balas estão vazias...!»

(*) Em 27. O rei foi aclamado a 28 de Dezembro de 1889.

(**) Narrativa de D. Ana Correia ao autor.

(***) Está no Museu de Seide esta cadeira estofada de novo.

Uns braços amigos — os da viscondessa — procuravam detê-lo, acarinhá-lo, porém soltava-se, ralhava, ameaçava queixando-se iradamente, furibundamente, estranho, a sacudir a raiva, tragicomico em seu casquete negro de enorme pala, livido, ameaçando a agitar o bastão: «Foi o Nuno! Eu já calculava, já suspeitava... Mariola... Se aqui estivesse rachava-o, quebrava a bengala nas costas do patife!...» E gritando pela luz, que não podia vêr, deixara-se cair cançadamente no estofo. A creada fugira, a outra gente da casa espreitava-o, de longe, como a um louco.

Calara-se, ficara arquejante pelo esforço e a fazer-se calmo, pedira, daí a pouco, para chamarem o sobrinho, o dr. Antonio de Azevedo Castelo Branco, que era o sub-director da Penitenciaria.

Jamais soara tão cariciosamente a voz de Camilo como ao lamentar-se ao filho de sua irmã. Arranjava entonos capciosos, humildes, de invalido:

— «Antoninho... Antoninho... Sabes lá como me tratam! Desobedecem-me... Não fazem o que devem...» — Depois, mais baixinho, perguntava: «Está aí alguem? Está?!...» A esposa sumira-se desolada ante aquela suplica adivinhada na pergunta ao parente:

«Ó Antoninho... Sabes que tenho muitos inimigos? Não me perdoam... Sabes?!» Acabara a pedir-lhe uma caixa de balas.

Zombeteiramente lhe retorquira, num ar afectuoso e alegre:

— «Nada, nada... Não quero passar de sub-director da cadeia a preso... O tio matava alguem e lá ia eu para a cela como cumplice...»

Debalde insistia; as respostas pouco variavam e, então, o escritor, nesse final de ano, entrou a detestar a casa de Vale do Pereiro e a apetecer o que intitulava: os regalos de Seide. Relembrava o gabinete rodeado de estantes, as janelas voltadas para os longes de Vermuim, Ruivães, Santa Luzia, a quadra, sua oficina inutil agora que não via, lugar de desespero ao tactear suas penas e seus papeis, porém de desejo como se quizesse torturar-se. Atraía-o a solidão e, passando, num habito, o pentesinho pelo bigode branco ou volteando maquinalmente um limpa unhas, já não vivia senão para a idéa fixa do regresso. Debalde lhe mostravam o bravio inverno aldeão, evocavam os arripiantes gemidos dos pinhais, o frio entanguidor, os regougos do Pele, o pranto da humidade pelas paredes duma casa fechada, havia tanto tempo. Não argumentava: «queria ir para Seide».

E foi. Já lá estava em Janeiro morando com o filho emquanto se tratava da sua habitação. Os netos — Flora de quatro anos, Camilo, de dois — brincavam pertinho dele que sorvia a sua pitada ou fumava o seu charuto. Ana Placido pedia-lhe fogo para o seu *la Reyna* e havia ocasiões em que conversavam do passado, como camaradas. No vasto salão abria-se um piano e ela andava tocando as modinhas tristes queridas do seu Jorge, sempre arredado deles, enclausurado na hospedaria de Vila Nova. O marido não esperava mais nada; trouxera para ali o desengano e revertia-se ao passado, gostava de rememorar, acabava a compôr versos que lhe recitava dedicando-lhos, a ela, à sua Ana Augusta:

Aos vinte anos vi um anjo refulgente
Diziam ser a esperança. Tanto andei
a segui-lo, a fitar-lhe a face ardente
a deslumbrante luz que rutilava
Que, emfim, sendo velho, ainda a fitava
Com olhos juvenis, louco tomei
Uma vez de frente a luz que me ofuscava
até deixar de a vêr porque cegueí

No intervalo das suas grandes explosões ela levava a perdoar-lhe os arremessos. E, muito resignada, gastava os dias a lêr-lhe a volumosa correspondencia, os jornais, os livros que chegavam aos sacos à estação distante. O escritor ainda se sobressaltava, agitava-se, barafustava ao menor artigo, à mais leve local, diferençada de seu pensamento.

Ante o *ultimatum* inglez galvanisara-se, enchera-se dum abalo terrivel. Queria saber tudo, condenava os britanicos, excomungava a sua nação e pedia a Deus a vista para escrever a demoli-la. Descobrira no seu devoto Correia de Carvalho — o *Fistula* — qualidades admiraveis de leitor — vezo que lhe ficara dõ seminario, — muito senhor de intonações certas, para a dicção das frases violentas, dos reptos, das audacias que lhe saíam bem. Um actor! Camilo regalava-se. Improvisara-o seu secretario, ditava-lhe cartas, afeiçoava-se-lhe mais.

Lembrava-se de trabalhar um livro virulento, chasqueante, fero contra Albion e que se denominaria — dizia-o a Tomaz Ribeiro: — «*Exterminio da Inglaterra. Trovas alegres* por *C. C. B.*» Pormenorisava-o:

«650 versos repartidos em quadras. Ha-de ter um prefacio e notas. Deve dar um volume de 80 paginas em oitavo pequeno com 3 quadras por pagina. Se acharés um editor que me dê duzentos mil reis pela propriedade trato de organisar os cantos que por agora se acham dispersos.»

Correra logo a noticia; um jornal de Famalicão espalhara-a e assim chegara ao Porto. Então negou, arrojou suas zargunchadas, declarou falsa a informação.

«Em cousas de literatura — afirmava ao seu amigo Oliveira Ramos, do *Primeiro de Janeiro* — deve falar-se de mim como dum escritor morto. Logo que eu aceitei do estado uma pensão é que eu não podia trabalhar e manter a minha laboriosa independencia de 40 anos. Ceguei na luta e fiquei vencido. Sirva isto de exemplo a futuros escritores.» Era o temperamento de seu genio. Viveria a contradizer-se até à hora final, por palavras escritas e actos.

Entrara, depois, numa teima de se matar por inanição. Sofria da bôca e repelia os alimentos. Descompunha os medicos de Santo Tirso que o tratavam e galeava o estoicismo dum homem capaz de morrer de fome à beira de boa comida, santificando-se e heroicisando-se.

(*) *Cartas de Camilo a Tomáz Ribeiro*, pag. 103.

E a casa do lavrador minhoto, com seus vapores dos molhos apetitosos, era mais de suplicio que os desertos desprovidos de frutos e raizes onde se preparavam para o ceu os anacoretas.

Mudara pouco depois. Confidenciava com o *Fistula*, apoiava-se-lhe no braço porque era um ceguinho desatinado, incapaz de se guiar e chorava, de mão nos joelhos, olhando sem vêr, sob a pala imensa do casquete negro.

Sentado e meditabundo, triste, tinha o ar desolado duma estatua tombada nalgum parque de legendas. Sob o bigode anediado chancelava-se um sorriso como se a bôca da propria infelicidade o sinetasse num desmaiado lacre da descrença.

Apalpava a meude o revolver e já conseguira, numa secreta peita, as apetecidas balas. Treuxera-lhas, por uma gorgeta pingue, um creado, o Raimundo. Possuia a certeza do cabo de suas torturas.

Antigamente, quando a arma estava mal provida, a sua gente, ao vê-la empunhada, fingia terror, pedia para a desviar a ludibria-lo; agora, era ele, que a enganava tendo, no cano estreito do revolver, ao seu alcance a morte como numa boceta de magicas venturas.

Treguava-se-lhe a dôr na hora em que se ia batisar uma netinha de dias, nascida em fevereiro, a 21. Discutira-se muito, na sala do visconde de S. Miguel, o nome a dar-se-lhe, e o pai — em gentilezas — propunha que se chamasse Ana como a mãe, como a avó, a bisavó . . . Ana Correia, Ana Placido, Ana Vieira! . . .

A viscondessa acudiu logo a recusar-se, a proibir, como se visse um mau destino entenebrecendo as alvas roupas da creancinha:

«Não . . . não . . . não . . .

«Porquê? perguntou o avô procurando-a com os seus olhos cegos.

«As Anas são muito infelizes! . . . — volvera num desabafo sincero, sentido.

Então, logo, numa galanteria, recordando de como outrora designava a amada, exclamou:

— Pois chamar-se-ha Rachel . . .

Ninguem o contrariou; a mulher do seu afecto sorriu e Rachel foi, a pequenina beijada carinhosamente como se na sua carne tenrinha êle procurasse a antiga puresa do seu amor.

Em breve, cheio da velha recordação, era ainda à antiga Rachel que se dirigia a reunir num feixe de versos a existencia de ambos. Nem esquecia a irmã dela, a palida e triste Maria José «o anjo inocente» ao qual ambos tanto tinham querido.

Libavas, borboleta, a flôr da vida
No parque ameno de ideais, chimeras,
Que seja amor não sabes; mas esperas
Vencer cativa e cativar vencida (*)

(*) Camilo — *Nas Trevas.*

Chega a paixão... Retraes-te espavorida!
Saudades tens das quinze primaveras
Em que, menina e moça, amada eras
Sempre isenta, risonha, distraída.

Vence a paixão e o teu anjo inocente
Desligado de ti, mesto e dolente,
Regressa para o ceu; mas vai chamando-te.

Não foste! És presa à minha desventura
Em grande amor te dei grande amargura
Fui teu verdugo mas verdugo amando-te.

O pagão confessava-se de rastos ao amor da sua vida, à paixão da sua alma, ao encanto que enchera o seu espirito e volvia-se para ele como se na hora tragica, provocada em sua dôr, tivesse a sinceridade dum crente de rojo a sentir-se na agonia:

Fui teu verdugo mas verdugo amando-te.

E era tudo; em morrer pensava e em transes não mentia. Cousa alguma lhe agradava; a gloria era uma requentada iguaria de que lhe viera o pão quando para o ganhar perdera a luz; a familia ficaria amparada pela pensão ganha em seu labutar, crenças não as albergava, o amor representava em seu sentir, um amparo vago duma imagem distante; lembrava-se dele como um poeta sonha com estrelas. Tudo o atormentava; se não sentia um mal proprio, vinha-lhe de fora uma cruciante amargura. E naquele abril — que chegara molhado e desluzido — um alarme novo o alcançara e o perturbara.

O irmão do amigo a quem legara a obrigação de velar por seu cadaver — no jazigo da Lapa, escolhido e já ambicionado — estava preso na Relação, no mesmo quarto que, havia quasi trinta anos, ele habitara porque muito amara. Vicente Urbino de Freitas estava em processo de envenenador. Umas creanças, suas sobrinhas, adoeceram depois de comerem amendoas, enviadas de Lisboa por mão desconhecida, em caixas vistosas. Chamara-se o medico ilustre a tratá-las e a cada remedio de sua sciencia os pequenitos peoravam tanto que repeliam o tio num enorme terror. Adejaram as suspeições sobre ele. Não soubera explicar onde se encontrava quando da capital fôra remetido o presente. Asseverara ter passado a noite em casa do professor Adolfo Coelho e descobrira-se-lhe a falsidade porque este apresentara à justiça a carta em que lhe pedia para mentir. Os inocentes finaram-se; ergueram-se vozeios maiores relembradores das circunstancias em que acabara um cunhado do clinico e do qual fôra assistente. Gritava-se que o assassinara para ficarem a seus filhos as opulencias celebradas dos avós, os Sampaios, da rua das Flores, e uma onda de nojo, de repulsa, marulhava pedindo castigos exemplares. Tambem, outrora, numa rua das

Flores, Vieira de Castro assassinara. E Camilo recordava-o, com o criminoso de hoje, procurando defendê-lo das imputações más. Mais se alteavam, mais fortemente rugiam as indignações dos portuenses. O *Novais dos Oculos* surgira, dum canto da provincia, ameaçador. Buscava desforrar-se de Freitas Fortuna — o irmão do preso — porque outrora mostrava, antes de publicadas, ao seu inimigo — ao escritor tronitroante — as prosas vis que enviava à sua tipografia. Do fundo da sua ancia de esmagar, proterviava. Insinuava que o envenenador dos sobrinhos e do cunhado podia muito bem ter ajudado à morte de Pinheiro Alves para servir o amante da mulher. Na ancia de esmagar nem via que Urbino, naquela epoca, não passava dum garoto do liceu.

O romancista gritou furiosamente na casa de Seide, onde habitava desde que tudo se puzera em ordem; clamara na morada de Nuno, onde ia pelas tardes, agitara-se, excitara-se e peorara.

Ana Placido, como a querer lenitivar a dôr do desditoso tratado por «querido irmão», do comerciante que educara o criminoso e o amava doidamente, confiava-lhe os seus desgostos, as suas torturas, sem cortinas, francamente. Mostrava-lhe os sofrimentos incomparaveis do seu enfermo:

«Muitas vezes fujo do lado dele por não poder ouvi-lo. Se chora, se se lamenta, se olho para a cadeira solitaria do seu escritorio e penso nas horas socegadas e alegres de outrora, despedaça-se-me a alma; se grita, se se queixa de mim, se me tortura com aquelas palavrinhas cortantes que ele sabe, estorço-me debaixo da tenaz do meu infernal destino. Que vida! Que vida a nossa, meu querido irmão!» (*). Depois, num tacto superior de mulher inteligente, tratava das suas desditas como a ungi-las, a balsamizá-las com o seu infortunio e o do marido. Aventara passos incriveis, tontices de carinhosa amiga: a fuga de Urbino para Espanha, após uns tempos de recolhimento em Seide, a pagina aventurosa e tragica dum novo romance de desgraças a juntar aos deletreados na sua vida. O escritor, farto de criações, desprovido de fantasias, à beira do grande repouso, avisara-a da sua inconsciencia: «fugir seria julgá-lo criminoso!»

Era uma defensora acirrada do acusado, recordava-se dos meses longos passados na Relação e, despojando-se da sensibilidade, do horror ao assassino de creanças, declarava:

«Inocente ou culpado, eu nunca sentiria por seu irmão senão uma simpatia e uma grande dedicação, lembrando-me das muitas finezas que lhe devo na doença de Camilo e de que ele chegou a levantar-se muitas vezes da sua cama, alta noite, para vir animá-lo com a sua presença. Infelizmente nada posso.»

Entrara o abril mas não engarridara o Minho de suas galas; aparecera triste como se não quizesse ser belo, visto Camilo, o seu adorador, já não o poder contemplar:

Tu bem sabes, filha, quanto eu era
Amante dos festins da primavera
Das rosas e lilás.

(*) Dr. Maximiliano de Lemos — *Camilo e os Medicos.*

Dissera aquilo e para ali estava, num canto, friorento, em birras de creança, ouvindo o *Fistula* — a sua criação — a lêr os jornais, as cartas, os livros, sem cançasso, a entretê-lo.

Escutava-o, com o seu sorriso de disfarce, sob o penteado bigode, fixando-o como se fossem de pedra das estatuas os seus olhos sem luz, acariciando na algibeira a poida coronha, esperando sempre alguma noticia má. E fôra durante uma dessas leituras que tremelusira na sua alma a vaga scintila duma esperança. Era um imaginativo; ora se enublava, ora se esgarçava em agruras ou alegrias ambas sem motivos solidos. Agora apegara-se a uma nuvem linda no ceu da sua tão turbada fantasia e gerara à volta dela planos sem fim.

O Comercio do Porto (*) referira-se a certo medico especialisado na cura das lesões da vista. Chamava-se Edmundo Magalhães Machado, fôra associado do Placido Costa no Porto, clinicara no hospital de Santo Antonio, estagiara em França nos consultorios das grandes autoridades da oftalmologia: — Terrier, Tilleaux, Galezowski, (**) voltara e como ia instalar-se na sua terra natal dirigira-se aos amigos no periodico:

«Edmundo de Magalhães Machado, tendo de retirar-se para Aveiro e não podendo, por estreitesa de tempo, despedir-se pessoalmente de todas as pessoas das suas relações de amisade, toma a liberdade de faze-lo por este meio oferecendo-lhes naquela cidade a sua casa e os seus serviços.»

Quem sabe se ele o curaria? Essas linhas soaram aos seus ouvidos como repiques alegres; punha-se, alvoroçadamente, a querer consulta-lo, sentia-o como um mago do qual dependesse a morte da sua treva, o entulhar-se essa ante-camara do sepulcro, a santa radiosidade, o renascimento da luz.

Ana Placido, na sua letra rigida, aberta, escreveu o que lhe ditou: a homenagem e a suplica, a prece e o louvor, numa prosa de oiro:

«Sou o cadaver representante dum nome que teve alguma reputação gloriosa neste país durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego.

«Ainda ha quinze dias podia vêr cingir a um dedo das minhas mãos uma flamula escarlate. Depois sobreveio uma forte oftalmia que me alastrou as corneas de tarjas sanguineas.

«Ha poucas horas ouvi lêr no *Comercio do Porto,* o nome de V. Ex.ª Senti na alma uma extraordinaria vibração de esperança. Poderá V. Ex.ª salvar-me? Se eu pudesse, se uma quasi paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira iria procura-lo. Não posso. Mas poderá V. Ex.ª dizer-me o que devo esperar desta irrupção sanguinea nos olhos em que não havia, até ha pouco, uma gôta de sangue?

«Digne-se V. Ex.ª perdoar à infelicidade estas perguntas, feitas tão sem cerimonia por um homem que não conhece.»

(*) 21 de Maio de 1890.

(**) Dr. Maximiliano de Lemos — *Camilo e os medicos.*

Datava-se estes dizeres de 26 de Maio. Alegrara-se o tempo; cresciam as rosas no jardim de Nuno, do campo baforavam aromas, seivas das feridas dos pinheiros, halitos dos fenos; reverdecia a terra e os passaros em cata dos cibos e dos amores, das conchas dos ninhos vibravam em felicidades, os seus trilos. Com tanta alegria em torno devia ser bem mais dolorosa a escuridade.

Só falava na assistencia do medico, confiava os seus projetos, embriagava-se em fantasias: a vista, de novo a produção, um livro lindo sobre Ignez de Castro, a historia duma familia, da sua: os *Brocas*. Olhavam-no descrentes, apiedados como se ele dissesse que conquistaria o mundo.

Outras vezes mergulhava na impaciencia, tardava-lhe a resposta de Aveiro, descobria um conterraneo do doutor, Joaquim de Melo Freitas e metia-o de empenho.

Muito seu admirador — um dos que dissera ter o titulo de visconde — «ascendido em valia por lho conferirem» servira-o logo e como lhe perguntara qual «o estipendio com que cumpre rumunerar tão trabalhosa jornada» volvera-lhe que o facultativo considerava «uma gloria conversar alguns instantes com Camilo Castelo Branco.» (*)

Não se envaidecia, deixava correr as lagrimas num lenitivo da sua amargura.

— «Bem haja pelas suas cartas» — telegrafava. Nessa tarde conversara muito, mostrara-se animado no salão de Nuno, ficara até ao lusco-fusco a relembrar trechos jocosos da vida do Porto e quizera ir para o jardim aspirar o perfume das rosas.

Ha no quinteiro do visconde de S. Miguel de Seide uma suave ruela de buxo, de folhinha miúda, que conduz ao portelo verde da estrada. Defronta-a o presbiterio e por ali, nessa tarde, a ultima de maio, o romancista passou arrimado ao *Fistula*. Os ralos retiniam na terra seca, aromatica, uma campanula de paz cobrira a aldeia na hora do adeus do sol a laivar ainda em manchas sangrentas as carumas para os lados de Anta e a sumir-se sem Camilo o ter visto nem no esplendor, nem na agonia. Sentira-lhe a falta, puxara a capa para os hombros, fremitara:

«Está a arrefecer... Vamos depressa que não quero apanhar alguma pneumonia.» (**)

Lá fôra, encostado ao amigo, muito apressado, subira as escadas, ficara na sala de fogão aceso, a rir. De quando em quando embrenhava-se na sombra o seu rosto; depois alumiava-se nos clarões do lume; ele estendia para a chama as mãos diafanas como se quizesse agarrar-lhe a luz, encher-se dela, levá-la a iluminar-lhe os olhos. Insistira na vinda do facultativo, quizera saber se o Nuno estaria a horas com o carro do José Barracão, não deixava um pormenor, e, ao deitar-se na cama de madeira de Africa, que lhe mandara o morgado de Pereira, escondera — como sempre — o revolver sob o travesseiro como um objecto amado.

Acordara e, vestindo-se, ajudado pela esposa, ia-lhe recitando versos; depois

(*) Cartas existentes no Museu de Seide conforme se aponta no livro *O Escritor da Graça e da Beleza* catalogado pelo erudito escritor José de Azevedo Menezes.

(**) Da conversa da senhora D. Ana Correia com o autor.

queria que escrevesse os da sua produção dessa manhã. Sentara-se a seu lado na cadeira de balanço, na sala; ela tomara a coberta de azul e ia escrevendo, sobre uma jardineira, sempre obediente, costumada aos seus caprichos, às suas idéas negras. Dedicava a poesia aos filhos, através da mãe deles, dirigia-se-lhes na sua derradeira inspiração. A morte roçara-o na vespera menos no arrepio da aragem que num gelido e cruel pressentimento.

Chega a morte! vejo-a, sinto-a
A luz dos olhos se apaga
Vem, meu filho, abraça e beija
De teu pai a face fria
Limpa-lhe o rosto orvalhado
Não de pranto que eu não choro
Mas do suor da agonia.
Não me fujas, filho, imprime
Na tua alma esta imagem,
Daqui a pouco à voragem
Resvalou teu pobre pai.
Vem, tambem, santa das dôres
Receber o extremo ai,
Não me vás levar flôres
Á sepultura, não vás,
Leva-me os filhos felizes,
Leva-os contigo e verás
Que me aquece a luz da vida
Na sepultura esquecida
Onde, enfim, hei-de ter paz.

Acabava de dizer as suas maguas na casa aquecida pela luz loira, na serenidade desse dia inicial de Junho. Seide silenciava-se. Finara-se no ar o ultimo toque da missa havia instantes. Ele falava em morrer e a esposa andava afastada de tal ideia pois sentia bem a impossibilidade de se ferir sequer, com as balas da sua acariciada arma que julgava falsas. Acentuava-se, sob o bigode do cego o sorriso de enganoso.

Guardava-se, debaixo dos tectos em tampa de urna, a serenidade dum lar burguez. Pendia sobre a mesa larga, sempre cheia de jornais, o candieiro de vasto *abat-jour* de lata. Marido e mulher, sentados lado a lado, conversavam de mansinho, ele recostado na cadeira de balanço, ela na estofada de lã azul. Distanciada, uma outra mais pequena de espaldar esgarçado — a que servira para o tratamento dos herpes — quasi se roçava com o canapé profundo e comprido em cuja palhinha tomara outrora assento o imperador do Brasil. Nessa manhã quente o fogão estava apagado e o Mestre, com o casquete de pala enorme, vibrava na impaciencia de ouvir a sentença do medico cujo nome aprendera no acaso duma pagina banal de periodico. Anichara-

se-lhe no animo a esperança e a duvida como dum rochedo mana a agua para se estancar em breve. Emquanto jorra é fresca, clara, dessedentadora e assim surgia a nascente da fé no espirito do criador de espiritos.

Acabara de ouvir da bôca da esposa a copia dos versos aos filhos destinados. Um, o seu Jorge, continuava cego de entendimento, no quarto da hospedaria, em Vila Nova, sem furias, ensimesmado nos seus avejões. Em volta, nas paredes da casa paterna, mostravam-se os seus desenhos de manicomio: o que dissera ser frei Bartolomeu dos Martires, descomposto de feições, estrabico, as singulares paisagens e os disformes seres, mendigos contorcidos, epilepsias dum lapis movido por um doido, faces de demonios, arvores destroçadas, corpos faunicos, angulosos, besuntados de côres extravagantes.

Camilo impacientava-se; afixara-se mais à sua idea e sorrira ao ouvir ao longe, na ladeira de Seide, o rodar do carro a quebrar a modorra aldeã. Era uma hora da tarde; reboliçava-se no pateo, alguem subia o escadorio, e a dona da casa ia receber o medico tão angustiadamente esperado. Loiro, de olhos claros, contando apenas trinta e quatro anos, aparecia como um antigo mago à fé do romancista que queria levantar-se. E ele — o da maior esperança — saudava-o e obrigava a sentar-se, falava-lhe da honra de o conhecer. Admirava-o, felicitava-se. Devia ser muito simples, quasi romantico tambem apesar de sua sciencia feita para desnoitar os desditosos. Angustiadamente o espreitava a torturada Ana Placido que quasi se debruçava sobre o seu hombro ao vê-lo começar a observação, a analise daqueles olhos semi-mortos.

Foi longo, foi demorado o exame. Tudo se calara na moradia e lá fóra à soalheira, nem bulia uma folha. Junho ardente chupava as ultimas poças das chuvas, espargia claridades fulvas. Parecia que a aldeia dormia nesse domingo de ardencias, uma regalada sésta na sombra extensa das bouças.

Ao cabo dalgum tempo ergueu-se a voz do visitante na sala dos tetos em tumba. Imputava à anemia profunda a falta de vista do Mestre. Não o desenganava. Apenas melhorasse da fraquesa geral, desapareceria a cegueira. E aconselhava-lhe o Gerez para a acalmia, para o repouso, falava-lhe em boa alimentação...

Os olhos do cego pareciam verrumar na alma do seu juiz.

O que eles não penetravam contavam-lhe as sondas do espirito sempre agudo, profundante. Respondia-lhe preferir Aveiro.

«Sempre estaria ao pé do medico... Esperava dele a cura...

Tinha tanta fé, tanta, no seu saber... Era melhor... Estaria mais perto dele...»

A voz do doutor resubiu já ervada da fatalidade:

«Aveiro não serve... É muita sujeita a ventos agrestes...

De resto ele apenas se especialisara em doenças da vista e não podia trata-lo da sua enfermidade, da anemia, da fraquesa... «O Gerez... Sim... o Gerez... Para demais estava lá a ares o dr. Ricardo Jorge que sabia muito seu amigo e o aconselharia...»

Compreendera. Estava condenado. Aquele homem de voz suave, ao qual entregara o seu destino, despedia-se, repisava na honra recebida em ter vindo ali. En-

viava-o, sem querer, para o tumulo cuja chave era a arma apertada nervosamente na algibeira. Cousa alguma, porem, indicava o proposito de quem tanto se dispuzera a partir para sempre, como um bom romantico, deixando o seu adeus em versos desolados. Solicitava-lhe o favor de tomar uma pequena refeição, agora de pé, muito gentil, fidalgamente, e, ao sumirem-se os passos sentou-se com vagares na sua cadeira. Quedara-se a meditar: quando não poude mais com seus pensamentos, sentiu voltar a esposa chamada por um ai mal sufocado em sua bôca sofredora.

Procurou-a de braços estendidos, afagou-a, quiz saber se ele — o clinico — lhe falara em mais alguma cousa... O que te disse, Aninhas, o que te disse, minha filha?

— Ó querido, que fosses para o Gerez... E eu escrevo ao Ricardo a avisa-lo...

— E tu queres ir, filha? Queres?...

— Da melhor vontade... Estou contente e tenho a certeza de que te fará bem...

Volveu-lhe num tom macio a que limara o resaibo dolorido e no qual mal se embuçava todo o seu desengano:

«Tens tantas esperanças como eu nas minhas melhoras, minha pobre martir...»

Ela estendeu-lhe a mão a socega-lo e Camilo, numa galanteria, beijou-a. (*)

Ficaram assim uns instantes até que se anunciou de novo o medico já refeito pelo almoço. Rendia-lhe graças, dispunha-se a partir; o Nuno dera a volta, no pateo, ao carro do Barracão de cavallos inquietos a sacudirem os moscardos num tilintar de arreios. O doutor insistia no seu conselho: queria-o na calma da serra, mostrava-lhe as vantagens desse repouso em ar puro. O romancista não poude mais conter-se, explodiu num arranco:

«Que vou là fazer se estou perdido?...

«Oh! não... v. ex.ª ainda ha-de escrever muitos livros...

Buscava salva-lo da má impressão, deixa-lo satisfeito e, só o largava ao ouvi-lo aceder na partida. Abria, sob o bigode branco, o seu sorriso pincelado de decisões misteriosas.

Apertava-lhe a mão, dava-lhe os agradecimentos, pedia desculpa e para a esposa indicava:

— Ó Anica, acompanha o senhor doutor...

Transpuzeram a porta aberta para a escada do pateo; ele tornou a sentar-se na cadeira de balanço. Devia crescer muito a sua desesperança; egual á escuridade da sua alma ela seria.

Do grande e ousado homem, restava aquele semi-cadaver coberto de gloria e de males. Ficavam do idealista os tristes despojos como dos outros, que o eram mais do que ele, pois nem de romantico gostava ser tratado. Dos seus amigos antigos não palpitavam mais do que sombras saídas dos tumulos para onde tinham sido arremessados após tragedias, infortunios, violencias.

(*) Narrativa da senhora D. Ana Correia, ao autor.

Eram Jorge Artur lançando-se às aguas do Douro numa noite de paixão, de delirio, de desesperança; Ferreira Sarmento, corroído pela miseria, vendo definhar-se sem socorros, numa mansarda, a mulher do seu amor; Pinto de Magalhães, o ciumento ultra-romanesco, fechado num quarto de hospedaria a emborcar copos de alcool sem querer alimentar-se, levado a este fim porque ao descobrir que a noiva escrevera em menina uma carta a outro homem, a deixara virgem, a vira finar-se pelo despreso e pela tisica, pobre Fany Owen de olhos espertos, caracoes em sacarolhas, de modo gracioso e a tez lactea das camelias! O alucinado Vieira de Castro, empurrara para a sepultura a mulher, a vingar-se e acabara no degredo. Oliveira Pinto recebera uma bala, no peito, no acaso estupido dum duelo, numa tarde de beleza, num canto arrabaldino, ensombrado, aviventado de trilos; Santos Silva, fulminado pela doença, legara a seis filhos o desamparo; Marcelino de Matos sucumbira pauperrimo e alanceado; Custodio José Vieira, após uma excitação, acabara à beira do triunfo. E Guilherme Braga, turberculoso, gemendo seus versos, e Gonçalves Basto, arruinado, sem arrimo, legando a desdita à viuva, à *Formosa das violetas*, Elisa de Lowe Weimar, a suicida — pobresinha doida! — que sentira cavado o lindo rosto nas dedadas da fome!?

Ha poucos mêses Freitas Fortuna, mais retalhado ainda pela desgraça do irmão do que se o esfarrapassem numa mesa de anatomia, marcara outro aspecto desventurado no cortejo funebre dos romanticos despedaçados pelas rodas do infortunio. Nem Julio Cesar Machado, tão bom, escapara aos maleficios e liquidara sua honrada vida cortando 'as veias, esparrinhando sangue, num lago vermelho, volvendo os olhos agonicos para a companheira semi-morta na salinha do seu lar onde caíra seu filho, o querido, suicida tambem! Sangue! Sempre Sangue! . . .

Um tiro estalou secamente. Camilo tombara para o lado na cadeira e deixara cair o revolver que lhe quebrara a vida e o silencio de Seide, na casa dos duendes. Arquejava, de olhos cerrados, a cabeça descoberta, os cabelos longos e brancos desgrenhados e assim prostrado, com a arma aos pés, parecia guardar na bôca desdentada e contorcida o sorriso ardiloso de quem vencera. Ajoelhada a seus pés D. Ana Correia, espavorida, buscava ergue-lo; o doutor Edmundo Machado, a segura-lo, apenas sabia exclamar: Isto só a mim acontece; só a mim acontece!

Levaram-no para o canapé e só então viram escorrer do alto feito pela bala na fonte direita, um fino veio vermelho passando num laivo pobre pela face rigida. Descia lento e fraco na cara amarelecida, crivada de bexigas, perdia-se no bigode como a querer dar aos labios do romancista o sabor da sua grande tragedia.

Ana Placido correra num turbilhão, chorando, alarmando a aldeia. Nuno, saltara para a boléa do carro e largara em busca do medico Ferreira a Santo Tirso, outros procuravam o de Vila Nova, numa azáfama, num clamor, que a esposa de Camilo sobrepujava nos seus grandes e desesperados gritos.

O clinico tomava o pulso do desvairado; D. Ana Correia ia lavando mansamente a ferida e ele arfava, só arfava, de olhos cerrados numa chama de sol que entrava pelas janelas e ia encher o canapé, onde o tinham deitado, e do qual um imperador lhe falara com admiração.

— Isto só a mim... Isto só a mim!... balbuciava o oftalmologista, ao sentir esvair-se, finar-se a palpitação das veias no escoar da vida.

Um relogio tilintara três pancadas alegres e, de aí a um quarto de hora, o corpo deixava de arquejar, o suicida, fechara rudemente os olhos, acabara naquele movel como num leito duro, sagrado, porque dali partira para ir ter com Deus. Morrera; e abraçada ao seu corpo chamando-lhe ternos nomes, a companheira de tantos anos, molhava-lhe de lagrimas a bôca arrepanhada que outrora mordera em amorosos beijos. E osculava-o ainda num fremito de paixão, a querer ergue-lo e a ve-lo caido, com o seu alto na fonte e a linha sanguinea deslisando, perdendo-se, sumindo-se no pescoço e gotejando até se anegrar.

Acabara assim o habitante da casa do morto amaldiçoador e na qual esperara encontrar os requintes de duradouros amores.

Ardia o forte sol de Junho, cantavam os passaros, despertara a aldeia, batucavam sócos no pateo, misturavam-se ruidos de falatorios, o gentio acorrera e comentava, sob a acacia que desabrochava suas florinhas vermelhas, risos loucos no meio dum grande luto.

Como sempre dissera que se a morte o surpreendesse ou lhe acontecesse desgraça chamassem a Freitas Fortuna este viera logo e ficara a contemplar o cadaver coberto com a manta de viagem, a cabeça ferida descançando sobre uma almofada.

Ajoelhou e chorou ao lado de Ana Placido.

Sumira-se a luz desse dia na aldeia minhota, celebrisada porque nela vivera, amara e sofrera, resplandecente relicario da gloria, aquele lisboeta de sangue transmontano mestre duma grande arte metido em cantinho tão humilde que mal se vê no mapa de Portugal.

Ali estava vencido. Sobre a jardineira um crucifixo, entre duas velas, resaía no claro das luzes oscilantes; os horridos mendigos pintados pelo Jorge, pareciam saltitar macabramente, epileticos lobishomens esfaimados creados por um doido. Um corpo vestido de negro, enrodilhava-se à cabeceira do morto, no chão sacudido em soluços; era o da esposa infortunada do grande desventurado. O *Fistula* chorava descompassadamente e o escrivão da Povoa de Varzim — Ascenção Espinho — que o escritor sempre protegera — não encontrava resignação. Diante do amo livido, o servo, o Caniço, soluçava baixinho.

Vinham uivos de longe, o Pele murmurava na paz da noite entre os salgueiros da margem enredados de silvas e vides. Quando o amortalharam puzeram-lhe ao peito os retratos de Ana Placido, dos dois filhos e da neta Flora. E a que tanto sofrera — a martir — aquela de quem ele fôra o verdugo e o amoroso, o algoz cruel e desgraçado, desejaria o seu regresso para sempre, embora voltasse mais cruel e mais desventurado, a fazê-la chorar, exgotar-se em lagrimas. Ele dissera:

Quando a acacia do Jorge inda outra vez inflore
Chamai-me que eu d'abril nas auras voltarei!

Mas não voltaria. Para que o dissera, então? Não se ergueria mais e a saudosa gritava entre soluços:

—Adeus, filho... Nunca mais te verei!...

—Terminemos, senhora viscondessa!... (*) Vamos para casa de Nuno.

Freitas Fortuna tomava-lhe o braço, buscava poupá-la à grande despedida.

Entrajada no luto, que jámais largara desde a morte do filho turbulento, deixou-se arrastar por entre as alas dos aldeões e dos reporteres dos jornais portuenses acorridos a Seide no alarme do suicidio do grande homem que o Porto não amava.

Só então Ana Placido soube que o marido decidira repousar no cemiterio da Lapa e não no de Vila Nova onde ela esperava ficar eternamente ao lado de quem tanto amara e por quem tantos sacrificios praticara. Dois grandes desgraçados na vida não se desligariam, não se separariam. Porém, era ele, o falso, que lhe fugia para sempre e a abandonava depois de morto.

Para onde o levavam, nesse funeral minguado, através das campinas, que imortalizara? Para o cemiterio da Lapa, para muito perto do outro, do rival falecido num desespero, como para se avisinhar do seu fantasma (**) jámais esquecido.

Ela bem sabia!... Não descançaria nunca junto do amado, do seu estranho amante. Sentira-o, ao escutar, como em palavras do além, as suas ordens derradeiras. Fugia-lhe! E quizera-lhe tanto!... Inconstante até à morte, deixara-a para se sumir sósinho—o grande voluvel!—na profundissima noite da jazida.

(*) *Comercio do Porto*, 4 de Junho de 1890.

(**) Jaz na catacumba n.º 55 o cadaver de Pinheiro Alves.

D. Ana Placido (retrato pertencente á familia de Camilo)

EPILOGO

ANA Placido, na viuvez, vivia como uma morgada minhota entre o seu casal de Seide e a morada do filho. Ficára a *sôra* Ana para os indigenas, a *sôra biscondessa* na bôca dos mais atreitos a cortezias paçãs aprendidas nas manhas dos titulares «brasileiros»; chamavam-lhe, as velhas, Dona Aninhas e de senhora do senhor Camilo a tratavam os mais afeitos ao Mestre.

Ia fazer cincoenta e oitos anos e sofria desde os dezoito.

Das alucinações do amor passara ao sacrificio do desengano; da tortura do lar ao fel da saudade. Não largara o luto do trajo e menos o da alma. Guardava ainda mostras de beleza, empastara-se um pouco a escultura do seu corpo, encaneceram-se-lhe os cabelos, mas com a sua pele branca, os olhos vivos, o aspecto nobre, recordava aquela matrona descrita por Camilo — havia quarenta e um anos — e à qual emprestara a magestade da filha do imperador Vitelio. Pintara a mãe da amada, agora a ressuscitar na infelecitada viuva.

Desprendera-se de mundanidades; encavalava a luneta no nariz para lêr, desprezando e peralvilhismo do *lorgnon*, trazia sempre ao peito a medalha com os retratos do seu morto amado, de Castilho, e a face glabra de Vieira de Castro, o grande doido, ao qual chamara irmão. Orgulhava-se de ser a herdeira do renome do marido e de ter gerado a sua grandeza. Sem a paixão por sua formosura ele não faria da dôr o drama aconselhado por Goëthe, o ultra-sentimental ao queixar-se, e o calmo burguez no goso do seu cachimbo e nos acepipes da sua cosinheira.

Do *Amor de Perdição*, traçado no carcere, brotara a arvore esplendida da sua gloria. E ela inspirara essa tragedia chorando e quebrando, para se lhe dar, todos os preconceitos e todos os interesses. Depois sofrera muito, soterrada no mais formidavel inferno, penara atenazada por milhares de desditas e, todavia, ainda se ensaudava. Desejaria que ele voltasse como prometera:

quando a acacia de Jorge ainda outra vez inflore

Teria morrido sem o compromisso de velar pelos filhos tão carecidos de seus auxilios. De resto, tardiamente, morriam as grandes amorosas portuguezas; as so-

berbas mulherea de sentimento. Ela devia sabe-lo por suas eruditas leituras. Desde a Ribeirinha calva, nonagenaria não se lembrando terem sido ruivos raios dum maligno sol os seus cabelos até à Sóror Mariana, septuagenaria, atochando-se de doçarias, no seu convento de Beja, todas pareciam conservar a vida animal como um desmentido aos assassinos delirios de amor. Tinham vivido, larga e provetamente, a Madre Paula, grande e opulenta dona, a *Flôr da Murta* escondendo as madeixas grisalhas sob a cabeleira empoada de sécia; a Tavora regalona em seu mosteiro, D. Emilia Azenha — a da carne alvissima — a que D. Miguel I violetara de beijos doidos, da mocidade, finava-se relha e casada num cantinho minhoto.

Talvez nenhuma destas damas dos reaes leitos tivesse sofrido como Ana, amante estremecida da maior das realesas que não provêm de tronos nem lega aos seus os sceptros. Vivia porque prometera ao seu amado velar pelos desditosos frutos dos seus desgraçados amores. Ele, até à hora da partida, repetira em tristes versos, a sua recomendação e porque jamais os olvidaria e ante seus olhos se desvendavam as necessidades do amparo dos rapazes, ficara, cheia de cuidados, à beira do seu mirantesinho, muito afastada da resignação.

O Jorge, ao saber da morte do pai, enrodilhara um lenço negro ao pescoço e metera-se no quarto do Vilanovense, visinho daquele onde Pinheiro Alves, soltando as suas maldições ao acabar, parecia ter atingido a geração da adultera tão estremecida.

Certa manhã, estando Ana Placido na casa de Nuno, ouvira parar um trem ao portão de ferro, ao cabo da rua larga das latadas. Imaginara a chegada de gente de cerimonia, mas uma creada viera muito açodada a anunciar:

— É o senhor Jorge ¡ É o senhor Jorge! . . .

Foi para ele de braços abertos:

— Filho! Filho! . . ,

Os grandes olhos do louco desviavam-se da mãe; fugia-lhe dos braços apressadamente, deixava-a para tomar uma cadeira no salão onde aparecia a dona da casa com os pequenitos: o Camilo, Flora e Rachel. Baixava a vista, ficava nas suas congeminações de masturbador a repelir as mulheres, a detesta-las. Devia imagina-las perversas, culpa-las dos seus males, como se uma grande suspeita o desvairasse de ter sido a ardencia do amor de sua mãe que lhe consumira o cerebro ao gera-lo.

— Porque não vieste mais cedo, meu filho?

Volvia muito sereno como se se tratasse de personagens doutros seculos:

— Tinham-me dito que não havia cá ninguem . . . Que tinha morrido a mamã e o papá . . . E eu não vim . . . Se não tinha que fazer aqui . . .

— Não meu filho, só morreu o papá . . . Tens ainda a tua mãe.

Ia para ele que lhe fugia na sua instintiva colera contra as feminilidades.

Quedara-se, como num largo repouso, no canto obscurecido da quadra vasta de janelas semi-cerradas ao calor do dia. Amodorrara; trocavam-se em volta olhares de piedade. Quiz um copo de agua, pedira-o calmamente e quando a creada lho trouxe, repeliu-o, entornou-o:

— Não... não... querem fazer-me mal... A fêmea assoprou a agua!... Vinha a assopra-la!...

Caíam lentas e amargas as lagrimas pelas faces da mãe como se visse nesse odio ao feminino a condenação do seu amor de culpas do qual viera ao mundo o doido estranho, condenador.

Jamais foi possivel modificar-lhe aquela repulsa. Nem aceitava a agua vinda da fonte, por mãos do gracil sexo. Chegara a recusar um casaco o qual tinha — afirmara ele — os botões pregados por costureira. Dissera isto, teimara, enfurecera-se. Trabalho de mulher!... Trabalho de mulher!

Quando preguntaram ao alfaiate quem arranjara a andaina, o mestre do corte para as elegancias de Requião a Landim, abespinhara-se: «Ora essa, fui eu!...»

— E quem pregou os botões? — interrogaram-no para uma prova decisiva.

E ele, desdenhoso, da banalidade da tarefa, volvera: «Ah! isso foi a aprendiza.»

O doido adivinhara; os seus olhos grandes e negros, infixaveis, chispavam ao sentir saias à sua beira. Desvairava, enfurecia-se ao vêr a agua que as raparigas conduziam.

— Assopraram-na! Assopraram-na!...

Convulsionava-se-lhe o corpo irritado pelos excessos secretos, solitarios. Mal conversava; isolava-se; espalhava um certo terror na aldeia com o brazido de suas pupilas; julgavam-no um lobishomem a largar fogo às medas só pelo fulgor do olhar. Amedrontava como outrora o pai — o senhor Camilo — ao fazer fugir as pequenitas vindas da mestra e receosas de seu rosto bexigoso, de seu cabelo enorme, de sua expressão observadora. Mais tarde todas se enchiam de pena ao verem-no cèguinho arrimado aos braços alheios. Ao filho obscurecera-se o entendimento e ainda assim, de quando em quando, lucidava-se. Era uma luz vasquejando na treva dum cerebro. Durava instantes o seu raciocinio. A mãe desesperava-se como uma rainha viuva ao vêr o herdeiro da gloria e do sólio doido de enclausurar, terrivel em seus gestos, rapido fim do triunfo do genio. Punha-se a velar por ele e a tratar do outro, do prodigo, rodeado de crianças e ao qual desejava valer ao senti-lo semi-arruinado. Recolhera-se; chegava a definir-se assim a Tomaz Ribeiro: «Sinto a minha pobre alma afogada no imenso oceano da dôr.»

Acrescentara na sinceridade de sua amargura:

«Vivo tão concentrada nas minhas agonias que me parece que tudo o que se pode dizer respeito ao meu Camilo não é a milessima parte do que me diz dele a saudade do meu coração despedaçado.»

Confessava ainda: «a dôr embruteceu-me.»

Enviava-lhe agradecimentos, sentia dever-lhe grandes obsequios, dizia dedicar-lhe «a mais alta e respeitosa estima». Começara a traçar a inicial do seu titulo na assinatura mas preferira-lhe o seu nome a chancelar a pagina onde havia a marca heraldica da corôa de viscondessa.

Depois puzera-se a pensar num emprego para Nuno; nalgum desses lugares de bom rendimento ao qual ele se amparasse e como Tomaz Ribeiro era o grande

amigo, o que tanto se dedicara ao romancista e aos seus, entrara a solicitar-lhe um milagre: o de fazer do visconde de S. Miguel, pouco letrado, um funcionario de categoria. E, francamente, pedira, requerera do poeta — que ocupava a pasta das Obras-Publicas no gabinete João Crisostomo — o deferimento de suas aspirações.

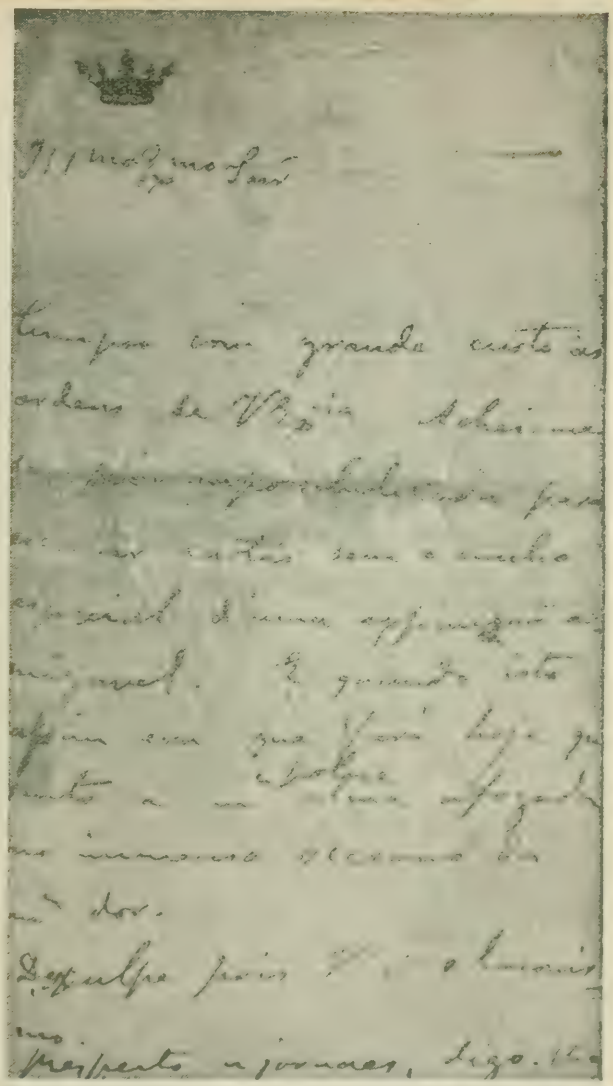
Enchera-se duma grande colera contra D. Bernardina Amelia — a filha de Camilo e de Patricia Emilia — senhora de lar feliz à qual nunca pudera querer bem. Ela representava o amor do seu querido por uma outra — a fantoche da sua comedia — considerando sempre grande rival, a pobre abandonada com sua vergonha e remorso. Depois aquele casamento feliz da filha dela, a existencia burgueza igual entre os pequenitos, Camila e Camilo, numa paz enorme, formava o contraste mais acirrante com o seu ninho tragico. Desesperava-se; condenava-a mais do que o destino. Ninguem daquela familia acorrera a Seide a beijar o suicida; tampouco aparecera no cemiterio e o genro — o rico Carvalho da Restauração — tendo enviado uma pequena corôa de dalias e lilazes, mandara um estranho representá-lo no funeral. Subira mais a sua raiva, desenvolvera-se intensamente o seu desejo de molestar quem afrontava a sua infelicidade, o seu ciume e o seu orgulho. Parecia não valer nada para o venturoso par desde que o marido fechara os olhos. Chegaram-lhe, ainda, rumores de acusações; culpavam-na, vinham enredá-la numa intriga. Não lhe perdoavam o ter deixado o revolver ao alcance da nervosa mão do desditoso. Insinuava-se que o quizera vêr morto para socegar em seus tormentos. Ignoravam a substituição dos projecteis e não ocultavam suas arguições. Talvez que D. Bernardina Amelia jámais tivesse proferido semelhantes palavras, todavia, atribuiam-lhas e Ana Placido — no seu calor de vingança — escrevera e mandara Nuno assinar um folheto, no qual tratava a nascida de Patricia Emilia de suposta filha do glorioso romancista. Explodira, enfim, o seu gravame de tantos anos, a sua acumulada ira. Diluviara sobre a enteada uma cachoeira barrenta. Proclamava descendentes do genio só os seus filhos e, envergando o grande luto, partira para Lisboa, no começo do outono, a requerer o emprego de Nuno.

A capital, sob o solsito loiro, via redemoinhar as folhas arrancadas aos arvoredos. Como no tempo em que vivera ali com o amante, Ana Placido, enchia-se de sublimidade da sua gloria e passeava a vista sobre os logares onde ele, a seu lado se orgulhara tambem por outonais dias doirados de luz e sobre o atapetado dos, folhedos caducos, decrepitos.

«Tinhas razão Ana Augusta — escrevera no seu *Diario* — eras grande aos teus proprios olhos porque te enobrecia e se refletia em ti um pouco da grandesa do homem que te levava a seu lado!»

Ele, porem, não passava duma vaga sombra e não se assinalava uma forte razão para acorrerem a saudar a herdeira de seu nome. Tudo mudara.

Faltava-lhe uma fortuna solida, a que os editores tinham amontoado sugando o talento, vampirisando o cerebro do lutador e, sobretudo, falhara a presença dele que outrora gerara ídolatria e maiores invejas com sua capa romantica e levando ao lado mulher tão linda.



Facsimile duma carta de Ana Placido dirigida a Thomez Ribeiro

Não pensava nas desilusões; imaginava voltar triunfante como se conduzisse pela mão o cego genial coroado de louros.

O dr. Antonio de Azevedo Castelo Branco, na sua secretaria da Penitenciaria, reprovara, com o irmão José, aquela campanha contra a filha de seu tio; não gostara da vinda da viuva a Lisboa a procurar um impossivel, a chefia duma repartição de Caminho de Ferro de Minho e Douro, para seu primo ignorante; aconselhara-lhe a saída para o norte antes de chegar a decepção, e, ela decidira-se, teimosamente, a ficar, a levar a certeza do emprego para o Nuno, arrimo de três pequenitos e duma mulher. Defendia-o. O pai assim o quizera, recomendara a sua assistencia até à hora da morte.

Via Lisboa como a do tempo do seu amor a abrir-se-lhe em venturas com as venias, os elogios, as admirações dos luminares, dos politicos, das celebridades.

Da rampa de Campolide para S. Sebastião alastravam-se os antigos campos, hortejos e quintas vastas ao som remoido das noras, terras negras revolvidas aguardavam as chuvas para a germinação e na orla da campina extensa até ao Arco do Cego, mal semeada de barracas, branquejavam os muros da barreira até às azinhagas de Arroios que seus olhos nem adivinhavam na lonjura. Que tempo de enganosa felicidade aquele que por ali passeara com seu amor! Falavam da sonhada gloria dele, levavam, como um guarda o Terra Nova, de olhos inteligentes e que ante os amos sentados no cruzeiro, se estendia, com a cabeça entre as patas, piscando os olhos à luz, amodorrado, feliz.

Era na sua lua de mel proíbida, pecaminosa.

Ele tinha ciumes. De quê? Grande Deus, de quê?

Daqueles a quem chamava irmãos: de Julio Cesar Machado, de Vieira de Castro; dos outros que o admiravam, das visitas das casinhas do Arco do Cego e do Salitre. Sentira zelos. De quem? De quê?

De sombras que o eram para ela já então; de homens que a fatalidade espreitava. Pobre suicida! Pobre degredado!

Como tudo ia longe e se amarfinava do tom das velhas coisas!

Só a cidade vivia intensamente, se alindava como a querer matar-lhe nos olhos a beleza das suas velhas recordações. Transformava-se; alargava-se; uma enorme avenida se abria até à quinta do Retrozeiro na qual habitara, onde o romancista já cego disparara o tiro experimental quando sua desesperança se acentuara. Esvasiara-se o quartel dos caçadores; pelo vale imenso equilibravam-se esqueletos de predios, entre os morros do Castelo e de S. Pedro de Alcantara. Trechos da cidade antiga surgiam na vertente, telhados rebrilhavam, e o Tejo, sereno e doirado, parecia não ter mudado naquele seu angulo sedoso, calmo, azul.

Passara a excitação patriotica do *ultimatum*; os lisboetas mostravam-se acalmados na volubilidade de sempre; a Arcada enchia-se de pretendentes e pelos seus lagedos frios a viuva de Camilo arrastou tambem a cauda do seu vestido de luto.

Recebida nos primeiros dias com promessas, principiara a sentir as demasias da sua insistencia. O ministro acabara por não estar na secretaria porque lhe parecia

um exagerado compromisso entregar cargo de responsabilidade á incompetencia do pretendente. Ele não podia fazer o milagre apetecido e, a mãe de Nuno, no ardor da derrota e da chaga do seu orgulho, capitulava o poeta de falso e de se ter fingido amigo de Camilo só durante a sua vida. Oh! o ingrato! o grande ingrato!

E nada via alem da semi-recusa marcada nessa ausencia propositada ou fingida; julgava todo poderoso, o pobre ministro constitucional. Abalou da cidade sem lhe, acenar com o seu lenço, como outrora, sem lhe enviar o seu penoso adeus:

«Como és formoso meu saudoso paraiso!»

Mergulhada no desespero e na colera, envolta nos seus crepes, tomou o comboio vendo tudo tão negro como os trajos da sua viuvez.

Oh! esses amigos do marido! que diferentes lhe pareciam!

De Tomaz Ribeiro, que imaginara não a querer servir apesar do que julgava ser a sua omnipotencia, descrera; levava-lhe mais a mal o gesto que o de Freitas Fortuna, ao intercalar na conta dos funeraes do grande homem o proprio trem de que se servira.

Chegara ao Porto e todo o fel da sua dôr lhe acudira à bôca em amargos travores. Por aquelas ruas declivosas passara em creança, ouvira os seus pregões, o chiar dos carros, o batucar dos sócos e os pianos, à tardinha tocando a *Casta Diva*. No Jardim de S. Lazaro sonhara como as outras, num ingenuo passeio, a mostrar-se aos galans numa feira em que os preços se ajustavam nos lares; rira e folgara na Cordoaria, e, burguezmente, correra nos arrabaldes, no Candal, em Miragaia em Valbom, nos domingos das franciscanadas das familias de comerciantes. O burgo não se transformara como Lisboa; o teatro de S. João, onde recebera tanto incenso dos olhares, era ainda o mesmo edificio incaracteristico; jà não passavam carroções pelas ruas; trens airosos, puxados por orças, rodavam nos pavimentos novos e as egrejas — Santo Ildefonso, Congregados e Trindade — continuavam a ser os logares de doces devaneios das filhas das suas contemporaneas que nas naves tinham seguido vôos de fantasias. Tambem não mudara a cadeia; a imensa caixa de pedra era um jazigo baforando pestilencias pelas suas janelas. E ali estivera; lá passara mezes infindaveis como o amante em cujo quarto habitava agora Urbino de Freitas no meio do ulular da turba.

Como sofrera nessa terra! Desde a rua do Almada, onde amara, até á Praça Nova onde quasi escutara enxovalhos, do cais da Ribeira, do qual partira em fuga, até ao Palacio de Cristal em cuja visinhança trabalhara, descobrindo aterrada a loucura do seu Jorge, o seu caminho na cidade da Virgem fôra uma trilha de lagrimas.

Todavia, desta vez, Ana Placido, a viuva do genio, viscondessa e celebrisada, teve um melhor sorriso para o Porto, talvez porque chorara muito ao sair de Lisboa.

Entrou em Seide no inverno; sentou-se á banca do suicida, tomou uma das suas penas e escreveu a Tomaz Ribeiro, de arremetida, a desafogar-se, cheia de altivez e emprestando-se um estilo camiliano. Lembrava uma viuva medieval empunhando o montante caído da mão morta do guerreiro seu esposo.

Tornava-se implacavel nessas formidaveis letras acusadoras. (*)

Mostrava o estadista desacordado de suas velhas promessas, olvidado do amigo porque o atleta já não podia defende-lo nem enaltece-lo. Lançava-lhe em rosto tudo quanto a seu favor se fizera desde as criticas benevolas da *Gazeta Literaria* até à confiança depositada em suas palavras, e, exaltadamente, ante o fracasso da pretensão do filho, evocava o gigante morto e declarava escrever em presença de sua sombra e diante do revolver do seu fim tragico. (**)

Gargalhava sarcasmos dum sabor acre, rijo. Imaginar-se-ía que o romancista lhe enviara da campa partidas lousas, pedras para a funda certeira. Vergastava; ferìa. Ingratamente olvidava que devia ao politico a pensão do marido, a do filho e o titulo usado com desvanecimento. Sem aquele auxilio tão solicitado teria sido mais longa a estrada do subsidio e da honraria. Não refletia. Que lhe importava? Era mãe; fôra amante e na hora da morte o seu querido, o seu amado, ordenara-lhe que lhe levasse à beira da sepultura, «os filhos felizes.» Queria cumprir o encargo e a promessa. A carta maguante partiu e o ministro acudiu a explicar-lhe parte da verdade, sem ressentimento, perdoador, compreendendo-lhe as excitações e os melindres. Ao visconde de S. Miguel de Seide faltavam diplomas para o cargo solicitado mas conceder-se-lhe-ía o imediato. Que dissessem se o aceitavam. Apesar de Nuno não ter aptidões, nem mesmo para esse, nomea-lo-ía. Ao primeiro alarme da imprensa atirar-lhe-ía com o nome de Camilo.

Pensaria assim o atormentado e bom poeta ante a objurgatoria. Que respondessem. Servia ao filho de Ana Placido a situação de sub-chefe de repartição, no caminho de ferro do Minho e Douro?

Perdeu-se o orgulho ante a humildade do acusado.

Aceitou-se por comprazer... Ela continuava irritada e balanceando os meios materiaes do filho, vendo-o ainda com bens embora parcos foi talvez, a primeira a aconselhar-lhe que não se remetesse à insignificante categoria que no seu amor de mãe, e na sua altivez de viuva dum grande homem, imaginava sempre inferior, ante o nome herdado pelo pretendente. (***)

Tinham-se invertido as situações dos seus filhos. Agora era o primogenito o protegido, aquele a quem não faltaria cousa alguma pois da pensão se sustentaria; o outro — o antigo rico — tornara-se mais necessitado. Labutava por sua causa,

---

(*) No livro *Trinta anos em Seide*, de D. Rachel Castelo Branco insere-se a carta na integra.

(**) Noticiaram os jornais, quando da morte de Camilo, ter sido levado, por Freitas Fontuna, o revolver com que se suicidara o insigne romancista. Da carta de Ana Placido depreende-se o contrario. É certo que a arma se encontra em poder da viuva do amigo do mestre. Devia ser uma expressão apenas a afirmativa feita a Tomaz Ribeiro de na presença do revolver tragico lhe escrever a sua catilinaria.

(***) Nuno foi nomeado em 13 de dezembro de 1890 sub-chefe de repartição do Caminho de Ferro do Minho e Douro.

Não tomou posse e por isso o demitiram em 3 de Janeiro de 1891.

sentia-o a não poder despegar-se totalmente, de seus velhos habitos e os filhos a crescerem à sua volta.

Nascera um outro, (*) que se batisara de Simão, como o grande e audacioso parente o qual fôra transformado por Camilo no mais ardente amante de Portugal, patria de apaixonados.

Nuno via aumentar a descendencia, amparava-se na mãe, acariciava-a; ao cabo das suas loucuras, conversava com ela, enternecia-se a seu lado.

O desejo maior de Ana Placido consistia em ter ambos os seus rapazes achegados aos seus afagos. Tentou domar os habitos estranhos de Jorge e sentira-o desviar-se, desconfiado, sempre de cabeça baixa como se não quizesse fixar alguem. Perdera as furias e as ancias de matar, as raivas assassinas contra a familia, que o tinham feito desaparecer de casa «fugido ao parricidio» num momento de enorme lucidez.

Não amava o irmão que mostrava largas piedades por ele; concentrava-se e afastava-se muito da mãe como se no fundo do seu torvo desiquilibrio aumentasse o odio ao amor tão funesto dessa mulher ao gera-lo.

Um dia foi beija-lo; recuou, olhou-a bem no fulgor vivo das suas pupilas desvaíradas e, de chofre, repuxou o cuspo e expeliu-lho para a face.

O louco escarrara na fronte materna tomado pelo furibundo pensamento de provir da sua beleza o seu mal de estar no mundo.

Ela encarou-o numa tristeza imensa como se lhe chegasse, a subitas, o remorso de ter trazido no ventre o produto de seu amor de sobresaltos, de desgraças, de desditas. Enevoaram-se-lhe os olhos, e, lentamente, limpara a cara empalidecida.

Daí, por diante, o doido cuspia-lhe a meude e fugia a rir, cascalhando, vingador, instrumento tremendo dum mau fado, no qual, a insultada via o castigador da sua infernal paixão.

Dedicou-se, então, aos netos. Volveu para eles os seus afagos essa amorosa sedenta de se dedicar a alguem, e ora na sua casa, ora na de Nuno a ninhada a cercava, gulosa e meiga, cheia de graça, papagueando na roda do seu vestido preto.

Quando chegou o primeiro aniversario da morte de Camilo ela escreveu a sua derradeira prosa assinada na qual contava como o mestre traçara e lhe lêra a ultima produção de sua pena, a poesia aos filhos dedicada.

A morgada minhota consagrara a gloria enorme de sua herança.

Por vezes fechava-se no seu quarto e punha-se a recordar o passado lendo cartas antigas, remexendo velhos originais do marido. Brincava com as creancitas. Ali ficara na terra, para onde a tinham levado, quando noiva, como uma princezinha conduzida à caverna dum ogre. A sua unica distração era o charuto perfumado de que não se desabituara.

Dobaram-se mais umas lindas primaveras retintantes de gorgeios e enseivadas, verde a terra, anilado o ceu; vieram verões em bafos ardentes, alegres de canti-

(*) Nasceu em 6 de junho de 1891.

gas nas desfolhadas e suores de trabalhadores regando as leivas; outonos mornos, soltando dos troncos as velhas folhas e avivando os brazeiros; invernos furiosos deferindo gemidos dos pinhais, despejando neve a vidrar os caminhos e fervendo os vinhos nas adegas.

Ana Placido ia passando no alinho, a vida simples entre a familia e as saudades.

As homenagens ao genio do seu querido suicida faziam-na vibrar embora fossem longiquos ecos da grande retumbancia que seu nome alcançara. Pouco mudou sua existencia no decorrer de quatro anos calmos na aparencia, maguados em seu intimo meditar.

Quando chegou agosto, em 1895, Nuno teve a veleidade de possuir um semanario e ela, como se o filho fosse ainda creança, fizera-lhe a vontade; tirara das gavetas autografos de Camilo e seus, um romance antigo que assinara e o *Leme* — assim se chamava o jornalsito — apareceu como um brinquedo doado pela mãe estremosa. Jorge atulhava-se de rapé e enclausurava-se. Dormia às vezes na casa do irmão. A viuva não abandonava a moradia celebre; deitava-se na cama do esposo sem almofadas, de cabeça baixa, fazendo ainda uma cóvinha no travesseiro para poder dormir, segundo o seu habito, com os pés mais altos do que a cabeça. Fumava cada vez mais e uma grande tosse a sacudia por vezes. Entretinha-se a lêr mas preferia conversar, muito interessada nas intrigas da aldeia, como se tivesse ainda que fornecer entrechos para as novelas camilianas.

Naquele começo de setembro — o mês de seus anos — andava em arranjos a casa de Nuno e a sua gente residia na da viscondessa que gostava muito desse contacto com os pequenos, com a Rachel, sobretudo, que era a sua querida, a companheira de seu leito. Confidenciava largamente, com D. Ana Correia; enchia os pequenitos de gulodices que a Felicidade, a sua serva, ia buscar a Vila Nova muito a meude e entre os respeitos da aldeia, as suas lembranças e os seus desgostos ia velando pelos filhos que apesar de homens, bem careciam de seu braço: ao *faia* como o pai chamava a Nuno, emprestava-lho para o deter; ao mistico, como designava Jorge, estendia-o para lhe dar arrimo mesmo sob os seus escarros despresadores.

Ao rosear da manhã, em vinte desse setembro ameno, uma semana antes de Ana Placido completar os seus sessenta e quatro anos, a Felicidade avisara D. Ana Correia da chegada dos pedreiros à sua residencia para continuarem os trabalhos. Entregara as crianças á creada e partira pelo largo do Cruzeiro.

A viscondessa dormia no seu leito com a cabeça baixa. Camilo, o pequenito neto, aproximara-se em busca das gulodices mas voltara correndo afflitivamente, a gritar:

— A avó... a avó... a avó... Está aflita... a avó...

A vigilante acorrera rapidamente, alarmara tudo, atraira gente. A viscondessa quizera ainda soerguer-se mas deixara cair desamparadamente a cabeça, com um suspiro, coando pelos labios longos fios vermelhos. Vencia-a a «angina pectoris». A grande amorosa morria pelo coração na cama onde dormira o amado, o bem querido, que se confessara seu verdugo, ao qual dissera, havia quasi quarenta anos:

«Camilo Castelo Branco, a posteridade irá olhar com respeito a campa da mulher que tu choraste!»

E a campa ia abrir-se.

Levantara-se um grande rumor; os pequenitos, a Rachel, tão querida da avó, Flora, Nuno, Simão e Manuel, foram metidos num quarto e distribuiram-lhes muitos doces para que não chorassem.

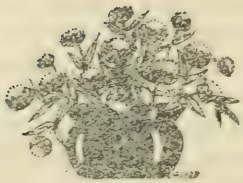
Abrira-se lindo o dia e adiantara-se ainda mais belo. Nos campos, entre os milharais altos, dobravam-se vultos na labuta, a linha verdejante dos pinhais perfilava-se, na serenidade da luz, queda, hirta, guarda de honra dalguma mesnada doutras idades vegetalizada nos baixos das velhas pedras de Vermuim. Alastravam-se as culturas sob as uveiras de bagos maduros; o Pele deslisava manso na moldura florida das suas margens. A aldeia guardava a meiga paz dum pobre cantinho do mundo habitado por gente simples, e lá, em cima, naquela casa de lavrador minhoto, igual a tantas da provincia, a infortunada que ajudara a celebrizá-la estava como a dormir no seu catre a cuja cabeceira chorava uma serva chamada Felicidade.

Os grumos de sangue que lhe brotavam dos labios eram a unica tinta capaz para se escrever a sua tragedia, finda na calma de Seide, pertinho de criancinhas em brinquedos, no declinar do setembro de suas grandes desditas e que lhe dava agora a primeira ventura.

Do pateo, a acacia de Jorge estendia os ramos para as janelas como anciosos de apertarem, na contorcida convulsão duns braços loucos, maguantes, o corpo de Ana Placido no seu leito de morte.

ESTORIL

Setembro a Dezembro de 1924.



DOCUMENTOS

DOCUMENTO A

Certifico que do livro competente de registos da Repartição a meu cargo a fols. 38, consta um do teór seguinte:

Manuel filho legitimo de Antonio Pinheiro Alves e Ana Maria Machado do lugar do Souto desta freguesia de S. Miguel de Seide neto paterno de José Pinheiro Alves e sua mulher Custódia Francisca esta natural do Salvador de Ruivães e aquele desta freguesia de San Miguel de Seide e materno André Machado e de sua mulher Josefa Alves esta natural de Santa Maria Guadizela e aquele de San Tiago da Carreira nasceu aos vinte e três dias do mês de Abril do ano de mil oito centos e sete e foi batisado solenemente com imposição dos Santos Oleos por mim José Pinheiro Viana Vigário desta freguesia aos vinte e seis do dito ano Fôram padrinhos Manoel filho de João de Araujo do lugar de Oriz da freguesia de Salvador de Ruivães e Joana filha de Antonio Sampaio do lugar do Ruivães da mesma freguesia, os quais todos reconheci serem os proprios. E para constar faço êste assento que depois de ser lido e conferido perante os padrinhos termo que assino no mesmo dia deste batismo. O Vigario José Pinheiro Vieira.

DOCUMENTO B

REVISTA DO PORTO

Compor de elementos indigenas uma revista do Porto — cousa que mereça o riso obsequioso duma senhora — não é tarefa para genios vulgares.

O Porto é o mesmo em todas as semanas: tristemente severo no seu aspecto, protesta contra a literatura dos folhetins; nega-se a toda a definição scientifica, e consente apenas que o simbolisem com uma saca de arroz e um costal de bacalhau.

. . . . . .

Com o furor da poesia velo o furor dos casamentos. O coração da mulher actual está emancipado logo que se habilita para o comercio dos amores. As leis favorecem o casamento judicial, independentemente da vontade de pai ou mãe. Direitos da familia — prescreveram. Hoje é mais facil casar, que fazer a passagem decente dum escritinho à futura esposa.

Preço dum casamento:

Uma sege	1.920
Meia folha de papel para requerimento	40
Uma dita para duas certidões de idade	80
Meia dita para procuração bastante da menina	40
Licença para casar sem banhos	6.000
Citação às partes renitentes, pouco mais ou menos.	480
Soma	8.560

. . . . . .

Esta quadra, tão abundante em casamentos, aos olhos do filosofo, revela um segredo de fisiologia social. Já não se disfrutam esses namores típicos, friamente logicos, e prolongados.

O espirito concebe, e executa; afeiçoa-se, e atinge logo o alvo a que aspira, casa-se. Com o casamento do espirito vem certas contingencias organicas, que decidem da existencia inteira de dois individuos. Na eternidade deste cativeiro, não ha rompimento possivel sem vexames, e denuncias de misterios de familia: e então — é menos vergonhoso e mais doloroso a mulher escravisada, ou ao homem arrependido, deixar-se estar para aí, simbolisando aquele martirio que um tirano da antiguidade dava aos seus escravos, amarrando-os a um cadaver

Estas linhas, pretenciosas de seriedade, suscitou-nos a lembrança de uma mulher que, na semana passada, se enforcou pelo mau tratamento que o marido lhe dava. Era mulher da baixa sociedade; — não tinha a civilisação necessaria para uma gloriosa desforra.

Camilo Castelo Branco.

(Do *Nacional* de 7 de Janeiro de 1850)

DOCUMENTO C

REVISTA DO PORTO

Que é o Porto?

Não deparei ainda com esta pergunta filosofica e de rigorosa necessidade no formigueiro das cronicas e revistas, que ressaltam, «luxuriosas de vida e esperança», dos tipos para os botequins.

Que é um caixeiro sem uma luva amarela? O que é uma revista do Porto sem uma definição do Porto?

Nada — Um trabalho sem lucro; uma obra caduca — efemera e morredoura — uma incoerencia literaria e artistica — uma pobresa de genio — uma desarmonia.

Então — que é o Porto?

O Porto é a tabua da lei das quatro operações aritmeticas. É uma grande tabuada, levada ao infinito da multiplicação das casas. É o dous e dous são quatro, convertido no balcão do «probo» e «honradissimo» bacalhoeiro em dous e dous são cinco. É o harmonico burguezismo de miriades de casas todas tipicas, identicas e como o total de covados aferidos e carimbados no Municipio da cidade da Virgem. É o carroção de Manuel José de Oliveira. É a companhia do Alba — cosido com o sr. Galliani, e a sr.ª Gambardella, e os despeitados da sr.ª Gambardella. É o teatro de Camões com o seu Zacarias — o avarento. É uma senhora de distinção vinculando a aria do Attila à sua laringe, aliás preciosissima. É o administrador do concelho prendendo, e enviando para o Carmo, dous... o quê?... dous senhores que pateavam um cantor. É o Braz Tizana do «Pobres». É a «Maria não me mates, que sou tua mãe». É a Cantiga do Passarinho e o Testamento do Galo a gemer pela vigesima vez nos prelos incansaveis. É a cosinha dos herdeiros do chapelinho a crepitar de sardinhas fritas, toda ela uma alface, e tudo isso para honestissimas familias do gordo e serio mercador de figos do Algarve, baçouras e abanos, que leva ao domingo de tarde a muito copiosa e enfesada prole a espairecer fóra da cidade. É a matrona, casada de fresco, que vai ao teatro de mantilha, que a depõe ao baixar do pano, para, em completa harmonia conjugal, devorar o nedio coixão de carneiro, fumegando odorifero açafrão dentre o corpulento bojo de uma caçarola de arrôs de forno. É o riso escancarado de uma plateia inocente que palmeia alegre um equivoco imundo das Luvas Amarelas. O Porto é tudo isto e ainda mais.

Dito isto, e para que ninguem possa alegar ignorancia, cumpre saber que aqui — tudo o que não fôr isto, é alvo de sátira traiçoeira, suja e mal-amanhada; e, se tem a franqueza de prestar consideração a esta estupidez orgulhosa, é posto à irrisão dos linheiros, e dos pregueiros, e dos outros todos que passaram do soco de Guimarães, e da jaqueta de ganga para o casaco de veludilho e chinela de ourelos.

São como os corcundas da fabula indiana.

Ha uma região no mundo onde todos os homens são corcundas, pecos e desastrados. Naufragara, não sei em que mares, uma jangada de homens europeus, um dos quais, agarrado a uma tabua, foi cuspido pelas ondas na praia dos corcundas. Subitamente cercaram-no os indigenas, miraram-no desde as unhas até aos cabelos, e desandam numa risada estrepitosa de mofa e despreso. O peregrino enfiara com a maneira desairosa por que o recebiam, quando um dentre os indigenas assim fala a seus irmãos:

— Ora sus, gente folgazã! Não zombeis do aleijão desta criatura! Já que a providencia nos fez tão gentis, sãos e escorreitos, em vez de caçoarmos este pobre aleijado, vamos ao templo erguer fervorosas graças.

E foram, porque emfim seria uma desgraça de Deus que eles nascessem aleijados como o europeu belo e elegante de que resa a fabula.

Ora vós, gente rude e incapaz do verniz da civilização, sois como os corcundas da fabula indiana. Entre nós quem quizer o fôro de cidadão ha-de apresentar documentos autenticos pelos quais se prove que seu visavô veio para esta cidade com uma broa e meio presunto no saco, escarranchado sobre dous costais de castanholas, mimoso cadeau para o patrão da loja.

Item — que seu avô teve uma loja de fazendas brancas, foi irmão da irmandade do Carmo, irmão benemerito da misericordia, e vestiu vinte anos balandrau para pegar às varas do andor de Nossa Senhora.

Item — que seu pai exercera, honrosamente e sem vergonha do mundo, o seu honestissimo mister de negociante de quatro portas abertas, afóra alguns postigos, por onde entravam os contrabandos. Que sua mãe fôra uma gorda e boa mulher que escoara uma existencia de oitenta anos dando passagens nas meias do marido, sergindo fundilhos nas calças do caixeiro e sorvendo a sua pitada de simonte no fim de cada estação do seu rosario de contas de azeviche.

Provado isto, na praça do comercio, outro sim, que o apresentado em tribunal de grossas materialidades, nunca teve pacto com livros ou romances, nem sabe francês, nem mesmo sabe escrever o seu nome

com ortografia — o genio da estupidez, presidente da assembléa, decide, vota e abraça o suplicante como um pedaço seu.

O burguez assim constituido joga o Voltarete e o Boston e o Wiste. Tem um cavalo, que monta, contra todos os costumes. O cavalo sofre-o; reconhece a sua superioridade — mas vai!... É Eneas e seu pai Anchises (?). São sentimentos humanitarios. Notem, porem, que o pai dessa criatura (não individualizo) tambem jogava e cavalgava. Jogava a bisca de três, o truco, o trinta e um e o burro. Montava o macho do almocreve quando, pela festa, ia visitar a familia, armado de uma pescada, um bacalhau de oito arrateis e uma ceira de figos de comadre.

Tudo isto é verdade.

E é por isto mesmo que o Porto, espremido desde o vasto estabelecimento de Simão Duarte de Oliveira até ao taboleiro de lumes prontos e reportorios do garoto da Porta de Carros, não transpira uma revista Nos bailes está a filha do burguez, tipo degenerado de espadaùda minhota a fingir-se de compleição nervosa e estremecida. No teatro é a mesma mulher, sempre deslocada, artificial e sonolenta. Na missa dos Congregados é a beata que pretende alinhar-se com um relicario Angelico, meditado, decorado e repetido em casa pela mãe com varias explicações ricas de erudição das Horas Marianas.

Camilo Castelo Branco

(*Nacional* de 25 de Fevereiro de 1850)

DOCUMENTO D

A BARCA LINDA

(*Ao sr. Antonio José Placido Braga*)

Linda! surge . . . surge orgulhosa
Como a donzela formosa
No centro do seu roval;
Como a estrela que sosinha
Lá no ceu — como rainha —
Alumia Portugal

E's tão linda, como é linda
Essa luz do céo infinda
Que no céo vejo luzir:
E's mais linda, mais luzente
Que a rosa resplandecente
Que vejo brilhar — sorrir.

As aguas do patrio Douro
Gosam já o teu tesouro
Espelham o teu fulgor;
Mostram com gosto infinito
O seu bojo tão bonito
Sem rival em resplendor

Tu vais como o peregrino
Seguir o novo destino
Que a sorte já decretou:
Afirmo que o teu futuro
Ha-de ser — por Deus o juro —
Qual a mente mo pintou.

Surgirás formosa e bela
Nessas noites de procela,
Vencerás negro tufão;
E sobre as ondas rolando
Nas aguas virás voando
Em manhã de viração.

Os brindes, foram muitos os que se fizeram ao sr. Antonio José Placido Braga, ao constructor, e a seu filho o joven e talentoso Varetinha, etc. Ainda se fez outro que mereceu especial atenção. O sr. Bernardino Joaquim de Azevedo propoz uma saudação ao capitão da «Tentadora», como dono da «Flora», que naquela mesma ocasião devia ter caído do estaleiro do Ouro, nas aguas do nosso rio — desejava — dizia o sr. Azevedo, que o sr. Emidio J. de Oliveira fosse tão feliz com a sua «Flora» como ele o fôra com a sua «Linda». Deste nobre sentimento todos partilharam, e a saude foi bem acolhida.

(*Nacional*, 22 de outubro de 1850)

DOCUMENTO E

CAMILO E O SEMINARIO

É o ilustre Vice-Reitor do Seminario Episcopal da cidade da Virgem, Sr. Dr. Antonio Ferreira Pinto, bacharel formado em Teologia, orador de raros meritos, bom e generoso, quem me recebe contente e elucida quando mostro o desejo de consultar o arquivo do Seminario, para averiguar alguns instantes da vida de Camilo.

— Não ha — diz — arquivos desses tempos. Como sabe Camilo esteve de facto no velho Seminario que ficava além, na margem do Douro, onde, de ha muito, está o Colegio dos Orfãos . . . Não ha arquivo, pois, como sabe, Camilo esteve no Seminario nos anos de 1851 a 1852. Mas, dê-me licença; vou mostrar-lhe, alguma cousa interessant , relativamente ao romancista, e que nesta casa existe..

Ao voltar, passados instantes, estende-me um livro, em oitavo, pautado. A letrinha meúda que o enche até meio, em metodicas colunas, tomou se daquela côr terrosa que vem do tempo. Folheia-o, sorrindo sempre:

— Aqui tem.

Em cada uma das suas colunas o livro relembra;

«22. S. Camilo Castelo Branco. Filho de Manuel Francisco Botelho, Santa Justa. Lisboa »

Na pagina fronteira:

«25 anos»

Na casa relativa a faltas;

«48 »

No final da pagina:

«Não teve nota final de apuro.»

Por baixo:

«Não pagou ao professor.»

Sorri o sacerdote ilustre e mostra, à margem, a toda a altura da pagina, estas linhas.

«Por portaria do presidente do Conselho de Ministros (é ao Duque de Saldanha que se refere), de 23 de Maio de 1852, foram dispensados os actos aos estudantes por motivo de vir a Rainha ao Norte.»

E ao fundo:

«Camilo Castelo Branco pediu ao seu professor que, por favor, lhe desse uma certidão oculta com a nota M. B. (muito bom.)»

É tudo.

Foi professor do Mestre o Rev.º Antonio Roberto Jorge, egresso beneditino e Conego Capitular que faleceu a 2 de fevereiro de 1883, legando donativos às Ordens do Porto para sermões quaresmais e patrimonios aos ordinandos.

Era seu o livrinho precioso que vive em minhas mãos. A primeira pagina tem esta dedicatoria:

«Ao seu muito respeitavel e venerando amigo, Rev.mo Manuel Ferreira Coutinho de Azevedo, Abade do Bomfim

oferece esta preciosa joia, herdada entre os livros do Rev.mo Padre José Ribeiro, com testemunho de muito afecto:»

Era o livrinho do Conego Roberto Jorge, professor de dogmatica do velho Seminario. As suas notas vão de 1840 a 1876.

É joia preciosa, em verdade, o livrinho que o ilustre sacerdote, Sr. Dr. Ferreira Pinto honra da Egreja, se dignou mostrar-me. Ao agradecer, recordo o seu nome, a todos os titulos querido e ilustre.

(Mario Carregal — (Entrevista especial para este livro.)

DOCUMENTO F

(COMUNICADO)

Sic transit gloria mundi!

Longe de nós entreter a consternação em que o sinistro do vapor «Porto» que teve lugar no aziago dia 29 de março veiu abismar toda a cidade! desgraçadamente despertada pelo doloroso e compassado aparecimento das vitimas da procela, do desgoverno, da ambição e da impericia! . . .

Impressionados por causa de recordações tão funebres, usaremos de maior lenidade, deixando aos tribunais a punição, e à opinião publica reprovação dos que por omissão teem parte no tragico sucesso, que levou a tantas familias o luto, a viuvez, a orfandade e a miseria . . .

Mas quem diria que a par de tantas lagrimas, e de tanta desolação se destacaria uma senhora de quem se deveria esperar virtude e religião, indiferente e desapercebida dos mais sacrosantos deveres, contente e risonha, fazendo gemer as ruas com os seus trens de luxo e gala nos momentos de angustia, em que seu filho chora amargamente a morte do desgraçado pai de sua mulher, o honrado e bemquisto sr. Antonio José Placido Braga . . a lembrança deste excelente homem nos faz caír a pena . . . e nos submerge no mais profundo sentimento, tão iminentes eram as suas qualidades como pai de familia!

Duvidamos sempre que a sua sordida, e usuraria pertinacia fosse alem da campa, e de uma campa aberta por um sucesso que pungiria na alma o mais carniceiro scelerado!

Mas quando contavamos que ela voaria a enxugar as acerbas lagrimas da desventurada viuva, e das tristes orfãs, arrependida e chorosa por ter parte na desgraça desta inconsolavel familia, pois como é sabido, o sr. Placido só o levava a Lisbôa defender-se do recurso que a sr.ª D. Antonia interpoz, e cujos fins rafeiros ou gafeiros nos são conhecidos . . .

Bem longe desta expectação vemos que ela ficou dura e queda como um penedo.

Deferencias intimas nos impoem indulgencia. aliás retractariamos em sudario sangrento as impressões que tem geralmente causado proceder tão insolito e ferrenho!

Quem acreditaria, que uma senhora tão depressa esquecera a dôr que sente quem perde o esposo . . . e que uma viuva e mãe seria capaz de manifestar-se assim . . quem não esperaria que ela abrisse o seu coração ao carinho maternal afagando seu filho, que jovem ainda, sem as lições e os desenganos do mundo se acha hoje sem o seu digno sogro; de quem tudo para seu bem podia esperar! É assim que uma mãe cumpre o seu ministerio cá na terra, o mais semilhante ao da divindade no ceu?

(1.ª pagina do *Nacional* de 7 de abril de 1852)

DOCUMENTO G

Certifico que do livro respectivo, e relativo aos Baptisados n'esta freguesia da Victoria, concelho e diocese do Porto, a folhas oitenta e sete, verso, se encontrou um assento, cujo theor é o seguinte: «Manoel, filho legitimo de Manoel Pinheiro Alves, e de dona Anna Augusta Placido Pinheiro Alves, moradores na rua do Almada, desta freguesia da Victoria, neto paterno de Antonio Pinheiro Alves e de dona Anna Maria Machado, naturais da freguesia de S. Miguel de Seide, arcebispado de Braga, e materno de Antonio José Placido Braga, natural de Braga e de dona Ana Augusta Vieira Placido, natural desta cidade do Porto nasceu no dia onze de Agosto de mil oitocentos e cinquenta e oito e foi solenemente baptisado n'esta Egreja da Victoria por um abaixo assignado no dia 6 de Outubro do mesmo anno. Foram padrinhos Placido José Vieira, e representou por seu bastante procurador n'este acto o Ex.mo Snr. Antonio Bernardo Ferreira, e madrinha a dona Maria José Placido, tios maternos do baptisado, residentes n'esta cidade do Porto. E para constar mandei fazer este assento que com as testemunhas assignei. Era ut supra.

O Coadjutor Antonio Manuel de Andrade. O Padre João Diniz, João Antonio Fernandes.» Copia fiel

DOCUMENTO H

Avelino Ferreira de Sousa, amanuense-paleógrafo do Arquivo Naciona da Torre do Tombo, em comissão de serviço no arquivo dos Registos Paroquiais, Registo Civil, e no impedimento do respectivo Director:

Certifico que examinando os livros dos Registos da freguesia de Nossa Senhora da Ajuda, da cidade, concelho e distrito de Lisboa, existentes nêste Arquivo, a fôlhas número cento e cinquenta e nove, verso, do livro número catorze do registo de nascimentos, respeitantes aos anos de mil setecentos e oitenta e seis, encontrei um assento do teor seguinte. . .

Aos dous dias do mez de Mayo de mil e sete centos oitenta e quatro, poz os Santos Oleos o Reverendo Padre Cura João Domingues Chaves a Simão, o qual foi baptisado em casa *emperigo* de vida (sic) pelo Reverendo Frey Antonio de Sam Plagio Sacristão Mór do Convento dos Religiosos da Boa-hora, filho Doutor Domingos José Correia Botelho, e de sua mulher Dona Rita Thereza Margarida Castelo Branco. recebidos e maradores nesta freguezia; forão padrinhos o Sargento Mór Simão Martins e Dona Rita Joaquina Rosa; por seu procurador seu filho José Antonio Martins todos moradores nesta Freguesia no Paço Velho.

O Prior Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo.

Nada mais se contem no referido assento que para aqui trasladei e é cópia fiel do original a que me reporto.

Lisboa, e Arquivo dos Registos Paroquiais, Registo Civil, em 6 de Agosto de 1924.

PELO DIRECTOR
O amanuense paleógrafo
Avelino Ferreira de Sousa

DOCUMENTO I

Não se chamava Gastão Vidal de Negreiros o meu amigo que, ha quinze ou mais anos, vv. ex.as, que já hoje são avós, tambem conheceram com um nome bom para romance de amores e uns apelidos heraldicos que não eram aqueles.

Foi um dos vinte gentis cavaleiros que passeavam as ruas e festejavam as janelas do Porto, que sem hiperbole chamariam poetas, naquele tempo, a cidade dos anjos.

Donosissima geração de mulheres alumiou o sol de ha vinte anos! Quem diria que o adelgaçamento da raça, no lapso de um quarto de seculo, operaria a transformação da beleza, tirando à flôr da viega o viçor aveludado em troca do palido esmaecido da flôr de sala!...

Não me tomem isto à conta de desdem da formosura que hoje faz e desfaz corações; antes mo relevem como achaque dos anos, manha antiga de se estar a gente a rever nos olhos de onde lhe vinha o calor da alma, quando ela tirita de frio sentada às portas algidas da eternidade. E, às vezes, em que estado a gente vê os tais olhos onde os jardins do paraizo se lhe espelhavam! Aquelas lagrimas a tremeluzir como perolas no que se converteram!... Excreções nocivas que a mão tremula e averdogada — mão que beijamos com respeitosa ternura — está agora combatendo com a pomada anti-oftalmica da viuva Farnier.

Camilo Castelo Branco
(*Gazeta Literaria do Porto* — 6 de Janeiro de 1868).

DOCUMENTO J

Terceira Conservatoria do Registo Civil da cidade do Porto. — Certifico que no livro de registos de casamento do ano de mil oitocentos oitenta e oito, do arquivo paroquial de Santo Ildefonso, desta cidade, em poder desta Conservatoria, a folhas vinte seis, se encontra o registo do teor seguinte: «Numero vinte e cinco. Aos nove dias do mez de Março do ano de mil oitocentos oitenta e oito, nesta de Santo Ildefonso, da cidade e diocese do Porto, na minha presença compareceram os nubentes Camilo Castelo Branco, visconde de Corrêa Botelho e D. Ana Augusta Placido, os quais sei serem os proprios com licença para recebimento e com os mais papeis do estilo correntes, e sem impedimento algum canonico ou civil para o casamento; êle de idade de sessenta e um anos, viuvo de Dona Joaquina Pereira França, natural da freguezia dos Martires, da cidade e diocese de Lisboa na qual foi batisado e morador nesta freguezia de Santo Ildefonso, filho de Manuel Correia Botelho Castelo Branco, natural de Vila Real de Trás-os-Montes e de mãe incognita e ela de idade de... anos, viuva de Manuel Pinheiro Alves, natural, batisada, moradora na rua de Santa Catarina, desta freguezia, filha de Antonio José Placido Braga, natural de Braga, e de Dona Ana Augusta Vieira, natural do Porto, os quais nubentes se receberam por marido e mulher, e os uni em matrimonio, procendendo em todo este acto conforme o rito da Santa Madre Egreja Catolica Apostolica Romana. Foram testemunhas presentes, Doutor Antonio Alves Mendes da Silva Ribeiro, conego da Sé do Porto, Doutor Ricardo de Almeida Jorge lente da Escola Medico-cirurgica do Porto e Joaquim Ferreira Moutinho, casado, capitalista, moradores e primeiro e o ultimo nesta freguezia, e o segundo tambem casado, morador na rua do Almada, freguezia de Cedofeita, desta cidade, e João Antonio de Freitas Fortuna, casado, negociante, morador na Ramada Alta, da mesma freguezia de Cedofeita. E para constar, lavrei em duplicado este assento, que depois de ser lido e conferido perante os conjuges e testemunhas, assino com todos. Era ut-retro. Visconde de Corrêa Botelho, Ana Augusta Placido, Antonio Alves Mendes da Silva Ribeiro, Ricardo de Almeida Jorge, Joaquim Ferreira Moutinho, J. A. de Freitas Fortuna, O abade Domingos de Sousa Moreira Freire.

O referido é a copia fiel do original a que me reporto. Porto e Terceira conservatoria do Registo Civil aos vinte e quatro de maio de mil novecentos e vinte e quatro.

O ajudante da Conservatoria,
Alberto Cardoso Guimarães

INDICE DOS CAPITULOS

I — AURAS ROMANTICAS — O Porto de ha 75 anos — Positivos e Quimericos — O «Palheiro» — Conflitos de duas sociedades — As torturas dos bailes — Os intelectuais e seus «anjos» — Uma visão de Camilo Castelo Branco — A familia Placido — Quem era Manuel Pinheiro Alves — «Brasileiros» e poetas 5

II — PROSA DAS RIMAS — Ao despertar do romance — Os Browne — Correspondencia em versos tetricos — Camilo e o suicidio — A critica ao Porto — Desafios e vergastadas — O noivado de Ana Placido — O dote da mais bela Portuense — Um Outeiro em S. Bento da Ave Maria — O destino da Barca «Linda» 23

III — RELIGIÃO DOS CORAÇÕES — A casa de Seide — A paisagem e o sonho — Brados sem socorro — Boemia Portuense — Duas «sórores» — Amores sacrilegos — Camilo e o insultador — O cão «Martirio» — O poeta e o seminario — Preces e visões. 43

IV — DESTINOS DE TORMENTAS — Naufragio do vapor «Porto» — Morte do pai de Ana Placido — Ferreirinha da Regua e a catastrofe — Ardimentos de Ricardo Browne — Duelo de Camilo — Defeza do conde de Bulhão — Como os versos vencem — Uma personagem traçada em varios livros — «Poesia ou dinheiro» — «Mentidas como a onda» 61

V — MAL DE MUITO AMAR — Ardis amorosos — O mais feio dos namorados — Um irrequieto na paz dos montes — O novo amigo de Camilo — Tragicos confidentes — sombras do Bom Jesus — O filho de Ana Placido — No começo do escandalo burguez — Um grito de amorosa — Beijos ardentes em noites gélidas 81

VI — DICTADURA DA MORAL — O que a ordem inventa — Um grande palco e uma forte tragedia — As ameaças e os ameaçadores — A mulher da azinhaga — Camilo e o «mundo elegante» — Ana Placido e o seu diario — Saudades de Lisboa — Castigos dos amantes — ambições do conjuge — O convento da Conceição de Braga 101

VII — «VIA DOLOROSA.» — Um pseudonimo de Camilo — A correspondencia com a reclusa — Versos de amor, prosas de odio — O processo de adulterio — Os reus e o juiz dr. Teixeira de Queiroz — Pinheiro Alves e o seu procurador — A justiça e os amigos do romancista — Como se fez a pronuncia de Camilo — Entre a paz e a lucta — A mãe dos infelizes numa agua-furtada. . 117

VIII — DOIS AMORES DE PERDIÇÃO — Os passos da «via dolorosa» — Das torrentes do ermo ás pedras da citania — A tempestade no Marão — O lar de Vila Real e os muros da Relação — Acordos inuteis — O piano de Ana Placido — Florescencias de Carcere — O José do Telhado — Bastidores do processo de adulterio — Sempre os romanticos e os positivos 137

IX — MEMORIAS DOS CARCERES — Os antros da relação — Uma visita de D. Pedro V — Camilo e o rei — O baile real na assemblea portuense — Palavras certas sobre uma esmola falsa — Poesia entre grades — No julgamento de dois amantes — Uma crónica de ha doze anos — O juiz e os jurados — A sentença ante a opinião. 159

X — O ORBE E NOVELO — Ao dealbar da reflexão — Como pensavam dois romanticos — Ao que o romancista chamava «anos de prosa» — Brados duma sobresaltada — O marido e o amante — Morte de Manuel Pinheiro Alves — A sua colera na agonia — Camilo ante o sobrenatural — Palidez duma paisagem outrora deslumbrante — Primeiros versos de Seide 181

XI — NOVELA DA RUA, TRAGEDIA DE CASA — Seide evocadora — Os filhos do amor contrariado — O fructo duma paixão morta — Casamento de D. Bernardina Amelia — O noivo — Castilho em casa de Ana Placido — Amor bucolico por uma perdida — Cantadeiras minhotas — A Amelia de Landim — Esboço duma novela — A beira dum drama 199

XII — FRAGILIDADES DE APOSTOLOS — Singular colaboração jornalistica — O bastidor da «Gazeta Literaria do Porto» — Como termina uma novela — O inicio duma tragedia — Vieira de Castro amoroso — A esposa e a amante — Do apostolado ao crime — O drama da rua das Flores — A dôr de Camilo — Recordações e fantasmas 221

XIII — CAMILO, AS ADULTERAS E OS BASTARDOS — O julgamento de Vieira de Castro — Como o romancista encarava as pecadoras — O condenado» — O «castigo de Ana Placido» — Punições do «outro mundo» — Manuel Placido e o escritor — A morte da «voz de sangue» — D. Luiz I e a mancebia de Camilo — O imperador do Brasil em casa do autor da «Infanta Capelista» — Mulheres de paixão e mulheres de lar 239

XIV — A DESVENTURA DOS FILHOS — O labutador desesperado — acrescimo da loucura de Jorge — Morte de Manuel Placido — Cegueira e revolta — A «Angina pectoris» de Ana Placido — O filho «mistico» — O filho «Faia» — Quem era o «Fistula» — O vencido Silva Pinto — O feliz lar da Primogenita 259

XV — O «BRILHANTE NEGRO» — Os pretendentes duma rica herdeira — Uma comedia camiliana — As autoridades e o coração — Certas dum singular «Amor de Perdição» — Um rapto romantico — A fortuna dum filho e a desdita do outro — Reflexos duma paixão antiga — Como desapareceu o «Brilhante Negro» — Versos a uma pequenita morta — Resultados das missivas fatais 275

XVI — DESDITAS DAS REALEZAS — O senhor visconde Camilo — Retrato do escritor por um alienista — A medalha de Ana Placido — Jorge incendiario e espancador — Residencia de Camilo em Carnaxide — O seu casamento — O Dr. Gama Pinto em Seide — Doação dum cadaver — D. Luiz I e o Romancista — Lamentos de duas realezas 297

XVII — OS ULTIMOS DIAS DE CAMILO — Ao avançar das trevas — Traição das balas — O que seria o ultimo livro do romancista — O drama de Urbino de Freitas — O leitor do celebrado cego — Auroras e trevas — Derradeira poesia — Os tragicos amigos do mestre — Voluvel até à morte — Gloria da pequenina Seide 319

Epilogo 335

Documentos. 349

INDICE DAS GRAVURAS

Fac-simile estraído do Diario Intimo de Ana Placido 1
Camilo aos 25 anos 21
Manuel Pinheiro Alves (Retrato pertencente à familia do romancista) 41
Casa de Ana Placido na Rua do Almada, 385, Porto 59
A casa onde foi o «Café do Gato» em Vila Nova de Famalicão 79
O Hotel Vilanovense em Vila Nova de Famalicão 99
O convento de S. Bento da Avé Maria, no Porto, onde era monja D. Isabel Vaz Mourão 115
«O Nacional» onde foi publicado o primeiro escrito de Ana Placido (Do exemplar da Biblioteca Nacional) 5 de outubro de 1860 135
Retrato de Camilo com dedicatoria a Ana Placido (Reprodução do exemplar existente em poder da familia do romancista) 157
Retrato de Camilo com uma terna dedicatoria a Ana Placido (pertencente à familia do romancista) 179
O mirante de Ana Placido em Seide 197
Vieira de Castro (retrato oferecido a Camilo e pertencente a sua familia) 219
Manuel Placido (retrato pertencente á familia) 237
Jorge Camilo Castelo Branco (retrato pertencente à familia) 257
D. Maria Isabel da Costa Macedo (retrato pertencente à familia de Camilo) . . . 273
Fac-simile da carta de Ana Placido a seu filho 289
D. Ana Placido (retrato pertencente à familia de Camilo) 295
Tres amigos: Francisco Correia de Carvalho (o «Fistula»), o actor Dias e o visconde de S. Miguel de Seide (Nuno) 317
D. Ana Placido (retrato pertencente à familia de Camilo) 333

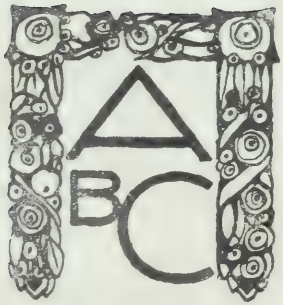
Este livro deve grande parte da sua documentação e da sua factura a um minhoto ilustre, o dr. Alberto Veloso de Araujo, de Vila Nova de Famalicão, que recebeu o autor em sua casa, o elucidou e o pôz em contacto com a familia de Camilo, á qual deveu as maiores gentilezas.

A's Senhoras D. Ana Correia e D. Rachel Castelo Branco, aqui fica consignado o agradecimento de quem muitas provas de estima recolheu bem como de distintos camilianistas regionais, e entre eles os srs. José de Azevedo e Menezes e Sousa Fernandes, além do notavel escritor Julio Brandão, que o acompanhou em varias excursões.

É pois uma obra dedicada ao Minho e a alguns dos seus mais ilustres filhos, esta em que perpassa a maior tragedia dum genio que a encantadora região abrigou.

A capa deste livro é do ilustre artista Stuart Carvalhaes.

Desta obra tiraram-se 200 exemplares em papel especial, numerados e rubricados pelo auctor.


A
B
C

PQ 9261 C3Z648
Martins, Francisco José Rocha
A paixão de Camilo

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 03 20 07 027 5